1º "Illustração Brasileira" Fevereiro - 1º 34

# As lendas biblicas

## no sertão

por João do Norte

UMA das fontes em que os troveiros sertanejos mais se têm inspiração para suas quadras, mottes e decimas, é a tradição de factos narrados na Biblia e nos Evangelhos, acommodada ao seu modo de ver e deturpada com o tempo pelas successivas gerações. O cantador occupa-se de Christo e de Maria, de Judas e de Job, muitas vezes, como se occupa dos acontecimentos locaes e das lendas da região. Essa physionomia não é especial a uma parte do *folk-lore* matuto. Ella se mostra em todos os *folk-lores*. Guillen Robles mostra-nos nas *Leyendas Moriscas* exemplos semelhantes aos do sertão em plena Hespanha.

São innumeros os exemplos de producções *folk-loristicas* dessa ordem, todas ellas dominadas pela celebre quadra da virgindade de Maria :

*No ventre da Virgem Pura*
*Entrou a Divina Graça*
*Como entrou tambem sahiu,*
*Como sol pela vidraça !*

Nos restos de linguagem correcta que se encontram no meio das producções poeticas do sertanejo, sobre cousas religiosas, nota-se que foram feitos por gente que tinha alguma instrucção e que assim os legou aos seus descendentes.

### A PUREZA DE MARIA

MOTTE

*Maria pura náo é,*
*O verbo não encarnou.*
*Jesus Christo não nasceu,*
*Nada no mundo elle obrou.*

GLOZAS

*Maria pura nasceu*
*Nesta rocha crystallina,*
*Por effeito e mão divina*
*Com bello fructo foi seu,*
*Com virgindade morreu*
*Esposa de São José.*
*Thesouro de Santa [illegible]*
*Para quem não é christão*
*E não crê na religião,*
*Maria pura não é.*

*Eu creio que ha no inferno*
*Um dragão mesmo infernal,*
*Que procura fazer mal*
*Áquelle Senhor Eterno.*
*Eu creio que o Padre Eterno*
*Que todo o mundo formou,*
*O mesmo homem creou,*
*E quem recebe a offensa*
*De quem diz por não ter crença :*
*— O verbo não encarnou !*

*Nasceu o infante menino*
*Em presepio do desterro,*
*Para nos livrar do erro*
*O' que thesouro tão fino !*
*Aquelle Senhor tão divino*
*Que atormentado morreu,*
*A propria vida perdeu*
*Numa cruz crucificado !*
*Mas a favor dos condemnados*
*Jesus Christo não [illegible] !*

*Não ha pae como Jesus,*
*Que dos justos se commove,*
*Os peccadores absolve,*
*Para a gloria os conduz !*
*Morreu pregado na cruz !*
*Gottas de sangue suou !*
*O mesmo Deus o adorou*
*Por vêr tanta santidade !*
*Mas contra a lei de virgindade*
*Nada no mundo elle obrou.*

É' um traço interessante dos cantadores do sertão deixarem algum tempo os que os escutam pasmados da ousadia das suas theses, que, depois, mostram ser condemnadas por elles logo. O motte acima é todo de negação dos dogmas religiosos. Entretanto, as glozas o destróem. O autor anonymo das mesmas procurou o mesmo effeito que o outro que no meio de um samba soltou estes dois versos no pé da viola :

*Eu sou maior do que Deus,*
*Maior do que Deus eu sou...*

E quando todos os presentes, horrorisados, esperavam uma blasphemia, elle concluiu entre applausos geraes :

*Eu sou peior no peccado,*
*Porque Deus nunca peccou !...*

O effeito é o mesmo.

MOTTE

*Maria cheia de graça,*
*Concebida sem peccado,*
*Esposa do Espirito Santo*
*E mão do Verbo Encarnado.*

GLOZAS

*Quando o anjo annunciou*
*A' Maria bella e pura,*
*Diz a Sagrada Escriptura,*
*De graça cheia ficou ;*
*Nella o verbo se encarnou*
*Com tal subtileza e traça,*
*Humilde a divina fumaça*
*Em seu ventre maternal.*
*Ficou com gloria vital,*
*Maria cheia de graça.*

*Ella é mãe dos peccadores,*
*E' mãe de immenso poder.*
*Do seu ventre viu nascer*
*Um menino entre flores,*
*Todo cheio de louvores,*
*Que no mundo é exaltado*
*Em Jesus purificado*
*Para Nosso Redemptor.*
*E por isso ella ficou*
*Concebida sem peccado.*

*Foi que na realidade*
*O esposo de Maria,*
*Por Deus dado em companhia*
*De tão pura castidade,*
*Recebeu corôa e manto*
*Neste annunciado canto,*
*E veio então a conhecer*
*Que Maria havia de ser*
*Esposa do Espirito Santo.*

*Entre todas as mulheres*
*Só ella foi escolhida*
*Para mãe de bôa vida,*
*Com abundancias a vêr ;*
*Só ella teve o poder*
*De vir em um ventre formando*
*Um Jesus purificado*
*P'ra nossa vida e doçura.*
*Esta Santa Virgem Pura*
*E' mãe do Verbo Encarnado.*

A PACIENCIA DE JOB

*Queira prestar-me attenção*
*Todo o povo em redor,*
*Que vou contar a obra santa*
*Da paciencia de Job.*

*Estava o servo de Deus*
*No templo Deus adorando,*
*Quando vio a Satanaz*
*Junto delle vir passando.*

*Deus foi dizendo ao diabo :*
*— O que queres Satanaz ?*
*Não sabes que ao meu servo*
*Debalde tu tentarás ?*

*O diabo disse a Deus :*
*— Debalde eu vos faço guerra.*
*O senhor me anda correndo*
*Da superficie da terra.*

*Deus disse a Satanaz :*
*— Corre o mundo em redor*
*E diz as faltas que achaste*
*No meu santo servo Job.*

*Dos varões que a mim amam*
*Elle é o mais discreto,*
*Em quem não se acha dolo,*
*Varão santo, justo e recto !*

*Satanaz disse a Deus :*
*— Se elle te ama com firmeza*
*E', Senhor, porque lhe destes*
*Filhos, paciencia e riqueza.*

*Deus disse: — Vae, Satanaz,*
*Tira-lhes filhos, riqueza.*
*Verás se elle blasphema,*
*Inda se vendo em pobreza.*

*Dahi sahiu Satanaz.*
*Comsigo mesmo sorria.*
*Cuidou que fazendo isso*
*O santo Job se affligia.*

*Estava o santo Job em casa*
*Ao Senhor Deus adorando,*
*Quando espia para a porta*
*E vê o diabo entrando!*

*Foi dizendo ao santo Job:*
*— O fogo como um algoz*
*Acabou de devorar-te*
*Quinhentas juntas de bois!*

*Ainda a sua historia*
*Estava ao santo contando,*
*Quando Job bota os olhos,*
*Vê outro na porta entrando!*

*— Neste instante os philisteus*
*Os teus servos carregaram,*
*Os teus rebanhos de ovelhas,*
*E os teus potros mataram!*

*Este a sua historia*
*Inda bem não acabava,*
*Quando o santo vae olhando:*
*Outro na porta entrava!*

*— O' Grande Job, triste nova*
*O teu serro vem te dar*
*D'uma desgraça no mundo*
*Como nunca ouvi falar!*

*Um grande vento do norte*
*Teu castello derrubou,*
*Teus filhos e teus netos*
*Tudo, tudo se acabou!*

*— O' Deus de meu pae Abrão,*
*Que peccados são os meus?!*
*Se eu pequei contra vós,*
*Louvado sejas, meu Deus!*

*Já me tirastes meus filhos,*
*Fiquei em grande pobreza,*
*Basta que me dês a Gloria, (*)*
*Não quero maior riqueza!*

*Dahi sahiu Satanaz,*
*Foi onde estava o Senhor,*
*Deus lá no Santo dos Santos*
*A Satanaz perguntou:*

---

) *Gloria* — céo, paraiso, vida eterna.

*— Estás sciente, Satanaz,*
*Que Job quer chore ou gema,*
*Sem filhos ou sem riqueza,*
*Morre, mas não blasphema?*

*Disse Satanaz a Deus:*
*— Inda tem grande virtude;*
*Mas blasphemará contra vós*
*Se lhe tomares a saude!*

*Deus disse a Satanaz:*
*— Fere-o de qualquer ferida.*
*Só não te dou a licença*
*De lhe tirares a vida.*

*Dahi sahiu Satanaz*
*E a sua carne mordia,*
*Pensando que fazendo isto*
*O santo Job affligia.*

*Ao mesmo tempo o santo*
*Sentiu uma grande dôr*
*E estalar todo o seu corpo*
*Numa lepra rachadora!*

*Tinham tão máo cheiro as chagas*
*Que a mulher o largou!*
*Até seu melhor amigo*
*O pobre Job desprezou!*

*Quando se viu desprezado*
*Dentro do quarto escuro,*
*Foi se arrastando p'ra fóra,*
*Para morrer no monturo!*

*Pegando um caco de telha,*
*Da sua lepra raspava*
*Os proprios bichos da mosca*
*Que tanto o atormentava!*

*Quando Job viu que morria,*
*Êspiou-lhe o coração,*
*Fitou os olhos no céo*
*E fez esta exclamação:*

*— O' Deus de meu pae Abrão,*
*Mandae-me um cherubim*
*Na hora da minha morte,*
*Se vos lembrardes de mim!*

*Mandae-me um dos sete anjos,*
*O archanjo S. Miguel,*
*Na hora de minha morte,*
*Livrar-me de Lucifer!*

*Ao mesmo tempo Job*
*Viu um clarão que o cercava,*
*No meio desse clarão*
*Ouviu uma voz que falava:*

*— Alevanta-te, meu servo,*
*Todo cheio de virtude!*
*E Job se alevantou*
*Com a mais perfeita saude!*

*— Dar-te-ei outros dez filhos,*
*Outra dobrada riqueza,*
*Daqui para o fim da vida*
*Não cahirás em pobreza.*

*— Estás sciente, Satanaz,*
*Que Job quer chore ou gema,*
*Sem filhos ou sem saude,*
*Morre, mas não blasphema?*

*Retira-te de mim,*
*O' maldito Satanaz,*
*De hoje para sempre*
*A Job tu não tentarás!*

*Dahi sahiu Satanaz,*
*Virado em fogo e pha[illegible],*

MFN 919

GB AUTORIA RECORTES 9

*Levando á ponta do rabo*
*Meia lua e meio sol.*

*Ninguem duvide da historia,*
*Que é da Escriptura Sagrada :*
*O pouco com Deus é muito*
*E o muito sem Deus é nada !*

Extraordinariamente curioso este Job sertanejo com esta *moralisatione* final !

**Cornemusa** Ha dias encontrei um velho, typo de pastor asturiano, que tocava numa esquina da Avenida, entre garotos, aquelle antiquissimo instrumento montanhez chamado cornemusa, que os *highlanders* da solida infantaria escosseza ainda hoje conservam nas bandas dos seus regimentos. E seu som dolente lembrou-me que os antigos pastores das Ardennas e das Cevennas o chamavam *chevette*, *chevrie* e *chiévre*, porque o seu sacco era feito de pelle de cabra. Lembrou me mais que num velho manuscripto francez da Bibliotheca Nacional de Paris eu o vi pintado, com o nome pretencioso de *pythaule*. E mais que até a arte medieval o perpetuou em pedra, numa das admiraveis estatuas da fachada encantadora da celebre Casa dos Musicos de Reims, destruida pela barbaria germanica.

Entristeceu-me vêr a velha corneta montanheza, guerreira e artistica, classica já, servindo para pedir esmolas nas ruas cariocas...

**Alma exilada** — Minha alma não é daqui. E' doutros seculos, doutras gentes, doutras terras. Dahi eu não sentir o Brasil como deveria, como o sente talvez os que têm sangue de indio ou de negro nas veias. Eu não tenho e estou profundamente convencido que minha alma é de além...

Claudio França disse me isto com um accento de verdade, sumido entre as almofadas dum amplo divan, emquanto pela janella aberta do gabinete entravam a gloria luminosa do dia e o perfume estonteante do rosal. E eu lhe tornei :

— Tens uma grande alma de poeta, embora não vivas fazendo versos. E os poetas sempre viveram fóra do tempo e longe do meio em que de verdade existiram. Não preciso ir procurar na Europa os Samains dizendo : *mon âme est une infante en robe de parade ;* mas basta apontar aquelles na America, nossos irmãos de continente e de espirito, que affirmam o mesmo. Tens um Ruben Dario, jurando detestar a vida e o tempo em que lhe tocou nascer, garantindo que sua lyra é um velho cravo Pompadour ...

E mais :

« *Amo más que la Grecia de los griegos*
*La Grecia de la Francia...* »

E ainda o grande Amado Nervo :

« *Soy hidalgo, amar-te puedo,*
*Si eres hidalga tambien :*
*Mis mayores con denuldo*
*Siguieron a Godofredo*
*Luchando en Jerusalé* »

## Moguncia e S. Christovam

Vinhamos a pé pelos sujos e mal cheirosos cães do Cajú e de S. Christovam para vêr aspectos novos, eu e Claudio França. E parámos por traz da pequena e curiosa egreja do Santo padroeiro do antigo bairro imperial — olhando as suas linhas interessantes e a sua côr de tijolo que o sol poente doirava.

Aquella egreja pelo seu estylo, apezar de humildemente construida com tijolos, nos lembrava qualquer outro edificio semelhante, avistado em nossas viagens. De repente as lembranças se aclararam no nosso espirito e ambos ao mesmo tempo nos dissemos :

— A cathedral de Moguncia.

Effectivamente, em 1919, de passagem pelo Rheno estiveramos em Mayence occupado pelos francezes e uma tarde, apreciando a abside da cathedral sentiramos que ella lembrava a da pequena egreja brasileira.

E' que o estylo romano do Rheno é quasi inteiramente igual ao estylo romano puro da egreja de S. Christovam, embora a importancia artistica dos dois edificios seja a maior possivel.

Claudio sorrio e concluio :

— Eu sou como Samain, com o Verlaine dos «Fêtes Galantes», como Amado Nervo, como Ruben Dario, como o proprio Bilac, máu grado o seu nacionalismo. Eu sou um exilado de outras civilisações atirado neste paiz. Isto é, minha alma foi de outro tempo, de outra raça, de outra terra pela sua hereditariedade.

**A verdade dos Deus** Voltando dum passeio a pé por Santa Thereza, eu e Claudio França descemos umas ladeiras estreitas, mal empedradas e esconsas, como as ha em Napoles, ao redor do forte de Sant'Elmo, chegando emfim á rua Benjamin Constant. Ahi, atravessando dum passeio para outro, deante duma casa quadrada e feia, com columnas doentes e um frontão ignobil, disse ao meu amigo :

— Não tiras respeitosamente o chapéu ?

— Porque ? perguntou elle com espanto.

— Porque alli é o templo da Humanidade, dalli tonitrôa a voz roufenha e enfadonha do Positivismo Nacional.

— Caspité ! Meu caro amigo, eu sou como o divino José Enrique Rodó, eu sou como o divino Renan, acho que a verdade dos deuses e a verdade das religiões unicamente se infere da belleza dos templos que os homens lhes tenham levantado. Eu poderia crêr na Deusa acolhida á sombra da Acropole. Eu poderia crêr nos Santos illuminados pelos vitraes das cathedraes gothicas. Eu poderia crêr nas Madonas que estão em S. Pedro de Roma ou nas Panaghias da antiga Santa Sophia : mas acreditar nos dogmas guardados dentro dessa chatice, nunca ! Eu, felizmente, tenho bom gosto e intelligencia.

5 "Illustração Brasileira" - Fevereiro - 1921

# Uniformes brazileiros

Quem actualmente demorar sua attenção sobre os uniformes do Exercito brazileiro ficará convencido de que elles são organisados por pessoas que do assumpto nada entendem. Os erros de esthetica militar e de significação dos ornatos accumulam-se, de maneira que a impropriedade das divisas, dos galões e de outros enfeites resalta á primeira vista. E quem conhecer um pouco da historia das nossas fardas, verificará que o soldado brazileiro é o unico que veste trajes que o não ligam ao seu passado e á sua historia guerreira. Dahi a ausencia de caracteristicos do nosso militar.

*Corpo de Caçadores de Matto Grosso — Official em grande uniforme.*

O francez, o inglez, o allemão, o portuguez, o italiano, o argentino, o americano, todos os outros soldados da Europa, da Asia e da America guardam, na linha geral dos seus fardamentos, qualquer cousa de especial e de tradicional. Nós rompemos inteiramente com o passado e adoptamos o **bonet** americano, o galão hungaro, a calça garance franceza e o capote allemão. Uma salada.

Entretanto, ninguem teve mais bellos uniformes do que o Brazil nas épocas do primeiro e do segundo imperio. Bellos e brazileiros, influenciados por esta ou aquella moda, mas com o seu "cachet" nacional. Somente depois da guerra do Paraguay a linha das fardas degenera e com a Republica se afunda numa anarchia horrivel, na ausencia completa do bom gosto militar.

Na "Guarnição do Rio de Janeiro", por José Corrêa Rangel, ajudante de infantaria com exercicio de engenheiro, em 1786, que se acha na Bibliotheca Nacional, vemos os soldados coloniaes como se vestiam. A cavallaria da Guarda dos Vice-Reis e os Dragões de Vianna imitavam os dragões de Luiz XV. A infantaria de Moura, de niza azul, bicornios, enfeites de prata, collete e calções amarellos, e sapatos afivellados, a de Estremoz, azul com o collete branco, a de Bragança, com o collete vermelho, a do Rio de Janeiro, azul e prata e azul e oiro, lembrava as Guardas Francezas de Luiz XVI. Nesse tempo, o sabre-briquet da infantaria de linha era chamado chilfarote como os terçados da Idade-Media; havia officiaes de ordenança de calções vermelhos e meias de seda, tambores todos brancos ou todos encarnados; as milicias de infantaria ainda se organisavam em terços. Existiam o terço da Candelaria, de casaca azul com ramagens de prata; o de Santa Rita, com o colletão côr de coiro; o de S. José, com carcellas doiradas; o dos Pardos, de niza azul-clara e calção gemma de ovo; o dos Pretos Fôrros, de casaca verde, semelhando periquitos; o de Irajá, debruado de azul celeste; o de Marapiá, escarchado de oiro; os da Ilha Grande, de Paraty, de Tapacurá, de Inhomerim, de Magé, de Macacú e de Campos, com colletes sanguineos cheios de doiraduras; e o de Cabo Frio, com officiaes de branco, o laço negro do chapéo preso por uma fibula de oiro. A artilharia tinha canhões e golas negros.

*Corpo de Caçadores de Matto Grosso — Soldado em pequeno uniforme.*

Faz-se a Independencia e constitue-se o Imperio. Apparecem os laços com o distico — "Independencia ou morte!" — nas mangas das tropas, que usam calças brancas, tendo a cavallaria colbacks e a infantaria chapéo alto, segundo desenhos existentes no Archivo Nacional. Em 1829, C. Schilchthorft, official do Imperial Exercito Brazileiro, allemão de nascença, publica, no Hannover, um livro com o titulo "Rio de Janeiro wie es ist", "O Rio como é", e o subtitulo, na orthographia do tempo, "Huma vez e nunca mais!". Nelle descreve o facto das tropas mercenarias do imperador em 1825. Granadeiros: fraque azul, gola, canhões, chouriças e peitos vermelhos, forros brancos. Caçadores a pé: niza azul, peitos, passadeiras, golas e canhões verde claro. As polainas de exercicio para ambas as tropas eram escuras; as de parada, brancas; chegavam até os joelhos. Tinham correames brancos cruzados no peito e nas costas.

## Litteratura de guerra

Eu lia na semana passada, uma manhã, os titulos dos livros expostos na vitrine duma livraria da rua do Ouvidor, quasi todos titulos referentes á guerra, banaes, inexpressivos, quando senti que me punham a mão ao hombro. Voltei-me. Era Claudio França, todo de negro, sorridente. Vinha duma missa de setimo dia, na Candelaria. Convidou-me a almoçar com elle, no Minho—a uma peixada. Descendo jun-

João Baptista Debret, na sua grande obra sobre o Brazil do começo do seculo passado, diz que, desde o reinado de D. João VI até o primeiro Imperio, devido á influencia da Inglaterra sobre Portugal, as fardas brazileiras seguiam um pouco o gosto inglez. Os guarda-marinhas usavam um pequeno capacete com elevada placa de metal, bordada de crinas, como os inglezes. Essa influencia ainda perdura na nossa marinha, cujos officiaes têm a volta no ultimo galão e cuja infantaria usa ainda o dolman encarnado. Nesse tempo, um regimento de Pretos Fôrros tinha vestes brancas paramentadas de vermelho. Na niza azul dos artilheiros os debruns eram rubros. Sómente os regimentos mercenarios de suissos,

*Soldado de infantaria em grande uniforme, 1866.*

allemães e alsacianos traziam o costume francez. Debret descreve os caçadores com polainas curtas e escuras, niza azul, pantalonas brancas, ornatos amarellos, chourIças da mesma côr, guritão de coiro rodeado de torçaes como os "mirlitons" da Revolução, com uma borla cahindo sobre o hombro esquerdo. Os granadeiros tinham o mesmo uniforme, porém com ornatos e forros vermelhos.

Ainda é Debret que nos dá a descripção e o "croquis" do mais bello uniforme brazileiro: o da Guarda de Honra de D. Pedro I, que o acompanhava no dia historico do Ypiranga e está perpetuado no quadro de Pedro Americo "Independencia ou Morte!" Essa força de escol usava botas á couraceira, calções brancos com um vivo vermelho, "kurtka" branca com gola, canhões e forros vermelhos, luvas de canhão, charlateiras de escamas doiradas e um capacete de bronze doirado, encimado pelo dragão da casa de Bragança, de entre cujas azas escorria uma crina que teve diversas côres: verde, preta e, depois, encarnada.

Conforme documentos do Archivo Nacional, verifica-se que, em 1833, a cavallaria tem pantalonas brancas de presilha, "kurtka" azul, pelliça verde e barretina de pello, tudo á maneira dos hussares. Os bonés de serviço de todas as armas altos e laivados de rubro, lembram os do exercito napoleonico. A infantaria adopta a côr de pinhão. Em 1840, alguns corpos apparecem com casacas encarnadas.

A Bibliotheca Nacional possue um padrão de uniformes organisado por C. R. P., datado de 1846.

Desappareceram os granadeiros. A infantaria de linha compõe-se de fuzileiros, que têm correames brancos, baioneta e sabre, e somente tocam tambores. Sua casaca é azul. O guritão de coiro, alto, tem cordões doirados. Distinguem-se os batalhões pelas côres das golas e o numero das carcellas que as enfeitam.

Os caçadores a pé têm a trompa, emblema tradicional da arma, estampado no guritão, tocam somente cornetas e trazem correames envernizados de preto. A niza é azul; os punhos e collarinhos verdes; os batalhões distinguem-se pelas carcellas, e as calças são cinzento-escuras ou brancas. Surgem os regimentos de dragões-ligeiros, de calças cinzentas e casaca azul, enfeites rubros, shako emplumado de vermelho e acorrentado de oiro. Os lanceiros são azues e vermelhos com o czapska semelhante aos do tempo de Napoleão. Os caçadores a cavallo têm no shako a mesma cruz de Malta, verde, dos "light-dragoons" inglezes no Canadá. Os artilheiros a pé trazem barretinas com pompons negros e fraques azues goleados de preto. Os a cavallo têm pantalonas cinzentas, de presilha, golas carmezim nas casacas azues, pennachos fluctuantes vermelhos e pretos. Os barretões de pello dos sapadores enfeitam-se com tópes bipartidos, alvi-negros.

*Corpo de Caçadores de Matto Grosso — Soldado em grande uniforme.*

Percorramos a "Collecção de desenhos" de Luiz Pedro Lecor. Volta aos poucos o gosto francez ao exercito. Os estados-maiores têm chapéos armados. O kepi-cavaignac apparece pela primeira vez, em 1858, debruado de carmim, nos alferes-alumnos. Os corpos de artilharia variam segundo as provincias. Vêem-se em todas as tropas o shako preto e lustroso, a casaca curta, as calças de presilha. Os corpos de cavallaria, fixos

tos a rua do Ouvidor, conversamos sobre os livros que surgiram a respeito da guerra em França. E eu aventei que talvez a litteratura de guerra na Allemanha tivesse sido mais forte. Claudio falou:

— Absolutamente não. Pode-se julgar da mesma forma a litteratura de guerra da Allemanha e a dos outros paizes: não revelaram nenhum autor de genio e nem ao menos inspiraram a um grande autor uma obra destinada a marcar a época. Foi tudo e é tudo mediocridade.

"Fon Fon" - 23 abril 7
1914

ou auxiliares, têm cadarços, xaireis e punhos differentes para cada região. O seu uniforme é severo e elegante, dominado pela côr azul ferrete, adoptada já em quasi todas as armas. O primeiro de cavallaria tinha já os debruns brancos que até ha bem pouco tempo ainda conservava. A artilharia a pé tem shakos afunilados, ao contrario dos das outras armas; a artilharia a cavallo, chorões negros, esvoaçantes, cananas de coiro de lustro. O numero dos corpos de infantaria se conhece pelas côres das golas e dos punhos. O mesmo se dá na artilharia e na cavallaria. Os kepis são adoptados nos segundos uniformes. Sente-se que o guritão vae morrer. Vêem-se as charlateiras argoladas que até poucos annos a cavallaria conservou. Os caçadores são ornados de verde e têm forrageiras côr de azeviche. Os engenheiros são ornados de azul celeste com charlateiras pennugentas e tópes brancos. Desfilam os caçadores das provincias: os de Matto-Grosso com frisos vermelhos; os do Ceará, com a gôla amarella; os da Parahyba, com o collarinho verde; os do Paraná, com enfeites côr do céo; os do Amazonas, com vivos brancos, e os Pedestres de jaquetas e gorros pretos.

*Corpo de Caçadores de Matto Grosso — Official em pequeno uniforme.*

**(Termina no fim do numero.)**

Em 1865 triumpha de todo a linha franceza adaptada ao gosto nacional: tunicas compridas, calças bombachas, kepis de panno. Os batalhões trazem os numeros nas mochilas. Com essa farda, o exercito faz as campanhas do Uruguay e do Paraguay.

Depois, até o advento da Republica, o bom gosto se vae perdendo até á degenerescencia do padrão de uniformes de 1887, que felizmente não foi posto em uso e vestiria os soldados brazileiros com as fardas da "Grande Duchesse". Mucha desenhou uns fardamentos afrancezados para a Republica, em 1894, que já foi cem vezes modificado para peor. E hoje do nosso passado guardamos unicamente nas roupas militares o vivo azul celeste dos engenheiros e o pennacho negro da artilharia. O mais, desappareceu.

## *Esporas e anneis*

Contam os historiadores que, após as derrotas das legiões romanas por Annibal, este general carthaginez enviou ao Senado de sua patria varios saccos de couro cheios de anneis, afim de mostrar quantos cavalleiros romanos tinham perecido, pois cada um delles usava um annel. Rezam as chronicas medievaes que no campo de batalha de Courtray, onde os flamengos derrotaram Philippe o Bello, rei de França, se apanharam quatro mil pares de esporas de ouro, o que provava a morte de quatro mil cavalleiros do exercito real, visto como cada cavalleiro trazia esporas aureas, para se differençar dos escudeiros que as traziam de prata.

Nas batalhas de agora não se encontram mais taes distinctivos e nem é mais possivel que aconteçam essas coisas curiosas. Até da propria guerra, com a banalidade mecanica de tudo quanto hoje se faz, fogem os derradeiros lumes de poesia.

## *Dizedores de gracinhas*

Os nossos jornaes diariamente se insurgem contra os dizedores de gracinhas da Avenida, contra os almofadinhas que, de pé pelas esquinas, dizer brejeirices e coisas peores ás damas que passam.

E todo o mundo entre nós acha que tão feio habito é profundamente brasileiro. Não têm razão os que julgam assim. Tal costume existe em todas as grandes cidades. Ainda ha dias lemos numa revista de Montevidéo estes periodos:

«—Aunque sea doloroso consignarlo, la verdad es que sumam centenas los «jovenes bien» que en la calle Sarandi, en la Avenida 18 de Julio, en el Club Uruguay, en Pocitos, en el Parque Hotel, en los sitios obligados de reuniones selectas, ponen de relieve en palavras dirigidas a las damas la mayor incultura y la mayor desverguenza!»

Malcreados, cá e lá, no Cairo, em Malta, em Nazareth, no Egypto não faltam.

## *Le Chandelier*

Um de meus amigos, que lia ha dias as «Comedias e Proverbios» de Alfredo de Musset, veio perguntar-me se eu sabia como traduzir a expressão Le Chandelier, que é o titulo duma das admiraveis peças do grande poeta. Elle sabia que isso significava alcoviteiro, *celui qui tient lo chandelle pour eclairer le chemin aux amoureux...* Mas desejava uma versão fiel e mais approximada. Já lhe tinham dado o termo Páu de Cabelleira e este tambem não lhe agradava. Desesperava até mesmo de achar qualquer coisa que lhe servisse.

Eu meditei momentos e afundei-me nas lembranças do sertão da minha terra, lá longe, onde passei a meninice e de onde me vem ainda muita seiva intellectual. E zás! no meu espirito acordara a recordação do nome que alli se dá aos alcoviteiros e que é o mesmo empregado em Paris, e tão fino quanto esse. Atirei-o ao meu amigo:

— Lamparina!

E accrescentei:

— Os matutos dizem assim: fulano servio de lamparina.

O meu amigo teve um grito de triumpho:

— Eureka!

"Illustração Brasileira" - Março - 1921 8

# A Destrição dos Indios. - 1887

AGORA que o Brazil possue um serviço bem organisado de protecção aos indios, dirigido pelo infatigavel general Rondon, é interessante estudar como esses povoadores das virgens terras brazileiras foram tratados desde os dias do descobrimento até hoje. As velhas chronicas e os velhos documentos não dizem que o selvagem tenha acolhido mal os descobridores. Com espanto, sim. Até ouviu, respeitosamente, a primeira missa que foi dita nas nossas plagas por Frei Henrique de Coimbra. Depois, aldeou-se calmamente nos arredores dos primeiros fortins e estabelecimentos, e começou a misturar-se com o invasor europeu. Nasceram os primeiros mestiços. E o colonisador, precisando de braços para os trabalhos das explorações agricolas ou mineiras, sentindo a instinctiva repulsão do aborigene por qualquer sujeição, teve necessidade de escravisal-o. Dahi, as primeiras traições, as primeiras emboscadas, as primeiras guerras, as primeiras matanças.

Debalde os jesuitas cathechisadores, que, tantos e tão relevantes serviços prestaram á formação do Brazil, clamaram por providencias regias que protegessem o indio do bandeirante audaz. Raras as medidas que a côrte deu nesse sentido e innumeras as provisões e alvarás, dando licença aos capitães-móres para as guerras de corso. A razão maior dessas guerras se achava no facto dos indigenas caçarem as rezes dos estabelecimentos portuguezes como se fossem animaes bravios. Não tinha o selvicola a noção completa da propriedade. Via, vagando pelas varzeas atapetadas de panasco verde, manadas de vitellas e vaccas amarellas do Alemtejo e dos Açores. Cada rez valia mais que uma capivara. Era quasia uma anta, Apezar de extranhar a forma do animal, frechava-o e, depois que lhe comia a carne saborosa como nenhuma outra, ficava viciado nessa caçada. Começava a diminuir o gado da ribeira sertaneja, reuniam-se fazendeiros e vaqueiros, armavam-se, solicitavam ordem ás autoridades e guerreavam o indio. E é ainda nessas lutas coloniaes, sanguentadas e ferozes, que vamos encontrar origem das pequenas guerras que ainda hoje se fazem no vasto "interland" entre familias inimigas, como os Montechi e Capuleti da Renascença Italiana ou os Ocampos e Davilas, da independencia argentina.

Tomemos, para exemplificar a destruição legal dos indios no Brazil colonial, como exemplo, o actual Estado, antiga provincia do Ceará, onde a população aborigene foi sempre pouco densa e não houve grupiáras nem garimpos, nem os grandes estabelecimentos agricolas ou criadores do Sul, de maneira que por elle se póderá avaliar o que teria sido a guerra aos indios nesses ultimos logares.

A primeira tentativa, infructuosa aliás, de colonisação do Ceará, foi em 1603. E já em 1666, 63 annos mais tarde, encontramos as noticias das guerras ao selvagem. No anno citado, em Dezembro, o Governador Gusmão enviava o ajudante Philippe Coelho de Moraes, com 30 soldados, fazer guerra aos indios Paiacús, no logar Presabura, devendo "matar todos", pois os mesmos haviam trucidado á falsa fé dez indios mansos.

Em 1671, o ajudante Francisco Martins teve ordem de destruir e captivar, no mez de Setembro, os Tremembés, caso verificasse terem elles morto um soldado portuguez, que desapparecera. Em Outubro desse mesmo anno, o governador da capitania manda fazer nova guerra aos Paiacús, depois de ter reunido uma junta de pessoas respeitaveis que a declararam justa. No mez de Novembro, seguinte, temendo que se reunissem e assumissem a offensiva os indigenas escapos á guerra de Outubro, o governador mandou um sargento-mór com dez soldados e uma peça de artilharia exterminal-os, em Porangaba. No anno de 1678, o governador Bento Corrêa envia uma expedição contra os Irariús, que foram quasi exterminados, sendo muitos e todas as mulheres e creanças escravisados.

Mathias da Cunha, governador da Bahia, tendo recebido terriveis queixas dos colonos do Ceará contra os indios da região, no correr de 1687, reuniu no seu paço uma junta de theologos, missionarios e militares, que decidiram, de accôrdo com o que exigia o rei de Portugal, que a guerra era justa. E ella foi ordenada e feita !

Em 1693, a população indigena da capitania é dizimada pela variola e pelas continuas guerras que os bandeirantes faziam aos Icós e Carirys, nas terras ferteis e cubiçadas, á margem do Jaguaribe.

Agosto, mez de desgosto, diz o povo. Em Agosto de 1700 são chacinados os indigenas aldeiados em S. Matheus, os Quixelôs, sendo seus matadores os Jucás, que obedeciam á familia Monte, nessa occasião em guerra com a familia Feitosa. Emquanto essas duas familias, numerosas e aguerridas, descendentes de portuguezes, guerreavam no sertão, seguiam-na, tomando parte na luta e destruindo-se reciprocamente os indios Jucás e Quixelôs, Cariús e Capixabas.

A 20 de Abril de 1708, uma carta régia, ordenou "guerra geral" aos indios de corso, em todas as capitanias do norte do Brazil, afim de exterminal-os completamente, devendo os que resistissem ser passados a fio de espada e os que se rendessem vendidos como escravos. O producto da venda desses escravos deveria cobrir as despezas da guerra feitas pela Fazenda Real ; mas, se dos "quintos" a ella destinados sobrasse alguma cousa, deveria ser dado um presente ao governador de Pernambuco. O mais repartir-se-ia, conforme determinava o Regimento das Fronteiras, entre os officiaes e soldados que tivessem tomado parte na expedição. No mesmo anno, Bernardo Coelho exterminava, por ordem do governador, as tribus dos Icós, Carirys, Cariús e Caratiús. E ainda em 1708, o governador de Pernambuco, Felix José de Mendonça, mandava o capitão-mór do rio S. Francisco guerrear os indios de corso até ficarem os mesmos "sogeitos aos brancos".

Outro Agosto fatal aos aborigenes, o de 1713. Rebellam-se os Annassés, atacam a villa do Aquiraz, cuja população foge para Fortaleza. No caminho, os indios alcançam e matam duzentas pessoas. O governador Duarte reune o conselho ou a junta dos maioraes da capitania, que declaram justa a guerra, em obediencia á provisão de D. João IV, que exigira essa formalidade, e affixam-se logo á porta das egrejas os banhos de guerra livre ao selvagem. Todo o mundo podia matar indios. Era a legalisação do assassinio ! Começou a matança e a escravisação. O coronel de cavallaria Barros Braga prende 400 Annassés e trucida 95. O capitão Paschoal Correia Vieira escravisa 125 e mata não se sabe quantos. O capitão Antonio Vieira da Silva persegue os atacantes do Aquiraz e mata-lhes 28 companheiros. A guerra continuou até 1714, quando ficou inteiramente extincta a tribu dos Jaguaribaras e quasi totalmente destruidas as dos Annassés e dos Canindés.

9

Apezar disso, a crueldade official não se satisfez. Em Março de 1715, uma ordem regia mandava continuar ainda a guerra aos indios até seu completo exterminio.

O gentio resistiu a essa luta constante. Tanto assim que em Novembro de 1721, o capitão-mór Salvador Alves guerreou os tapuias do rio Jaguaribe, escravisando dezenas delles.

Um anno após, em 1722 o governador do Ceará ordenava ao capitão Luiz Ferreira Pessôa fazer guerra aos selvagens das margens do Acaracú, o rio das Garças de Alencar, e a quaesquer outras tribus que lhe constasse commetter tropelias ou roubos de gado. No referido anno, esse mesmo governador enviava o capitão-mór José de Moura Negrão contra os indios de Aracaty-Assú, Mundahú e Agua das Veihas.

O governador da capitania nesse anno de 1722 era um inimigo implacavel dos selvicolas. Mandou mais o já citado e cruel coronel Barros Braga guerrear os Genipapos do Jaguaribe; o capitão-mór Estevam Duro de Azevedo combater quaesquer tribus que não estivessem quietas, e o capitão-mór João Felix de Carvalho fazer guerra ao gentio bravo "que encontrasse".

Ainda em 1739 o Conselho Ultramarino de Lisboa determinava que o governador do Maranhão tirasse das aldeias de indios mansos da serra de Ibiapaba duzentos e cincoenta bons frecheiros, afim de empregal-os o mais breve possivel na guerra que se ia fazer aos indios da tribu dos Guegués, que salteavam os gados nos limites do Ceará e do Piauhy.

Multiplicavam-se, assim, quasi todos os annos, as guerras parciaes, geraes ou livres, que eram as peores, contra os indios rebeldes, mal afamados, ladrões, envolvidos nas lutas das familias poderosas ou que estivessem em guerra entre elles proprios...

Do exemplo do Ceará, poder-se-á inferir o que deve ter sido a guerra contra o selvicola em outras regiões do Brazil, onde foi muito maior o desencadear das ambições dos conquistadores. E desta sorte o indigena desappareceu, emigrando para as regiões desconhecidas de Goyaz, do Maranhão, de Matto Grosso, do Pará e do Amazonas, onde os catechistas da Republica os têm ido encontrar com promessas de paz e de auxilio, que são bem recebidas, mas contra as quaes estão sempre os calvêlos da orelha em pé, pois que a sua desconfiança dos brancos tem mais de dois seculos de idade...

O indio não comprehendeu o invasor e este não entendeu o indio. O choque de ambos determinou o anniquilamento do mais fraco. Recordo-me que, uma feita, perguntei ao general Rondon qual a idéa que os selvagens faziam de nós, brazileiros actuaes, seus irmãos. Elle disse-me o que lhe declarára uma vez um chefe de Kainkangs, nas selvas de Matto Grosso:

"Filhos duma gente muito forte que veiu do outro lado do mar e contra a qual é inutil guerrear, porque sabe maleficios de toda a sorte e ninguem póde com ella!"

JOTAENNE

"Fon-Fon" 30 abril 1921

## Systema decimal

Todo o mundo está convencido de que o sytema decimal é invenção moderna e o resultado duma grande evolução da numeração entre os povos. Nada disso. O systema decimal é antiquissimo. E' mesmo provavelmente aquelle em que primeiro os homens contaram. Pelo menos é esta a opinião assentada de Ferdinand Hœfer na sua obra. Diz o seguinte o notavel mathematico:

«A contemplação dos cinco dedos da mão direita unidos aos cinco dedos da mão esquerda é a base do primeiro systema de numeração e base da Arithmetica, que é a sciencia dos numeros. Contar pelos dedos da mão é o verdadeiro methodo de numeração universal e primitivo. Os selvagens da America contam até dez sem esforço, e juntando duas vezes as mãos, exprimem o numero vinte. Successivamente empregando o mesmo methodo, chegam a exprimir todas as outras dezenas.»

## Cariatides

Toda a vez que os meus affazeres me levam pela rua Primeiro de Março e que passo pelo edificio da Bolsa, detenho me sempre a olhar as cariatides que lhe sustentam as columnas do frontespicio. Ellas são bellas; porém não são nenhuma obra de arte indiscutivel como as celebres cariatides do Erechteion, na Acropole de Athenas, onde Renan pronunciou a maior oração á belleza que já sahio dos labios dum homem.

Paro alli, porque o seu gesto forte me faz recordar as cariatides mais bellas que já vi na minha vida e deante das quaes fiquei algumas vezes de pé, em muda contemplação. Ellas sustentavam o magestoso portico do palacio Clam-Gallas, na rua Hus, em Praga, capital da Bohemia, e o seu gesto torturado e musculoso era devido ao cinzel formidavel de Braum. E é esse *souvenir* de viagem que se apodera de mim, deante dos musculos dos gigantes de bronze da nossa Bolsa.

## Os Pombos

A tarde, deante do Passeio Publico, olhando a cupola do Monroe que se elevava acima das copas do arvoredo que o rodeia, eu e Claudio França conversavamos de nossas viagens por esse mundo além, saudosamente. Meus olhos deram com um bando de pombos, que avoejavam sobre o palacio dos Papagaios Federaes, restos do pombal expulso do demolido convento da Ajuda.

— Lembra-te dos pombos de Veneza, e dos de Boston, que viamos cobrindo em bandos os arranha-ceus da cidade ao voltarmos de Horward?

Claudio falou:

— Sim, mas os pombos de que mais me recordo não são os banaes de Veneza ou os pouco celebres da cidade yankee. Aquelles de que sempre me lembro são os que vi em Praga, capital da Bohemia, em 1912.

A sua mão ondeou no ar e elle continuou:

— Eram centenas e centenas delles, brancos e rosados, semelhando magnolias arrancadas pelo vento. Turbilhonavam á tarde sobre a pequena praça dos Cavalleiros da Cruz, ao pé da ponte de Carlos. Desciam das ameias gothicas da torre da Ponte, do lado da cidade. Desenhavam circulos caprichosos no ar sobre as cabeças das estatuas genealogicas da casa imperial de Luxemburgo. E, brilhando ao sol como pedras preciosas, perdiam-se, depois, á sombra da cupola barrôca duma egreja distante...

Eu sorri e perguntei:

— Lembras te sómente dos pombos?

Elle replicou:

— Não. Lembro-me que esperava alli alguem, de passo miudo e collo real. E por causa desse alguem guardei a memoria dos pombos que via, quando esperava...»

10 "Fon-Fon" 30 abril 1921

## Na Candelaria

Eu assistia uma missa na Candelaria, perdido entre a multidão silenciosa, vestida de negro. Meus olhos contemplavam o altar gigantesco e resplendente, coroado por uma imagem encerrada num nicho vidrado. Entre a fumaça revoluteante do incenso, elle me lembrava um immenso ostensorio erguido para o céo.

Meditava, olhando-o, quando chegou o momento sagrado da benção. Os cirios como que brilharam com luz mais viva. O tinido argentino da sineta perdeu-se sob as abobadas. O padre, com a sua cásula de brocado, ergueu o calice acima das cabeças dos crentes ajoelhados e como que o espaço do interior da egreja ficou maior.

Dahi a pouco sahi, e Claudio França, que caminhava ao meu lado, ao chegar na esquina fronteira á Candelaria, fez-me o elogio do interior das egrejas de estylo barrôco, o unico estylo que, depois do gothico, apezar de jesuitico, soube fazer reflectir sobre a terra qualquer coisa da magestade celeste.

**A MODA**

## Na Tijuca

Tijuca acima, o meu automovel corria e meus olhos erravam pelos recostos da montanha — terraços verdes suspensos sobre os abysmos. Meus olhos se compraziam nessa paysagem voluptuosa, que se estendia sob os beijos do sol. Aqui e alli, uma arvore magestosa olhava espantada para um respaldo bombeado coberto de grama rasteira, com minusculas flôres amarellas. No fundo escuro das mattas brilhavam como fios de prata as lianas humidas do orvalho. E, entre morros, uma poça de agua parecia uma placa de aço batida de luz.

O auto subia velozmente. Massas de verde sombrio e de verde melancolico perdiam-se de um lado e doutro da estrada. Um fio dagua cantava numa sonbra. Ainda o ouvi mais tenue, duma ribanceira superior. Quando o seu som se perdeu, um cão ladrou á porta duma casa.

Depois, o auto galgou a parte plana da Tijuca, a praça ajardinada da Bôa Vista. O chauffeur perguntou-me:

— Para a Cascatinha?

Respondi:

— Não. Desça para as furnas a toda a velocidade possivel. E fechei os olhos para não pensar e sentir a voluptidade do açoite do vento...

## A onda verde

A onda verde é o oceano dos cafesaes na região nordeste de S. Paulo, é o oceano do arbusto precioso, que substitue na lombada dos cerros e no recosto dos contrafortes as antigas florestas e as panasqueiras humidas. A onda verde cobre S. Paulo. E Monteiro Lobato, o grande escriptor paulista, deu esse titulo ao ultimo livro escripto e editado por elle mesmo. E' uma collecção rica de artigos publicados em jornaes. Dahi o seu sub-titulo discreto: «Jornalismo». Nesse volume, aliás optimamente impresso, estão recolhidos os seguintes trabalhos: A onda verde; O grillo; A lua cornea; O incomprehendido; Veteranos do Paraguay; «Gaffe» da Justiça; Os eucalyptos; Os tangarás; O pae da guerra; «Homo Sapiens»; Luvas!; Dramas da crueldade; Dialecto caipira; Os livros fundamentaes; Condes; Uruguayana; O Direito de secessão; O diccionario brasileiro; O Grande Problema; A Grande Idéa; O 22 da Marajó. São tão variados os assumptos desses diversos trabalhos e tão interessantes todos elles, que não nos atrevemos a destacar nenhum com menção especial. A nossa menção, não especial, mas honrosa, como a das exposições, se estende ao livro todo.

## As rugas millenarias

Detive-me um destes crepusculos de fim de verão, nos quaes já se sente a primeira humidade do inverno, em um dos declives que trazem do Sylvestre para as Aguas Ferreas aquelles que se arriscam a pé por esses invios e lindos logares. Detive-me e olhei em redor. Uma espantosa e estupenda moldura de montanhas me cercava. Sobre o manto verde escuro das vegetações se estendia a gaze negra, subtil da noite. E numa alta nuvem, que se arrastava moribunda, a ultima pincelada do sol que já se fôra se esbatia arroxeadamente. Detive-me, assim cercado de altas e fortes montanhas, e pensei, e pensei. Depois, tilintaram na minha memoria uns versos de Amado Nervo. E eu os recitei em voz alta:

«Arrugas millenarias del Planeta,
Guardamos un enigma en cada grieta,
Que el rayo con fulgores instantáneos
No logra penetrar; y siempre mudas
Nos hallarás, de compasion desnudas,
Rasgando el cielo azul com nuestros cráneos».

Mal acabava, alguem, fechando com ruido uma janella proxima, numa casinha rodeada de arvores e de flôres, despertou-me daquelle triste pensar e fez-me apressar o passo para as Laranjeiras.

## Um paiz atropellado

Ha tempos, o nosso redactor Dr. Gustavo Barroso (João do Norte) publicou em S. Paulo, com o titulo acima, um estudo politico sobre o Mexico actual. Esse trabalho foi transcripto, na integra, no «Boletim» official da Secretaria das Relações Exteriores da Republica Mexicana, n. 8 e pelo Departamento da Publicidade do governo mexicano foi enviado a todas as legações daquelle paiz no estrangeiro e estampado em toda a imprensa do Mexico.

O Ministerio das Relações Exteriores do Mexico fez em toda essa publicidade preceder o trabalho do nosso companheiro das seguintes referencias por demais lisongeiras:

«El vigoroso escritor brasileño Joan do Norte en el reciente articulo que publica el «Correio Paulistano» y que acabamos de transcribir, ataca rudamente al imperialismo yanqui que en multiples y dolorosas ocasiones ha invadido nuestro territorio con fútiles pretextos y que so capa de humanitarismo preconiza diariamente la intervencion en nuestros asuntos interiores. Muy en su lugar están estas explicaciones en los periodicos sudamericanos y muy a cuento viene la defensa que de nuestros derechos hace este escritor cuanto y más que como él mismo dice ya es tiempo de que la America del Sur advierta «el peligro de la vecindad de los fuertes...» Escritos como este debieran ocupar diariamente las planas de los rotativos latino americanos, debieran sin cessar estar a la vista de nuestros politicos para que coadyuvaran a la solidariedad hispano-americana. Cuán de provecho esto labor y como redundaria en beneficio de la integridad de nuestras republicas y de la autoctonia de nuestra roza!»

11 "Fon-Fon" 30 abril 1921

## *Espirito Nacional*

Commentando o ultimo movimento provocado por um grupo de pessoas contra certas influencias estrangeiras no nosso meio, movimento esse aliás bastante injusto, embora mascarado com o titulo sonoro de nacionalismo, eu bordei algumas ligeiras considerações e terminei por affirmar que nós ainda não temos, no Brasil, um verdadeiro espirito nacional.

— Por que? perguntou-me um dos que me ouviam.

— Porque, respondi, só se adquire espirito nacional a custa de muitos soffrimentos e de muita luta commun. Nós brasileiros destes vinte immensos Estados não temos soffrimentos communs e temos tido poucas lutas communs. O espirito nacional francez só appareceu depois da guerra dos cem annos. Nella ainda a Borgonha era alliada da Inglaterra e só depois della Borgonha e outras provincias se fundiram no mesmo amor ás coisas nacionaes. Desse ponto de vista ainda não podemos ser bem uma nação. Falta-nos soffrer, sobretudo a invasão armada do estrangeiro. Será esse o reactivo que nos salvará.

— Então, se a Argentina nos declarasse guerra e nos vencesse?...

— Ter-nos ia prestado inestimavel serviço.

## *A mulher*

Muita gente tem classificado a mulher, bem ou mal, porém, para mim, nenhum lhe deu tão interessante classificação quanto Ricardo Palma, o celebre escriptor peruano das *Tradiciones*.

Diz elle que a mulher em arithmetica é um multiplicador que não faz operações com um numero quebrado... Em algebra, o X duma equação. Em geometria, um poliedro de faces variaveis. Em botanica, flôr bella e cheirosa, mas de succo venenoso. Em zoologia, bipede lindo e indomesticavel. Em oceanographia, abysmo que assusta e attráe. Em pharmacopéa, pilula dourada e amarga. Em litteratura, livro bem encadernado de poeta chilro. Em economia, banco hypothecario do juizo...

Certamente, com medo das mulheres, Ricardo Palma põe tudo isso á bocca dum de seus personagens, antigo marquez hespanhol. E eu, com maior medo ainda, peço a todas ellas que me não levem a mal ter transcripto aqui toda essa moxinifada e guardem o seu calido odio feminino para os fallecidos marquez e escriptor peruanos.

## *Um canto de jardim...*

Aquelle canto do jardim da casa onde moro diariamente me seduz com o seu silencio nobre, todo coberto de moedas de ouro pelo sol da manhã. Ha nelle sempre um canto discreto de cigarras e a frescura das tardes de inverno. Os muros que o rodeiam cobrem-se de musgo e hera. Por cima delle deitam galhos floridos dum manacá, que semeiam o saibro do chão de petalas brancas e rôxas. É uma roseira coberta de botões rubros se enrosca em torno das columnas de marmore dum nicho delicado, onde uma copia da Diana de Goujon ergue no fundo escuro dos vegetaes o seu elegante gesto branco de deusa pagã.

Por que amo esse canto de jardim?

Por causa dessa deusa antiga. Por que ella, com a delicadeza da sua attitude e a esbelteza das columnas do seu nicho pequeno me lembra o estylo florido, gracioso e decadente dum jardim napolitano em que outróra amei, que fôra traçado por Gianbattista Marino, de onde os nossos olhos, os meus e os *della*, se perdiam na vastidão azul das aguas que vão morrer em Sorrento.

## *Titulo de livro*

Um amigo meu, que acaba de publicar um livro didactico a ser logo adoptado pela Instrucção Publica, perguntou-me que titulo lhe havia de dar, explicando-me quaes os assumptos de que tratava, todos meios optimos de ensinar bôas e bellas coisas ás creanças.

Pensei um instante e atirei-lhe com esta epigraphe:

— « Capim Espiritual ».

Elle ficou furioso, mas juro que sem a menor razão. Após tel-o acalmado um pouco, affirmei lhe que não o queria offender e que tal titulo não era invenção minha, sim coisa classica e já mais ou menos empregada por escriptores illustres deste e de outros continentes.

Abri uma das minhas estantes e entreguei-lhe um volume, encadernado em carneira branca com frizos azues. E elle leu sobre a capa:

«Figuerôa — Alfafa espiritual para los borregos de Cristo. Imprenta del convento de la Merced-Lima Perú—MDCCXXXI».

Então, depondo o livro sobre a mesa, o meu amigo sorrio e, batendo-me com força no hombro, disse-me:

— Você é *impossivel*!

## *Os postiços e os núS*

Ha dias houve nos nossos jornaes uma serie de entrevistas concedidas por varios sacerdotes catholicos contra a moda. Todos os entrevistados se manifestavam contra a nudez com que as mulheres hoje em dia se apresentam na rua. E promettiam trovejar anathemas contra ellas do alto dos seus pulpitos.

Não sei porque houve sempre essa implicancia da parte dos padres contra as modas. Não é a nudez, a falta de pudor que elles perseguem, não, é a propria moda em si. Tanto assim que, quando se usam modas que encobrem demais as mulheres, elles tambem se manifestam contra. Movem guerra tanto á nudez quanto aos postiços veladores. Acabo de ler que D. José Domingo Gonzalez de la Reguera, arcebispo de Lima, capital do Perú em 17 mais ou menos, abrio formidavel campanha contra os balões, os fraldões, as crinolinas, as altas golas, os *puffs* e outros postiços encobridores com que as mulheres davam ou vendiam aos homens nesse tempo gato por lebre...

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 781/2005 | Patrimônio 63.812 | Origem D

12 "Fon-Fon" 30 abril 1921

**A cruz immerecida** Claudio França, tendo lido num de nossos matutinos que o governo duma grande nação extrangeira dera a um dos nossos diplomatas uma cruz de suas ordens, deu risada e exclamou:

— Que homem parecido com Jesus Christo!

Não comprehendi o remoque e pedi explicações. O meu amigo, então, contou-me a seguinte historia:

— D. Manoel Joaquim de Cobos, chefe de policia em Lima, ahi por 1815, encontrando o conde de Casa Dávalos, a cujo irmão, um idiotinha, o governo hespanhol dera a cruz de Carlos III, disse-lhe: «Dê por mim ao seu irmãosinho parabens pela semelhança com Jesus Christo.» O conde respondeu que não sabia porque razão seu mano se assemelhava ao divino redemptor. E D. Joaquim concluio perversamente: «E' que a Christo tambem deram uma cruz e elle a não merecia.»

« A tal pilheria, terminou Claudio, deu em duello e sangue, mas não posso deixar do applical-a no caso presente. »

E eu dei uma bôa gargalhada a pensar em quantos irmãos de Jesus Christo S. M. o Rei dos Belgas espalhou nestes Brazis...

26 Março 1921

**Leitor amigo** Aquelle homem que vês passar, pisando duro, semi-careca, raros cabellos brancos na nuca, bigodes ralos, collarinho duro, gravata negra, fraque e calça de listas tem sido tudo neste paiz e será sempre tudo o que quizer.

Todos os logares lhe quadram e os governos acham que tem competencia para todos.

Por que? Porque é vasio, pretencioso e esteril. Nunca escreveu um livro, nunca produziu nada de bello ou de bom. Não faz sombra a ninguem e obedece sem reluctancia ás ordens que recebe dos que o empregam. E' docil com os poderosos e aspero com os pequenos. Subirá sempre mais e mais, por que é, como dizia Camillo, uma adulta e descompassada besta...

Leitor amigo, se pensas que nos referimos a A. ou B., enganas te, porquanto nos referimos aos tres quartos dos que no nosso paiz têm subido, sem designar este ou aquelle. E se cuidas, leitor amigo, que exaggeramos, medita um instante e nos darás razão.

**Duas theses** O ultimo concurso para cargos de professor do Collegio Militar de Fortaleza realisado nesta capital veio mostrar á intellectualidade do Sul que a mocidade do Norte ainda não perdeu o amor ao estudo, o gosto das lettras, e ainda dispõe do talento proverbial que sempre lhe deu logar distincto na mentalidade brasileira. E' essa pelo menos a impressão que fica depois da leitura das admiraveis theses que os candidatos cearenses ao referido concurso ultimamente publicaram.

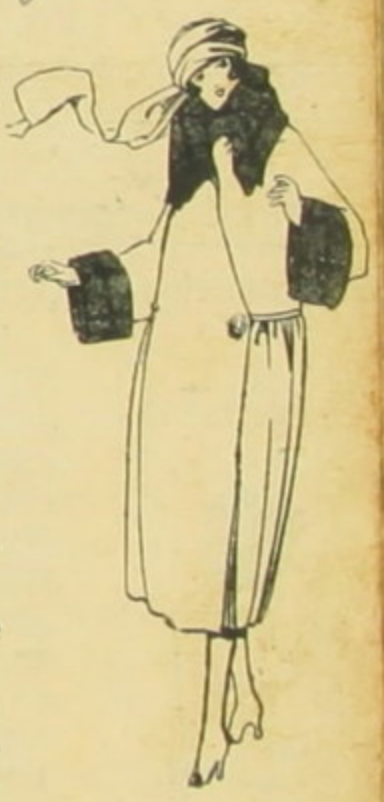
Entre ellas, não ha duvida que duas das mais notaveis e interessantes são as de autoria dos Srs. Waldemar Falcão e Beni Carvalho. A primeira versa sobre o lato e complicado ponto de historia universal — As mais fortes caracteristicas do Povo Romano. Nella o estudioso professor — podemos assim chamal o porque por demais merece o titulo — inteiramente esgota o assumpto, tratando-o dum ponto de vista elevado, em estylo elegante, em linguagem pura. Esse seu ensaio historico prova á saciedade a sua competencia e a sua erudição.

A these de Beni Carvalho versa sobre questão inteiramente diversa e muito mais ardua, o que, no emtanto, serve para melhor resaltar lhe as bôas qualidades. Intitula-se Morphologia e Syntaxe do Substantivo. Nella o autor brilhantemente desonrolou suas idéas propedeuticas sobre o assumpto, baseado nos melhores autores e ostentando uma bella cultura glottologica; profundamente estuda a morphologia do substantivo. Ambas as partes do volume são dignas de francos encomios. Annexa a esse estudo grammatical figura uma bella versão para o francez duma these sociologica do fallecido professor Soriano de Albuquerque que é mais uma prova do valor mental do autor.

**Quasi um crime** Infelizmente não ha gente de bom gosto nem conhecedora das mais comesinhas regras de esthetica urbana á frente da administração municipal do Rio de Janeiro, Tão feerica cidade está entregue á mais deploravei falta de senso artistico de que ha noticias nos annaes da nossa vida. E dahi os horrores que todos os dias se commettem, sendo baldados todos os protestos daquelles que zelam pela belleza da capital da Republica.

Agora mesmo se está consummando mais um attentado. Entenderam de arborisar a rua Benjamin Constant, que só tem um defeito: o estar nella situado o horroroso templo positivoide de cimento escuro com columnas doentes de elephantiasis. Como a rua não é muito larga os arborisadores municipaes acharam que não poderia, como outras, ter uma fileira de arvores de cada lado e zás trás cavaram buracos ao meio do calçamento, plantando uma unica ordem de arvores, que divide aquella via publica de modo horrivel em duas metades, E' o cumulo! Mas para quem appellar? . . .

A MODA



13 "Correio Paulistano", 5 mai 1921

# A HISTORIA MYSTERIOSA DAS PEDRAS

Na noite insondavel do passado, as pedras brutas da terra desempenharam importante papel na vida rude dos homens primitivos e, através das civilizações antigas, o seu alto prestigio chegou até aos nossos dias. Quando os nossos veneraveis e hirsutos avós dos tempos primordiaes abandonaram a cópa viridente dos arvoredos, onde se escondiam e por onde caminhavam celeremente, para se abrigarem nos antros escuros dos rochedos, as pedras começaram a occupar na sua existencia, o logar que os vegetaes tinham tido, durante centenarios. Moravam entre pedras. Abandonaram os seus nodosos bastões e começaram a usar, como armas de córte e de arremesso, os seixos polidos pelas aguas que encontravam no leito dos ribeiros e dos rios. Deixaram de adorar quasi os grossos troncos rugosos dos carvalhos seculares e começavam a prosternar-se deante das rochas mudas e majestosas. Os aerolithos que cahiam sobre os valles, depois de formidaveis tempestades, deram-lhes a crença nas pedras enviadas do céo. Os blócos tangidos pelas avalanches nas épocas de degelo fizeram-nos crêr no movimento voluntario das rochas. O seu entrechocar, roladas pelas aguas, torrentes abaixo, originou a fama da sua voz. E é dessa época longinqua e quasi indecifravel que vêm as lendas vetustas das pedras que dançam e que cantam, que caminham e que agem.

Adorando as pedras, o homem creou a civilização. Depois de ter feito com ellas ponta de fléxas, machado e punhal, elle com ella construiu os primeiros moveis: a pedra do lar, cujo caracter sagrado vinha até hoje e sobre a qual brilhou a primeira fogueira, accesa talvez pela faisca sahida do entrechoque de duas pedras; o primeiro assento, o primeiro travesseiro, a primeira mesa. E, sahindo fóra da escuridão das grutas, olhando o esplendor do sól sobre a natureza, o homem ergueu ao mysterio da Divindade a primeira oblação com a propria pedra.

Retezando os musculos formidaveis e com ulvos de animação, os machos da primeira tribu, usando alavanças de pau, levantaram numa clareira o primeiro menhir. Aquella pedra ponteaguda, de pé no meio dum piaino, foi corôada de flôres e regada de sangue. Em torno della dançaram homens e mulheres, freneticamente. O seu cume agudo copiava os cimos das montanhas e a sua fórma rude já exprimia o sentimento de elevação para o alto, que enche o coração da humanidade. Foi dessa pedra erguida, desse peulven primitivo que se originou o obelisco dos templos egypcios, os phallos immensos dos templos phenicios, as columnas symbolicas do templo de Salomão e por fim as proprias torres dos templos christãos. E os nossos avós longinquos em derredor da pedra erguida fôram erguendo outras pedras identicas, até crearem aquelles mysteriosos cromlechs ou alinhamentos, tão communs na terra antiga da Bretanha.

Depois desse esforço, a humanidade das primeiras éras procurou formas novas a construir com as pedras divinas, nessa sêde de sensações novas que todos trazemos desde o berço e herdamos das mais recuadas edades. Sobre dois blócos fortes collocaram horizontalmente uma lage vasta. Estava creado o dolmen e iniciada a architectura. Dessa construcção primêva nasceu a primeira porta, nasceu o primeiro portico, nasceu o primeiro altar. Alinhando circularmente os menhirs, os homens fizeram os cromlechs; extendendo dolmens ao lado de dolmens, crearam as aléas cober-

tas, das quaes nasceu o primeiro templo. E assim as brutas pedras da natureza impassivel lentamente foram contribuindo para o vagaroso, mas formidavel progresso humano.

No proprio dominio das cousas espirituaes esse progresso se ia sentir. Os primeiros monumentos continham duas idéas oppostas, inteiramente fundidas: a funebre e a religiosa. Parecia ainda que todo defuncto se tornava Deus. Depois, as duas idéas afastaram-se e uma classe de monumentos ficou para symbolizar a primeira e a outra para significar a segunda.

Quando um homem industrioso gravou na face do granito as figuras primitivas, que já esculpira na casca dos olmos ou nas placas corneas das rhennas, estava creada mais uma das grandes artes humanas e, inconscientemente, esse homem perpetuara na pedra a mais segura lembrança da sua época. Foi Tacito quem disse que os mais antigos monumentos humanos foram gravados na pedra. Os entalhados nas arvores e nos couros não sobreviveram aos cataclysmos que destruiram os homens das cavernas.

A pedra levantada não ficou só na sua significação religiosa. Ella serviu para documentar as primeiras propriedades e para garantir os primeiros juramentos. Do marco dos campos é que nasceu aquelle Deus Terminus dos romanos. E a Biblia conta-nos que, no logar em que Jacob e Labão firmaram o seu contracto de pastorgio, alevantaram uma grande pedra, um Beth-el. Desse nome de Beth-el é que vem o de bétylo para as famosas pedras cahidas do céo, as que deram origem a uns tantos mysteriosos ritos das religiões antigas, entre os quaes o de Jupiter Lapis, o dos collegios dos Feciaes, o dos teraphins hebreus e das pedras claras Urim e Thurim que o grande sacerdote de Jerusalém recebera das mãos luminosas dum anjo e trazia dependuradas ao pescoço, para, através de sua transparencia, poder commentar com acerto as palavras dos livros sagrados. Ainda o sabio Salomão, quando resolve construir o templo de Jehovah, escolheu o monte Moria para recebel-o, porque no seu cume havia um grande lagedo, o Eben-Schatigeh, que fôra a unica parte da terra que as aguas abundantes do Diluvio não haviam molhado.

Em todas as religiões e em todas as historias lá estão as pedras silenciosas fazendo os homens por sua causa crearem artes, erguerem monumentos, praticarem acções, cujos resultados vêm até aos nossos dias praticos e profundamente banaes. Vemos em Benarés a romaria sagrada á pedra celebre. Vemos em Ceylão uma lage guardando a pégada do primeiro homem. Vemos na Phenicia e na Syria o culto das pedras solares, phallicas ou não, cuja ultima veiu formar o culto official de Roma, ao tempo de Heliogabalo, e que o historiador Herodiano minuciosamente nos descreve. Vemos na Grecia antiga Rhéa fazer Kronos engulir uma pedra embrulhada em trapos, pensando fosse o filho Zeus, subtrahido a essa sorte para mais tarde desthronal-o. Vemos em Meca os musulmanos se prosternarem deante da lapide negra lalvada de amarello que um anjo trouxe do céo outróra e deu ao patriarcha Abrahão.

Polindo e repolindo o ophite, a ohtunite, o petrosilex, o homem teve os primeiros instrumentos e as primeiras armas de verdade, devidas á sua paciencia industriosa. E, britando as pedras, o homem conseguiu os primeiros metaes.

O mysterio das pedras polidas pelas gerações mortas é ainda tão grande que o povo de todas as partes do mundo, quando em excavações as encontra, as chama pedras de raio, pedras de trovão e pedras de corisco, dando-lhes origem celeste em vez de humana.

Adoradas pelo homem, as pedras tornaram-se offerendas e altares. Para propiciar um altar era necessaria outróra que sob elle se achasse uma pedra mysteriosa — como essa do monte Moria. Os seculos passaram e a tradição ficou: ainda agora, debaixo dos altares das egrejas christãs, se colloca uma pedra especial — a pedra da ara, que é o ultimo vestigio da velha e profunda litholatria da humanidade.

**João do NORTE**

"O Jornal" - 1° Maio 1921

# A VELHICE DA LIGA DAS NAÇÕES

Do meu eminente amigo dr. Clovis Bevilacqua recebi ha dias, com prazer e honra, o seu notavel folheto contendo o Projecto de Organização dum Tribunal Permanente de Justiça Internacional, apresentado ao Conselho da Liga das Nações. As suas proporções materiaes são dum folheto de mais ou menos cincoenta paginas; as suas proporções intellectuaes de moraes, de livro.

Todos nós sabemos que o notavel jurisconsulto brasileiro foi escolhido pelo referido Conselho, espontaneamente, para fazer parte da commissão internacional de jurisconsultos, destinada a estudar a organização do orgão distribuidor de justiça da Liga. Dessa commissão fizeram parte, entre outros nomes notabilissimos, os grandes internacionalistas Drago, Fadda, Elihu Root, Altamira e Gram. Não podendo tomar pessoalmente parte nas reuniões, o illustre dr. Clovis Bevilacqua enviou á commissão o seu projecto de organização do Tribunal.

Este trabalho, de que me occupo neste artigo, todo elle escripto em francez, divide-se em tres partes principaes. A primeira contém o Projecto de Organização, determinando a fórma de organização do Tribunal, sua maneira de funccionamento, sua competencia judiciaria, as modalidades dos seus processos, sua competencia consultiva e, por fim, suas despesas e subsidios. A Liga ou Sociedade das Nações compõe-se da Assembléa do Conselho e do Tribunal. A Assembléa e o Conselho já estavam inteiramente organizados, e, para a organização do Tribunal, o trabalho de Clovis Bevilacqua apresenta idéas de alto valor, que, acredito, não poderão deixar de ser aceitas, no todo ou em parte, pelo menos.

A segunda divisão do folheto encerra as Notas Explicativas ao projecto, todas ellas de grande interesse internacional. E sinceramente lamento a minha falta de cultura juridica, a qual me permittiria o goso de commental-as com elogio em publico, tão profundamente me agradaram.

Nellas se palpam de modo insophismavel a profunda cultura de Clovis Bevilacqua, o seu vasto amor aos estudos juridicos e sociologicos, a clareza de sua visão do conjunto e a justeza de sua apreciação dos promenores.

A terceira secção do trabalho foi aquella que mais me agradou. Nem podia deixar de ser assim. Ella entra pelo terreno da historia, da philosophia e da sociologia, onde aos homens de letras não é defesa a entrada como o é a da zona juridica — arida e ávara, intransponivel áquelles que amam as bellas coisas. E nella Clovis Bevilacqua mais uma vez demonstrou o seu valor extraordinario, sem a menor sombra de pretensão e de dogmatismo, singelamente e claramente. Elle aponta-nos a idéa da Liga das Nações como uma antiga idéa humana, que já se tem varias vezes manifestado, quando as circumstancias o permittem, apregoada por este ou aquelle sabio politico.

Transcrevemos um dos trechos mais interessantes dessa parte do folheto:

"On a dejá rappelé que les Grecs instituéront des fédérations de petits Etats, auxquelles ils donnaient les noms d'Amphictyonies, dont la plus remarquable a été celle de Delphes qui a eté dotée d'un conseil exécutif, et d'un tribunal avec autorité sur douze peuples; les eléves de Platon, pour employer les mots de Cicéron, considéraient les hommes destinés "ad societatem communitatemque generis humani"; que Fénelon attribue á Socrate une pensée d'universalisme, qui considére le genre humain la grande patrie supérieure á la patrie particuliére où chacun est né; que Sully, le grand ministre de Henri IV, a imaginé un conseil pour gouverner les divers peuples de l'Europe, assurant la paix comme arbitre entre les Etats; que Emeric Crucé a ecrit "Le Nouveau Cynée, pour conseiller les souverains á soumettre leurs questions á un tribunal commun et, par ce moyen, fonder la paix entre les peuples."

E Clovis Bevilacqua cita mais as idéas semelhantes do Abbade de Saint Pierre, de Jeremias Bentham; de Anacharsis Clovtz, que Victor Hugo chamava "allemão, barão e millionario" e que no fundo era, em vez de allemão, judeu; de Volney e de Simão Bolivar. Ainda mais: a do theologo hespanhol do seculo XVI Francisco de Vitoria, a de Dante, a de Santo Agostinho, a de Zouch, a de Wolf, a de Gentille, a de Bluntschili, a de Alberto Torres, a delle pro-

prio — Clovis Bevilacqua, no seu Direito Internacional Privado, mostrando ás nações a união pacifica baseada na analogia das culturas.

Essa terceira parte é composta pela conferencia em todos os aspectos notavel que pronunciou sobre a Sociedade das Nações no Instituto dos Advogados. Toda ella se impregna de alto idealismo juridico e toda ella, pela erudição maravilhosa que contém, nos mostra que, em verdade, a Sociologia é bem a Porta de Ouro do Direito.

Clovis Bevilacqua está coberto de razões na sua interessantissima documentação. Não ha no mundo, com effeito, idéa mais velha do que a dessa Sociedade rotulada nos dias presentes pelo talento de Léon Bourgeois. Essa idéa rola pela humanidade ha milhares e milhares de annos. Ella remonta até o fundo mysterioso das antigas e ignotas theologias orientaes. Ella se perde na penumbra dos mais velhos sanctuarios. Ella é contemporanea, senão anterior, dos tijolos cosidos das bibliothecas da Babylonia, dos papyrus do Egypto Thebano e memphita.

Todos os surtos de idealismo internacional que a fizeram vir á tona, manifesta-se através o espirito deste ou daquelle politico ou jurista, vieram das mais longinquas edades da civilização. As idéas modernas a respeito decorrem de fontes como o Grande Designio de Sully e Henrique IV, que o autor citou; como este vem daquella Liga admiravel que Jorge de Podebrad, rei da Bohemia imaginou. A ella Louis Leger, na sua obra "Histoire de l'Autriche Hongrie", se refere desta sórte: "Il (Georges de Podebrad) ne révait á rien moins qu'a instituer une espéce de tribunal formé par les principaux souverains de l'Europe, devant lequel chacun d'entre eux pourrait porter ses plaintes, soit contre les agressions des autres souverains, soit contre celles de ces propres sujets, soit contre celles de l'Eglise. Il avait, dans l'espoir de réaliser ce projet, trop humanitaire pour le temps, envoyé á Louis XI, en 1464, une ambassade dont il nous est resté en langue tchéque une curiense relation. Il suppliait le roi de France, á titre de roi très chrétien, au nom de son devonément á l'interê géneral, de convoquer une assemblée de rois et de princes. Cette assemblée travaillerait á la gloire de Dieu, au bien de l'Eglise universelle et á l'independance des E'tats. Projet chimérique qu'Henri IV devait reprendre plus tard, sans êtré plus heureux que Georges."

Outros tambem não foram os fundamentos do "De juri belli ac raci", de Hugo de Grotius, em 1625, e da "League of Nations", do celebre Guilherme Perm, logo após a terrivel guerra dos Trinta annos.

E a idéa mãe das ligas amphictyonicas, que viéra da evangelização civilizadora de Orpheu? E as palavras excellentes dos continuadores de Platão e de Pythagoras, os dois grandes inspirados da civilização hellenica? E os rudimentos de associações de Estados de que se sabem noticias por monumentos vetustissimos ou que os povos europeus encontraram em paiz desconhecidos, onde aportaram, como as confederações dos povos de Anáhuac, do Mexico, tão bem documentados por Javier Clarijéro, na sua "Historia Antigua de Mexico", ou a que Bernal Diaz del Castillo allude?

E o que a respeito deixam entrever os velhos livros da China e da India? Tudo isso de onde veiu e como veiu?

E' preciso recorrer á autoridade dos escriptores theosophicos e esotericos, para lá encontrar a Velhice da Liga das Nações na descripção das primeiras civilizações, descripção que a sciencia official ainda não adoptou, porém que não deixa por isso de ser formidavel e espantosa.

Eduardo Schuré na sua "Evolution divine du Sphinx au Christ" fala-nos assim, referindo-se ao antigo imperio dos Atlantis ou da raça vermelha, de que foram remanescentes as civilizações conhecidas dos Toltecas, dos Acolhuas, dos Aztecas e dos Incas, baseando-se naquelle extraordinario dialogo de Platão, — o "Critias": "La guerre entre les rois federés était sevérement défendue et tous les autres dévaient s'unir contre celui qui rompait la paix solaire." E é por causa da descripção da Cidade de Ouro que Platão gostava de fazer, relembrando as grandes edades do mundo, que seus discipulos, embora não tão profundamente iniciados nos segredos das revelações do passado, ainda repetiam pelos labios de Cicero: "ad societatem communitatem que generis humani."

Dou agora a respeito a palavra a um dos maiores espiritos modernos, a Saint Yves d'Alveydre, cujo livro estonteante de erudição "La Mission des Juifs" mergulha nos mais profundos mysterios do passado humano. Elle, miudamente nos conta do que era a antiga organização religiosa e politica ao mesmo tempo das mais velhas nações civilizadas do Oriente, antes que schismas religiosos e lutas de ambição abalassem a sociedade constituida pelos homens, sob a

15

guarda dos sabios e do sacerdocio, ao tempo do cyclo historico cantado na epopéa formidavel do Ramayana, onde se eleva ao céo a gloria sumptuosa do Ram, o Vencedor e o Civilizador. Em tempos immemoriaes, segundo Saint Yves, houve a primeira lembrança duma alliança entre as nações, afim de prevenir esbulhos, prepotencias e guerras, fazendo resolver todas as questões por arbitragem. Antes da invasão dos hyksos, por exemplo, o Egypto organizara na Ethiopia, na Lybia e na Asia Menor uma especie de Liga das Nações sob o imperio arbitral do Pharaó. Essa foi a base de todos os imperialismos orientaes para o bem, assim como ainda foi desses mesmos imperialismos, quando

elles degeneraram e se inclinaram para o mal. E' dessa fórma politica que veiu aquelle sonoro titulo que tanto amavam os soberanos persas e alguns da India — Rei dos Reis, o qual mostra claramente a tradição da antiga chefia dum grande soberano sobre os soberanos federados. Saint Yves assegura que nessas épocas primitivas o Pharaó egypcio ou o Imperador aryano, o celebre Lama, de que provém o Lama degenerado do Thibet actual, sobreposto aos chamados Reis de Justiça de cada paiz, intervinha arbitralmente nos conflictos entre elles. Mas veiu o chamado schisma de Nemrod, quando a religião dos Aryanos, de Aries, do Carneiro, do velho Ammon do Egypto, foi substituido pela religião brutal dos Turanianos, de Taurus, do Touro, do Apis egypciaco. E o antigo imperialismo arbitral se tornou no imperialismo arbitrario, cuja ultima manifestação se encarnou nos nossos dias na pessoa do Kaiser germanico.

A idéa da Liga das Nações é, portanto, duma assombrosa velhice. Rasteando-a, vae-se até essas hypothese com que os sabios esotericos rodeiam o cyclo historico de Ram. Ella vive — e isso está inteiramente provado — no fundo das doutrinas etruscas e isiacas, na base dos ensinamentos de Moysés, de Orpheu, de Zarathrustra, de Krischna, de Pythagoras

e de Platão. Ella é ainda a Paz Universal do Christo sob os braços misericordiosos da Cruz.

A idéa passou de mão em mão através dos centenarios. Diz Saint Yves, á pagina 221 da "Mission des Juifs", edição Calman Lévy de 1884: "Et quand l'Inde fut vaincue par ce pouvnir d'iniquité, quando Ninus et Semiramis écrasérent la métropole, quand le nouvel empire, arbitraire, assassina aussi l'ancien gouvernement arbitral de l'Iran, quand il saccagea la Paradesa, el alla jusqu'á tuer le Souverain Pontife, pour fermer la bouche á l'ancienne Autorité, alors nous verrons l'Egypte orthodoxe relever le gant, et, fidéle á l'ancienne ordre des choses, rappeler, tant qu'elle en aura la force, le Schisme assyrien, l'Empire arbitraire, l'Anarchie couronnée á l'antique Constitution."

Infelizmente vivemos em pleno regimen do Arbitrio e da Anarchia espiritual, mental, moral e politica. As idéas que combatem esses erros têm o peso de millenios.

E os homens de coração e de intelligencia não se cansam da luta. Clovis Bevilacqua se arregimenta com o seu notavel "Projecto" na phálange dos combatentes sagrados desse idealismo internacional. Que a Victoria o corôe.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" - 7 maio - 1921

***Os sinos*** **A tarde lentamente cahia e uma nevoa tenue envolvia ao longe o casario da collina pintoresca da Gloria, quando sahi do Passeio Publico e atravessei o largo da Lapa. Não haviam ainda accendido as luzes da cidade e no escuro da praça piscavam sob as arvores as lanternas vermelhas e verdes dos automoveis parados.**

**Fui andando vagaroso e pensativo, assoprando para o ar o fumo claro do charuto, quando o som de bronze dos sinos da egreja proxima vibraram profundamente no espaço. Parei a escutal os, commovidamente. Ha na voz dos sinos qualquer coisa de mysterioso que nos emociona. E recitei entre dentes uns versos de Murillo Araujo nos «Carrilhões»:**

« Sinos de bronze, de ouro e de crystal! confundo
Num adeus de affiicção
Vossas vozes, emfim.
Já plangentes a minha adoração:
Segundo
Era triste ou alegre, ereis dobre ou clarim! »

***R. N.*** **Eu e um de meus mais intimos amigos conhecemos dois namorados, cujas iniciaes são R. e N. Elle chama-se Roberto e ella, Nair. Passeando de automovel uma tarde pelo Leblon, vimol-os aconchegados, sentados sobre uma pedra, olhando o mar. E um dia destes o meu amigo veio dtzer-me que vira com espanto as suas iniciaes gravadas num tronco de arvore á beira da estrada da Pavuna.**

**Não era possivel que o elegante casal de apaixonados se perdesse por aquellas bandas, pensei eu. E logo indaguei de como vira essas lettras.**

**Elle, então, contou me que, tendo ido ver uns terrenos que herdára num suburbio distante, fôra obrigado a andar pela estrada, que está soffrendo reparos, encontrando numa tronqueira sêcca aquellas iniciaes R. e N. Só podiam ser os dois que as tivessem gravado em passeio amoroso como aquelles em que os surprehenderamos no Leblon.**

**Dei uma gargalhada e expliquei ao meu amigo que os R. e N. entalhados naquella estrada tinham sido feitos pelos engenheiros da tal estrada e technicamente significavam «referencia de nivelamento».**

**E a maior parte dos *potins* nascem de coisas assim...**

16 "O Jornal" 16 de maio de 1924

# LYCANTHROPIA

Uma das crenças mais antigas da humanidade é a dos lobishomens. Encontramol-a em todas as épocas, em todos os povos, desde o "loup garon" medieval francez, aos homens-lobos da India antiga, aos Neuros — povo de que Herodoto nos fala, que em certas épocas se transformava numa alcateia lupina. E o proprio culto romano-etrusco, vindo da Grecia, de Jupiter Lycos, o deus que tomára uma vez a fórma de lobo, documenta a velhice da lenda. Ademais, Maspero encontrou-a nas inscripções egypcias e Petronio deixou-a nas paginas immortaes do "Satyricon".

Assim, mesmo sem preoccupação de seguir esta ou aquella escola folk-loristica, quer a de Max Müller com a sua theoria mythologica do Aryas e dos symbolos solares, quer a das coincidencias e casualidades, quer a dos orientalistas, para os quaes a India deu origem a tudo, como Gaston Paris ou Kœhler, facilmente se póde verificar que a lycanthropia existe nos nossos sertões de maneira semelhante á dos outros povos, especialmente — coisa curiosissima — á da China. Confrontar uma historia de lobishomem narrada por um vaqueiro com uma escripta por um mandarim, em regiões tão differentes não é nada difficil. Verifica-se a egualdade do thema e o parentesco das variantes. Seria difficil, porém, explicar—por esta ou aquella theoria scientifica — como na China se acredita numa mesma crença que no sertão de Quixeramobim e por que tal se dá. Mas a nossa competencia não vae até lá e pretende tão sómente limitar-se ao confronto.

Crêm os sertanejos cearenses que todo o sujeito muito pallido, muito amarello, opilado, "come-longe", segundo pinturescamente dizem, vira lobishomem nas noites de quinta para sexta-feira. Ao chegar essa occasião de correr o seu "fado", os amarellos vão a um logar onde haja estrume de animaes e costumem os cavallos espojar-se. Voltam a roupa toda pelo avêsso, vestem-n'a assim mesmo, e espojam-se sobre o bostal como os cavallos. Logo se transmudam, saindo a correr de olhos afogueados, orelhas grandes batendo nos hombros quaes azas de morcegos, a cara de lobo, dentes afiados, rugindo. Ai! de quem os encontrar. Só escapa se tiver tempo de fazer o signal da cruz.

Ora, havia em certa ribeira uma mulher casada com um homem opilado, comedor de barro. Diziam á boca pequena que elle era lobishomem, mas ella de nada sabia. Uma feita, iam os dois de viagem, a pé.

Era noite e noite de quinta para sexta! Numa varzea deserta, o marido pediu á mulher que se sentasse num tronco, esperando-o, porque ia a certa distancia satisfazer uma necessidade qualquer.

¡Anha-lhe dado o "fado"! ella ficou sem desconfiança. Dahi a pouco saiu do arvoredo um lobishomem horrivel, rangendo os dentes, uivando, que avançou furiosamente contra a pobre. Ella mais que depressa trepou numa arvore. O monstro, entretanto, conseguiu segurar-lhe o cha de lã vermelha, despedaçando-o co as garras e os dentes. Depois, a raiar da manhã, fugiu bufando. Ella desceu da arvore e já o dia ia claro e alegre quando o marido tornou, inventando desculpas para justificar sua prolongada ausencia. Contou-lhe a assombração e elle attribuiu tudo ao medo de estar sózinha. Ao chegarem em casa, mais tarde, elle deitou-se fatigado e ferrou no somno. Passando junto da sua rêde, a esposa olhou-o e com o maior espanto viu-lhe na boca aberta, entre os dentes os fiapos vermelhos do seu chale...

Agora, vejamos como na China se conta essa historia, o auxilio do admiravel livro de Léon Wieger "Folk Lore Chinois", editado em Paris por E. Guilmots:

"No anno de 765, no districto de Tcheng-Ping, do Kiang-tcheu, um velho camponez foi attingido duma molestia que durou varios mezes. Depois de curar-se, ficou dez dias sem comer e uma noite desappareceu de casa sem que se soubesse para onde fôra. Uma tarde, um aldeão indo cortar lenha na montanha foi atacado por um grande lobo. Trepou [illegible]pressado numa arvore, que não era muito alta. O lobo, pondo-se de pé

sobre as patas trazeiras, segurou com os dentes a calça do homem, que lhe deu uma machadada na cabeça. Apesar de ferido, o bicho ficou deitado ao pé da arvore até o nascer do sol, quando foi embora. Então, o nosso lenhador seguiu-lhe a pista, verificando que ella terminava na porta da casa do velho camponez já citado. Chamou os filhos do velho e coutou-lhes o facto. Elles examinaram o pae e encontraram na sua testa a marca da machadada e nos seus dentes os fiapos da calça.

E mataram-n'o, afim de não atacasse mais ninguem.

Depois de morto, o velho transformou-se num lobo terrivel. Os filhos e o lenhador contaram o caso ao mandarim, que os absolveu do homicidio".

Ha differenças nas duas fórmas do conto lycanthropico, mas o fundo é o mesmo. Infelizmente, com o tempo a lycanthropia sertaneja vae morrendo e hoje no interior pouco se fala em lobishomens. No "folk-lore" local tambem são raras as historias dessas féras lendarias. Quasi todas se medem pelo mesmo diapasão. Todos os relatos do sertão sobre o assumpto narram que gente amarella vira lobishomens e que para desencantar o bicho é necessario fazer o signo de Salomão, a estrella magica de cinco pontas, a reunião dos dois triangulos symbolicos, com palhinhas bentas do Presepio ou do Domingo de Ramos, pregadas numa taboa, pondo esta na vereda por onde o lobishomem costuma passar. E' tiro e quéda. O monstro geme de dôr ao vêr o "Sino-Salomão" e perde o encanto. Da mesma fórma se acaba com o fadario das mulas sem cabeça.

Em materia de lycanthropia, o "folk-lore" chinez é muito mais rico do que o nosso, e nelle ha specimens verdadeiramente curiosos. Este, por exemplo :

"No anno de 765, numa aldeia do Kiang-tcheu, um rapaz de mais ou menos vinte annos ficou gravemente doente, emmagreceu e empallideceu muito, adquirindo a curiosa faculdade de poder exteriorisar sua alma sob a fórma de um lobo. E como lobo devorou grande numero de meninos da aldeia. Antes da sua doença, trabalhava como jornaleiro para os lavradores. Um dia, passando deante da casa dum camponez, cujo filho fôra mysteriosamente devorado, esse o chamou e disse-lhe: — Vem trabalhar amanhã cá em casa e te darei boa comida. O rapaz deu uma risada e respondeu: — Por que hei de trabalhar [illegible] só se não houvesse mais crianças gordas ! O camponez ficou de orelha em pé. — Que dizes ? perguntou. — Digo, retorquiu o outro, que o céo me fez para comer gente. Ainda hontem devorei uma criança de cinco a seis annos, que era excellente! O infeliz pae comprehendeu que era seu filho. Segurou o rapaz, verificou que estava com a bocca ainda ensanguentada e metteu-lhe o cacête até matal-o ! Ao morrer, elle transformou-se em lobo".

A lycanthropia sertaneja é mais branda, nunca foi anthropophaga. No emtanto, é bom notar mais um traço que a une á chineza no sertão, o lobishomem é sempre um sujeito amarello, opilado; na China, é sempre um individuo fraco, magro, pallido, que esteve doente muito tempo. Cá e lá a mesma crença.

No sertão, não ha lobis-mulheres. Só os homens podem ter esse "fadario". Na China, até as mulheres são transformaveis em taes monstros. Um texto literario chinez do nosso seculo conta este facto :

"A mãe do general Wang-han, de Tai-yuan, era de raça tunguza. Uma virago afamada! A cavallo, de arco em punho, o carcaz a tiracollo, corria pelas florestas e charnecas, matando ursos, veados, raposas e lebres. Quando chegou á edade de 70 annos, suas forças diminuiram. Então, encerrou-se sósinha num aposento, prohibindo quem quer que fosse dali se approximasse. A's vezes tinha accessos de furor, durante os quaes maltratava os servidores domesticos. Uma noite, quando todo o mundo dormia, os criados ouviram que se abria a porta do quarto da velha. Espiaram e viram uma loba sair da casa. Antes do amanhecer, a fera voltou, entrou no aposento e fechou a porta. Espantados, os criados contaram tudo ao general. Este escondeu-se á noite e viu a mesma coisa. Ficou consternado, constatando que sua mãe era loba. Teve, depois, outras provas. A velha pediu-lhe um dia que lhe fizesse servir um veado. Wang-han fez comprar um e mandou-o servir bem preparado. — Quero um crú, disse ella. Serviram-lhe um crú e ella devorou-o num instante. Wang-han não sabia o que fazer, quando um dia os criados falaram entre si do que tinham descoberto. A velha os ouviu. A' noite, querendo sair, encontrou a porta fechada. Forçou uma janella e fugiu. Nunca mais souberam noticias della".

Uma historia semelhante contam tambem os textos antigos da China, da mãe septuagenaria do camponez Suan. Todo o mundo sabe que muitos povos primitivos destruiam os velhos da familia, paes ou avós, quando não podiam mais prestar o menor serviço e eram bocas inuteis. Talvez inventar que se tornavam lobos fosse o pretex-

to invocado, quando esse costume se abrandou, para fazel-os desapparecer...O certo é que a lycanthropia vem de tempos immemoriaes e com ella os lobos dos totemismos ancestraes penetraram na historia e na religião dos homens: o Jupiter Lycos; o lobo, que, segundo Stravad, guiára as tribus dos Hirpinos pelos plainos da Scythia; o proprio lobo de Gubbio que a voz de S. Francisco de Assis amansou... Ha um mysterio insondavel e attrahente na origem nebulosa dos "folk-lores".

**João do NORTE.**

## Filhos mentirosos

Fui com Claudio França visitar um velho amigo, em Laranjeiras. Quando com elle conversavamos no seu severo e lindo escriptorio Mapple, chegou da rua o filho— um perfeito almofadinha. O pae perguntou lhe por que não viera jantar na vespera nem almoçar naquelle dia. O rapaz inventou uma desculpa qualquer e saiu. A sós comnosco, o pae disse, sorridente:

— Eu o vi hontem entrar á tarde numa pensão alegre da Gloria, mas finjo que acredito no que diz, para evitar discussões.

Voltando para a cidade falei contra os paes que, pela sua demasiada tolerancia, como aquelle, levam os filhos ao vicio, acceitando as suas mentiras.

Claudio respondeu-me:

— Reza a historia que os Aztecas recommendavam diariamente a verdade aos seus filhos e quando estes mentiam furavam lhe os beiços com espinhos de mangroy, que ardem como ortiga. E tambem amarravam os pés dos filhos que gostavam muito de andar fóra da casa.

Eu ri e affirmei que se esses dois castigos fôssem postos em pratica, todos os almofadinhas do Rio teriam os labios picados e queimados e todas as melindrosas estariam peiadas...

## Coisas brasileiras

O sr. Luciano Pereira da Silva, ex-deputado federal pelo Amazonas, sempre muito se preoccupou, com intelligencia e proveito, com as questões economico-financeiras do Brasil em geral e especialmente da zona, outróra riquissima e hoje miseravel, que representou no Congresso Nacional. Já tivemos occasião de alludir com louvor sincero e merecido a trabalhos seus e hoje nos referimos com prazer e admiração ao seu ultimo livro «Coisas Brasileiras», no qual ha aspectos novos de velhas questões nacionaes tratadas com elevação de vistas e suggestões de idéas interessantes e uteis.

Quem se interessa pela vida da nação não poderá deixar de ler essa obra que trata com especialidade do problema amazonico, um dos mais serios e prementes no momento actual, da situação do Acre, das riquezas jacentes e a desenvolver da Amazonia, da nossa reorganisação naval e da differença entre o Norte e o Sul nos orçamentos alinhavados da Republica. Emfim, um livro de alto interesse nacional e de grande proveito.

## Os cadetes uruguayos

Na America do Sul sómente o Brasil não cuida com verdadeiro carinho de suas tradições militares. Antes a sua imprensa ataca aquelles que procuram por qualquer fórma fazer reviver o passado.

Entretanto, nações pequenas como o Uruguay não se cançam de esforços para perpetuar por todos os meios as recordações dos tempos idos. Apezar de já possuir um regimento tradicional no seu pequeno e optimo exercito, os celebres Blandengues de Artigas, que usam o uniforme da guerra da Independencia, no começo do seculo passado, agora o governo uruguayo resolveu adoptar nos cadetes da Escola Militar um uniforme do tempo da referida guerra, seguindo o exemplo dos Estados Unidos, que vestem os alumnos de West Point com a farda dos soldados de Washington.

Nós não temos dessas coisas e contra ellas, quando alguem as lembra, terrivelmente se insurgem os *positiveiros* escrevinhadores, gente incapaz de idéas e mesmo até de tomar banho frio todas as manhãs...

## Gordura...

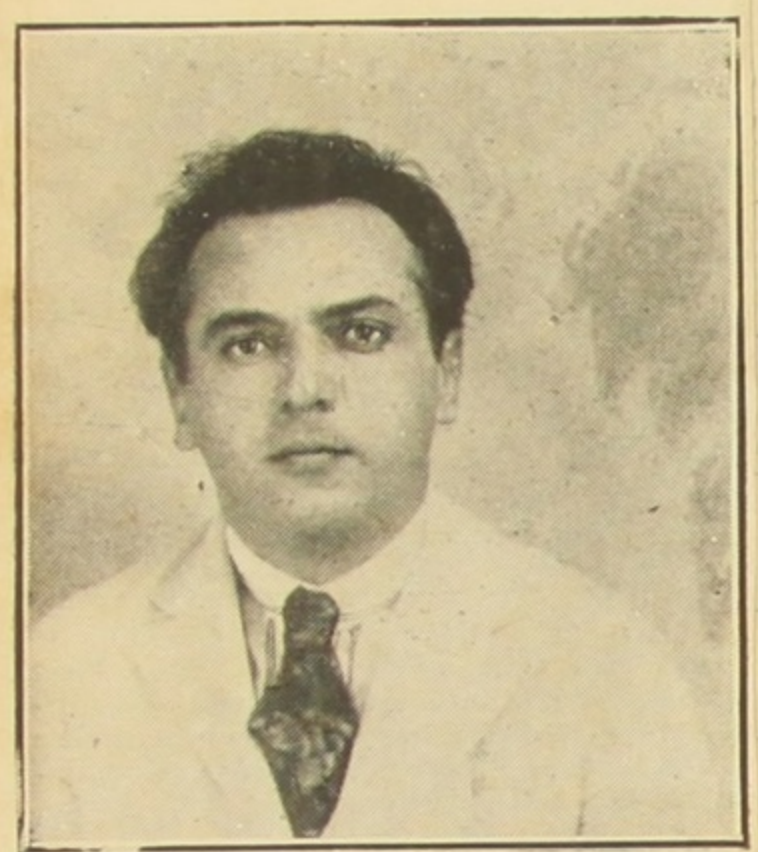
Depois que por nós passou aquella tarde na Avenida uma senhora phenomenalmente gorda, esposa dum capitalista conhecido e, apezar da sua gordura, convencida de ser elegante e encantadora, o meu amigo Bertoldo, que chegou ha dias do Rio da Prata, recitou-me estes versos:

*« Aunque es joven y no es vieja*
*la señora de Retranca,*
*Y sus ojos son muy lindos y su tez*
*es blanca. blanca*
*Y su aspecto es saludable*
*Y el dinero de su esposo puede*
*usar sin restricciones*
*Y es muy fina y muy amable*
*Y en continuas diverciones*
*Pasar puede la existencia, no es*
*feliz, nobre señora,*
*Pues se queja de la suerte*
*Y hay que ver, quand alguien pensa*
*que sonrie y se diverte*
*Como sufre y como llora*
*Cejijunta,*
*Fastidiada:*
*— Por que qué causa engodó tanto? Con*
*anhelo se pergunta:*
*— Por que soy tan desgraciada. »*

Quando tomei o bonde para casa, o Bertoldo terminava os versos engraçados de Luiz Garcia e desde então nunca mais vi a tal gorducha que a não chamasse a señora de Retranca. E que retranca!...

"Fon-Fon" - 7 - Maio - 1914

## BILHETES BRANCOS



Gastão Penalva, nosso joven e sympathico confrade, acaba de publicar um livro de chronicas leves, verdadeiramente encantador, com o titulo simples de *Bilhetes Brancos*, no qual não se sabe o que mais admirar si a viveza do commentario, si a clareza elegante da linguagem. Dentre os varios trabalhos de que consta o livro destacamos com prazer e cremos que com justiça as paginas sobre a psychologia dos leitores através dos livros que lêm, sobre os *Sports* entre nós e o que nossos homens de *sport* fizeram nas Olympiadas flamengas, sobre o feminismo na Secretaria do Exterior, sobre as viagens, sobre o rei Alberto. Gastão Penalva escreve com correcção, num estylo delicioso e a leitura do seu livro causa verdadeiramente prazer.

## Do Amor

Em minha presença falaram muito outro dia duma linda e elegante mulher — porque ella tem em primeiro logar o defeito de ser bella e garbosa, em segundo o vicio de vestir bem e em terceiro o fraco de gostar dum cavalheiro que não é livre e que não é bonito.

Defendi-a:

— Ella quer amar. E' simples e é natural. Ninguem ama por esta ou aquella razão que os outros possam apontar. Ama-se porque se ama, por causa de cem pequeninos modos intraduziveis — como dizia Peladam. Por isso não se deve amar este ou aquelle, esta ou aquella. Quem ama é que é seu proprio juiz. E ninguem tem nada que vêr com o amor dos outros. Ademais, toda mulher que ama e que, portanto, se dá é sagrada, do mesmo modo que toda mulher que se casa sem amar — isto é, que se deixa roubar, como toda a que se vende, são infectas. Ella para mim é sagrada.

E todos os faladores emmudeceram.

## Deux Gendarmes

Por uma torcicollosa e antiga rua de Santa Thereza ia eu com Claudio França, ao cahir da tarde, quando ao nosso lado passaram dois soldados de policia a cavallo, lentamente, conversando e fumando. Ambos logo nos recordamos, ao mesmo tempo, das lindas estradas de França, por onde tanto andámos juntos, orladas de altos olmeiros, onde sempre andam a passo dois gendarmes calmos e solemnes. E eu trauteei a meia voz:

« *Deux gendarmes un beau dimanche*
*Chevauchaient le long d'un sentier,*
*Un portait la sardine blanche,*
*L'autre le jaune baudrier . . .* »

Os dois policiaes afastavam-se por um becco sumido entre grandes muros cobertos de hera viçosa, e o sol poente ennegrecia-lhes as altas silhuetas:

« *Phœbus au bout de sa carriére*
*Put encore les apercevoir,*
*Le brigadier d'une voix claire.*
*Troubla le silence du soir . . .* »

As sombras do crepusculo desciam a pouco e pouco. Brilhavam luzes nos vultos immoveis das casas e sobre o manto escuro do céu a mão da noite começava a semear as gemmas limpidas das estrellas. Os soldados haviam desapparecido e só o rumor abafado pela distancia dos cascos dos cavallos sobre as pedras nos chegava ao ouvido. Claudio segurou-me o braço com força e recitou baixinho:

«*Puis, il meditérent en silence,*
*On'écouta plus que le pas*
*Des chevaux marchant en cadence,*
*Le brigadier ne parlait pas . . .* »

E ambos nos olhamos, sorrindo tristemente, com uma grande saudade da França.

## Uma obra posthuma

A livraria Alves acaba de editar um curioso e bello livro dum dos nossos maiores homens de lettras mortos. E' o *Historias e Paysagens* de Affonso Arinos, collectanea de escriptos esparsos por jornaes e revistas, deixados pelo autor, que representa uma homenagem á sua memoria, impedindo desappareçam no esquecimento trechos litterarios de real belleza e de subido valor.

Muitos delles servirão mesmo para evidenciar qual a primeira maneira de escrever do estylista primoroso de «Pedro o Barqueiro».

Destacamos neste novo volume de Arinos as paginas «Menestrel do Sertão», «Atalaia Bandeirante» e «A Garupa», que por certo não são inferiores em plasticidade, em ambientação sertaneja e em elegancia de linguagem áquelle primoroso fragmento que se chama «Burity Perdido».

## A prophecia do bolschevismo

— Tudo quanto se está passando na Russia, na Santa Russia — porque está cheia de martyres — foi ha tempos perfeitamente prophetisado.

— Sim, mais ou menos, na obra dos escriptores revolucionarios russos.

— Não, meu amigo, no livro esplendido e luminoso d'um occidental, no *Nimbe Noir* de Peladan. Eis as suas palavras na bocca dum dos personagens desse romance:

«Ninguem conseguirá pôr ordem nesses movimentos espontaneos que se succedem terriveis, desordenados, sublimes e selvagens. O individualismo toma grande parte das manifestações revolucionarias russas. Por isso não se podem formular a respeito leis ou maximas. Mas o triumpho da Revolução é certo e eu não dou um vintem pelo throno dos czares: elle será derrubado em poucos annos!»

Peladan escreveu isto antes da guerra e todas as suas previsões se realisaram: o individualismo slavo creou o bolschevismo.

— Tens razão, amigo, tens toda razão.

se realiza, até mesmo aquella inconcebivel novella de Carlos Nodier: «Ignés de las Sierras», que inspirou versos a Theophile Gautier.

**Ignés de las Sierras** Aquelle rapaz moreno e triste com quem jantei ha dias numa roda de amigos logo me chamou a attenção pela sua attitude de profunda melancolia. E, quando elle se foi, indaguei dum amigo commum por que motivo tão moço se deixava esse homem acabrunhar por essa formidavel tristura.

O amigo contou-me que elle amára uma mulher morena e formosissima, uma dansarina hespanhala de pelle macia e ardente como o céo, de Granada, chada Inés, a qual fôra apunhalada por um antigo amante em tragicas circumstancias. Desde esse tempo, diziam, aquelle rapaz tinha sempre no espirito a figura da sua apaixonada com a arma cruel enterrada no peito...

E eu intimamente pensei que tudo

# VIDA LITERARIA

*JOÃO DO NORTE (Gustavo Barroso) — Casa de Maribondos — ed. M. Lobato & C. — S. Paulo, 1921.*

*— Mosquita Muerta — ed. La Novela Semanal — Buenos Aires, 1921.*

A unidade de uma carreira literaria não está no assumpto, mas no espirito. Póde-se mesmo dizer que unidade de assumptos, nos temperamentos propriamente literarios, é signal de pobreza. O escriptor deve variar para renovar-se. Não é preceito este que seja necessario recommendar aos nossos. Aqui, mais do que em qualquer outro paiz, não só é rara a unidade das carreiras literarias, senão tambem, quando existe, provém quasi sempre da harmonia interior apontada. O escasso gosto que demonstramos por toda especialização revela-se, inclusive, nessa variedade das obras de um mesmo autor. Ha nisso curiosidade de espirito como incontinencia de attenção.

Não é possivel, tanto no leitor como no autor, o interesse continuo pela ficção. A logica, a ethica, e economia, toda actividade mental que trabalhe com o fito na verdade, póde prender com exclusão quasi absoluta de outra preoccupação. E' que a paixão da verdade, no homem, é mais profunda que a reducção da fantasia. A esthetica, actividade cujo fim principal está na propria origem, isto é, na expressão de um temperamento, com um contacto portanto accessorio ou porventura inexistente com a realidade, não póde em regra possuir integralmente um espirito. Imitação, transposição, symbolo ou pura fantazia, qualquer que seja o contacto da arte literaria com o mundo exterior, ha nella sempre, po rnatureza um ambiente artificial, que nos transporta a um mundo estranho aos nossos sentidos communs. Por maior que seja a repulsa ao mundo habitual, não conseguimos desligar-nos delle, cuja attracção é sempre effectiva. Dahi a reducção, ao menos passageira, da realidade sobre os que trabalham com a ficção ou simplesmente a preferem. Dali tambem encontramos em quasi todos os poetas, romancistas ou novellistas, aquelles que vivem mais intimamente num numero imaginario, paginas de pura realidade.

Tres são, de um modo geral, as actividades que coexistem com a ficção nos espiritos mais puramente literarios: a philosophia, a critica e a historia. São tres aspectos individuaes da verdade: no pensamento, no gosto e na memoria. — E' difficil encontrar um espirito aberto á vida e á natureza, que não tenha uma attitude pessoal quanto a esses proble-

11

mas e cale o seu parecer. Em quasi todas as carreiras literarias, portanto, encontramos, pelo menos uma obra de cada uma dessas especies, em que o autor resume o seu pensamento sobre si mesmo e os problemas do universo, sobre as obras alheias ou sobre o passado e suas reminiscencias. E' obvio que outras actividades — politica, social, didactica, religiosa, scientifica — podem attrair de passagem os temperamentos literarios. As mais communs, porém, são as tres apontadas.

Outra especie de obras que coexiste, ás vezes, com as obras de ficção, é um genero muito peculiar a que se póde chamar — livros de repouso. São obras de pouco esforço, de factura apressada, de impressão superficial, escriptas geralmente em seguida a horas de fadiga ou preoccupação, como sedativo á tensão intellectual. São livros leves, variados, pittorescos de curto folego que prendem sem cansar, pois nem mesmo da memoria exigem esforço.

Nesse genero se inclue o ultimo livro do sr. Gustavo Barroso. E' sabido que não possue o autor um desses temperamentos puramente literarios, que se prendem ciosamente á ficção. Ha, pelo contrario, mesmo nas suas obras de ficção, uma preoccupação habitual e uma comprehensão dramatica da realidade. Já apontamos além disso, quanto é primordial em seu espirito o elemento intellectual. A variedade de sua obra literaria, onde encontram, em numero mais ou menos equilibrado, livros de contos, de sociologia, de critica, de historia ou de politica, é a consequencia natural do seu temperamento, aliás mais curioso e original que profundo. O livro de agora é uma pausa. Leva a indicação de "contos", mas é antes um livro de anecdotas. Não se póde propriamente chamar de contos, ou seria desvirtuar e baratear a palavra, a essas historietas leves e ás vezes comicas ou mesmo de espirito, simples casos authenticos, adaptados ou suppostos, sem maior desenvolvimento ou impressão. Revelam, uma vez por outra, um certo espirito satirico, e o titulo "Casa de Maribondos", parece mesmo indicar no autor uma intenção pouco amena para com suas victimas. Pouco têm de satira, no emtanto. Não vão além do leve humorismo á Arthur Azevedo, isto é, mais para rir e provocar o riso que com intenção reformadora ou causticante. Se a intenção do autor é satirica é innegavel que a não alcança. Considerando, porém, como obra de repouso realiza perfeitamente os dois objectivos essenciaes: descansa e diverte. Lê-se o livro sem sentir, sempre interessado, muitas vezes sem conter o riso. "Os exames do Socofóles", "Os papagaios do Tonico", "O rio Gravate", "Os desdobramentos do Virgilio", por exemplo, são desopilantes. Outros revelam mais directamente a intenção satirica do autor, como "As gallinhas do Delegado", "O testamento da Tia Felismina", "Solte-me, seu soldado", "A Beata", tirado de Anatole France, "O Xicote do Baban", "Invejo a tua sorte", sem nunca passarem da superficie, como dissemos.

E' um livro de boas anecdotas, deleves satiras, de algumas boas paginas authenticas, como "A Mãe dos Bois", que na obra do sr. Gustavo Barroso não deve passar de simples pousada.

Já no sabor dramatico dos seus melhores contos, forte, agudo, expressivo é esta "Mosca Morta", que a collecção "La Novela Nacional" de Buenos-Aires, publica em traducção proseguindo em sua obra de confraternização literaria sul-americana. E' uma scena brutal e tragica do sertão cearense, ao entrar da secca, em que os instinctos se chocam furiosamente, naquelle desamparo de qualquer força superior, humana ou divina, que é uma fatalidade ás avessas, a fatalidade sertaneja.

"

seus visinhos do Sul, os descendentes dos Araucanos selvagens, que já as tropas dos Incas eram obrigados a conter além das fronteiras. Mas a justiça das grandes causas um dia virá e restituirá a esse nobre e velho paiz o que lhe foi extorquido.

"Fon-Fon" 14 Abril 1924

***Um paiz nobre*** De todos os paizes da America hespanhola aquelles que sempre se distinguiram por sua cultura e por sua nobreza de raça e de atitudes fôram sempre a Colombria e o Perú. Até a lingua da metropole nelles se conservou pura. E não é de admirar que tal houvesse acontecido no Perú, pois que o seu povo vem duma alta, florescente e mysteriosa civilisação, cujas origens se perdem na noite insondavel da antiguidade.

Entretanto, por ser mais culto e mais fino, o Perú se alheiou mais dos materialismos modernos, e dahi não ter sahido victorioso na guerra do Pacifico, vendo dolorosamente uma nesga do seu territorio ir parar ás mãos dos

22 "Fon. Fon" 14 Maio 1921

***Manhãs*** Quando se mora num logar, não se está apto, porque o habito assim o quer, a vêr e apreciar as bellezas naturaes que nos cercam. Por isso aposto em como os cariocas gozam menos do que os forasteiros as maravilhas do panorama do Rio. Mas eu, que aqui vivo sem aqui ter nascido e habito uma ponta elevada de morro, não me canço de admirar o que meus olhos descortinam.

Então, estas deliciosas manhãs de Maio são dum encanto imprevisto e extraordinario. Mal me levanto abro a janella e passeio com delicia a vista pela paysagem que o primeiro beijo do sol doura de leve. A ilha de Villegaignon boia entre o nevoeiro denso que vae até á silhueta da Bôa Viagem. Um vulto de couraçado recorta-se na bruma envolvente. Manchas de sol, largas, faulhantes, queimam as aguas quietas. E todo o céo fica côr de malva, liso e suave como uma velha sêda.

Quantos como eu apreciarão estas manhãs maravilhosas?

***Os novos "abbès"*** Passára á nossa frente pela Avenida um «almofadinha» desses de se lhe tirar o chapéo, todo empoado, labios de carmim, veste cintada, polainas e cabellos encaracolados. Disse-me um informante anonymo que elle vivia nas casas ricas, ajudando as senhoras da alta roda a bordar vestidos, levando recados, fazendo intrigas amorosas, acalentando os meninos, contando anecdotas para divertir a familia nos serões e substituindo ás vezes os namorados.

— Verdadeiro parasita! concluio.

E eu pensei que hoje o «almofadinha» representa na sociedade moderna, apressada e futil, o papel dos antigos *abbés* de Paris, no meio social *raffiné* do seculo dezoito. Recordei a vida curiosa desses parasitas religiosos-mundanos, mais mundanos mesmo do que religiosos, tão bem descripta por Anatole France numa pagina celebre. Lembrei a sua vida que permittio a Paulo de Musset, irmão do Grande Alfredo, escrever aquelle fino e admiravel conto illustrado pela habilidade de Lalauze, «Le dernier Abbé.»

***Se eu fosse poeta*** Quando a vejo passar tão indifferente e tão seria, peço sempre a Deus que me faça poeta. Não trouxe do berço o dom de rimar com elegancia e graça, infelizmente. Dahi o meu constante pedido aos céos, pedido que até hoje ainda não foi alcançado.

Mas porque peço isso, quando ella passa? perguntarão. Porque sei que ella adora os versos e consequentemente deve adorar tambem, depois, os seus autores. Poesias são as unicas offertas que ella, no seu orgulho de mulher formosa e rica, acceita isso mesmo quando nellas ha talento.

Não tenho poesias a offertar-lhe. Senão, depol-as-ia aos seus pés com as palavras que um poeta peruano, meu conhecido, applicava aos seus versos;

*«Me siguen hoy vibrantes, como tropel sonoro...*
*Son mis emblemas unicos, son mi mayor tesoro.*
*Señora: a vuestras plantas traigo mis versos de oro.»*

21 Maio 1921

***Que pastor!*** Um amigo meu que por sport muito se preoccupa com a politica nacional, disse-me outro dia que, uma bancada do Norte, da qual fazem parte varios deputados cujo nome de familia é Carneiro, havia escolhido para seu *leader* um cujo appellido era Onça. E, dando-me tal nova, elle commentou-a com esta conhecida phrase franceza:

— *Le loup devenu berger.*

Achei com effeito interessante a coincidencia que fazia um bicho feroz guia dos bichos mansos, pensei nas onças dos sertões devoradoras de carneiros e commentei o caso desta sorte:

— Meu caro, nada ha ahi de extranhar. Com effeito o contraste desses nomes dá azo a trocadilhos. Porém estou mais do que convencido qne nas bancadas onde taes nomes não existem todos os *leaders* são féras e todos os leaderados, carneiros...

**Tulio Castro?**

Estampou a imprensa um telegramma, annunciando a proxima vinda, ao Rio de Janeiro, do escriptor dominicano Tulio Castro. Segundo essa mesma communicação, á nossa capital virá o illustre belletrista para nos dizer que os *yankees* tratam a sua patria como colonia.

Duas coisas, portanto, nos interessam: o assumpto que o traz ás nossas plagas e o nome do litterato.

Gustavo Barroso, ultimamente, provando a existencia do imperialismo norte-americano em relação ao México, alistou-se no grupo de publicistas que aconselham o intercambio entre as nações da America Latina. Isidro Fabela, Carlos Pereyra, Marquez Sterling, Manuel Ugarte e mil outros honram a pleiade de talentos, que, defendendo mais ou menos os principios de Eduardo Prado, trabalham pelo mesmo estabelecimento de uma politica de mutuo apoio entre os paizes da America Latina. Nada mais justo em face das aggressões dos Estados-Unidos.

Eis o motivo da visita do escriptor dominicano.

Agora, o seu nome. A imprensa disse que é Tulio Castro: e aqui parou. Entretanto, o romancista e polemista cuja fama chegou á Europa e espalhou-se por todo o Novo Continente é differente. O polemista e romancista que brevemente desembarcará aqui não se chama Tulio Castro. Chama-se Tulio Castero, e, pelo seu talento, pelo seu caracter, pelo seu ideal, merece calorosos applausos.

**SYLVIO JULIO**

***O morro de Arica*** Entre nós se acha uma embaixada chilena e nas festas que se lhe offerecem não figuram representantes do Perú. E' que no nosso continente, que devia ser o de Concordia, não ha harmonia entre essas duas nações, infelizmente. E tudo por culpa exclusiva do Chile.

Elle, aguerrido e forte, depois da sangrenta guerra do Pacifico creou na America do Sul uma Alsacia Lorena. Não é á tôa que usam as suas tropas o pontudo capacete allemão. Creou esse eterno pomo de discordia apoderando-se do territorio alheio, ficando com o territorio de Arica, que pertence ao Perú. A historia não justificou essa expoliação, nem a justificará. O tempo não tem força bastante para fazer a nação tradicional e nobre dos Incas esquecer os seus direitos inconteste, calcados aos pés pelos Araucanos.

**Nas festas que a embaixada chilena receberá, muito rosto de brasileiro que verdadeiramente ama a raça e o continente não terá riso — porque avistará sempre entre elle e os embaixadores o vulto do morro de Arica.**

23 "Correio Paulistano" 18 Maio 1921

# Bibliographia

**Casa de Maribondos,** por João do Norte — S. Paulo, 1921.

Incançavel e fecundo, o brilhante escriptor patricio, João do Norte, prosegue na sua faina gloriosa de nos deliciar com obras que magnificamente opulentam as nossas letras. Nome dos mais representativos, nome que rubricou **Terra de Sol, Praias e Varzeas, Heróes e bandidos,** paginas em que os nossos costumes e a nossa natureza rebrilham photographadas e vivificadas, é elle a melhor garantia, a melhor recommendação das obras com que nos brinda. Prosador ductil e brilhante, observador, humorista, psychologo, ha sempre nos seus livros, em que predomina um bello espirito nacionalista, um interesse palpitante, que é attracção e enlevo. Ainda agora, nesta **Casa de Maribondos,** ao vivo se verificam taes caracteristicas. Livro mais de anecdotas, mais de simples narrativas de episodios pittorescos sociaes ou domesticos, do que livro de contos, do que livro em que se accentuem preoccupações de ordem estylistica ou philosophica, ainda assim apresenta aquelle forte traço de nativismo que ha nos trabalhos de Affonso Arinos e que faz de João do Norte o maximo belletrista da vida do Brasil setemptrional. Collecionador de factos, amante do folklore, admirador da paizagem, conhecedor do sertão, photographo preciso de typos, a elle nada escapa, nem o simples, nem o singular, registando, em tonalidades e conjuntos, toda uma vasta série de casos lilares, interessantes, que satisfazem pela leve graça, pela propriedade das expressões e terminologia regionaes, pelos entrechos faceis e finaes imprevistos, que quasi sempre nos provocam o riso. **Casa de Maribondos,** vê-se logo, é um volume despretencioso e singello — ou, seja, um repositorio de pequenos trabalhos literarios, com fundo humoristico, que se lêm de uma assentada e que, pela sua graça e leveza, póde ser considerado, para os que se enfaram com as leituras pesadas e indigestas, como um refrigerio e allivio — um oásis a acenar, com frescor de aguas e sombras de tamareiras, ás caravanas cançadas do sol e do deserto. — Nuto SANT'ANNA.

"Fon-Fon" 21 Maio 1921

***Mulher de quem?*** Dize-me com quem andas e eu te direi as manhas que tens. Este rifão popular mostra que se podem julgar os individuos pelas suas companhias, especialmente quando ellas são duradouras. Para se conhecer a alma dum povo no entanto, como os povos não podem ter companhias, basta escutar os seus dictados. Elles revelam claramente o seu temperamento.

Um exemplo.

O povo brasileiro é o mais maldoso do mundo e aquelle que mais se preoccupa em falar da vida alheia. Demonstra-o a frase popular agora em voga, que é um triste signal dos tempos que correm e da corrupção social que alastra.

Basta estarem duas pessoas a conversar na Avenida, logo uma terceira se acerca e vae dizendo, maliciosamente — Mulher de quem? como si só se falasse das mulheres dos outros e só se preocupasse a gente com ellas.

Essa interrogação perversa é um symbolo do momento. A epoca das melidrosas, dos almofadinhas e dos crimes passionaes, sem galantaria e sem vigor, não poderia dar origem a outra.

***Musa Caipira*** Todo o publico que lê no Brasil conhece Cornelio Pires, que é um como Catullo Paixão do Sul. Os seus versos têm a simplicidade dos nossos camponios e a belleza natural da nossa grande terra. Numa epoca em que até em França os Marcs Lechercs descrevem em dialecto do Anjon a alma do camponez, não se devem regatear elogios a Cornelio Pires que nos fala em versos quasi dialectaes da alma de nossa gente brava e rude do interior. Essa naturalidade faz toda a grandeza da sympathica figura do poeta.

A sua Musa Caipira não esgota sua inspiração. Ella acaba de dar-nos um livro bellamente editado por Monteiro Lobado em S. Paulo, no qual Cornelio Pires suavemente celebra as «Scenas e Paysagens de Minha Terra», de Nossa Terra.

14

"O Jornal" - 17 Maio 1924

# O CYCLO DA MULHER TEIMOSA

Para mostrar de maneira synthetica e symbolica como as mulheres são profundamente obstinadas, os sertanejos do Nordéste brasileiro narram duas historias de fórmas differentes, mas cujo fundo moral é, positivamente, o mesmo.

Dizem elles que um marido, tendo um dia pedido á sua esposa uma faca para cortar o queijo, depois da refeição, ella lhe respondera que queijo nunca se cortára com faca e sim com tezoura, trazendo-lhe este ultimo instrumento. Dahi se seguiu uma discussão terrivel. Affirmava o homem que para cortar queijo só se usava faca e jurava a mulher que só se usava tezoura. Depois de longa teima, exasperado, o infeliz agarrou a teimosa e atirou-a num poço. Pois bem, afogando-se, sem poder falar, ella levantava os braços fóra da agua e, com os dedos indicador e médio a se abrirem e fecharem, fazia o movimento das tezouras!...

Narram mais que uma esposa, zangada com seu companheiro, disse-lhe que elle era um piolhento. O esposo ficou enfurecido, deu-lhe umas pancadas, gritando-lhe que retirasse a expressão injuriosa. Mas qual! Ella continuava a berrar, apesar da surra, que elle tinha piolhos. Por fim, no cumulo do furor, elle atirou-a num rio ou numa lagôa. E ella, afogando-se, com as mãos fóra da agua fazia gesto de matar piolhos.

Desta segunda fórma ha mesmo uma variante mais nacional. O marido volta do campo coberto de carrapatos, o que é natural. A cara metade assegura que são piolhos. Dahi a teima, a colera sem limites, o afogamento e o gesto final da obstinada.

Difficilmente se poderia encontrar um relato pequeno, que melhor symbolizasse a obstinação cega do sexo feminino, do que qualquer uma dessas singelas narrativas populares. Mas o que nellas se faz mais notavel é justamente o seu caracter de universalidade. Qualquer das duas variantes, quer a do piolho, quer a da tezoura, se encontram em todos os paizes, em todas as linguas e em todos os tempos do mundo. A repetição do pequeno conto symbolico pelas terras mais diversas, nas épocas mais differentes fórma um cyclo universal em derredor da teima feminina, e se não é dos mais importantes, é um dos mais vastos cyclos que conhece o "folk-lore" geral da humanidade.

Abramos em primeiro logar o grande livro de Frederic Mistral "Lis iscio d'or" ("As Ilhas de Ouro"), edição Lemerre, Paris, na pagina 515. Ahi encontraremos o conto "Cacho-Peson", que é uma das nossas historias sertanejas acima, contada á tarde, sob as arvores, pelos camponezes provençaes. Passadas as descripções sem utilidade para o nosso estudo, leiamos lauda 918, em provençal:

"Tout en un coup la moulé, tron-d'n-(gárri,
Crido a soun ome emé d'ine furions:
— Eh! taiso-te, qué siés qu'un peso-(nions!
— Ieu pesonions? lou marit ié resposto,
Digo-lou mai, e te rompe li costo.
— O, pesonions!—E'm'un revés de man
Es engantado, e retourno en bramant:
— Pesonions! — O? ié replico lou pos-(tre,
N'as dounc pas proun, pareis, d'aquel (emplastre...
Té, bado mai! Te sausse dins lou pous.
N'avié pancaro acaba de recebre
L'avertimen, que tourna-mai l'espous
De son verin recebié lon response,
Tant, e bén tant, la femo es pico-lebre!
Mai anas veire: eu, proumt coume (l'uian
A la brasseto arrapado, au traiau,
L'estaco leu en despié dis arpiado
E dins lou pous la devalo, enrabiado.
— Lon diras mai? ié venié lon marit.
— O, pesonious! gulavo l'escamandre,
De iéu o tu, veguen veire, laid mandre,
Veguen un pau quint sara plus marit.—
E dins lon pous la folo devalavo...
— Lon diras mai? — O! s'esgargame-(lavo.
Jusqu'i houtéu, jusqu'is anco, pamens,
Jusqu'au mentoun l'aigo l'enmantelavo,
E lon cat-fér noun quilavo pas mens.
— Lou diras mai? — Pesoniona? — Ben, (té! resto!
E lome, autant coume elo entestardi,
L'enfounso avan-mé d'aigo sus la tes-(to...
Mount fon moussu, quan tron vous a (pas di
Qu'en barboutant la negadisso assoun-(glo
Si man en l'er, e noun poudent bandi
Lon mot fatau, cachavo entre sis oun-(glo!"

A citação deste trecho provençal mostra a exactidão de nossas observações. Traduzamol-o: "De repente, a mulher, que diabo! gritou ao homem, olhos enfuriados: — Cala-te! piolhento! — Eu piolhento! exclama o marido. Repete e quebro-te as costellas! — E esbofeteou-a com as costas da mão. Esbofeteada e furiosa, ella repetiu: — Piolhento! — Sim? gritou elle, achas pouco uma bofetada?... Pois bem, se abrires a boca ainda uma vez, afogo-te no poço! — Apenas acabava de dar-lhe esse aviso, o marido recebia os respingos da sua colera, tanto a mulher é obstinada e desarrazoada! Mas ides vêr: ligeiro como um raio, elle segurou-a pelo meio do corpo, amarrou-a a uma corda, apesar dos arranhões, e desceu-a ao poço. — Repetirás? perguntava. — Sim, piolhento! urrava a endiabrada. Veremos de nós dois, miseravel, quem será peor! — E descia como louca para o poço. — Repetirás? — Sim! uivava ella. — Até os joelhos, até os quadris e por fim até o queixo a agua a molhava. — Repetirás? — E o demonio não cessava de replicar: — Piolhento! — Pois bem, fica ahi! — E o homem, tão obstinado quanto ella, deixou-a mergulhar. A agua cobriu-lhe a cabeça... Mas, meu bom senhor, acreditarieis, em nome de Deus que, esperneando na agua, a desgraçada, não podendo bradar a palavra fatal, reunia as mãos no ar e fazia o gesto de matar piolhos com as unhas!?"

Eis ahi o conto sertanejo, na sua primeira versão, recolhido pelo grande Mistral dos labios dos camponezes da Provença. Procuremol-o em outras regiões da França. Encontramol-o, vestindo as mesmas roupagens, na Gasconha, guardado por Bladé nos seus "Contes Populaires de la Gascogne"; no Agenais, recolhido tambem pelo mesmo Bladé, e tambem na Argonne.

E fóra de França onde o veremos mais?

Em Portugal, de onde migrou para o Brasil. Na Allemanha, contado por Hebel. Mesmo na Turquia: lá está elle nas "Fables turques", de Decourdemanche.

Podemos vêl-o ainda em outras regiões, em outros idiomas e em outras épocas. Joseph Bédier, o maior discipulo de Gaston Paris, no seu admiravel livro "Les Fabliaux", editado em 1911 por Honoré Champion, em Paris, nos affirma que ha mais de seis seculos já elle era conhecido, pois consta, em 1260, das obras do dominicano Etienne de Bourbon e serviu varias vezes de exemplo ou de parabola nos sermões desse frade mendicante. Etienne de Bourbon, está averiguado, já o tomára por emprestimo a mestre Jacques de Vitry, arcebispo de S. João d'Acre, dando delle as duas versões que correspondem ás duas variantes do nosso sertão. O nosso sertanejo conta a historia do piolho e a da tesoura para cortar queijo. O clerigo medieval nos relata o conto do Piolhento, semelhante ao de Mistral, e o do Campo-foiçado do "Pré-Tondu".

Eis a ultima: "Um marido, passeiando ao longo dum campo com sua mulher, disse-lhe: — Olha como este campo foi bem foiçado. Ella replicou: — Não! Elle foi aparado com uma tezoura! Teimaram e, como ella não quiz ceder, apesar duma surra, o marido cortou-lhe a lingua. Não podendo mais falar, a mulhersinha imitava com os dedos o movimento da tezoura!" Não se póde deixar de reconhecer ahi a nossa segunda variante do queijo.

Joseph Bédier aventa a idéa de ter Jacques de Vitry, que esteve nas Cruzadas e recebeu o titulo de arcebispo da Ptolemaide, trazido essas duas versões do Oriente, embora essa ultima, a da tezoura, conste dum texto anglo-saxonico anterior á primeira Cruzada.

A variante da tezoura foi tambem contada, em 1180, nos versos de Maria de França e mais ou menos na mesma época. Numa collecção de fabulas mediévas, intitulada "Romulus", citada por Bedier, e por Hervieux no livro "Les fabulistes latins", a tal variante se acha. Keller nol-a conta no seu "Erzahlungen aus alt. Hss.", como ella era narrada antigamente pelos camponios hessenses, em verso. Pauli nos offerece uma narrativa identica em prosa, no "Schinpf und Ernst".

Essa versão da tezoura é a que produziu maior numero de variantes pelo mundo em fóra, devidas ao espirito de cada povo por onde o conto tem tránsitado ou á inspiração momentanea de cada narrador. Ora, é a mulher que chamou o marido "cortador de bolsa", no sentido de "conpeur de bourse" francez, que recusa retirar a injuria e vae parar nagua, fazendo ao afogar-se o movimento da tesoura. Ora, é a mulher que falou em cornos e dentro d'agua os fez com os dedos sobre a cabeça que já vae desapparecendo. Ora, é a discussão por causa dum passaro que o casal vae comer: o marido acha que é "merle", a mulher teima que é "merlette"; e isto passa até na lingua franceza a uma phrase proverbial. E, desta sorte, a "boufonado" cantada em versos provençaes por Mistral viaja pelo mundo inteiro e pelos seculos em fóra.

Ella está nos contadores francezes e italianos do seculo XVII e do seculo XVIII, no "Chasse Ennuy", de Louis Garon, impresso em Paris em 1681, nas tradições populares européas de todos os tempos.

Essa pequena historia fórma, assim, um cyclo interessante e vastissimo, porque as suas variantes catalogadas por Ristelhuber e Liebrecht sobem a centenas, talvez a milhares.

Resta agora, depois de verificada a singular força de persistencia e de diffusão de tão pequeno conto popular, explicar a sua presença entre povos os mais diversos e nos tempos mais afastados, achar a sua verdadeira origem, encontrar a sua fórma original. Isto infelizmente é impossivel. Nem a Theoria Aryana, nem a Theoria Anthropologica, nem a Theoria das Coincidencias Accidentaes, nem por ultimo a Theoria Orientalista deram até hoje aos "folk-loristas", que tanto se esforçam em reunir todas as versões populares das mais humildes manifestações do pensamento humano, a chave do enigma da sua fonte de nascença.

**João do NORTE.**

## Falta de tradições

O nosso povo é fundamentalmente avesso a guardar tradições. Não ficou na maneira de vestir, por exemplo, dos nossos homens do interior uma unica coisa do que usavam os nossos avós, quer no tempo da Colonia, quer nas épocas posteriores. E as raras pequenas tradições populares que nos restam estão assim mesmo nos rudes e infelizes sertões do Nordeste, onde por culpa dos governos a civilisação dos jesuitas ficou estagnada.

Entretanto, esse traço peculiar ao Brasil da falta de amor pelo passado não é commum aos outros paizes do continente Sul-Americano.

Tenho deante dos olhos uma prova em sentido contrario. E' uma photographia feita no Perú da fonte denominada Banho do Inca, em Ollantaytambo. Nella vejo um peruano do povo vestido de casaca e collete cheios de botões de metal que imitam as roupas dos hespanhoes no seculo XVIII. Em toda a parte o camponez é tradicionalista, menos no Brasil — paiz paradoxal, ás vezes até incomprehensivel, na sua falta de logica.

## Os dois tacões

Conta Swift nas «Viagens de Gulliver» que, em Liliput os partidos politicos não tinham idéas, o que aliás é commum em qualquer parte, distinguindo-se uns dos outros pelo tamanho dos saltos dos sapatos. Um era afamado pela altura exaggerada dos tacões com que seus membros andavam; outro, por não usarem os seus filiados salto de especie alguma. E o rei do paiz dos anões, querendo contentar ambas essas grandes correntes politicas, usava um salto baixo e outro alto, o que o fazia coxear continuamente.

Ora, no nosso ineffavel paiz, as idéas mães dos partidos politicos se medem pelo tamanho dos tacões dos seus partidarios. Apezar disso, aqui é peor do que em Liliput, porque lá sómente o rei coxeava e *nestes Brasis* eu, que leio jornaes e converso com os paredros, tenho, quando paro na Avenida, mostruario de *caras* e *caretas*, a impressão horrivel de que todos os deputados, todos os senadores e todos os ministros coxêam...

"Fon Fon" 21 Mai 1921

## Os aspargos de Fontenelle

Fui outro dia jantar com um amigo a um restaurante da moda e, quando nos serviram aspargos ao *sauce mousseline*, elle contou-me esta interessante anecdota de Fontenelle:

O conhecidissimo escriptor francez recebia todos os domingos, para almoçar, um de seus intimos amigos. E ambos discutiam muito, á hora de comerem os aspargos, porque Fontenelle gostava delles com azeite e vinagre, e o outro, com môlho. Emfim, para não discutir mais, combinaram que o cosinheiro lhes serviria os preciosos vegetaes metade duma maneira, metade de outra. Ora, aconteceu que um domingo, ao saborear o ultimo prato do almoço antes dos aspargos, o amigo do escriptor, cahio fulminado por uma apoplexia. Fontenelle baixou-se, tomou-lhe o pulso, verificou que estava mesmo morto e, chegando á porta da copa, gritou para o creado:

— Sirva todos os aspargos com azeite e vinagre!

Ri-me do espirito gaulez da historia e accrescentei para o meu amigo:

— Felizmento ambos gostamos delles com *mousseline* e, mesmo se eu morresse, poupar-te ia o trabalho de dar ordens ao creado...

## Num baile...

A' mesa do *buffet* em que nos sentaramos os quatro, dois cavalheiros e duas damas, olhando os pares balanceando voluptuosamente ao som da orchestra, o creado servia o champagne. E nós conversavamos de infidelidades conjugaes.

Um dos dois cavalheiros, medico eminente, falou do caso dum seu conhecido que, chegando em casa, de manhã cêdo, no carnaval, affirmára á mulher furiosa ter ido fazer uma operação urgente, embora estivesse ainda de Pierrot, e ella acreditára...

Aproveitando um descuido das damas, o outro baixou a voz e narrou o seguinte:

— Uma vez cheguei em casa ás seis da manhã. Ao tirar a primeira botina, minha mulher acordou e perguntou-me: «que é isto? Já vaes sahir tão cedo?» Respondi com a maior presença de espirito, tornando a calçar a botina: «é o diabo, filha! Morreu o Januario e tenho de ir ao enterro delle ás sete horas. Pobre Januario!» Ella repetio, bocejando: «Pobre Januario!» E tornou a pegar no somno. Tive de sahir e fui dormir até á hora do almoço num quarto do Hotel Avenida.

## Architectura colonial

Dos paizes da America que tiveram verdadeira architectura colonial o principal foi, em verdade, o Perú, onde a arte de construir adquirio maior vigor e sobretudo maior originalidade. Esta veio em primeiro logar da feliz combinação que os architectos jesuitas do tempo do vice-reinado do Perú fizeram do estylo barrôco com a ornamentação sumptuosa e interessantissima dos antigos paços Incas, cujas ruinas ainda hoje maravilham os viajantes.

Com effeito, os ornatos que se vêm nos muros derruidos dos terraplenos e do paço de Chan Chan, perto de Trujillo, nas ruinas magestosas de Ollantaytambo e de Cuzco, fôram reproduzidos nas fachadas classicas das construcções jesuiticas. Elles lá estão no convento de San Agustin, em Lima, na Igreja da Companhia, em Arequipa, e no maravilhoso claustro dominicano do celebre convento da Merced. Assim, a arte não deixou morrer a lembrança da civilisação incaica.

27 "Correio Paulistano" - 19 - Maio - 1921

# O RUBAIYAT

## I

Em toda a Europa, de certo tempo a esta parte a mania de lêr os poetas orientaes augmenta dia a dia. E, desde o Saadi das rosas de Teheran ao Rabindanath das tristezas buddhicas, todos os persas, arabes ou indus que tenham escripto os "Tapetes de Jasmins" ou os Jardins das "Caricias" desfilam triumphalmente pela imaginação cançada do Occidente. E' que ha nelles, sob formas novas, velhas idéas orientaes philosophicas profundas, que se conservaram vivas na vida contemplativa do Oriente e que desappareceram no materialismo da civilização occidental, de maneira que apparecem á gente desta ultima com um encanto admiravel.

A profundez dessa philosophia oriental das cousas e da vida em si, do destino e do amor, está toda ella condensada no celebre poema de Omar Khayyam, o Rubiyat, que tem sido traduzido em varias linguas. Melhor do que qualquer commentario meu será, para os leitores, a leitura do proprio poema. Elle foi trasladado para o inglez por Edward Fitzgerald. Tenho a edição dessa versão, deliciosamente illustrada pelo original Ronald Balfour, a côres, publicada em Londres por Costable and Company Limited. Em francez traduziu-o em 1910 Robert Delpench, dando ao "Studio", da livraria Ollendorf, de Paris, occasião de publicar uma linda edição maravilhosamente illustrada a côres, limitada a 250 exemplares numerados. Na qual felizmente possuo o n. 173.

Ajudado pelos dois textos, o francez e o inglez, mais pelo primeiro do que pelo segundo, procurarei dar aos que lêem o "Correio Paulistano" uma despretenciosa traducção portugueza do grande poema philosophico oriental. Que agora se abram os labios do poeta para dizer cousas profundas:

I — Levanta-te! A Manhã acaba de lançar na Taça da Noite a pedra que faz fugir as Estrellas e já o Caçador do Oriente envolveu numa Teia de Luz a Torre do Sultão.

II — Mergulhado num Sonho, quando a Mão Esquerda da Aurora estava no Céo, ouvi na Taverna uma voz gritar: "Acordem, meus pequenos, e encham a Taça antes que o Licor da Vida seja nella exgottado".

III — E, quando o Gallo cantou, os que estavam deante da Taverna gritaram: "Abri-lhes a porta! Bem sabeis quão pouco tempo temos para ficar e uma vez partindo nunca mais voltaremos."

IV — Agora que o Novo Anno faz reviver antigos Desejos, a Alma penitativa se retira na Solidão, onde a Branca Mão de Moysés se extende para o Ramo e do seio da Terra Jesus suspira.

V — Iram, na verdade, partiu, com toda a sua Rosa e a Taça dos Sete Aneis de Jamshyd, para logares que ninguem conhece: mas a Vinha continua a dar o seu Rubi de outróra e um Jardim exhala sempre o seu perfume perto das Aguas.

VI — E os labios de David estão fechados: porém, com sua voz que divinamente suspira o Pehlvi, o Rouxinol brada á Rosa: "Vinho! Vinho! Vinho **vermelho!**" para que a sua tez amarellecida se cubra de encarnado.

VII — Vem, enche a Taça e attira ao Fogo da Primavera a Roupagem invernal do Arrependimento: o Passaro do Tempo não tem muito tempo para voar — e já levantou o Vôo.

VIII — E vês — mil flôres despertaram com o dia — mil transformaram-se em poeira: e este primeiro mez de Estio que trouxe a Rosa levará comsigo Jamshyd e Kaikobad.

IX — Mas vem com o velho Khayyam e deixa no olvido o Destino de Kaikobad e de Kaikhosru: não te inquietes se Rustum fica por querer ao pé delle ou se Hatim Tai te chama para cear.

X — Vem commigo ao Prado que separa dos Campos o Deserto, lá onde mal se conhecem os nomes de Escravo ou de Sultão, e lamenta a sorte do Sultão Mahmud no seu Throno.

XI — Aqui, sob a Folhagem, com um Pão, um Frasco de Vinho, um Livro de Versos — e tu cantando ao meu lado na Solidão: e a Solidão seria um Paraiso.

XII — "Como é doce reinar sobre os Mortaes!" pensam alguns; outros pensam: "Como abençoamos o Paraiso futuro!" Ah! toma o teu Dinheiro e abandona o Resto: oh! como é bello um som de Tambor que vem de longe!

XIII — Olha a Rosa que rescende ao pé de nós: "Vêde, diz ella, como riado embalsamo o Mundo: desato logo o Nó de seda da minha Bolsa e espalho o meu Thesouro pelo Jardim".

XIV — Os Homens poêm seu Coração sobre a Esperança deste Mundo: ella se muda em Cinzas, ou então se realiza e logo, como a Neve que cobre a empoeirada superficie do Deserto brilha uma pequena hora ou duas, desapparece.

XV — E aquelles que poupam o Grão de Ouro, e os que o lançam aos Ventos, como Chuva, todos se tornam em Terra sem Métal precioso que, após sua morte, ninguem mais resolve.

XVI — Pensa quantos Sultões, neste Caravanserail arruinado, cujas portas são os Dias e as Noites que se alternam, param com o seu cortejo uma Hora ou duas, para, depois, proseguirem o seu Caminho

XVII — Dizem que o Leão e o Lagarto occupam os Palacios onde Jamshyd resplandeceu e bebeu longamente: e o que o fumento servagem calca o Solo sobre a Cabeça de Bahram, o Grande Caçador, emquanto elle dorme o seu somno profundo.

XVIII — A's vezes penso que jamais Rosa bem vermelha exhalou seu Perfume sinão onde se enterrou algum basar ensanguentado; que cada Jacyntho que floresce no Jardim ali cahiu de qualquer amoravel Cabeça.

XIX — E esta Herva deliciosa cuja tenra verdura franja com o seu Buço o Labio do Rio sobre o qual nos debruçamos! Encosta nella levemente! porque quem sabe de que Labio antes encantador secretamente brotou!

XX — Ah! minha Bem amada enche a Taça em que se afogam os Pesares do Passado e os Temores do Futuro que ensombram o dia de Hoje! Amanhã? Pois bem, Amanhã eu talvez esteja com os Sete Mil Annos de Hontem.

XXI — Vês! alguns dos mais amados, mais amaveis e melhores fructos que produziram o Tempo e o Destino beberam na sua Taça uma vez ou duas antes, e um por um silenciosamente deslizaram para o Repouso.

XXII — E nós que agora nos divertimos na Sala que elles deixaram e que o Verão orna com uma Floração nova, nós mesmos teremos que descer para debaixo duma Camada de Terra e fazermos de nós mesmos um Leito — para quem?

XXIII — Ah! aproveita do melhor modo o que ainda pudermos passar, antes de voltar tambem á Poeira: arrastar Poeira na Poeira e sob a Poeira, sem Vinho, sem Canção, sem Cantor e sem Fim!

XXIV — Tanto para quem se prepara para Hoje quanto para quem pensa no Amanhã, um Muezzin do alto da Torre das Trevas grita: "Insensatos! vossa Recompensa não é aqui nem ali!"

XXV — Sim, todos os Santos e os Sabios que tão sabiamente discutiram sobre os Dois Mundos sumiram-se como vãos Prophetas: suas Palavras foram espalhadas pelo Vento da Zombaria e a Poeira tapou ás suas Boccas.

XXVI — Oh! vem com o velho Khayyam e deixa o Sabio falar: só ha uma cousa certa — a Vida que foge: só isto é certo e o resto é Mentira: a Flor que uma vez exhalou o

29

seu Perfume morre para todo o sempre.

XXVII — Eu mesmo, na minha Mocidade, frequentei assiduamente os Doutores e os Santos, e ouvi sobre isto e sobre aquillo grandes Argumentos: mas sempre sahi pela mesma Porta por onde entrei.

XXVIII — Com elles semeei o Grão da Sabedoria e minha propria mão trabalhou para que elle germinasse: eis tudo o que colhi: "Vim como a Agua e como o Vento irei embora."

XXIX — Vim para este Universo sem saber por que nem de onde, como a Agua que corre independente de sua vontade: e irei deste Universo como o Vento que, no Deserto, sopra tambem independente de sua vontade, não sei para onde.

XXX — Como, sem que pedisse, me atiraram ahi, de onde?! e, sem que eu tambem pedisse, me lançaram acolá?! Ainda uma Taça e ainda outra para afogar a recordação dessa Extravagancia!

XXXI — Do Centro da Terra elevei-me pela Setima Porta e sentei-me no Throno de Saturno; no Caminho decifrei muitos Enigmas: mas não os da Morte e do Destino dos homens.

XXXII — Havia uma Porta na qual não achei Chave: havia um véo através do qual não pude vêr: pareceu-me algum tempo que falavam de Mim e de Ti — depois que não falavam mais nem de Mim nem de Ti.

XXXIII — Então, bradei para os Céos que rólam e perguntei-lhes: "Que Lampada tem o Destino para guiar as pequenas Crianças que esperneiam nas Trevas?" — "Uma Razão cega!" responderam os Céos.

XXXIV — Então, approximei dos meus Labios a Taça de barro, para conhecer a Fonte secreta da Vida: e Labio a Labio ella murmurou: "Bebe, emquanto vives! Porque, depois de morto, tu nunca mais voltarás."

XXXV — Creio que o Vaso que me respondeu com a sua Voz fugitiva foi outróra um Ente vivo e que vivia alegremente: quantos beijos recebeu e deu o seu Labio frio que beijei!

XXXVI — Porque na Praça do Mercado, num Dia sombrio, observei o Oleiro modelando a Argilla humida: com a sua lingua pastosa ella murmurava: "Docemente, Irmão, docemente, peço-te!"

(Continu'a)

**João do NORTE**

## *A civilisação pré-incaica*

**Depois de longamente termos especulado, uma noite destas, sobre as hypotheses dos perdidos continentes da Lemuria e da Atlantida, eu e Claudio França falamos da civilisação antiga do Perú. E Claudio me disse:**

**— O que profundamente me chama a attenção no mysterioso passado do grande paiz do Pacifico, mais ainda do que a propria cultura do tempo dos Incas, é a civilisação que alli existio antes desses. Como deves saber, muitos seculos antes que os Incas tivessem estabelecido o seu maravilhoso imperio, o Perú foi morada duma raça poderosa, cujo dominio se estendeu mesmo a grande parte da America. As testemunhas veneraveis dessa época são as estupendas ruinas de templos, nas quaes se acham valiosos e perfeitos objectos de arte. Entre ellas, as de Pachacamac, que espantam o visitante como os monumentos do Egypto. Mas nada ainda se póde affirmar das origens dessa civilisação antiquissima. A America guarda no seu seio um segredo formidavel, que, desvendado, talvez desse aos homens a solução dos mais remotos problemas de historia e de archeológia. Mas quem o descobrirá?**

## *O umbigo*

**Quando Clemenceau voltou da sua longa, interessante viagem ao Oriente, onde, na India e na China, os Budhas de pernas encruzadas olham eternamente para o seu ventre de pedra ou de páu, um jornalista francez foi entrevistal-o e perguntou lhe o que ia agora fazer o Tigre, o grande Tombeur de Ministères, o homem cuja energia formidavel dominou os conselhos dos Alliados e a Conferencia da Paz.**

**Clemenceau respondeu lhe com enfado: — Meu amigo, venho dos paizes onde os deuses, cançados e desilludidos de agir, olham a seculos para o umbigo. E é tempo já que eu tambem vá olhar para o meu...**

**Presentemente, varios dos nossos politicos e dos mais barulhentos fôram por fas ou por nefas postos fóra do Parlamento. Não seria o caso, aproveitando a ironica resposta de Clemenceau, de aconselhal-os a irem definitivamente, afim de nos deixarem descançados, olhar para os respectivos umbigos?...**

## *Architectura nacional*

**Andam pelos jornaes alguns *entendidos* a discutir se ha ou não, se não deve ou deve haver architectura colonial entre nós. O estylo que nos legaram os colonisadores foi o da decadencia da renascença européa, o barrôco meridional, chato e triste, e não espiritualisado como o de certas construcções de França ou de varios edíficios de Praga. Esse estylo não é bello e não é nosso. Para que tivessemos de verdade uma architectura colonial digna de ser representativa da nossa nacionalidade, seria preciso que nesse barrôco fundamental, basico, qualquer coisa de profundamente nosso houvesse penetrado, influenciando-lhe senão a alma, pelo menos a forma. Mas isto não se deu. Os ornatos primitivos dos indios, a folhagem dos vegetaes, as formas dos animaes não entraram nessa architectura. Não houve, portanto, o movimento artistico que existio no Perú, por exemplo, onde a archilectura dos Incas se fundio no barrôco. Por isso o que nos resta em edificios do tempo da colonia póde ser colonial, mas nunca nacional.**

"Fon-Fon"
28
Maio
1924

30

"O Norte" - 19 - Mai - 1921

# Da "Casa de Maribondos"

## João do Norte e o seu livro

O ultimo trabalho de João do Norte, editado pela empreza Monteiro Lobato com aquella feição quadrangular, muito do gosto artistico do famoso auctor dos «Urupés», não será, como o suppõem muitos, uma nota divergente, um tom faceto de originalidade e ironia na obra apreciavel do investigador curioso dos «Heroes e Bandidos» e do estylista apaixonado e revolto da «Terra do Sol».

Muito ao contrario da affirmação quasi unanime dos criticos do presente volume de João do Norte, sou dos que pensam que nada mais lhe integra e harmonisa a feição da obra, que essa «Casa de Maribondos», com as suas ferroadas de humorismo pittoresco da provincia, um tanto solerte e intrigante, e por isso mesmo curioso como nota reveladora de um aspecto verdadeiro.

Em verdade, Gustavo Barroso se differencia grandemente do João do Norte.

E essa antinomia, que escapou á observação da maior parte dos commentadores dos seus livros, elle proprio timbra em definir, assignalando os seus trabalhos sob duas formas diversas, cada qual com uma rubrica, segundo o assumpto versado.

A synthese, (essencia, fundamento, base, primordio) de sua personalidade litteraria, quem n'a trouxe para o mundo das nossas poucas lettras sinceramente regionaes, foi esse João do Norte, impressionista, revelador carinhoso das bellezas e contradicções dos nossos quadros naturaes, psychologo causticante, que não mudou, nem deve mudar.

O apanagio da sua obra, o circulo de profundo interesse e largo affecto que desfructa o autor da «Casa de Maribondos», elle mesmo deve sentir serem ambos emanados da feição eminentemente sympathica com que surgiu a sua mocidade nas lettras, trazendo, ao em vez das colorações debatidas e já sufficientemente tratadas dos mundos estrangeiros, o colorido fixo e quasi desconhecido da belleza nacional, cambiantes que ficaram jorrando perpetuamente da fonte luminosa da «Terra do Sol».

Essa feição mais se lhe resalta, maior brilho, sem duvida, empresta á individualidade do João do Norte, que a outra, do agrado de Gustavo Barroso.

São duas entidades litterarias differentes, que variam conforme o nome e autonomasia.

A primeira, seja-me dado affirmar, é indiscutivelmente superior á segunda; tem a vida, a realidade prodiga da Natureza, em sua larga plenitude; é o mundo dos aspectos e dos confrontos, das maravilhas dos seres, a visualidade ampla que abrange horizontes, e se distende, e se alarga, á medida que vão surgindo os motivos de sua expansão; move-se num ambito sem proporções, e póde conter tudo o que assombra os olhos.

Divergindo dessa, a segunda, que não mais pertence a João do Norte, tem os seus limites fixados, e não se pode mover com aquelles arroubos atrevidos, cerceada pelas imposições, a que obedece.

Essa, a dualidade que se me apresenta na feição litteraria deste escriptor victorioso, que parece haver completado na vida a serie de ambições deliciosamente puras, realizando com tacto e habilidade o typo do homem relativamente feliz.

Poeta, prosador, critico de arte, contista, revelador de aspectos, historiographo, chronista, elegante, homem de sociedade, rico, bonito, sem preconceitos, desataviado, e, sobretudo, bom, é elle dos poucos homens que parece ter reali-

zado na relatividade, o ideal mais completo da especie humana.

Nem lhe falta a mocidade, que anima, nem a actividade, que alenta.

João do Norte é, porém, e nem podia deixar de ser, o symbolo, o factor do exito litterario de uma obra.

«Terra do Sol», «Heróes e Bandidos», «Praias e Varzeas», os livros mais vivos da sua collectanea de auctor, constituem, por certo, o pedestal da sua personalidade, cujo relevo está mais no descrever atrevido de uma civilização que principia, intensificando e animando as ultimas expressões da indolencia indigena e da cruel barbaridade primitiva, do que, por exemplo, no bysantinismo, no cosmopolitismo da «A Ronda dos Seculos», allegoria bella das epocas humanas visionadas sob o presente, toda ella porém, sem outra projecção que a de memoria historica phantasiada, sem outro interesse que o de um esforço bem succedido.

Ademais, é preciso vêr que na trilogia dos livros acima citados, se desenrolam capitulos da historia de uma nacionalidade, se firmam quadros, esboços se desenham em que é flagrante a vida, no decorrer de todo o impressionismo forte que a retrata.

«Casa de Maribondos», longe de se considerar como um tomo á parte na obra litteraria de João do Norte, é justamente um complemento dessa obra, semelhando, no seu desenvolvimento accentuado, ao «folk-lore», taes os imprevistos de expressão que se observam.

Não é livro de ironia; este sentimento refinado das elites, aliás profundamente invertido e falsamente considerado em nosso meio, não se ajustaria de certo, a esses themas miudos, a essas observações caricatas que reflecte o livro de João do Norte.

E' um tomo do pittoresco, que deleita uma serie de commentarios de um paladar extravagante e sincero, natural e um tanto ou quanto ingenuo, algumas vezes, e outras com o seu quinhão de perversidade.

Scenas bem retratadas, sem artificio, ou antes, com o artificio necessario para bem descrevel-as.

O titulo, admiravelmente escolhido, se harmoniza com o que encerra; ferroadas despedidas pela inconveniencia dos maribondos atrevidos, que não ousam respeitar nem mesmo a gravidade de certas figuras, profundamente respeitaveis naquelle ambiente que deve ser de um temor ao redor do catonismo provinciano, por signal muito mexeriqueiro e intrigante.

O merito principal é reflectir ante nós o quadro pinturesco que existe sem que muita gente o conheça.

A maior parte do publico leitor sabe das maneiras interessantes dos aldeãos de outras terras, se interessa vivamente pela fama dos villarejos, colhido nas leituras, e desconhece, todavia, esses fragmentos communs aos habitos da nossa gente rude, unicamente porque não ha onde bebel-os, e só agora, com uma nitida comprehensão das cousas nacionaes, se vae formando uma historia nossa, uma litteratura inspirada em motivos universaes mas com o fundamento nosso, começada, aliás, pela geração brilhante daquelles precursores que iniciaram depois do romantismo doce e lendario de Alencar as suas conquistas litterarias no solo nativo, e depois logo esquecidas.

Em synthese, uma impressão ligeira e boa nos deixa o livro derradeiro de João do Norte, impressão leve e deliciosa, que vale mais pela sua graça natural do que muita artificialidade improductiva.

Rio - Maio - 921.

*OSWALDO ORICO.*

11 Fon-Fon 28 Maio 1921

**Coisa de Americanos...** O nosso compatriota José de Andrada Ollivier manda nos de Nova York esta curiosissima noticia publicada pelo «New York Times» de 14 de Abril ultimo:

«Pittsburg, 13 de Abril. Alguns engenheiros estão fazendo aqui a remoção duma casa commercial de cito andares, construida de aço e tijolo, na parte baixa da cidade, dum logar para outro. A distancia que a casa a ser mudada inteirinha tem de percorrer é de 40 pés (12 metros mais ou menos)! Os trabalhos dessa interessante remoção fôram iniciados hontem e, antes de terminar o dia, tanto os alicerees como a calçada que rodeia o edificio e este, que pesa quatro mil toneladas! já se encontravam a 8 pés (2 metros e meio) do ponto primitivo em que fôram construidos. Emquanto se procediam a esses trabalhos todo o serviço commercial do predio em questão continuava como dantes e será mantido sempre durante a remoção. Mobilias e mercadorias continuam lá dentro e os empregados não abandonaram as suas carteiras de trabalho.

A referida mudança d[illegible]l do pr[illegible] tornou-se necessaria devido ao [illegible] da Segunda Avenida, que formará parte da nova Grande Avenida dos Alliados».

Coisa de Americanos!...

# O HOMEM QUE DESCOBRIO O MYSTERIO DA VIDA

Uma destas noites, eu vinha duma visita em suburbio distante e ia recolher-me á casa pelo bonde de uma hora da madrugada, quando um sujeito magro e triste, que durante a viagem do trem não tirara os olhos de minha attitude pensativa e me seguira sem que o notasse. dirigiu-me a palavra sob as arvores do largo da Carioca:

— Cavalheiro, faz favor?

Parei sem surpreza. O desconhecido vestia mal e tinha aspecto de miseria. Vinha certamente pedir-me algum dinheiro. De mão mergulhada no bolso, perguntei-lhe:

— Que deseja?

— Se não fôra o receio de aborrecêl-o, pedir lhe-ia, apezar de não saber quem sou, viesse tomar um café commigo, alli á esquina, e conversar alguns minutos. Tenho coisas importantes a dizer-lhe. Posso merecer o obsequio?

A attitude do individuo era tão simples e amavel que me deixei levar pelo gosto da aventura e acompanhei-o até o café proximo, onde nos sentamos a uma pequena mesa, numa sala deserta do fundo. Depois dos primeiros goles de café, indaguei:

— Que quer o senhor de mim?

O extranho personagem pousou a sua chicara no pires, com lentidão, e, fitando nos meus os seus olhos miúdos, negros e penetrantes, falou:

— Cavalheiro, eu sou Fulano de Tal e me dedico a profundos estudos theosophicos e esotericos.

— Ah! exclamei, prevendo uma maçada dessas de quem se mette certas idéas na cabeça e quer enfial-as na cabeça dos que cáem na asneira de ouvil-os.

O individuo ouvio o meu ah! sem commental-o e proseguio:

— Notei no trem que pensava muito, olhando a noite escura, que pensava não em questões terrenas, communs, da vida banal, e sim em questões profundas, vitaes, philosophicas.
isso na sua attitude, no vinco que se lhe cavava profundameete na fronte.

— Ah! exclamei. E o meu interlocutor sentio que esta exclamação era de interesse e de espanto, porque elle acertára, porque com effeito eu pensava no que elle dizia, eu recapitulava no meu espirito os systemas de idéas que desde a mais alta antiguidade procuram explicar a vida, nada explicando. Eu recapitulava tudo isso, dolorosamente, no intimo da alma sem crença e sem fé, buscando o refugio do «não pensar» deante do infinito mysterio das coisas. Disse, francamente:

— E' verdade o que diz.

Elle proseguio:

— Vi que pensava, que meditava e, como tenho estudado muito, quiz aconselhal-o, para sua felicidade, para a ventura do seu futuro, pois ainda é moço, que procure não pensar, que procure saber da philosophia das coisas, da alma das religiões e do segredo dos deuses o menos possivel. Porque os que sabem e os que pensam nunca serão nada e os que ignoram e gozam materialmente a vida são tudo, serão sempre tudo. Não ha necessidade de concretizar factos nem de citar exemplos. A espiritualidade dóe muito nos outros homens para que elles consintam em não odiar os que se espiritualisam e ella custa a estes muitos soffrimentos, o peor dos quaes é vêrem-se incomprehendidos.

Fiquei em silencio, com o charuto e um phosphoro para accendêl-o esquecidos nas mãos, ouvindo o mysterioso sujeito.

— Não pense, não saiba, insistio elle. Quanto mais se sabe, menos se é aos seus proprios olhos e mais perto se vae da maior decepção da vida, que é saber o seu proprio segredo.

— Como assim? interrompi.

— Eu lhe conto. Um sabio theosophista, meu amigo, tanto estudou, embrenhando-se na floresta das velhas theosophias e das maravilhosas sciencias occultas, que um dia descobrio no seu laboratorio o proprio mysterio da Vida. E a decepção que teve foi tão forte que quasi perdeu a razão. Elle cuidava que esse mysterio fosse uma coisa formidavel, terrivel, fulminante, esplendorosa, [illegible] imaginav[illegible]has vio que era tão simples, tão tôla, tão banal que o seu juizo quasi não resistio ao choque. Desde então ficou triste e sceptico. Comprehendeu?

Levantei-me para apanhar o meu bonde, o ultimo do horario. O sujeito magro acompanhou-me, repetindo:

— Eu lhe peço: não pense, não estude, não aprenda, não saiba!

Ao pôr o pé no estribo do carro, elle sussurrou-me ao ouvido:

— Sirva-lhe ao menos a minha experiencia propria. Não diga nada a ninguem: fui eu quem descobrio o Mysterio da Vida!

Um toque electrico de campainhas: e o bonde partio. Quando desci na minha rua, lembrei me que ainda não accendêra o charuto. Risquei o phosphoro, soltei no ar frio a primeira baforada e não me pude impedir de monologar a meia voz:

— Que tolice escutar aquelle louco e com interesse! E' verdade que os que têm juizo são muito menos interessantes...

JOÃO DO NORTE

## Os mahadéos

Um amigo meu falou-me ha dias dumas pedras gravadas rudemente, que encontrára á margem dum rio, numa sua fazenda de creação. E explicou-me que as inscripções grosseiras dessas rochas constavam de pequenos buracos cavados como uma taça, rodas com raios, de cruzes e de desenhos semelhantes ao celebre ornato oriental chamado Swastika.

— Acha V. que são reminiscencias dos indios? perguntou.

Respondi lhe que nada a tal respeito se podia affirmar, mas que essas inscripções rudes de cruzes swastikas, rodas e pequenas concavidades os sabios e archeologos têm encontrado no mundo inteiro, desde a Laponia á Australia, desde o Canadá ás ruinas peruanas dos Incas, desde o Egypto á Hotentocia e agora, segundo o que me dizes, desde o mundo antigo aos sertões do Brasil. A todos parece que são reminiscencias de cultos solares. Os francezes chamam-n'as *pierres á cupules* ou *pierres á bassins*, os indús *mahadéos*. Não é de admirar que os tenhamos, se o mesmo mysterio envolve as origens de todos os povos.

## Vozes de anjos

Naquella longa estrada, que o ouro do sol lavava, sob o esplendido céu azul, eu me detive emocionadamente. E' que duma casa situada entre laranjeiras, no alto dum comoro, me chegavam aos ouvidos vozes infantis cantando uma canção patriotica. Era certamente uma escola. Aquella hora matinal deviam estar içando no seu mastro a bandeira do Brasil e as vozes crystallinas que eu ouvia, ingenuas, francas, angelicas, entoavam a saudação escolar ao panno symbolico.

Fiquei longamente sob o sol, escutando o côro infantil e uma dôce effusão me enchia a alma de altos pensamentos de bondade. Eu comprehendi naquelle momento a frase de Christo: *sinite parvulos ad me venire*. E estou certo que uma scentelha divina desceu naquelle instante sobre mim e illuminou me toda, toda a alma, maravilhosamente.

33

"O Jornal" 3 Junho 1924

# UM GESSLER CEARENSE

As seitas e os partidos gostam de se distingiur do commum dos mortaes pelo tamanho das barbas e dos cabellos. Nós sabemos que a cabelleira á nazarena foi em Roma o symbolo dos christãos perseguidos, e os reis pontificaes da Assyria se destacavam do commum dos mortaes pelos canudos frisados da barba. Quando a Revolução Franceza deu em terra com o throno de São Luiz, quem usava rabicho empoado era fidalgo e quem trazia os cabellos longos, á moda do actor Talma, era revolucionario. Os hussares hungaros, mercenarios dos antigos exercitos europeus, possuiam duas tranças, uma de cada lado da fronte. Esse signal de bravura militar veiu até Napoleão, cujos hussares ainda tinham as taes tranças, porém supposta, presas mesmo ás bordas da barretina de pello. Não era novidade o cabello—symbolo de coragem. Já os romanos dividiam a Gallia em duas partes: a Gallia-togada, civ'lizada e colonizada por elles, que usava a toga urbana, e a Gallia-cabelluda, onde fermentavam ainda as rebeldias. E nenhum povo jamais deixou de ter nos cabellos um signo de valentia, de idéas religiosas ou de nacionalismo: o rabicho dos ch'nezes, o longo cabello enrolado dos indús; as barbas dos francos carlovingios, cujo herano era o Carlos Magno dos Gestas, "le roi á la barbe fleurie": as cabelleiras dos francos merovingios, cujos reis eram os reis cabelludos; as madeixas do pelle-vermelha escalpellador; todo o culto do respeito ás barbas e ás cans, que desde gregos e latinos se projectou até hoje na alma dos povos occidentaes.

Pois é dessa velh'ssima superstição dos cabellos que se origina o seguinte habito curioso dos antigos cangaceiros do Nordéste brasileiro, habito hoje quasi perdido. Outr'ora, todo "cabra" valentão, famanaz, briguento, "carregava" como distinctivo uma longa melena sobre a testa, que, fr'sada naturalmente pela mestiçagem, enrolava-se ao alto, formando uma espaventosa trunfa.

Quando o seu possuidor estava de chapéo á cabeça ninguem a via; porém, logo que o tirava ou o derreava para trás, a trunfa imponente apparecia. E ninguem se atrevia a tirar o menor "palluxio para as bandas" de quem andava com o symbolo feroz. Os "cabras" de trunfa do sertão produziam o mesmo terror nas cidades e villas que hoje produzem os jaguncos.

Nos fins do seculo dezoito, elles chegaram mesmo a invadir o littoral. Em Fortaleza, capital do Ceará, ou no Aquiraz, segunda localidade da região, a cada passo se viam sujeitos mal encarados de chapéo derreado para o cocuruto da cabeça, a trunfa, meio desenrolada, provocadoramente esvoaçando.

Nesse tempo, 1782, tomou posse do cargo de capitão-mór do Ceará o tenente-coronel de infantaria portugueza João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury, que veiu mais tarde, em 1808, com o rei don João VI, para o Rio de Janeiro, no alto posto de marechal. Montaury era um sargentão á mane'ra de Junot e de todos os generaes daquella época, e resolvia despoticamente todos os casos que lhe eram submettidos, ao rude discernimento, mesmo os de fóra de sua alçada, usando duma justiça primitivamente rigorosa.

Residiu algum tempo na villa de Aquiraz que ainda naquelle tempo disputava á de Fortaleza o predomi n'o moral da capitania. Mas, tanto ali como na actual capital cearense, implicou com as trunfas dos cangaceiros e fez-lhes uma guerra terrivel.

Sua casa era, em ambos os logares, nas proximidades do mercado. Logo de manhã cedo vinha tomar fresco á janella e, mal via passar um "cabra" de trunfa a balouçar na testa, gritava aos soldados da guarda:

— Péga!

Quatro ou cinco milicianos seguravam o valentão e traz'am-n'o á presença temivel do despota. Um, com um safanão, atirava-lhe o chapéo de couro ou de "casco de péba" ao chão. O cacho caracteristico do cangaceiro fluctuava ao vento. E o capitão-mór ordenava:

— Sargento, corte a trunfa deste desaforado!

O inferior arrancava o amolado chilfarote da bainha e decepava o uttributo capillar do famanaz.

Os soldados, que lhe tinham tomado logo a faca enterçada ou a garrucha, soltavam-n'o. Montaury bradava:

— Vá embora, cabra! E não deixe crescer outra!

Conhecida a manobra, nenhum cabra quiz passar mais pelas immediações da casa do autocrata, amostrando a sua trunfa espaventosa. Como f'casse ao pé da feira e era difficil ir ali por outro caminho, todos os "cacheados" esconciam com o chapéo deante da janella de sua excellencia a gaforinha implicante. E o capitão-mór, dentro de algum tempo notou que os cachos haviam desapparecido. Raramente tinha occasião de mandar decepar a trunfa dum cabra que chegava de fóra e ignorava a sua ogerisa áquelle signal tradicional de bravura sertaneja. Roubavam-lhe o melhor prazer que fruia no seu posto de tyranno colonial duma capitania pobre e distante.

Deu o cavaco com o desapparecimento das trunfas, para que tanto contribuira, porque estava certo que ellas existiam occultas e que o seu uso não fôra extirnado como desejava. Desaforo! andarem cabras de trança, a fingir de gente branca e de valentaços, pelas ruas!

Um dia, um dos seus sargentos informou-o do ardil da cabroeira. Elles passavam deante da casa do governo com a trunfa escondida no chapéo e lá no mercado a exhibiam espalhafatosamente.

Desiavados! O capitão-mór, ao outro dia bem cedo, foi para a sua janella. O primeiro cabra que passou para a feira levou um grito:

— Pare ahi!

O homem estacou, respeitoso.

— Então não tira o chapéo para dar bom dia ou ped'r a benção ao capitão mór tenente-coronel João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury, representante d'El-Rei Nosso Senhor? perguntou a autoridade.

O cearense tremulo, descobriu-se. O cacho esvoaçou sobre a testa banhada pelo sol. O capitão-mór gritou á guarda de milicianos:

— Péga!

E ao sargento:

— Corte-lhe a trunfa!

Desde dia em deante até deixar o governo da capitania e recolher-se a Lisboa,, Montaury obrigou todos os homens que pela manhã se dirigiam ao mercado de Aquiraz ou ao de Fortaleza, conforme estivesse nesta ou naquella villa, a se desbarretarem defronte da janella, quer elle ali estivesse ou não. E o sargento decepava de um golpe de terçado as trunfas cangaceiraes. Assim, é que ellas começaram a desapparecer.

Montaury copiou no Ceará o barrete de Gessler, nutrindo na alma o mesmo odio que os Bourbons de Napoles, depois de restaurados no throno, consagraram áquelles que usavam longas barbas e cabellos compridos como os republ'canos revolucionarios apoiados por Championnet. E quem quer que se apresentasse nas ruas da linda Parthenope, nessas condições capillares passava pelo desgosto de ser levado ao barbe'ro, para a necessaria apara, pela policia.

Peladan, no romance "La Licorne", traçou num pequeno periodo, através da alma burgueza e do exemplo bourbonico, a psychologia da aversão de Moutaury ás trunfas dos desorde'ros e cangaceiros do Norcéste: "En face de l'allure bohéme, le bourgeois éprouve un déplaisir; il se croit bravé par les longs cheveux, comme les Bourbons de Naples estimaient l'être par les longues barbes; et ne pouvant mener le chevelu chez le barbier entre deux gendarmes, comme ces sinistres roitlets menaient le barbu, ils hérissent de malveillance".

Montaury eriçava-se como porco esp'nho, de raiva dos cachos sertanejos. E, se o povo que os usava tivesse alguma instrucção e algumas aspirações, o despotico capitão-mór teria certamente transformado esse signal de fereza pessoal num symbolo maior de reinvindicação collectiva.

**João do NORTE.**

## *Litteratura Colombiana*

**Nós no Brasil nos preoccupamos sempre muito mais com a Europa, sobretudo com a França, do que com a America, onde estamos encravados. Desconhecemos todos os movimentos intellectuaes do Continente. E é preciso fazer esforços para se saber algo do que vae pelos paizes visinhos.**

**Quem de nós, por exemplo, sabe alguma coisa do pensamento e da litteratura colombiana, desse encantador paiz de Nova Granada, onde se fala o castelhano mais puro da America hespanhola e para onde migraram as mais velhas e mais nobres familias de Castella?**

"Fon-Fon" 28 Maio 1921

35

Entretanto, actualmente ha um consideravel movimento litterario nesse illustre paiz, no qual tomam parte representantes de gloriosas tradições mentaes e impulsionadores de novas correntes artisticas. Segundo um estudo de Antonio Restrepo, critico colombiano, ha na litteratura de sua terra os seguintes periodos bem definidos: o da litteratura scientifica, o do romantismo, que deu ao paiz os seus maiores poetas, o de reacção realista, com os seus caracteristicos regionaes e folkloristicos, no qual tomaram parte Miguel Antonio Caro, Cuervo y Ortiz, Soboleda y Caicedo Rozas, Nuñez, Santiago Perez, Becerra y Felipe Zapata, e, finalmente, o do decadentismo, que emprehendeu realisar todas as novidades artisticas.

A poesia colombiana conta com a originalidade potente do poeta Ortiz, o cantor do Milho, de Caro, o traductor de Virgilio e da Estatua do Libertador. No theatro, a Colombia nos dá obras como as «Convulsiones», sainete de observação de costumes, e outros ensaios de Santiago Perez, além das comedias de José Maria Samper. Outros poetas colombianos se enfileiram nas correntes litterarias modernas: Valencia autor do «Canto a Papayan»; Diego Uribe do «Salva»; Grillo, do «El Magdalena»; Florez, Gomez Jaime, Hispano, Rivera e José Asuncion Silva, alma de parisiense.

"Fon-Fon" - 4 - Junho - 1910

# BOA INTENÇÃO

## O velho Felino

Gustavo Barroso, todos o sabem, é eximio palestrador. Pois bem; esse dom, que ninguem aliás lhe nega, é hereditario. Posso affirmal-o, porque sou amigo do seu pae,—o velho Felino, como é conhecido no Ceará.

O velho Felino, realmente, encanta com as suas inexgotaveis anecdotas e com os seus paradoxos. Suficientemente preparado e absolutamente atheo, sempre que encontra occasião trata de expôr as suas theorias e de narrar os seus casos.

A côrte celeste é materia que o velho Felino não esquece. Raro é o dia em que não arranja qualquer novidade succedida entre santos, padres, freiras, etc.

Assim, em Fortaleza, quando eu e uns amigos discutiamos coisas de religião, apareceu-nos, de repente, o velho Felino. Na roda achava-se um carola incuravel, que, com lógica medieval, combatia a sciencia e elogiava a madre-igreja dos papas.

Sentou-se o velho Felino e, pouco a pouco, se foi interessando pela controversia. Não se conteve, afinal, e abrio a válvula do sarcasmo, que, qual um niágara de agua fervente, se derramou por tudo, tudo arrazando, tudo crestando. E, palavra vae, palavra vem, disse-nos que Deus não gostou da conflagração européa... Aborrecido, resolveu dar importante commissão a Jesus.

— Olha, meu filho, vae á Terra e acalma a furia daquelles loucos que se estão a destruir.

Jesus torceu as divinas ventas. De vagarinho, diplomaticamente, cummunicou ao seu pae que lhe era impossivel empreender a viagem.

— Ademais (acrescentou com juizo) a unica vez que visitei esse planeta fui atarraxado numa cruz.

E' claro que Deus não se alegrou, deante desta desobediencia. Franzio a testa, tossio e, repetindo a sua raiva impotente, gasta já noutros momentos como naquelle a que se refere Rafael Barrett, quasi chorou...

Jesus compadeceu se Meditou e lembrou se do Espirito Santo.

— Vem cá, Espirito Santo.

— Que queres?

Jesús explicou-lhe o desejo de Deus e provou que não lhe cabia simelhante aventura, que talvez lhe acarretasse outro Calvario.

— E por esta razão, Espirito Santo, pensei em ti. Satisfaze a Deus.

Até então escutára quieto o Espirito Santo. A esta proposta, entretanto, arregalou os olhos e arrepiou-se. Depois, com repugnancia, disse:

— Mas, Jesus, eu serei alguma besta? Que estás imaginando? Não sabes que daquella vez em que fui á Terra me calumniaram estupidamente? Não sabes que ainda se repete por lá que andei de amores com tua mãe, que sou teu pae?...

E não se estabeleceu a paz, graças á impotencia de um omnipotente, que, apezar de tudo, foi, na visão de Pio X, o autor dos terremotos da Calabria e da Sicilia...

**Sylvio Julio**

***Sol*** — Quando o sol espalha sobre a natureza maravilhosa do Rio de Janeiro a sua riqueza generosa e o céu azul-doirado se arquêa profundo e dôce, eu sinto nalma extranhas alegrias de poeta e de pintor. Se fizesse versos, cantaria essa festa magnifica de luz; se pintasse quadros, pintaria esse esplendor harmonioso e inegualavel das côres. Não sou, infelizmente, nem uma coisa nem outra; porem sinto profundamente o amor a esse sol rebrilhante e nessas occasiões creio em Helios, em Appollo, em Viracocha, em Indra, em Mithra, em todos os deuses que o têm symbolisado pelos seculos em fóra. E ando murmurando os versos quentes do hymno de Rostand recitado por Chantecler:

*« Je t'adore, o Soleil!*
*Tu fais tourner*
*Les tournesols du presbytére,*
*Luire le frère d'or*
*Que j'ai sur le clocher;*
*Et, quand parmi les tilleuls*
*Tu viens avec mystère,*
*Tu fais bouger des ronds d'or*
*Sur la Terre,*
*Si beaux qu'on n'ose plus marcher!*
*Je t'adore, o Soleil!»*

36 "Jornal do Commercio"
Receita
Nº. 22 Maio Setta
30 Maio 1921

"Rio-Jornal" 9 junho 1941

# BIBLIOGRAPHIA

Casa de Maribondos, João do Norte, editores Monteiro Lobato e Cia., São Paulo.

O sr. Gustavo Barroso, conhecido no mundo litterario pelo pseudonymo de João do Norte, é um dos escriptores que, no Brasil, alcançaram pelo valor real, um brilhante relevo.

O seu livro de estréa "Terra de Sol", captou desde logo o agrado do publico, e tal foi o successo que anda já pela 3.ª edição. Vieram, depois, outras producções que não desmereceram o brilho desse livro forte e patriotico. Foram as — "Praias e Varzeas", contos do littoral do sertão, "Herois e Bandidos", sobre os cangaceiros do Nordeste, "A Ronda dos seculos" e outros.

Apparece agora a "Casa de Maribondos". O autor, nesse volume, aborda o conto humoristico, em historietas ligeiras, todas ellas, effectivamente, de accentuado chiste.

O genero não dá margem aos esmeros de linguagem, uma das qualidades primaciaes no jornalista que tem dado no "For Fon", e nos dará brevemente em volume de leves e scintillantes chronicas da "Vida e alma de Claudio França". Mas, de vez em vez, através da narrativa summaria, encontra-se um trecho que recorda o estylista nos seus vigorosos surtos descriptivos.

Destaca-se na "Casa de Maribondos", outro merito que não deve ser esquecido: não ha as licenciosidades tão communs nos chronistas que buscam fazer espirito. Ha instantaneos de costumes e typos, para os quaes não foi preciso a incontinencia de linguagem, a fim de despertarem o riso.

Muitas das anedoctas têm o sabor da verosimilhança, algumas são adaptações de historietas populares, e outras imaginadas com felicidade.

Foi uma feliz idéa a dos editores Monteiro Lobato e Cia., editando esse livro de João do Norte, e do qual nos offereceram gentilmente um exemplar

# É grave, é muito grave...

O sr. Gustavo Barroso, que é uma das mais bellas figuras da nova geração, contestou, ha dias, a nacionalidade do Restaurante Assyrio. Aquillo é de muito bom estylo outra blague: a casa Mourisco da avenida nao é mais possivel mudar o rotulo á elegante e lugubre sala de diversões, sob pena de vermos os preços das bebidas ainda mais elevados.

Se os estylos architectonicos são visinhos como os paizes de origem respectivos, a differença deve ser tão pequena que muito justamente se poderá justificar o engano do sr. Oliveira Passos. Surge, agora, o veneravel sr. Morales de los Rios e descobre outra blague: a casa Mourisca da avenida Rio Branco tambem é persa. Escapará da demolição, mesmo com as suas fórmas definidas, o pavilhão da Praia de Botafogo? Se a architectura, com o tempo e as viagens, soffre tamanhas alterações, não faz mais que imitar a natureza humana. O professor Morales de los Rios, que não é tão velho, queremos crer, como o estylo assyrio, nem como elle, precisou correr tanto mundo para aqui se fixar e brilhar como tem brilhado, não é hoje mais brasileiro que hespanhol. O peccado dos constructores, portanto, não é tamanho, como pareceu ao sr. João do Norte.

O campo para observações está, porém, de todo explorado. Ahi temos ainda o cinema da firma Pinfildi, com os seus bonecos duvidosos sobre cimento armado, a pedir exame de olhos e lunetas autorisados.

"For Fon" 4 junho 1921

## SERENATA

Uma noite destas, não tendo somno, larguei o livro que lia e fui debruçar-me á janella, olhando a rua deserta, que o luar, apezar dalguns bicos de gaz, prateava e entristecia. Alli estava immerso numa deliciosa meditação, em que me passavam pela mente as melhores scenas de viagens effectuadas ha tempos, quando um debil som de violão me chegou aos ouvidos. Vinha de longe e era melancolico como uma gama smorzada de soluços. Fiquei longamente a ouvil-o. E elle me trazia á memoria, com aquelle luar mysterioso, os luares lindos do Norte cheios da musica saudosa das serenatas.

De repente uma voz tambem distante se fez ouvir. E na minha memoria acordaram os versos ouvidos na meninice da bocca daquelles que pelas portas das casas, nas noites de cinco para seis de Janeiro «tiravam Reis», no longinquo e abandonado sertão da minha terra. Eu me puz a murmurar baixinho as quadras que me vinham á memoria:

Aqui estou em vossa porta
De cocoras que nem cotia
Os santos Reis já visitaram
O presepio neste dia.

Abre-nos a porta
Se tem de abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

O' Senhora dona da casa
Quer que lhe diga quem è?
E' um cravo, é uma rosa,
Com alfazema no pé!

E fechei a janella com força, para disfarçar a minha emoção...

## Uma peça em verso

*Avis rara* entre nós o theatro em verso. Dahi o interesse que nos despertou a ultima peça de Amaral Ornellas — *A Sombra.*

Temos prazer em louvar não só a technica desse acto bom e elegante, em que a critica á sociedade se esfuma na clareza do estylo e nos burilados versos, sonoros e simples. O que mais caracterisa o poeta é a sua falta de affectação, a sua naturalidade encantadora.

37

Tudo na pequena comedia de Amaral Ornellas dá a melhor impressão. Os seus typos são bem estudados e movem-se naturalmente. E com promessas desta ordem a gente acaba acreditando na possibilidade dum theatro nacional, liberto da canalhice das revistas e das pachuchadas carnavalescas que tanto o deprimem.

*A Sombra* é de verdade um acto interessante, cheio de aspirações, que demonstra cabalmente o talento do seu autor.

"Fon-Fon"

4 Junho 1921

***Meditação*** As noites claras me obrigam a pensar na profundeza immensa das coisas. Meus olhos se perdem na amplidão dos espaços e minha alma se alheia do corpo, vagando por esses mundos além. Meus pensamentos vôam tão alto, celeremente, que eu penso ás vezes até ouvir, como Pythagoras, um pouco da musica deliciosa das espheras. Ha nessas occasiões um lençol de humildade e de bondade que me envolve todo, fazendo-me esquecer os mais intimos desejos, as mais arraigadas paixões, tornando-me leve e claro e transparente como se eu fôra todo feito de ether. E esse extraordinario alheiamento das coisas humanas e das paixões terrestres dá me a impressão de que em verdade sinto manifestar se em mim a particnla do Logos Universal de cuja projecção sobre as formas do mundo nasceram todas as manifestações... E, quando volto a mim dessa meditação, tenho vontade de chorar ante a dureza da vida...

***LUA*** Toda a melancolia dos mais reconditos refolhos de minha alma sobe á superficie nas noites de lua. Basta-me contemplar a pallidez do luar esparsa á face das paysagens para me seniir dominado por exquisita tristeza. E esse astro vagabundo que faz nascer os fantasmas e latir os cães de Zeydlitz e de Castro Alves, que, segundo a invocação de Salammbô faz crescerem e diminuirem os olhos dos gatos e as manchas das pantheras, produz no meu ser um desequilibrio nervoso terrivel. Fecho ás vezes os olhos, para não vêr o luar que me magôa a alma, que me amollece a energia, cujas emanações provocam em mim uma doentia «nonchalanche». Fecho os olhos, confesso, com medo do luar vasto, diaphano, subtil, vibração reflexa dum mundo morto, perdido e abandonado para sempre nos espaços infinitos do Ether! Fecho os olhos e repito Gerard de Nerval:

«Je suis le tenebreux, le veuf, l'inconsolé,
Le prince d'Aquitaine à la tour abolie,
Et je porte souriant sur mon luth constellé
Le soleil noir de la Melancolie!»

O meu sol negro da Melancolia é, com effeito, essa «lua marmorea, Desdemona merencorea...»

"O Jornal" 8 de Junho de 1921

# O RESTAURANTE ASSYRIO É PERSA...

## E O CAFE' MOURISCO TAMBEM

A proposito de seu artigo sobre a architectura persica do Restaurante Assyrio, o nosso collaborador João do Norte recebeu do architecto e professor da Escola de Bellas Artes, sr. Morales de los Rios, a seguinte interessante carta:

"Meu caro Gustavo Barroso e amigo "João do Norte" — Meus mais sinceros parabens pela bonita lição de archeologia assyro-persa, que V. deu hontem, pelas columnas do muito apreciado O JORNAL, aos seus patricios, vizinhos e habitantes desta nova e futura "Babylonia", onde já dois morros se disputam essa denominação...

Effectivamente, nada menos á equado do que o nome de "Assyrio", dado ao "Ratzkeller-zebanden", ou porão do Theatro Municipal, muito semelhante, por causa desta ultima feição, a certas cervejarias municipaes, subterraneamente estabelecidas, que existem com essa denominação tudesca, em cidades como der-Zaal e outras de recordação estudantal...

Um professor, na materia archeologica que V. desenvolveu, não o faria com melhor methodo e eu, attentamente e com satisfação crescente, fui lendo e saboreando a sua excellente chronica, sem lhe achar, até o final, "uma cincada", — desculpe a locução, — o que seria bem perdoavel em quem não pretende ser um especialista na materia, mas que, folgo em dizel-o, já se revela um excellente critico.

Na edade que attingi, enche-me de alegria, ver esse movimento que leva V. e outros illustres collegas seus a dar a semelhantes assumptos a relevancia que merecem no meio da nossa cultura, no momento preciso em que uma pleiade de jovens architectos, em cuja formação tive parte, como professor, animados de patriotico ardor, se acham dispostos a honrar a profissão e a terra em que nasceram, com as producções da sua cultivada intelligencia.

Permitta-me, agora, que eu venha, sem nada tirar á sua chronica, accrescentar-lhe uns curtos corollarios á maneira de pontos nos seus bem escriptos iii...

Assim, por exemplo, os capiteis zoomorphos do referido restaurante, representando bois propiciatorios, ajoelhados e enfeitados, prestes a serem sacrificados, são os irmãos gemeos dos daquelles cavallos, na mesma posição de victimas a immolar, que formam, por sua vez, os capiteis da "Sala-hypostilica", do templo de "Persepolis", assim denominada pela sua allusão hippica áquelles capiteis. O boi e o cavallo eram victimas propiciatorias do culto "parsi", ou zoroastriano, dos persas do antigo imperio desta denominação. O culto "parsi" nada tem a ver com o "védico" ou "brahmanico", no qual taes immolações sangrentas não têm os bovinos como victimas e que, antes pelo contrario, exclue a matança desses animaes, como é bem sabido.

38

Trata-se, pois, no caso dos capiteis do mal chamado restaurante "Assyrio" e, como V. perfeitamente demonstra, de um motivo archeologico de puro sabor persico; até na denominação do templo persepolitano em que taes capiteis figuram como magnificos exemplares da respectiva arte.

Quanto aos compridos paineis ceramicos, que ladeiam o ambito do mesmo restaurante, o dos "Soldados em parada", ou em "teoria", como V. explica é a magnifica "Frisa dos Archeiros", como a outra é a celebrizada "Frisa dos leões", copias fidedignas, em materia e em esmaltes coloridos das que o casal Dieulafoy descobriu em Susa, que dali trouxe e que hoje decoram uma das salas do Museu do Louvre, em Paris.

Aproveito o ensejo para lhe fazer reparar em certo pormenor esdruxulo, da illuminação desse restaurante, e que destôa, no meio do estylo, "bem sustentado, — como dizemos nós, os engenheiros-architectos — do resto da decoração dessa sala.

São umas especies de enormes e compridas lombrigas de terra, que o diabo deu, em inspiração vermiforme, não sei a quem, e que se contorcionam, como "ténias", expulsas da sua costumeira hospedaria intestinal, para servirem como supporte, a lindos globos opalinos de illuminação, surgindo como exquisita e tortuosa armadura cornea ao alto de certas testas zoomorphas, applicadas em relevo, como tropheus, sobre as paredes da sala.

Aquillo não é persa, nem é assyrio nem... cascadurense; é simplesmente um feio anarchismo, e do peior gosto.

Agradeço a lembrança que me dedicou, alludindo ás referencias archeologicas das frisas do edificio da Escola Nacional de Bellas Artes, cujos baixos-relevos são do Rodolpho Bernardelli e em cujos pormenores apparecem, symbolicamente, os mais energicos protestos contra a menos apropriada denominação dada ao "Restaurante Assyrio", cuja decoração brada pela sua origem persica.

Já que estou com a mão na massa, — como se costuma dizer, — chamarei a sua attenção para outra anachronica denominação, que tambem é vulgarmente dada a outro edificio da mesma avenida Rio Branco, onde se enfileira a fachada do mal chamado "Restaurante Assyrio".

Ainda nesta occasião a victima é a arte persica.

Trata-se daquelle predio que faz esquina com a rua do Rosario, vulgarmente conhecido pelos nomes de "Pavilhão Mourisco" ou de "Café Mourisco". De "mourisco" é que elle não tem nada.

"Mourisco" vem de "Mouro" e "Mouro" da "Mauritania", ou seja o littoral africano sobre o Mediterraneo, ao qual a antiguidade deu esse ultimo nome, como tambem o de "Numidia" a uma parte dessas terras. Estas, sob o dominio mussulmano, crearam suas architecturas regionaes e é assim que temos os stylos arabico-marroquino, arabico-argelino, arabico-tunesino, etc., como temos o arabico-hespanhol e o consequente "mudejar", da mesma nacionalidade, tambem denominado masarabe. Pela mesma forma e razão, teve-se o arabico-persa, producto genuino da arte arabe, num meio e um ambiente persico e, tão influido por estes, que é considerado heterodoxo pelos crentes, pelos sectarios orthodoxos de Mafoma.

E' esse o estylo do mal denominado "Café Mourisco" e que, com propriedade, melhor deveria chamar-se "Café Persico".

Fui o autor dos planos desse edificio e o director das suas obras, havendo caprichado em todos os seus pormenores e desenhado e colorido cada um dos seus azulejos, conforme a encommenda expressa de adoptar esse estylo, o "arabico-persa", que recebi do meu distincto amigo e cliente, dr. J. J. Silva Freire.

O "Restaurante Assyrio" e o "Café mourisco" são, pois, na avenida Rio Branco, duas denominações barbaras que berram pelos estylos persas, de duas épocas diversas desse paiz asiatico, ao lado do glorioso nome que apropriadamente designa a mais bella arteria urbana da capital do Brasil.

A sina de "Babylonia", uma das antigas capitaes do antigo imperio persa, foi a de estabelecer tradicionalmente a confusão...

Terminarei, brindando-o, neste proposito, com uma achéga, que considero importante, devido ás minhas pesquizas ethnologicas em torno da origem dos primitivos povoadores ou aborigenes brasilicos.

Sabe V. como alguns desses "mais primitivos" indigenas e os seus actuaes successores denominam a "Confusão"?

Pois, chamam-n'a de "Babylon", o nome da celebrizada capital, em cujas redondezas existem as ruinas da famigerada "Torre de Babel", e tenho por certo que o termo "Babylon", entre os indigenas sul-americanos, não o deveram elles ás influencias da descoberta e da conquista européa...

Ainda teria a dizer a V. algumas coisas muito interessantes sobre "Ahuramazda", o Deus unico dos zoroastrianos, cujo nome V. citou e a composição errou, bem como sobre a sua opinião exarada na sua bella chronica, a respeito da origem do estylo barrôco e com a qual sinto não concordar... Mas esta vae longa e apenas me fica papel para mandar-lhe um abraço de admirador e amigo. — **A. Morales de los Rios.**"

***Sub-productos*** Por ironia para comsigo proprio, Monteiro Lobato, o escriptor original dos *Urupês*, classificou, numa sua biographia á maneira de Nicoláu Tolentino, alguns de seus livros como *sub produetos*.

Ora, essa classificação não cabe a nenhuma obra do burilador do *Bugio Moqueado* — pagina formidavel. Mas della são dignas centenas de trabalhos que andam por ahi em volumes de prosa e verso, em artigos de jornal, em laudas illustradas de revistas, em folhetos e conferencias.

Entre nós não faltam sub productos litterarios provenientes de sub autores. São legião os sub jornalistas, os sub romancistas, os sub prosadores e os sub poetas. Estes, então!!

E a percuciente ironia do creador do Geca, se é descabida para elle proprio, é applicavel a immenso numero de sub obras de sub indtvidualidades que fermentam por ahi..

***Estrellas*** Naquella noite tranquilla em que eu me perdi no alto duma serra, nas visinhanças do Rio, andando a vagar, os meus olhos se prenderam na cupola negra do céu, onde pestanejavam os pingos de luz das estrellas. E, como um *souvenir s'enfance*, vieram-me á memoria os nomes populares que lhes dão os sertanejos da minha terra longinqua e pobre. Lentamente e em voz alta, comecei a repetil-os: o Carreiro de São Thiago, as Tres Marias, a Papaceia, o Setestrello.

Então, recordei uma das mais deliciosas paginas da litteratura humana—aquelle pequeno capitulo que Daudet põe, nas *Lettres de mon Moulin*, nos labios dum pastor provençal. E sinceramente lamentei commigo mesmo que, contemplando-as, estivesse tão só, sem ter no meu hombro o peso da cabeça duma mulher amada — estrella desgarrada do céu e cahida na terra — como o zagal do meio-dia da França...

"Fon-Fon" - 4 Junho 1921

39 "O Jornal" 7 junho 1927

# O Restaurante Assyrio é Persa...

Todo mundo no Rio de Janeiro, chama áquelle restaurante de exotica architectura oriental, que existe sob o Theatro Municipal, e é celebre pelas suas noitadas carnavalescas, o Assyrio, porque, desde que se alevantou o theatro, a Prefeitura officialmente assim o tem considerado. Com effeito, nos papeis officiaes da municipalidade elle é denominado Restaurante Assyrio e o povo segue a opinião official. No emtanto, o facto prova a profunda e lamentavel ignorancia dos engenheiros e architectos municipaes em materia de arte antiga, porque aquella construcção nunca foi nem póde ser assyria, visto como é do mais puro estylo persa, como provaremos neste artigo com as maiores autoridades no assumpto.

Os que estudam a historia dos povos sabem que duas nações se formaram e disputaram a preeminencia na bacia do Tigre e do Euphrates, uma ao Norte — a Assyria, outra ao Sul — Babylonia. A primeira, cujo territorio se estendia até ás montanhas do Kurdistan e da Armenia, do Zab e do Urutú, teve, por causa mesmo destes montes e de suas pedreiras, uma arte de construir e de esculpir baseada na pedra como materia prima. A segunda, que possuia o estuario do rio e a planicie fertil até os limites do deserto arabico, impossibilitada de obter o diorite, o alabastro, o granito, o marmore ou o basalto, edificou e esculpiu no tijolo, e até no tijolo escreveu os seus annaes.

Ora, uma simples vista de olhos no nosso Restaurante pseudo Assyrio demonstra que tudo nelle — ornatos, figuras, relevos, columnas, apesar de serem copias, aliás perfeitas, de coisas authenticas são de tijolo vermelho como os touros-cariatides ou de tijolo esmaltado (azulejo- como as paredes ornamentadas de scenas historicas e de emblemas religiosos ou simplesmente artisticos. Basta isto para provar logo que a construcção não se póde prender a uma civilização cujos vestigios ficaram fundamente gravados sómente no calcareo ou no granito. A hegemonia imperial asiatica da Persia e da Media se alevantou sobre as ruinas do imperio de Assur e do poder de Babylonia. E a sua arte, mais polida e mais agradavel, muito se inspirou na dos vencidos, embora guardando sempre as suas profundas caracteristicas independentes e originaes.

Dahi certas similitudes que apresentam os estylos de architectura da Assyria, da Babylonia, da Persia e mesmo da Chaldéa antiga. Um ignorante confundil-os-á, mas quem tiver certa educação artistica ou quem tiver a obrigação official de possuil-a, para não dar ratas publicas, deve saber facilmente differençal-os. Foi dessa triste ignorancia que nasceu a appellação erradissima de Assyrio para esse bello restaurante.

A Assyria foi a Allemanha do Oriente antigo — o que Afranio Peixoto brilhantemente fez notar numa conferencia, durante a guerra. Ella sómente viveu pela guerra e para a guerra. Dahi o seu culto do sport e da caça, da crueldade e da poliocertica, perfeitamente constatado pela sua arte. A architectura de Assur foi inteiramente militar; a sua ornamentação, a sua esculptura, tambem. Toda essa arte de construir está synthetizada nos trabalhos de reconstrucção admiravel e scientificamente feitos pelo grande architecto inglez Robert Koldwey: a porta da cidade fortificada de Zindjirli e o grande castello real da mesma cidade. Mesmo quando o assyrio erguia um palacio ou um templo, elles se pareciam com as fortalezas. A porta principal do Harem de Dur-Sharrukin, palacio dos reis de Assur, desenhada por Faucher-Gudin, que foi restaurada pacientemente por Thomas e está á pagina 269 da grande edição illustrada "Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient" de Maspero, publicada por Hachette & C., em 1867, hoje esgotada, no tomo III, "Les Empires, ou a porta real do Palacio, estampada á pagina 265 do

mesmo livro, demonstram o profundo espirito militar da architectura dos assyrios.

No emtanto, o nosso restaurante nada tem de militar. Os proprios soldados que, numa das paredes, se enfileiram atrás do seu soberano, marcham pacificamente, em parada.

Os baixos relevos de Assur jamais seriam dessa ordem. Todos elles se prendem a aventuras de caça, de pilhagem e de guerra, como o conhecido baixo relevo de Nemrod, onde os helepoles desmantelam os muros inimigos e os soldados quebram a martelo a face dos deuses vencidos, como todas as scenas de crueldade e de saque da celebre porta de bronze de Balawat, como aquellas em que os soldados trazem ao rei as cabeças, os phallos, as mãos e as linguas dos prisioneiros, como aquellas em que se caçam o leão, ónagro e o urso (Maspero-Obra citada-tomo II-pgs. 625 e 635), como as cargas de carros de guerra e de cavallaria que estão nas photographias de Mansell.

Quem visitou os grandes museus da Europa e demorou com attenção sua vista nos preciosos resquicios que elles guardam da civilização militar do povo de Assur, povo de "razzias" e de matanças, nunca mais póde confundir a sua arte com nenhuma outra. No British Museum ella salta aos olhos do baixo-relevo grosseiro do rei Asurbanipal, comendo em companhia da rainha ou do da sangrenta batalha de Tuliz; no Museu de Berlim, do estélo rude de Zindjirli; no do Louvre, dos pesados moldes de gesso do estélo de Larhaka e do obelisco negro de Salmanasar.

Em qualquer obra sobre a Assyria antiga, o caracter duro e guerreiro das suas manifestações artisticas apparece: Layard encheu de gravuras o seu optimo livro "The monuments of Nineveh". Todos elles são ensanguentados, póde-se dizer: "A cabeça de Tiumman enviada a Ninive", "A execução de Tiumman e de seu filho", "As ultimas flechas de Tiumman e de seu filho".

A mesma coisa está documentada por Lehmann, no "Schamaschschumukin", por Botta no "Le monument de Ninive", onde a "planche" n. 108, desenhada por Flaudin — "Caça no Bosque", é uma prova insophismavel; ainda por Luschan no "Ausgrabungen in Sendschirli", por Rawhisson no "Five Great Monarchies" e sobretudo por Perrot-Chipiez na "Histoire de l'Art dans l'Antiquité".

Ademais, um dos caracteristicos da arte assyria é o leão deitado ou em pé, ferido com uma setta ou vivo, andando ou parado, cariatide ou ornato, mas sempre grande, grosseiramente entalhado e feroz. No nosso restaurante Assyrio, ha uma friza de leões ao alto, rodeando toda a sala e, positivamente, se tráe nella a influencia do estylo de Assur na arte persa. São, comtudo, muito mais bem acabados e menos ferozes do que os seus antecessores, como é facil verificar, comparando os desse friso do Municipal com "o leão que sáe da gaiola", esculptura assyria publicada por Place no livro "Ninive et l'Assyrie", ou com o leão de Marash, estatua estampada por Philippe Berger á pagina 107 da sua "Historie de l'Ecriture dans l'Antiquité", ambos typicos na sua estylisação local.

Que a arte assyria e babylonica tenha influido na arte persa, não ha duvida. Mas que um edificio persa possa ser chamado assyrio, isso nunca. O Barrôco e o Rococó sairam do Renascimento, porém ninguem diz que uma egreja é do estylo da Renascença, quando ella pertenco a um desses dois.

O estylo egypcio influenciou muito o assyrio. Ha um documento excellente do facto: a esphynge egypcio-assyrio que Layard nos dá no seu volume "Nineveh and Babylon", além de mil outros. Entretanto, seria rematada tolice affirmar que a arte assyria é egypcia.

Passada essa parte geral, entremos no exame minucioso do Restaurante Assyrio, afim de provarmos que elle é persa. As côres claras dos seus azulejos nunca foram usadas na Assyria, onde se empregava a pedra e sobre ella se pintavam os baixos relevos. Maspero ainda encontrou alguns com as tintas primitivas. Os tijolos lisos, multicores, esmaltados, são da Babylonia e da Persia. Faltam aos do Municipal o que deveriam ter, se fossem assyrios: as fórmulas conjuradoras gravadas a buril, que livravam o edificio das insidias dos bichos damninhos, da ferocidade dos inimigos e da maldade dos genios perversos.

As columnas que sustentam o fôrro nunca foram assyrias. Toda columna com cabeça de touro como essas, com cabeças de licornes, de cavallos no capitel, em volutas, pertence ao estylo persa. Essas especialmente, porque são a copia exacta das que estão no Museu do Louvre e foram tiradas do Oriente pelo casal Dieulafoy. Ha um desenho dellas na pagina 738 do tomo III de Maspero, obra já citada, e a sua photographia consta da obra de Dieulafoy, "L'Acropo-

le de Suse", pagina 325. E' bom notar que Susa foi a capital da Persia. Se essa prova de que taes columnas são persas não fosse sufficiente, bastaria vêr-se o tumulo de Dario, rei da Persia, heliogravura da obra de Dieulafoy, "L'Art antique de la Perse", onde ellas figuram, para se verificar que nada têm de Assyrio.

Sobre essa arte da Persia que nos leu o restaurante do Municipal, Maspero diz o seguinte (obra citada, tomo III, pgs. 737-8): "...ce style eclectique qui caracterise la periode achémenide de l'art iranien. Les éléments en sont empruntés, pour la plupart aux peuples vassaux de l'empire ou á ses voisins, á la Babylonie, á l'Egypte, á la Gréce, mais ils se sont combinés ou modifiés de maniére á se fondre en un ensemble harmonieux et riche..."

E, segundo a palavra do Mestre, nesse estylo harmonico e rico, de transição, se notam as influencias de varios estylos, porém elle não fala mesmo do estylo militar, pesado e grosseiro da Assyria.

Essas columnas foram, assim, copiadas para o nosso Municipal, da grande Apadana ou palacio real de Xerxes, na Susa da dynastia de Achemenides, estudada por Dieulafoy. Esse paço dos Reis dos Reis foi restaurado por esse sabio francez e está no livro "L'Acropole de Suse", "planche" n. XV, onde se poderá verificar a minha affirmativa.

Vejamos agora os touros alados ou kerubs do Assyrio (?). A Assyria os teve e os legou á Persia, mas os seus possuiam uma estylisação rude e complicada, conforme se vê á pagina 300 do "Nineveh and Babylon", de Layard, "ou nos seus "croquis", na mesma obra, á pagina 237. Os do nosso restaurante apresentam já a estylisação mais simples e mais culta dos da architectura persa. São copiados dos dos Propyleus de Xerxes, em Persepolis, que estão reproduzidos no tomo II, figura XII, da "L'Art Antique de la Perse", de Dieulafoy.

As molduras das portas, os ornatos do tecto e dos muros, os listetos e as cornijas do restaurante foram todos exactamente copiados dos da Apadana persa de Xerxes, que estão no Museu do Louvre, na mesma sala das columnas de cabeça de touro, tambem, como ellas, trazidas por Dieulafoy.

Na parede do fundo do nosso restaurante, ha um grande baixo relevo em tijolos esmaltados. E' uma copia do que se acha no Louvre e foi da referida Apadana. Sob o guarda sol real, sustentado por um eunucho ou por um flabellifero, o Rei derrama oleo sobre o fogo do altar, acompanhado por uma longa theoria de soldados. A religião do fogo era a religião da Persia. Nós o vemos do mesmo modo sobre o altar uma entalha persa desenhada por Foucher Gudin (Maspero, obra citada, tomo II, pagina 593). O soberano não tem o typo dos "sares" ninivitas da Assyria, tão bem gravado no estélo triumphal de Assarhaddon, do Louvre. Elle veste a Kandys persa de que nos fala Xenophonte e sua physionomia é a dos "ras" de Persepolis. Elle é, emfim, o rei Dario, filho de Hytaspe (Dieulafoy, "L'Acropole de Suse", pg. 306, figura 185).

Seus soldados voltam da guerra da Babylonia. São guerreiros iranianos classicos, no typo e nas roupagens: persas e médas. Alternam os seus uniformes amarellos e brancos, de mangas caidas, mas é sempre o mesmo o seu armamento: carcaz, arco, lança terminada em baixo por um pouco de metal. Dahi o seu nome grego Melophoros. A sua reproducção figura colorida, como a das faianças do restaurante, no tomo III de Maspero, pagina 692. E a sua origem artistica se prende aos soldados persas e médas, alternados, do baixo relevo que figura na "planche" CI do livro de Coste Flaudin, "La Perse Ancienne". Elles, os Melophoros, formavam com os Immortaes da Guarda Real de Dario, diz a Historia.

Dos dois lados do restaurante, dois baixos relevos em tijolos vermelhos, chamam a attenção. Elles dominam duas fontes cantantes. Um representa um homem barbudo enfiando o punhal no peito dum grypho terrivel. Esse baixo relevo existia em Susa, capital da Persia, e se encontra em Maspero, tomo III, pg. 587, e em Dieulafoy, "La Perse, la Chaldée et la Susiane", pg. 401. Nelle o rei da Persia triumpha numa luta contra um genio perverso. Pode-se vêl-o tambem repetido no reverso das moedas persas de Artaxerxes (Babelon, "Traité des Monnaies", vol. 1º). O outro mostra um individuo barbudo estrangulando um leão. E' Gilgamés, o Hercules da Chaldéa, cuja lenda retumbante de façanhas emocionou os iranianos, quando conquistaram a planicie do Euphrates. Mas foi esculpido para os edificios persas e os seus traços, por lisonja, reproduzem o do grande Dario.

Sobre a fila dos soldados e sobre as portas, abre as azas o Feruer, o symbolo sagrado do Deus de Zoroastro — Almranagda. Deus eminentemente persa e nunca assyrio. E' um homem que sáe dum circulo alado — symbolo do Sol. Elle pertence aos baixos relevos persepolitanos e só a esses

42

(Flaudin Coste, "La Perse Ancienne", "planche" CLVI).

Deante do proprio restaurante Assyrio (?), ha uma emenda ao erro do seu nome: nos baixos relevos das fachadas da Escola de Bellas Artes, representativos de varias civilizações do passado, o que representa a Persia contém todos os motivos architecturaes que estão lá dentro do Municipal. E' uma repetição em conjunto do Apadana persa restaurado por Dieulafoy. O baixo relevo de Assyria mostra a porta do paço real de Dur. Sharrukin. E' facilimo verificar isto.

Creio ter á saciedade provado o erro da Prefeitura denominando Assyrio o restaurante do Theatro Municipal. E creio que só se póde attribuir á lamentavel ignorancia dos seus dirigentes, em materia de arte, tanto a origem como a continuação desse uso, que seria tempo já de corrigir. Em materia de architectura, os que a têm a seu cargo entre nós, são duma myopia pasmosa.

**João do NORTE.**

"Fan-Fan" 4 Junho 1914

## *A Gamella*

Na meninice, numa fazenda do rude e aspero sertão do Ceará, ouvi um velho cantador de pé de viola dizer estes quatro versos tôscos:

Quem corta e prepara o páu,
Quem cava e faz a gamella,
Toma a si todo o trabalho
E, depois, fica sem ella . . .

A vida tem se encarregado de me provar que nada mais verdadeiro e mais profundo. Não ha bolo que seja para a bôcca de quem o faz. Todo o trabalho aproveita mais aos outros do que a quem o executa, embora este seja o sacrificado. E é por isso que os parasitas em qualquer sociedade que se preze são os mais felizes dos mortaes.

Todos nós na vida levamos a mourejar no preparo das gamellas em que os espertalhões se hão de locupletar. E o peor é que não ha remedio...

"O Imparcial" — 10 — Junho 1921

# A FARÇA DE MESTRE PATHELIN

O theatro da Edade Média compunha-se de duas especies de peças: as sérias ou religiosas e as comicas ou profanas. As primeiras chamavam-se "Mysterios"; as segundas, "Farças" ou "Sotíes". Este ultimo nome era unicamente empregado na França. Os mysterios, que traduziam milagres ou scenas das vidas dos santos, nunca conseguiram se elevar até á tragedia; mas as farças hombrearam com a comedia, quando attingiram o seu pleno desenvolvimento. Assim, o lado comico do ingenuo theatro medieval progredia, emquanto o lado sério estacionava e por fim desapparecia.

Entre as comedias primitivas desse theatro curioso, a mais interessante é a "Farça de Mestre Pathelin", cujo autor se ignora e da qual vieram até nossos dias tres manuscriptos originaes: o Bigot, que serviu de base á edição franceza da farça, em 1762; o Lavalliére, que é o mais perfeito; e o da Bibliotheca Nacional de Paris. Tendo-os profundamente estudado, o erudito sr. Georges Cassies des Brulles adaptou a velha "sotie" medieva ao francez actual, arranjou-a em versos simples e publicou-a na livraria Delagrave em bella edição de luxo com illustrações admiraveis de Boutet de Monvel, em "taille-douce", edição essa que hoje é extraordinariamente rara.

Diz o referido escriptor a respeito dessa peça antiga e verdadeiramente engraçada que "c'est le premier monument de nôtre génie comique, comme la "Chanson de Roland" est le premier monument de nôtre génie épique". Ademais, já no seculo dezeseis o sabio Etienne Pasquier affirmava que a Farça do Mestre Pathelin era digna de se comparar a qualquer comedia grega, latina ou italiana. Ella foi em França tão profundamente popular que do nome do seu principal personagem varias palavras francezas se originaram: "patelliner", por exemplo, que equivale ao nosso "passar o plano" ou conto do vigario"; ou, então, "faire son patelin", fazer-se de esperto.

Resumamos agora a farça, para della se ter uma impressão completa. A scena se passa em Paris, no decimo quarto seculo.

O advogado Pathelin, sem causas e sem dinheiro, perseguido por atroz miseria, dirige-se á loja de fazendas do negociante Guillaume e, após muita conversa fiada, escolhe uma peça de tecido de lã, da qual manda medir seis aldas. De posse do panno, Mestre rabula diz que esqueceu a bolsa e convida o mercador a vir á sua casa, não sómente receber os seus escudos de ouro, como provar uma aza de ganso assado e beber uns tragos de velho vinho de Borgonha. E, com o pretexto de mandar preparar a mesa e subir o vinho da adega, Pathelin dá o fóra, como vulgarmente se diz.

Esse primeiro acto desenrola-se numa praça do interessante Paris medieval. O segundo realiza-se na residencia de Mestre Pathelin. Um modesto interior da época. O advogado entrega a fazenda a Guillemette, sua esposa, contando-lhe o seu "truc". E ella, que sabe não haver em casa nem um só pedaço de pão, ri ás bandeiras despregadas do tolo negociante que acreditou no ganso alourado ao espeto e no velho vinho de Borgonha. Mas batem á porta. E' o mercador Guillaume. Pathelin despe-se e mette-se na cama, cujos lençóes puxa sobre si e cujas cortinas cerra, depois de combinar um estratagema com a mulher.

Guillaume entra e encontra Guillemette chorando. E ella lhe conta que Pathelin havia varios mezes estava doente, entre a vida e a morte. O negociante, no auge do espanto, não sabe o que dizer nem o que fazer, quando a voz do advogado, lamuriosa e fraca, pergunta de trás dos cortinados:

"Est-ce vous, Jean l'apothicaire ?
Donnez-moi, de grace, un clystére !"

O "drapier" replica que veiu buscar o seu rico cobre, aos gritos. A mulher pede para elle não gritar tanto, que o estado do marido é grave. E a discussão entre os dois continúa, um affirmando que o rabula lhe comprou os covados de panno, a outra jurando que elle, gravemente enfermo de ha muito, não tinha posto os pés fóra de casa.

Quanto mais cresce o diapasão da teima, mais pulos dá o doente no leito, fazendo estremecer todo o quarto, até que o cobrador resolve ir embora, confundido, sem saber como explicar a sua aventura.

Mal sae, Pathelin vem para o meio do aposento em camisa de dormir e começa a rir com a sua companheira da cara do idiota do negociante. De subito, este bate violentamente á porta. O doente imaginario, não tendo tempo de se tornar a deitar como dantes, usa doutro plano Monta num cabo de vassoura, põe á cabeça uma caçarola e começa a saltar como doido pelo meio do quarto, cantando:

"Assemblez les lanternes jaunes !
Carimari ! Carimara !
Au chat ! au chat ! au rat ! au rat !"

E todas as vezes que o logista inteiramente "ahuri" quer falar, pedindo o seu dinheiro, o vigarista canta coisas mais incoherentes ainda, emquanto Guillemette chora e geme, por causa do delirio do seu "pobre marido". Emfim, Guillaume vae embora, resignado a perder a sua bella lã azul.

O terceiro acto tem logar na praça publica, deante da loja do "drapier". Este está furioso contra o pastor de suas ovelhas, na sua propriedade fóra de Paris, que tem comido varios desses preciosos animaes. E diz-lhe verdades na cara, emquanto o servidor se desculpa por todos os modos.

Num momento em que o zagal fica só, Mestre Pathelin approxima-se delle e offerece-lhe os seus serviços de advocacia, caso o patrão o accuse em juizo de comer as ovelhas. Agnelet, o pastor, lhe promette seis escudos por um conselho que o livre da cadeia. E Pathelin lhe diz que se finja imbecil, respondendo a todas as perguntas do juiz com um prolongado Béé ! que demonstra ter elle, no convivio do rebanho, esquecido a propria voz humana.

Dahi a pouco, o juiz precedido dos sergentes municipaes vem sentar-se num estrado, ao meio da praça, afim de julgar varios casos. Comparecem á sua presença o negociante e o pastor que elle accusa. A todas as perguntas do magistrado, o ultimo responde de cara alvar:

— Béé !

Convencido da sua idiotice, o juiz manda-o em paz, apesar dos protestos de Guillaume. A praça fica novamente vasia. Mestre Pathelin encosta-se ao pastor e pede-lhe os seis escudos do conselho que o livrou da bastonada e da cadeia.

— Bée ! é a resposta.

— Fala ! A mim, agora, que estamos sózinhos tu podes falar, diz Pathelin, sorridente.

— Béé ! responde Aguelet. E outra coisa o rabula delle não poude tirar.

Ora, essa farça medieval do "trompeur trompé" já occorreu de

verdade na capital do Ceará. E, se não é exacta, como dizem, a fórma como a relatam ali, applicando-a a individualidades conhecidas, constitue uma variante folkloristica curiosa e original, nascida do accordo com o ambiente e com e a ente do logar.

Durante muitos annos viveu em Fortaleza um joalheiro e relojoeiro italiano, muito conhecido, cujo nome não vem ao caso. Elle tinha sido trazido da Europa, quando moço, pelo dono duma joalheria e relojoaria importante, que, aproveitando a sua ignorancia das coisas do Brasil, o obrigára na Italia a assignar um contrato oneroso, pelo qual era obrigado a muito trabalho sem retribuição sufficiente. Depois de estar alguns mezes no Ceará, o italiano verificou o logro em que caira e resolveu libertar-se do contrato. Procurou um rabula afamado de Fortaleza, que ainda vive, embora velhissimo e inutilizado, pedindo-lhe um meio para sair daquella situação e promettendo-lhe quinhentos mil réis, se tivesse resultado favoravel.

O rabula estudou meticulosamente o instrumento juridico e, vendo que por elle o contratante era obrigado a dar ao contratado uma pensão vitalicia, caso elle se inutilisasse ao seu serviço, aconselhou ao seu committente se queixasse da vista, continuamente, e pouco a pouco fingisse ir ficando cégo.

O italiano pôz o plano em execução com tanta habilidade que o seu patrão, receioso de ter de dar-lhe uma pensão vitalicia, logo lhe propôz rescisão do contrato, offerecendo-lhe até uma indemnização. Era o que elle queria. Caia-lhe a sopa no mel. Aceitou tudo.

Passaram-se mezes e nada delle mandar os quinhentos mil réis promettidos ao advogado. E este a escrever-lhe cartas e mais cartas, pedindo-os. Uma feita, os dois encontraram-se. O rabula interpellou-o:

— Então o senhor não manda o meu dinheiro?

— Que dinheiro?

— O do conselho que lhe dei. Não tem recebido as minhas cartas?

— Cartas? Eu não posso ler-as assegurou elle com um ar ingenuo, eu já fiquei cégo...

E o rabula desistiu da cobrança.

Ouso crér que a anecdota cearense não é inferior em espirito ao assumpto da "sotie" medieval.

João do NORTE.

## Paiz de Ouro e Esmeralda

Com verdadeiro prazer intellectual, li o livro de J. A. Nogueira, editado em São Paulo por Monteiro Lobato. Nelle passa por nossos olhos, emocionando-nos, uma serie de pensamentos elevados sobre o futuro e as possibilidades de nossa patria. E' um romance patriotico— no alto sentido desta palavra — em que os personagens e os enredos servem simplesmente de motivos secundarios á explanação de cogitações superiores. Neste paiz pobre de livros serios e bons, a obra de J. Nogueira constitúe uma admiravel excepção.

Entretanto, o autor, a par da profundeza de seus pensamentos, demonstra um sentimento perfeito da arte. E' um estylista e é um emocionado. As suas paysagens encantam, a sua psycologia seduz, a sua technica nada deixa a desejar.

Livro eminentemente nacional, «Paiz de Ouro e Esmeralda» é, em verdade, uma das melhores publicações dos ultimos tempos, sendo de justiça que nesta curta nota exprimamos ao seu autor, com toda a sinceridade a nossa emoção, dando-lhe os nossos parabens.

J. N.

## Melindrosas

A certas horas do dia, a Avenida Rio Branco se enche de mocinhas interessantes, saltitantes como passarinhos, provocantemente vestidas, a passeiar para lá e para cá. Olham, sorridentes, para os rapazes, que as devoram com a vista. Têm meneios no andar. Pintam-se todas, são verdadeiras tentações.

Como as fulminaria, num sermão acre, um dos velhos doutores da Egreja um dos antigos inimigos da Mulher! Eu não as fulmino: observo-as e, matutando cá commigo mesmo, quando passam, repito uma quadra sertaneja, que mostra os perigos que ellas correm aos paes ou aos seus responsaveis:

Quem tiver moça bonita
Traga-a presa na corrente,
Que eu tambem já tive a minha,
Jacaré levou no dente!

Não é verdade? E se *non é*...

Eis o que diz, a este respeito, um grande mestre: "Le style Louis XVI, succédant aux fantaisies "rocailles" du style Louis XV, fut un hommage rendu á la sagesse et á la raison, á la suite d'une période de debauche d'esprit et de gout. Ce fut le regime aprés l'orgie".

E' nesse ponto de vista, estou de pleno accordo com a opinião de João do Norte. Este brilhante escriptor não me comprehendeu nas referencias que fiz a este estylo, que não condemno "in totum".

45

"O Jornal" 26 Maio 1921

# ARCHITECTURA NACIONAL

Dois polemistas eximios, os srs. José Mariano Filho e Christiano das Neves, têm discutido nesta primeira pagina do O JORNAL, com verdadeira elevação de vistas, a questão da existencia ou não existencia duma architectura tradicional entre nós.

Partindo da base indiscutivel de que os nossos avós portuguezes só nos legaram em edificação o estylo Barroco-jesuitico, o primeiro acha, em resumo, que esse estylo tem todas as caracteristicas necessarias e todo o prestigio possivel para ser o estylo architectural representativo da raça e da nacionalidade, emquanto o segundo julga que elle não tem direito a representar nada disso, escorchando-o sem piedade. Ora, venho trazer a minha humilde contribuição ao assumpto, embora divergindo de ambos os polemistas, profundamente.

Com effeito, absolutamente não posso concordar com o pessimo conceito que o sr. Christiano das Neves faz do estylo barroco. Está claro que eu o não comparo, em significação moral e social, em belleza de linhas e de expressão, em symbolismo e em grandeza, com os grandes estylos architecturaes religiosos ou leigos: o gothico, o classico do Renascimento ou o classico antigo. Mas não posso, como artista, negar que tem altas qualidades e que possue força bastante para maravilhar os olhos e mesmo para falar ás almas.

O Barroco é um estylo de decadencia, não ha duvida; porém a arte das decadencias possue bellezas sem par, e ás vezes os grandes espiritos do mundo surgem na vertigem dessas decadencias. Quando o que decae foi grande, lança grandes chammas ao bruxolear. Quem negaria a um Luciano de Samosata, espirito synthetizador da decadencia greco-latina, o seu alto valor? Quem negaria a Anatole France, espirito representativo da decadencia néo-latina, a grandeza da sua manifestação? Por ser a decadencia do velho gothico nascido no centro da França, o Flamboyant deixa de encerrar grandes bellezas? O Manuelino, que é a decadencia do gothico-normando da Batalha e de Santa Cruz de Coimbra, profundamente nacionalizado, não tem caracteristicas estheticas bastantes para ser salvo das garras da critica? Ainda não se encontrariam linhas e formas expressivas e bellas no Rococó, que é a degenerescencia do Barroco e teve a gloria de provocar a grande reacção classica, que produziu, para encanto dos olhos e do espirito, o admiravel estylo Luiz XVI?

Não tem razão o sr. Christiano das Neves. O Barroco não é tão feio como elle o pinta, embora se tivessem desenvolvido dentro das suas regras fundamentaes todos os germens de amaneiramento que já trazia comsigo a arte academica da Renascença e que, na pintura, por exemplo, tão fortemente se manifestaram na escola de Bolonha.

O Barroco nasceu em Roma, em 1598, com Bernin, que era pintor, e os architectos da época. Esse mesmo Bernin trouxe para a França, na sua viagem de 1655, segundo affirma Bréhier no seu livro "Art Chrétien", editado em Paris por H. Laurens em 1918. Da França elle se irradiou pela Europa, enchendo Dresde, Vienna, Munich, Madrid e sobretudo Praga, capital da Bohemia, que deve a este estylo architectural a sua maior belleza. O livro de Arno Novak "Prague Barroque", escripto em tchéque e traduzido em francez, é um hymno cantado por um artista da palavra e por um entendido a essa architectura cheia de nobreza e mesmo de sentimento dramatico, embora decadente, em que dominaram com a sua clara intelligencia esthetas como Le Brun e como Mignard.

Defendendo o Barroco, eu não teria a audacia de comparal-o com o gothico — como significação religiosa, mas posso affirmar, apoiado nos melhores autores em arte architectural, que elle estava de accordo com a sua época, que elle exprimia os sentimentos da gente que o creou, que elle respondia ás necessidades de ordem intellectual, moral e physica do momento. Ora, quando um estylo assim se casa ao seu tempo, não póde deixar de ter a sua grandeza, a sua elevação. Toda architectura que resulta dessas condições espirituaes, moraes e materiaes é grande. Só não ha grandeza nem belleza nas impropriedades, nas ada-

ptações, nas transposições feitas sem necessidade e sem alma. Mas o Barroco tem alma, elle é o estylo de uma época interessante, e é completo: ha o edificio leigo e o religioso, a cathedral e o palacio barrocos, o objecto de prata cinzelado e o quadro, a esculptura e o vaso, o panno bordado e o movel.

O Barroco foi sobretudo mundano e aristocratico. Diz Bréhier: "L'église ressemble á un salon". Essa arte, quer nas suas manifestações religiosas, quer nas seculares, tomou um aspecto altamente aristocratico. Ella exprimiu a hierarchia social dos soberanos mundanos, senhores de corpos e bens; dos soberanos religiosos, senhores das almas. Symbolizou o imperialismo aristocratico e clerical do seculo XVIII, aureolado do mundanismo e de elegancia sensual. Foi um estylo a inspirar sonetos de Samain.

Não se póde esconder que ha nelle uma accumulação emphatica de motivos e uma caprichosa irregularidade de minucias; porém, tudo isto é dominado por uma "nobreza exclusivista" na phrase de Arno Novak, que é por certo a sua maior belleza. Os elementos mundanos só algum tempo depois delle nascido o invadiram, trazendo para a sua ornamentação os resquicios da sua vida sensual vehemente e complicada. Mais tarde, o Barroco caiu definitivamente ás mãos dos jesuitas. A esse respeito eis umas palavras de Bréhier: "Les excellentes humanistes qui sont les jésuites ont trouvé dans le programme d'intruction de leurs colléges la conciliation revée entre les humanités et le christianisme. La mythologie a cessé de paraitre dangéreuse, dés qu'elle n'a plus été qu'un décor banal destiné á faire valoir les scénes religieuses". Temos aqui, póde-se dizer á mão, um exemplo dessa mythologia decorativa dos templos barrocos catholicos: na egreja de S. Francisco de Paula, sobre um dos pulpitos, no meio duma interessante flora de ornatos barrocos, surge núa e pagã, de seios erectos, a imagem da Verdade romana, erguendo nas mãos o espelho symbolico.

O estylo religioso Barroco, moldado pelas mãos dos jesuitas, representativo da sua concepção tanto do templo como do céu e influenciando as proprias construcções seculares, nunca deixou de ter a sua alta nobreza e a sua alta belleza. A Praga, descripta pela emoção artistica de Arno Novak, que é a cidade barroca leiga e religiosamente mais completa da Europa, prova que o Barroco tem bellezas admiraveis nos seus maravilhosos paços como o de Valdstyn, o Wallenstein da guerra dos trinta annos, o de Clam-Gallas e o de Thun; nas estupendas egrejas jesuiticas, como a de S. Nicoláo, a de São Salvador e a de Lorette, e nos monumentos assombrosamente bellos como o tumulo de prata de S. João Nepomuceno e a Grande-Ponte ladeada de estatnas.

Os limites dum artigo não me permittem mostrar as bellezas do Barroco com outros autores na mão e peregrinando por outras cidades. Detenho-me aqui, para examinal-o como architectura tradicional brasileira, segundo o quer José Mariano. Apesar do Barroco jesuitico que nos coube por sorte não ser dos melhores, pois é o vulgarmente chamado estylo d. João V, que se póde comparar, com relatividade, ao Luiz XV francez, por ser expressão da mesma sensualidade decadente e da mesma abundancia de "décor", penso, sem pretensão de impôr a minha idéa, que elle não póde ser representativo da raça e da terra, porque não se nacionalizou. Um estylo architectural só exprime a alma dum povo ou dum paiz, nacionalizado. E só se nacionaliza, dil-o Ruskin, adoptando a flora e a fauna donde está na sua ornamentação. Quando o gothico da Ilha de França emigrou para outras regiões, foi nellas se nacionalizando: tornou-se o gothico feudal do Rheno, o gothico municipal das Flandres, o gothico slavo ou magyar da Europa Central, o gothico normando das abbadias inglezas, o gothico oriental de Chypre, o Manuelino Portuguez. O Barroco, onde quer que chegasse, tambem se nacionalizou: creio que se não poderão nunca confundir, como fórmas e expressões, as variações architecturaes desse estylo produzidas em Roma e em Paris, em Praga e em Madrid, em Lisboa e na America hespanhola.

E' sobremaneira curiosa a maneira por que o Barroco se nacionalizou no Mexico e no Perú. Tanto num como noutro desses paizes, quando os jesuitas o trouxeram, encontraram as ruinas e outros vestigios da grande arte dos Quichúas e dos Aztecas. Sobre ellas, muitas vezes, ergueram os seus templos—como a egreja de São Domingos sobre o templo do Sol, em Cuzco. E tanto as formas vegetaes e animaes do paiz com o estylo ornamental dos indigenas se misturaram ao Barroco, produzindo uma série de obras interessantes, em maior quantidade no Perú do que no Me-

xico. Neste, essa mescla, que formou o estylo nacional, se nota no paço da Municipalidade, onde as aguias dos Toltecas e Aztecas abrem azas, tendo serpes nas garras, entre os enroscados brótos de acantho, na plethora ornamental do portico da Cathedral; e, em reminiscencia, no pedestal da grande estatua de Guatimozin. No Perú, as manifestações são innumeraveis. Quem quizer póde facilmente verificar que os ornatos em "chinoiserie" das ruinas incaicas de Pachacamac, do palacio de Chan-Chan, perto de Trujillo, do palacio de Ollanta, em Ollantaytambo, do palacio de Manco Capac, em Cuzco, estão fielmente reproduzidos na ornamentação abundante das fachadas barrocas da egreja de Chorrilhos, destruida pelos chilenos em 1881; da de San Augustin, da de San Francisco, da residencia do marquez de Torre-Tagle [illegible] propria cathedral, em Lima; [illegible] egreja da Companhia de Jesus, em Arequipa, em cujo frontão uma imagem do santo se mostra sob as roupagens e a fórma primitiva das velhissimas estatuetas pré-incaicas; da egreja da mesma Companhia em Pisco; do Claustro de Merced, do Convento de Santo-Domingo e da celebre "Casa de las Sierpes" em Cuzco.

Não sei por que os jesuitas, tão habeis em materia de adaptação e nacionalização, que chegaram a crear nas suas missões da India um verdadeiro budhismo christão, afim de fazer o Evangelho entrar no espirito dos naturaes, facilmente, nada fizeram para nacionalizar o Barroco no Brasil, ornando-o com as infinitas fórmas novas da nossa fauna e da nossa flora, já que o nosso indio não lhes podia dar os motivos artisticos do Perú e do Mexico. As bellas egrejas barrocas da Bahia, do Rio de e do interior de Minas são barrocas só, não são brasileiras, como são peruanas ou mexicanas as que citei. E eis ahi por que divirjo de José Mariano na aceitação desse estylo colonial como typo de nossa architectura nacional. Esta deve exprimir a alma da raça e as caracteristicas do meio. Ora, o nosso Barroco só exprime o Portugal do tempo de Odivellas. Nacionalizemol-o, para adaptal-o como symbolo verdadeiramente nosso. Se os gregos tiraram o acantho classico da sua vegetação e o mesmo fizeram os artistas das cathedraes gothicas com a agrilegia, o arum, o aipo, a sorveira, o bróto de carvalho e a parra, porque não encontrarão os nossos artistas na nossa flora e na nossa fauna uma riqueza ornamental sufficiente para nacionalizar um estylo — como fizeram os padres da Companhia no Mexico e no Perú?

João do NORTE.

"Fon-Fon" 11 Junho 1921

**CREDO!** E' uma exclamação esta profundamente nortista, ou melhor, profundamente cearense. Os filhos da Terra de Sol, embora acclimatados em outra terra, embora polidos pela civilisação, embora afastado do torrão natal por dezenas de annos, não a esquecem. Póde dizer-se que nunca a perdem. E' a recordação da terra-mãe que mais custa a deixal-os tão arraigada lhes vive na memoria. E á menor coisa que os espante, na rua e no salão, elles logo exclamam:

— Credo!

Por essa palavra se conhece melhor o cearense do que pela pronuncia arrastada, cantante, que lhes é commum e pertence tambem a outros nortistas, do que pela cabeça chata, caracteristico dos filhos de todo o nordeste, do que pela estatura pequena, não rara nos naturaes dos Estados visinhos. O que em verdade demonstra o cearense legitimo é essa interjeição inconsiderada e curiosa:

— Credo!

**Berreguedengues** Mez de Junho, mez dos papagaios! Nesta época, a tradição da creançada faz com que todo o garoto arranje o seu papagaio de papel, de rabo comprido, e solte o no espaço azul, alegremente. Então, os arrabaldes do Rio se enchem, como o de todas as cidades do Brasil, dessas *arraias* voadoras, balançando-se ao alto, na ponta dum cordel. Soltam-nos azues, amarellos, vermelhos, côxos, brancos, matizados, esquartelados, quadrados, redondos, polygonaes, triangulares ou do feitio de aeroplanos. E a meninada adora-os. Mez de Junho, mez dos papagaios alegres!

Outro dia, vi um para os lados da Tijuca, com duas antenas esgalhadas como chifres de veado e cheias de bandeiras multicôres. E elle me deu a razão porque os francezes chamam a esses engenhos infantis — *cerfs volants*.

**Berreguedengues** Levado por deveres profissionaes, fui uma destas manhãs a Jacarepaguá. Fazia sol e soprava um vento fresco e agradavel. Andei muito a pé. Cheguei a Cascadura com uma fome terrivel. Vi que não aguentaria ir até á cidade para o almoço e entrei alli mesmo num pequeno frege, por signal muito asseiado. O creado trouxe-me, em mangas de camisa, o cardapio escripto numa tira de papel. Dei uma risada ao lêr o que nella escrevêra o proprietario: nunca li garabulha mais engraçada. Pedi uma botija de vinho verde e estes pratos exquisitos:

*Camaroens cum baijiens*
*Raguth cum patatas*
*Filete cum petipoá*
*Mramalada.*

Adivinharam o que comi? Não? Pois eu tambem não adivinhei...

**No Municipal** Quando o panno cahio no fim do segundo acto da grande peça de Bernstein, *Le Secret*, intimamente pensei na extraordinaria technica theatral desse admiravel dramaturgo francez, de sangue judeu puro. Ninguem como elle, no Paris actual, para emocionar uma platéa. Os seus dramas formidaveis ahi estão, attestando a sua força exhuberante e o seu conhecimento magistral da scena: *La Griffe*, *Sanson*, *Le Secret*, trilogia estupenda. E é tal a potencia creadora de emoção de Bernstein que, apezar da anormalidade dos seus pesonagens, as obras theatraes do mestre ganham com isso, ao envez de perderem. São verdadeiros doentes os homens e as mulheres que elle faz apparecerem no palco, afim de obrigar os espectadores a vibrar. Mas apresenta-os de tal modo que parecem creaturas normaes.

48

"Fon-Fon" - 11 Junho 1927

(6) E. Faguet - "Enfants célèbres"

# A FESTA ONOMASTICA

Na semana passada, celebrou-se nesta capital a festa onomastica de sua Magestade Constantino I, rei dos Hellenos. No dia de S. Constantino, patrono do actual soberano da Grecia, cantou-se uma missa de acção de graças, seguida dum T Deum, na Egreja Orthodoxa do Rio de Janeiro, sita á Avenida Gomes Freire.

A essa festa compareceram o sr. G Stamati Pezas, ministro da Grecia no nosso paiz e o sr. Consul da Grecia no Rio, acompanhados de suas dignas familias, alguns philhellenos sinceros e a colonia hellenica desta capital.

A todos os presentes causou verdadeira emoção a bella ceremonia religiosa do rito orthodoxo, feita de accordo com a formosa e antiga liturgia de São João Chrysostomo, o grande patriarcha bysantino adversario da Basilissa e Despoina Eudoxia.

Como o Pope que disse a missa e cantou o Te-Deum pertence ao patriarchado celebre de Antiochia, na Syria onde a lingua commum é o arabe, officiou ora em lingua grega, ora em lingua arabe, o mesmo fazendo os chantres, que lhe respondiam as antiphonas e ladainhas. E foi sobremodo curioso e interessante ouvir-se, nessa linda scena christã, recordadora do ceremonial imponente da velha Egreja Constantinopolitana, a lingua do Alcorão entremeiada de formosos trechos do mais puro grego classico, o grego falado por São João Chrysostomo, o bispo da Bôcca de Ouro, cujos sermões em Santa Sophia arrebatavam as almas bysantinas e faziam todo o povo se encher de enthusiasmo e de fé. Quem assistio a celebração da festa onomastica de Sua Magestade o rei Constantino esteve deante dum pouco do Oriente mysterioso, onde até hoje perdura a influencia brilhante da civilisação helladica, e perdura de tal modo que se não póde negar á Grecia moderna o direito ás reivindicações que pleiteia na Asia Menor. E, como o rei dos Hellenos marcha pelo «caminho nacional» — como dizia um poeta grego, ha tempos, como elle esposa a causa do hellenismo resurgido do tumulo e desejoso de reconquistar a sua vida nacional, tantos seculos calcada pela invasão turca, o espirito da nação vibrou unisono com a alma do soberano, no dia da festa sagrada do seu nome.

Dahi a profunda significação das festas onomasticas que, certamente, as colonias gregas espalhadas pelo mundo inteiro celebraram nesse dia nacional, pode se dizer, e que, sob os auspicios do esforçado representante diplomatico da Grecia no Brasil, o sr. Stamati Pezas, aqui se realizaram.

Ao terminar, o Pope orthodoxo, erguendo a sua cruz liturgica, lançou a acclamação patriotica:

— Zito Basileus Constantinos!

E todos os presentes repetiram:

— Viva o Rei Constantino!

J. N.

Aspecto da Festa Onomastica do Rei Constantino da Grecia, realisada no templo orthodoxo desta capital, no dia de São C antino. Grupo tirado após o Te-Deum, vendo-se entre a assistencia os Srs. Ministro e Consul da Grecia, suas familias, o as ote celebrante, o desembargador Ataulpho de Paiva e o nosso companheiro Gustavo Barroso (João do Norte).

49 "Correio Paulistano" - 16 - Julho 1921

# O SAPATO DA BORRALHEIRA

Uma das historias mais interessantes dentre as que se contam ás crianças é, certamente, a da Gata Borralheiro, a **Cendrillon**, do inimitavel Perrault, como singello e encantador, no qual uma certa escola de eruditos ha tempos quiz vêr os resquicios dum antiquissimo mytho solar.

Abstrahindo desse formidavel exaggero, no emtanto, póde-se procurar no fundo mysterioso do Oriente a origem da lenda interessante de que sahiu esse delicioso conto. Aliás, essa procura nada lhe tira do seu encanto ingenuo que tão bellos momentos nos fez passar na meninice, escutando dos labios das velhas mucamas a descripção pomposa do baile do paço real, onde fôra a pobre Borralheira com os seus vestidos maravilhosos dados pela madrinha, a mesma fada que transformava uma abobora e seis ratos numa caleça de tres parelhas. E até o final do conto recolhido pelo extraordinario Charles Perrault era transmudado pelas pretas velhas num epilogo accentuadamente nacional.

Acabada a descripção das bodas do Principe e da Borralheira, cuja mesa de doces, coberta do que havia de melhor na nossa velha cozinha brasileira: compota de figos, baba de moça, bom-boccados, fatias do céo, filhózes, pudim de laranja — fazia a gente lamber os beiços, a narradora dizia:

— Eu estive lá, vi tudo e até me deram uma compoteira cheia de baba de moça (a meninada lambia os beiços!), móde eu trazer para o sinhôzinho; mas porém, ao descer ali a ladeira da esquina, escorreguei numa casca de banana, cahi com todo o corpo, a compoteira esfarelou-se no calçamento e os cachorros da rua lamberam toda a baba de moça!...

— Que pena! murmurava a meninada em redor.

Creio que Grimm e Perrault, Andersen e Edmond Pilon, os velhos escribas pharonicos que copiaram os antigos contos populares do Egypto, traduzidos pelos sabios modernos e outros narradores, jámais pensaram em terminar as suas historias admiraveis de maneira mais empolgante para a criançada.

Mas voltemos ao sapato da Borralheira, que as edições francezas antigas dizem ser de **vair**, isto é, de veiros, de couro fino, e que edições mais modernas dizem, ás vezes, de **verre**, dando razão aos traductores ignorantes que entre nós generalizaram o inconcebivel sapato de vidro, aliás até já passado para o "folk-lore" tradicional do Nordeste, numa das cantigas do Bumba meu boi, que termina assim:

"Ai! ai! ai!
Sinházinha!
Sapato de vidro!
Quem dança mazurka
Diverte commigo!"

Esse sapato encantado da Borralheira, que faz que o Principe apaixonado por sua formosura a encontre, mandando-o calçar em todas as mulheres da cidade, é descendente legitimo da sandalia de Rhodope, hetaira grega, amante do Pharaó Amasis, diz Gomez Carrillo, na sua obra "A Grecia Eterna". Até em torno do mesmo assumpto escrevi o meu conto **Rhodope**, na "A Ronda dos Seculos".

A affirmativa de Gomez Carrillo é verdadeira. Elle não a documenta; mas ha outros que se encarregaram de proval-a de modo definitivo. Entre elles, esse profundo conhecedor da antiguidade oriental que foi Maspero.

A' pagina 103 de sua "Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient", edição resumida de Hachette,

1909, diz elle o seguinte: "Les voyageurs grecs, á qui leurs exégetes racontaient l'histoire de la belle aux joues de rose, changérent la princesse en courtisane et substituérent au nom de Vitagrit le nom plus harmonieux de Rhodopis.

Un jour qu'elle se baignait dans le fleuve, un aigle fondit sur une de ses sandales, l'emporta dans la direction de Memphis et la laissa tomber sur les genoux du roi qui rendait alors la justice en plein air. Le roi, émerveillé et par la singularité de l'aventure et par la beauté de la sandale, chercha par tout le pays la femme á qui elle avait appartenu, et c'est ainsi que Rhodopis devint reine d'Egypte".

Com pequenas differenças de linguagem, Maspero conta o mesmo facto á pagina 438 do 1.o tomo "Les Origines" de sua "Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient", grande edição illustrada de Hachette, em tres volumes, 1895. E o grande egyptologo baseou o seu relato na "Chronologia do Antigo Egypto", de Lepsius, e nos livros de Bunsen, de Lauth e de Zoega, os quaes se fundaram, por sua vez, nos classicos antigos, como veremos depois.

O mais curioso no raconto de Maspero é a confusão da lenda da velha rainha egypcia Nitokris (Nitagrit) com a cortezã Rhodope, amante de Caraxo, que era negociante de vinhos, e irmão da poetisa Sapho, a rainha da moda na cidade de Nankratis, a "Flôr do Delta". Essa confusão veiu do facto de ter sido modificada, durante sua construcção, a pyramide de Mykerinos, a menor das tres grandes pyramides. Eis como Maspero explica tudo, á pagina 380 do volume "Les Origines":

"On savait que le plan avait été remanié au cours des travaux, qu'elle contenait deux chambres funéraires, deux sarcophages, deux momies: on supposa que les modifications se rapportaient á deux régnes distincts, que Mykerinos avait laissé sa tombe machevée, et qu'une femme l'avait terminée par la suite des temps, selon les uns Nitokris, la dernière reine de la VI.me. dynastie, selon les autres Rhodopis l'Ionienne, qui fut la maitresse de Psammetique I.er. ou d'Amasis".

Assim, confundiram-se, com o tempo, na imaginação popular, á rainha e a hetaira, á sombra secular da pyramide denominada pelos seus contemporaneos — a Suprema.

A anecdota da sandalia está em muitos autores antigos. Em Eliano, por exemplo.

Abramos o volume das "Varias Historias". O que possuo é a traducção franceza de Dacier, com remarques, diz o sub-titulo. E' uma edição com "Privilegio do Rei", Impressa em Paris, no anno de 1772, chez Montard, livreiro de Madame la Demphine, na rua do Hurepoix, em Saint Ambroise.

Eliano é um autor greco-latino, que, segundo Perizonius, escreveu ao tempo de Heliogabalo e de Alexandre Severo. Diz elle, á pagina 442, do volume em questão, livro XIII, capitulo XXXIII:

"De la fortune de Rhodope. Rhodope passe pour avoir été la plus belle courtisane de l'Egypte. Un jour qu'elle étoit au bain, la Fortune qui se plait á produire des événements extraordinaires et inattendus, lui procura une faveur qu'elle meritait moins par les qualités de son âme, que par les charmes de sa figure. Tandis que Rhodope se baignait, et que ses femmes gardaient ses vêtemens, une aigle vint fondre sur un de ses souliers, l'enleva, et l'ayant porté á Memphis, dans le lieu ou Psammetique eteit occupé á rendre la justice, le laissa tomber dans le soin du Prince. Psammetique frappé de la delicatesse de ce soulier, de l'élegance du travail et de l'action de l'oiseau, ordonna qu'on cherchat par toute l'Egypte la femme á qui il appartenait: dês qu'on l'êut trouvée, il l'epousa".

Dacier faz a esse trecho de Eliano a seguinte remarque:

"E' difficil conciliar a narração de Eliano com o que diz Herodoto. (Liv. II), que Rhodope floresceu durante o reinado de Amasis, o qual só subiu ao throno 47 annos depois de Psammetico, a menos que se não supponha, como Perizonius, que Eliano se enganou quanto ao nome do rei ou que houve duas cortezãs com o mesmo nome de Rhodope: uma que foi a mulher de Psammetico e que fez construir a pyramide que ainda hoje se vê e que se julga ter-lhe servido de tumulo, sendo essa a de que fala Eliano; outra, a chamada Dorica, durante sua escravidão com Esopo em casa de Iadmon, que, depois de ter sido resgatada pelo irmão de Sapho. — Caraxo, de quem foi amante, exerceu o mistér de cortezã em Nankratis.

Será esta, então, a de Herodoto, que viveu ao tempo de Amasis e empregou a decima parte da sua fortuna em mandar fazer espetos de ferro que consagrou no templo de Delphos, e nos quaes se podia assar um boi inteiro."

Antes de sabermos o que diz Herodoto, ao qual Dacier se refere, podemos procurar em Strabão alguma cousa sobre a hetaira famosa e sua sandalia ainda mais famosa.

Abramos a pagina 436 do 3.o volume de traducção de Tardieu, editada por Hachette em 1909, e transcrevamos o que diz o geographo eminente:

"Essa pyramide passa por ser o tumulo duma cortezã celebre e por ter sido edificada á custa de seus amantes. A dita cortezã fôra aquella Dorica de que fala Sapho, a melographa illustre, como tendo sido amante de seu irmão Caraxo, quando este negociava em vinhos de Lesbos e frequentava Nankratis por causa de seus negocios. Alguns autores lhe dão o nome de Rhodope e contam a seu respeito a seguinte fabula: um dia, estando ella no banho, uma aguia arrebatou uma de suas sandalias das mãos duma serva e vôou para Memphis, onde, parando mesmo sobre o rei, que julgava ao ar livre, num dos pateos do palacio, a deixou cahir sobre seu manto.

As minusculas proporções do sapato e o maravilhoso aspecto da aventura emocionaram o soberano, que logo enviou por toda a parte mensageiros á procura da mulher que pudesse calçar aquella sandalia. Estes acharam-na em Nankratis e a trouxeram ao rei, que a esposou e, após sua morte, lhe fez elevar um tumulo magnifico.

Deodoro de Sicilia regista sómente o caso da construcção da pyramide com mais concisão (traducção de Hoefer, 1.o volume, livro I, cap. LXIV, edição Hachette, 1912): "Esta ultima pyramide passa por ser o tumulo da cortezã Rhodope, tendo sido, dizem, erguida por alguns monarchas em testemunho do seu amor por essa mulher."

Vamos agora ao Pae da Historia, ao velho Herodoto, saber a sua opinião. No livro II, capitulos CXXXIV e CXXXV, elle diz em relação á pyramide (quer na traducção de Gignet, Hachette, 1913, quer na traducção de Buchon, edição de Desrez, Paris, 1857):

"Alguns gregos pretendem que essa pyramide veiu da Rhodope, mulher prostituida, o que não é verdade. E' evidente para mim que elles falam sem saber quem era Rhodope, sinão não lhe attribuiriam a construcção de uma pyramide, que deve ter custado milhares de talentos. Além disso, é preciso ter em conta que ella floresceu não nesse tempo, porém no reinado de Amasis, tendo vivido, portanto, muitos annos depois dos reis que alevantaram as pyramides.

Nascida na Thracia, escrava de Iadmon, filha de Hephestopole de Samos, fôra companheira de servidão de Esopo, o fabulista. Com effeito, este ultimo pertenceu a Iadmon, como o demonstra sobretudo o seguinte facto: quando os Delphicos, obedecendo a um oraculo, chamaram varias vezes quem deveria receber a multa devida pelo assassinio de Esopo, só se apresentou um Iadmon, neto do que fôra senhor do fabulista. Portanto, Esopo fôra escravo delle.

Rhodope foi para o Egypto, levada por Xantho, o Samiense. Lá, ella exerceu a sua profissão, sendo resgatada mediante alto preço por um homem de Mytilena, Caraxo, filho de Scamandronymo, irmão da poetisa Sapho. Assim, Rhodope sahiu da escravidão e ficou no Egypto. Como era bella e graciosa, adquiriu grandes riquezas, tantas quantas uma Rhodope póde adquirir, mas não que chegassem para erguer uma pyramide.

Com effeito, ainda hoje é facil a quem quizer vêr o dizimo de seus bens, o que não autoriza a lhe attribuir immensa fortuna. Rhodope desejou legar á Grecia uma lembrança de sua pessoa. Fez executar uma obra de que ainda ninguem se lembrára, consagrando-a pela primeira vez ao templo de Delphos, em sua memoria. Encommendou e pagou com o dizimo do que possuia grande numero de espetos de ferro para assar os bois sacrificados, enviando-os a Delphos. Elles estão, actualmente, amontoados detrás do altar consagrado pela gente de Chios, defronte do templo. As cortezãs de Nankratis são geralmente graciosas. Uma das primeiras dellas, essa mesma Rhodope, ficou celebre entre os gregos pela sua formosura."

Herodoto, depois dessas judiciosas considerações a respeito da origem da pyramide de Mykerinos, nada nos diz ácerca da lenda da sandalia, que está em Eliano e em Strabão, e que é uma lenda popular egypcia, que, com o correr dos tempos, se confundiu com a historia da cortezã grega, como esta se misturou á de Nitokris e á da erecção do grande sepulcro do successor de Keops e de Kephren. Essa fórma do conto da Borralheira é, no emtanto, segundo Piehl, uma das mais antigas que se conhecem sinão a mais antiga. E não deixa de ser interessante pensar que milhares de annos antes da nossa infancia, no Oriente longinquo, os meninos tambem se maravilhavam ouvindo contar do rei que mandou calçar a sandalia trazida por uma aguia no pé de todas as mulheres do reino, até encontrar aquella cuja formosura esplendida o destino lhe reservára. E quantas almas infantis, desde tão recuados tempos, não desejaram ser Amasis ou Rhodopes, o Filho do Rei ou a Borralheira?

**João do NORTE**

"Fon-Fon" - 11 Junho - "1921"

***Berreguedengues*** Flaubert, querendo pintar o espanto e o horror dos Mercenarios diante da alma punica, põe-lhes á bôcca, quando elles vêm uma serie de leões crucificados pelos carthaginezes, estas palavras:

— Que extranho povo é este que se diverte a suppliciar leões?!

Pois bem, outro dia tive de deixar sahir dos labios frase identica. Passava pelo Campo de São Christovam de automovel e vi com estes olhos que a terra ha de comer um jardineiro municipal lavando, com escôva, esponja, sapolio e não sei mais o que, uma estatua de marmore, que a pátina do tempo começava a dourar e a encher de belleza augusta. E falei alto:

— Que barbaro povo é este, meu Deus, que limpa as estatuas?!

Um cavalleiro ao meu lado levantou os olhos do jornal e murmurou para mim:

— Idiota!

Fiz que não ouvia. Idiota é todo aquelle que não pensa com a maioria...

"Fon-Fon" - 18 Junho 1921

***Safa!...*** A's vezes apparecem certos poetas na nossa redacção, de aspecto complicado e cabelleira sôlta, a pedir agazalho para os seus versos desequilibrados, que só faltamos perder a cabeça! Um delles, de mentalidade suburbana, tem a mania de copiar velhas, serodias poesias dos almanachs das Senhoras e de Lembranças de quarenta annos atraz, procurando impingil-as como grande novidade devida ao seu estro formidavel. E, se não as publicamos, julga se offendido nos melindres de sua Grande Arte.

A MODA

Deante dessa gente, temos ás vezes impetos de pedir á telephonista o numero celebre 70 sul, reclamando enfermeiros forçudos e camisa de força; outras, dá-nos gana de requisitar a Viuva Alegre com os soldados da policia militar; ainda outras, de termos á porta um cão feroz. E cremos que acabaremos, exhaustos, supplicando á Assistencia Publica que nos venha soccorrer o mais depressa possivel...

Safa!...

***Berreguedengues*** Quando ando de bonde ou de trem pelos arrabaldes do Rio, não posso deixar de reparar na questão que os moradores, mesmo os das mais humildes casas, fazem de ter uma sala de visitas. Forram-na de papel vermelho, põem-lhe um *abat-jour* vistoso, enfeitam-lhe as cadeiras com panninhos rendados e laçarotes de fita, penduram á parede um espelho complicado e lithographias berrantes, emfim dedicam-lhe o cuidado e o dinheiro que podem, sacrificando o conforto da moradia, o tamanho da cosinha, a limpeza da sala de jantar, a mobilia dos quartos. E esse pequeno facto repetido constantemente me dá a medida exacta do meu paiz, onde tudo se faz para a sala de visitas, para os de fóra verem, abandonando se o interior á molestia, á miseria, ao analphabetismo, aos bandidos.

O vicio está na massa do sangue...

***Berreguedengues*** Noticias sem origem certa apregôam que Lenine deseja a volta da Russia sovietista ao capitalismo, desilludido da revolução.

Será isso possivel?

Na Russia, tudo é possivel, especialmente aquillo que se afigura impossivel a qualquer outro povo. E' uma sociedade capaz de tudo, porque soffre de *surmenage* devido ao seu progresso apressado e sem equilibrio. Nada que sahir da Russia deve espantar. Ella se prende por um lado ás mais velhas, arraigadas e atrazadas instituições asiaticas; ella extravasa pelas suas transformações rapidas e pelas suas revoluções violentas sobre o occidente. Paiz dos contrastes, nação dos desequilibrios, é extranha, exquisita, bizarra, e nella tudo póde acontecer.

***Berreguedengues*** Outrodia, numa tarde de sol e de mulheres bonitas, eu fiquei algum tempo na Avenida, vendo passar a muitidão variegada, a conversar com um amigo.

Atravessou a rua á nossa frente um dos maiores capitalistas do Rio de Janeiro. E o meu interlocutor disse-me logo os maiores horrores delle e da maneira por que constava que adquirira a sua fortuna.

Dahi a pouco, cançado de dizer mal do *pobre* capitalista deante do meu constrangido silencio, despediu se e foi embora, meio desapontado. E eu fiquei sosinho na tarde luminosa, embora entre o povo indifferente, a philosophar sobre aquelle profundo pensamento dos Vedas: «A riqueza é a procurada, a estimada, que se censura quando se a não possúe e que se cessa de odiar quando ella nos vem ás mãos».

53

"Fon-Fon" 18 junho 1921

**Berreguedengues** A côr das almas!... Acham que as almas não tem côr? Pois affirmam os especialistas que têm e dizem mesmo qual é. Não é preciso se recorrer aos espiritas, afim de saber disso. Os theosophos tratam do caso. E por elles a gente fica desde logo sabendo que as almas são rôxas ou azuladas.

Com effeito, é isso o que Annie Besant affirma na *Sagesse Antique:* «Le *double etherique* est d'un gris violet on bleuâtre, pour la vision clairvoyante».

Póde ser que seja. Não duvido nada. No emtanto, nunca vi um *duplo etherico* e praza a Deus que jamais o chegue a vêr. O céu me livre de assombrações e visagens, mesmo li lazes ou azuladas.

**O Roubo** Esvurmei outro dia, ferozmente, contra os ladrões de que está infelizmente cheio o nosso Brasil. Claudio França respondeu-me assim:

— Não tens razão na tua furia. O brasileiro é ladrão por indole Ademais, considera o roubo cousa honesta. Imita neste ponto os gregos da antiguidade classica. No seu «Direito da Guerra», Grotius nol-os mostra desta sorte. Thucydides affirma que, quando um estrangeiro pisava o solo da Hellenia, logo lhe perguntavam os naturaes sem que nisso houvesse offensa, se era pirata ou bandido, pois ambas as profissões não envergonhavam ninguem. Aulo Gello diz que os lacedemonios ensinavam os mancebos a roubar, para que adqnirissem astucia e agilidade. Epicuro affirmava que o mal não estava em furtar e sim em deixar-se apanhar. O brasileiro pensa do mesmo modo, especialmente o politico brasileiro. Por isso, segue o meu conselho: em vez de descompôres os ladrões, rouba com elles, mas nunca te deixes pegar com a bôcca na botija...

**Os doutores medievaes**

A Idade Media foi o paraiso dos doutores em theologia. Nessa epoca, elles dominaram as intelligencias. Porém o mais interessante foi a mania de lhes dar appellidos, que reinou durante seculos. De 1150 a 1350, duzentos annos, a gente culta da Europa acclamou os seguintes doutores com as seguintes alcunhas: Alexandre de Halls, o Doutor Irrefragavel; Alberto o Grande, o Doutor Universal; Thomaz de Aquino, o Doutor Angelico ou o Doutor dos Doutores; Egidio Colonna, o Doutor Fundamental; Duns Scott, o Doutor Subtil; Francisco de Mayronis, o Doutor Illuminado; Pedro d'Auriol, o Doutor Eloquente; Durand de Saint Pourçain, o Doutor Resolutissimo; João Charlier de Gerson, o Doutor Evangelico; Rogerio Bacon, o Doutor Admiravel; Thomaz Bradwardin, o Doutor Profundo; Alvaro de l'Isle, o Doutor Universal, como Alfredo o Grande.

Hoje em dia, os doutores andam muito por baixo e não merecem aos seus contemporaneos a homenagem duma dessas alcunhas famosas. São, em verdade, na maioria Doutores Rasos...

"Fon-Fon" 18 junho 1921

# SIMÃO BOLIVAR

O libertador Simão Bolivar é o vulto maior da Historia americana. Elle se ergue, envolto na nobreza immensa do seu desprendimento, como um senador romano das épocas puras, na sua toga augusta, ao meio de todos os pró homens da America, aureolado por uma Gloria Maior. General e politico, patriota e guerreiro, deu o impulso que libertou do dominio hespanhol as jovens nações nascidas da fragmentação fatal dos Vice-Reinados. E os outros capitães que desembainharam as suas espadas em pról da libertação das almas dos povos aferrolhados, agiram e lutaram. venceram ou morreram de olhos fitos na estrella do Grande Chefe. Artigas e Sucre, O'Higgins e San Martin fôram por certo muito grandes, mas nenhum tão grande como o venezuelano heroico que primeiro desfraldou no continente meridional o estandarte da Democracia, sonhando com a União de todas as nações libertas. E o seu perfil se projecta nas paginas claras

A Sra. Sallie James Farnham, famosa esculptora norte-americana, autora da estatua equestre de Simão Bolivar inaugurada no Parque Central de Nova York.

Estatua equestre do famoso patriota sul-americano, General Simão Bolivar, dada pelo governo de Venezuela. A estatua foi erigida no Parque Central de Nova York. A autora da estatua é a conhecida escultora norte-americana Sra Sallie James Farnham, que está, na photographia acima, ao canto do monumento.

ou nas ensanguentadas da vida dos povos americanos com uma nitidez maior do que a do proprio Washington.

Retirado da luta, depois do Congresso do Panamá, desilludido dos homens, cheio o coração de amargor, dizem que um dia, referindo se á independencia das antigas colonias, que realisára em parte e que impulsionára na totalidade, elle affirmára com desalento, perdida a fé no futuro das nações convulsas surgidas da libertação:

— Nós os que trabalhamos pela liberdade aramos o mar!

Se um dia Bolivar pronunciou essa phrase que lhe attribuem enganou-se, porque passado o primeiro periodo de anarchia, hoje todas as nações da America, ebrias de liberalismo e de idéas elevadas caminham pela estrada larga

Medalha commemorativa, da cerimonia de inauguração da estatua equestre de Simão Bolivar, celebrada em Nova York a 19 de Abril, na presença do Presidente Hardin e das delegações latino-americanas e da commissão especial venezuelana.

55

ram ao seu territorio o seu nome, outras o pintam nos seus sellos ou o gravam nas suas moedas, outras o perpetuam nas suas condecorações e todas guardam no bronze o seu vulto cavalheiresco.

Elle sonhou o vasto sonho da união de todas num destino commum. Se não conseguiu essa união politica, conseguiu pelo menos que, no culto a sua memoria, todos se unissem. Ainda agora, deram a ultima prova dessa união erguendo no Parque Central de Nova York a sua estatua equestre.

Esse bello monumento foi executado pela esculptora norte-americana Sallie James Farnham e no seu pedestal brilham os escudos nacionaes da America Latina. A inauguração se realisou a 19 de Abril ultimo, solemnemente festejada, a ella comparecendo o Sr. Harding, presidente dos Estados Unidos, e as representações das republicas hispano americanas.

Essa grande homenagem mostra quanto valeu a acção formidavel de Bolivar, que quasi um seculo depois de morto ainda reune em torno do seu nome as bandeiras nobres das mais jovens democracias do Mundo. E se elle arou o mar como disse, o seu braço divino fecundou-o para sempre!

*J. N.*

"O Jornal" — 18 de Junho de 1921, secção

# PUTOIS, O DEDÃO E O QUEBRA BOLACHA

Lucien Bergeret e Zoé, sua irmã, contam numa das mais deliciosas paginas de Anatole France a encantadora historia de Putois. Esse individuo nunca existiu materialmente.; mas existiu na imaginação de muitas pessoas, de maneira especial, tendo nascido de uma pequena mentira. A respeitavel progenitora do sr. Bergeret, querendo justificar o abandono do seu jardim perante uma tia que a visitava, disse-lhe que estava á espera de um jardineiro chamado Putois. E desde esse dia Putois existiu e agiu.

A um discipulo que se espantava da acção desse ente imaginario, o sr. Bergeret judiciosamente respondeu assim: "Partout et toujours des êtres, qui n'ont pas plus de realité que Putois, ont inspiré aux peuples la haine et l'amour, la terreur et l'espérance, conseillé des crimes, reçu des offrandes, fait les mœurs et les lois... Reflechissez sur l'eternelle mythologie..."

Deixemos a profundeza dessas considerações e voltemos a explicar Putois. Devido ao máo estado do referido jardim, o nosso jardineiro imaginario foi logo dado como um indolente, um bebedo mesmo. E começou ahi a sua má reputação. A tal tia pediu uma feita que o mandassem talhar os buxos do seu jardim. Como isso não era possivel, a mãe Bergeret começou a pregar pêtas sobre Putois: que não tinha domicilio certo, que ninguem o encontrava. Varias pessoas a quem ella falou delle, o que acontece sempre, affirmaram já o ter visto e até lhe ter falado. A existencia de Putois foi assim se precisando.

Um dia roubaram uns melões da tia de mme. Bergeret e esta accusou Putois. Os proprios jornaes registraram o facto. Furtaram mais tardo tres colheres de prata da mesma senhora: Putois levou a culpa. Para encurtar razões, bastará dizer que essa creatura nascida da imaginação duma senhora burgueza, que justificava o desarranjo do seu jardim, principiou a ser o autor de todos os maleficios cujos autores de verdade ficavam occultos. Assim, seduziu uma cozinheira, foi o pae de todos os filhos expostos, escalou muros de pomares, quebrou vasos de porcellana, pintou os canécos. Toda a pequena cidade onde residia a familia Bergeret acreditou em Putois, e a propria pessoa que o inventára acabou por crêr nelle...

Nessa pagina curiosa e original, o genio de Anatole fez a critica subtil da origem e da formação das lendas e das crenças: "Reflechissez á la mythologie". E phenomenos identicos podem ser observados entre todos os povos. Procurarei dar aqui duas observações realizadas no Ceará sobre a existencia de dois Putois regionaes: o Dédão e o Quebra-Bolacha.

Em Fortaleza, capital do Estado, para o lado do poente, entre a estação da Estrada de Ferro de Baturité e o Cemiterio de S. João Baptista, ficam umas elevações de barro vermelho cobertas de casebres de palha e de pequenas casas de taipa e telha, chamadas pelo povo Morro do Moinho e Morro do Croatá. Reside ahi uma população pobre e turbulenta, de maneira que esses morros são a Favella do Ceará. Foi nelles que nasceu o Dédão.

Contava a gente do logar, vae para uns vinte e poucos annos que de certa hora da noite em deante o Dêdão apparecia caminhando pelas viellas torcicollosas do bairro miseravel, enrolado numa capa escura, forçando as fechaduras das portas com o dedo indicador, grande e dotado duma força fóra do commum. Por isso o appellidaram Dêdão.

Originára-se do seguinte facto: um servente do Lyceu do Ceará chamado Graciano, natural de Pernambuco, de natural medroso, construira uma choupana para morar no alto do Moinho. Uma noite que o vento do mar soprava rijamente, pareceu-lhe que alguem procurava forçar a porta da sua pobre moradia. Encolhido no fundo da rêde, batendo os queixos de medo, perguntára:

— Quem está ahi ?

E uma voz cavernosa respondera:

— Sou eu, o Dêdão !

Então vira um dedo immenso forçar a fechadura, escancarar a porta pela qual entrou o tufão despelado, e um vulto negro que remexera nos seus bahús, roubando-lhe uma porção de coisas. Se o fantasma não foi creação puramente imaginaria, produzida pelo medo nessa noite tempestuosa, foi sem duvida um ladrão, que se aproveitou das circumstancias para furtar os cacaréos do Graciano. O certo é que dessa sorte nasceu o Dêdão. E dahi por deante muitos o viram, muitos o ouviram, a elle se attribuiram crimes, roubos, seducções de moças, apedrejamentos de casas, emfim, todos os factos cujos autores verdadeiros não eram descobertos.

Dos morros do Moinho e do Croatá ou Gravatá o Dêdão passou a outros bairros da cidade, por onde correu a sua fama. Fez estrepolias no Bemfica e no Pagehú, no Outeiro e na Aldeiota, no Tauhape e na Cachorra-Magra, na Estrada do Gado e em Fernandes Vieira, mesmo em logares mais distantes: nas Damas, no Caó, no Meirelles, no Alagadiço e em Porangaba. Roubos de gallinhas, de frutas, de lenha; filhos sem pae conhecido, enjeitados; assassinios mysteriosos; pilherias de máo gosto, cartas anonymas; tudo isto lhe era attribuido. E a propria "Republica", orgão official do Estado, referiu-se ás vezes ao famigerado Dêdão.

Alguem, no emtanto, quiz aproveitar a fama desse Putois cearense. Um soldado de policia avistou uma noite o vulto preto do fantasma á luz de um lampeão rente ao muro do cemiterio. Era homem destemido e avançou para elle: o Dêdão escafedeu se. O policial narrou o facto ao commandante da sua companhia, que o levou ao conhecimento do tenente-coronel Carneiro da Cunha, já fallecido, fiscal do Batalhão de Segurança do Estado. Este encarregou o sargento Bandeira e o cabo Bexiga, dois militares destemidos, de darem cabo do "bicho".

Ambos, á paisana, armados de bons cacetes de jucá, começaram a rondar todas as noites os arredores dos morros. De madrugada, as mulheres do bairro iam buscar agua numa cacimba que ficava para os lados do paiol da polvora. E nesse occasião, envolto na capa escura, o Dêdão surgia. As mulheres debandavam, menos uma, que era connivente na attitude da avantesma a que aproveitava a solidão para ficar com ella, em doce colloquio...

Uma madrugada, os dois policiaes acompanharam o rancho das "Margaridas que iam á fonte". De repente, numa volta do caminho, a assombração appareceu. O mulherio fugiu aos gritos. Os dois bradaram, preparando os quirins de jucá:

— Quem vem lá ?

— E' o Dêdão ! replicou a voz roufenha do vulto.

Os dois correram sobre elle, sem lhe darem tempo de defender-se ou fugir. Metteram-lhe o páo. Caiu embuçado no manto negro. Desenrolaram-n'o reconheceram, com espanto, um major da sua corporação, ajudante de ordens do presidente do Estado, muito conhecido na cidade pelas suas aventuras amorosas...

A these anatoliana foi bem provada no Ceará do littoral com o verdadeiro Dêdão, que não existia senão na imaginação dos Gracianos, com o falso Dêdão, que era de carne e osso. Vejamol-a agora no sertão.

Ha coisa de duas decadas ou mais, toda a cidade do Crato, no interior do Ceará, na zona celebre do Cariry, se encheu com a fama dum fantasma que apparecia nas proximidades do cemiterio e que ao andar fazia tetricamente estalar os ossos das juntas. E a esse ente creado por algum medo ou por alguma brincadeira começaram a attribuir tudo quanto de mal apparecia na cidade, como nos casos similares de Putois e do Dêdão. Tambem alguem resolveu aproveitar para seus amores o receio geral do fantasma, tal qual o official de policia da capital, pois que um guarda-local do Crato viu uma noite a tal assombração pular do muro do cemiterio para a rua, envolta num lençol branco, andar estalando as juntas e entrar calmamente na casa fronteira, onde residia uma viuva, cuja reputação não era das melhores...

57

Na noite seguinte, o guarda, com outros companheiros, pôz emboscada ao fantasma e segurou-o. Era um homem conhecidissimo no Crato, o Figueiredo. Estava enrolado num lençol e, com as mãos nos bolsos, quebrava pedaços de bolacha dura, afim de imitar o estalar secco dos ossos. Dahi o seu glorioso appellido de Quebra-Bolacha.

Anatole France fez a critica ironica das creações mythologicas da humanidade no seu delicioso Putois, mas esqueceu de fazer o sr. Bergeret explicar como os velhacos as empregam em proveito proprio.

Esse capitulo o Dédão fortaleziense e o Quebra-Bolacha do Cariry, ladinos e espertos, completaram de maneira curiosa, original e interessante.

**João do NORTE.**

## "Fon-Fon" 18 junho 1921

***Discricção*** A palavra é de prata e o siiencio é de ouro, diz a sabedoria popular. Pensando nisto, é que eu, deante daquelles que muito fallam e muito erram, me mantenho calado. Deixo-os dar á treia. Ouço e medito. Para que fallar, se fallar prejudica tanto?

E sigam os que puderem o meu conselho. Só fallem quando a isso forem obrigados pelas circumstancias. Prefiram sempre ouvir. Pacheco só morreu formidavelmente grande, porque nunca fallou e, quando a isso ia ser forçado, espetou o ar com o dêdo.

Dahi a razão que tem o troveiro do sertão nordestino, quando diz:

*Muito vence quem se vence,*
*Muito diz quem não diz tudo,*
*Porque ao discreto pertence*
*A tempo fazer-se mudo.*

Façam se mudos todos. A discricção é a maior das virtudes, a mais rendosa pelo menos! Que o digam as mulheres que fallam tão pouco!...

***Berreguedengues*** — Uma das coisas de que mais medo tenho neste Rio de Janeiro é a de atravessar as ruas.

— Com receio de ser atropelado?

— Certamente, pois as victimas de atropelamentos se contam por centenas.

— Então, os automoveis o amedrontam assim?

— Os automoveis propriamente, não. Os carrinhos de mão, esses me apavoram!

— Os carrinhos de mão? Porque?

— Porque ser atropelado por um bonde, um trem, um auto particular, official ou taxi é cousa cabivel, acceitavel, que póde acontecer a qualquer um, que nem desperta mais attenção. Porém ser pisado por um carrinho de mão é horrivel e profundamente inglorio. Dahi o meu receio. Ser esmagado por um carrinho de mão! Que azar!

## "Fon-Fon" 18 junho 1921

***Berreguedengues*** Disse-me outro dia uma senhora dotada de alto espirito critico que agora a moda feminina é a dos fôrros pretos. Eu ainda não reparára em tal cousa. Mas ella me informou que, por causa de tal moda, as senhoras e senhorinhas andam agora pelas ruas de leves vestidos de filó. O tal filó, segundo essa interessante senhora, não é usado para que se veja a côr de carne das mulheres, sim para que se note que todas andam com os fôrros pretos. E ella, com extraordinario espirito, accrescentou que, felizmente, as pretas, tão numerosas no Rio, não precisam de taes fôrros.

— E de que precisam, então? perguntei maliciosamente.

E ella:

— De pretos fôrros...

***Elle...*** Elle passou á minha frente, na rua, cercado de admiradores, fazendo *pôse* de homem superior. As circumstancias o guindaram a uma posição alta e forte, embora elle não tenha talento, o que não o impede de possuir um sinistro espirito machiavelico. Passou e fez que me não via, afim de não ter o trabalho de me cumprimentar — a mim pobre homem sem influencia e sem valor. E eu senti que elle ia certo de ser personagem historico e formidavel, a cujos pés ninguem chega em cousa alguma; senti que elle estava convencido de sua estrondosa superioridade.

Tudo isso, coitadinho! porque os homens da sua pretenção e do seu estôfo sempre «*prennent le caquetage rustique de leur village pour le murmure de l'univers.*»

***A Noruega*** Este sympathico paiz do Norte da Europa é um dos mais interessantes e progressistas do mundo inteiro. Nação de marinheiros e pescadores, deve esta grande manifestação de sua actividade á constituição de sua costa, onde continuamente se abrem os fjords ou golfos estreitos e penetrantes. Um desses fjords, o de Drontheim, tem cerca de trinta leguas de extensão. E' por isso que o littoral norueguez seria de 1.900 kilometros em linha recta e, no entanto conta 13.000 por causa dessas admiraveis sinuosidades. Esse littoral fez dos norueguezes descobridores, navegantes audazes, commerciantes e optimos pescadores. E a vida rude e livre que levam fêl-os sadios e bons, fortes e apaixonados pela sua liberdade. Esses caracteristicos tornaram a Noruega um dos primeiros paizes do mundo em progresso pacifico, tanto material, como intellectual e moral.

58

"O Dia" 13 junho 1921

# O VENTRE DO LADRÃO

São Patricio foi um grande santo. Elle evangelizou os povos rudes da Caledonia e da Hibernia, com uma paciencia inimitavel. E todos os grandes, como todos os pequenos, sempre lhe testemunharam a maior veneração. Uma vez, prégava a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo no palacio do rei da Escocia, deante de todos os seus cortezãos orgulhosos, envoltos nos seus "plaids" quadriculados e heraldicos, quando o proprio soberano, maravilhado pela eloquencia de suas palavras, se ergueu do throno e veiu postar-se ao seu lado, afim de escutal-o mais de perto. São Patricio não o viu naquella apostura e, batendo com a ponteira de ferro do seu bordão de viagem sobre o lagedo, num transporte de enthusiasmo, sacro, prégou no sólo pelo meio o pé do monarcha escossez! Mas, tal era o respeito que a sua vida veneravel e a sua veneravel physionomia imprimiam, que o rei cuidou tivesse o santo feito aquillo de proposito, ferindo-o tão cruelmente, afim de melhor mostrar-lhe que, para ser admittido na fé christã, era necessario supportar as mesmas dôres que o Divino Salvador soffrera. E o soberano intimamente se felicitava de ter tido um dos pés trespassado por um ferro, como Jesus Christo tivera os dois.

Quando São Patricio verificou o que fizera e como era piedoso aquelle monarcha da Caledonia, ficou verdadeiramente maravilhado. E nesse dia lhe cessou um momento de baptisar aquelles que procuravam a purificação na agua sacramental, nem de [illegible] os guerreiros orgulhosos, que a piedade do rei exemplificára. E o santo curou a [illegible] monarcha das [illegible] dôres com uma simples or[illegible] tal partiu, espalhando á face das ter-

ras, por entre as populações soffredoras os maiores beneficios. Foi elle quem, pelos seus constantes rogos a Deus e pelos seus meritos, alimpou Escocia e Irlanda de bichos damninhos, de bestas ferozes e de animaes peçonhentos. Por sua causa, nunca mais se encontraram nas hervanças das planicies cobras venenosas, desappareceram das mattas das montanhas as famintas alcateias de lobos, rarearam sobremodo por toda a parte as raposas, e os proprios gaviões e gerifaltas se tornaram difficeis de encontrar. Alem disso, ainda o santo homem deu á casca de certas arvores virtudes que lhes permittissem servir de antidotos ao veneno das viboras.

No decurso duma de suas longas peregrinações, visitando o norte da Escocia as egrejas e capellas, que já estabelecera e onde gostava de ir prégar de vez em quando, São Patricio realizou um dos mais curiosos milagres de que falam as luminosas vidas dos Santos da Egreja.

Antes de chegar na aldeia para onde ia, caminhando pela longa estrada, tirava respeitosamente o seu grande chapéo de viagem, de feltro escuro, deante de todas as cruzes. Porém, com profundo espanto dos padres que o acompanhavam, não se descobriu em frente a uma dellas, a maior de todas, por signal, quasi á entrada da povoação. E um dos acolytos, cuidando fosse aquillo distracção do santo, chamou-lhe respeitosamente á attenção.

O bispo parou e disse com doçura:

— Se eu não vi a cruz, posso jurar que quem está enterrado sob os seus braços não a merece: é um pagão indigno do emblema sagrado!

Os padres arrancaram a cruz dali e, chegando á aldeia, informaram-se, logo verificando que São Patricio tinha razão. Mas narremos o curioso milagre a que nos referimos:

Mal entrava no presbyterio, foi o santo abordado por um pobre homem, que lhe contou, entre lagrimas, ser pauperrimo, possuir uma pequena ovelha, que lhe dava o leite aos filhos pequenos, e tel-a perdido pela maldade dum seu vizinho, homem rico e poderoso, que a matára e comera, recusando-se a pagal-a e ameaçando o seu proprietario com castigos terriveis, se continuasse a reclamal-a. São Patricio consolou o pobre e prometteu-lhe plena satisfação daquelle maleficio.

Subiu ao pulpito, fez ao povo ajoelhado e humilde um admiravel sermão sobre o furto, as suas desastrosas consequencias, a enormidade desse peccado á face de Deus e os castigos infernaes que esperavam áquelles que pelas tentações do Maldito a elle se deixavam arrastar. Depois, narrou o triste caso do roubo daquella ovelha, unico bem dum homem pobre, terminando esta parte da predica com uma exhortação:

— Irmão, que peccastes tão feiamente, arrependei-vos e sereis salvo! Confessae deante de toda esta gente a vossa falta, promettendo publicamente indemnizar o prejudicado e eu vos alimparei de toda culpa, em nome de Deus.

O ricaço encolhia-se, escondendo-se por traz das outras pessoas que o cercavam. O santo proseguia, exhortando-o.

59

— Irmão, vós estaes dentro da Egreja, dentro da Casa do Senhor, e eu vos estou vendo! Arrependei-vos, irmão!

O culpado quiz fugir. Já ia alcançando, silenciosamente e subtilmente, a porta da sahida, quando o bispo bradou do alto do pulpito sobre as cabeças baixas da multidão acurvada e medrosa:

— Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, já que o roubador não quer confessar a sua falta, endurecido no peccado, que a ovelha furtada, morta e devorada, berre a verdade de dentro do ventre daquelle que a roubou e trucidou perversamente!

Traçou no ar com dois dedos um lento signal da cruz. E, entre o espanto de toda aquella gente, começaram a se ouvir os balidos do pobre animal, que vinham do ventre rotundo do ricaço!

Este, livido e tremulo, as pernas vergando, veiu a cambalear até o meio da nave, cahiu de bôrco no chão, prosternado humildemente, e, quando a voz do animal cessou de sahir-lhe das entranhas, disse em voz alta:

— Arrependo-me, meu santo! Arrependo-me! Peço-vos perdão, peço perdão ao meu vizinho pobre, peço sobretudo perdão a Deus! E prometto e juro repartir com o dono da ovelha que roubei metade da minha fortuna!

Quem duvidar da veracidade deste milagre leia a vida de São Patricio escripta na "Lenda Dourada", por Jacques de Voragine: e, se não acreditar nas minhas humildes palavras, estou certo que profundamente crerá no que affirma o douto e bemaventurado arcebispo de Genova.

**João do Norte.**

(Do "Livro dos Milagres").

"Jornal" 18 Março 1924

***A Theosophia*** Um amigo meu, que é catholico praticante, aconselhou-me outro dia a lêr o livro que falla de Elisabeth Leseur.

Respondi-lhe que preferia lêr as obras de Annie Besant, a perder meu tempo com o que elle me aconselhou.

— E de que trata essa Besant? — indagou elle.

— E' a maior theosopha moderna — expliquei.

Então, o meu amigo disse cobras e lagartos da Theosophia. Retruquei-lhe com estas simples palavras da «Sagesse Antique»:

« — Depois de ter dado outr'ora origem ás religiões, a Theosophia vem hoje em dia simplesmente justifical-as ou defendel-as. Ella é a rocha de onde todas fôram extrahidas.»

E eu não dei uma palavra contra as crenças do meu amigo.

---

***Ladrões*** Contam os velhos livros inglezes que o rei Alfredo o Grande de tal modo policiara e educára o seu reino que, deixando uma feita o seu annel de ouro e pedras preciosas varios dias a fio pendurado num galho, em logar deserto, á beira dum caminho, ninguem nelle se atrevêra a tocar. Rezam as chronicas da Normandia que um dos primeiros chefes normandos, o terrivel Rollon completamente alimpára o seu ducado de malfeitores, tanto assim que dependurára á borda duma lagôa o seu bracelete de ouro dum galho de salgueiro e tornára alli a encontral-o uma semana depois.

Sabendo disso, qual de nós brasileiros, que vivemos rodeados de deshonestos, não ergue as mãos ao céu e pede á testa da nação um Rollon ou um Alfredo o Grande — porque hoje quem esquecer numa estrada mesmo uma caixa de fosforos fica sem ella...

---

va lentamente. Ao meu espirito acudiam todas as explicações que os homens têm dado para mostrar a idéa de Deus. E, por fim, lembrei-me da maior de todes, a que está contida no velho livro budhista, o «Táo-Teh-Ching»:

«Elle não tem nome, porque foi Elle que tudo engendrou; Elle tem nome, porque Elle é a Mãe de Todas as Coisas. Sob qualquer desses aspectos, Elle é identico na realidade, porém á medida que o desenvolvimento se produz, recebe diversos nomes. O seu conjuncto nós o chamamos O Mysterio»

Detive-me longamente, ao meio da praia alva e solitaria. Ao longe, o céu scintillava. Perto, o mar rugia. E eu fiquei alli alheiado de tudo, profundamente pensando n'O Mysterio...

***O Mysterio*** Noite. Não ventava. Silencio completo. E no alto negrume do céu, scintillando, as estrellas que fizeram Daudet escrever uma das maiores paginas de poesia da humanidade sobre a terra. Eu ia pela praia clara e deserta, olhando os astros luminosos suspensos na amplidão e ouvindo o rumor das ondas, infinitamente triste e grande. Caminha-

60 "Selecta" 18 junho 1921

anorama da cidade de Cuzco, no Perú, antiga capital do Imperio dos Incas, destruido pelos hespanhóes de Pizarro. Ao centro, se grande praça, onde outrora se faziam os sacrificios religiosos do povo quichúa.

# A CAPITAL DOS INCAS

Cuzco, no Perú, é uma das mais interessantes cidades do mundo e, infelizmente, para as suas ruinas, ainda se não voltaram completamente os olhos dos sabios europeus. Homens de alto saber do Perú e de outras nações sul-americanas, dos Estados Unidos e da Europa têm escripto a respeito da antiga e admiravel civilisação incaica, que os hespanhóes destruiram a ferro e fogo; mas até hoje os vestigios de tão gloriosa e mysteriosa época não fôram tão tenazmente examinados como os das civilisações orientaes, embora o enigma das organisações sociaes da America antiga seja profundamente tentador, promettendo a sua decifração que se aclarem talvez problemas ethnographicos e historicos muito obscuros.

Cuzco guarda os mais interessantes vestigios do grande passado morto pelos irmãos Pizarro, na sua aventura sedenta de ouro. Essa memoravel cidade foi a capital dos Incas, cujo throno aberto na rocha viva a domina do alto dum comoro. Alli residiam os imperadores

Egreja de Santo Domingo, em Cuzco, construida sobre as paredes fundamentaes do Templo do Sol elevado pelos Incas.

C 61 "Fon-Fon" 25 Junho 1921

## A mulher de fantasia

Estudando a constituição da familia entre os povos nomades de raça semita, o sociologo francez Demolins ennumera as pessôas que vivem sob a tenda dum *cheik* arabe do Haúran, Mohammed el Khalil Ben Mogdad. Em primeiro logar Sarah Bente Khawaldé, appellidada «a mãe dos filhos», esposa legitima do chefe nomade e dona do lar. Em segundo logar, immediatamente, Uatha Bente Kmedad, sua concubina. E, em terceiro, Satkah Bente Tahan, concubina tambem. Todo o mundo sabe que a polygamia é permittida no Oriente. Portanto, não é de admirar que um cheik possúa tres mulheres, duas illegitimas e uma verdadeira. Desde os tempos de Abrahão que é assim.

Mas o que é realmente interessantissimo é o appellido que têm essas mulheres, tão bem apropriado aliás quanto o da primeira—a «mãe dos filhos». As concubinas chamam se «mulheres de fantasia».

Com effeito, os orientaes mostram-se mais profundos no conhecimento da psychologia dos homens do que os occidentaes. Elles comprehenderam que um individuo póde ter e conservar sua mulher legitima, sem preju zo das suas fantasias, que são *penchants* naturaes. Dahi as suas «mulheres de fantasia», ao lado das «mães dos filhos», a santa da familia e as creaturas do prazer. Antes isso abertamente do que cada qual andar ás escondidas, como na nossa civilisação, arranjando as suas «mulheres de fantasia».

## O Infante D. Pedro I

O poeta francez Sidoine Appollinaire, que tem um nome de classico latino, escreveu no seu livro *Bestiario* estes versos:

*« Avec ses quatre dromadaires*
*Don Pedro d'Alfaroubeira*
*Connut le monde et l'admira.*
*Il fit ce que je voudrais faire,*
*Si j'avais quatre dromadaires. »*

Depois de lêr estes versos, quiz saber que infante foi este que andou por este mundo em fóra com quatro dromedarios. E verifiquei que a epopéa maritima portugueza iniciada pelo infante de Sagres despertou grandes invejas na Europa, especialmente da parte da Hespanha. A lenda do infante D. Pedro d'Alfarrobeira nasceu, assim, duma especie de satyra castelhana á expansão commercial lusitana, salvo engano. Essa satyra se intitulava: « Historia del Infante de Portugal, D. Pedro d'Alfarrobeira, en la que se refiere lo que sucedio en el viaje que hizo cuando anduvo las siete partes del mundo, compuesta por Gomez de Santesteban, uno de los doce que llevó en su compania el Infante. »

E é nesse livro que se fala dos quatro dromedarios.

A MODA

## Berreguedengues

Ella é loura anda de preto Ha no seu todo de fidalguia e de intelligencia uma seducção terrivel. Por isso, não sómente os olhares, mas os passos dos homens a acompanham, quando passa ligeira, de olhos baixos.

A sua belleza impressiona profundamente e mais profundamente ainda impressiona a côr metallica e quente da sua cabelleira loura.

Toda vez que ella passa por mim, repito entre dentes a quadra encantadora de Appollinaire no seu livro «Bestiaire du Cortège d'Orphée», sob a figura da cabra do Thibet:

«Les poils de cette chêvre et même
Ceux d'or pour qui prit tant de peine
Jason, ne valent rien au prix
Des cheveux dont je suis epris».

E é certo mesmo que nem pelo Tosão de Ouro dos Argonautas eu daria em troca os cabellos dessa creatura loura, se ella m'os tivesse dado, o que certamente nunca e nunca acontecerá.

## Berreguedengues

A inveja é o peccado maior do brasileiro. Os outros povos a têm, mas nenhum em tão alto gráo como o nosso. Infelizmente! Ella enche a maioria das almas por ahi afóra. Quem tem qualquer coisa a ser invejado póde affirmar que passa pela Avenida, como Cyrano de Bergerac: «sous la pistoletade excitante des yeux». E a inveja produz os coxixos das rodinhas em que a pelle do proximo é lanhada pelas maldades que cada perverso aninha no fundo trevoso do seu coração.

Foi bem essa triste situação dos invejosos que o poeta Carlos Magalhães pintou no seu poemeto publicado ha dias nas paginas de *Selecta*.

## Necessidade de agir

O que nos espanta vêr nos nossos dirigentes, diga-se a verdade, é a sua falta de acção quasi absoluta. Os politicos do Brasil, além do horror das responsabilidades e do culto da incompetencia, têm sobretudo a phobia da acção.

Dahi a sua mania atroz de conchavos, de accordos, de combinações, a sua recusa á lucta, que torna o ambiente politico do paiz um charco sem a agitação que é vida e que póde produzir alguma coisa util. Essa phobia de agir é pavorosa. Ella dá ganas da gente gritar a esses homens:

— Ajam! Ha necessidade de agir! Ajam! Ou, então, de plagiar Sarmiento:

« — Es preciso hacer las cosas aunque se hagan mal, pero hacerlas! »

Edicão numerada.

## A civilisação e os animaes

Cada sociologo inventa uma theoria para explicar as variedades dos typos ethnographicos humanos e a diversidade das civilisações. Se um Gobineau cria, para isso, a theoria dos dolycocephalos e brachycephalos, um Le Play estuda os ambientes e um Demolins assegura que o caminho tomado pelas grandes emigrações de povos os modificou e lhes deu civilisações diversas, eu tambem venho, muito seriamente, trazer minha contribuição ao assumpto, creando uma theoria nova, a qual demonstra que os animaes empregados pelo homem ou por elle caçados é que influenciaram o seu typo, as suas maneiras e o seu progresso. Assim, a renna civilisou os esquimaus até o ponto em que estão; o cavallo fez os arabes, os tartaros, os turcos, os grandes pastores emfim; o lhama desenvolveu os peruanos dos Incas; o bisonte dirigio os pelles-vermelhas da America do Norte. Baseado nas mesmas razões, posso affirmar que a civilisação dos béberes é a do camello; a dos antigos egypcios, o boi; a dos indús, do elephante; a dos nossos indios, da preguiça; a dos chinezes, do bicho de sêda; a dos hotentotes, do avestruz; a dos australianos, do kangurú; a dos celtas, do porco, cuja ultima reminiscencia é a salchicharia do Rheno e da Allemanha do Sul; e, por fim, a dos noruegueses, é devida ao bacalháo.

A unica coisa que me aborrece, depois destas profundas elocubrações, é ter a certeza de que os leitores estão pensando que essa theoria seja uma brincadeira de minha parte. Oh! acreditam que eu seria capaz de zombarias em materia tão sisuda?!...

62

"O Jornal" 22 Junho 1921

# AS SYMPATHIAS

Em 1910, quando começei, com a coragem de todo cearense emigrado, difficultosamente a minha vida no sul do Brasil, tive de ser Nivelador nos trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil pelo valle do rio Paraopeba. Passei algum tempo nessa região mineira, uma das peóres do grande Estado, quasi deserta, atrazada e pobre. Morava numa casa arruinada, no arraial de S. Gonçalo da Ponte, cuja ponte o rio já levára, deixando della sómente os pilares do alvenaria. Ia dali a cavallo, todas as manhãs, para o serviço do campo, com um mestiço alto que me conduzia o instrumento de Gurley e a mira graduada para as visadas. E voltava, todas as tardes, para o pouso, coberto da cabeça aos pés de carrapatos. Nunca vi tantos como nessas paragens. Bastava virar-se uma folha de arbusto, para se ficar espantado. Formigavam em baixo aos milheiros, miudinhos e avermelhados. Penetravam nas botas de couro crú, mettiam-se entre a camisa e o casaco, grudavam-se á pelle. Um martyrio! Acostumado aos sertões do Nordeste, onde esse bicho damninho ataca os animaes, porém não enche os hervaçaes e a folhagem, dahi passando para a gente, esbravejava diariamente contra a praga.

Um meu vizinho e fornecedor, de quem guardo optima lembrança, o sr. Basilissio Anastacio de Faria, que talvez ainda lá esteja, com o seu pequeno armazem de seccos e molhados, nesse melancolico logarejo de S. Gonçalo, ensinou-me uma vez o remedio "infallivel" contra os taes insectos remedio que, aliás, não puz em pratica, certo de que nada valia.

Disse-me elle:

— Porque o sr. não faz uma sympathia?

— Que é uma sympathia? perguntei.

O vendeiro explicou-me:

— Ha uns tantos pés de matto que têm sympathia para uns tantos bichos, e a gente andando com um galhinho desses mattos, nunca cortado, mas quebrado sem ninguem vêr, na cintura ou no chapéo fica livre de ser atacado por esses bichos.

Então indicou-me quaes os arbustos de que eu devia quebrar um galho, em segredo, e andar com elle, afim de me vêr livre dos carrapatos, de escapar á mordedura das cobras ou das piranhas, ao atravessar os rios. Era muito moço nesse tempo e não prestei muita attenção áquelles conselhos, de maneira que, se me recordo ainda do facto, esqueci os nomes das plantas dessas sympathias.

Varias outras pessoas do local, em outras opportunidades, tambem me aconselharam "fazer a sympathia" contra os malditos carrapatos; mas não sabiam indicar qual o vegetal necessario e affirmavam que qualquer um servia, sendo sufficiente ter fé, não o cortar com faca nem dizer nada a ninguem.

Com o correr do tempo e das leituras, com viagens e observações, verifiquei que essa superstição das sympathias é tão antiga quanto a humanidade e pertence, no fundo, a todos os povos. Ella nasceu dos velhos cultos phytolatras já esquecidos, do descobrimento de certas virtudes medicinaes das plantas, de outras crenças hoje em dia perdidas na noite do passado, mas em virtude das quaes os albergistas de toda a Europa suspendem á porta de suas hospedarias e vendas ou tascas um ramo verde de azevinho, que livra o estabelecimento do máo olhado dos freguezes ruins.

Desse fundo commum vem a crença no ramo de buxo em agua benta, que protege os lares, ou a dos nossos ramos do celebre Domingo da Semana Santa, que afastam os raios das casas.

Porém ha sympathias mais interessantes. Todas as hervas de São João, que são a Artemisia, a Canaria, a Camomilla, o Gramen, a Hera do Chão, o Lycopodio, o Sámolo, o Orchis, a Verbena e o Hyperico, passam na França por possuidoras de sympathias de varias naturezas. A proposito disso, um observador enviou ao sr. Alexandre Bertrand a seguinte nota, publicada por este ultimo á pagina 124 da "Religion des Gaulois", edição Leroux, Paris, 1897:

"La veille de la Saint Jean, avant le coucher, du soleil, les paysans du Perche continuent á cueillir l'herbe dite "herbe de la Saint Jean". C'est une herbe trainante, trés aromatique, qui a de petites fleurs d'un bleu violet. On y ajoute d'autres fleurs également aromatiques

On en fait des croix, des couronnes que l'on suspend au dessus des portes des habitations et des étables. On les vend comme les brins du dimanche des Rameaux. On garde ces couronnes séches d'année en année. Si un animal meurt, une vache par exemple, aprés avoir nettoyé l'étable avec soin on entasse au milieu toutes ces herbes séches auxquelles le temps ne semble pas faire perdre leurs vertus. On y met le feu; on ferme hermetiquement l'étable, afin que la fumée penétre dans tous les interstices. On est persuadé que l'on a chassé les germes de la maladie".

Está ahi a sympathia das hervas se manifestando de duas fórmas. Primeiro, nas corôas e ramos, tão protectores da casa e do estabulo, que se vendem. Segundo, na sua fumaça, quando queimadas.

Plinio, o Naturalista, conhecedor da velha sciencia oriental e compulsador dos antigos livros de magia, dá-nos na sua obra diversos exemplos de sympathias. Falando do absintho, diz elle (XVII-29): "Ha tambem um absintho maritimo, "artemisia maritima", que alguns chamam "seriphium". Os iniciados nos mysterios de Isis levam um ramo na mão. O viajante que conduz um de seus galhos sobre si não sente a menor fadiga, segundo dizem".

Se os antigos criam que um galho de arbusto livrava da fadiga, não é de estranhar que o meu amigo Basilissio acreditasse que um ramo de tal ou tal planta afastasse os carrapatos, ou que o povo acredite nas virtudes esplendidas dos galhinhos de arruda. Essa superstição narrada por Plinio prolongou-se na Europa através os centenarios. Ainda ha pouco tempo, relativamente, Grimm a registrava como corrente na Allemanha, á pagina 587 da sua "Mythologia Allemã": "Um proverbio supersticioso ensina que quem quer que leve comsigo a artemisia não sente cansaço, viajando".

Plinio conta mais (XIV-118): "Alguns autores prescrevem, para a cura das escrofulas e tumores, tomar os nós de um, dois ou tres pés de gramen até o numero de nove, enrolal-os em lã gordurosa e negra. Quem os colher deve estar em jejum e ir, assim, á casa do doente, na occasião em que elle lá não estiver; quando elle entrar, deverá dizer-lhe tres vezes: — Venho em jejum trazer remedio a um homem em jejum. Depois, lhe pendurará o amuleto ao corpo. O mesmo repetirá tres dias seguidos". Apesar de complicado, esse remedio não deixa de ser uma sympathia.

Outra sympathia mais simples, Plinio, (livro XV-62): "Uma corôa feita com folhas de hera em numero impar cura a cephalagia". Ainda, segundo o mesmo autor latino, a cephalagia desapparece com uma corôa de herva pelluda que se chama Philanthropos, e, para que a "lappa canaria" salve os porcos de epizootias, é necessario ser arrancada da terra sem auxilio de ferro algum e ao som destas palavras cheias de especial virtude: "E' a herva argemon, remedio achado por Minerva para os porcos".

Tratando do Selago, diz o citado naturalista (liv. XXIV, 62, 62): "A sabina ou brathy, como a chamam os gregos, parece com a planta denominada Selago. Deve ser colhida sem auxilio do ferro, como se fosse roubada, estando a pessoa de vestes brancas, com os pés descalços e bem lavados, tendo antes sacrificado aos deuses com pão e milho. Deve-se conduzil-a numa toalha nova. Os druidas gaulezes pretendiam que é necessario ter-a sempre comsigo contra os acçidentes". Está ahi uma sympathia geral que tanto poderia servir para livrar de dentadas de cobras como de quédas de cavallo. A mesma superstição consta, como muito espalhada na França, do celebre livro de Jean Baptiste Thiers — "Traité des Superstitions", publicado em 1697. Uma de suas phrases resume a crença total nas taes sympathias: "Se ceinde de certaines herbes la veille de la Saint Jean, précisement lorsque midi sonne, pour être preservé de toutes sortes de maléfices". Muitos seculos antes, quando ainda o povo não esquecera de todo as crenças do paganismo, no setimo seculo da era christã, Santo Eloy, ourives e ministro do rei Dagoberto, senhor dos Francos da Neustria e da Austrasia, enumerava as sympathias, entre as superstições pagãs que prohibia nas suas homelias. Numa dellas, pedia aos seus fieis que não empunhassem "phylocterios" ou ramos para se livrarem deste ou daquelle mal.

De todas as hervas "sympathicas" a mais celebre na antiguidade foi a verbena, que os romanos chamavam tambem "hierobotana", herva santa, que outros denominavam "peristéreos", que os druidas veneravam e que os embaixadores latinos levavam na mão, quando se dirigiam ao inimigo, sendo por esse motivo appelli-

dados "verbenarios", uso anterior á fundação de Roma. Plinio diz, referindo-se a ella: "Os magos dizem que quem a emprega no corpo obtem o que deseja... que é necessario colhel-a ao nascer da constellação do Cão, de modo a não se ser visto da Lua nem do Sol... circumscrevendo-a com um ferro, mas arrancando-a com a mão esquerda e levantando-a no ar..."

Commentando certas passagens identicas ou semelhantes de Plinio, o sr. Alexandre Bertrand diz que essas formulas de sympathias vegetaes não eram privativas dos Druidas da Gallia, porém tiradas por elles dum fundo commum oriental, e que Plinio por isso não estabelecia distincção entre Druidas e Magos. Para os primeiros, havia na alma dos vegetaes qualquer coisa que os unia espiritualmente ás outras fórmas superiores da vida.

A esse proposito, na sua "Histoire de France", Henri Martin diz isto, referindo-se á religião do carvalho e do agarico entre os celtas: ""L'association du chêne, l'arbre sacré, avec le gui serait le symbole de la creature unie au Créateur et distincte du Créateur, puisant perpétuellement la vie dans le sein de l'Etre eternel qui la supporte. L'esprit mystique de la croyence des druides ne permet pas d'admettre que les vertus attribuées au gui soient uniquement physiques. Il s'agit ici d'une purification spirituelle".

Dessa virtude symbolica de relação espiritual e mystica entre as plantas, as creaturas e o Creador, vindas das antiquissimas revelações das mysteriosas e profundas theogonias orientaes, se desenrolaram entre os povos essas superstições do valor benefico de certas hervas ou arbustos pelo simples contacto ou presença, o que exclue a virtude medicinal das propriedades physico-chimicas. Essas superstições antiquissimas vieram até os nossos sertões, drenadas por entre povos os mais diversos, porém sempre vivas a contendo os principios iniciaes, como não serem cortadas com ferro, serem colhidas em segredo, etc., o que demonstra a força indestructivel da memoria collectiva. E nós não vamos neste artigo até mais longe, no Oriente, para que as sympathias do leitor caceteado não se mudem porventura em profunda antipathia.

João do NORTE.

**Berreguedengues** Andam por ahi os jornaes a gritar contra o chefe de policia, porque este conserva no corpo de agentes a seu serviço alguns ladrões conhecidos, os quaes, segundo se assoalha, são até empregados em missões delicadas.

Fico realmente admirado da ignorancia que faz com que os jornalistas extranhem o facto, porque só á ignorancia posso attribuir os seus ataques ao chefe por esse motivo.

O jurisconsulto grego Ariston narra, affirmam Deodoro de Sicilia e Aulo Gello, que no Egypto antigo os ladrões estavam organisados em corporações ou syndicatos poderosos, os quaes possuiam representantes acreditados junto á policia, afim de terem quem os defendesse nas questões delicadas levantadas entre elles e as autoridades por força de sua propria profissão.

O mesmo se está passando no Rio de Janeiro, dez mil annos depois. E creio que as pessôas de bom senso estarão commigo, affirmando que só a ignorancia da imprensa poderia impellil-a a atacar um chefe de policia admiravel que nos está igualando, em civilisação, ao Egypto dos Pharaós.

Não é verdade?

## *A poesia das violas*

Adelmar Tavares, o fino poeta e nosso tão prezado collaborador, realiza na tarde de 27, uma conferencia sobre «A poesia das violas», com emboladas, trovas e lundús ineditos, dos cancioneiros do Norte.

A poesia das violas é bem um thema para um espirito como o de Adelmar Tavares, saudoso da poesia dos sertões, onde cantadores expontaneos e subtis dizem cousas bellas num idioma rude. Sensibilidade lyrica, o poeta feiticeiro e commovido de *Myriam, luz dos meus olhos*, vae deliciar com uma conferencia interessantissima sob qualquer aspecto, o publico elegante e fino que o applaudirá, segunda-feira, no salão da Sra. Angela Vargas.

**Berreguedengues** Chove. Uma chuvinha miudinha, teimosinha, fustigantesinha. E não digo mais cousas em inha para não ficar parecido com aquelle celebre poeta Faustino Xavier de Novaes.

Que têm de commum a chuva, o suffixo inha e esse poeta? perguntará o leitor.

Vou explicar. Esse vate ou menestrel escreveu um dia uma poesia no album duma Senhorinha, toda rimando em inha, e terminou por assignal-a da seguinte maneira: Faustinosinho Xaviersinho de Novaesinho. E' na verdade o cumulo!

Pois bem, eu não quero ficar parecido com esse *zinho*, comprehendeu?

E agora a chuva de que eu comecei a fallar? Ora, essa. cançada de esperar por mim que, estava occupado a descrever o episodiosinho do Xaviersinho, foi bôasinha e resolveu ficar paradinha...

65 "Correio Paulistano" — 23 - Março 1924

# AS ONÇAS-TOTEMS

O immenso sertão brasileiro foi sempre a região das onças. Por elle vaguearam, antes da chegada dos europeus, durante a colonização e até aos nossos dias, centenas de milhares de felinos ferozes, de todos os tamanhos e feitios. Onças pintadas e negras, maçarocas e sussuaranas, vermelhas e canguçu's, jaguares, coguares ou pumas, infestaram sempre as nossas serras e mattas, auxiliadas pelos gatos selvagens mouriscos-vermelhos ou pretos, trajajás e maracajás. Ainda hoje, as zonas mal exploradas do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Pianhy, de Matto Grosso e de Goyaz, cheias de onças, provam que abundancia dellas devia ter havido, nos tempos idos, por todo esse vastissimo e abandonado Brasil. E, si alguem houvera estudado cuidadosamente as manifestações totemicas dos nossos indigenas, certamente teria verificado que a maioria das tribus e dos individuos acreditava na mysteriosa protecção dos jaguares e canguçús, a elles se assemelhando, como é de uso entre os povos primitivos. Porque as reminiscencias desse totemismo ainda viveram até perto de nós e ainda se prolongaram mesmo pelo folk-lore sertanejo.

Não ha, com effeito, nos nossos sertões, historias mais communs do que as chamadas "historias de onças", tragicas ou comicas; não existe genero de poesia mais espalhado do que o das que celebram as aventuras das feras devastadoras de manadas e rebanhos.

O bandeirante encontrou no ambiente dos seus primeiros estabelecimentos pastoris e agricolas a inclinação, para esse assumpto, herdada do indio. Os prejuizos causados pelos felinos e as suas perigosas caçadas mantiveram e desenvolveram os motivos iniciaes. Dahi toda uma alluvião de poemetos, cantigas, quadras e outras poesias populares celebrizadoras dos feitos sangrentos dos jaguares terriveis e traiçoeiros. Nisto, o sertão profundamente se parece á India, onde os tigres occupam grande logar na vida dos naturaes do paiz. E uma celeberrima onça maçaroca, devoradora de potros, que existiu no fim do seculo passado em Quixeramobim, no Ceará, sendo perpetuada em verso, recorda os grandes tigres fulvos das montanhas do Indostão, aos quaes as tribus são obrigadas a pagar tributo. Os inglezes dominadores da Peninsula têm até um termo especial para denominar esse imposto — **black-mail** ou **chantage**, vindo etymologicamente da antiga Malha-Preta, que os camponios eram obrigados a pagar aos salteadores das montanhas.

O totemismo antigo dos indús a respeito dos tigres, que tanto abundam no seu habitat, manifesta-se ainda recentemente nas crenças e historias que, com rara habilidade, Rudyard Kipling tem sabido aproveitar em varios de seus livros.

Nações inteiras da India acreditam estar sob a protecção occulta duma dessas féras, á qual attribuem poder divino. Então, levam á porta da sua furna novilhas e ovelhas. Taes lendas se irradiaram da India pelo Indo-China, pelo Thibet e pela China mesmo, segundo está bem documentado no livro de Wieger — "Folk-lore chinois".

Mesmo nas minucias do que se diz das onças no nosso interior se verifica a similitude de crenças e affirmações com as da India. São meios identicos nessa superpopulação de féras. Não podiam deixar de se parecerem. Asseguram os sertanejos que as sussuaranas e pintadas, quando querem andar pelo matto sem fazer o menor ruido ao pisarem sobre as folhas e galhos seccos, lambem muito as suas patas deanteiras. O mesmo repete Kipling em varios trechos do "The Book of Jungle" e especialmente na movimenta-

da pagina do "In the Rukh", onde a extraordinaria personalidade de Mowgli se illumina com uma nova aureola.

Um outro conto de Rudyard Kipling — "O tumulo dos antepassados" — mostra o poder dos totemismos ancestraes entre os indu's. Uma tribu de Bhils de Satpuras acredita no poder sobrenatural dum tigre-nebulsoo, isto é, dum tigre cujas riscas negras se espumam sôbre o fundo côr de laranja da sua pelle, tornando-o differente dos outros tigres. Esse animal phantastico apparece á noite, annunciando males, luctas, epizootias, cavalgado pela sombra dum inglez fallecido, que gosára de alto prestigio pessoal entre os Indu's.

Auguste Saint Hilaire registou no seu livro "Voyages dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes", editado em Paris por Gimbert et Dorez, em 1830, uma reminiscencia totemica analoga dos nossos indigenas. Esse é um dos varios documentos dessas manifestações de que se póde dispor no nosso paiz, onde todos esses estudos são por demais descurados. Narra o viajante francez, á pagina 209, do seu volume II, que os indios Machaculis, já aldeados pelo governo brasileiro, ainda criam na protecção maternal que lhes dispensava uma descommunal onça-negra. Esse animal formidavel guiava-os nas suas migrações e caçadas, rondava á noite os seus acampamentos, afim de que não fossem surprehendidos pelos inimigos, e lhés prophetizava — como o fazia o tigre-nebuloso dos Bhils — as guerra e as desgraças, as fomes e as epidemias. A ella tambem offereciam em tributo algumas cabeças de gado, uma vez por outra, para lhe abrandar os furores.

Da vida sanguinaria das onças, dos nossos sertões, que hoje vão dia a dia desapparecendo, é facil encontrar a documentação em verso, feita pelos troveiros mestiços ou brancos de dois seculos para cá. Mas da sua acção sobre a vida e a mentalidade do indigena quasi nenhum vestigio resta. E' necessario o acaso fazer encontrar, nas paginas de observação dos viajantes extrangeiros, referencias como essa dos Machaculis,. para que se possa vêr que o totemismo dos primitivos occupantes do sóla brasileiro fez da onça o mesmo animal fabuloso e lendario que o tigre entre os Indu's. Quantas onça-totems, protectoras e prophetizas, não houve no sertão brasileiro, ao tempo em que os selvagens ahi vagueavam sosinhos, cuja interessante memoria se perdeu á falta dum Saint Hilaire para guardal-a como a dessa mysteriosa onça-preta dos Machaculis?!

**João do NORTE**

## Syncretismo historico-litterario

Começam a apparecer nas lettras brasileiras livros de altos estudos, representativos do alto valor mental de seus autores. O symptoma é admiravel. Somem-se as marés de poetas menores sem brilhos e sem esperança. Surgem prosadores estudiosos, que procuram as origens das coisas e que nos dizem da sua peregrinação pela vida da humanidade. Ha tempos, registramos aqui com real prazer a obra sociologica de folego do sr. Oliveira Vianna, um desses grandes livros. Hoje, temos novo prazer em annunciar o livro extraordinario do sr. Th. Ribeiro Junior, impresso em Bordéos, na Imprimerie des 4 fils, á rua Colbert 9, com o titulo singelo de «Sabbatinas Litterarias». E' este o primeiro volume duma serie de tomos que demonstram a immensa cultura de seu autor. Contem elle um maravilhoso resumo historico das producções mentaes dos hindús, dos hebreus, dos hellenos e dos latinos, tanto nos tempos antigos como na Idade Media. Estão annunciados os outro quatro volumes da obra. O segundo abrangerá a Idade Media e a Renascença, tratando dos francezes, inglezes, allemães, italianos, hespanhóes e portuguezes. O terceiro irá da Renascença ao seculo XVII, historiando a litteratura dos mesmos povos. O quarto comprehenderá os seculos dezesete, dezoito, dezenove e a primeira parte do vinte, alcançando, além dos povos citados. mais os russos e os escandinavos. E o quinto se occupará da litteratura e dos homens de lettras e de sciencia do Brasil, desde os tempos coloniaes até nossos dias.

Que Deus dê ao sr. Th. Ribeiro força para terminar essa admiravel anthologia universal, obra que enriquece sobremaneira o nosso patrimonio intellectual.

67 "Correio Paulistano" 30 dezembro 1921

# AS TRES MORAVIAS

Nos primeiros seculos da éra christã, um impulso formidavel, devido ao augmento das populações do centro da Asia, onde os recursos do meio já não bastavam a suppril-as do necessario, lançou sobre a Europa todos os povos pastores do Oriente, tanto os de raça indo-germanica como os de origem turaniana. E foi então que, sobre as provincias dos dois enfraquecidos Imperios Romanos, vieram trazer a pilhagem e a matança incontaveis hordas de barbaros, as quaes, depois de refluxos e de luctas, conseguiram derrubar esses imperios e nelles installar-se, dando origem ás nações modernas.

Nessa época convulsa e ensanguentada, os slavos, premidos por outros nomadas, extravazaram do seu habitat primitivo, na Scythia, sobre as planicies ridentes da Pannonia superior, atravessando os Carpathos e detendo-se á margem do Danubio. Mesmo antes do christianismo, elles já tinham vindo até essas regiões, por infiltração, segundo o prova a archeologia, pois entre os restos de ceramica e armas dos povos celtas que habitaram a Bohemia antiga, os Boios que lhe deram o seu nome, e entre os resquicios das tribus germanicas que se extenderam até á puszta hungara, se encontram documentos da sua existencia.

Vindos da zona comprehendida entre o Vistula e o Dniester, elles logo se acclimataram ao norte e nordeste da Hungria actual, onde os surprehendeu um formidavel derrame de ávaros ferozes. Luctaram, fôram vencidos e dominados. Dessa escravidão os libertou um heróe lendario — como os heróes iniciaes de todos os povos. Esse principe do povo dos Marahans ou Moravios, foi o famoso Samo, que constituiu com a sua gente um Estado poderoso, á primeira Moravia, cujas desintelligencias com o não menos celebre Dagoberto, rei dos francos salios e dos francos ripuarios, fôram registadas minuciosamente pelo chronista Fredegario.

No seu livro "Les Slovaques", Ernest Denis, um estudioso das questões slavas do Oriente europeu, mostra como novas ondas de invasores nomadas, vindos da Scythia e da Sarmacia, inexgottaveis em barbaros, absorveram na sua invasão esse primeiro esboço dum Estado moravio ao pé dos Carpathos, construido pela espada lendaria de Samo.

Os povos slavos da Moravia espalham-se pelo vasto territorio da Pannonia, indo até á Dacia e mesmo até á Mesia. Emquanto as tribus comprehendidas sob a denominação de Slovacos quedavam ao norte, os chamados Slovenos desciam para o sul. Estes ultimos são os que se dividiram, nos tempos modernos, em servios, croatas, montenegrinos, esclavões, etc., que os chronistas latinos contemporaneos appellidavam sclavinos. Elles atravessaram o Sava e o Danubio, perto de Sirmium, nos arredores da Belgrado moderna, tomando conta da região para sempre, em numero de oem mil, chamados contra os romanos pelo kakhan tartaro Baian, conforme narra Amedée Thierry á pagina 423 do 1.o volume da "Histoire d'Attila et de ses successeurs" (Edição de Emile Purin, Paris, 1884). A geographia moderna, creada pelo Tratado de Versailles, chama-os Yugo-Slavos.

Na época carbomigia, do nono ao decimo seculo da éra de Christo, os povos moravios reergueram sob o habil governo de Mojmir, de Rostislar e de Svatopluk, a nação gloriosa e lendaria de Samo, fazendo-a penetrar altivamente na historia com a rubrica de Imperio da Grande Moravia.

Desses tres chefes, o primeiro, reunindo debaixo de suas ordens todas as tribus moravias e slovacas propriamente ditas, oppôz-se

de armas na mão ás velleidades conquistadoras de Luiz o Germanico e iniciou essa lucta dos slavos occidentaes contra a Allemanha que deveria durar até aos nossos dias.

O segundo foi o Clovis slovaco, como o chama Ernest Denis. Sentindo o seu povo impregnado pelo christianismo e pensando que elle seria conquistado para a influencia teutonica, pela religião triumphante, si ella viesse dos Cesares allemães, resolveu dal-a á sua gente, de fonte menos perigosa. Pediu ao imperador byzantino lhe enviasse prégadores que convertessem os Marahans. Miguel III mandou de Constantinopla os dois apostolos irmãos Cyrillo e Methodio, conhecedores da lingua slava, creadores do seu alphabeto glagolitico, os quaes baptizaram toda a nação morava.

Essa era, nesse tempo, uma verdadeira potencia na Europa Central. Extendia-se dos Carpathos ao Adriatico.

A sua influencia dominava mesmo as tribus sclavinas meridionaes. O seu poder ia até Salonica. E os gregos apoucados de Byzancio temiam as tribus slavas da segunda Moravia.

O Estado slovaco fechava aos Cesares allemães o caminho do Oriente. Resolveram destruil-o. Aproveitando algumas dissensões intimas, o imperador Luiz o Germanico invadiu a Moravia. Rostilar fez-lhe frente com energia; porêm, trahido pelo seu sobrinho Svatopluc on Swatepolc, que ambicionava o poder, ao qual foi elevado pela mão dos germanos, perdeu a corôa e a vida.

De posse do throno, o sobrinho trahidor revelou-se um grande patriota, um grande guerreiro e um grande estadista. Sacudiu a tutela germanica e obrigou pelas armas o imperador a reconhecer a sua independencia.

Casou com a filha do principe da Bohemia, e ligou, assim, á sua politica o povo irmão dos tchéques, preparando as affinidades que os deviam unir mais uma vez no presente. E a recordação do seu poderio ficou gravada na memoria popular em cantos e lendas interessantes.

Não podendo vencer, directamente, a segunda Moravia, constituida energicamente ao lado do seu coração, a Allemanha resolveu isolal-a e matal-a aos poucos. Chamou em seu auxilio, como o repetiu em 1914, as hordas vagabundas de hungaros e de magyares, que, perseguidas pelos Petchnegues, se tinham refugiado nas puszias entre o Danubio e o Tisza, onde a sua vida pastoral primitiva é rude nos é descripta no livro de Demolins "Les grandes routes des peuples".

Thierry descreve magistralmente esse acontecimento: "No dia aprazado, Arpad e seus companheiros atravessaram as passagens dos Carpathos e, descendo como uma torrente aos plainos da antiga Hunnia, assaltaram Swatepolc, que já combatia contra as tropas de Arnulfo, rei da Germania, acabando a sua derrota. O soberano moravio fez nessa batalha prodigios de valor; depois, desappareceu na confusão, emquanto suas tropas debandadas fugiam em todas as direcções. Que fim levou? Ninguem sabe. Em vão se procurou o seu cadaver no campo da lucta, em vão se procurou saber si succumbira, ferido mortalmente, em qualquer logar afastado. Nunca se pôde descobrir si estava neste ou no outro mundo."

Duas tradições nos falam do seu fim mysterioso. Uma, a hungara, inimiga, assegura que, louco de desespero, se afogara no Danubio. A outra, a slovaca, amiga, narra que fugiu, graças ao seu cavallo veloz. Subiu a montanha de Sabor, onde moravam tres velhos eremitas. A noite, no meio da floresta, matara o seu corcel, enterrara as armas, o manto e a corôa real num barranco, rasgara as vestes, sujara-se de lama e apresentara-se aos santos homens como um companheiro mysterioso. Ali ficara com elles, vivendo em continuas orações e só lhes revelara o seu segredo á hora

69

da morte. Os eremitas, admirados daquella extranha aventura, escreveram sobre seu tumulo, na floresta, segundo Dubravnik, na "Historia Boiemicae", este significativo epitaphio: "Regem Moraviae Suatoplugum in medio regni sui sepultum jacere." E, assim, como a primeira Moravia começou numa lenda, a de Samo, a segunda, terminou tambem com uma lenda, a de Swatepolc.

Os hungaros se estabeleceram na região, rodeando os moravios, que se encolheram para o Norte, isolando-os. Arpad deixou-os sob o governo dos filhos do rei desapparecido, que se degladiaram em luctas estereis até que os magyares submetteram todo o paiz. "Du grand empire morave les ruines mêmes disparurent."

Durante dez seculos, os slovacos viveram isolados e opprimidos; mas esse longo soffrimento lhes temperou a alma, tornando-a de aço, tanto assim que, ao cahir o Imperio Allemão e ao rasgar-se a colcha de retalhos austro-hungara, elles renasceram, formando uma como terceira Moravia, fraternalmente unidos aos tcheques, seus irmãos de sangue e de aspirações.

**João do NORTE**

"Fon-Fon" 2 julho 1921

"Fon-Fon" 25 junho. 1921

## Approximação intellectual

Muitos são actualmente os litteratos e jornalistas que trabalham com real empenho pela approximação intellectual do Brasil e das republicas hispano-americanas, especialmente em relação á Argentina. Com effeito, nada mais triste do que nós brasileiros nos preoccuparmos mais com os escriptores da Europa do que com os do nosso continente. Felizmente, agora essa approximação se intensifica e os americanos do sul começam a conhecer bem a nossa vida intellectual e nós a nos iniciarmos bem na delles.

Entre os que fazem esforços nesse sentido está o nosso confrade da imprensa portenha Emilio Gariello. No ultimo numero da Revista Moderna de Buenos-Aires deparamos com uma optima traducção sua da Ingratidão, ecloga de Domingos dos Reis Quita. Já conheciamos varias traducções brasileiras e portuguezas de Cariello e não podemos deixar de dar-lhe novamente parabens por esse ultimo e notavel trabalho.

## As ruinas

Temos uns collaboradores que nos fazem perder ás vezes a paciencia, obrigando-nos a lêr quanta mixordia produzem e vindo á redacção reclamar a publicação das suas terriveis, pavorosas elocubrações. Então, os que têm a mania de escrevinhar *pensamentos* são os peores de todos. Imaginem os que lerem estas linhas que um delles nos deu ha dias, instando pela sua publicação, estes conceitos de Monsieur Prudhomme, plagiados de Pacheco, de La Palisse e do Grande Homais:

« Poucos são os homens que não olham com emoção profunda todas as ruinas, mesmo as mais humildes. »

Na verdade?

« E' que ellas são muitas vezes para elles a imagem das desgraças que os opprimem. »

E' verdade?

« Os cemiterios fazem pensar na morte. »

E' verdade mesmo!

« Uma aldeia abandonada traz ao espirito as scenas da vida! »

E nós que não sabiamos! Porque Deus da sua infinita misericordia não reduz a ruinas taes pensadores?!...

A MODA

## O Asphaltite da America

Quem ouve falar no bello lago de Maracaibo logo pensa por uma natural associação de idéas, nas historias dos bucaneiros e filibusteiros das Antilhas, que, em tempos idos pilhavam terrivelmente a tradicional cidade do mesmo nome.

Entretanto esse lago, é um dos logares mais preciosos do continente colombiano, porque nas suas margens abundam as minas de asphalto precioso, que a Venezuela intelligentemente exporta.

O que é, porém, digno de nota é que esse lago não apresenta o aspecto desolador do Asphaltite da Palestina, onde silenciosamente se embebe o Jordão. Elle é ridente e formoso, claro e luminoso, reflectindo o céu azul da patria de Bolivar, todo rodeado de vegetações luxuriantes. O Asphaltite americano é, portanto, um Mar Vivo e não um Mar Morto, reunindo ao util o agradavel.

## O Velho Testamento

Depois de cinco annos de estudos e conscienciosas pesquizas, o dr. José Carlos Rodrigues, ex director do *Jornal do Commercio*, publica agora uma grande obra: o Estudo historico e critica do Velho Testamento, soberbamente impresso em Edimburgo. Faltam na nossa litteratura as obras de exegese religiosa e esta vem brilhantemente preencher esse claro, pois na nossa lingua não ha noticia de outra mais profunda nem mais completa.

Sendo o Christianismo uma projecção ou continuação da Doutrina Mosaica, o autor fez obra intelligente expondo as fontes religiosas e dogmaticas do culto professado pela maioria dos brasileiros. Além do estudo das fontes biblicas, o escriptor mostra a evolução da critica moderna a respeito. Emfim, a obra do dr. J. C. Rodrigues, digna de carinhosa leitura e meditado estudo, demonstra a sua grande erudição e a sua forte crença religiosa.

70 "O Jornal" - 2 julho 1921

# CREPITUS, DEUS DOS ROMANOS

Nas paginas eternas da "Tentation de Saint Antoine" de Gustave Flaubert, depois das grandes heresias e dos grandes hereticos, os deuses de todos os povos desfilam deante do anachoreta assombrado. Passam lentamente e lentamente descrevem a sua origem e a sua força. Após as trindades gangeticas, os peixes divinisados da Chaldéa, Ahrumazda, a Grande Diana de Epheso, a Boa Deusa da Syria, Cybele, Atys, Isis, surge todo o divino pantheon greco-romano, desde Zéus, o tonitroante até os Lares domesticos. Quando esses passam, Crepitus "se faz ouvir" (sic):

"Outr'ora tambem fui homenageado. Faziam-me libações. Fui Deus. O atheniense me considerava presagio e fortuna, o romano devoto me amaldiçiava de punhos erguidos e o pontifice egypcio, abstendo-se de favas, tremia á minha voz e empallidecia ao meu odor. Quando o vinagre militar corria pelas barbas intensas, quando os homens se regalavam com bolotas, ervilhas e cebolas crias, quando o cabrito em pedaços cosinhava na manteiga rançosa, não se importando com os outros, todos se alliviavam. Os alimentos solidos faziam as digestões crepitantes... Assim, passava eu sem escandalo, como quaesquer outras necessidades da vida... Tive meus dias de orgulho! O bom Aristophanes fez-me passear no theatro e o Imperador Claudio Druso assentou-me á sua mesa. Circulei magestosamente na laticlava dos patricios e fiz os vasos de ouro resoarem como tympanos... Mas presentemente estou confundido com a populaça e basta o meu nome para provocar o riso!"

Este trecho sobre tão curiosa divindade poderá ser lido á pagina 241 da "edição definitiva" da "Tentation", Eugéne Fasquelle, Paris, 1913. Elle é um dos pedaços da "Primeira Tentação" que quasi não soffreu modificação alguma, quando o autor deu ao publico o volume expurgado de muita coisa que escrevera anteriormente. E' facil verificar a identidade dos trechos, abrindo a pagina 230 da "Premiére Tentation de Saint Antoine", manuscriptos de 1849 a 1856, publicada por Louis Bertrand, edição de Eugéne Fasquelle, Paris, 1908.

Não é preciso grande esforço de comprehensão p,arece, para verificar a que acto da vida correspondia esse velho deus da mythologia romana, tão fertil em deuses e deusas curiosos e unicos como Mena, que atrapalhava as mulheres, Priapo, os Faunos, os Satyros, os Syivestres, Rumina, que dava leite ás amas, Lucina, que auxiliava os partos, Cardea, que ajudava a abrir as fechaduras e a gyrar as dobradiças, Venus Cloacina e outros peores.

Pois esse feio acto natural foi pelos antigos elevado á categoria de divindade e de facto historico. Elle consta, como aliás Flaubert succintamente apontou, de quasi todos os velhos classicos.

Diz elle que Aristophanes o passeou pelas scenas. Vejamos.

No primeiro volume da traducção do theatro aristophanesco, feita por Louis Humbert e editada por Garnier Fréres, Paris, 1889, póde-se lêr a exactidão da citação flauberteana, no tomo I, á pagina 96, primeira scena dos "Cavalheiros", quando Nicias se espanta dos rumores que produz Demosthenes adormecido. Na mesma peça, á pagina 141, em que o carniceiro exproba a Cleon o seu máo costume. No inicio das "Nuvens", pag. 179. Na pagina 204, mesma comedia, onde Strepsiade imita onomatopaicamente o deus: "papappax, papapappaz"! A' pagina 321, das "Vêspas", ha a respeito trocadilhos que a traducção franceza não póde alcançar, mas que a traducção latina reconstitue mais approximadamente: "Tum si mihi vinum sitienti non infunderis, asinum hunc adtuli vino plenum, deinde pandus ipse memet ingurgito: ille autem bhians rudit, et contra tuum turbinem grande et horrendum pedit". Grande e horrendo, é boa! Ainda á pagina 343 o facto se repete, pois ahi, nessa comedia das "Vêspas", Brilioléon conta que Lansia, a magica que fazia medo ás crianças, não era isenta de tal fraqueza...

No segundo volume de Aristophanes, o passeio crepitante continua. A' pagina 268, primeira scena das "Rãs", Xanthias pronuncia o nome do acto que ia praticar. A' pagina 285, mesma peça, Bacchо imita as rãs: "brekekekex, coax, coax"! de

maneira pouco decente. Por fim, á pagina 333, o mesmo personagem ainda se occupa do assumpto.

Aristophanes era um comediographo e procurava fazer rir. Não é de estranhar que lançasse mão desse artificio; porém os mais sérios autores da antiguidade nunca o desprezaram. Homero foi o primeiro a cantal-o. Tenho a mão o volume da "Odysséa", traducção de Lecomte de Lisle, Lemerre, Paris; no fim do poema ha varios trabalhos esparsos do velho rhapsodo. No hymno II, dedicado a Hermes, pagina 403, se lê que o filho de Zeüs e Maia, levado pelos ares por Phebo Apollo enviou-lhe um "augurio", "misérabile serviteur de son ocutre, insolent messager"... Flaubert tinha razão em affirmar que, para os athenienses, "isso" era bom presagio...

Herodoto, Pae da Historia, faz companhia a Homero na mesma ordem de idéas, introduzindo nos annaes humanos a primeira resposta de Cambronne em Waterlooo, que publicamente foi dada. Tanto na traducção de Buchon, publicada por Desrez, Paris, 1837, como na de Giguet, editada por Hachette em 1913, consta no capitulo CLXII do livro II, "Euterpe", que Amasis á frente das tropas egypcias revoltadas contra o pharaó Apries, levantou-se da sella e disse ao mensageiro real, que lhe trazia a ordem de prisão: "leve "isto", para o pharaó!" O general de Napoleão, ao meio dos quadrados heroicos, na planicie belga onde morreu a Aguia, não deu melhor nem mais rude resposta. Herodoto documenta mais a abstenção de favas e feijões por parte dos padres egypcios, conforme Flaubert faz o proprio Crepitus d'zer na "Tentation". Basta lér no mesmo segundo livro, "Euterpe", o capitulo XXVII: "Em topo o Egypto não se semeiam favas nem se as comem, crúas ou cosidas, se por acaso apparecem. Os sacerdotes não supportam a sua vista, porque consideram esse legume como impuro".

Esta constatação nos demonstra a exactidão de Flaubert, a sua honorabilidade de artista. Todas as suas descripções ou minucias sobre a antiguidade são inteiramente verdadeiras, podendo assim ser facilmente documentadas.

Passando do hellenismo á latinidade, vamos achar o Crepitus installado no "Satyricon" de Petronio. No capitulo XLVII, Trimalcião diz entre risos a Fortunata: "quae soles me nocte desomnem facere!" E o grande "parvenu" dá inteira liberdade aos seus convivas: "medici vetant continere!" O deus fescennino póde ser encontrado no livro I das "Satyras" de Horacio, VII, edição Garnier ou Panckoncke, aliás esse trecho do da primeira foi tirado da segunda: "Nam, displosa sonat quantum vesica, pepedi difissa nate ficus". Martial é, naturalmente, mais abundante nesse teôr do que o "divino" autor das "Odes e Epodes". Na quarta pagina de suas "Memorias", traduzidas por Janin e publicadas pela casa Garnier, se encontra o vaso de ouro "retentissant comme un tympanon" de Flaubert. Esse mesmo vaso de ouro reapparece no epigramma XXVII, "ad Bassam". O mesmo Bassam é ridicularizdo no epigramma LXXXVIII, pelo mesmo motivo. Todos os latinos ligavam extraordinaria importancia ao "caso", tanto que o elevaram a Deus. Ao tempo do Imperador Claudio, doente de flatulencia chronica, reza a historia que um edito imperial deu a permissão "podendi coram". E os latinos todos denominavam, segundo Turnebio, os individuos de pequena estatura "hominis crepitum". Nós temos nesse sentido uma frase vulgar, horrivel, porém energica.

De tudo isto o mais admiravel é a erudição classica de Flaubert, pois a menor de suas "frases" está baseada em leituras vastas. E refazel-as, essas leituras, procurando as fontes onde se abeberou o magnifico pintor de frescos literarios não tem o menor merecimento e talvez nem curiosidade desperte entre os que lêm.

A literatura christã dos primeiros seculos esquece ou condemna o deus indecente. Santo Agostinho do livro IV da "Cidade de Deus", ataca os romanos do paganismo por terem apropriado funcções divinas a necessidades humanas (o contrario diria melhor do phenomeno em questão): "Singulis rebus propria dispertientes officia numerum". E o luminoso doutor se inflamma contra Volupia, Libertina, Vaticanus, que preside aos vagidos dos recem-nascidos, Cunina que protege os berços, Rusina, que defende as planicies e Jugatinus, que defende os montes, Matuta, que amadurece as espigas e Limentinus, que vigia o limiar das mansões, sem pensar que a Egreja iria crear santos semelhantes aos velhos deuses até para dôr de dentes ou para achar objectos perdidos: Santas Appollonias e Santos Antonios.

Com os primeiros albores do Renascimento, Crepitus, se não torna a ser deus, volta á celebridade nas paginas da literatura. Rabelais, ouvindo uma discussão theologica, tem ganas de agir, como Horacio disse, no

verso citado, que Priapo agira ("L'eloge de la folie"—tradnit du latin d'Erasme par M. Grandeville, avec des notes et des gravures — 1757). Um dos mais ardentes adversarios de Erasmo, Harduino de Graetz ou melhor Ortuinus Gratius, doutor da Universidade de Colonia, escreveu mesmo um curioso mannal "Ars honeste petandi in societate". A elle muito a miude se refere Rabelais, amigo incondicional de todas as graçolas que se prendem a essa hoje em dia condemnada "arte". Mesmo os maiores artistas da época assombrosa da Renascença a cultivam. Assim, o demonstra Benvenuto Cellini nas suas admiraveis "Memorias", quando acha que só desses rumores póde produzir o "talento" dum dos seus rivaes... O proprio Leonardo da Vinci, o Semi-Deus, emitte a mesma opinião, comparando essa voz crepitante á voz dos toleirões, de accordo com a philosophia de Democrito, segundo está publicado, com a rubrica 67, no capitulo III, "Moral", dos textos escolhidos de seus manuscriptos concatenados por Peladan, edição do "Mercure de France", 1908. E Luthero, ao desencadear a Reforma, voz potenente que fez acordar o Renascimento das trevas medievaes, segundo o mesmo Peladan, na "Guerre des Idées", lançou em rosto aos romanos papaes o Crepitus divinisado dos romanos pagãos.

Depois da Renascença, a memoria do deus e da arte ruidosa se perde na literatura universal até que o Eça de Queiroz, plagiando Flaubert, quasi palavra por palavra, resuscita a sua memoria estrondosa. E foi este o ultimo rumor que produziu no mundo Crepitus, deus illustre dos romanos.

**João do NORTE.**

**Berreguedengues** Leio um destes dias, num vespertino, a noticia de que um medico realisaria num estabelecimento qualquer conferencias sobre Hygiene Publica, cujo summario se publicava.

Passo a vista pelo mesmo e caio na gargalhada, espantando os meus companheiros de bonde. O conferencista mostrava-se o maior rival conhecido do Conselheiro Accacio, do senhor de La Palisse e de outros que taes. Imaginem que entre os seus themas havia estes: «A hygiene é a sciencia da saúde», «A saúde é um problema dos seres vivos», «O homem é um ser vivo»! E, depois, ainda ha pessôas que dizem não conhecer nem de vista o descobridor do mel de páu.

**Berreguedengues** O padre Huc, que viajou longamente pela Tartaria e pelo Thibet, observando os curiosos costumes dessas mysteriosas regiões, conta no seu livro o seguinte episodio a respeito dos commerciantes ricos da Cachemira, que gozam de grande influencia em Lhassa, capital do Dalai-Lama:

«Seus turbantes, suas grandes barbas, suas attitudes graves e solennes, suas physionomias cheias de intelligencia e magestade, o aceio e a riqueza de suas roupas, tudo nelles contrasta com a gente com quem se misturam. Elles têm em Lhassa um governador do qual dependem directamente e cuja autoridade é reconhecida pelo governo thibetano... Como são ricos e poderosos, todo o mundo se afasta nas ruas para deixal-os passar e lhes mostra a lingua em signal de respeito.»

Mostrar a lingua em signal de respeito, só mesmo no Thibet!

Mas o que é mais interessante é que um dos meus amigos, depois que leu a «Voyage au Thibet» do *père* Huc, nunca mais bateu nos filhos quando lhe mostram a lingua. Resolveu tomar essa manifestação á thibetana, em signal de respeito.

E o mesmo aconselho a todos os paes.

**Berreguedengues** — Por que esta secção de *Fon Fon* se chama Berreguedengue perguntou-me outro dia uma melindrosa, dansando um t go dos de primeira ordem, toda enlaçada commigo. uma boquinha, vermelhissima á custa de tinta, de pou caso, accrescentando:

— Chi! Que nome tão feio. Não dá urucubaca?

— Não, minha Sapequinha — respondi-lhe com ironica timidade. — Não dá e nem o nome é tão feio assim como você diz. E' antes bizarro como uma pintura de Van Dongen, o artista da moda no Paris nevrotico de hoje.

Ella insistiu:

— Mas o que vem a ser Berreguedengue?

Tive de explicar mesmo:

— Os Berreguedengues são joias coloniaes, joias antigas, dos nossos avós, do tempo das mucamas e sinhás moças, que eram as melindrosas da época, joias rendilhadas e curiosas, que foram inventadas para que o José Mariano tivesse nos dias de ho e alguma cousa cara e rara para collecionar.

A minha parceira de maxixe quiz, então, fazer espirito. Desengarrafou o desta maneira:

— Ah! agora comprehendo. Você, que é o autor dos Berreguedengues, due-lhes este titulo para significar que são ornamentaes e brilhantes como as taes joias do José Mariano, não é verdade?

Repliquei sorridente:

— Engana-se, meu Berreguedengue de carne e ôsso, dei esse titulo a essas pequenas notas, porque ellas são na fórma e no fundo tão velhas como os ouros lavrados coloniaes, porque estão fóra da moda como você ha de ficar daqui ha dez annos tambem...

**Berreguedengues** Eu a esperara muito, muito tempo. E ella não viera. Fui para casa com o coração amargurado. Era como se sobre elle tivesse passado uma grande roda de carroça. Eu sentia-lhe o vinco, o sangue pisado, a dôr!

No outro dia, bem cedo, telephonei-lhe. Deu mil e mil desculpas. Prometteu que iria á tarde. Tambem não veio. Não dormi. Mal o dia nasceu, tornei a telephonar-lhe. Outras desculpas e outras promessas. Ficou de vir ao crepusculo.

Esperei. Não veio. E agora vou rumo das praias, sob a chuva impertinente, mãos nos bolsos, cabeça baixa, triste, muito triste, profundamente triste. E, sem o sentir, vou murmurando, entre dentes, dois versos sómente:

*«O triste, triste etait-mon âme,*
*A' cause, à cause d'une femme!»*

"Fon-Fon" 9 Julho 1914

73

"O Dia" 2 julho 1921

# A DESTRUIÇÃO DAS NOSSAS MATTAS

Quem viaja no interior da maioria dos Estados do Brasil sente uma penosa impressão deante do desapparecimento das florestas que outr'ora cobriam todo o paiz. Demoulins, no seu ensaio de sociologia e ethnographia sobre os grande caminhos que as migrações de povos tomaram e que influiram na sua formação de maneira decisiva, aponta o Brasil como a região das mattas por excellencia e o indigena brasileiro como o typo especial resultante desse meio. Se Demoulins visse o Brasil pellado dos nossos dias, não acreditaria no testemunho de seus olhos. A floresta foi, entre nós, trucidada como uma inimiga. Devido á pujança dos seus especimens vegetaes, o machado foi posto de lado e ella foi destruida pelo fogo. Ha quatro seculos que a região que nós habitamos é a zona das queimadas e das coivaras.

Um punhado de bandeirantes e seus descendentes mesticados foram sufficientes para limpar a face das vastas terras que o destino lhes deu, de um paiz montanhoso, como Minas Geraes, uma immensa etteppa ondulada, quasi sem uma sombra, de modo a só permittir o encontro da matta a quem se metter pelos rincões mais distantes do Brasil, na Amazonia, na Rondonia, no fundo semi-desconhecido dos Estado centraes.

Quando a gente se deita sobre o pescoço do cavallo, viajando pelos sertões, e assim espreita a paysagem do alto dos morros, deante dos plainos cobertos de panasco ou do arcabouço desnudo dos montes, alcatifado de hervas de frei Luiz, de capim gordura, é presa de uma estranha sensação de desconforto. O homem matou a floresta, mas não soube deixar nenhuma reserva, nenhum bosque, nenhuma "futaie", para as mais prementes necessidades. E ainda vae, de machado em punho, contra as arvores reles dos capoeirões e dos taboleiros, na gana da lenha para queimar nas estradas de ferro. Então, o viajante não sabe o que mais o espanta: se o aspecto desolado da terra despida, se a recordação do esforço monstruoso que custou ao homem ignorante e imprevidente aquella destruição.

Ella vem de aurora da nossa vida em relação á civilização occidental. Começou com os primeiros povoadores das capitanias e proseguiu com os primeiros brasileiros de verdade do Brasil-colonia, que trazia já no seu bojo o Brasil-imperio. Auguste de Sainte Hilaire, a pagina 193 do primeiro tomo da sua "Voyage dans l'Interieur du Brésil", faz esta judiciosa observação:

"Si j'excepte la province de Rio Grande do Sul, celle des Missions et la province Cisplatine, on ne fait usage, chez le Brésil méridional, ni de la charrue ni des engrais: tout le systéme de l'agriculture brésilienne est fondé sur la destruction des forêts, et oú il n'y a point de bois, il n'y a point de culture."

A excepção feita pelo illustre viajante do Rio Grande do Sul, da Cisplatina e das Missões foi devida ao simples facto dessas regiões serem de pampas, desprovidas de bosques. O colonizador e o brasileiro não destruiram mattas ali, porque as não encontraram.

Foi desse systema de fazer campo para plantar que veiu todo o nosso mal. Os primeiros fazendeiros faziam a escravaria brocar a floresta e depois queimal-a. Assim, se limpava o terreno e se adubava o sólo com as cinzas. O nome sertanejo de plantação é significativo, traduz o longo martyrio das florestas seculares: roçado! O habito máo perpetuou-se. Ademais, para que aproveitar o mesmo terreno, estrumando-o, em culturas subsequentes? As florestas eram immensas sobre as terras immensas. Queimavam-se outras; depois, outras; depois, ainda outras! E sómente esse horrivel meio de agricultura póde explicar o espantoso phenomeno de tão poucos habitantes terem levado a cabo a formidavel empresa de fazer do Brasil um vastissimo roçado. A agricultura foi, assim, entre nós (e ainda o é em alguns logares!) nomade — como o pastoreio dos tartaros!

As observações de Sainte Hilaire, no volume citado, da pagina referida em deante, são por demais interessantes, para que deixemos de transcrevel-as. Diz elle:

"Lorsqu'on a fait deux récoltes dans une terre qui était autrefois couverte de bois vierges, on la laisse réposer: il y pousse des arbres beaucoup plus grêles que les premiéres, et d'une nature entiérement différente; on laisse croitre ceux-ci pendant cinq, six ou sept années, suivant les cantons; on les coupe, ensuite on les brule, et on plante dans leurs cendres. Aprés une seule récolte, on laisse la terre réposer de nouveau; d'autres arbres y croissent encore, et l'on continue de la même maniére, jusqu'á ce qu'on juge le sol entiérement épuisé. Les espéces de taillis qui succedent aux bois vierges s'appellent "capoeiras".

Qualquer um brasileiro, que mais ou menos conheça o interior do paiz e os seus primitivos processos agricolas, "exceptis excipiendis", presencia, ainda agora, o que Sainte Hilaire viu e tão claramente annotou no começo do seculo passado, antes da nossa independencia. O fazedor de roçados no Brasil não descansa emquanto não extirpa da terra a semente da matta, emquanto não a torna imprestavel. E dahi a desolação dos nossos campos sem sombra e sem reservas florestaes, maximé nas proximidades das estradas de ferro, onde o fazendeiro abandona o arado e se arma com o machado criminoso do lenhador.

Sainte Hilaire continúa:

"L'agriculteur ne pouvent plus espérer de voir naitre de nouveaux arbres sur son terrain, dit que celui-ci est perdu dans retour ("é uma terra acabada"); aprés avoir fait sept á huit récoltes dans un champ, et quelquefois moins, il l'abandonne et brule d'autres forêts, qui bientôt ont le même sort que les premiéres. Oú s'elevaient naguére des arbres gigantesques entrelacés de lianes élégantes, le voyageur ne découvre plus que des campagnes immenses de "capim gordura"..."

Após traçar este quadro triste da devastação das nossas riquezas vegetaes, o viajante francez affirma que já naquelle tempo os effeitos da mesma se faziam sentir. Havia falta de madeiras de construcção. Havia falta de combustivel. Esses effeitos hoje são cem mil vezes peores. E a destruição systematica continúa!

Esse mal já fôra commentado por Southey, na sua "Historia do Brasil", no tomo III, paginas 825 e 826, quando elle assegura que, em 1736, o governador Gomes Freire o previra, por sentir-lhe já os effeitos. Vinha de longe a destruição feroz! Gomes Freire ordenára que, entre duas plantações, se conservasse sempre uma faixa de floresta, a qual só poderia ser cortada por uma permissão especial do governo. Ademais, era prohibido queimar, fosse onde fosse, as arvores muito grandes, especialmente as que pudessem servir para os trabalhos das galerias de minas, para canôas. Nada disso, no emtanto, foi observado.

Ha nos nossos sertões uma ave de rapina, das de mais baixa categoria, chamada cará-cará, a qual, tendo pouca coragem para tacar uma presa qualquer, prefere devorar as cobras, lagartos, punarés, pixunas e canxinguelês, que acha torrados nos brazeiros e coivaras dos roçados. Dahi, a sua immensa alegria, traduzida em gritos selvagens, quando os homens tocam fogo na floresta ou nos capoeirões, para fazer as plantações de mandioca, de canna ou de milho. Dizem mesmo os sertanejos que elle, quando acaba de fartar-se numa queimada, apanha com as garras um tição acceso e leva-o, voando, deixando-o cahir sobre as moitas de capins seccos, na visinhança de outras mattas, afim de provocar novos incendios e, consequentemente, nova refeição abundante de bichos assados. Se tal historia não é verdadeira, esse traço de astucia attribuido a tão preguiçoso e imprevidente animal é um symbolo da acção do homem á face do Brasil, porque o brasileiro — para obter um proveito immediato, esquece as necessidades do futuro e destróe "caracarámente", permittam a expressão, a maior riqueza da grande Patria!

Que Deus inspire aos caracarás-humanos o amor patriotico das arvores! Eis ahi uma campanha que as "acções nacionalistas" deveriam emprehender, de preferencia a guerrear esta ou aquella colonia estrangeira.

**João do Norte.**

## *Os pavões*

**Quando vejo certos individuos que se pavonêam e assumem attitudes de grandes cousas, não me posso impedir de comparal os com os pavões sumptuosos e profundamente bêstas da Birmania.**

**— Por causa, certamente, de terem pés torcidos e desgraciosos, horriveis sustentaculos dum corpo coberto de plumagem tão rica, tão bella como outra igual não existe?**

**— Não é por causa das pernas cambaias e ridiculas, porém por causa de cousa muito peor.**

**— Qual?**

**— Não vale a pena dizer.**

**— Anda, deixa de historias, desembuxa.**

**— Pois bem. Por causa desta deliciosa quadra franceza:**

« En faisant la roue, cet oiseau,
Dont le pennage traine á terre,
Apparait encore plus beau
Mais se découvre le derriére... »

**Assim, são a maioria dos nossos pavões da diplomacia, da litteratura, das finanças, do jornalismo e da politica; quanto maior roda fazem mais mostram o que não deviam mostrar...**

75 "O Dia" 24 julho 1921

# A festa de S. João

Nenhuma festa mais popular entre os brasileiros do que a de S. João, especialmente nas cidades e povoados do interior, onde se mantém melhor o culto das velhas tradições religiosas da raça.

Entretanto, nas capitaes como o Rio de Janeiro, apezar do cosmopolitismo, das posturas prohibitivas da Municipalidade e de outros entraves, á data famosa não é de todo desprezada. E quem andar pelos suburbios e pelas ruas afastadas do centro, na segunda quinzena de junho, verá e ouvirá de todos os lados o estrondar dos fogos, verá em todas as esquinas as lanternas vermelhas das pequenas lojas de madeira em que os garotos vendem bichas e buscapés, bombas e rojões, chuveiros e rodinhas, estrellinhas e pistolas; e, se erguer os olhos para o céo, avistará os globos luminosos dos balões, perdendo-se no espaço.

Mas, no nosso interior, essa commemoração assume aspectos maiores e muito mais interessantes. Ella recorda todo o nosso passado de costumes singelos e profundamente nacionaes. Nella vibram todas as almas rudes dos nossos matutos. E' o tempo das fogueiras e dos fogos, das dansas e dos balões. O céo se cobre com um numero infinito delles. Em cada porta de casa ou em cada terreiro de fazenda clareia o negror da noite uma grande fogueira, em torno da qual todos os habitantes, patrões e servos, meninos e velhos, homens e mulheres, andam e pulam, accendendo os seus fogos, lendo as sortes, assando as castanhas de cajú da ultima safra, saltando de pés juntos por sobre as brasas, realizando a simplissima ceremonia pela qual se declaram compadres de S. João, ligando-se por amizade para sempre. Uns saltam a fogueira, para obter felicidade, se não tocarem nas labaredas, se não forem chamuscados. Alguns rodeiam o fogo tres vezes, cantando. Outros, afim de mostrar a sua fé no poder do santo, atravessam o braseiro, quando a fogueira agoniza, de pés núS, sem se queimarem. E' ainda nesse tempo que as moças vêem num copo de agua a figura do homem com quem se casarão ou que, dando, pela manhã do dia do santo, a um pobre um vintem, que esteve mergulhado nas cinzas da fogueira da vespera, lhe perguntam o seu nome de baptismo. E esse será o mesmo nome do seu futuro marido. Depois da fogueira, vêm as dansas, as comedorias saborosas, os copazios de aluá, de mocororó, de gingibirra, os grogues de paraty. Noite de cantos e de alegrias, dos desafios ao pé das violas e das sortes em verso, entrecortados de ironias e de satyras.

Tal festa não é brasileira e muito menos catholica. Ella é tudo o que ha de mais profundamente humano e de mais visceralmente pagão. Velha como o mundo, se tem transformado ao sabor de cada meio e ao gosto de cada povo. E a religião catholica, com a sua extraordinaria habilidade, não a esqueceu, quando organisou. no correr dos seculos, as suas festas, adaptando-as ao seu espirito e dando-lhes como patrono um santo, cujo dia fica justamente na época do anno em que o paganismo morto a celebrava. Todos os santos do christianismo são, mais ou menos, filhos dos antigos deuses.

O espirito pagão da festa de S. João é reconhecido por uma das maiores columnas moraes e espirituaes da Igreja, Bossuet, o qual diz no seu "Catechisme de Meaux" o seguinte: "L'Eglise s'est resignée á y pendre part pour en bannir les superstitions auxquelles aprés tant de siécles les populations ne peuvent se resigner á renoncer".

O bispo de Meaux, descrevendo as ceremonias dessa festa, diz que ellas constavam de dansas em redor da fogueira, de festins, da colheita de certas hervas magicas que se deviam guardar sobre si para obter felicidade, da conservação, durante o anno, com o mesmo fim, dos carvões da fogueira.

São, mais ou menos, as mesmas ceremonias que Ovidio descreve nos "Fastos", no livro quinto, renovadas a cada anniversario da fundação de Roma.

Sobre a grande antiguidade da festa de S. João não póde haver a menor duvida. A esse respeito o sr. Alexandre Bertrand se expressa deste modo ("Réligion des Gaulois", pag 98): "ces pratiques remontent á la plus haute antiquité, elles font partie de l'heritage de croyances et de rites que les tribus pastorales de civilisation aryenne ont importé avec elles en Occident. Elles n'ont cessé, avec des legéres modifications, de jouer chez uns un rôle traditionnel qu'aprés la Révolution..."

A festa de S. João é a festa de Agni, do fogo, a festa que commemora o solsticio do verão. E Santo Eloy, no seculo VII, quado ainda a Igreja a não adoptára, trovejava contra ella: "Não vos reunaes, dizia elle numa encyclica aos seus diocesanos, na época dos solsticios Nenhum de vós deve dansar ou pular em torno do fogo, nenhum de vós deve cantar no dia de S. João. Porque essas canções são diabolicas!"

Em Roma, segundo Ovidio, que nella participou, a festa do solsticio se chamava Palilia. Era a festa do deus ou da deusa Palés: "sive deus, sive dea". Então, narra o autor dos "Fastos", se accendiam fogueiras, em cuja cinza se cozinhavam favas, ornavam-se as casas e estabulos de ramos verdes, recitavam-se tres vezes certas orações, atravessava-se pelo meio das chammas, sorrindo e cantando, porque o fogo tudo purificava, homens **e rebanhos:**

"Per flammas saluisse pecus, saluisse co-
[lonos."

Essa "survivance" do velho culto aryano de Agni, o benefico e o protector passou de Roma para as nações barbaras que se formaram sobre as ruinas colossaes do Imperio, conquistadas pouco e pouco pela cultura latina. Nós a vemos assim, no inicio da Idade Média, condemnada por Santo Eloy; depois, na festa da roda inflammada, que se fazia correr pelo meio do povo, em pleno seculo XII, segundo o insuspeito testemunho de Jean de Beleth, na sua "Summa de divinis officiis": "feruntur quoque in festo Johannis Baptistæ brandæ reu faces ardentes et fiunt ignes rota in quibusdam locis volvitur".

A reminiscencia dessa roda de chammas é o uso actual de jogar fogo de rodinhas de papelão orladas de estopim, em cujo centro ha pinturas curiosas e, ás vezes, a face do Baptista. Essas rodinhas, presas por um prego á ponta de uma vara, queimam, rodopiando, e recordam a antiga grande roda inflammada das superstições medieváes, como a passagem purificadora pelo fogo, que Ovidio aconselha, é a mesma que nós realizamos nas nossas fogueiras de São João, com intuitos de ser felizes durante o anno ou para obter o compadresco singelo. Obedecemos nisso á força insuperavel da tradição millenaria, indestructivel, que celebra no dia de São João o solsticio do verão, como no dia de Natal o solsticio de inverno. A Igreja adaptou essas celebrações á sua maneira e os Manicheus lhe reprocharam o facto: "solemnes gentium dies cum ipsis celebratis". Só o grande Santo Agostinho replicou, com a sua formidavel habilidade: "habemus solemnem istum diem non sicut infideles propter hunc solem, sed propter eum qui fecit hunc solem". E foi optimamente respondido

## A terra dos Homens do Norte

O Norte da Europa, que os contos de Edmond Pilon nos mostra povoado de mysteriosas lendas, enche os espiritos de cnriosidade. Foi de lá, dos longos e poeticos fjords da Noruega, que sahiram durante a Idade Media os maiores navegadores daquella época, percorrendo os mares bravios em todos os sentidos, sondando-os, conhecendo-os, como se procurassem a velha taça naufragada do rei de Thule. E esses Northmen, Normandos, Wikings escandinavos, com a coragem de Frithjof, desafiando os parceis e os perigos consubstanciados na Grande Serpente do Mar de Olaus Magnus, guiando os seus drakkars ligeiros sobre a face dos pelagos encapellados, gravaram a maravilhosa epopéa perpetuada nas sagas dos seus escaldes.

Eiles desc ram para o sul e se estabeleceram na França, creando a Normandia, para mais tarde conquistar a Inglaterra. Entraram pelo Mediterraneo adentro, apoderando-se da Sicilia, indo a Bysancio e ao Oriente sumptuoso. Organisaram a Russia com Rurik e Igor. Subiram para o Norte até o Spitzberg e á Groenlandia. Demandaram o oeste e abicaram á America antes de Colombo, colonisando o Hellnland ou Terra-Nova, o Vinland ou Labrador, as proprias costas yankees onde nos nossos dias, perto de Nova York, se encontraram tumulos com armas cobertas de caracteres runicos.

E esses navegadores e batalhadores formidaveis da Noruega integraram-se, depois, na civilisação occidental, creando uma das mais progressistas, nobres, dignas e admiraveis nações dos tempos modernos.

"Fon-Fon"

2 de Julho 1924

77 "O Jornal" - 5 Julho 1921

# A Independencia de Venezuela e a acção do Libertador

Nenhum paiz da America do Sul conquistou sua independencia com mais esforço do que Venezuela. A nenhum outro a liberdade foi mais difficil nem custou mais caro. Lógo que os hespanhóes inicfaram a colonização do Novo Mundo, pouco lhes mereceu á attenção o territorio venezuelano, apezar da magna importancia de sua posição geographica, dominadora do mar das Antilhas, apezar da excellencia do seu clima e da uberdade das suas terras. E isso foi porque os seus rios rolavam poucas pepitas de ouro.

No emtanto, quando as suas bravas populações foram agitadas pelo desejo da libertação, a Metropole jámais a largou de vista e contra ella se encarniçou de maneira terrivel, lançando mão, para dominal-a, de todos os recursos, até mesmo da sanguinaria crueldade dos Boves. Porém os venezuelanos que lutavam pela emancipação do seu nobre paiz não se atemorizaram com esses revides. Tinham a alma bem temperada pela adversidade. Muitos delles haviam aprendido no carcere a amar a liberdade. Eram daquella escola de ideaes fundada na prisão por Picornel e abraçada enthusiasticamente pelos Josés Marias España e pelos Manoeis Gual.

O primeiro propugnador da independencia venezuelana no terreno das realizações praticas foi o celebre general Miranda, que logrou mesmo interessar em favor da sua idéa alguns governos europeus, os quaes, por circumstancias de certa ordem, não o puderam auxiliar. Por isso, nos primeiros annos do seculo passado, elle foi em busca de auxilio nos Estados Unidos, onde novas decepções o esperavam. Elle sómente conseguiu equipar uma pequena expedição com o soccorro de particulares generosos, a qual, infelizmente não produziu resultado algum.

Nem ao menos o esforço de Miranda serviu para acordar fortes desejos de emancipação politica. O meio ainda não estava de todo preparado para receber esses influxos salutares. A gente da colonia ainda procurava demonstrar publicamente sua fidelidade ao throno carunchoso dos Bourbons da Hespanha, até mesmo repellindo a tabella napoleonica. E a Metropole, no angustioso momento por que então passava o mundo, pôz em execução o mesmo plano que o governo portuguez realizou em relação ao Brasil, quando tambem sentiu que das garras a presa antiga ia fatalmente escapar. Declarou que as provincias da America não eram colonias e sim partes integrantes da monarchia. Devido a esse adoçamento de trato, a Venezuela ainda em 1809, contribuiu com quantias avultadas para sustentar a situação insustentavel da Hespanha.

Este facto mostra que a revolução ainda não chegára a produzir-se contra o dominio hespanhól, embóra, latente, ella já fervesse no fundo de todas as almas. Faltava para reunir todas as vontades em torno de uma idéa, para guiar todas as energias, para mostrar o caminho da liberdade um homem superior. Esse homem ia apparecer na Venezuela: era Simão Bolivar, que O'Leary chama com acerto — "la bandera de la Independencia sur-americana". E O'Leary tem absolutamente razão, porquanto Bolivar não foi, em verdade, um homem; Bolivar foi uma idéa encarnada num homem. E' justamente essa sua feição superior que o põe, na luta titanica da Venezuela e da Colombia contra a Hespanha, acima de todos os outros vultos que appareceram. Elle fundiu-se de tal modo com o idéal da sua raça e de sua patria, consubstanciou-o de tal maneira que quasi se impersonalizou dentro delle. E ninguem o excedeu nas virtudes republicanas. Foi maior que os seus coévos, superior á sua época, tão grande quanto a America.

De velha familia originaria da Peninsula, nascido na praça S. Jacyntho, em Caracas, no mesmo anno em que a Inglaterra reconhecia a Independencia dos Estados Unidos, foi Simão Bolivar a alma de aço que desfraldou na America contra os tufões do despotismo o estandarte glorioso da liberdade dos povos. E o que San Martin sentiu deante delle — a gente lê nas entrelinhas das sêcas paginas da historia — foi a inveja de, no intimo, achal-o maior do que a si proprio.

Alferes num regimento de milicias, foi procurar illustrar-se na Hespanha. E lá, na casa hospitaleira do marquez de Uztariz, as palestras versavam continuamente em torno do thema patriotico de separação da America da Me-

trapole sugadora. Nessa época, já Bolivar mostrava francamente a superioridade da sua alma, enojando-se no frequentar a côrte e dedicando-se devotadamente ao estudo, ao mesmo tempo que seu coração escolhia a creatura dedicada e amavel que deveria ser por pouco tempo a companheira da sua vida de insanos trabalhos e de profundos soffrimentos. Ninguem, por certo, soffreu mais do que o grande libertador para levar a effeito o seu plano formidavel!

Ha, mais ou menos por esse tempo, um traço de caracter de Bolivar que pinta com a maior verdade a sua alma. Elle tinha um enthusiasmo incondicional por Bonaparte.

O general da Italia e do Egypto, o administrador criterioso do consulado despertava a sua admiração incondicional. Mas, desde que o militar da Republica, aproveitando o concurso das circumstancias e o seu prestigio entre as tropas, destruiu as instituições que o haviam elevado e apoderou-se da corôa, nunca mais Simão Bolivar o tolerou. E essa lição dos factos muito lhe aproveitou. Quando elle, na America, attingiu o fastigio da gloria recusou peremptoriamente as corôas que lhe offereceram. E, nesse desprendimento, o filho de Caracas superou o filho de Ajaccio. Elle mesmo escrevêra a respeito, numa feita: "Se hizo emperador, y desde aquel dia le miré como un tirano hipocrita, oprobio de la libertad y obstaculo al progreso de la civilización." Ainda depois de ter assistido á grande revista de Marengo e a coroação de Napoleão como rei da Italia, o venezuelano guardava a sua decepção de republicano sincero e não perdoava a ambição de Bonaparte.

Havia em Bolivar um grande fundo romantico, de que é testemunha a sua promessa, em Roma, ajoelhado no cume do Monte Sagrado, jurando libertar do dominio estrangeiro a America Meridional.

A revolução que já grellava nos espiritos começava a produzir frutos. A 5 de julho de 1811, os representantes das provincias de Caracas, Cumaná, Barinas, Margarita, Barcelona, Merida e Trujillo fazem a publica declaração de Independencia. Esta haveria de custar bem caro á nação venezuelana. Ella a teve pela espada de Bolivar depois de uma luta terrivel, entremeada de revezes e de victorias. Ha lógo a contra-revolução, cáe o forte de Porto Cabello, Miranda capitula com os seus expedicionarios e Bolivar, official desse general, já por elle invejado, passa a offerecer os seus serviços ao governo independente de Bogotá, que se defendia dos hespanhóes. E elle os derrota em Chiriguaná.

Vendo, dolorosamente, o seu paiz natal sob as garras crueis dos hespanhóes, Bolivar, depois da celebre batalha de Cricuta, procurou interessar a Nova Granada pela sórte de Venezuela, por todos os meios ao seu alcance, até conseguir que se proclamasse a guerra de morte aos oppressores. O primeiro resultado desta foi a capitulação de Taguanes, onde os colombianos commandados por Bolivar vencem os castelhanos de Isquierdo.

Especialmente nas duas campanhas de 1813, o que mais contribuiu para que Bolivar não conseguisse quanto desejava foi a indifferença do povo pela liberdade, na qual, póde-se dizer, de accôrdo com O'Leary, só as classes altas se preoccuparam. Contra esse meio social é que foi maior a luta de Bolivar. Elle teve de ser general e propagandista, estrategista e politico, reformador de usos e legislador. E elle se mostrou á altura de sua missão, quer vencendo em Araure, que foi o seu Marengo, quer promulgando a sábia constituição colombiana, quer pregando a catechése leiga dos indios ou a libertação dos escravos, a demonstrar o seu coração, a sua cultura e a universalidade do seu espirito. Como elle proprio dizia, nada tinha de Pisistrato e preferia a liberdade dos seus concidadãos ao seu proprio engrandecimento. Por isso, penso eu que quando elle recusa a corôa de Paez é maior do que quando vence em Carabobo. Maior ainda elle é quando se expatria, afim de evitar lutas.

Da Jamaica, onde se retira, do Haiti, por onde anda, sabe dos levantamentos venezuelanos, das guerrilhas. Onde quer que estivesse, como dizia Torres, a patria estava. Os venezuelanos espatriados grupavam-se em redor delle, que era superior á adversidade e não perdia a confiança no futuro. E elle volta a combater na Venezuela. Ainda em 1818, sete annos após o 5 de julho, a guerra continua! Passa-se o Congresso de Angostura e em 1819, a campanha prosegue nos Llanos. Por fim, elle passa heroicamente os Andes, vence em Borjacá e entra em Bogotá, triumphante.

Com as 12 provincias do antigo vice-reinado de Nova Granada, organizadas por elle, libertadas em menos de tres mezes! funda a Colombia. Afinal, Fernando VII entabola negociações de paz. Bolivar lhe escreve, ao mesmo tempo que descobre entre seus officiaes um que foi quasi tão grande como elle: Sucre, a quem se referia deste modo: "uno de los mejores officiales del ejercito; reune los conocimientos profesionales de Sonblette, el bondadoso caracter de Briceño, el talento de Sander y la actividad de Solon... Es

79

oy resuelto a sacarle á luz, persuadido le que algun dia me rivalisará." Outra grande qualidade do libertador — vê-se nestas palavras — falta de inveja.

Com Sucre cria a Bolivia.

Carabobo abre-lhe as portas de Caracas e, mais tarde, elle emprehende a libertação do Equador, de onde, chamado por varias vezes, vae ao Perú acabar a sua emancipação, livrando-o da anarchia, passando em revista o seu exercito 12 mil pés acima do nivel do mar, no Cerro de Pasco, para cobrir-se de louros em Junin. E todos os seus esforços nos intervallos das lutas são pela união da America uma vasta e fraternal confederação. Nota-se que recela uma "revanche" da Europa. Os planos da Santa Alliança o tornam cuidadoso. O congresso de Panamá deriva desse seu estado de alma, que nol-o aponta maior do que pensariamos.

Trava-se a pugna de Ayacucho.

Lucia

As tropas hespanholas evacuam a America. E o primeiro cuidado do Libertador, no Perú, é crear escolas normaes. Sempre elle mostrou as suas preoccupações pela diffusão do ensino. O seu pensamento de educador precedeu o de Sarmiento.

Infelizmente, não pôde realizar os seus planos, o que o não impediu de chamar para a America educadores afamados como Lancaster.

Ao par do cuidado pela instrucção, tratava da economia, reduzindo despesas, supprimindo empregos inuteis, desenvolvendo as forças vivas dos povos. e sobretudo, tentava organizar com as nações de origem hespanhola uma confederação que pudesse resistir á Europa, fazer contrapeso territorial e politico, no continente, aos Estados Unidos e ao Brasil. Não se póde negar grandeza a esse plano.

Um dos ideadores da Arbitragem internacional, constructor de nacionalidades, redimidor de povos e de raças, esse homem que manejou os thesouros de dezenas de provincias, quando chegou ao fim de suas campanhas, pediu aos seus officiaes, especialmente ao coronel Belford Wilson, dinheiro emprestado para pagar algumas dividas.

Suas visadas politicas vão longe.

Elle adivinhava a fragmentação da America Central e o desmembramento do Panamá, assim como os perigos do Mexico, á sombra perigosa da Norte America e lhes propõe uma alliança geral, indo de Colombia ao Rio Bravo. Elle sonha com a emancipação de Cuba e Porto Rico. E os resultados mesquinhos do Congresso de Pamaná o enchem de dôr.

Recusa a dictadura, recusa o "plano absurdo" da monarchia de Paez, recusa a corôa "que o offende mais do que as injurias dos seus peores inimigos" e envolve-se orgulhoso no seu immenso titulo de El Libertador. E' nessa recusa que elle avulta maior nas paginas da historia americana.

Hoje, 5 de julho, data anniversaria da libertação da Venezuela, que custou tantos annos de dôr, de luto e de sangue, que teve á frente esse homem formidavel, glorioso e puro, não é possivel deixar de recordar, em largos traços os factos historicos que ahi estão.

**João do NORTE.**

"Fon Fon" 9 julho 1924

***Um beijo*** Os salões illuminados resplandeciam. Nós, após um tango, tinhamos procurado a sombra discreta duma *pergola* deserta, para conversarmos. Sentáramos em amplas poltronas de vime, forradas de cretones escuros. Eu pedira a um creado chartreuse, agua gelada e charutos Partagas Ella preferira alguns goles de anizette.

Conversámos muito, de tudo. E, quando eu fui depôr sobre a pequena mesa que lhe ficava ao lado o meu calice vasio. ella, erguendo a cabeça e rindo, mostrou-me a bocca vermelha junto á minha face. O nosso *flirt* ia bem adiantado. Quasi lhe roubei um beijo. Roubei não, porque ella m'o offe eceu. Mas contive me e, pedindo-lhe licença, voltei aos salões.

Mais tarde, dansei de novo com ella, que me perguntou:

— Teve medo ha pouco?

Respondi:

« — *J'ai peur d'un baiser*
*Comme d'une abeille!* »

**O valor duma penna** Passava á nossa frente o enterro-apotheose de João do Rio. Milhares e milhares de pessôas levavam á ultima morada o corpo de Paulo Barreto. Eu toquei com o cotovello no flanco de Claudio França e disse-lhe:

— Esta gloria posthuma do elegante chronista carioca mostra-me que se não deve descrer do nosso povo. Elle ainda vibra por nobres ideaes, pelo menos o demonstra glorificando desta sorte um homem que veio do nada, que se fez por si só, que nunca foi politico nem exerceu cargos officiaes, que nunca distribuio os bens do Thesouro, que só tinha em seu favor a sua grande penna de jornalista. E dizem que a intelligencia não tem valor no Brasil! Qual o presidente da Repubiica, o Ministro, o Politico que teria este enterro?

Com infinito espanto meu, Claudio não me respondeu e continuou em silencio a olhar a fila infindavel de automoveis.

80 "O Jornal" 12 julho 1921

# O primaz da Polonia e o "caso silesiano"

Do nosso collaborador sr. João do Norte, recebemos a seguinte carta:

"O Jornal" publicou ante-hontem uma "nota estrangeira" a proposito do fallado "caso silesiano", transcrevendo uma opinião do arcebispo Stablewsk primaz da Polonia, dada publicamente em 1892 e na qual esse prelado nacionalista acha que na Silesia não existe sentimento nacional polono. Quem lêr essas declarações e não conhecer perfeitamente a questão politica polono-prussiana em fóco julga á que as mesmas dão ganho de causa ao lado germanico.

E', no emtanto, necessario explicar, por que motivo um alto representante do clero publicara esse modo de pensar. E, aclarado desta sorte o ambiente do caso, verificar-se-á que direito genuino assiste á nação de Kosciusko sobre as terras que procura incorporar novamente ao seu patrimonio, de onde fôram violentamente arrancadas.

Senão, vejamos. Após a guerra franco-prussiana, em 1871, Bismarck iniciou no Imperio Federal, contra o catholicismo e contra o polonismo, o chamado "Kulturkampf". Então, os deputados polonos alliaram-se no Reichstag aos catholicos, ao denominado partido do Centro, reagindo contra os processos bismarckianos. Preceituavam as clausulas dessa alliança que esse partido auxiliaria os polonos na Posnania e na Prussia Occidental, comtanto que, como compensação, estes deixassem aos catholicos plena liberdade de acção na Silesia.

Nessa época de maior poderio do Imperio Allemão, ainda eram vivas e fortes as velhas idéas do respeito aos tratados. Todos os direitos que os filhos da Polonia reivindicaram na Prussia deviam ser e eram baseados em tratados existentes, especialmente no de Vienna e nas promessas solemnes do rei da Prussia aos seus novos subditos.

Sabe-se que taes promessas e taes tratados para Bismarck nada valiam. Mas ainda em 1891 ou 1892, quando o arcebispo citado pelo "O Jornal" escreveu a sua carta desinteressando-se do movimento nacionalista polono na Silesia, a velha crença no valor dos tratados e nos promettimentos dos soberanos, devido á confiança esperançosa da nobreza e do clero da Prussia no novo kaiser Guilherme II. O arcebispo primaz Stablewski nomeado com assentimento do imperador allemão e rei da Prussia não poderia collocar-se, em mil oitocentos e noventa e poucos no nivel das idéas actuaes da autodeterminação das nacionalidades e restringir-se por todas as razões expostas á formula levalista "Vexilla regis prodeunt", voltando, assim, ás idéas da época do "cujus regio ejus religio".

Se taes idéas valessem hoje, não só recuperariam á Polonia as suas fronteiras de 1772, o que se não deu, e a propria Polonia nunca as exigiu. Da Posnania e da Prussia Occidental fôram deportados á Allemanha districtos onde a população por completo se germanizou.

Isto não occorreu quanto á Silesia, porque esta é terra incontestavelmente polona, onde a população antes da carta do arcebispo já desejava ser polona terra que fez parte do reino da Bohemia e da Austria, que foi tomada á viva força por Frederico II da Prussia. Os seus proprios dictos nacionaes causavam transtornos aos politicos polonezes do Reichstag porque difficultava sua alliança com o Centro Catholico e sua acção em favor de um "modus vivendi" na Polonia.

O tempo provou que esse era impossivel obter, os annos mudaram a face das coisas, a guerra transformou a Europa e as opiniões semelhantes á do sr. Stablewski, baseadas em accordos politicos internos e no respeito aos tratados, nas combinações do Reichstag e nas idéas do momento, são absolutamente "anachronicas" e nada mais representam. Invocal-os é appellar para documentos innocuos no pleito dessa grande causa travada entre a Prussia e a Polonia, o opprimido e o rapaz, a opprimida e a victima secular que nunca opprimiu ninguem e reclama o que sempre lhe pertenceu e que uma ollgarchia germanica procura enfeudar á Prussia.

Eis em rapidos traços o fundo da questão e a razão das palavras do primaz que perderam com o tempo a sua verdadeira significação. Trata-se hoje de dar o seu ao seu dono. E a justiça internacional ha de reconhecer os direitos da Polonia."

"Fon Fon" 9 Julho 1921

## Berreguedengues

Chove. Uma chuva miuda, teimosa, fustigante. Uma chuva de fazer lôdo no coração de quem fica em casa e se põe tristemente a olhar pelos vidros embaciados a rua deserta e molhada.

Febril, grippado, sou obrigado a não sahir do quarto e passo o tempo, pois que lêr me é prohibido, a meditar e a espiar a solidão humida da rua. Raramente, um automovel, todo encapotado rola sobre o asphalto, em silencio. Depois, mais nada. Ouço sómente o rumor dos bondes ao longe. E a tarde vae cahindo, a tristeza é maior! Faço um grande esforço para não chorar, sem mesmo saber por que. E os versos de Verlaine chovem melancolicamente dentro da minha alma:

*« Il pleure dans mon cœur*
*Comme il pleut sur la ville...»*

Escondo a cabeça profundamente entre os grandes travesseiros da cama...

## Les petites voix

Eu passava pelo largo da Carioca ás seis horas da tarde. Parei a fallar um momento com um amigo, debaixo de uma arvore, e logo um côro de passaros se fez ouvir, dominando com o canto mavioso o barulho dos automoveis e o sussurro da multidão apressada. Naquellas folhagens empoeiradas se haviam reunido centenas de pardaes, de ticos-ticos e das maviosas aves mestiças desses dois, que enchem hoje o Rio de Janeiro.

Ficamos ambos silenciosos, embevecidos com aquelle chilrear sonoro e alegre, algum tempo. Depois, o meu amigo me disse, á guisa de despedida, estes versos de Verlaine

*« C'est l'extase langoureuse,*
*C'est la fatigue amoureuse,*
*C'est dans les frissons des bois,*
*Parmi l'etreinte des brises,*
*C'est vers les ramures grises,*
*Le chœur des petites voix.*

*O le frêle et frais murmure!*
*Cela gazouille et susurre,*
*Cela ressemble au cri doux*
*Que l'herbe agitée expire...*
*Tu dirais, sous l'eau que vire,*
*Le roulis sourd des cailloux.»*

Partimos cada qual para seu lado. Eu levava a tilintar na cabeça as rimas dôces daquelles versos das *Ariettes Oubliées*. E, desde essa tarde, não recolho á casa sem passar no largo da Carioca, afim de ouvir as *petites voix*.

81

"O Dia" 4 Julho 1924

# A DOENÇA RUSSA

Quem observar, sem paixões e mesmo procurando não se deixar impressionar pelos telegrammas tendenciosos, a formidavel revolução bolschevista da Russia, explosão de uma caldeira aquecida durante centenarios pela fogueira do tzarismo, não poderá deixar de constatar que ha nesse movimento reivindicador qualquer coisa de profundamente morbido. Essa morbidez não vem da crueldade com que se sabe que foi victimada a familia imperial russa. Não, porque é preciso pensar, como Peladan, que a Russia fica na Asia, que o medo, e que, afinal, esse proprio Czar-Medo era um sultão horrivel, o peor dos sultões.

Com um estranho tacto das coisas e uma percepção exacta dos acontecimentos, o curioso e profundo "sar" Peladan previu, nos capitulos maravilhosos do "Nimbre Noir", tudo o que hoje occorre na Russia, em suas linhas geraes, assim como apontou, por alto, os mais interessantes phenomenos do estado de morbidez social, que podemos francamente denominar a "doença russa". Nesse paiz, os cerebros chegaram a um prodigioso estado de excitação. Se sobre os individuos pesava eternamente a ameaça do "knut" e da Siberia, sobre os poderosos havia continuamente suspensa a vingança feroz da bomba de dynamite. Cem annos desse regimen de pesadello chocaram o bolschevismo, monstro triumphante que recorda os fabulosos animaes devoradores, tirados das fabulas antigas e descriptos nos bestiarios medievaes.

Peladan previu, no seu formoso livro, essa revolução terrivel, quando affirmou que os nihilistas não construiriam nada, porem destruiriam tudo em pouco annos; quando affirmou, á pagina 144 falando do Imperio Moscovita — "il croulera en quelques années! je ne donnerais pas un kopeck du tróne des tzars".

A doença russa é uma doença mental. Peladan acha que o cerebro moscovita, incapáz de medida, sómente concebe os extremos e, mesmo assim, tão abstractamente que os pensadores russos, tomados em conjunto, representam uma literatura de alienados. Ha nessa affirmativa um pouco de exaggero. Entretanto, não se lhe póde negar um fundo de verdade, especialmente quando se conhecem as obras desses pensadores. Dos escriptores moscovitas, o mais equilibrado é Demitri de Merejkowski, que, aliás, não escreveu coisas russas, a não ser os dois volumes do romance historico do reino de Pedro, o Grande, o Anti-Christo. Suas outras obras se occupam da Morte dos Deuses, tentada por Juliano, o Apostata, e da Resurreição dos Deuses, realizada por Leonardo da Vinci.

Peladan faz ainda outras considerações sobre a anormalidade intellectual dos russos. Cita, por exemplo, para provar a sua esdruxula maneira de comprehender as coisas, o caso de uma seita religiosa que se castrava e castrava quem podia, pelo simples facto de dizer S. Matheus, figuradamente, no versiculo 12 do capitulo XIX do seu Evangelho: "Alguns se fazem eunuchos para alcançar o reino do céo". Para o escriptor francez, o cerebro russo não differencia o proprio do figurado, o litteral do allegorico e do anagogico, concretizando todas as concepções. reformando todas as idéas em paixões: "... le russe á peine sorti de l'esclavage a touché á l'extremité de la négation. Le pére acceptait tout, tzar et knout, le fils n'admet plus rien. Le mot nihilisme est tellemente lourd d'imbecilité que jamais un latin ne l'êut prononcé..."

A constatação dessa mentalidade semi-asiatica e semi-enferma não escapou a varios sociologos modernos. Falam della Léon Poinsard, na "Russie vis-á-vis de l'Occident"; Demolins na obra "Les causes endémiques du nihilisme russe"; Paul de Roussiers, no "Les réformateurs russes"; Bochanow, no livro eminente "La réforme sociale en Russie", e varios outros dos eruditos que escrevem os volumes da série admiravel da "Science Sociale", da França.

Demolins é o mais cathegorico de todos nas affirmações a respeito. Diz elle, á pagina 184 do segundo volume da sua obra "Les Grandes Routes des Peuples":

"La société russe souffre d'un surménage social.

Et ce surménage y determine des phénoménes morbides que l'on n'observe nulle part ailleurs.

La Russie est, en effet, pour l'Europe, un sujet d'étonnement: elle nous étonne par son attachement á beaucoup d'institutions anciennes, autant que par la hardiesse de ses reivindications. D'un coté, elle semble en retard sur les sociétés de l'Occident; de l'autre, elle parait vouloir les devancer toutes dans la voie des tranformations et des révolutions. On peut le citer á la fin comme un exemple de société stable et de société

instable; on peut, á la volonté, la comparer á une eau tranquille et dormante, ou á un volcan en eruption. Elle est "la Sainte Russie"; elle est. en même temps, le foyer de l'anarchie et du nihilisme."

Este quadro é tão bem traçado que dispensa commentarios. Entretanto, não se póde deixar de fazer notar a "hardiesse de reivindications", de que fala Demolins. Com effeito, nunca houve nacionalidade que, sahindo da mais primitiva tyrannia e da mais baixa ignorancia, quizesse se elevar mais rapidamente ás maiores liberdades imaginaveis e possiveis. O bolschevismo é mais lato do que o mais radical communismo, pois que elle representa, na ordem das suas idéas, o Maximalismo. Ora, como não constatar uma morbidez mental na gente que sáe da treva do despotismo asiatico e quer subir á luz do maior liberalismo theorico, sonhado pelos homens?! Dahi, o desequilibrio social. E é a "surménage" dos guias espirituaes da revolução, a sua doença mental, que conduz todo o povo a essa impossivel "hardiesse" de reivindicações exaggeradas, que, como uma epidemia, pretende alastrar-se pelo mundo inteiro.

Uma das mais interessantes faces desa morbidez é a que nos mostra, ao contrario dos outros povos, a classe instruida ou nobre revolucionaria e a classe plebéa conservadora. Se não fôra o intellectual, o fidalgo sonhador, o proprietario imbuido de liberalismo, o soldado e o professor, que prégaram e agiram, o "mujick" nunca teria feito a revolução. Ainda hoje, o bolschevismo triumphante é obrigado, de vez em quando, a defender-se das rebeldias dos camponezes. Os revolucionarios, affirma o conde Rostopchine, no seu livro sobre a Russia, foram sempre os altos aristocratas, como Tolstoi, os grandes proprietarios de terras e de servos da gléba, como Miliutine, Hartzen e Ivan Tourgueneff, os officiaes nobres como Bakunine, os professores governamentaes como Lavrov, os principes de sangue como Kropotkine. Raros os intellectuaes vindos das baixas camadas como Gorki. Em toda a parte, as aspirações populares se elevam até ás classes superiores e determinam as revoluções. Na Russia, tudo vae ao avêsso, as aspirações superiores descem até á arraia miuda e produzem a revolução que o soldado e o "mujick" analphabetos não entendem. E, sobre as centenas de milhões de ignorantes completos, a "élite" intellectual sonha com o maximo liberalismo. E', indubitavelmente, uma doença, nascida de uma "surménage".

s, quaes as causas dessa "surménage" social? Diz o sociologo Demolins, parece-me, com toda a razão, que ella nasceu do esforço a que, desde Pedro, o Grande, se obrigou a sociedade moscovita, asiatica, oriental, ainda não de todo feita, para occidentalizal-a antes de tempo. "O corpo social, como o corpo humano, diz elle, vinga-se pelo estado morbido, quando se violam as leis da hygiene". E na Russia ellas foram sempre profundamente violadas.

**João do Norte.**

"Fon-Fon" 9-julho-1921

## *O morro do Castello*

**Eu ia com um amigo, aproveitando a frescura da tarde, pela Avenida abaixo. Entre a Escola de Bellas Artes e a Bibliotheca Nacional, paramos e ficámos algum tempo a olhar o formigueiro de trabalhadores que enchiam os primeiros degráos escavados na lombada agreste do morro do Castello. Vendo a imponente massa de terra, coberta de casas e casebres, perguntei, com ironia, ao meu companheiro:**

**— Quando acabarão esse serviço?**

**Para commemorar o dia sete de Setembro de 1922?**

**E elle, ainda mais ironico:**

**— Não. E' provavel que tudo esteja prompto a sete de Setembro de 2022... E' provavel, no emtanto; não é certo... E continuamos a caminhar.**

"Fon-Fon" 16 julho 1921

## *Gloria dum livro*

**Uma segunda edição no nosso paiz, onde tão pouca gente lê, é a gloria inegavel dum livro. Acaba de obtel-a o bello romance de Menotti del Picchia, que já tão conhecido é no Brasil inteiro como artista superior, dotado de uma sensibilidade extranha, duma nervosidade eloquente, dum elevado bom gosto e duma vasta capacidade de trabalho. Poeta e prosador, jornalista e advogado, Menotti tem galgado em São Paulo todos os degráus á custa do seu valor pessoal inconfundivel.**

**A gloria do seu romance fino e profundo é mais do que merecida. Nelle perpassam caractéres admiravelmente estudados e ha paginas que nos ficam eternamente na memoria. Estylo e technica, elevação de sentimento, psychologia e verdade, imaginação e estudo, nada lhe falta.**

**E esta segunda edição gloriosa vem mostrar como tudo nelle agradou o publico — que é quasi sempre ao melhor juiz ou que pelo menos sancciona com a sua procura a offerta da critica.**

# NOTAS DIPLOMATICAS

A Sra. D. Maria Christina Carbonell, dignissima esposa do Sr. Ministro de Venezuela.

O actual ministro plenipotenciario da Republica de Venezuela, folgamos em notar, é um das personalidades actualmente mais interessantes do nosso continente. E, como tudo quanto diz respeito á America, sem distincção de linguas ou de raças, sobremodo nos interessa, temos verdadeira alegria em chamar para o vulto do Dr. Diego Carbonell a attenção do nosso mundo intellectual. Não sendo um poeta como Amado Nervo, que foi diplomata, nem um romancista como Graça Aranha, que tambem o é, o Dr. Carbonell, pela sua illustração admiravel, pela sua vasta cultura, pelos seus titulos scientificos bem merecidos, pelos seus trabalhos de real valor, fórma com galhardia na luminosa phalange de homens eminentes que as jovens nações da America joven têm feito entrar para a Diplomacia: os Nabucos, os Larretas, os Domicios, os Magalhães Azeredos, os Roots, etc.

Medico devotado á sua grande sciencia, ex-reitor da celebre universidade de Los Andes, na Venezuela, o ministro Carbonell tem publicado grande numero de trabalhos dignos de estudo. A sua profissão o encaminha a realizar obras como os «Inqueritos Medicos ás Genalogias Reaes Portuguezas» de Julio Dantas, nas quaes os vultos historicos são analysados á luz da psychopathologia com profundez de conhecimentos e brilho de estylo. Entre ellas, as principaes são: «Psycho Pathologia de Bolivar» e «General D. José de San Martin». Nesses estudos criticos, os dois grandes vultos da historia americana apparecem illuminados pela mais imparcial critica scientifica, analysados nas suas enfermidades, do seu temperamento e na sua constituição physica.

Como congressista, o Dr. Carbonell publicou um folheto, contendo duas palestras suas, pronnnciadas no seu paiz e dignas de attenção pela clareza das idéas expendidas: «Arterio Esclerose y Miedo a la Muerte» e «Dignidad del Obrero».

A sua bibliographia conta mais o profundo livro de sciencia «Del Cáos al hombre», historia scieutifica da terra, desde seu apparecimeuto no seio do Cosmos, do homem e sua evolução, dos systemas philosophicos e scientificos que procuram explicar o universo, desde os mais antigos tempos até hoje, livro esse que é uma synthese valiosa de altos conhecimentos e prova insophismavel da larga cultura do seu autor.

Dr. Don Diego Carbonell, ex-Reitor da Universidade de los Andes e actual Ministro Plenipotenciario da Venezuela no Brasil.

Nós brasileiros vivemos um tanto isolados do movimento intellectual hispano-americano das sympathicas nações que nos rodeiam, o que é devido a condições geographicas e a varias outras circumstancias. Mas já é tempo de nos integrarmos de vez na marcha geral dos nossos visinhos, mostrando-lhes, apezar da differença das linguas, o que possuimos e fazemos, estudando o que elles possuem e executam. Essa approximação intellectual dos paizes sul americanos não é inadiavel, porque é mais que urgente. Publicando os retratos do Ministro de Venezuela no Brasil e de sua dignissima esposa, assim como tornando conhecida de seus leitores a personalidade intellectual desse diplomata, *Fon-Fon* está certo de ter contribuido um pouquinho para essa approximação.

84 "Fon-Fon" - 9 - julho - 1921

# AGONIA E MORTE DO LIBERTADOR

*A pagina que os nossos leitores vão lêr, dolorosa e triste, que vale por um estudo psychologico e clinico, pintando o fim dum grande vulto da Historia, foi nos especialmente dada pelo Dr. Diego Carbonell, muito digno ministro da Venezuela no nosso paiz. O illustre diplomata é um medico de alto valor e já foi reitor da Universidade dos Andes, em Merida. Alem disso, é escriptor consagrado, sendo esta verdadeira e profunda descripção dos ultimos momentos do Grande Simão Bolivar uma das partes mais interessantes do seu livro de alto valor «Psicopatologia de Bolivar». Tendo passado no dia cinco deste mez o anniversario da independencia da nobre republica venezuelana, a pagina presente, sobre os ultimos instantes do autor dessa grande obra, é mais do que opportuna.*

... A agonia deve ter começado a 16 de Dezembro; nessa época se deprehende que o frio invadio as extremidades e que o delirio continuou; a voz, o uso da palavra ainda não estão de todo perdidos, porém a primeira é muito mais rouca e a palavra mais balbuciante, segundo Reverend. E quando este declara que o semblante tornou a ficar hippocratico, refere-se sem duvida á alteração profunda dos traços, á perturbação da vista e da consciencia, á seccura da lingua e dos labios. Quando diz que a respiração é difficil, é porque o medico francez observa que já se approxima para os pulmões o ultimo esforço. Eis ahi o estado do Libertador na manhã de 17 de Dezembro... Todos os symptomas annunciam a approximação da morte com uma agonia longa, porém tranquilla.

A tuberculose de que morreu Bolivar é tão clara, como diagnostico, quanto o de bronco-pleuro-pneumonia feito por Cabanés no caso de Carlos IX de França, de accordo com os dados de Ambrosio Paré e de outros medicos, que, em 1574, assistiram os ultimos momentos do monarcha. Até houve alguma semelhança espiritual entre ambos os personagens. Verifica-se que a Carlos IX não faltava intelligencia. Seus nervos o impelliam á agitação da caça, fazendo-o ás vezes permanecer a cavallo quatorze horas. Era, como o Libertador, pallido e fraco. Perante a Historia apparece sinistro quando ordena e presencia a matança de São Bartholomeu. Julga-se a principio que a sua enfermidade é uma simples febre terçã. Os medicos, diz Comenge na sua «Clinica Egregia», não repararam, no emtanto, na dyspnéa, na tosse e na hemoptisis. Carlos IX morreu depois de vomitos e calafrios, tal como aconteceu na prolongada agonia do Libertador. Outro pormenor: o rei exige no momento mais critico que se falle de assumptos relativos á salvação de sua alma; entretanto, Bolivar submettido á asphyxia, pela acção da tuberculose, apresentava alguns caracteristicos proprios aos anciãos: como um velho, acceita a insinuação do Bispo de Santa Martha e das mãos do vigario do Mamatoco recebe os Santos Sacramentos. A exhortação do prelado foi breve e o egregio moribundo simplesmente disse:

— Como sahirei deste labyrintho?

Immediatamente depois, ouvia a sua propria Allocução aos Colombianos e, no final da leitura, interrompeu o tabellião Nogueira, para recriminar a conducta de seus compatriotas.

Não seria precisamente nesses actos dum tuberculoso que se poderia encontrar resposta á pergunta se foi ou não catholico Bolivar. Nos ultimos instantes de sua doença, os processos cerebraes deveriam agir sob o dominio duma intoxicação que saturava o systema nervoso com uma euphoria, que, em mais dum enfermo, se confunde com o mais sorridente optimismo. Essa intoxicação carbonica e toxinica não é tão distincta, nos seus effeitos cerebraes, do envenenamento proveniente da arteria-sclerose. Deste ponto de

Estatua de Bolivar, na praça do mesmo nome, em Caracas, capital da Venezuela. Ao fundo, a torre da cathedral dessa cidade, um dos edificios barrôcos-jesuiticos mais curiosos de toda a America.

85

vista o caso de Bolivar foi analogo ao dos anciãos: sua responsabilidade ao receber os Sacramentos das mãos do vigario de Mamatcco, elle não era o

Pateo principal da Universidade de los Andes, em Merida, de que foi Reitor durante tres annos o Dr. Diego Carbonell, actual Ministro dos Estados Unidos da Venezuela. Interessantes sobremodo as alpendradas coloniaes e a grande torre barrôca lateral, que lembra as torres de Salamanca ou, vagamente, a Giralda de Sevilha.

mesmo que em outras circumstancias subscrevêra o decreto de Trujillo, estava agora nullificada pela metastase de origem bacilar que do peito subia ao cerebro, conforme aponta Reverend. O caso de Bolivar, cinco ou seis dias antes de morrer, é o dum velho que regressa ao seio da religião, depois de lhe ter sido indifferente, ou dum christão a quem na hora extrema desgostasse ouvir exhortações para que salvasse sua alma...

Em resumo, não parece um triumpho religioso o facto de Bolivar confessar-se e commungar ao morrer: o individuo ardendo em febre que a 1° de Dezembro chegára a Santa Martha já era um decrepito, ao qual tudo o mais era indifferente, tanto Deus como os homens.

DIEGO CARBONELL

"Jornal do Recife" 24 julho 1921

Artigo de Lucilio Varejão (trecho)

Outro livro apparecido ha pouco nos mostruarios das nossas livrarias e que forma agora ao lado dos mais originaes da nossa litteratura regional, é o "Casa de maribondos", de João do Norte.

Trabalho de agudissima observação, laivado aqui e ali de uma ironia que ora se adensa em terriveis verdades e outras vezes como que se adoça numa leve aguada sentimental —picaresco e compassivo, mordente e magoado elle vem juntar á já farta obra nacionalizadora de João do Norte um forte e valoroso contingente.

Revelador de aspectos provincianos que, apezar de desconhecidos, a gente sente reaes e latejantes de vida— "Casa de maribondos" é um livro que se lê com crescente interesse, até se lhe dobrar com saudade a ultima pagina.

Ha typos tão bem pintados, tão flagrantemente apanhados ao natural, que se tem a impressão de que o seu autor não fez mais do que os transportar para o papel até com os nomes que na vida real elles devem carregar.

Livro que se afigurará a muita gente por ahi, facil de escrever —"Casa de maribondos" é obra que só mesmo o raro talento inventivo de João do Norte poderia conceber.

"Fon-Fon" 16 julho 1916

**"PÓ"** *Memento homo quia pulvis est*... Esta profunda sentença religiosa parece que acode mais aos poetas do que a outros quaesquer mortaes, se bem que os poetas ás vezes sejam immortaes... E' que elles cuidam ao publicar livros, na sua modestia, que esses livros não terão repercussão. Dão lhes, assim, titulos despretenciosos sahidos desse triste *memento*. Um Humberto de Campos produz a *Poeira*, um Afranio Peixoto, que é um poeta da prosa, escreve a *Poeira da Estrada* e Francisco Costa faz em Lisbôa o *Pó*

Este pequeno livro, apezar do seu lettreiro, é um grande livro de versos. Perpassa nos seus sonetos uma alma meiga, emotiva e elevada. Ha nelles inspiração e fórma, belleza de pensamento e belleza de processos technicos. Absolutamente não é um poeta vulgar quem rima «Melhor», «Sempre pouco», «Eterna Lei», «De Bôjo» e «Alma «Louca».

E para nós, francamente, esse *Pó* é na verdade pó de ouro.

## *Um brasileiro-colombiano*

Foi o general José Ignacio de Abreu Lima. Simples tenente, tomou parte nas campanhas libertadoras da Venezuela e da Colombia. Vio de frente o vulto luminoso do Libertador. Conhecen Sucre. Foi amigo de Paez. Assistio a aurora da liberdade na America. E ainda nos ultimos tempos da sua vida rememorava com saudade e orgulho essa pagina gloriosa da sua mocidade, quando combatera os hespanhoes, de espada em punho, numa terra onde não nascera, mas que seu coração adoptára.

Ha dias, num salão da Bibliotheca Nacional, um auditorio selecto ouvio dos labios do Ministro Carbonell, representante da Venezuela no Rio de Janeiro, precisamente no dia do anniversario da Independencia desse nobre paiz, o elogio historico desse brasileiro eminente, que foi por sympathia colombiano e venezuelano.

# O CASTELLO DE CHAPULTEPEC

O castello ou palacio de Chapultepec, residencia actual de verão dos Presidentes da Republica dos Estados Unidos do Mexico, é um dos mais interessantes edificios historicos dessa historica, curiosa, heroica e nobre nação hispano americana. Fica num sitio encantadoramente pinturesco, numa elevada collina, entre bosques umbrosos e perfumados, dominando as aguas tranquillas dum bello lago. Delle se tem uma vista soberba sobre as bellas paysagens dos arredores. Ropaiz de Anáhuac que Fernão Cortez conquistou. Sobre os alicerces dos antigos paços aztecas se elevam as paredes da opulenta moradia moderna. Nesse local viveram Montezuma e seus nobres antepassados. E ahi támbem residio algum tempo o infeliz Maximiliano da Austria, que a politica européa impoz aos mexicanos orgulhosos, tornando-o victima da sua confiança, — quando lhe retiraram o seu apoio.

**A Casa da Austria em 1863. Sentado, Francisco José. De pé, no meio, Maximiliano, que, quando Imperador do Mexico, habitou Chapultepec.**

Essa moradia maravilhosa que recorda o alcazar de Cintra e nada tem a invejar no seu esplendor a outros palacios semelhantes da America e da propria Europa, tem a dourar-lhe mais os naturaes encantos o valor da sua recordação historica.

As nossas gravuras reproduzem tres aspectos de Chapultepec e mostram em varias épocas o Imperador do Mexico, Maximiliano da Austria, fusilado em Queretaro pelos insurrectos mexicanos victoriosos.

A pequena distancia da velha capital do Mexico, esse lindo edificio, apparecendo como por encanto de dentro dos arvoredos possantes, rodeado de aguas e de cysnes brancos, dá a impressão completa duma lendaria residencia de fadas, de lutinos ou de fantasticas castellãs amorosas transplantada da Media Idade européa, por magia, para o esplendor da terra americana.

87

"Selecta" 9 de julho de 1921

NOTAS DIPLOMATICAS — Jantar realisado na semana passada, na Legação do Japão. Vêm-se á mesa o Sr. Hosigutchi, ministro do Japao, Mme. e Mlle. Hosigutchi, Ministro de Cuba e Senhora, Ministro Chermont, representante do Brasil no Japão e senhora, Ministro da Tcheco Slovaquia e Senhora, Senador Lauro Sodré, Conde Fernando Mendes de Almeida, Dr. Bruno Lobo e Senhora, Dr. Gustavo Barroso e Senhora, Sr Fugisaki, representante do alto commercio japonez e Sr. Ichinomiya, Inspector dos Bancos Japonezes.

"Selecta" 9 julho 1921

# O OUTRO-MUNDO DOS INCAS

*Ricardo Perez Palma é um grande escriptor peruano. Este seu artigo que publicamos traduzido por João do Norte, tem o merito excepcional de nos descrever crenças dos antigos habitantes do Perú, baseados em obras de autorizados autores e na propria tradição oral dos indigenas. Elle revela uma grande parte da alma do povo Guichúa e não pode deixar de interessar todos quantos se preoccupem com as questões americanas.*

No antigo Perú, o conceito do Huc Pacha, Outro Mundo, teve pouca importancia: primeiro, porque a sociedade estava sob o dominio do animimco primitivo, conforme o qual a alma reside nos orgaos do corpo e se destróe com a morte, fica junto do cadaver ou vaga nas proximidades: segundo, por causa do totemismo, pelo qual as almas dos homens se encarnam nos animaes, no tronco das arvores e no interior dos morros e dos idolos ou huacos; terceiro, porque se acreditava no manismo, cujo culto dos heróes agindo no scenario de façanhas deste mundo — o Cai-Pacha, impedio o progresso da crença no outro mundo — o Huc-Pacha.

Para os primitivos peruanos, o Outro Mundo não era mansão de almas e sim morada de corpos, lá se levando a mesma vida que neste. Só se mudava de residencia e não de estado ou de habitos. Isto impunha o costume de embalsamar os cadaveres, mantendo a estructura dos corpos como se estivessem vivos. E, como na outra vida tinham que soffrer as mesmas necessidades desta, enterravam-n'os com os seus servos, se eram Curacas ou chefes. Suas mulheres faziam-se enterrar vivas como na India, junto com os cadaveres dos maridos, para manifestar, assim, o amor conjugal. Quando os Incas morriam, seus corpos eram collocados em grandes mausoleus, depois de embalsamados, juntamente com seus creados predilectos e suas esposas favoritas, para que os servissem na sua nova moradia do Outro Mundo, os quaes se faziam inhumar vivos, voluntariamente, com todos os vivéres e instrumentos necessarios a uma nova existencia.

A idéa de considerar o Outro Mundo semelhante a este, onde se reside em corpo e alma, levando existencia igual, foi resultado do animismo primitivo, que enchia a alma radicada nos orgãos ou como força vivificante que eternamente acompanha o corpo, o qual com a morte fica em estado de somno, ás vezes devido a uma feitiçaria; porém quando a alma chega a ser considerada como sombra ou alento, se realiza a separação della do corpo, e ella delle se afasta, vagando livremente, ora no silencio da noite, como sombra, ora no sibilar do vento, como sôpro. Assim, as almas dos antigos habitantes do Perú, ao separarem-se dos seus cadaveres iam vagabundar por este mundo afóra, solitarias, prazenteiras ou afflictas, ás vezes padecendo fome e sede, frio e calor, difficuldades e cansaço, outras visitando os parentes e amigos. para annunciar-lhes mortes ou enfermidades. Das vicissitudes e alegrias que as almas passavam além tumulo, residindo sobre a terra, nasceu o habito de offerecer nas sepulturas comidas, bebidas, roupas e outras cousas, afim de dellas fazerem uso, poupando-lhes atropelos e fadigas. A renovação dessas offerendas se fazia em cada festa de anniversario dos mortos, nos Huata-ccochvij (huata, anno; ccochvij, alegrar o anno

**Vasos da civilisação pré-incaica, antiquissimos.**

com a alegria dos mortos). Portanto, criam noutra vida — Huc-causaij, com as mesmas occupaçoes desta, sendo a morte a occasião de trasladar-se da terra-Pcha a outra mansão tambem terrestre; que os mortos iam ao Outro Mundo fazer suas Chacaras ou sementeiras, precisando como em vida trabalhar para comer e beber. Sepultados na terra, sentiam-se prisioneiros, soffrendo muito por causa de sua liberdade. Era mistér dar-lhes descanço e folga, conservando-os em Machai ou covas, em Chincanas ou subterraneos, «onde se desapparece da vista», ou em casas pequenas. Por isso, os cadaveres eram postos tambem em Mallquins (mallquins — acção de tes uma cousa mediante certa pratica, com esposas predilectasr servos fieis e provisões abundantes), em commodos Chullpa, ou mausoleus, quer de arvores ou de tramas de ramos de arvores, melhores que suas casas e choças (Chucllos), posto que essas só sejam moradas de sua vida passageira, emquanto as outras são residencias da vida eterna.

O Huc-pacha—Outro Mundo é desta sorte uma copia deste, com suas colheitas e mulheres, onde as almas, idealisando dôres e prazeres, supprimindo as difficuldades impostas pela realidade sobre a terra, começam por viver numa mansão subterranea ou terrestre antes de irem occupar de vez o céu — o Hanaco-pacha. Então, as almas são paulatina e successivamente a um logar de descanso como o Sameij-huosi, a Casa do Descanso, ou a um local silencioso e solitario de onde não se volta mais. E' a terra muda, a região dos mudos, onde não se escuta nenhuma voz, nenhum ruido, nem o bulicio da vida, nem a algazarra das festas.

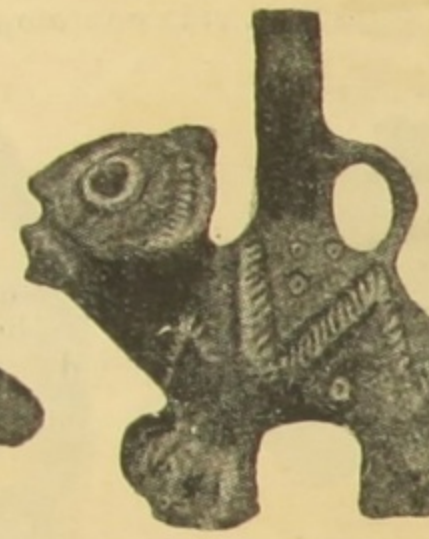
Os que morrem vão á terra muda e solitaria do descanso, de onde, após uma vida contemplativa, subirão pouco a pouco até o céu—o Hanaco-pacha, o Mundo de Cima, a viver vida regalada, rodeados de lindas mulheres, comendo e bebendo manjares deliciosos e licóres delicados. E' o Walhalla incaico, onde se goza o sybaritismo da religião sensual Tahuantinsuyana. Dahi o uso mystico de dar ao morto, na sepultura, a companhia de suas mais bellas e favoritas mulheres, dos servidores fieis e dos melhores manjares.

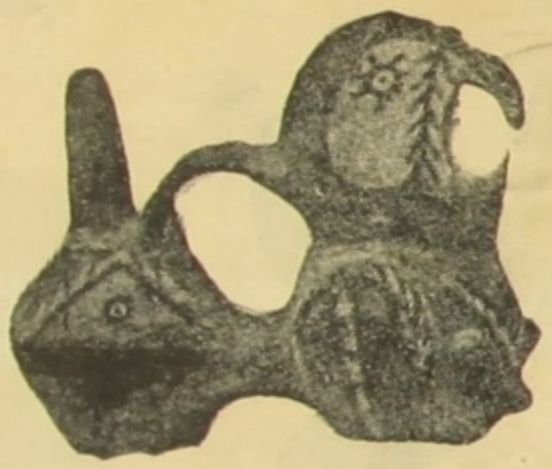
Porém, afim de passar deste mundo ao Samay-huasi, Casa de Descanso, dahi ao Upa-narca, Collina do Silencio, antes de chegar ao Hanaco-pacha, Mundo de Cima, Walhalla talmantinsuyanio, as almas tinham que atravessar um grande rio, ás vezes numa estreita ponte de cabellos, outras montando cães negros, Yanaalleeu. Disto veio a predilecção pelos cães nesta vida, para que na outra prestem os seus serviços como cavalgaduras. Esse costume sobrevive ainda hoje já misturado á lenda biblica do cão de Lazaro, o mendigo e leproso; bem como uma crença popular de que os cães levam as almas ao purgatorio, tendo no concavo das orelhas um pouco de agua para mitigar a sêde dos qne penam entre as labaredas.

A causa psychologica dos perigos e tropeços, que se devem soffrer para chegar á mansão das almas, como succede com o impetuoso rio que separa o Samay-huasi ou o Hupa-marca da terra e que são vencidos pela ponte de cabellos ou pelos cães pretos, está nas mesmas condições da da morte. Quando se chega a essas mansões do mutismo e do descanso, não se póde voltar, porque se perde, não sómente a memoria, porém tambem os sentidos. São logares onde se não vê e se não come, não se sente, não se age, não se fala, nada se ouve. sómente reina o silencio e a contemplação, a obscuridade e o repouso: é a lugubre e fiel expressão da morte.

O cadaver frio e solitario, de olhos fechados e aspecto severo; a inhumação que o cobre de terra; o somno inquieto dos que ficam obsecados pela sombra melancolica do que se foi; o espectaculo do sol que desapparece no horizonte, no mar ou atraz dos montes e que dá a sensação do long nquo e do obscuro, crêam, diz Cornejo. a tristeza e as trevas do mundo subterraneo, não como symbolo, porém como intuição immediata da impressão que a morte, o cadaver e a sombra produzem. O medo que inspiram enche gradativamente o tumulo e a mansão intraterrestre que o acompanha de seres creados pelo terror. O mundo subterraneo incaico é o Ucu pacha, o Mundo de Dentro, logar apertado e estreito, reflexo e continuação do sepulcro que contém o cadaver. Os que vão ao Ucu-pacha padecem muita fome e sêde, têm que alimentar-se de terra (allpa), de carvão e cinza, que beber agua turva e nauseabnnda, que lutar com gigantes, anões, sapos e outras sevandijas asquerosas e vorazes, afim de acalmar a sêde, satisfazer a fome, alcançar o repouso e, por fim, o triumpho. Esses tormentos, entretanto, não são castigos e sim a descripção das fadigas, perigos, tropeços e miserias da vida do outro mundo. Do mesmo modo acontece no Hanaco-pacha, Mundo de Cima, que é um mundo de gozos, á maneira do Paraiso musulmano, onde vão as almas gozar, não em recompensa de seus meritos e virtudes na terra, de seu heroismo nas guerras, como na religião mahometana, porém em exercicio dum direito natural, pertencente a todas as almas daquelles cuja vida foi igualitaria nesta vida, sob o regimen communista do imperio das Quatro Direcções.

No mytho cosmogonico talmantinsuyano, no qual predomina o elemento inteiramente mythico, sob a influencia do conceito ethico, que mal se esboça em alguns de seus apocalypses, veremos que o Huc-pacha, Outro Mundo, antes de se affirmar o dogma moral do castigo e da recompensa, está dividido em duas partes: Hanaco-pacha, Mundo de cima, ou





**Symbolos religiosos raros do culto de Pachacamac.**

céu; Hucu-pacha, Mundo de Dentro, subterraneo. O primeiro está em cima da terra; o segundo, debaixo. Nenhum delles no emtanto, é morada das almas. O Hanaco-pacha é a residencia dos deuses, de Huira-cocha, Inti, o sol, de Quilla, a lua, de Ccoyllur, as estrellas, que dão luz á noite silenciosa do Yuntayacc-pacha, Mundo Escuro, e calor a Manapacha, Terra-Mãe, terra triste e deserta do inverno, mãe dos Ccayari ou Ayay, isto é, dos Evocados. O Ucu-pacha é o mundo subterraneo e escuro, onde estão os demonios vencidos pelos deuses, como os demonios das trevas nocturnas ou

**Pannos funerarios dos Incas, em emblemas symbolicos.**

Yutá, os Hapir-nunos, dos Cerros Apertados, e os Achacalls dos Abrolhos; como os demonios das selvas e das doenças do Tucun-pacha, Mundo Deshabitado; como os Huamanis ou *duplos* dos animaes, e os monstruosos Huacos, ora anões, ora gigantes. Vencidos pelos deuses da Luz, o Achicyay, pelo productor do Dia, o Punchan, fugiram para a região subterranea, indo habitar o Mundo de Dentro, o Ucu-pacha, onde reinam no meio da escuridão da Yuta.

As duas metades do Huc-pacha, o Hanaco e o Hucu-pacha, a mansão da luz e a da treva são independentes da terra. O primeiro, o céu, pertence aos deuses; o segundo, aos demonios. Nas primeiras formas do mytho cosmogonico tahuantinsuyano, sob a influencia do animismo, as almas não vão ao céu nem ao inferno; ficam na terra, vagando como sombras ou sópros, em formas de fantasmas que penam nas soledades do dia e no silencio da noite, como soluços na voz dos

**Huacas dos tumulos Incas de Pachacamac.**

ventos. Essas sombras são os Manchachicuco, os «que assustam».

Assim, pois, nas suas primitivas formas, o outro mundo dividido em duas partes, albergava a omnipotencia dos deuses e a actividade malefica dos demonios.

Nas religiões quasi exclusivamente mythicas como a Huiraccochana ou a Yutiana, essas concepções de céu e inferno recompensa e castigo não existem em sentido moral e simplesmente em sentido mythico, cultual. As praticas moraes ou bôas para os Incas consistiam em cumprir as ceremonias rituaes a Huira-cocha, o Sol, e a todos os denses e Huacas e as immoraes ou más em infringir os seus preceitos chamados Camachicus ou mandados. Não consistia no cumprimento dos principios phi osophicos do bem, nem o mal era a sua infracção. A alma dos Incas, quando esses cumpriam os preceitos e mandados do culto, quando praticavam as ceremonias mythicas nas quaes predominava a bruxaria, iam ao Hanaco-pacha, viver junto do sol, gozando os deleites proporcionados pelo Hanaco-ccocha. Porém se em vida tivessem prescindido de cumprir ritos e ceremonias iam ao Ucu-pacha, privados da luz, morar com os demonios e anões da Treva, lutando com elles. Ainda hoje subsiste a crença de que os habitantes do Ucu-pacha são pygmeus dotados de extraordinaria força de gigantes e de intelligencia snperior á dos homens, os Cai-pacha-runacho, «homenzinhos de dentro do mundo».

Os mythos que influiam na fixação do tempo em periodos tambem intervinham nas divisões do outro mundo. Nisso se applicava de preferencia o numero 4. Assim o Huc-pacha era dividido em 4 mansões, que iam da terra ao céu: o Samay-huasi e a Upa-marca, que ficavam no Pacha-pantijnin, «logar onde se confunde o mundo»; o Hanaco-pacha, em cima, e o Ucu-pacha, ou Supai-huari, Casa do Demonio, que fica de baixo do Huarin-pacha, Mundo de Baixo, Terra, logar da degenerescencia e da corrupção. O Huanaco-pacha ou céu, cujo symbolo era o templo de Huira-ccocha, no Cusco, tinha quatro portas que representavam as tahnapuncu ou quatro entradas do céu.

Entretanto, o céu do mytho cosmogonico huira-ccochano não tinha caractéres definidos, por falta de intuição philosophica superior que alimentasse a imaginação para maior descripção da mansão celestial. Dominada pelo manismo, com o culto dos heroes e da vegetação, a referida cosmogonia apenas pintou a origem do Outro Mundo de modo vago, não precisando bem as suas divisões. Em troca, conheciam os indigenas bem a morada das almas dos seus progenitores, decertos animaes domesticos de selvagens no sol. na lua, nas estrellas de algumas constellações. Havia para isso estrellas protectoras dos Ayullus ou linhagens de animaes domesticos como o lhama, o guanaco e o paccocha; dos selvagens, como linchu ou veado, a vicunha, a taruca; das feras como ama, o uturuncu ou tigre, o atocc ou raposa, conforme nol-o dizem Cobo e Polo de Ondegardo. Dessa crença nascer a idéa de que as almas dos mortos iam ao céu e se convertiam em estrellas. A alma do Inca ia ao sol, habitar com seu pae Inti, não em logar determinado, porém seguindo sua marcha transitoria e quotidiana, soffrendo quiçá os mesmos perigos das luias com gigantes e feras na entrada da noite cidade, onde a derrota se traduz pela noite; na sahida que augura o triumpho e a libertação symbolisados pelo dia. As almas dos Curacas ou simples particulares adorados por suas façanhas na terra convertiam-se em estrellas. povoando o céu.

Porém, ao mesmo tempo que o manismo e a observação do tempo pelos movimentos dos astros crearam as vagas mansões celestes, o totemismo, o culto das huacas e dos animaes tidos como avoengos, deu em resultado acreditarem numa residencia terrena, onde a alma continúa, ultimo asylo do sentimento de opposição á morte. Dentro desses conceitos, portanto, as almas que não iam ao céu nem se transformavam em estrellas, ficavam na terra, recolhidas a certas ilhas. Os yuncas criam que as delles iam para a ilha de Huana levadas pelos tumis, espiritos do mar.

Na evolução sympathica do animismo, que nas suas formas ulteriores considerava a alma separada do corpo, surgiu a idéa da existencia duma alma livre, vagando na terra ou no céu, ora transmigrando pelas constellações, ora presa ás huacas, A transmigração pelas estrellas era vaga como as divisões de além tumulo; a fixação nas huacas, mais concretisada, de modo que todo o territorio da Tahuantinsuyu estava cheio dellas. Por essa razão, as huacas foram consideradas como o *duplo* das almas dos homens e bichos mesmo como imagens do espirito gerador das plantas, da agua, do fogo, da terra e dos phenomenos metereologicos, cuja consequencia transcendental é a synthese poderosa da cosmogonia indigena, segundo a qual céu, terra, homens, bichos, plantas, aguas, foram creados por Huira-ccocha, de accordo com modelos de barro, no Tiacc-huanacu, Assento do Huanam, chamado na lingua aymará Taipi-ccala, Centro da Pedra ou melhor Pedra do Centro do Mundo, modelos esses que são os huacos. E assim como o mundo ou Pacha sahio do Chusacc, o Nada, da treva do cháos para a luz, pela vontade de Huira-ccocha, voltará, quando este o quizer, após o ultimo cataclysma mandado por elle, á obscuridade cahotica de onde surgio. Assim os homens sahindo do barro pela mesma vontade poderosa retornarão com a morte á mesma materia de que fóram tirados, devolvendo seus corpos á terra, suas almas ardentes ao sol e seu alento ao vento.

Todos os homens, mesmo os Incas, nasceram no Pacha-ccallaraiy, Principio do Mundo, na Paccarina, «logar onde appareceram inopinadamente», isto é, na terra, Pacha-mama ou Terra Mãe. As almas separando-se dos corpos na hora da morte, volvem ao seio da mesma terra, á Paccarina de onde surgiram. Os corpos feitos de barro ou de pedra convertem-se nas huacas que serviram de modelos para sua creação. Os corpos têm assim dois *duplos*: um que fica no barro e outro que se confunde com a terra, formando o Allpa-ccamarca, o Universo, a Terra-Animada.

Como se vê, a evolução do mytho animico peruano, nas suas formas superiores da alma livre, transmigrante, e o mytho natural da creação do Outro Mundo, no qual se forma o conceito divino, produz um como pantheismo semelhante ao da India Vedica, que completa uma evolução metaphysica em consequencia de sua propria cosmogonia, se não tivessem sido interrompidos pela conquista hespanhola, violentamente, terminaria na concepção moral do castigo e da recompensa unida á philosophica da transmigração que conservou a personalidade das almas.

A evolução da religião huiraccochana ficou parada no esboço dum pantheismo mystico, que encerra germens dum rigoroso pantheismo religioso e philosophico como o brahmanico, e talvez chegasse ás lucidas hypotheses scientificas da Energia dum Le Bon. ás mais pujantes conclusões da Psycho-Energia dum Oswald, dentro da Philosophia e da Sciencia modernas.

Fin-Fin - 16-Julho 1921

## As mulheres e as dansas

Numa tarde de sabbado, fui ao Palace Hotel, ver dansar. Vêr sómente, porque não danso mais hoje em dia, senão, ás vezes, de urso. Sentei me ao lado dum amigo e conversamos, olhando os pares que iam e vinham pelo grande salão Luiz XVI, que os espelhos tornavam immenso.

E elle me disse:

— Os moços solteiros devem reparar bem quaes as dansas preferidas pelas mulheres para escolherem a sua esposa com segurança.

— Como assim?

— Conforme uma mulher, continuou em tom convicto, prefere esta ou aquella dansa, tem este ou aquelle caracter. As que gostam d valsar são romanticas. As que adoram o *fox trot*, irreflectidas. As que apreciam o *one-step*, voluveis. As que desejam sómente o tango, sensuaes.

— E as que não dansam? indaguei.

O meu paradoxal amigo concluio, sorrindo:

— São, como os homens que não dansam, peores que as dansarinas...

## O Principe dos Poetas Francezes

Paul Fort, que se acha actualmente no Brasil, é o grande poeta da rima e sobretudo da prosa rythmada, que Pierre Louys brilhantemente elogiou. Os seus processos resultam de uma bella filiação historica na litteratura de França, mas são excellentemente seus pelos processos pessoaes de que lançou mão e que empregou. O autor da «Aphrodite» e das «Chansons de Bilitis» disse desse estylo o seguinte: «Existe aliás, um estylo intermediario entre a prosa e o verso francez, um estylo differente, que parece reunir as qualidades desses dois irmãos mais velhos». E é esse interessante estylo gabado por Pierre Louys e Remy de Gourmont, que faz a gloria maior desse poeta delicado e elegante, sonhador romantico, para quem o mundo só existe visto atravez da lente poderosamente embellezadora da sua grande arte.

91 "Illustração Brasileira" Julho 1921 8

# A Capital Azteca

ENTRE os autores que se têm occupado das cousas historicas mexicanas variam as opiniões, quanto á origem e significação da palavra Mexico, com que foi baptisada a antiga capital dos Aztecas e a moderna capital da grande e nobre republica americana. Uns dizem que vem do deus *Mexitli*,

MEXICO—ESQUINA DAS RUAS DE ROMA E DE LISBOA.

o Marte, o deus da guerra dos antigos habitantes do paiz, que ali possuia um santuario. Outros querem que saia de Metzli, lua, porque um oraculo predisse aos Aztecas que edificariam a capital onde vissem o reflexo da lua nas aguas. E elles o viram no lago á borda do qual se eleva a cidade.

91 "Illustração Brasileira" Julho 1921

# A Capital Azteca

ENTRE os autores que se têm occupado das cousas historicas mexicanas variam as opiniões, quanto á origem e significação da palavra Mexico, com que foi baptisada a antiga capital dos Aztecas e a moderna capital da grande e nobre republica americana. Uns dizem que vem do deus *Mexitli*,

MEXICO—ESQUINA DAS RUAS DE ROMA E DE LISBOA.

o Marte, o deus da guerra dos antigos habitantes do paiz, que ali possuia um santuario. Outros querem que saia de Metzli, lua, porque um oraculo predisse aos Aztecas que edificariam a capital onde vissem o reflexo da lua nas aguas. E elles o viram no lago á borda do qual se eleva a cidade.

Aconselharia, como escriptor e artista, os leitores a acceitarem a segunda etymologia, que é a mais bella, embora pense que a segunda seja mais verdadeira; porém acima da Verdade creio que deve se pôr a Belleza.

MEXICO—UM SALÃO D

A linda cidade do Mexico foi fundada pelos Aztecas, segundo o grande historiador Xavier Clavijero, no anno dois de Calli, na chronologia mexicana antiga, o qual corresponde ao anno 1325 de nossa éra. Como sacrificio propicia-

THEATRO NACIONAL DO MEXICO—VISTA PANORAMICA.

MEXICO—MINISTERIO DO EXTERIOR.

torio, os mexicanos regavam com o sangue de um prisioneiro de tribu inimiga os alicerces das primeiras casas da cidade.

Os Aztecas tinham entrado no Mexico como conquistadores e defendiam duramente a sua vida. Dessa necessidade de defe a, o estabelecimento da cidade ao meio de um lago, onde, isolados e cer-

MEXICO—A PRAÇA DA CATHEDRAL, VENDO-SE AS TORRES DA MESMA.

cados de inimigos, viveram longo tempo sómente da pesca, plantando legumes e pimenta em canteiros postos sobre jangadas.

O MINISTERIO DA VIAÇÃO.

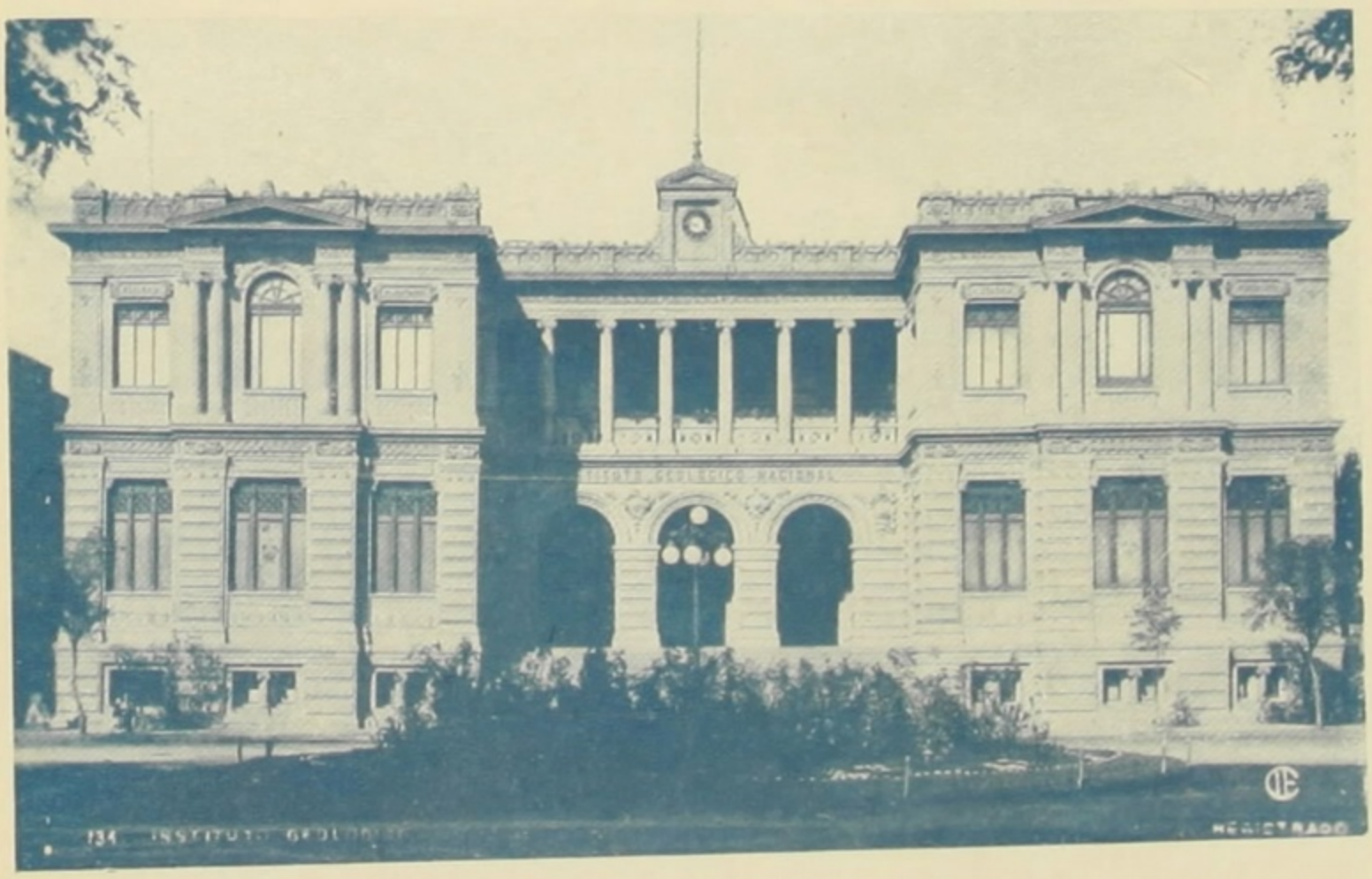
Essa especie de aldeia lacustre se tornou com o tempo e com o enriquecimento progressivo da monarchia azteca uma cidade de lenda e de sonho, profusamente coberta de ouro e pedraria, cheia de edificios sumptuosos, que maravilhou os companheiros avidos e crueis do conquistador Fernão Cortez, quando nella triumphalmente penetraram.

Essa Veneza americana que se mira no espelho luminoso de um lago, edificada sobre estacarias, aterros, terraplenos e cáes, guardou através os seculos, máo grado as vicissitudes por que o paiz tem atravessado, a sua esplendorosa physionomia de sempre. E para aquelles

MÉXICO—RUA CINCO DE MAIO.

que cuidam o Mexico uma simples republiqueta anarchica e selvagem — segundo os yankees vastamente proclamam — pareceria talvez, uma grande *blague* affirma que a sua capital, modernisada e embellezada, é uma das mais bellas cidades do mundo. Felizmente temos aqui á vista as photographias que documentam a nossa asserção, de modo insophismavel.

No estylo barrôco meridional de Europa ahi vemos a Cathedral, que é verdadeiramente portentosa e que tem um portico rendado e



INSTITUTO GEOLOGICO DO MÉXICO

entalhado na pedra dourada pelo tempo, que é uma das mais maravilhosas obras de arte colonial em toda a America ; e tambem a Bibliotheca Nacional, severa e nobre como uma velha construcção jesuitica. Em estylo colonial, que lembra a Hespanha distante, certos cantos de rua em Sevilha ou em Toledo, ahi está o interessante palacete do Banco Nacional. A alma mourisca que dominou a Peninsula oitocentos annos e enfeitiçou a sua alma, dando o requebro dos olhares negros ás mulheres e as gutturaes á lingua, vê-se representada em edificios

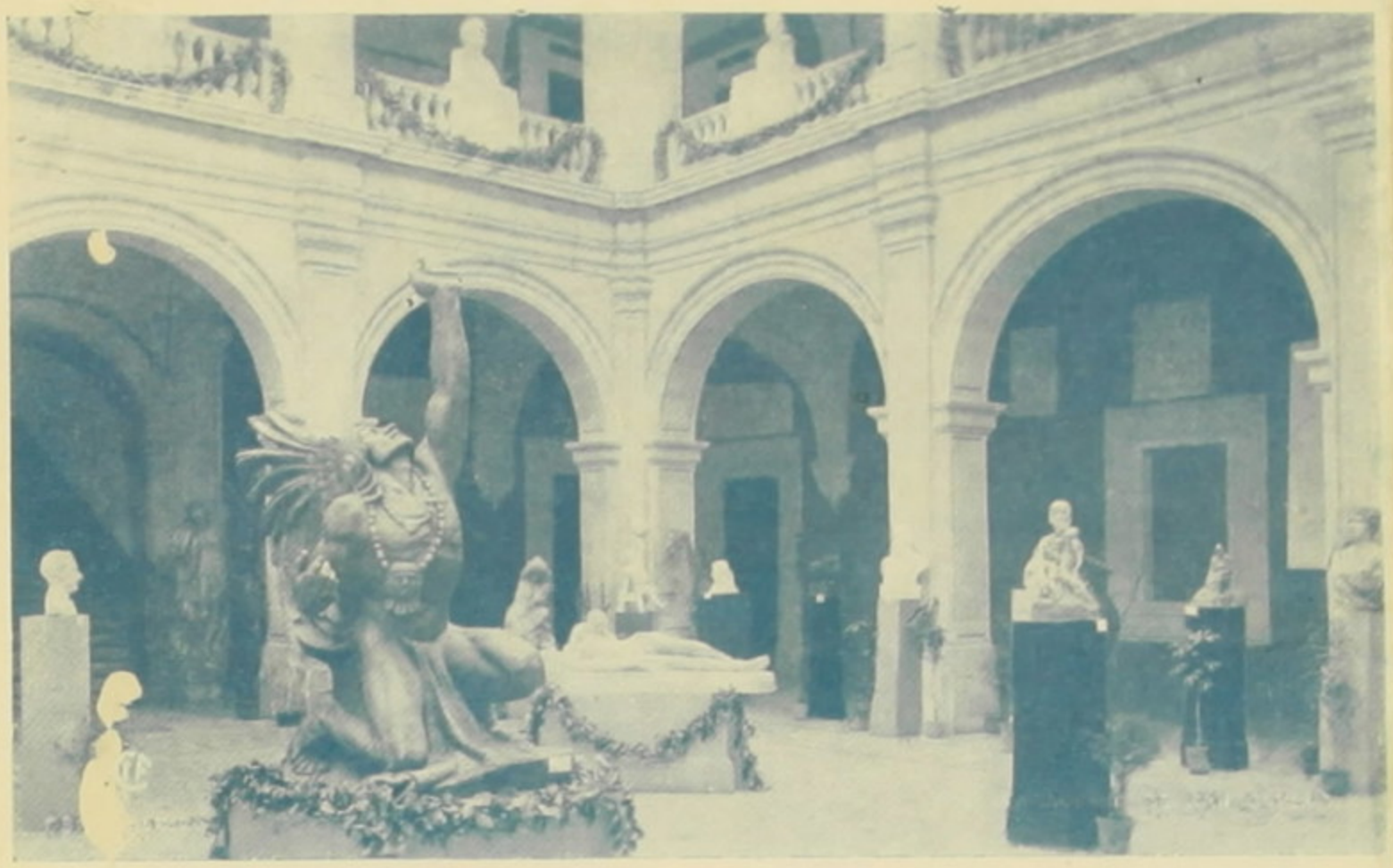
MEXICO—RUA DE BERLIM.

MEXICO—BIBLIOTHECA NACIONAL.

interessantissimos como esse do Museu Commercial, que recorda os alcazares da Andaluzia. E os estylos modernos surgem magestosos e sumptuosos nos sumptuosos e magestosos paços dos Correios, do

Ministerio da Viação, na Escola de Bellas Artes e no Instituto Geologico.

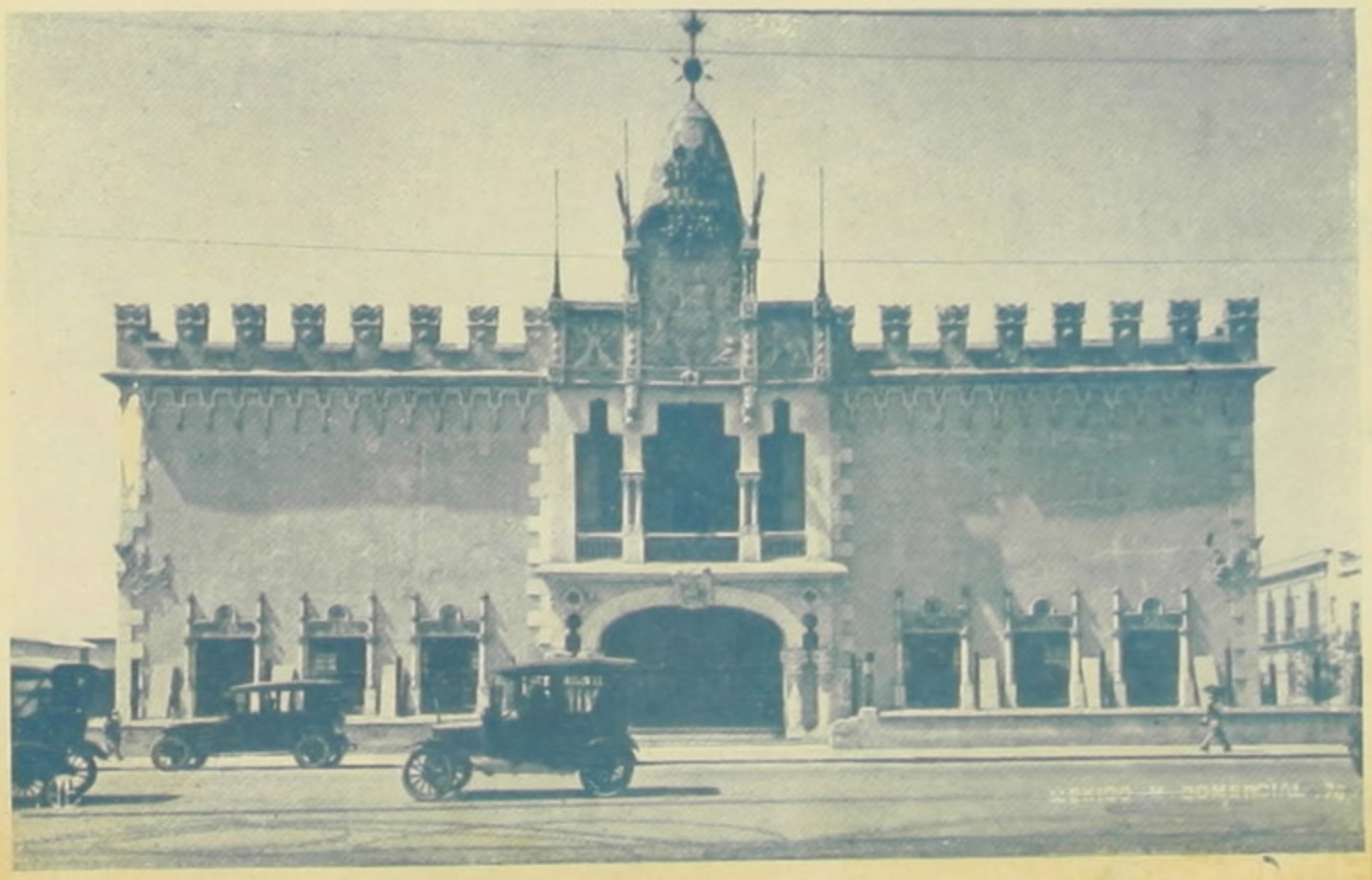
A capital dos mexicanos de hoje, pela sua belleza moderna e pela sua elegancia discreta, não fica abaixo da refulgente belleza da capital dos Aztecas, cuja tradição carinhosamente guarda.



MEXICO—ACADEMIA DE SAN CARLOS (ESCOLA DE BELLAS ARTES)

Aliás, essa sua belleza já era plenamente reconhecida por todos os povos do antigo paiz de Assáhuac, e já deslumbrára os conquistadores hespanhóes, quando ahi chegaram. As palavras de Bernal Diaz del Castillo não deixam a menor duvida a respeito e as affirmações de Clavijero as apoiam. E se hoje a cidade do Mexico perdeu um pouco da originalidade de outr'ora, europeisando-se, ganhou em conforto e em belleza moderna muito mais.

*JOÃO DO NORTE*



MEXICO—MUSEU COMMERCIAL MILITAR.

97

"O Jornal" - 7 Julho 1921

# OU SOURIENT LES ATLANTES

Sempre ouvi da gente velha desaforos e desabafos contra o pintor francez Biard, que andou pelo Brasil no meado do ultimo seculo e publicou um livro sobre sua viagem. Diziam-me que elle nos ridicularisára a valer. Li-o um dia, e, com verdadeira sorpresa, não encontrei nenhuma das infamias e calumnias que que me apontavam. Havia umas pequenas ironias, havia tres ou quatro remoques a respeito duma bandeira que era maior que a fortaleza onde estava hasteada, a proposito duns uniformes de sapadores da Guarda Nacional e mais tres ou quatro coisas desse jaez. Mais nada. Elogios, julgamentos imparciaes e, emfim, racontos de caçadas de gatos do matto, de encontros de cobras, de perseguições de mosquitos, nas fazendas e localidades do interior onde o autor estivera. Pois então, em 1858 ou 1860, o interior do Brasil não tinha maracajás nem serpentes? E o que haveria de ferir mais a imaginação parisiense do sr. Biard, conhecedor da Europa toda: as ruas semi-civilizadas do Rio daquella época ou a floresta virgem, o Amazonas, o sertão, a sua flora e a sua fauna? Querer outra coisa seria o impossivel.

Com effeito, é mais do que natural que no nosso paiz o estrangeiro prefira vêr e descrever aquillo que ainda temos em estado semi-selvagem ás macaqueações da civilização do littoral. Porque estas são copias de originaes já banalizados aos seus olhos e aquillo representa a verdadeira alma original do paiz. Mas o brasileiro da Avenida insurge-se contra isso.

Aqui, ha tempos, esteve a sra. Catulle Mendés, aliás bem nossa amiga. Ao chegar em Paris, li eu nos jornaes fráncezes da época, os reporters a assediaram, pedindo-lhe opiniões acerca do longinquo paiz tropical de onde chegára. Pensam que ella lhes falou da Avenida ou da extensão do asphalto no Rio, da altura do "Jornal do Commercio" ou da architectura do palacio do Catete? Absolutamente não. Gabou com palavras esplendorosas a nossa natureza assombrosa e abriu deante dos olhos maravilhados dos jornalistas varias caixas de vidro, contendo uma admiravel collecção das mais bellas borboletas do Brasil. Durante dias, os jornaes de Paris publicaram entrevistas com mme. Catulle Mendés, sob os vastos titulos "Le Pays des Papillons".

Entretanto, se essa senhora, em logar de borboletas, tivesse conduzido para o seu Paris uma collecção de macacos, desde o sagui ao bugio, desde o macaco de cheiro ao guariba, desde o mico ao macaco-prego, todos os patriotas estariam furiosos, dizendo cobras e lagartos da viajante. Eu não comprehendo essas attitudes, porque sei que existem mais macacos feios no meu paiz do que borboletas bonitas... Agradeço a mme. Mendés ter levado sómente as phalenas, porém não desejaria lynchar o viajante que tivesse preferido levar os macacos.

O brasileiro precisa convencer-se que o Brasil não é a Avenida, os progressos do Rio e de S. Paulo, que elle ainda tem indios anthropophagos, florestas virgens, myriades de serpes, alluviões de insectos damni-

98

nhos, um sertão atrazado, gentes doentes e anemiadas, noventa por cento de analphabetos; que os nossos olhos estão cegos pela illuminação do Rio e nossos ouvidos ensurdecidos pela celebre banda de musica do Corpo de Bombeiros ou pela marcha do Batalhão Naval; que o viajante europeu olhará com certa indifferença para a nossa incipiente civilização e com muita curiosidade por tudo quanto cheire a interior, á vida primitiva, aos antigos costumes do paiz, aos animaes estranhos, aos vegetaes desconhecidos. E' mais natural que tudo isso o preoccupe mais do que as columnas do Monroe ou a fachada da Opera transportada em miniatura para o Municipal, onde ha um restaurante assyrio que é perua... Desde que nós comprehendamos essa psychologia daquelles que nos visitam, não nos aborreceremos com elles, quando falarem das cobras e dos macacos.

Tive ha dias uma sorpresa identica á de quando li o livro de Biard. Tendo visto pelos jornaes que um jornalista belga, dos que vieram assistir á recepção do seu soberano entre nós, dissera do Brasil coisas horriveis, adquiri o seu livro e li-o. Li-o duma assentada, porque o achei leve e elegantemente estylizado. Li-o e, como no de Biard, que o precedeu de mais de meio centenario, não achei nelle as monstruosidades que a mal entendida sueceptibilidade indigena commentou com tanto fel.

Em primeiro logar, esse fel veiu da falta de comprehensão do espirito da obra. Ella não tem a pretensão de descrever ou de julgar o Brasil, nem mesmo de representar aspectos do nosso paiz, affirma o seu autor ás primeiras linhas, claramente: "elles disent seulement comment un européen a réagi devant tels aspects de ce vaste et beau pays". Está ahi o programma justificativo do pequeno volume do sr. Charles Bernard — "Oú dorment les Atlantes". Elle não contém mais do que as impressões personalissimas do seu autor deante de certos e determinados aspectos. Nada mais. E devemos dar a esse ou a quaesquer outros jornalistas a liberdade de terem as suas impressões pessoaes.

Diz elle que a nossa multidão é "bigarrée", com especimens que vão do negro retinto ao branco puro, passando por todos os typos mestiços imaginaveis. Grande crime ter um homem dum paiz europeu, onde o typo se mantém quasi puro, notado esse facto, que qualquer um por exemplo nota no primeiro bonde em que entra, na primeira rua em que passa. Certamente, todos os brasileiros quereriam que elle dissesse que todos nós somos louros, de olhos azues e bonitos !... Elle viu no Municipal senhoras um tanto gordas, com muito pó de arroz — o que é absolutamente verdade. Grande crime tel-o dito! Outro crime ter o nosso homem registrado o barulho dos bondes debaixo do seu quarto no Hotel Avenida, o que certamente vae prejudicar na Europa a reputação do Brasil...

As suas considerações sobre partidos e idéas politicas no nosso paiz são inteiramente justas e todos nós as expressamos a cada passo: não ha partidos e as eleições se fazem por causa de pessoas e não por causa de programmas. Idem, idem quanto ás revoltas de João Candido e da Ilha das Cobras.

Zangaram-se os jornaes, porque o sr. Bernard disse que os marinheiros revoltados foram mortos a baioneta na tal ilha. Por certo, o informaram mal. E devemos nos dar por felizes. Se elle repetisse o que esses mesmos jornaes disseram, em 1910, da morte dos revoltosos presos, enterrados dentro da cal viva, na estreiteza cubicular das solitarias; se elle repetisse os discursos do sr. Ruy Barbosa a proposito disso e dos fuzilamentos do "Satellite", cujo tenente Mello já foi em casa do sr. Ruy Barbosa ? !...

Disseram que Charles Bernard insultou o sr. Ruy Barbosa. Não achei esses insultos nas paginas do jornalista. Li as que se referiam ao nosso glorioso classico, á nossa maior gloria intellectual. Nada vi que procurasse diminuil-o moral ou intellectualmente. E só encontrei que elle o achára feio, physicamente, que elle falou do seu talhe exiguo, da sua pequena figura.

Ora, ninguem admira o sr. Ruy Barbosa mais do que eu. No emtanto seria incapaz de dizer em publico que elle é bonito.

A visita de Charles Bernard ao grotesco templo positivista da rua Benjamin, é uma das mais deliciosas paginas que tenho lido. E creio que não ha brasileiro algum que não espose as duras criticas á camarilha positivista que anda por ahi, hypocritamente falando de idéaes e arranjando sempre os melhores logares da Republica, depois de lhe haver entravado a marcha com disposições legaes dogmaticas e fóra de villa e ter-

99

mo, das quaes, para nosso bem, vamos pouco e pouco nos libertando. Infor maram, comtudo, ao jornalista belg — deprehende-se do que escreve — que essa religião da Humanidade fe o Brasil moderno. Desta inverdade ( que lhe devemos querer mal. Porqu seria dar-nos o estalão moral da Tur quia, paiz que, com o Brasil, detem "record" do maior numero de positi vistas... Deviam ter dito ao Sr. Ber nard que, ao tempo de Benjamin Constant, a Escola Militar era positi vista — 400 homens mais ou menos Com uns duzentos membros da Capel la, o total dessa seita no Brasil se ele vava a 600 pessoas. Hoje, se existen cem, dou a cabeça a cortar! A maior já se transformou em Montearroyo pelo caminho e sectarios novos nã apparecem...

"A la maniére de Potemkine". Nes te capitulo, em resumo, elle diz que maior parte das obras que o rei vi foram preparadas para esse fim, qu no Brasil se fez como Potemkine fize ra na Russia para Catharina, con uma differença — faz elle notar — que na Russia tudo era fingido e n Brasil tudo foi feito de momento porém bem feito! Antes delle ter es cripto que essas obras eram á manei ra de Potemkine, já nós mesmos as tinhamos assim qualificado com c nosso dito popular: "para o rei Al berto vêr!", que equivalia a "fazer fita". Mas o sr. Bernard disse, sendo estrangeiro, deve ser descomposto.

Sobre as serpentes, elle se limita a falar duma exposta á porta da reda cção de um jornal. Recordo-me têl-a visto. Pois esse mesmo jornal ata cou-o por tel-a visto e registrado o facto. Tambem fala das de Butantan porém ahi para elogiar Oswaldo Cru e Vital Brasil, de modo soberbo, ele vando ás nuvens a sua grande obra.

Não pude achar, por mais que pro curasse, offensas graves no livro li geiro do sr. Bernard. Encontrei tra ços de ironia, do seu proprio tempe ramento. Encontrei algumas criticas quasi todas justas, o que é seu direi to fazel-as. Encontrei leves remoques sem importancia. Nós brasileiros pre cisamos que nos digam de vez em quando algumas verdades. Devemos antes sorrir deante dellas, do que no zangarmos, para desmentirmos o axio ma "il n'y a que la verité qui bles se". E a maior prova de estarmos ver dadeiramente civilizados que pude mos exhibir será jámais mostrar in differença pelo que de nós os estran geiros disserem, nem tambem blate rarmos furiosamente contra o que es crevem; porém sorriremos do que pos sam publicar e pensar. Que todos os que de ora em deante nos visitarem estejam certos de que estiveram nã no logar "oú dorment ou oú ragent les Atlantes", mas oú sourient les Atlantes".

João do NORTE.

"Fon-Fon" 16 julho 1921

***Berreguedengues*** Outro dia, fui esperar uma pessôa de minha familia no cáes do Porto. O vapor annunciado para alli estar ás dez e meia da manhã sómente chegou a uma hora da tarde, porque a minuciosa visita da tyrannica saúde do porto o reteve no Poço, ancorado, o tempo que entendeu. Longe de mim a intenção de me oppôr á toda-poderosa hygiene official, que os medicos do Brasil, depois que descobriram ser este um Grande Hospital, arranjaram para contentar as suas aspirações de dominio; porém essa mesma hygiene poderia ao menos ter piedade de quem não almoça e vae para o cáes de manhã, avisando ao publico da hora certa em que está disposta a desembaraçar os navios que chegam.

Duvido muito que com os vapores estrangeiros ella abuse dessa maneira.

«Et pour cause»...

***Tristeza*** Estes dias de chuva impertinente, de humidade, de friagem, fazem-me enfermiço e triste. Cobre-me a melancolia antiga dos poetas romanticos. E collo o meu rosto aos vidros da janella fechada com o acabrunhamento do duque de Reichstadt..

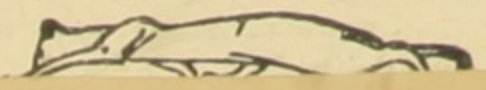
A's vezes, para matar esse sentimento doentio que de mim se apodera contra o meu querer, procuro reagir. Saio, envolto na capa impermeavel, pela chuva em fóra. E logo volto á casa, desilludido de achar algo que me dê alegria, que afugente da minha alma as gazes negras que a envolvem toda. Então, no meu espirito acordam os versos de Bernardim Ribeiro:

«Tudo que vejo parece
Triste da minha tristeza
E tudo mais me entristece».

Tudo me entristece mesmo!

***Sapezáes e Tiguéras*** Um fluxo de nacionalismo sadio faz estuar a nossa litteratura. Raro o dia em que novos livros profundamente nacionaes, descrevendo costumes do sul ou do norte do paiz, não surgem nas amplas montras dos livreiros. Agora mesmo, nellas mostra a sua capa colorida e vibrante o volume curioso de Armando Caiuby, editado por Monteiro Lobato, *Sapezáes e Tiguéras*.

Livro de contos interessantes da região central que se estende de S Paulo a Minas, levemente estylisado e profundamente verdadeiro, vem enriquecer ainda mais o patrimonio verdadeiramente nacionalista das lettras patrias, provando que a nossa mocidade em bôa hora olha mais interessada para o Sertão do que para a Europa.



100

"Correio Paulistano" 14 Julho 1921

# A ABBADIA DO BICO-SANTO

Rezam as mais velhas chronicas populares da egreja que, quando S. Nicodemos ajudou a descer o Senhor Morto do alto da sua cruz, no escalvado topo do Golgotha, piedosamente recolheu o sangue que ainda corria das chagas divinas num dedo da sua luva. E logo sahiu pela Palestina afóra, obrando portentosos milagres.

Curava cegos, sarava leprosos, levantava paralyticos, protegia infelizes, resuscitava mortos ao simples contacto do sangue de Christo guardado naquelle pequeno involucro. E sómente um unico milagre Nicodemos não praticou, porque esse nunca o realizaram os enviados de Deus sobre a terra, antes do Christo ou depois da sua Paixão Redemptora: dar intelligencia áquelles que della nasceram privados.

Os judeus malignos, os sectarios de Hannan e de Kaipha, todos aquelles que no Pretorio de Pilatos, deante da loba romana, preferiram Barrabás a Jesus, os phariseus hypocritas, os sadduceus impios, os servos do templo, os mercadores despeitados com a sua expulsão, todos os maus que se julgavam vencedores do Messias, começaram a fazer a Nicodemos a mais terrivel guerra. Perseguiram-no por toda a parte, accusando-o de sortilegios e de crimes. Queixaram-se a Herodes e ao Pretor que atirava maleficios aos campos, que fazia as mulheres abortarem com o olhar, que destruia com as sandallas malditas as sementeiras novas e que polluia os santuarios, por onde quer que andasse, na Samaria, na Peréa, na Judéa, mesmo na Iduméa, de onde chegavam noticias de suas maldades. E tudo isto fazia por ter guardado num pequeno sacco sangue de gente morta.

A cada novo milagre realizado por Nicodemos com o poder do seu talismam, mais venenosa baba vomitavam sobre sua reputação os seus detractores. Então, Poncio despachou um decurião com soldados, para o trazerem vivo á sua presença, e o Grã-Sacerdote mandou seis nethenius do Templo tomar, onde quer que o encontrassem, o milagroso saquitel.

Nesse tempo, S. Nicodemos ia de Askalon para Gaza, beirando o mar. Sentindo-se perseguido e sabendo o que delle queriam os inimigos ferozes, abateu com uma pedrada uma gaivota, arrancou-lhe o bico, nelle encerrou o sangue divino, tapou o orificio com cêra e do alto duma penha atirou-o ao mar. Quando nethenius e legionarios o levaram amarrado a Jerusalém, não encontraram mais em seu poder o talismam sagrado.

Passaram-se depois desse facto mil e duzentos annos. E durante tantos centenarios as ondas do mar embalaram o bico com o sangue de Nosso Senhor. As correntes, obedecendo á Providencia, trouxeram-no da costa asiatica para o oceano Atlantico através do Mediterraneo. E, ás vezes, ao meio duma borrasca violenta, os marinheiros espantavam-se que tudo de subito se acalmasse como por milagre: era o santo bico da gaivota que silenciosamente deslizava sob as aguas!

Aconteceu que, no decimo segundo seculo, um duque da Normandia, embora generoso e bom, amava demasiadamente a caça. Descurava ás vezes o proprio governo do seu povo para se preoccupar mais com o treinamento de falcões, sacres ou gerifaltes, com a educação de lebréos, de podengos e de fraldiqueiros. Quando não fazia grandes montarias com servos de libré brazona-

da, matilhas numerosas, fidalgos e donas, matando aves e quadrupedes com béstas, áscumas, armadilhas e dente de cão ou bico de açôr, ao som das trompas e da gritaria dos caçadores, bebendo em torno das pilhas de cadaveres sanguentados, sahia com falcão ou com lebréo a passarinhar sósinho ou a apanhar coelhos, ora a pé, ora a cavallo.

Uma feita, dirigia-se para os lados do mar, por sobre as collinas floridas pela primavera, quando os seus dois alões negros perseguiram um grande veado, latindo para o prevenir. Picou o seu palafrem argél em perseguição do esplendido cervo, cujos galhos avistava por entre os arbustos. Os cães o acuaram entre uma ribanceira e o mar. O logar alcantilado não permittia a approximação de um cavalleiro. O bom duque de Normandia apeou-se, e, desembainhando a sua grande faca de caça, começou a descer o declive aspero, apoiando os saltos das grossas botas nas fortes toucceiras de joinas. E, sem que soubesse explicar por que motivo, ao seu espirito nessa occasião acudiu a lembrança da lenda maravilhosa de Santo Huberto, que, indo caçar uma sexta-feira, encontrou um veado com uma cruz luminosa entre os galhos e desde então renunciou ao barbaro prazer.

Era verdade que, uma vez, a sua defuncta mulher lhe exprobára a paixão da caça, que inteiramente o dominava, lembrando-lhe aquelle exemplo. Era verdade tambem que, de outra vez, o seu senescal, aborrecido com o seu desprezo pelas questões da causa publica, lhe recordára o mesmo exemplo, fazendo votos por que Deus logo o realizasse, afim de que o soberano, liberto do vicio de caçar, melhor se dedicasse á direcção do seu ducado e aos cuidados da sua familia.

Fazia todas essas reflexões, descendo a escarpada riba. A mão que empunhava a lamina amolada tremia. O seu coração presago como que adivinhava qualquer cousa. Quem sabe aquelle cervo desgarrado naquellas paragens não seria um mensageiro do Céo?

Descera toda a rampa. Os seus tacões enterravam-se na areia clara da praia. Sob o ouro do sol, a esmeralda liquida do mar rebrilhava, laivada de frisos de espuma branca, como as nuvens pequenas que se perdiam no alto azul do firmamento. Apartou arbustos com a mão em que a arma luzia. Olhou com espanto a praia limpa e cahiu de joelhos, atirando ao chão a adaga para fazer lentamente o signal da cruz!

A' sua frente, o grande veado estava ajoelhado. De cada lado delle, um dos seus alões negros tambem se ajoelhára. O mar rolava em silencio. O vento parára. E uma como luz suave e doce envolvia o grupo extatico dos tres animaes de joelhos.

O veado poz-se inteiramente de pé. Os cães o imitaram. E os tres bichos começaram a cavar a terra até que uma fulguração sahiu dentre a areia revolvida. O duque arrastou-se até ali de joelhos, e, sem saber como, as suas mãos febris se apoderaram de um bico de ave marinha, cujo contacto lhe deu uma força mysteriosa. Trazendo-o nas mãos erguidas, acompanhado pelo cervo e pelos alões, voltou lentamente ao seu castello, onde o capellão abriu o milagroso objecto. Mas não chegou a esvazial-o de todo, porque logo após a cera encontrou um pergaminho amarellecido, no qual S. Nicodemos contava a origem daquelle talisman, os milagres que com elle obrára, as perseguições que soffrera, e como e por que o lançára ao mar.

No logar em que foi encontrado o duque da Normandia fez erigir um grande mosteiro, em cuja egreja a reliquia foi guardada dentro de um bico de ouro. E foi assim, segundo Estienne, autor da "Apologia de Herodoto", que se construiu naquella praia deserta a celebre Abbadia do Bico Santo de Helluin.

**João do NORTE**

107

"Correio Paulistano" 7 junho 1924

# NOTAS DE FOLK-LORE

## OS OLHOS DO GATO E O CORAÇÃO DO CORREIO

Conta-se entre o povo de Nordeste uma historia curiosa, que veiu dos paizes europeus, a respeito dum magico que curava varias doenças, limpando completamente os orgams affectados por ellas. Um matuto foi pedir-lhe que lhe melhorasse a vista enfraquecida e pagou-lhe bom dinheiro. O nosso charlatão, adormecendo-o por meio dum encantamento, arrancou-lhe os olhos, lavou-os com um liquido de sua invenção e pôl-os ao sol, num prato, para seccar. Veiu um gato e devorou-os. Não sabendo o que fazer, deante dessa catastrophe, elle pegou o gato, tirou-lhe os olhos e collocou-os no paciente immovel. Depois, acordou-o. E este passou a ter excellente vista, especialmente á noite, só se queixando de ter ganas de correr atrás dos ratos, quando os avistava. A's vezes, não se podia mesmo conter e fisgava-os dum pulo...

Encontro uma curiosa variante deste raconto, que ha tempos já fiz ao **Correio**, no antiquissimo folk-lore chinez, recolhida pelo erudito Wieger. Tcheun-Tchai era um magico eminente. Sua especialidade era curar enfermidades por meio de praticas de magia.

Um albergista levou-lhe um filho doente havia muito tempo, e que nenhum medico conseguia fazer sarar. Tcheun verificou que a séde da doença era o coração e propoz tiral-o, para o alimpar de todo o mal. O albergista acceitou e deu-lhe um quarto onde ninguem poderia vêr o que praticasse.

O magico adormeceu o paciente, abriu-lhe o peito e arrancou-lhe o coração, que expoz ao vento na varanda, para purifical-o. Veiu, porém, um cão e comeu-o. Quando Tcheun constatou isso, ficou furioso, apanhou um sabre e sahiu de casa deixando o rapaz trancado no seu quarto.

Voltou algum tempo depois, com um coração palpitante na mão, entrou no aposento, introduziu-o no peito aberto do moço, soprou sobre o talho que logo se fechou, recebeu o seu pagamento e foi embora.

Mais tarde o enfermo acordou são, porém, gritando:

— Entregue na posta! Entregue na posta!

Ninguem entendeu aquillo. No emtanto, mais tarde tudo se soube. Entre duas postas, perto do albergue, um correio imperial cahira do cavallo e ficára mortalmente ferido ao meio da estrada, levantando nas mãos os despachos urgentes que levava e gritando:

— Entregue na posta!

Nessa occasião, o magico, que procurava um coração para substituir o que o cão comera, avistou o correio, abriu-lhe o corpo com o sabre e trouxe o seu coração palpitante, afim de collocal-o no filho do albergista. E por isso os primeiros gritos deste foram os das ultimas preoccupações do correio.

Não ha duvida que as duas historias são irmãs e que é verdadeiramente espantosa a velhice dos folk-lores.

## A TRUNFA DOS CANGACEIROS NO EGYPTO...

Um dos attributos pelos quaes se reconhece, no sertão de Nordeste, si um sujeito é ou não cangaceiro, é a trunfa ou cacho, que elles deixam crescer ao meio da testa. Os attributos capillares como symbolo de valentia são de muitos povos: a longa mellena dos indús ou a cabelleira dos merovingios, as madeixas dos indios norte-americanos ou o topete dos hunos.

Essa mania do cacho e da trunfa veiu para o cangaceiro nordestino através da alma collectiva da humanidade, cuja memoria é verdadeiramente assombrosa, da mais remota antiguidade. Vamos encontrar esse attributo no Egypto antigo Aqui está o que diz Maspero. na sua "Histoire Ancienne des Peupels. de l'Orient", grande edição illustrada de Hachette, Paris, 1895, 1.o volume, pagina 54:

... "des plumes d'autruche se balançaient sur la tête des guerriers, et une grosse tresse plaguée derrière l'oreille droite distinguait les chofs militaires".

O mesmo facto é documentado por Wilkinson, no seu livro "Manners and Customs", tomo 1.o, paginas 162 e 163.

## O CORPO FECHADO E O TEOPATLI

Uma das crenças mais communs entre o vulgo, no interior dos Estados do Nordeste, é a do "corpo fechado". O sertanejo que tem o corpo assim não teme espinhos nem presa de cascavel; na sua pelle as balas batem e recuam, as facas viram as pontas afiadas, os cacetes não fazem mossa. E a maioria dos bandidos e valentões famigerados acredita ser protegida por esse sortilegio.

Rodolpho Theophilo tem, no seu bello livro "Os Brilhantes", uma interessante pagina onde narra os tramites por que passa todo aquelle que desejar ter o "corpo fechado". Na casa do feiticeiro, deitam-no no chão, esfregam-lhe ervas no corpo, dão-lhe uma beberagem immunda, dançam-lhe em torno, cantando lôas.

Essa cerimonia parece ser de origem indiana. No decurso de minhas leituras, nunca encontrei cousa semelhante na Europa.

No emtanto, á pagina 284 do primeiro volume da "Historia Antigua de Mexico", de Xavier Clavijero, se encontra a descripção dessa mesma pratica entre os aztecas:

"Tomaban una buena cantidad de insectos venenosos, como escorpiones, arañas y gusanos y aún culebras pequeñas, quemabanlos en uno de los hogares del templo y amasaban sus cenizas en un mortero con hollin de ocotl, con tabaco, con la hierba ololiuhqui y con alguns insectos vivos. Apresentaban en vasos pequeños esta diabolica confección á sus dioses y después se ungian con ella todo el cuerpo. Depués arrostraban con denuedo los mayores peligros, persuadidos de que no podrian hacerles ningún mal ni las fieras de los bosques, ni los insectos más maleficos. Llamaban á aquella untura **teopatli.**"

## A GRE'VE DA FOME

A attenção do mundo foi ha tempos absorvida pelo facto dum patriota irlandez ter declarado na prisão a chamada "gréve da fome", morrendo após o seu teimoso, prolongado jejum. E varios funccionarios de Estados do Brasil, que estão na miseria, procuraram imitar o irlandez, afim de provocar da parte do governo o pagamento dos seus vencimentos atrazados. Mas nem o governo lhes pagou, nem elles resistiram á fome...

O martyr da emancipação irlandeza resistiu a essa gréve terrivel porque ella já estava de accôrdo com a sua educação ancestral. A Irlanda é o paiz da "gréve da fome". Ella faz parte dos seus habitos, pertence á sua tradição historica e está consignada na sua legislação. O velho livro das suas leis, o "Senchus-Mor", contem a seguinte disposição: "Quando um servo (fené), credor dum membro da nobreza (flaith), não póde obter o pagamento duma divida contrahida para com elle pelo ultimo, deve ir **respeitosamente jejuar** (sic) á porta do seu devedor, esperando nessa apostura que lhe seja feita justiça".

Nessa apostura Mac Swinney esperou que o governo inglez lhe fizesse justiça e... morreu. Os nossos funccionarios foram mais prudentes: não esperaram...

## A PRIMEIRA NOVENA

Nós brasileiros, que viemos duma estirpe de fazendeiros amantes de todas as especies de novenas e que as faziam continuamente, com fes-

tas, nas suas razendas senhoriaes, cercados pela escravaria, pelos aggregados e pela familia, pesando ás vezes de pontifices, com o livro de horas na mão, devemos interessar-nos em saber qual foi a primeira noveno do mundo.

Parece que foi esta. Philostrato, sophista, que viveu ao tempo do Imperador Septimo Severo, conta-nos no livro I da sua "Heroica", que durante nove dias do anno todo e qualquer fogo devia ser apagado, afim de ser novamente accendido com a chamma sagrada que um navio especial trazia do templo de Délos, do altar de Apollo, na ilha de Lemnos, onde elle descera puro do céo: "Ignisque, escreve elle, ibi per novem dies exstinguitur; navis vero sacra ex Delo ignem affert..."

## FOLK-LORE INDIGENA

A quem estuda cuidadosamente o folk-lore brasileiro, logo espanta o facto de se apresentarem muito poucas tradições indigenas e quasi nenhuma poesia que lhes diga respeito. Todo o nosso folk-lore vem quasi exclusivamente do branco, entremeiado de algumas producções do negro. Do indio quasi se não encontra nada. As suas historias do caipora, da mãe d'agua, do batatão, etc., só vivem por terem sido recolhidas pelos bandeirantes, que as integralizaram no seu cyclo thematico.

Por que esse phenomeno?

Explica-o de maneira completa Demolins, no capitulo "La route des forets", da sua obra "Commente la Route crée le type social". Eis as suas palavras: "C'est un fait connu que les peuples á familles patriarcales se transmettent religieusement les traditions et les legendes les plus anciennes de leurs races... Il n'en est pas de même chez les sauvages; ils n'ont pas de passé, parce que leur foyer instable ne se prête pas á la conservation et á la transmission des vieux souvenirs de la race. Qui connait les traditions des sauvages de l'Amerique?..."

Com effeito, os nossos indigenas não têm passado e queira Deus possam os esforços do general Rondon lhes dar um futuro.

**João do NORTE**

***Pé de anjo*** Outro dia, por acaso, entrei numa egreja, para vêr umas velhas obras de talha colcniaes, no altar-mór. Depois de ter percorrido toda a nave banhada de violetada penumbra e ter apreciado a obra de arte legada pelos nossos avós, sahi. A' porta, chamou-me a attenção um pedaço de papel pregado na madeira dum dos batentes. Approximei-me e li escripta em lettras garrafaes esta advertencia:

«Cuidado com os ladrões!»

Certamente, os ladrões tinham lido isso antes de mim, pois um delles, furioso, escrevêra em baixo, ligeiramente, a lapis, este remoque:

«Cuidado com o pé de anjo!»

E eu, pensando na canção carnavalesca que ridicularisa assim os grandes pés dum secerdote, não me pude conter e desatei uma gargalhada...

***As dolorosas...*** Alguem já me disse com espirito que o Brasil é na verdade o paiz das dolorosas interrogações.

E com effeito é.

A primeira dessas dolorosas interrogações foi a do Recenseamento: «Quantos somos?»

Ainda a não respondemos e talvez mal a possamos responder para o Centenario.

A segunda foi lançada ao paiz surprezo pelo proprio chefe da nação: «Onde está o dinheiro?»

Parece que a esta não se poderá responder, pelo menos tão cedo. Parece mesmo que se não poderá responder nunca.

O peor, porém, é que esta ultima interrogação dolorosa não é sómente nacional, sim particular: porque qual de nós nestes dias de cambio a 6, mettendo a mão no bolso vasio, não pergunta a si proprio:

— Onde está o dinheiro?

***Morreram ou casaram?*** Toda e qualquer peça de theatro, com raras excepções, acaba por morte ou casamento. Por isso, contam os antigos a seguinte anecdota occorrida nesta mui leal e heroica cidade com o rei dom João VI. O gordo soberano luso-brasileiro era comilão e dorminhôco. Depois de jantar bem, ia ao theatro. E no seu baldaquinado camarote real ferrava no somno. Roncava alto, sem se importar com a assistencia. Quando cahia o panno no ultimo acto, um camarista ou um ajudante de ordens vinha delicadamente acordal-o.

Sua Magestade espreguiçava-se lentamente. Bocejava duas ou tres vezes. Concertava o desalinho do uniforme chamarrado de ouro e perguntava, sorrindo:

— Os protagonistas do drama morreram ou casaram?

E não acham que o rei tinha razão?

***Quantos somos?*** Eu vinha ha dias no bonde de Aguas Ferreas, sentado junto a um cavalleiro gordo e somnolento, que esquecêra a um canto da bôcca o grosso charuto apagado e mal cheiroso. Deante dos meus olhos, ainda havia, pregado no tecto do vehiculo, um dos velhos cartazes do Resenceamento, interrogando:

— Quantos somos?

Sem sentir, sem pensar no que fazia, distrahidamente, lendo o tal lettreiro ou annuncio, disse quasi em voz alta:

— Quantos somos?

O sujeito gordo abriu os olhos papudos, fitou-me com espanto e talou:

— Sei lá! Pergunte ao recebedor ou ao fiscal.

— Guardei silencio, mas tive vontade de mandal-o plantar batatas...

***A Silesia*** Os allemães não se podem resignar a perder a Silesia, que a Austria em parte arrebatára á Polonia, que Frederico II e Bismark, depois, tomaram á força da Austria e da mesma Polonia. E fazem um estardalhaço em torno do «caso silesiano», arranjando até meios de publicar nos nossos jornaes diarios notas em seu favor. Foi, assim, que desentranharam do esquecimento uma carta do Primaz da Polonia, o arcebispo Stablewski, na qual, em 1892, esse prelado fiel ás convenções politito-religiosas com Berlim condemnava o nacionalismo polono-silesiano.

Arranjar esse documento *suranné*, escripto em circumstancias especiaes, numa época especial, para provar direitos seus, não passa da maior prova de fraqueza possivel.

105

"Fon-Fon" 16 Janeiro 1921

## HOMENAGEM A PAUL FORT

— Grupo tirado na bella bibliotheca do illustre homem de lettras Elysio de Carvalho, pouco antes do jantar intimo que o mesmo offereceu ao poeta francez Paul Fort, vendo-se, sentadas, da esquerda para a direita: Senhoras Gustavo Barroso, Elysio de Carvalho, Condessa Selda Potocka Malheiro Dias e Germaine Paul Fort. De pé, no mesmo sentido: Elysio de Carvalho, Gustavo Barroso (João do Norte), Paul Fort e Carlos Malheiro Dias.

"Fon-Fon" 23-7-921

**Berreguedengues** Passando uma destas tardes pelo largo da Carioca, quasi ao escurecer, fiquei durante muito tempo parado a ouvir o forte chilrear de centenas de pardaes, ticos ticos e mestiços de tico-tico e pardal, occultos nas frondes das arvores, em torno do lampadario.

Pensei, naquelle momento, que aquelle cantar de aves serla bem mais interessante, se ellas apparecessem, saltitando pelos canteiros do pequeno jardim, onde um bando de garotos descalços folgava ou jouvia — como diriam os classicos. E porque esses meninos não se empregavam na pequena industria de vender aos passantes despreoccupados pequenas quantidades de arroz, painço ou alpiste, para esses darem ao passaredo?

Se fizessem isso, permittiriam vêr-se o bando de pardaes a chilrear perto da gente, em liberdade, mansos. A idéa não é nova, porém é bem applicavel ao Rio. Todas as cidades têm vendedores de grãos e biscoutos para os cysnes, os passaros e outros bichos das praças e jardins. Esse lindo costume se pratica em Paris com os cysnes e pardaes, em Washington, com os esquilos, em Berna com os ursos e nos jardins zoologicos de todas as capitaes.

Porque não repetil-o aqui?

**Berreguedengues** Umanonymo escreve-nos do Ceará uma longa carta, contando que á porta duma fundição naquella bella capital nordestina estão em pilhas algumas duzias dos velhos canhões historicos de ferro da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, reconstruido por Pedro José da Costa Barros, em 1817.

Accrescenta o missivista que, tendo sido essas antigas armas vendidas em hasta publica vae para tres ou quatro annos, o fundidor que as adquirio por vil preço não as poude destruir a golpes de marrão e malho. Quebrou-lhes sómente as bolas das culatras, que fundio, deixando as pobres colubrinas e falcões ao ar livre, na frente de sua officina. Diz mais que na velha fortaleza, que deu o nome á capital cearense, ainda existem outros canhões historicos de bronze.

Muitas dessas peças têm as armas de Hespanha, da Hollanda e de Portugal, datando dos primeiros dias da nossa historia colonial e as autoridades que dessa maneira as venderam commetteram um verdadeiro crime, crime esse igual ao daquellas que da mesma forma alienaram os velhos canhões historicos do destruido forte de Cabedello, na Parahyba.

Não haverá, santo Deus! para quem appellar contra essa constante e systematica, estupida e infame destruição do patrimonio do nosso passado?!...

## Berreguedengues

O Rio é a cidade deliciosa, onde ha quatro mezes de calor e oito de verão. Mas esse verão é tão dôce, tão suave, que mui'a gente, apezar do sol brilhar no alto céo azul, anda por ahi de luvas e de sobretudo, queixando-se do frio com a mesma intensidade de expressão com que se queixa do calor...

Entretanto, o friosinho secco destes dias ensolados é um presente dos deuses bondosos. Não ha no mundo temperatura igual. Impossivel encontrar natureza tão bella e tão acolhedora como a da terra Carioca.

Por isso, eu que já senti o calor torrido de Washington, o frio humido de Paris, a bruma intoleravel de Londres, não posso deixar passar sem protesto os queixumes idiotas da gente do Rio de Janeiro tanto contra o calor como contra o frio.

**AS RECEPÇÕES ELEGANTES** — **Na residencia Labouriau-Barroso**

Grupo feito especialmente para *Fon-Fon* num dos salões do palacete da residencia dos Srs. Paulo Labouriau e Gustavo Barroso, por occasião do jantar que alli se realisou domingo ultimo. Vêm-se, sentados, da esquerda para a direita: Senhora Gustavo Barroso e seu filho Flavio Labouriau; Senhoras Paulo Labouriau, Horigutchi, Paul Fort, Herman Gade, Jan Havlasa e Elysio de Carvalho; de pé, no mesmo sentido: Sr. Paulo Labouriau; Coronel Antonio Felino Barroso; Sr. Jan Havlasa, Ministro da Tcheco Slovaquia; Senhorita Tolmos; Sr. Herman Gade, Ministro da Noruega; Paul Fort, "Principe dos Poetas Francezes"; Sr. Horigutchi, Ministro do Japão; Sr. Elysio de Carvalho; Senhorita Horigutchi; Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso companheiro e Coronel Tolmos, Ministro do Perú.

107

"Fon-Fon" 9 Julho 1921

## NOTAS DIPLOMATICAS

Photographia tomada no terraço da elegante legação do Japão nesta capital, antes do jantar alli realisado na semana passada. Sentadas da direita para a esquerda, senhoras Jan Havlasa, Cisneros, Clermont, Gustavo Barroso, Bruno Lobo e Horiguchi. De lé, no mesmo sentido, senhorita Horiguchi, Dr. Gustavo Barroso, Ministro Havlasa, da Tcheco-Slovaquia, Serador Lauro Sodré, Dr. Bruno Lobo, Conde Fernando Mendes, Ministro Clermont, do Brasil no Japão, Ministro Horiguchi, do Japão no Brasil, Cisneros, de Cuba, e Sr. Fugisaki, representante do alto commercio japonez.

"Fon-Fon" 23 - Julho - 1921

***Berreguedengues*** Aquelle typo grosso e pesado, de feições de açougueiro, que os leitores encontrarão a cada passo pelas ruas afóra, ao subir no bonde, deu-me um encontrão, pisou-me os pés, derrubou-me o chapéu e a bengala, na pressa horrivel de apanhar um bom logar.

O meu primeiro movimento foi de repulsa, protesto, reacção. Mas a minha sorridente e sceptica philosophia dominou esse primeiro impulso. Apanhei chapéo e bengala, calei a dôr dos pés contundidos e murmurei, á guisa de profunda e necessaria consolação, a velha quadra popular portuguexa:

Pilriteiro, dás pilritos...
Porque não dás cousa bôa?
— Cada qual dá o que tem
Conforme a sua pessôa.

*Non é vero?*

108

"Selecta" 16 Julho 1927 8

AS RECEPÇÕES ELEGANTES — Grupo tirado num dos terraços do palacete da residencia da familia Labouriau Barroso, em Santa Thereza, por occasião do jantar que alli se realisou domingo ultimo. — Da direita para a esquerda: Sr. Paulo Henrique Labouriau; Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), nosso companheiro de trabalho; Sr. Jan Havlosa, Ministro da Tcheco-Slovaquia; Madame Paul Fort; Madame Havlosa; coronel Antonio Fellno Barroso; Madame Herman Gade; senhorita o pequeno e interessante Flavio Labouriau Barraso; coronel Tolmos, Ministro do Perú; senhorita Horigutchi; senhora Elysio de Carvalho; senhora Horigutchi; senhora Paulo Labouriau; senhora Tolmos; o grande poeta Paul Fort; Sr. Horigutchi, Ministro do Japão; senhora Gustavo Barroso; Sr. Herman Gade, Ministro da Noruega e Dr. Elysio de Carvalho.

"Fon-Fon" 23 julho 1921

**Berreguedengues** Na tarde em que a ressaca, que ha dias attacou as praias desta linda cidade, estava mais furiosa, andei a pé pelo Flamengo em fóra, olhando o alto espumejar das ondas enraivecidas de encontro á amurada do cáes e apreciando a multidão que até alli fôra vêr o bello, embora sinistro, aspecto do mar. Pensei cá com os meus botões que o povo gosta muito e muito mesmo de todos os espectaculos. Desde os jogos circenses de Roma até os jogos marinhos do Rio, a alma da populaça é a mesma, não mudou nada. E, certo, nenhum daquelles populares que se embeveciam deante da colera das vagas pensava quanto ella lhe custava aos magros bolsos de contribuinte espremido...

109 "Selecta" 16 - julho 1921

# UMA FONTE DE 1822

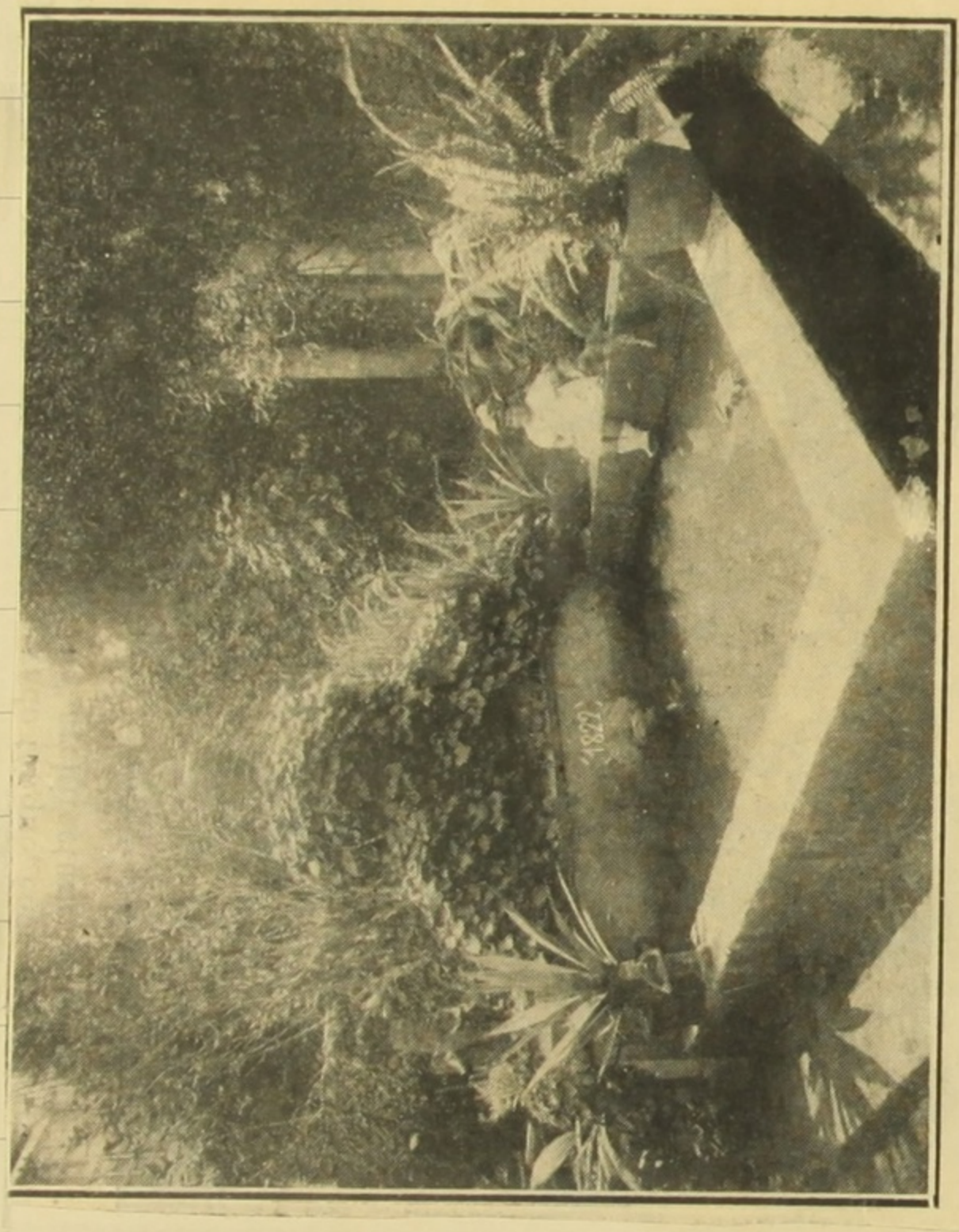
*Approximam-se as commemorações officiaes e particulares do primeiro seculo de nossa independencia politica. E', portanto, justo que se dê publicidade a todos os factos curiosos e interessantes que de perto ou mesmo de longe se liguem a essa data gloriosa. Nesse sentido, publicamos este pequeno artigo sobre uma fonte contemporanea do grito do Ypiranga, nas proximidades desse logar celebre. E acreditamos não desgostará aos leitores, antes pelo contrario, muito os interessará o assumpto de que vamos agora nos occupar.*

O Brasil todo e sobretudo as nossas povoações do interior acham-se esmaltadas de restos archeologicos, nem sempre respeita-

**Um dos velhos portões de entrada da referida chacara.**

dos ou, o que é peor commummente, desprezados e destruidos.

Em muitos casos, a natureza collaborou com a mão devastadora do homem: quem visita as galerias da nossa Sociedade de Geographia, póde vêr, entre outros exemplos que podiam ser citados, o que a bravia natureza sertaneja fez com as megalythicas cantarias do forte da Beira, ou do Principe da Beira, lá no extremo oeste das nossas fronteiras. As photographias de grande tamanho expostas naquellas galerias mostram de que maneira um simples cipó, crescendo e engrossando, acaba convertendo-se em immensa alavanca mechanica para levantar e remover os mais robus-



**A fonte centenaria, com a sua carranca de leão e a data 1822 em lettras de bronze, encontrada pelo Sr. Francisco de Castro nos terrenos de sua chacara, á rua Martiniano de Carvalho, em S. Paulo.**

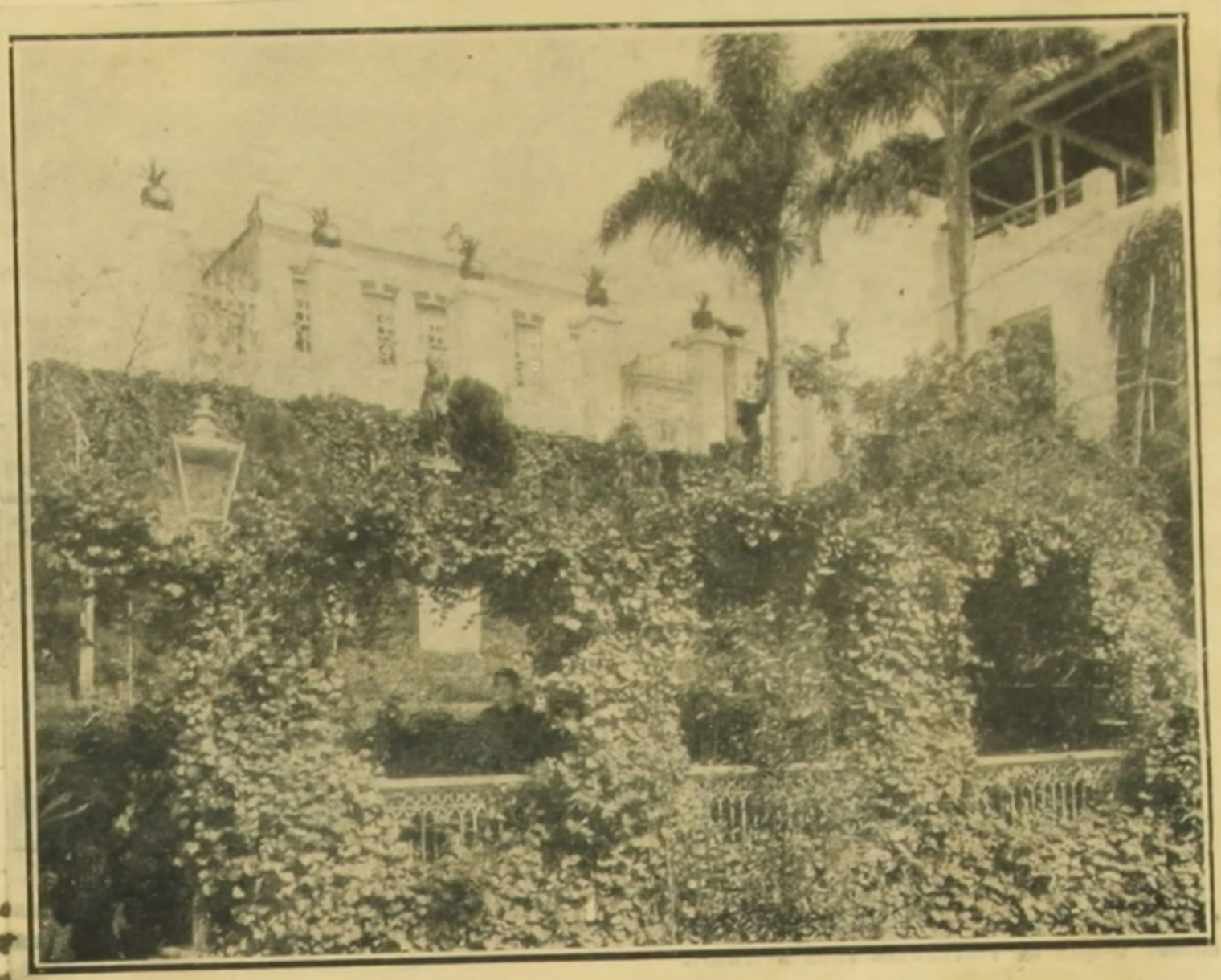
tos cunhaes daquella fortaleza de lendarias recordações.

Um dos territorios brasileiros mais cheios dessa especie de recordações archeologicas, relativas á nossa historia, desde os tempos mais remotos, é o do Estado de São Paulo.

Deu-se nessas terras o grito da nossa independencia e os que o ouviram e com elle estremeceram quizeram por varios modos gravar-lhe a data pelas diversas maneiras que cada qual entendeu, segundo as suas posses.

Nessa época, nos suburbios da Paulicéa, existia uma vastissima chacara, em parte hoje atravessada pela rua Martiniano de Carvalho.

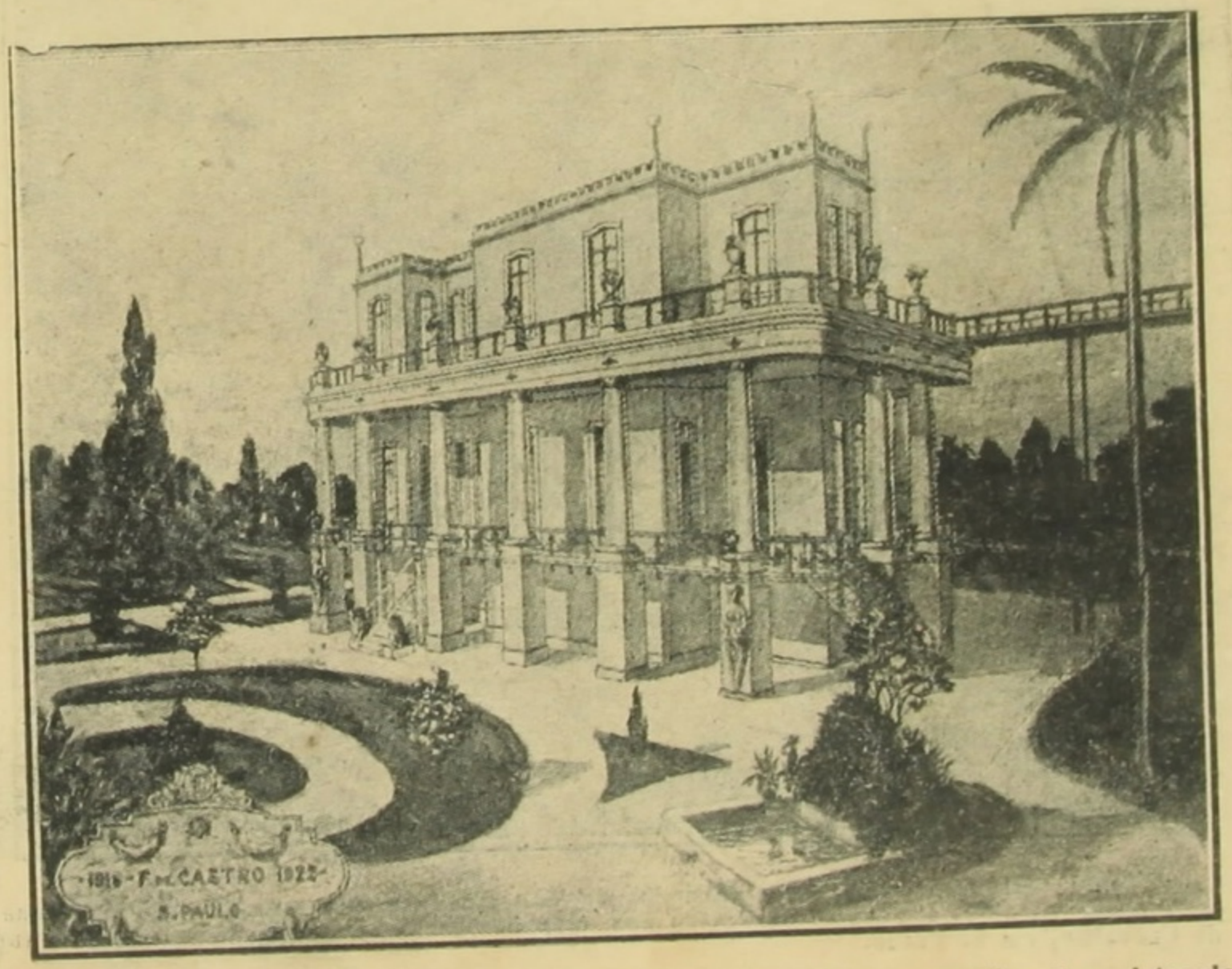
Com o tempo e as vicissitudes do proprietario dessas terras, fôram ellas, aos poucos, convertendo-se



**Vista da residencia do Sr. Francisco de Castro na chacara onde se acha a fonte historica.**

num matagal solitario e abandonado. Ha dez annos, grande parte desse latifundio confundia-se com um extenso alagadiço. Foi quando o adquirio o Sr. Francisco de Castro, que logo começou a desbravar-lhe a mataria e a drenar o immenso charco.

Muita alegria teve o novo proprietario desse terreno, quando, no meio do cipoal e do brejo que os invadiam, achou um bem conservado tanque, com certos requintes de architectura e em cuja face principal, uma gárgula, com cabeça estylisada de leão, servia de descarga ás aguas que vinham de um manancial proximo: acima dessa gárgula, a data, nitidamente conservada, de 1822 demonstrava




**Projecto do Sr. Francisco de Castro para um monumento commemorativo de existencia da fonte de 1822.**

o patríotico sentimento do proprietario daquellas terras, querendo que ella perdurasse naquelle singelo e lindo monumento.

A photographia junta bem deixa perceber a belleza brasileira desse recanto. O Sr. Francisco de Castro, ao contrario de tantos outros, soube conservar essa lembrança.

As outras photographias que acompanham esta nossa nota claramente mostram a belleza do lugar, bem como as das construcções pinturescas e de bom gosto que o aformoseam.

O Sr. Francisco de Castro teve o cuidado de restaurar com todo o esmero os estragos do tempo, conservando ao singelo monumento toda a sua originalidade de època e de estylo.

Estando proximos os festejos da nossa independencia, o mesmo senhor projecta para o referido local outro monumento annexo, que virá a ser como que o élo entre o primeiro seculo da nossa independencia e os que se lhe vão seguir, naquelle recanto da terra tradicional dos arrojados Bandeirantes.

Porque o exemplo do Sr. Francísco de Castro deve ser imitado e porque elle merece sinceros applausos, *Selecta* illustra suas paginas com estas notas e com as reproducções photographicas que as acompanham.

"Fon-Fon" 30 julho 1921

## ADAM MICKIEWICZ

O maior poeta da Polonia, Adam Mickiewicz, descendente de nobres polonos estabelecidos na Lithuania, viveu desde a infancia numa atmosphera de virtude, piedade christã, patriotismo e amor á tradição. Nascido quando a sua patria foi definitivamente desmembrada, tinha 14 annos quando Napoleão invadiu a Russia. Chorou de alegria deante dos esquadrões francezes que passavam pela sua cidade natal e durante a sua vida de artista nunca esqueceu esse momento de grande emoção. Desenvolveu completamente sua intelligencia e seus estudos na universidade de Wilna, sendo ahi sempre o chefe activo das associações estudantaes. E pela sua existencia afóra jamais o deixou o amor da juventude, que condensou na sua celebre «Ode á Mocidade».

Começou sua obra em 1817, traduzindo varios trabalhos de Voltaire. Poucos annos depois, o seu espirito muda de direcção e elle afasta-se das suas primeiras preferencias litterarias pelo racionalismo francez. Tomaram-lhe o espirito, então, as litteraturas allemã e ingleza. Com a alma devastada por um amor infeliz, delicia se com Schiller, Goethe, Scott e Byron, procurando ao mesmo tempo inspiração nas crendices e lendas populares. Depois dessa crise, publica as «Balladas», a «Noite dos Avós» e «Grazyna». Entra pelo romantismo com o seu poema deste nome. Sua alma prefere em tudo o sentimento á razão, o coração á esthetica. E' um grande emotivo, um sensivel, que traasforma os elementos populares em elementos de arte pura. E sobretudo se distingue por attrahir as tendencias européas ao seu paiz, nacionalisado as profundamente.

Romantico ecletico, classico objectivo, patriota ardente, perseguido pelo governo russo por causa das suas idéas. foi condemnado a deixar a sua patria' No exilio, publicou os «Sonetos da Criméa», em que a sua alma sangra de saudade, e «Conrado Wallencow», onde relata a lucta da Lithuania pagã com os Cavalleiros Teutonicos, resoante de heroismo e amor da patria. Em 1829, Mickiewicz viaja pela Europa e trava relações com os grandes espiritos contemporaneos. Visita Goethe. Ouve lições de Hegel. E Roma transforma suas idéas religiosas. Escreve poesias lyricas, catholicas. Em 1831, soffre as dôres do seu paiz esmagado pelos russos. As suas «Palavras dum Crente» sáem dessa mudança e o «Senhor Thadeu» ainda a ella se prende. Este livro fecha a serie das suas obras poeticas.

Occupa-se dahi por deante de outros trabalhos. Professor em Lausanne, jornalista em Paris, prosegue a sua obra em favor da Polonia. Rebenta a revolução de 1848, no seu paiz. Corre a Constantinopla, organisa legiões polonas ao exercito turco contra a Russia e o cholera o mata em plena acção.

Assim, morreu luctando como luctando vivera esse grande poeta que George Sand comparava a Byron e mesmo a Goethe, cuja alma sempre foi o reflexo da vida moral do seu povo. E este caracteristico foi o que sempre o tornon maior, tornando-o encarnação viva e palpitante da Polonia.

*J. N.*

**Schimmy** A Europa, cuja cabeça ainda é Paris, depois de ter procurado pelo mundo inteiro as litteraturas exoticas, para se deliciar com ellas, traduzindo nas suas linguas poetas e prosadores hindús, escandinavos, tartaros, orientaes, romenos, slavos e até finnezes, começou a catar pelos tropicos e por terras longinquas as dansas mais exquisitas do mundo. Abandonou suas bellas dansas classicas e entregou-se ao maxixe dos mestiços brasileiros, aos passos horriveis de raposa e do urso, ao tango dos gaúchos. E ultimamente, não satisfeito de tanta exotice, adoptou o dansar selvagem dos negros da America do Norte, uma especie de ignobil batuque de senzala, o *Schimmy*, completa de *Shivernig*, tremor, tremelique, que é tão sómente o nosso conhecido sapateado.

Que a gente rude das nossas praias e do nosso sertão não perca a esperança de celebrisar-se um dia com as suas dansas primitivas. Ainda havemos de vêr nos grandes salões do mundo a aristocracia do talento, do dinheiro, do sangue e da futilidade gozar as delicias do côco de embigada, do bahiano, da arripiada, da sertaneja, etc., etc.

# O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO PERU'

Commemora-se neste mez o centenario da Independencia do Perú e por isso todas as attenções se voltam para essa nobre nação latina do Pacifico.

Suas montanhas magestosas e o mysterio do seu grande passado ainda hoje nos surprehendem com a mesma emoção com que surprehenderam Pizarro, quando, á frente do seu pequeno bando de aventureiros, rumou para Cajamarca, ao encontro do Inca Atahualpa. Seria sobremaneira interessante podermos, volvendo as paginas dos seculos, acompanhar os predecessores dos Incas, os primeiros civilisadores do Perú, nos seus colossaes trabalhos em

Estatua do libertador americano Simão Bolivar.

Cuzco, Pachacamac, Chan-Chan e nas ilhas do lago Titicaca.

Os Incas, soberanos do povo Quichú, viviam no Perú desde cinco seculos antes da conquista de Pizarro, que, com as suas *faces pallidas*, alli appareceu em 1531.

O Perú se divide em tres regiões distinctas: a costa, a cordilheira andina, hoje em dia percorrida pela estrada de ferro mais elevada do mundo, e o vasto planalto, aliás pouco conhecido, a leste dos Andes.

Poucos viajantes percorrem o interior peruano. A maioria dos que andam pelas regiões do Pacifico visitam sómente a capital da joven republica, a Lima elegante e tradicional, a velha capital dos Vice-Reis. Ella é servida pelo porto de Calláo, a tres milhas de distancia, que possúe as melhores e mais modernas dócas da costa sul americana de Oeste. Dahi, em meia hora, pelo caminho de ferro electrico, se chega a Lima.

Esta capital fica num bello valle ondulado. Ha quatro seculos Pizarro assentou os alicerces da sua magestosa cathedral, na celebre Plaza Mayor. Em torno della, a cidade começou a estender-se. Pizarro quiz fundar uma capital mais accessivel do que as antigas capitaes centraes dos Incas e dos seus predecessores.

Cortado por muitas pontes, o rio Rimac atravessa a Cidade dos Reis, formando a hypothenusa do seu plano triangular. O seu appellido de Cidade dos Reis foi-lhe dado por Pizarro e ella foi durante tres centenarios a Segunda Metropole do dominio hespanhol nos dois Continentes. Foi um grande centro de cultura e de esplendor, onde a côrte dos Vice-Reis quasi nada tinha a invejar á de Madrid.

Destruido o imperio dos Incas, submettido pelas armas o povo quichú, Pizarro governou o Perú com mão de ferro. Succedeu-lhe nove annos depois Don Cristobal de Vaca. E o primeiro vice-rei mandado de Hespanha alli chegou em 1544. Era elle Don Blasco Nuñez Vela. Sua jurisdicção se estendia da capital sobre quasi toda a America do Sul, que só mais tarde foi desmembrada em outros vice-reinados.

No começo do seculo dezenove, o povo peruano, já formado e adaptado ao seu paiz sentio a necessidade de se tornar independente. O descontentamento crescente e justo contra o dominio hespanhol accelerou o movimento libertador. E os primeiros martyres dessa lucta fôram Ribaldo e Aguilar. Em 1820, o general argentino San Martin, á frente do «Exercito dos Andes, e o almirante Cochrane com a esquadra chilena soccorreram os patriotas peruanos, bombardeando Calláo e auxiliando-os a derrotar as forças hespanholas. San Martin entrou triumphalmente em Lima a 9 de Julho de 1821 e a 28 do mesmo mez foi finalmente declarada a independencia do Perú.

A 20 de Setembro de 1822, reuniu-se em Lima o primeiro congresso consti-

A Cathedral de Lima.
Nella repousa o conquistador Pizarro.

Vista de Lima, ha alguns annos.

tuinte peruano e a 27 de Fevereiro de 1823 foi eleito o primeiro presidente da Republica — Don José de la Riva Aguero. Porém sómente depois da celebre batalha de Ayacucho em 1824, é que as tropas reaes hespanholas fôram definitivamente batidas e tiveram de evacuaro paiz.

Após essas luctas pela liberdade, seguio-se um periodo de reconstrucção nacional. Adoptou-se a constituição republicana, com os tres poderes harmonicos: legislativo, judiciario e executivo. O primeiro é constituido por

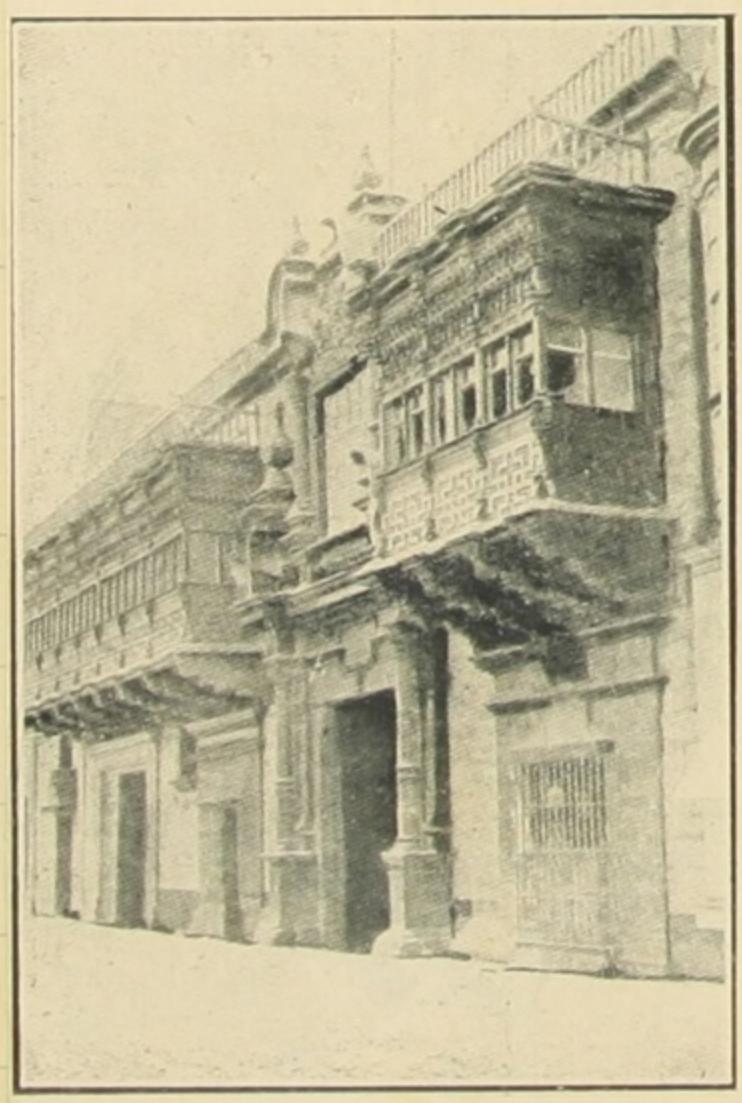
Estatua do Coronel Francisco Bolognesi, o heroe de Arica.

52 senadores e 116 deputados. O congresso reune-se annualmente a 28 de Julho e deve funccionar durante noventa dias. Este prazo póde ser prorogado por mais quarenta dias pelo Presidente da Republica, se fôr necessario.

O Perú é politicamente dividido em Estados, dos quaes um tem o nome de Lima e comprehende a capital da Republica. Os municipios são governados por alcaides. A administração municipal de Lima foi instituida por Pizarro, em 1535, que logo nomeou o seu *alcalde mayor*.

O Presidente da Republica reside em Lima e ahi se reune o Congresso.

Uma das bellezas de Lima é a sua cathedral, com duas torres gemeas. Perto della, fica o local da casa, onde o conquistador Francisco Gonsalez Pi-



A famosa casa do Marquez da Torre-Tagle

zarro foi assassinado pelas costas. No interior jáz o seu corpo embalsamado, bem conservado apezar do tempo.

Occupando todo o lado norte da Plaza Mayor, está o historico paço dos Vice-Reis, construcção colonial macissa e quadrada, porém caracteristica, que hoje serve para uma repartição official. Na mesma praça, ficam a Camara Municipal e grande numero de casas commerciaes importantes.

A Plaza Mayor é o logar de maior movimento da capital. Dahi se irradiam as linhas de bondes. A cathedral e o correio attrahem o publico a essa praça, onde a 28 de Julho de 1821 se leu ao povo a proclamação da independencia.

Fica perto a praça Bolivar, onde se acham os edificios da Camara e do Senado. A sala deste ultimo é historica e nella, sob o seu tecto de madeira lavrada, a votação é feita por electricidade, bastando cada senador calcar um botão da sua mesa para registrar na da presidencia o seu voto.

Ha mais ou menos 17 egrejas na cidade, entre as quaes são notaveis as de San Francisco, La Merced, San Augustin e Santo Domingo.

Uma das casas mais interessantes de Lima é a antiga residencia do marquez de Torre Tagle, construido no tempo dos Vice-Reis, cuja porta monumental de pedra, no estylo barrôco colonial, é uma verdadeira maravilha. Ao lado della se estendem *balcones* de madeira rendilhada que tráem a influencia dos mucharabios arabes da Peninsula Iberica.

E' digna tambem do maior interesse a famosa Universidade de San Marcos, cujos edificios fôram destruidos varias vezes por terremotos e assédios, o que não impedio de se continuarem os seus trabalhos desde 1551 até hoje! Essa universidade foi modelada pela classica universidade hespanhola de Salamanca. Foi uma carta regia do Imperador Carlos V á sua irmã, a rainha Joanna, que deu origem a esse grande estabelecimento de ensino, nas salas do mosteiro de Santo Domingo, onde começou com os jesuitas a obra de educação do Novo Mundo. A Universidade de San Marcos comprehende Faculdades de direito, medicina, litteratura, theologia e sciencias politicas.

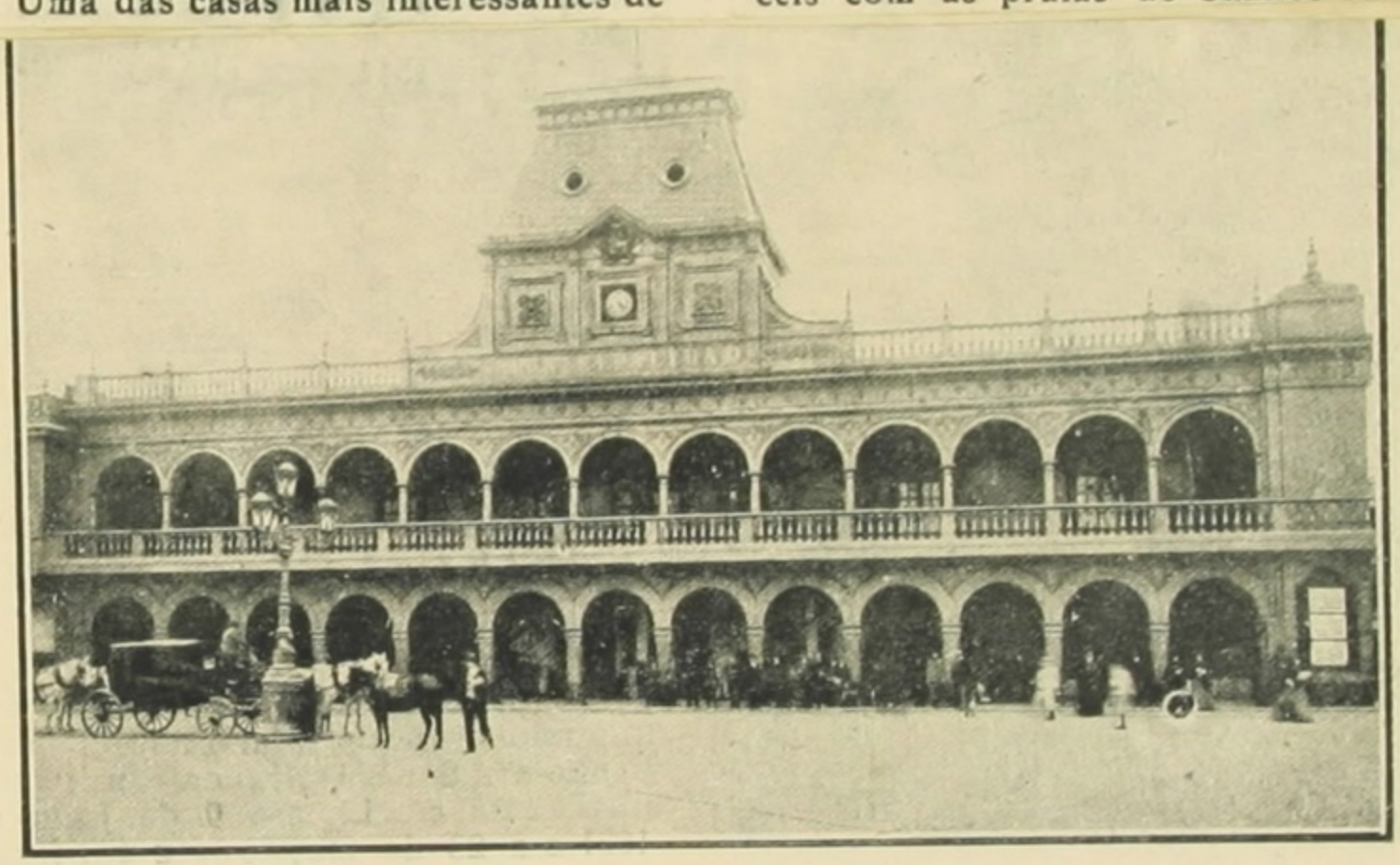
Lima possúe outras escolas superiores: de engenharia, minas, agricultura, sciencias militares e navaes, artes e officios.

O Museu Nacional de Lima é um dos mais interessantes estabelecimentos dessa especie. Como exposição da arte e de vida das extinctas raças civilisadas americanas iguala-se ao do Cairo. São inestimaveis algumas de suas reliquias e suas collecções augmentam constantemente, á medida que se excavam as ruinas grandiosas de varios logares do paiz. O Museu contém verdadeiras riquezas em ceramica, armas, fazendas, esculpturas e armas incaicas e pré-incaicas, no meio das quaes chamam a attenção as mumias antigas. São do mesmo modo dignas de notas as galerias de pinturas historicas. Lá se acham os restos do aeroplano em que o arrojado aviador peruano Jorge Chaves perdeu a vida tentando a perigosa travessia dos Andes.

E' grande o numero de parques e outros pontos de diversões, em Lima, todos servidos pelas linhas de bondes de Chorrillos, Barranca, Miraflôres, La Punta, etc. Umas offerecem aos seus habitantes meios de communicação faceis com as praias de banhos ou de regatas. E, quando os nevoeiros dominam a região maritima, muitas familias da capital procuram o clima quente de Chosica, cidade ensolada, ao pé dos Andes, a 30 milhas para o interior, servida pela linha ferrea de Oroya.

Houve, em 1870, uma exposição em Lima, sendo para ella elevados muitos edificios interessantes. O local foi onde hoje existe o Parque da Exposição, suburbio em que residem actualmente as pessôas abastadas. O parque é bello e nelle se acha um optimo restaurante. Ahi a sociedade elegante passa as suas tardes, ouvindo musica.

Defronte do referido parque, começa a mais bonita avenida da capital — o Paseo Colon, que tem quasi uma milha de extensão, com 150 pés de largura. Termina na praça Bolognesi e é ladeada de bellos edificios e de monumentos aos principaes heróes peruanos. Em segundo logar se póde citar a Avenida de Magdalena, que liga Lima á cidade littoraneana de Magdalena, dahi a tres milhas e meia. Depois, vem a Avenida de las Descalzas,



A Camara Municipal de Lima.

115

ao longo do rio Rimac, toda adornada de flôres e com bancos de marmore.

A estação sportiva no Perú vae de Julho a Dezembro. Os limenses adoram as corridas de cavallos, no seu grande e bello Prado.

Entre as sociedades scientificas, litterarias e artisticas dessa capital, se distingue a Geographica, que tem realisado importantes e fructiferas explorações das antigas cidades do Perú e das ruinas anteriores aos Incas.

Lima é, em summa, uma das mais bellas, curiosas e tradicionaes cidades do Continente americano, onde a nação peruana, com cem annos de liberdade, goza hoje em dia duma grande aura de verdadeira sympathia, que, aliás, muito merece pelo seu espirito progressivo e sobretudo pacifico.

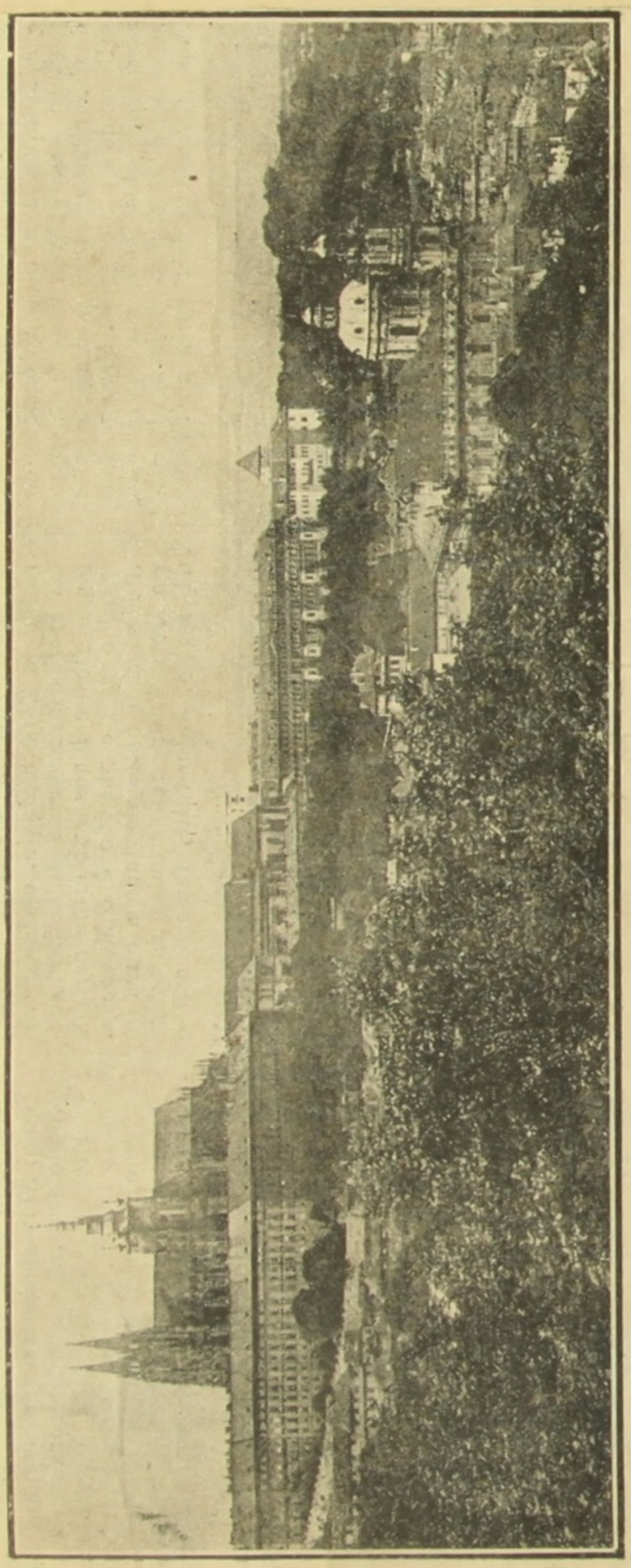
"Fon-Fon" 30 Julho 1921

***A villa Pedro Americo*** O governo francez possúe em Roma uma curiosa instituição artistica — a Villa Medici, onde os pensionistas do Ministerio das Bellas Artes vão estudar a arte italiana. Agora, verificando os notaveis progressos ultimamente realisados pela arte hespanhola, a França creou com o mesmo fim em Madrid a Villa Velasquez.

Nós, que andamos tão carecidos de architectos, de pintores, de esculptores e de gravadores, porque nesse ponto não imitamos essa gloriosa França sempre tão imitada por nós? Por que não arranjamos no Congresso uma pequena verba para fundarmos na Europa a Villa Pedro Americo, onde tenham os nossos artistas incipientes todo o conforto para estudar?

## O QUE E' A TCHECO-SLOVAQUIA

*Certamente os nossos leitores nos ficarão gratos por lhes mostrarmos neste artigo a constituição da nova nação nascida após a guerra na Europa Central. Ella é uma das mais antigas e nobres da Europa. Durante seculos foi opprimida pela Casa da Austria. E agora resurgio para um esplendido futuro.*



Vista do palacio Waldstein e da cathedral, em Praga.

"Selecta" 23 Julho 1921

A Republica Tcheco-Slovaca possúe uma população de mais ou menos quatorze milhões de habitantes. A sua superficie é de 140.000 kilometros quadrados, approximadamente, os quaes se dividem desta maneira: 52.000 kilometros para a Bohemia, que tem 6.900.000 habitantes; 22.000 para a Moravia, que possúe dois milhões e meio de pessóas; 4.000 para a Silesia, onde existem 700.000 almas; 50.000 para a Slovaquia, habitada por 3 milhões de individuos; e 12.000 para a Russia Sub-Carpathica, a qual conta 600.000 habitantes. Todas essas populações são na sua quasi totalidade de raça slava. O territorio da joven nação se estende de Ascha Marmarovska a Sihot, tendo 950 kilometros no seu maior comprimento e 280 na sua maior largura.

A Republica Tcheco-Slovaca comprehende 3 grandes regiões naturaes: Bohemia, Moravia e Silesia juntas, e Slovaquia e Russia Sub-Carpathica rennidas.

A Bohemia apresenta no mappa a forma dum quadrilatero cercado de montanhas. Ao sudoeste, separam-n'a da Austria os Montes Bohemios, que comprehendem ao sul a região de Sumava e ao norte a Floresta da Bohemia, região riquissima em bosques esplendidos, no meio dos quaes se encontram lagos magnificos. Entre esses, o mais conhecido é o Lago Negro. Os cumes mais elevados dos Montes Bohemios attingem mais ou menos a altitude de 1.450 metros. Nessa zona habitam os Choves, que são o povo mais curioso e mais valente do paiz, o qual desde a Idade Media defende a sua nação das incursões bavaras.

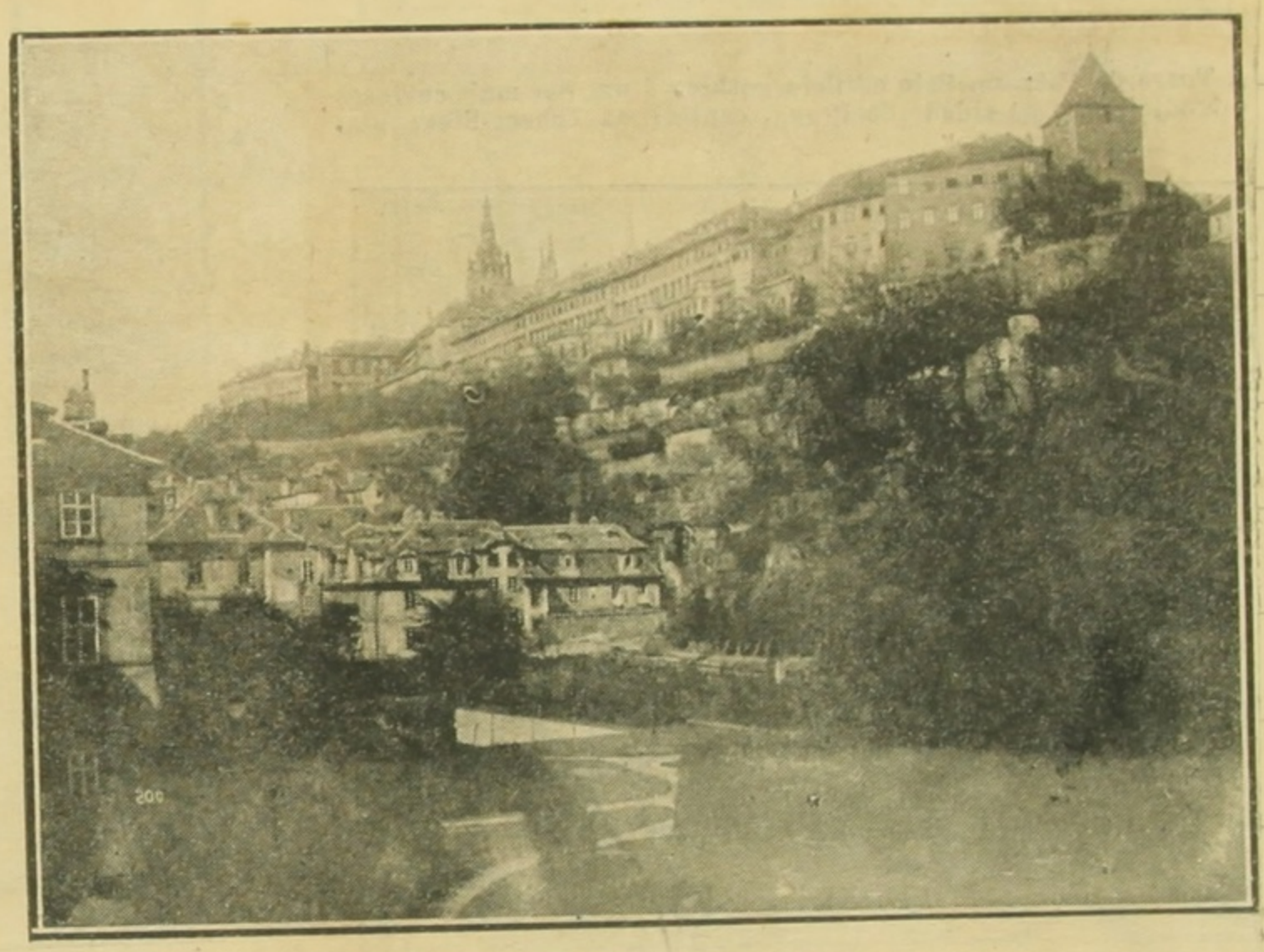
Ao noroeste, entre a Bohemia e a Saxonia, se estendem os Krusné Hory ou Montes Melallicos e as Montanhas da Lusacia, outrora celebres pelas suas ricas minas e hoje séde de poderosa industria.

Ao nordeste, se elevam os asperos Montes dos Gigantes e os Montes Sudetos, que, descendo em suave declive

para a Bohemia, formam uma barreira quasi a pique para o lado da Silesia Prussiana. O pico mais alto, o Snezka, eleva se a 1.600 metros. A leste, pelo plató tcheco-moravio, a Bohemia facilmente se communica com a Moravia.

O paiz assim delimitado é uma região de largas ondulações de terreno, constituida essencialmente pelo planturoso valle do Elba e pelo do seu affluente, o Vltava, que banha a cidade de Praga. O Elba nasce nos Montes dos Gigantes e, depois de ter drenado todas as aguas da Bohemia, cava entre os Montes Metallicos e os dos Gigantes uma serie successiva de desfiladeiros que o levam á Saxonia. O Vltava, que os allemães chamam Moldau, atravessa uma zona extremamente rica em florestas e as suas aguas serve para levar as madeiras a Praga e á A..emanha, pelo Elba.

A cidade mais importante da Bohemia é Praga, Praha em tchéque, capital da Republica, que, com seus suburbios, conta hoje perto de um milhão de habitantes. Depois, vêm P.zen, Pilsen como nós a conhecemos, com suas cervejarias e as usinas metallurgicas de Skoda, grande cidade industrial de 100.000 habitantes, centro da região occidental bohemia; Budejovir (Budweis), a grande cidade tcheque da região meridional, rodeada de immensas florestas de pinheiros e de vastas lagôas; Priboam, entre minas de prata; Tabor, que foi o baluarte dos hussitas; Kutna-Hora, cheia de monumentos medievaes e do Renascimento, digna do interesse dos



Vista da parte alta da cidade de Praga.

touristas, velha e tradicional; Pardubice e Kolin, centros industriaes prosperos, no valle do Elba; Liberec, Jablonec e Cheb, que os tudescos appellidam respectivamente Reichemburh, Gablonz e Eger, tambem industriaes; por fim, Vary, a Carlsbad dos austro-allemães, celebre por suas aguas mineraes.

A Moravia e a Silesia formam, do ponto de vista physico como do ponto de vista ethnographico, a transição entre a Bohemia e a Slovaquia. Protegida ao nordeste, pelos Sudetos e separada da segunda, a leste, pelos pequenos Carpathos Brancos, o paiz moravo silesiano a.re-se ao norte para a Silesia Prussiana e para a Polonia, ao sul para a Austria. A oeste, a Moravia prolonga a Bohemia pelo plató tcheco-moravio, cortado por numerosos cursos de agua, alguns correndo em valles bem pinturescos. Entre elles, o Svitava, que passa em Bruno (Brünn), atravessa a curiosa região do Karst moravio, cheia de vastas grutas formadas de stalactites, contendo rios e lagos subterraneos, dos quaes o mais conhecido é o Macocha. A Moravia é antes de tudo a terra do rio Morava, que reune todas as aguas da região, cujo valle, famoso sob o nome de Hana, é um dos logares mais ferteis da Republica. A Silesia tcheque, entre os Sudetos e os Bezkydes ou Carpathos, encerra o uberrimo valle do Oder.

O paiz moravio-silesiano é, quanto á etnographia e á lingua, uma região de transição entre a Bohemia e a Slovaquia. Ahi se levantam varios typos tcheco-slovacos. A oeste da Moravia, perto dos tcheques da Bohemia, o typo chamado Horak. Na rica parte central, o typo caracteristico moravio-Hanak. Ao nordeste da Moravia e na Silesia, o typo Lach, typo slavo de transição entre o tcheque e o polonez.

As duas grandes cidades locaes são Brünn, antiga capital da Moravia, ao pé

do celebre Spellberg, onde os austriacos tinham prisões terriveis, afamadas pelo livro de Sylvio Pellico, com 200 mil habitantes, que trabalham na maioria em suas importantes fabricas de productos textis, e Ostrava, metropole moravio-silesiana de exploração da hulha e da metallurgia, com 200 mil habitantes tambem, contando os dos arrabaldes.

Podem-se citar mais as tres cidades hanaques: Olomuc ou Olmütz, velho centro catholico, Prostejov e Prerov, de industrias prosperas, Jihlava ou Iglau, perto da Bohemia, Znojmo, celebre na Europa Central inteira pelos seus pepinos, na fronteira austriaca, e Opava ou Troppau, na Silesia.

A Slovaquia e a Russia Sub Carpathica são limitadas a oeste, norte e leste pelos Carpathos, que descem ao sul para o Daaubio e a Planicie Hungara, a Puszta. Se a oeste, entre a Moravia Slovaca e a Slovaquia, os carpathos muitas vezes são sómente simples collinas que não impedem as relações entre os dois paizes, ao norte os Montes de Liptor e os Tatras, cujos cimos vão até mais de 2.600 metros, constituem barreira dificilmente transponivel entre a Polonia e a Republica Tcheco-Slovaquia.

Salvo em algumas regiões planas e muito ferteis, entre o sopé dos Carpathos e o Danubio, a Slovaquia e a Russia Sub-Carpathica são inteiramente cobertas de montanhas selvagens e cheias de florestas, cortadas por valles profundos, de difficil communicação entre ellas proprias. Excepto o Poprad e o Dunajec, que, pelo Vistula, vão desaguar no Baltico, todas as aguas desses valles correm para o Mar Negro, pelo Danubio. Numa extensão de 160 kilometros, o Danubio serve de fronteira, á Hungria e á Tcheco Slovaquia, o grande rio nacional é o Vah, affluente do primeiro, cujo valle, que se prolonga por 400 kilometros, extremamente pinturesco por causa dos seus velhos castellos e de suas gargantas abruptas, é o fóco principal da vida nacional slovaca. Os valles do Hron e do Hernad são tambem dos mais interessantes do paiz. O rio Tisza leva todas as aguas da Russia Sub-Carpathica.

O centro administrativo da Slovaquia é Bratislava, a celebre Presburgo de outróra, com 100 mil habitantes, que, pela sua situação sobre o Danubio, está destinada ao mais brilhante futuro, sendo o maior porto fluvial da Republica para o Oriente. Kosice, com 50.000 almas é o centro commercial da Slovaquia oriental. Na Slovaquia central se encontram as pequenas cidades de Liptowsky-Svaty-Mikulas e de Turciansky Svaty-Martin, centros do movimento nacionalista, quando o paiz estava sob o dominio hungaro; Stavnica, Banska-Bystrica e Kremmica, velhas e curiosas. Podem-se ainda citar, na Slovaquia occidental: Nitra, antiga residencia dos Principes da Grande Moravia medieval e do apostolo dos slavos Methodio, companheiro de Cyrillo; Trnava, cabeça da contra-reforma catholica na Hungria do Norte, cheia de conventos e egrejas.

A Russia Sub-Carpathica possúe sómente pequenas cidades, habitadas, como a maioria das da Gallicia oriental, na maioria por judeus, pois os camponezes ruthenios preferem as aldeias das montanhas. Entre ellas, as mais dignas de nota são: Uzhovod ou Ungvar, séde da administração autonoma do territorio russo, e Munkacew, que nada tem de original.

"Correio Paulistano" 21 Julho 1929

# UM GRANDE PASSADO, UM BELLO PRESENTE E UM ESPLENDIDO FUTURO

Datam do seculo IX os primeiros conhecimentos que teve o Occidente europeu do povo e da nação polonos.

Mieszko ou Miecisláu, o Clovis da Polonia, acceitou em 966 o christianismo, integrando ahi o seu paiz e a sua gente no movimento geral da civilização européa.

A historia da Polonia dura ininterruptamente oito seculos, durante os quaes a sua alma nacional adquire tal virilidade que se torna eterna.

As crises não a diminuirão, as luctas não a enfraquecerão, as oppressões injustas não conseguirão matal-a. Depois desses oitocentos annos, a éra difficil de 1772 divide a vida historica da grande nação slava.

Mais tarde, a ultima partilha, em 1795, cobre essa vida com o negro manto da tyrannia, que a guerra de 1914 a 1918 rasgou e que o Tratado de Versalhes atirou longe.

O Estado polono edificou-se e consolidou-se sob a dynastia eminente dos Piasts. Esse periodo de ampla formação nacional termina pelo reinado de Luiz da Hungria, membro dessa grande casa de Anjou, vinda de um irmão de São Luiz que deu reis para varios thronos da Europa, para Napoles, para a Sicilia e para as "puzstas" dos magyares. No fim do decimo quarto seculo, sobe ao throno da Polonia um principe lithuano, o valente marido da suave Hedwiga, Ladislau Jagellão. Elle inicia a

época aurea da nacionalidade, alargando-lhe os seus horizontes, extendendo os seus dominios, repellindo todos os inimigos, submettendo todos os ambiciosos, derrotando nos campos de Grunwald e em outras pelejas os Cavalleiros da Ordem Teutonica, que alicerçavam a Prussia. Seus successores seguem por trilhas gloriosas. A dynastia dos Jagellões cobre de gloria o paiz. Mas, após o governo de Estevam Batorio, a electividade dos soberanos, de mãos dadas a outras causas, traz a decadencia nacional, que vai morrer nas tres injustas, crueis e successivas partilhas de 1792, 1793 e 1795.

Dizem aquelles que têm estudado e amado a historia dessa nobre e infeliz nação que ella se originou, no seculo nono, da reunião de varias tribus de origem slava, que habitavam as bacias do Oder e do Vistula, e que falavam a mesma lingua. Vem o nome de Polonia da tribu denominada dos Polanos, habitantes dos campos — pole, no valle do Notec, que fórma hoje a Posnania. A expansão germanica para o oriente europeu ameaçou essas tribus e, por isso, se ligaram para a defesa commum. Foram, devido a essa união, levadas a escolher um poder central capaz de as salvar e escolheram, assim, um soberano.

A lenda inicial da primeira dynastia mostra esse phenomeno perfeitamente, quando conta que o primeiro Piast foi um carpinteiro da aldeia de Krusvitza, que se distinguiu nos combates contra os invasores allemães e reuniu os suffragios dos seus concidadãos.

A adopção do christianismo por Mieszko I foi o facto mais importante da velha historia polona, porque, reconhecendo a autoridade moral e religiosa do papa, unindo-se pelo espirito a Roma, a grande nação slava se prendia por fortes laços ás nações latinas do occidente, lhes dava novas idéas, recebia dellas o influxo da sua velha cultura e ficava no oriente como uma marca ou vedeta do christianismo deante dos barbaros das esteppas. E foi o catholicismo que isolou a Polonia da influencia byzantina, que se extendia sobre o mundo slavo, influencia que ainda hoje perdura nos slavos meridionaes e na Russia toda, tanto na arte como nos costumes, tanto no espirito, como no governo.

Entre os Piasts, a Polonia contou um Carlos Magno: Boleslau, o Forte, vencedor dos allemães no campo de batalha e nas luctas politicas, que mostrou aos germanos a força das armas nacionaes e libertou a Polonia da tutela religiosa dos bispos teutonicos. Suas armas victoriosas voltaram-se do Oder e do Elba ao Dnieper: ora impunham aos tudescos o tratado de paz que entendiam, ora penetravam na cidade sagrada de Kiew e intervinham nos destinos da Russia.

O segundo e o terceiro Bolesláus, o Ousado e o Bocca-Torta, continuaram sua obra, libertando as ultimas tribus slavas escravizadas pelos teutões, derrotando os cesares germanicos na Silesia, invadindo o Mecklemburgo, dominando as emboccaduras dos rios que desaguam no Baltico.

Com a morte do Bocca-Torta, a Polonia entra na sua primeira decadencia.

Os nobres e os descendentes de Bolesláu dividem as terras. O duque de Mazovia, querendo defender-se dos selvagens pagãos da antiga Borussia, a Prussia actual, pede o auxilio dos Cavalleiros Teutonicos e Porta Gladios de Marienburg, que aproveitam a occasião para se immiscuirem nas questões fundamentaes do paiz, mostrando a sua capacidade que se prolongaria pelos seculos em fóra. Salva a Polonia dessa anarchia o braço forte do primeiro Ladisláu, vencedor de Plowce, rei em 1320.

O ultimo rei da grande dynastia nacional dos Piasts é Casemiro o Grande. Com elle morre essa dynastia, deixando a nação inteiramente formada sob a sua longa theoria de soberanos nacionaes. Casemiro fundou universidades e publicou Estatutos juridicos, amou a paz e a economia, fez florescer as artes, o commercio e a agricultura.

Mas o seu amor da paz o obrigou a entregar a Silesia á dependencia directa do rei da Bohemia, que dependia por sua vez do Santo Imperio Romano Germanico, preparando a situação grave que agora se procura resolver, pois desde essa época as mandibulas allemãs se prepararam para devoral-a. O acto de Casemiro, separando a Silesia da Polonia, dá-lhe o destino de ficar seis seculos sob o guante extrangeiro.

Morto o derradeiro Piast, inicia-se a época aurea da Polonia. Sobe ao throno um duque da Lithuania, casado com uma princeza polona, Ladisláu Jagellão, marido de Hedwiga. A força do Estado se mostra no exterior derrotando inimigos, alargando fronteiras, extendendo sua influencia, dominando os tartaros, os cossacos, os proprios russos. O alvorecer da Renascença il-

lumina a côrte de Cracovia. Edificam-se cathedraes, fundam-se bibliothecas, estabelecem-se academias. E a mentalidade polona ascende em um seculo ás mais altas culminancias com Kochanowski, Ostrorog, Rey, Koperniko. Todos os povos vizinhos são tributarios moralmente e intellectualmente da Polonia.

Desde o primeiro Jagellão, os lithuanos fraternalmente se unem aos polonos, especialmente nos campos de batalha guerreando tartaros ou Cavalleiros teutonicos. Os tratados de Horodlo, em 1413, e o de Lublin em 1569, estreitam politicamente essa união, que desde o começo da dynastia fôra asseflada com sangue nos campos de Grunwald, onde os polonos e lithuanos esmagaram a Ordem Teutonica, onde seculos mais tarde os allemães derrotariam os russos, escrevendo a pagina historica de Tannenberg. Unida á Lithuania, a Polonia se extendeu do Baltico ao mar Negro e das raias allemãs ao Dnieper.

Extincta a dynastia dos Jagellões, o throno da Polonia se tornou electivo. O paiz se transformou numa verdadeira republica aristocratica. Esse principio da eleição do soberano era, no fundo, optimo, porque visava dar a corôa ao mais digno, porém, a pratica demonstrou que continha os peores germens politicos. E esses acabaram por matar a Polonia. Varios principes extrangeiros subiram ao throno da grande nação slava. O primeiro, após a dynastia nacional morta, foi Henrique de Valois, que reinou pouco e mais tarde subiu ao throno de França sob o titulo de Henrique III.

Seguiram-se-lhe um hungaro, Estevam Bathory ou Estevam Batorio, duque da Transylvania, grande estadista e general victorioso; Segismundo III, Wasa, de origem sueca, depois de cujo longo reinado se accentua a decadencia nacional; Luiz de Anjou, vindo da Hungria. Encerrou a série dos soberanos polonos o ultimo rei Estanislau Augusto Poniatowski, da alta nobreza do paiz, que assistiu passivamente ao desmembramento da nação.

Ajudou a decadencia da Republica, com os reis electivos a conduzir a Polonia á catastrophe final, a sua desvantajosa situação geographica. Esta permittiu que poderosos vizinhos sem alma aproveitassem um momento de fraqueza para dividir a nação entre si. As discordias entre o poder executivo dos reis eleitos e o paiz enfraqueceram este. A Polonia detestava o absolutismo. Dahi, as limitações ao poder real. E a nobreza aproveitava a situação para tornar-se a unica classe dominadora. Quando todos comprehenderam onde esses erros, accumulados pelo tempo, iam levar a patria, quizeram reagir contra elles. Era, porém, demasiado tarde.

Pela primeira vez se tratou de retalhar a Polonia em Berlim, o que é significativo, no anno de 1732. Quarenta annos depois, quando mal se apagava a lembrança da fulgurante epopéa de Sobieski, ao morrer do seculo XVII, salvando a Europa dos turcos, a Russia, a Austria e a Prussia dividiram, em 1772, entre si, a Polonia. E' preciso saber-se que essa duradoura oppressão, ahi iniciada, foi sempre repellida pela nação e sómente a força militar dos oppressores, conjugada, pôde fazer que não vingassem as revoltas. Desde a lucta da Confederação de Bar até aos nossos dias, os polonos derramaram gloriosamente seu sangue pela patria opprimida; na guerra polono-russa de 1792, cuja consequencia foi o segundo desmembramento; na revolução de Kosciuszko, em 1794, que deu logar ao terceiro desmembramento; nas campanhas da Revolução Franceza, quando seus patriotas exilados se reuniram sob as bandeiras de Dombrowski e de Kniaziewicz; nas guerras napoleonicas, desde as primeiras batalhas em que entraram os lanceiros azues e vermelhos, até aos dias do Grã-Ducado de Varsovia, até á morte do ultimo dos cavallos ligeiros de Poniatowski, o qual chegou a ser Marechal de França.

Ainda em 1831, a Polonia se levantou contra a Russia. A lucta feroz durou oito longos mezes. Os revolucionarios foram, infelizmente, esmagados pelo celebre rólo compressor moscovita, que só serve contra os fracos e em nada se torce deante de japonezes ou de generaes como os dos lagos Masurianos. Postkiewitch, amigo e delegado do czar, que com elle se correspondia em cartas intimas, entra na capital rebelde, tendo passado a fio de espada quem se podia defender e escreve a phrase famigerada: "Reina a paz em Varsovia!"

Em 1863, dá-se a derradeira grande revolução, mal succedida, banhada em sangue.

Então, o povo polono, comprehendendo contra quem tinha de luctar, resolve pensar como o povo tcheque, libertar-se economicamente, enriquecer-se primeiro, boycottar a producção do oppressor, preparar o futuro, para, depois, vêr-se livre delle.

Industrializa-se rapidamente.

Nunca mais fala em liberdade.

120

"Fon-Fon" 30 julho 1921

Esconde sob as cinzas de uma pseudo resignação as brazas do patriotismo. E trabalha!

Os pequenos levantes de 1879, de 1884 e de 1905 prepararam a revolta ardente de 1918, que varreu do sólo patrio os seus vergonhosos occupantes. Derrotada a Allemanha, dilacerada a Austria, abatida a Prussia, a nação polona reconstituiu-se sob a égide da democracia radical. Os seus camponezes e os seus operarios oppuzeram-se, de armas na mão, ao bolshevismo triumphante, derrotando-o, de mãos dadas com os francezes, numa segunda gloriosa batalha do Marne. A' sombra da bandeira republicana, a Polonia abre no presente os olhos para o futuro, confiantemente. Ella resurgiu da oppressão secular, "explosivamente" preparada para a lucta, porque silenciosamente se organizára para ter vida independente e para esta tinha as aptidões atavicas adquiridas em oito seculos de intensa e gloriosa vida nacional. A sua historia tornou eterna a sua alma. Esta se manteve inconfundivel e indestructivel pelo tempo afóra, desde os primeiros factos narrados na chronica do monge Balduino Gallus, nas paginas do russo Nestor ou do allemão Dietmar de Messeburgo, até ás paginas de Chodzko e de Sienkiewicz. Como disse o hymno de combate de Wybicki: "Não morreu a Polonia!"

Não morreu, vive num presente esperançoso e terá um magnifico futuro — porque as nações, cuja alma foi, como a da Polonia, temperada em partes eguaes pela Gloria e pela Adversidade, surgem da Injustiça com um esplendor maior.

**João do NORTE**

## O principe herdeiro do Japão

Despertou viva opposição no Imperio do Sol Nascente a viagem que ora emprehende na Europa o filho do Mikado, herdeiro do throno. Depois de ter tocado em Hong Kong, Singapura, Colombo, Aden, Malta, vae a Londres. Dahi a Bruxellas a Paris, aos antigos campos de batalha. Sua ausencia da patria durará seis mezes.

Desde que se fundou a actual dynastia japoneza sobre as ruinas do antigo shogunato, nenhum descendente hereditario em linha recta da familia real jamais sahiu do seu paiz. Essa viagem agora rasga a tradição vetusta e destróe os principios conservadores defendidos com afan pela orthodoxia nipponica. E os representantes austeros desse partido nacionalista fizeram peregrinações aos principaes templos sagrados do paiz, mesmo aos tumulos dos heróes das guerras, afim de supplicar aos deuses e aos manes não se realisasse esse attentado aos principios da tradição monarchica.

Nada conseguiram, nem mesmo retirando se da vida publica, o que mostra como as idéas novas têm hoje força, mesmo nos mais originaes paizes.

## O inventor do cinema

Foi Friese Green, que, depois de ter enriquecido milhares de pessôas com a sua descoberta, morreu em Londres, na mais profunda miseria, na occasião em que assistia uma reunião de ricaços feitos á custa de sua intelligencia, uma assembléa de representantes da proveitosa Industria do *film*.

Tecendo o seu necrologio, *Les Annales* de Paris recordou que fizera a primeira experieneia com chapas de vidro e sómente depois applicára peliculas de celluloide. Gastou cerca de vinte contos nessas experiencias, que tomára emprestado, não podendo pagal as e sendo preso por dividas. Todos os seus bens fôram, então, sequestrados e vendidos em hasta publica.

Passaram se os annos e sua sorte não melhorou. Em 1915 seus amigos fizeram uma subscripção para ajudal-o. Finalmente, arranjou um reles emprego de colorista numa photographia e ganhando miseravel salario finou-se miseravelmente.

Infelizmente, esta tem sido sempre a sorte de quasi todos os inventores.

---

## Balnearios

Uma das vergonhas do nosso lindo Rio de Janeiro é não possuir um balneario digno da sua civilisação urbana, especialmente hoje que a paixão dos banhos de mar os tornam imprescindivel necessidade.

Entretanto, a villegiatura das praias é moda que data de pouco tempo, relativamente Os nossos antepassados não apreciavam muito as praias. Muitas pessôas notaveis e de avançada edade não conheciam de vista o mar. Em 1749, Madame de Pompadour, elegante amante real, ainda o não vira. E só nessa data foi ao Havre em companhia do ministro do interior, Saint Florentin, e — o que é incrivel! — do ministro da marinha, Rouille. Tambem a imperatriz Maria só vio o mar depois de casada com Napoleão.

E a fascinação do mar veio para a alta sociedade no começo do XIX seculo, por causa dos escriptores, que a levavam pelas suas descripções enthusiastas a tomar interesse pelas ondas espumantes e pelos aspectos maravilhosos do salso elemento.

121

"O Jornal" — 28 julho 1921

# A LIÇÃO DOS INCAS

Faz hoje cem annos que a Republica do Perú proclamou a sua independencia, depois de ter vivido tres seculos sob o dominio colonial da Hespanha. Quando os conquistadores da Peninsula ali chegaram, encontraram uma civilização admiravel, cujos vestigios ainda hoje nos enchem de assombro. Deante das ruinas magestosas dos seus templos e palacios, deante dos seus huacos curiosos, productos de uma adiantada ceramica, diante dos documentos do passado que nos mostram a grandeza das instituições incaicas, baseadas num systema arbitral, tanto para assegurar as bôas relações entre os individuos como entre os povos, é que nós comprehendemos de que antiga e recuada ascendencia tira a nação peruana o seu grande culto do respeito aos direitos alheios e de entranhado amor á paz, qualidades que sempre a têm tornado distincta no concerto dos paizes do continente. O "communismo paternal" dos Incas, de que nos fala o escriptor peruano, de rara erudição, Carlos Rey de Castro, ainda nos dias que correm mostra nessas tendencias pacificas e delicadas da alma nacional a sua influencia predominando nos destinos da raça.

Da morte de Atahualpa e da derrocada do imperio dos Incas, quando para sempre pereceram as altas civilisações Quichúa e Aymará, saidas da velhissima e poderosa civilização pré-incaica, até ás jornadas gloriosas de Ayacucho e de Junin passaram-se tres centenarios. E durante elles o Perú foi um vice-reinado hespanhol na America Meridional, fornecedor de riquezas para o desperdicio das luxuosas côrtes castelhanas, para a sustentação de suas guerras, para encher galeões como os de Vigo ou construir náus como as da Invencivel Armada. Sordidos reitres, arvorados em capitães de bandeiras, o ensanguentaram e saquearam nos primeiros tempos, destruindo as proprias ruinas de uma das maiores e mais mysteriosas civilizações da historia dos homens, na gana do ouro. Depois, com o correr dos tempos, o espremeram para tirar riquezas. Adelantados e Alcaldes, Governadores e Vice-Reis. Sob o regimen colonial, pouco e pouco, como nos outros paizes americanos, a alma nacional se foi formando, a consciencia peruana foi lentamente acordando. E as trombetas da Fama, espalhando pelo mundo inteiro os principios gloriosos da Revolução Franceza e os excessos da vingança dos opprimidos havia mais de dez seculos contra os seus oppressores, tiveram forças para despertar uma reacção no espirito da gente do Perú.

Toda a America Latina já estremecêra á voz poderosa dos Dantons e dos Desmoulins. As apostrophes pronunciadas pelos oradores populares nos *carrefours* de Paris vinham cevar nas florestas majestosas e nas montanhas imponentes do continente sul-americano. Ao patibulo subira, no Brasil, o martyr Tiradentes. Mais tarde, a revolta estalava no Mexico, á voz de Hidalgo; na Argentina, á luz da espada de San Martin; no Urugnay, ao brilho das lanças dos Blandengues de Artigas; a rebeldia enchia de heroismos a Colombia e a Venezuela de Bolivar e de Miranda, fazendo a humanidade presenciar uma luta memoravel durante uma decada!

A 28 de julho de 1821, o general argentino San Martin, que trabalhára pela liberdade de seu paiz e atravessára os Andes com os seus heroicos granadeiros a cavallo para ajudar a revolução do Chile e a do Perú, proclamou a independencia deste ultimo; porém até 1844, quando Ramon Castilla ratificou o compromisso de assegurar-lhe uma vida inteiramente autonoma, em Carmen Alto, o povo peruano lutou sem treguas, exposto a todos os soffrimentos, para obter de verdade a sua autonomia nacional. Porque a proclamação do eminente chefe platino não a assegurou. Após ella, os realistas ainda puzeram a cabeça de fóra, ainda procuraram recuperar o terreno perdido até o dia em que Bolivar desceu do Norte, e, com Necochea e seus caçadores, com Braun e seus granadeiros, com Silva e seus hussares, com Sucre, com Córdova, com O'Connor, venceu definitivamente os hespanhóes nos campos de Junin e de Ayacucho. O'Connor diz no seu livro "Independencia Americana" que elle escolhera para o combate a posição excellente de Ayacucho e que della o exercito do Libertador não se retirou devido á sua energica attitude. Entretanto, ninguem lhe agradecera tão forte parte na jornada gloriosa que assellou a liberdade da America hespanhola, ingratidão de que elle se consolára lendo as paginas cheias de philosophia do "Belisario" de Marmontel. Junin e Ayacucho completavam desta sorte a obra iniciada em Maipú e Chacabuco.

A data de hoje é particularmente cara á nação peruana, porque a sua Independencia, como a de quasi todos os povos hispano-americanos, lhe custou muito esforço, muita dôr, muito

sobresalto e muito sangue. As guerras pela sua libertação se fizeram sob influencias estranhas á sua propria indole, as quaes procuraram agir sobre as suas instituições fundamentaes, de maneira a obrigal-a no futuro a gravitar na sua orbita de interesses. A posição geographica do Perú obrigou-o a essa situação, durante o tempo em que procurou libertar-se do dominio hespanhol. Ao sul lhe ficavam as novas nações constituidas sobre as ruinas da parte do imperio colonial de Hespanha: as do Prata e o Chile. Ao norte, as que saiam victoriosas de identica luta, guiadas pela mão forte de Bolivar: Venezuela e Colombia.

Debatendo-se contra os dominadores, o Perú se viu entre essas duas correntes contrarias. As expedições maritimas de Cochrane, ordenadas pelo governo chileno, e a gloriosa aventura militar de San Martin procuravam chamal-o ao sul. A gloria que illuminava a America desde o dia de Carabobó tentava attrail-o ao norte. E, infelizmente para a harmonia continental, essas duas corrente não seguiam somente direcções contrarias, eram profundamente rivaes. Quando outros documentos não bastassem para provar essa rivalidade, esta pagina de Cochrane nas suas "Memorias" a documentaria:

"... San Martin estaba determinando á realisar, si era posible, sus miras sobre Guayaquil. Enviaronse dos comisionados, D. Tomás Guido y el coronel Luzurriaga, á cumplimentar á Torre Tagle y otros, poniendoles en guardia contra los designios de Bolivar, cuyos triunfos en la parte Norte hicieron temer á San Martin que aquél podria tener miras particulares sobre el Perú... Se les exotaba (aos commissarios) al propio tiempo á formar una milicia, para tener á distancia á Bolivar..."

Um centenario passou sobre esses factos. A distancia envolveu na sua imparcialidade de côres os vultos desses grandes homens, e os nossos olhos sómente pódem apreciar hoje a sua immensa obra, sem procurar criticar os seus pequenos actos. Essa obra ambos a realizaram: um em Maipú e Chacabuco; o outro em Ayacucho e Junin.

Se todos os paizes ibero-americanos muito soffreram para obter a sua independencia, emquanto nós brasileiros com relativa facilidade obtivemos a nossa, devido a um concurso protector de circumstancias historicas, entre elles o Perú ainda se distingue pela maneira como, além da independencia, affirmou o seu solido espirito nacional, libertando-se, após se vêr livre do colonizador, das influencias estranhas á sua indole, que, como vimos aliás, o procuravam attrair cada qual ao seu gyro. Primeiro se livrou da influencia argentina; depois, da venezuelana; por fim, da colombiana de Santa Cruz. Castilla mostrou a joven republica em Carmen Alto livre dessas forças estranhas e dahi por deante o Perú viveu constituido de elementos genuinamente peruanos. Essa affirmação de personalidade, da consciencia dos seus deveres e dos seus destinos, sem espirito imperialista ou militar, dentro, porém, do mais profundo amor á paz, é verdadeiramente notavel. A sua virilidade repelle, no emtanto, as pretensões indebitas quando é necessario repudial-as; não se cansa de pugnar pelos seus direitos conspurcados desta ou daquella forma, tenazmente. O seu desprezo afasta as aspirações malevolas e indignas. E o seu organismo são tem triumphado sempre de revoltas politicas, annullando seus effeitos perniciosos.

Durante estes cem annos, hoje gloriosamente commemorados, a evolução do Perú se tem feito, calma e tranquillamente quasi, em todos os sentidos: no dominio mental e artistico, no dominio industrial e economico, no dominio pratico e financeiro, apresentando a grande nação amiga do Pacifico um facies de bello progresso material, moral e social. Destes os mais dignos de nota são os dois ultimos, porque se prendem ao seu longinquo passado. A proposito, Rey Castro escreveu o seguinte:

"La accion ancestral de los aborigenes, de los descendientes del sabio y atrevido Manco, del brillante y afortunado Huayna, así como de los conquistadores, — de la Gasca, sutil e energico, del marquez de Cañete, tenaz y antoritario, — se dejam sentir con toda su eficacia en el proceso evolutivo de la politica peruana. En ningun momento desaparece o se anula el respeto por las tradiciones, la subordinacion al principio de autoridad... La mejor prueba de que ha prevalecido en el Perú un sano espiritu conservador la ofrece el número escasisimo de constituciones que se ha dictado, llegando al extremo de que la más reciente fuera la "sexagenaria" de 1860, que solo ahora ha venido a réformar-se, no obstante su vetustez."

Paiz honesto e profundamente pacifico, cujas agitações politicas raramente são revoluções, que actuam sobre um restricto circulo social e nunca sobre a alma total da nação, commemorando hoje o primeiro seculo da sua liberdade, o Perú não poderá esquecer no meio das suas alegrias, de envolta com a recordação dos gran-

123

des vultos da sua emancipação politica, moral e mental, a memoria ou melhor a saudade dos Incas, os gloriosos Filhos do Sol, saidos duma ilha mysteriosa no seio azul do lago Titicaca, para ensinar aos homens de boa vontade as artes que algeram e confortam o viver, assim como para dar-lhes as instituições paternaes e arbitraes que depuzeram no substracto do povo peruano esse profundo amor da paz, de que elle tão justamente se orgulha.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 8 Março 1924

## *Folk-Lore esquimó*

Um dos *folk lores* mais interessantes do mundo deve ser, certamente, o dos esquimós, quasi desconhecido hoje em dia, em cujo mysterio se devem esconder curiosas particularidades. Lafcadio Hearn fez sobre as lendas e a vida desse povo hyperboreo paginas notaveis, porém sem continuidade. Agora, um explorador escandinavo vae á zona arctica procurar documentos sobre o *folk lore* esquimó, especialmente sobre o que na sua memoria collectiva ficou das suas longas migrações através o isthmo de Bhering gelado.

E todos os espiritos que no mundo se occupam com essas questões mythographicas dos povos devem fazer votos para o feliz resultado do tentamen de Knuto Rasmussen

## Banquete a Paul Fort NO PALACE HOTEL

Aspectos, por occasião do banquete offerecido, ao principe dos poetas francezes, por um grupo de jornalistas, politicos e homens de lettras brasileiros. Fez a saudação ao artista que nos visita o Sr. Elysio de Carvalho.

BANQUETE NA LEGAÇÃO DO MEXICO

## A viuva do Rei da Irlanda

Morreu ha ponco tempo, quasi octogenaria, Catharina O'Shea, uma das mais bellas mulheres da Irlanda, na sua mocidade. Seus olhos negros fascinaram o grande tribuno da Verde Erin, Carlos Stewart Parnell, cuja influencia naquella ilha infeliz era tão grande que o appellidavam «O Rei sem corôa da Irlanda».

Em 1890, Gladstone, disposto a conceder o *Home-Rule*, entrou em accordo com Parnell, afim deste aplanar as difficuldades, convencendo as facções irlandezas da necessidade de acceitarem as propostas britannicas. Mas todo esse plano foi de agua abaixo. O Sr. O'Shea, marido de Catharina, denunciou a como culpada de adulterio com o grande tribuno nacional. Parnell vae ao tribunal, confessa o delicto e é condemnado. Gladstone, obedecendo aos dictames do puritanismo inglez, corta suas relações com o tribuno. Este vinga-se cruelmente, percorrendo a Irlanda, fazendo discursos e conferencias, nos quaes affirma ao povo que o projecto Gladstoniano do *Home-Rule* é um engôdo, que a campanha contra elle é um pretexto de perseguição. Todo o povo irlandez acredita. E, algum tempo depois, Parnell morre nos braços amados de Catharina.

Faz pouco tempo falleceu essa mulher notavel pela sua belleza, viuva pelo coração do «Rei da Irlanda», soberano coroado pela intelligencia.

## Berreguedengues

Adalberto Mattos escreveu outro dia, numa revista carioca, um formoso artigo illustrado de bellas photographias sobre os chafarizes do Rio de janeiro. E o que dessa leitura nos ficou foi a profunda impressão de abandodadas pela municipalidade, que as fontes publicas desta capital, outr as profundamente interessantes pelo seu estylo architectural, outras pela sua vandalica destruição.

Porque será que a Prefeitura não zela melhor pelas coisas verdadeiramente originaes da cidade?

125 "O Jornal" - 4 - agosto - 1924

# GRUNWALD

O dia quinze de julho tem immensa importancia na Historia da Polonia. Foi nelle que, no seculo quinze, se travou a formidavel batalha de Grunwald. Nesse tempo, os Cavalleiros da Ordem Teutonica, de mãos dadas com os Porta-Gladios, construiram os alicerces da Prussia. Após as cruzadas, desoccupados e ambiciosos, tinham seguido para as regiões do Baltico oriental e do Vistula, afim de evangelisar os povos borussos e lithuanos, semi-selvagens e pagãos, que as habitavam. Fundaram ali os seus conventos-fortalezas, organizaram burgos e deram começo á catechese dos naturaes. Mas pouco e pouco sua ambição augmentou. Começaram a pensar na organização dum Estado independente seu, como era o da Ordem de Malta e e fóra o da de S. João, em Rhodes.

E quando um dos margraves do Brandeburgo, que era a marca ou "frontaria" que defendera muito tempo o Imperio Germanico dos barbaros orientaes, assumiu o Grão Mestrado da Ordem religiosa-militar dos Cavalleiros da Cruz, a Prussia nasceu — para infelicidade da propria Allemanha, da Europa e mesmo do mundo.

A ambição vultosa dos Cavalleiros da Cruz, ao tomar impulso, provocou attritos com as nações vizinhas: a Lithuania e a Polonia, a primeira enfeudada á segunda, em cujo throno se sentava um grande rei saído da propria familia feudal. A nação polona sentiu o perigo da vizinhança da Ordem monastico-guerreira, que, encastellada em Marienburg, creara do nada uma nação e lhe impediria, certamente, no futuro, o accesso ao mar. Ao espirito arguto do rei da Polonia, o primeiro da dynastia dos Iagellões, não passou despercebido o perigo imminente. As provocações dos Cavalleiros eram insistentes; sua hypocrisia, comprovada sua má fé vinha de longe. As pequenas questões de fronteira multiplicavam-se. Tinham mesmo feito coisa do maior vulto e de profunda perfidia, invadindo a Lithuania, cujo duque Vitoldo queria libertar-se da Polonia e a elles se alliára, incendiando cidades, saqueando tudo, cortando a cabeça dum irmão de Iagellão, que caira prisioneiro em Wilna.

A guerra estalou, entre a Polonia, a Lithuania e os Cavalleiros. Já então Vitoldo se reconciliára com o seu irmão, o rei da Polonia, e queria vingar-se da Ordem, que delle se tinha servido em favor de seus proprios interesses sem ajudal-o nas ambições que alimentava. O exercito real, composto de polonos, samogitios, lithuanos, ukranianos e poblios, zaporogos e tartaros auxiliares, defronta as tropas da Ordem, guiadas pelos seus afamados cavalleiros do manto branco e contendo aventureiros de todas as nações, nos campos de Grunwald.

De manhã, cabeça descoberta, vestido de aço, o rei da Polonia e seus officiaes ouvem missa, quando chega uma deputação de Cavalleiros Teutonicos, trazendo duas espadas núas e ensanguentadas. Entregam-n'as a Ladisláu Iagellon, com este pretencioso recado do Grão Mestre:

— Nosso chefe, não temendo fornecer-vos armas para nos dar mais coragem na occasião em que o combate vae começar, manda-vos offerecer estas espadas. E se o terreno onde estaes acampado vos parecer apertado para a manobra, estará disposto a mandar os nossos guerreiros recuarem alguns passos.

Deante dessa fanfarronice tola, o soberano respondeu calmamente:

— Estou admirado da pressa que o nosso Grão Mestre tem de entregar as armas. Recebo, pois, com prazer estas e tiro disso o melhor dos presagios para os acontecimentos deste dia.

Travou-se a peleja, que foi renhida e longa. Henrique Sienkiewicz, no seu livro encantador "Os cavalleiros da Cruz", não nos quiz deixar sobre Grunwald uma pagina eterna como aquella sobre Waterloo que Victor Hugo nos deu nos "Miseraveis". E sómente fez a descripção succinta do final da batalha. Nesse dia, derrotados, os Cavalleiros que puderam escapar da matança fugiam pelo campo em fóra e, quando delles se approximava um guerreiro polono ou lithuano, de espada ou martello de guerra ameaçadoramente erguido, gritavam, erguendo os braços:

— "Erbarme dich meiner!"

Já se vê que o "pas caput, kamerade!", dos prussianos de 1914 a 1918, é de boa filiação historica, descendente em linha recta do "poupae-me!" de Grunwald.

126

Nessa gloriosa jornada em que a Polonia mostrou a força das suas armas e do seu espirito nacional, as tropas da Ordem foram inteiramente derrotadas. Dos seus cento e quarenta mil homens, cincoenta mil ficaram estendidos no campo, mortos ou feridos pela espada lithuana, pelo martello polono, pela lança samogita e pelas frechas dos auxiliares dos estepas. Trezentos Cavalleiros pereceram. Entre elles o Grão Mestre Ulric von Jungingen, ao meio de grandes fidalgos como Sichtenstein, Wallenrod, Wendé, Schwartzberg, Mercheim.

Quatorze mil prisioneiros cairam ás mãos do vencedor. Cincoenta estandartes e bandeiras foram levados em triumpho!

Essa victoria assombrosa de Grunwald é mal conhecida. Figura em poucas Historias. No emtanto, a sua importancia historica é extraordinaria. Ella atrazou de seculos o desenvolvimento da Prussia e prolongou de seculos a vida da Polonia. Ella preparou a formidavel campanha que Iagellão fez contra a Ordem e que terminou no dia em que na cidade de Marienburg o voiwde real penetrou á frente das tropas do seu paiz. Ella abriu á Polonia novos destinos até á epoca da invasão dos turcos e desviou por algum tempo a Prussia da senda tortuosa das suas desmedidas ambições. Por causa della, a Ordem enfraquecida acabou por se atirar mais tarde nos braços do Brandeburgo.

Foi depois de Grunwald que a Polonia começou a brilhar fortemente no oriente central europeu. O braço forte de Ladisláu Iagellão preparou para seus successores a Grande Polonia, cujo pleno desenvolvimento os Cavalleiros da Cruz, se não tivessem sido vencidos, impediriam, obrigando-a a voltar-se para os lados do Baltico em constantes attitudes de defesa. Algumas decadas mais tarde Ladisláu VII, que pereceu na batalha de Varna e teve o cadaver decapitado pelos turcos, reinou já sobre a Polonia, a Lithuania, as terras russas dos limites orientaes, a propria Hungria. Casimiro, seu herdeiro, estendeu sua hegemonia federativa sobre as duas Prussias, estendeu sua soberania nominal sobre a Valachia, a Moldavia, a Criméa, todo o littoral do Mar Negro, onde outr'ora fôra a séde da Horda de Ouro, o Khanato tartaro de Kaptchak. Emquanto Casemiro assume esse papel eminente, o seu filho reina na Bohemia, na Croacia e na Dalmacia. Assim, quasi todos os povos slavos se grupam nesse seculo sob a bandeira da Aguia Branca.

Cracovia dicta as leis do espirito e da politica, da arte e da moda, da religião e da moral ao mundo slavo. A mocidade de toda a Europa Central e Oriental corre á sua Universidade e a propria Russia é tributaria mental e moral da grandeza da Polonia. Esse amplo desenvolvimento produz uma das grandes cerebrações da humanidade — Copernico.

A lembrança da grande batalha de Grunwald não se apaga da memoria nacional, na Polonia. A Prussia saiu dos seus embaraços e cresceu tanto pelos seculos em fóra que chegou a tomar parte nas partilhas injustas da sua vizinha, nos tempos modernos. Hoje, esta resuscita da oppressão de tres nações fortes, ansiando para reconstituir o seu perimetro territorial. Dahi a sua luta pela Silesia, na qual bem precisa pelas armas ou pela politica infligir aos prussianos um novo Gunwald.

Leonardo Chodzko, na primeira folha do seu livro encyclopedico sobre a Polonia, publicado em Paris em 1843, terceira edição, transcreveu estas palavras de Armand Carrel:

"Un peuple peut rester grand et fort, bien que la fortune l'ait trahi, où que le nombre l'ait vaincu, s'il conserve le sentiment et la douleur de sa défait. S'il oublie ou s'il s'en accommode, tout est fini pour lui."

Quero crêr que um povo opprimido ainda é maior, quando, de envolta com o sentimento e a dôr dos seus revezes, conserva através os centenarios a memoria sagrada das suas victorias. Os polonos nunca esqueceram e nem esquecem a gloria de Grunwald, como não cessam de lamentar dolorosamente Maciejowice.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 6 Abril 1921

***Velhas casas*** **Amo muito as nossas velhas casas coloniaes solarengas, que dia a dia vão sendo cruelmente destruidas pelo mau gosto e pelo pouco amor dos nossos dias. Entretanto, ellas têm uma alma profunda e emocionante, que as novas não possuem; dentro dellas ha uma emanação de antigas dôres e de alegrias antigas, adensada no ar, que nos penetra o ser, profundamente. Velhas casas arruinadas ou decadentes, transformadas ás vezes em casas de commodos, silenciosas e solemnemente tristes na sua immensa resignação, como vos amo!**

**Todas vós, velhas casas, sois museus e as gerações que morrêram deixaram na vossa silenciosa poeira o seu rasto profundo. Deante do vosso veneravel aspecto, quero crêr ás vezes que o tempo não passa e que ainda suspende seu rythmo para admirar-vos como eu!**

127 "Correio Paulistano" 4 Agosto 1921

# A TERRA DE NOSSO SENHOR

Hilario da Aquitania, bispo de Poitiers, brilhou pelo seu saber e pelas suas virtudes entre os homens como uma estrella no manto negro do céo. E foi elle quem, á frente dos outros bispos das Gallias, combateu o arianismo do imperador Constantino, indigno descendente daquelle Grande Constantino que, erguendo nas suas mãos o lábaro crucigiado, disséra: "in hoc signo vinces".

Reza a tradição que o Papa Liberio, cognominado Leão, se achava nessa época á frente dos destinos da Egreja e procurava proteger a heresia imperial. Entretanto, forçado pelo clamor de clerigos e leigos, todos contrarios ás doutrinas de Arius, resolveu reunir um concilio, para estudar e terminar a crise terrivel em que se debatia a Egreja.

O Imperador permittiu que o concilio se reunisse e o Papa o convocou. Santo Hilario a elle foi, decidido a atacar terrivelmente o arianismo. Porém os bispos hereticos, que formavam a maioria da assembléa, temendo a sua acção, obtiveram de Constantino ordem para que o pastor de Poitiers se recolhesse á sua diocese gallicana.

Hilario embarcou em Livorno com destino a Marselha numa galera genoveza. A falta de agua obrigou o seu capitão, durante a travessia, a arribar á ilha Gallibaria, famigerada pela alluvião de serpe venenosissimas que a infestavam. E nenhum marinheiro ousava saltar na praia, que fervilhava de cobras. Então, Hilario desembarcou, dirigiu-se á fonte proxima afastando-se as serpentes á sua passagem, respeitosamente, e junto ao claro rio de agua plantou no sólo o seu alto e nodoso cajado.

Todas as peçonhentas viboras se alongaram do caminho por elle percorrido e desde a praia até onde o seu baculo se perfilava nenhuma mais ousou apparecer.

Passado algum tempo, o Papa se deixou corromper ainda mais pela heresia perigosa de Arius. De novo, o rebanho christão murmurou descontente. E, de novo, o Imperador e o Santo Padre resolveram reunir um concilio; porém para elle não convidaram o bispo de Poitiers.

O synodo de principes da Egreja estava em sessão solenne na vasta nave abobadada da basilica de S. João de Latrão, quando Santo Hilario chegou ás suas grandes portas de bronze. Cada episcopo occupava uma alta sédia de castanho lavrado, com assento e espaldar de couro abrochado, pregueado com grandes pregos de cobre. E, ao fundo da abside, o Papa estava no solio pontificio, sobre um elevado estrado todo forrado de damasco roxo. Ao seu lado esquerdo, o camerlengo; ao seu lado direito, o procurador imperial; e os collateraes da egreja cheios de cancellarios, clerigos, protonotarios, altos dignatarios seculares, alguns tribunos e centuriões, descoifados, com as phaleras de metal reluzindo.

Santo Hilario avançou sosinho pelo meio da illustre e eminente assembléa, coberto com a sua mitra, envolto no seu pluvial singello, a estola em volta do pescoço, as barbas brancas varrendo o peito largo e apoiando-se ao seu milagroso cajado. Avistando-o, o Papa pôz-se de pé e, depois de ter recommendado que ninguem lhe cedesse um assento, perguntou-lhe, enfuriado:

— E's Hilario, o Gaulez?

O interpellado com voz suave e firme respondeu, corrigindo-o:

128

— Não sou Gaulez, porém bispo nas Gallias.

— Pois, si és bispo nas Gallias, continuou no seu tom enraivado o chefe do concilio, eu sou o Leão, bispo de Roma e supremo juiz da Egreja, sentado na cadeira apostolica de S. Pedro.

Hilario fitou-o calmamente e replicou com voz doce, porém segura:

— Si és leão, não és o Leão da tribu de Judá; e, si és juiz, não distribues justiça da tua cadeira apostolica!

O Papa ergueu as mãos para anathematizal-o, mas uma dôr horrivel lhe varou o ventre, como si uma espada aquecida ao fogo lh'o traepassasse de lado a lado. Retirou-se da assembléa, dizendo voltar dentro em pouco tempo, para excommungar o bispo de Poitiers, prohibindo que lhe dessem uma sédia, porque achava que elle não estava á mesma altura dos outros ali reunidos. E Santo Hilario ficou de pé, serenamente, no meio da nave.

Quatro ou cinco vezes os protonotarios da Curia viraram as ampulhetas e depsydras, sem que o Papa tornasse do logar aonde apressadamente fôra. Hilario, fatigado da espera, olhou para o chão e, depois, sobre as lages da egreja de Latrão, se assentou tranquillamente, dizendo para aquelles que, obedecendo ás ordens papaes, não lhe davam um assento:

— Sento-me pacientemente sobre a terra, porque a terra é do Nosso Senhor Jesus Christo, e porque devo ficar em posição inferior á vossa, meus irmãos.

Logo, os bispos arianos, collados por invisivel força aos seus logares, abriram olhos de profundo espanto. Um poder occulto erguia aquella parte do sólo em que se sentara o bispo de Poitiers, erguia-a lentamente, quasi insensivelmente. E, assim, a terra ali se foi alevantando a pouco e pouco, até que ficou, com Hilario sobre ella sentado, ao nivel das altas sédias episcopaes. Depois, dum instante, continuou a subir, a subir,

e passou com o santo muito acima dos assentos lavrados, abrochados e pregueados dos membros daquelle concilio heretico.

Dignatarios, clerigos e militares cahiram de joelhos, persignando-se, nas lages dos collateraes. Os bispos todos, livres da força que os prendia ás cadeiras esculpidas, fugiram assombrados pelas portas que davam para o palacio papal e foram encontrar miseravelmente morto, num oubiculo, ao fundo de extenso corredor, o supremo juiz! Sob a cupula da grande basilica sómente ficou em alta posição o bispo de Poitiers, sentado sobre o monchão de terra que Deus elevara mais que as sédias episcopaes. E uma extranha luz mysteriosa lhe envolvia a basta cabelleira branca.

Segundo o testemunho de São Jeronymo, nenhuma heresia jámais manchou a Santa Egreja Romana. A "Historia Ecclesiastica" e a "Tripartita" não mencionam este grande milagre, acontecido no seculo IV da éra christã. No emtanto, o povo das Gallias sempre nelle acreditou e o bemaventurado arcebispo de Genova, que colleccionou todas as lendas de santos, não o esqueceu, porque nunca o esquecera o povo. **Vox populi, vox dei.**

**João do NORTE**

"Fon-Fon" 6 Abril 1924

## *Anecdota militar*

**Quando o marquez de Torre Tagle, durante os tumultuosos dias de luta pela independencia do Perú, governando este paiz, houve uma conspiração de officiaes no batalhão de caçadores de Numancia. O tenente Castro, encarregado pelo governo da nação de prender os conjurados, que eram realistas, cercou-os de soldados numa sala e intimou-os a entregar as armas.**

**Quasi todos, semi inclinados ao partido republicano, quizeram entregal as, porém o capitão Pineda deteve-os com um gesto e, avançando para o tenente Castro, disse, pausadamente:**

**— Temos por habito, senhor official, entregar primeiro as balas e depois as pistolas!**

**Castro dominou a sua colera e ordenou aos seus soldados que se retirassem. Depois avançando até o meio da sala, desabotoando a farda e mostrando o peito, exclamou, fitando o capitão indisciplinado:**

**— Senhores officiaes, eis o coração dum homem honrado. Aquelle que quizer manchar o capitão Pineda com um acto de felonia crave aqui a primeira bala! Meus soldados receberão, após, as pistolas!**

**E todos se renderam, silenciosamente.**

129 "Fon-Fon" 6 Agosto 1921

**Pilsudski** Desde menino que José Pilsudski, lendo a vida de Napoleão, de Dombrowski e de Kosciusko, sonhava com a libertação da sua patria, numa athmosphera de ardente patriotismo, formada pelos seus parentes e amigos, embora obrigado a frequentar, em Wilna, a escola russa, porque lhe não permittia a opressão estrangeira a escola polona. Mal entrava para a Universidade de Charkow, esta era violentamenta fechada por causa duma revolta de estudantes!

Mal sahia da adolescencia, um seu irmão, implicado no attentado contra a vida do tsar Alexandre III, embora innocente, era condemnado a 15 annos de trabalhos forçados! E elle proprio, sómente por ser irmão desse condemnado, era desterrado na Siberia por 5 annos!!

Assim, na adversidade e na injustiça, se temperou a sua grande alma. Voltando do exilio, imprime um jornal clandestino nas florestas da Lithuania, no qual préga a libertação da Polonia, sempre escondido, passando frio e fome. Foi preso e evadiu-se. Então, passou das palavras aos actos. Guiou tumultuosas manifestações operarias até ir ao Japão offerecer ao Mikado o auxilio duma insurreição da Polonia contra a Russia. Dahi tornou convencido que o seu povo só poderia, em verdade, contar comsigo proprio, em toda e qualquer emergencia. E essa opinião elle espalhou na Polonia captiva, habituando a mocidade á idéa da luta armada, especialmente na rebeldia de 1905.

Prevendo a guerra mundial, organisou linhas de tiro e tratou de encher de esperanças a alma nacional. Vencendo nesse trabalho as maiores difficuldades, quando a guerra explodio em 1914, tinha á sua disposição dez mil homens exercitados. Lançou alguns á luta, apoderou-se duma cidade e vio, com silencioso furor, a Austria e a Allemanha incorporarem logo, á força, aos seus exercitos, as suas legiões polonas, nas quaes creára o typo do soldado polono, ensinando-o a combater com sangue frio e coragem inabalavel.

Commandando suas legiões, distinguio se em muitos combates, especialmente durante a offensiva de Brussilof, sendo até ferido na cabeça. Ao mesmo tempo seu olhar de aguia rasgava as nuvens do futuro. Quando vio a Russia vencida, começou a voltar-se cuidadosamente contra a Austria e a Prussia. Deu, depois, a sua demissão, que provocou grande agitação e a creação do Estado Polono, pela Allemanha e Austria, do qual foi ministro da guerra.

Os allemães encarceraram o exercito polono que lhes recusou o juramento de obediencia e Pilsudski preparou outro exercito, secretamente. Surgem nos exercitos allemães os «regimentos verdes», famigerados e patriotas. Os factos se accumulam. Ha conferencias com representantes alliados. E a Republica Polona é proclamada em Lublin, a 6 de Novembro de 1918. O Conselho da Regencia allemã entrega-lhe seus poderes e esse grande general e fino politico assume dahi por deante, com rara habilidade e com uma energia jamais desmentida, a direcção da Nação que ajudára a reviver, querendo-a, como no passado, «livre entre as livres» e «igual entre as iguaes».

J. N.

**"O Paiz dos Deuses"** Um dos nossos mais jovens e interessantes escriptores, Osorio Dutra, acaba de chegar do Japão, onde viveu algum tempo, exercendo uma representação consular do Brasil. E a sua alma traz comsigo a saudosa impressão desse interessante, original e amoravel povo, que os extrangeiros tão bem têm sabido amar.

Desde Marco Polo e Fernão Mendes Pinto até hoje, cada povo de origem occidental tem tido um apaixonado pelo Japão. Os portuguezes o tiveram ainda ha pouco tempo no vulto sympathico de Wencesláu de Moraes. Os francezes, no subtil Pierre Loti. Os americanos, na alma forte de Lafcadio Hearn. E mesmo os Tcheques no espirito bizarro de Jan Havlasa.

Coube nos o prazer de possuirmos tambem um escriptor que se deixasse impressionar profundamente pelo Japão das porcellanas, dos kakemonos e das musuméas. E Osorio Dutra vae dar nos em prosa um lindo livro de aspectos e de psychologia da paysagem e da gente nipponica: *O Paiz dos Deuses*.

**Nacionalismo são** Esconder o passado, negar a fonte de onde proveio a raça e a sua alma forte, occultar o nome de seus maiores como tendo vergonha delles, não querer comprehender os seus intuitos e perverter as aspirações que nos legaram, aperfeiçoando-nos o espirito com o seu exemplo, póde ser crime, mas não será nacionalismo. O verdadeiro nacionalismo é aquelle que se orgulha do seu tronco, da sua ascendencia embora mantendo a sua directriz mental e moral. conservando a sua personalidade, sem submettel-a a influencias extranhas.

Estas idéas sãs pregou-as á mocidade de S. Paulo, num brilhante discurso, o Sr. Luiz de Almeida Braga, fechando-o com esta grandiosa chave:

«O' terra brasileira, seara eternamente em flôr, chela de luz e cheia de alegria, pelo fino leque das palmeiras refrescada, e cantada pela voz sonora das altas cachoeiras! Terra de belleza, qual a palavra ardente, e como o sol luminoso e vivo, que exprima tudo o que os olhos vêm! O meu encanto só o diria eu, se a flôr de uma palavra nova em seu perfume condensasse o mar, o céo e a terra de Portugal!»

130 "Fon-Fon" 6 Agosto 1921

***Berreguedengues*** Ha, num dos mais bellos recantos do Rio de Janeiro, uma casa colonial, de grandes telhões de louça vidrada e de vastos silhares de azulejo, pela qual tenho uma grande paixão de artista.

Paro ás vezes horas inteiras deante della, a adoral-a silenciosamente. Tudo nella está como no seculo XVIII, quando a construiram. Bondosas mãos a conservam inalteravel. Bondosas e bemditas! Conserva as mesmas reixas mouriscas, proprias para os cochichos e as espiadelas amorosas; os mesmos portaes de pedra historiada; as mesmas portas de grandes fechaduras de bróca e de aldrabas de bronze; os mesmos balcões archaicos com gelosias discretas, onde ainda parece luzir o olhar sensual das damas escondidas... Nunca entrei nella; porém imagino-a mobiliada com cadeiras de espaldar de couro pregueado, com armarios de jacarandá esculpido; imagino os seus oratorios christãos, cheios de imagens de resplendores de ouro, a evocadora penumbra das suas amplas alcôvas senhoriaes.

Velha memoria dum tempo morto e que tão raros ainda hoje amam!

***A cóva de Caco*** Naquella rua de um suburbio afastado e empoeirado, esperando o bonde, apreciava a passagem da petizada alegre que se dirigia á escola. E notei que deante de mim um senhor de idade tambem se occupava na mesma cousa. Todos os meninos e meninas, sobraçando cadernos e lousas, de ar satisfeito, levavam pequenos ramalhetes de flôres na mão. Perguntei a um delles para que os conduziam. E elle, sorridente:

— Para dar á minha professora, que é muito bôasinha.

Sorri, acariciando-lhe os cabellos castanhos. O desconhecido approximou-se de mim e dirigio-me a palavra, mansamente:

— Veja o senhor os progressos do ensino. Toda essa creançada vae para a escola com a mesma satisfação com que iria ao Circo ou ao Cinema, porque a escola de hoje é um logar de estudo, onde divertidamente se aprende. A palmatoria desappareceu. O professor é carinhoso. As aulas prendem a attenção pelos methodos variados e logicos, intelligentemente arranjados para divertir ao mesmo tempo que para ensinar. Ah! se o senhor tivesse conhecido a escola da minha infeliz meninice! Era a cóva de Caco, meu rico senhor! Era o inferno! O mestre procurava pegar sempre o alumno em falta. Atrapalhava o para que errasse. E a palmatoria chiava nas pequeninas mãos innocentes. Lembro-me que tinha verdadeiro horror á escola e, quando o sino da egreja proxima á minha casa dobrava a finados, tinha sempre a secreta esperança de ter morrido o meu professor! Quando tal pensamento medra na alma duma creança, imagine o que ella não soffre. Hoje, a gente é mais humana. A cóva de Caco foi destruida. E eu de bom grado, desejaria ser menino, afim de ir para a escola...

***Taperas*** Ha para o meu espirito uma profunda e mysteriosa attracção nas ruinas das fazendas antigas, perdidas pelos nossos sertões. Talvez, porque a credulidade do vulgo as povôe de sombras do outro-mundo.

Quasi sempre a tradição conta que, entre antigos povoadores dessas ruinas ainda de pé, uns havia que alimentavam baixas paixões, outros eram crueis e manchados de sangue, outros, avarentos, escondiam em buracos sob as lages dos cantos botijas repletas de moedas de ouro. E por isso, depois de mortos, não lhes dava o Céo descanso eterno, porém lhes brindava o inferno com a sina de virem ainda a este mundo penar e atormentar os vivos. Dahi as almas funestas que surgem nos velhos casarões abandonados.

E é, certamente, esse mysterio que torna para mim tão attrahentes as taperas.

***Mania de espiar*** Cuidam os leitores que a mania de occultamente espiar o que faz a visinhança e proprio tão sómente das pequenas cidades? Se assim pensam, estão enganados, pois aqui neste nosso grande Rio de Janeiro continuam os habitantes a seguir o mesmo costume dos tempos coloniaes.

Contou-me um amigo, incapaz de mentir, que, todas as noites, ao chegar em sua casa, de taxi, numa rua deserta, ha sempre rumores detras das rotulas das visinhas, que o esperam, para espreitar se entrou só ou mal acompanhado...

Elle me contou esta historia no bonde, de tarde. Saltei na esquina da rua onde moro e continuando por ella, a pé, fui monologando uma das quadras de Herman Velarde seu leve poemeto «Lima Colonial»:

*« Las mujeres todo el dia*
*lo consagran a rezar*
*hacer dulces y atisbar*
*detrás de la celosia... »*

# AS PRANCHAS, O SEU PREÇO E NUMERO

## O Sr. Gustavo Barroso e o pintor

Na edição da A NOITE de 16 do corrente, foi noticiado ter o Sr. ministro da Guerra mandado pagar ao Sr. Dr. Gustavo Barroso a quantia de 15:000$, por quinze pranchas contendo desenhos a aquarella, dos fardamentos usados pelo Exercito, desde tempos remotos.

A noticia requer uma rectificação a fazer, quanto ao preço das pranchas. O total não é de quinze contos, como por engano foi noticiado, porém de 1:500$ saindo cada um dos trabalhos a 100$000.

Por outro lado devemos accrescentar que as pranchas encommendadas pelo Ministerio da Guerra, são em numero de 240, contendo desenhos de fardamento de 1870 até agora.

Relativamente á intervenção do Dr. Gustavo Barroso na venda, cumpre esclarecer, segundo informações deste escriptor, que se trata de funcções de simples procurador do pintor paulista, encarregado do trabalho, nenhum provento tirando o procurador da transacção ou encommenda.

"A Noite" 18 Agosto 1921

131 "A Patria" 7 agosto 1924 - Recife' —

# ORAÇÃO

# AO CEARA'

## (Discurso pronunciado por João do Norte, hontem no Trianon, no vesperal do Ceará)

Provectos historiadores têm procurado na lingua dos indigenas a origem da palavra Ceará, dando-lhe a radical "sina" — caça — ou buscando outras fontes semelhantes. A imaginação de Alencar creou a etymologia poetica do "canto da jandaia". Mas o nome Ceará continuou sem uma explicação etymologica plausivel.

A menos falada de todas as que se têm arranjado, a que casa a poesia á verdade dos aspectos naturaes correspondentes, a que traduz a impressão provavel dos que o viram no amanhecer da sua historia, essa nos conta que, chegando ao Ceará em 1603, Pero Coelho de Souza, o primeiro explorador portuguez que pisou aquella terra infeliz e grande, deparou com uma paysagem lybica: vastos areaes brancos, cobertos de dunas movediças, rebrilhando ao sol como prata nova, aqui, ali cortados de vegetações esparsas e de grupos raros de palmeiras. O Nordéste rijo açoitava frondes e ramarias, arrancando do saibro quente as moitas enfezadas de pinhão bravo. Além das areias, caju eiraes resequidos.

Depois, mais azues do que o azul profundo e encandecido do céo, os vultos das montanhas proximas ao littoral: a do Maranguape, espetando nuvens no alto pincaro da Rajada; a Aratanha, penhascosa e envolta no velludo das florestas; quasi apagando-se, fugindo ao longe, a serrania de Baturité; para o poente, o dorso sinuoso do Camará e o linheiro perfil da do Joá; todas ainda sem nome. E o sol coruscante cobrindo tudo de luz, queimando tudo!

Então, o conjunto daquella paysagem erma e esteril acordou talvez no explorador portuguez recordações de outras terras assim adustas sob a amplidão dum céo impassivel e o ardente clarão da luz solar. Talvez como aventureiro luso, tivesse soffrido da grande doença nacional da época, do "desvairo d'Africa", onde se mettiam lanças, on-

do ficavam prisioneiros infantes e morriam reis, e pelos areaes de Ceuta e Tanger tivesse andado.

A ventania sôlta lembrou-lhe o simun esbravejante. A canicula era quasi identica á do deserto immenso. O mesmo latego de luz açoitando a mesma planicie argentea e movediça. E as serras distantes lembravam por certo o vulto azul do Atlas fechando aos normandos a fronteira do Maghreb.

Quem sabe o espirito do bandeirante, não associou essas idéas, não estabeleceu entre ellas a precisa relação de semelhança o do nome Sahará, que tal é a verdadeira pronuncia hérbere, não nasceu o nome glorioso de Ceará, que sempre se escreveu com S ?

Se assim não foi, nada, no emtanto, tem a supposição de esdruxula e muito menos de inacreditavel. Bem podia ter sido, e tal origem não ficaria mal á terra, martyr desse amplo firmamento immutavelmente azul, implacavel, impassivel deante da morte da vegetação e das ossadas brancas das gentes e dos bichos semeadas á beira dos caminhos ou na vizinhança das cacimbas. Bem quadra essa etymologia á terra das sêccas, cuja historia por uma dellas começa, pois esse mesmo Pero Coelho della teve de sahir accossado pela primeira de todas de que se tem noticia. E desde essa memoravel data o martyrologio cearense nunca mais deixou de augmentar.

São as sêccas, o sol escaldante, a penuria, a necessidade de lutar, essa feição de Sahará, que fazem da minha querida terra natal a patria da raça mais forte e mais teimosa do Brasil inteiro, da gente que conquistou o Acre e desbravou o Amazonas, da gente que sempre encheu, relativamente mais do que qualquer outra, os quadros das nossas tropas, nos momentos difficeis das commoções internas ou das guerras estrangeiras.

Conta um viajante que, numa ilha sáfara da Melanesia, onde raramento cáe agua do céo, os selvagens têm uma unica expressão dialectal, afim de exprimir estes dois factos: "Vem chuva!" e "Vem Deus!". A chuva é tambem o deus fertilisante do cearense, o deus fertilizador do Ceará. Toda a historia dessa região é balizada pelas inesqueciveis datas cyclicas das grandes sêccas: 1723, 1745, 1776, a "Secca Grande" (1793); 1825, 1845, 1877, a dos "Tres Oitos" (1888), a de 1915, a de "Zero e Oito" (1908) ! Além das pequenas sêccas, dos repiquêtes, dos máos invernos, mesmo das celebres "sêccas d'agua", em que as demasias do inverno prejudicam tanto, senão mais, do que a falta de chuvas.

Esse longo martyrio é que tem feito a grandeza e a gloria do Ceará. Delle todos nós, cearenses, devemos nos orgulhar, porque nenhum outro povo seria capaz de enfrentar a desgraça, valente, serena e infatigavelmente como durante tres infindaveis seculos de dôr sempre a temos enfrentado. E ella é o maior factor da acuidade da nossa intelligencia, da decisão corajosa do nosso temperamento, da nossa audacia e da nossa paciencia tenaz. A sêcca molda e forma uma raça de fortes, cuja consciencia collectiva é, no Brasil, tão limpa quanto o azul do seu céo varrido de nuvens, cuja alma é luminosa e quente como o sol que refulge á face das suas areias e cujo coração é maior do que o mar bravio que lhe açoita as "alvas praias ensombradas de coqueiros".

Esse céo, profundamente arqueado sobre as catingas esqueleticas e as varzeas estorricadas, creou ao seu calor a alma estoica do sertanejo, que, vestido de couro, desafia os espinhos dos carrascaes com a mesma serenidade e impavidez com que arrosta os golpes do destino, quando a

133

sêcca lhe mata o gado e a fome lhe arrebata os filhos. Esse mar verde e revolto, espumando convulso sob a vastidão do firmamento, por cima de cujas maretas e jazidas a jangada deslisa, tripulada por tres heróes obscuros, embalou a alma do jangadeiro, typo formidavel de lobo do mar, que vae sobre seis páos toscos buscar o sustento no seio perigoso do oceano. Essa luz desmedida, vibrante, infinita, illuminou as almas ali nascidas e deu-lhes o mais entranhado amor da liberdade, a maior franqueza, a mais viva intelligencia e a mais bella generosidade.

Quando os negros captivos dos engenhos, sitios e fazendas das provincias limitrophes, que rompiam os sertões aridos guiados pelos fios do telegrapho, avistavam o claro casario de Fortaleza doirado pelo sol, cahiam de joelhos. Depois, entravam em bandos, andrajosos e famintos, pelas ruas, bradando em côro:

— Bemdita sejas tu, Terra da Liberdade!

Exclamemos todos, cearenses, em lembrança desse feito assombroso da Libertação, que para sempre cobriu o Ceará de gloria, com o mesmo enthusiasmo dos pobres pretos ao sentirem-se livres do captiveiro, seja onde fôr que nos conduza o nosso destino de eternos exilados:

— Bemdita sejas tu, Terra da Liberdade! Terra da Luz! Terra do Sol! Terra do Martyrio! Dá-nos com a tua saudade e a tua fama forças bastantes para eternamente cantarmos as tuas glorias! Bemdito sejas tu, Ceará, Saharà do Brasil, que o esforço de varias gerações de teus filhos tem fecundado de heroismos, de patriotismo, de abnegação e de amor! Bemdito sejas tu!

**JOÃO DO NORTE.**

"O Jornal" 14 Agosto 1921

# Um artigo do O JORNAL que repercute na Europa

A proposito dum artigo publicado nas nossas columnas sob o titulo "Architectura Nacional", em junho ultimo, o nosso collega Gustavo Barroso (João do Norte) recebeu de Praga, na Bohemia, capital da Tcheco Slovaquia, a seguinte honrosa carta, que traduzimos:

"Praga, 14 de julho de 1921 — Caro senhor e confrade — Mandaram-me o vosso notavel artigo "Architectura Nacional", publicado no "O JORNAL", do Rio de Janeiro, no qual mencionaes elogiosamente o meu livro "Prague Baroque". Fiz traduzir vossas considerações sobre o estylo barrôco em tcheque e apresso-me em agradecer vossa opinião favoravel sobre a minha tentativa de explicar a psychologia dos XVII e XVIII seculos na Bohemia. E' certo que existem relações muito intimas entre a alma hespanhola e a alma tcheque, durante a dominação dos Jesuitas no nosso paiz, e espero ser possivel descobrir tambem traços communs aos tcheques e aos portuguezes.

A literatura destes ultimos não é desconhecida entre nós. Possuimos, sobretudo, graças aos esforços de Jaroslav Vzchilicky, nosso Victor Hugo, todas as obras primas da poesia portugueza, desde Camões até Anthero do Quental e Eugenio de Castro. Mas fostes vós, meu caro collega, o primeiro escriptor dessa lingua que citou um livro tcheque num jornal brasileiro.

Agradeço-vos isso, profundamente. Ficarei satisfeitissimo se entretivessemos relações de amizade. Para isso, sempre vos enviarei minhas obras, logo que sejam traduzidas numa lingua accessivel. Desde algum tempo estou ao par do vosso valor literario no Brasil e tenho o prazer de apresentar-vos a expressão sincera da minha consideração. Todo ao vosso dispor — *Arno Novak*, professor cathedratico da Universidade de Brunn (Bruo)."

"O Jornal" — 13 - Agosto - 1921 — ✓ 134

# O folk-lore e a maçonaria

Dois lustros mais ou menos antes da morte da monarchia no Brasil, houve uma aspera luta entre os catholicos e a maçonaria, a qual se traduziu especialmente em discussões e desabafos pelos jornaes. Em certos Estados, essa campanha jornalistica foi feita em versos, cujas rimas ficaram gravadas na memoria de certos e determinados individuos que se apaixonaram pela questão.

A parte em verso dessa campanha jornalistica foi, no Ceará, por exemplo, feita com rara habilidade pelas columnas do orgão politico maçonico de então, a "Fraternidade". Os que della se encarregaram approximaram-se o mais possivel das formas poeticas consagradas pela tradição popular, principalmente das formas mnemonicas.

Essas são, nas regiões do Nordeste, de duas especies: uma que se chama A. B. C., em que cada estrophe começa por uma das letras do alphabeto, o que permitte a quem decora tão longas poesias revivel-as com facilidade, seguindo a seriação natural das vinte e cinco letras; outra, que intercala entre duas estrophes uma frase do Pelo Signal, de maneira que as expressões: "livre-nos Deus", "em nome do Padre", etc., logo accordam na retentiva as rimas seguintes e, por fim, o encadeamento completo da versalhada. Mais raramente, o sertanejo applica tambem como meio mnemonico todo o Padre Nosso ou toda a Ave Maria da mesma maneira que o Pelo Signal.

Os curiosos versos publicados pelos maçons cearenses contra os padres, nessa campanha a que alludi são interessantissimos, porque, affectando essas formas populares, passaram das paginas cultas do jornal para a alma rude da arraia-miuda.

E ainda hoje alguns velhos sabem de cór os versos anti-clericaes, como outros devem saber os anti-maçonicos, se os houve.

No acervo dessa poesia popular pela forma e que por causa dessa forma se tornou popular, podemos pôr em relevo este Pelo Signal:

Ao povo incauto mostramos
Do jesuita os engôdos;
Conhecidos sejam todos
*Pelo signal.*

Haveis de ver cada qual
Mansinho sempre falando
E os mysterios invocando
*Da Santa Cruz.*

Os dictames de Jesus
Nenhum Salles observa
Dessa treda e vil caterva
*Livre-nos Deus.*
Revelando os actos seus,
Pervertida a consciencia
Esquecem na incontinencia
*Nosso Senhor.*

Cada qual o mais traidor,
Com o punhal na cintura,
A desgraça só procura
*Dos nossos.*

No inferno, seus negros ossos
Pelo diabo queimados.
Será o fim desses malvados
*Inimigos.*

Cautela com taes perigos
Esses ladrões evitemos;
Nossos irmãos conjuremos
*Em nome do Padre.*

Que tal matilha nos ladre
E morda a maçonaria,
Por amor á theoria
*Do filho.*

Havemos de seguir o trilho
Que conduz á perfeição;
Nos vem de Deus a missão
*E do Espirito Santo.*

O infame, nodoso manto,
Que esses hypocritas têm,
Rasgado seja, portanto,
Para todo o sempre.
*Amen!*

Ora, é profundamente curiosa a maneira como a maçonaria se apoderou duma fórma mnemonica do "folk-lore", peculiar aos paizes de fundo catholico, fórma eminentemente popular, para com ella combater a Egreja, para com ella combater a religião de onde essa feição de poesia do povo saiu. E não ha negar a profunda habilidade dos que assim agiram, fazendo chegar até nossos dias os écos interessantes dessa luta.

Vejamos outra poesia do mesmo genero e do mesmo feitio, abeberada nas mesmas fontes. Esta é um interessante Padre Nosso. E, apesar da sua versificação ser mais elevada, mais distante dos cánones da poesia verdadeiramente popular, ella ficou na memoria de muita gente e não deixa de ser um optimo documento do debate travado entre a Maçonaria e a Religião, vae para mais de quarenta annos. Eil-o:

Lá desse throno excelso e radiante,
Onde justo exerceis o poder vosso,
Compassivo attendei ás nossas preces,
Divino Creador, ó *Padre Nosso!*

Os bispos d. Vital e d. Antonio,
Estes homens fataes, estes dois réos,
Torcendo a santa lei de vosso filho
Conspiram contra vós, *que estaes nos céos.*

Só cumprem os preceitos de Antonelli,
Que na trica e argucia é consummado,
E querem que esse iniquo proceder
Seja bom e *por* vós *santificado.*

São elles cá na terra mais damnosos,
Que os flagellos da guerra, peste e fome,
Castigae-os, Senhor, p'ra que por elles
Mais respeitado *seja o vosso nome.*

Esses impios apostolos da impostura
Não querem que o maçon pertença a vós,
Não querem que da humana redempção
O fruto precioso *venha a nós.*

Livrae-nos, Alto Deus, desses dois judas,
De seus duros caprichos defendei-nos,
Acudi vosso povo, p'ra que elle
Possa um dia chegar *ao vosso reino.*

O manhoso Satan, vosso inimigo,
E' quem os aconselha é quem os pelta,
Pois não quer que no mundo em vosso [nome
Uma só obra bôa *seja feita.*

De perfidos ministros tão rebeldes
Puni, Senhor, puni tanta maldade!
Um exemplo se dê que leve os outros
A cumprirem fieis *vossa vontade.*

O rebanho de Christo, vosso filho,
Dos pastores ferido em crúa guerra,
Sem rixa espiritual e sem aprisco,
Desgarrado se acha *assim na terra.*

Ella, a paz concedei a vossa egreja,
Expurgae de seu gremio esses incréos,
Para que gratos hymnos se vos cantem
Nesta vida mortal *como nos céos.*

E vós, doce Jesus, Mestre adoravel,
A tal ponto exaltaes o amor vosso,
Que nem mesmo ao discipulo traiçoeiro
Na Ceia recusastes *o pão nosso.*

Entretanto, esses padres jesuitas,
Em nefanda e cruel aleivosia,
Nos negam vossas graças e thesouros,
Que conforto nos é *de cada dia.*

Por amor dessa Virgem Sacro-Santa,
Ante quem Satanaz trepida e foge,
O mal remediae, ó Pae Clemente!
Vossas graças e bençãos *nos dae hoje.*

Como outr'ora fizestes lá no Templo
Agora contra elles praticae;
Das egrejas tangei os mercadores,
Vosso povo valei *e perdoae.*

Enxotae-os, Senhor, pois chega a tanto
Sua negra malicia e culpas lividas,
Que chegam a affirmar em vossa casa
Que vós não perdoaes *as nossas dividas.*

Apiedae-vos, meu Deus, de pobre ovelha
Que o pastor maltratou com furia atroz,
Tresmalhado, porque não quiz manchar
Com o vil perjurio... *assim como a.*

E se, para obtermos vosso amparo
E' mister que taes coisas esqueçamos:
Olvidamos offensas e aggravos,
Os ingratos pastores *perdoamos.*

Contra elles não arde em nossos feitos
Implacaveis vindictas e rancores,
Pois que vós exigistes de nós outros
O perdão para *nossos devedores.*

Mas elles para nós só têm anathemas,
Vinganças, maldições, como sabeis:
Assim, pois, entre as garras desses lobos
Por mais tempo, ó Jesus, *não nos deixeis.*

A sêde do dominio temporal,
Que perderão por nossa intervenção,
Nesses padres gerou tanto despeito
Que os fez logo *cair em tentação.*

Não permittaes, Senhor, que nos apuros
Dessa luta terrivel e fatal,
Horrivel desespero nos arraste
A extremos que... *mas livrae-nos do mal!*

Longe de mim o desejo de esposar, publicando-os, os conceitos contra clerigos e contra a religião ahi exarados. O meu fim, reeditando essa pagina guardada na memoria de gente velha, é simplesmente mostrar uma face curiosa e imprevista da questão clerical no Brasil, durante o imperio, e simplesmente apontar uma feição folkloristica habilmente aproveitada por uma das partes litigantes na defesa das suas idéas, fazendo desta sorte os seus versos de propaganda anti-padresca se tornarem quasi populares, por se terem vestido com as roupagens amadas pelo povo.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 13 agosto 1921

***Berreguedengues*** De todos os paizes da America colonisados pelos europeus um unico teve a gloria de vêr a sua raça aborigene revoltar-se um dia, não parcialmente e sem chefe ou fins, porém totalmente, com um guia nacional e procurando um desideratum nobre. Esta foi o Perú, que acaba de completar o seu primeiro centenario de independencia politica e onde um descendente dos Incas ergueu no seculo XVIII o estandarte da rebeldia, em torno do qual se agrupou valentemente a raça vencida pelos hespanhóes.

Mas os indios e Tupac Amarú, o derreiro Inca, fôram vencidos. E essa rebellião marcou a morte definitiva da liberdade da raça indigena do Perú moderno, a eclosão da sua personalidade, que conta hoje já, gloriosamente, cem annos de pacifica existencia.

136 "Correio Paulistano" - 11 - Abril 1924

# O Sertão e a China

Uma das cousas que têm maior importancia na fabulação das historias de almas do outro mundo, no sertão do Nordeste, é o canto do gallo. A voz possante e clara do velho Chanteclair, do qual Rostand fez o moderno Chantecler, tem o poder de annunciando o dia, espantar as avantêsmas e o proprio demonio. Não ha espectro, sabbat de feiticeiras, espiritos infernaes, almas penadas que lhe resistam. Ouvindo-o, dissipam-se como fumaça ao vento.

Essa profunda crença veiu para o sertanejo da sua ascendencia europea. Encontral-a-emos em todos os folk-lores occidentaes, meridionaes, septentrionaes ou orientaes da Europa. Entre os variados exemplos que disso poderiamos citar, está o do famigerado demonio medieval Urian, afamado constructor de egrejas, que Emilio Gebhart aproveitou para escrever um conto delicioso. Foi o caso dum frade que, desejando afugentar esse diabo, quando viesse buscar o pagamento do trabalho de arranjar e collocar um grande sino na egreja do convento, escondeu um gallo nas largas mangas do habito e fel-o cantar no momento propicio. Urian, ao ouvil-o, escafedeu-se...

Si caminharmos para os lados do oriente classico, lá iremos achar a importancia do gallo e do seu canto nos sacrificios de gallos pretos, que se faziam a certos deuses nocturnos ou lunares do Egypto, bem assim no proprio Evangelho, onde está escripto que o canto tres vezes repetido da ave-totem, da ave-brazão dos Gaulezes, acordou na consciencia de S. Pedro o remorso de ter negado repetidamente o seu Salvador. E dahi veiu para o occidente europeu a lenda, que até nós se perpetuou, do gallo annunciando em latim ou em portuguez, onomatopaicamente, com a sonoridade de clarim do seu canto o nascimento do Senhor:

— Christus natus est!

— Christo nasceu!

Si continuarmos a nossa marcha pelo oriente afóra, veremos de que distancia vem a crença no valor do clangoroso brado do gallo para atemorizar os phantasmas. Veremos como na velhissima China tal crendice é corriqueira. Basta-nos para isso abrirmos o curioso livro de Wieger, "Folk-Lore Chinois".

Do estudo desse interessantissimo folk-lore se verifica a predilecção chineza pelas historias phantasticas e macabras. Para elles, meia noite, como, aliás, para o nosso sertanejo e para quasi todos os povos europeus, é a hora em que o mundo se povoa de espectros. Então, os mortos, sem que nenhuma theoria religiosa explique isso, se entregam ás suas occupações favoritas de quando eram vivos. Fazem musica, dançam, brincam, caçam, bebem, jogam, luctam, amam e odeiam. Os exercitos ceifados no campo de peleja erguem se do pó e continuam as suas batalhas. Os mandarins militares, ou os imperadores mortos, passam-nos em revista como na ballada austriaca de Zedlitz. E toda essa vida espectral que começa a sua macabra farandulagem se dissipa ao primeiro canto do gallo.

Vejamos alguns exemplos no livro citado. Primeiramente, ás paginas 83 e 84, da edição parisiense de Guilmoto:

"De repente, viram uma cabeça de mulher que pendia dum ramo de salgueiro. Soltaram ambos um grito de terror. A cabeça deixou-se cahir ao chão e avançou para elles aos pulos. Fugiram a toda carreira, refugiaram-se em casa e trancaram a porta. A cabeça veiu bater contra a porta. Seguraram-na fortemente pelo lado de dentro, para conserval-a fechada. Então, a cabeça atacou os batentes ás dentadas. A madeira estalava e se esmigalhava sob os dentes. Emfim, os gallos cantaram. Então, ella foi-embora, ro-

137

lando, e atirou-se na lagôa".

E á pagina 95 da mesma obra.

"No alto da escada appareceu um vulto vestido de preto, da altura de dois pés, sem olhos, sem bocca e sem nariz. Seus cabellos, tambem da altura de dois pés, erguiam-se duramente no ar. Os dois homens bradaram por soccorro. Ouvindo barulho, o tal ente mysterioso desceu a escada ligeiro de cabeça para baixo. Ouviam-se assobios em redor da casa, emquanto no interior todos os objectos dançavam. Esse sabbat durou até os gallos cantarem."

Eis ahi uma mesma crença curiosamente desabrochada tanto no sertão do Nordeste como na China vetusta e longinqua.

* * *

Quando menino, sempre ouvi no interior do Ceará, dos labios das velhas um conto de fadas, em que uma mocinha percorre logares mysteriosos através mil difficuldades á procura do seu noivo encantado, que uma pergunta indiscreta lhe fez perder. E toda a vez que chega na residencia dum dos Ventos do mundo, o qual a deve guiar até certo ponto, esconde-se do seu furor ás primeiras horas da sua chegada, graças á cumplicidade da mãe, da irmã ou da mulher do monstro. Apesar de bem escondida, logo que esse chega fareja toda a casa e resmunga:

— Aqui me cheira, aqui me fede a sangue de gente!

Em outras versões dessa historia, a rapariga é de familia reinante e não da arraia miuda. Então, o bicho exclama:

— Aqui me cheira, aqui me fede a sangue real!

Esse cheiro de carne humana real ou não, está em quasi todos os folk-lores do universo. Bedier o regista na Edade-Média européa. Lang affirma tel-o encontrado nos contos dos Namaguas, dos Zulu's e dos peiles vermelhas do Canadá. Bedier vai até mais longe e exclama: "Les Eumenides d'Eschyle flairent Oreste!"

Edmond Pilon encontra-o nas tradições lendarias da Scandinavia. Nos seus "Contes Anciens du Nord", edição de Piazza, em Paris, illustrada por Kay Nielsen, tiragem limitada a mil e quinhentos exemplares numerados, está o cheiro de gente. Abro o meu exemplar dessa edição, n. 853, e leio á pagina 70:

"... á peine était il blotti dans la cachette, que le géant entra. — Ah! grouda-t-il, quelle odeur de sang chretien il y a aujourd'hui dans ce chateau!..."

E, folheando o "Folk-Lore Chinois", de Wieger, acho tambem a mesma cousa na China. A' pagina 42:

"Elle cumprimentou o juiz Páo e longamente lhe falou de cousas que Liu'-Kang absolutamente não comprehendeu. Depois, subitamente:

— Sinto aqui cheiro de homens vivos!"

Adeante, á pagina 160:

"De repente, alguem bateu á porta. Amedrontado, Ting-Kai escondeu-se debaixo da cama. A mulher abriu a porta. O Kinnara (espirito infernal) entrou, tirou a sua cabeça de boi e collocou-a sobre um aparador. Tinha por debaixo uma cabeça de gente. Poz-se a conversar e a rir com a mulher. Contou-lhe o que vira e ouvira no tribunal do inferno. Depois, pediu o que comer e o que beber. Mas, subitamente, farejando o ar, disse admirado:

— "Sinto cheiro de homem vivo!"

Para os modernos folk-loristas, circumstancias identicas fazem nascer em povos, os mais afastados e differentes, as mesmas manifestações mythologicas ou poeticas.

Essa theoria é a das circumstancias accidentaes que se contrapõe ás antigas escolas mythographicas dos cultos solares e das origens aryanas. Quem sabe, portanto, esse cheiro de sangue real do sertão, de sangue christão da Scandinavia, de carne humana da Média Edade, de homens vivos da China, não é tudo quanto nesses povos restou, como apagada reminiscencia, do cannibalismo das primitivas raças de que todos provieram?

**João do NORTE**

138 "O Imparcial" - 17 - Agosto 1921

## "A ALMA DAS CATHEDRAES!..."

Mesmo os espiritos libertados das convicções religiosas, ao visitarem um grande templo da França, como a Notre Dame; da Allemanha, como a Cathedral de Colonia; de Roma, como a egreja de São Pedro; de Londres, como a egreja de São Paulo, tem forçosamente de reconhecer, através da belleza architectonica, a grandiosidade do esforço mystico que os levantou do nada do sólo, com as suas torres e cupolas para a distancia dos céos, tal o anceio e as aspirações da fé que se erigissem para o infinito azul.

Aos que não tenham tido a ventura de um espectaculo destes, Gustavo Barroso, o conhecido homem de letras, falará, no proximo sabbado, á noite, na séde da Associação Christã dos Moços, explicando as origens e o fim da architectura gothica, sua significação religiosa, moral e social. A sua palestra terminará com uma linda pagina sobre o symbolismo das cathedraes.

Assim, o applaudido escriptor conseguirá, certamente, reunir no seu auditorio não só os crentes de qualquer credo religioso como sobretudo, os artistas e homens de letras, que se interessem especialmente por esse thema interessantissimo das bellas artes.

Porque é sobretudo como a bella visão de um esthéta que a conferencia de Gustavo Barroso ha de ser ouvida e agradar.

## As azas abertas de Niké

Todos os dias os telegrammas nos annunciam avanços das tropas gregas pelos territorios da Asia Menor, por onde sempre se alastrou e onde sempre predominou a influencia hellenica, mesmo sob a tyrannia dos conquistadores barbaros. E a turcalhada selvagem recúa diante dos soldados intrepidos da Achaia moderna, que apezar do auxilio que dão certas e determinadas potencias aos enfraquecidos ottomanos, os levam de vencida para o habitat primitivo, de onde um dia extravasaram sobre a face das terras alheias.

Nenhuma alma de homem civilisado poderá deixar de sentir se cheia de enthusiasmo por essas victorias da raça hellenica, tão merecedora de ter sobre a sua augusta cabeça, bem abertas, as azas de ouro de Niké, a deusa inspiradora das victorias!

## Trabalhos municipaes

O meu bond passava pela rua Jardim Botanico e eu olhava os serviços de aterro da lagôa Rodrigo de Freitas, com interesse. Ao meu lado, porém, dois cavalleiros falavam mal do governo, condemnando todos os trabalhos que a Prefeitura está realizando no Rio de Janeiro.

— E' um desperdicio horrivel de dinheiro! disse um.

— E desnecessario! accresceutou outro.

Continuei a olhar a marcha vagarosa dos vagonetes que levam terra para os aterros e a meditar na facilidade com que no nosso paiz se critica tudo. Esse desperdicio de dinheiro, na frase dos que ignoram o fundo das cousas é simples e unicamente para aquelles, bem raros infelizmente, que estão informados, um aproveitamento do dinheiro, uma economia mesmo. Porque os operarios municipaes são hoje em dia funccionarios publicos e, se não trabalharem, a Prefeitura pagar-lhes-á os mesmos salarios como se trabalhassem. Portanto, dar-lhes o que fazer, gastando só um pouco de material, é fazer verdadeira economia.

"Fon-Fon" 13 Agosto 1921

## Poesia popular

Leonardo Motta, um jovem cearense de talento, fez ha dias, na Bibliotheca Nacional, uma interessante conferencia sobre o *folk-lore* do Nordeste, recitando para vasto e escolhido auditorio, grande numero de coplas e canções ineditas de poetas sertanejos.

Emquanto os ouvintes lhe prestavam merecida attenção e elle recitava as quadras inspiradas dos troveiros rudes e dos menestreis regionaes, eu me deixava embalar por uma immensa saudade da minha adolescencia, passada em fazenda do excellente sertão do Ceará. E, quando elle acabou de dizer as rimas singelas do povo, eu ouvi distinctamente dentro de mim mesmo a voz dum velho cantador meu conhecido, cantando ao pé da viola, num terreiro de casa, á luz do luar:

*« Eu sou maior do que Deus!*
*Maior do que Deus eu sou! »*

E deante do espanto da gente toda alli presente:

*« Eu sou maior no peccado!*
*Porque Deus nunca peccou! »*

## A missa de Santa Sophia

Rezam as lendas que, quando os turcos penetraram em Constantinopla, um padre grego dizía missa em Santa Sophia. E logo que os infieis entraram de roldão pela sumptuosa basilica o sacerdote, erguendo nas mãos pallidas, o ostiario de ouro, fugio por uma pequena porta da sacristia. Quizeram os turcos perseguil-o. Mas, ó milagre! um muro os deteve, apparecido alli sobrenaturalmente, contra elle nada podendo fazer arietes e outros engenhos de guerra.

Desde essa data, 1453, os gregos esperam voltar a Constantinopla, crentes que, quando as suas tropas penetrarem na cidade dos Basileis, o padre sahirá de dentro desse muro de pedra e acabará de dizer a missa interrompida ha tantos seculos.

Apezar de todas as vicissitudes do seu destino, a nação hellenica jamais esqueceu essa crença profundamente nacional. E estamos certos que cada soldado grego morto nos combates heroicos da Asia Menor, onde hoje o exercito do rei Constantino recuassa a turcalhada, leva para o tumulo a certeza de que seus irmãos victoriosos ouvirão o fim da Missa de Santa Sophia.

# CONFERENCIA

PELO CONHECIDO HOMEM DE LETTRAS

## Dr. GUSTAVO BARROZO (João do Norte)

**A Alma das Cathedraes**

Origens e fins da architectura gothica.
Sua significação religiosa, moral e social.
Symbolismo das cathedraes.

**Sabbado, 20 de Agosto, ás 20.15 minutos, no salão da A. C. M.**

**RUA DA QUITANDA, 47**

V. Ex. e Exma. familia são cordealmente convidados.

ENTRADA FRANCA

---

***Esses poetas...*** A classe dos poetas, que é mais numerosa no Brasil do que as estrellas no céo ou os grãos de areia no Leblon, persegue horrivelmente a redacção desta revista. Todos os dias o correio despeja sobre as nossas mesas de trabalho rumas de cartas de todas as procedencias, cheias de sonetos. E todos esses nossos rimadores desconhecidos se julgam novos Heredias e modernos Mussets.

Mas, ás vezes, abençoamos a trabalheira que nos dão de abrir essa volumosa correspondencia e de lêr o que escrevem, porque ha coisas que nos fazem morrer de riso.

Ha dias, liamos em voz alta um soneto dum collaborador poetico, deante do silencio de toda a redacção attenta. Ao chegarmos no fim deste quarteto:

« Foi, formosa, o teu quebranto
Que me levou a escrever;
E, agora que eu soffro tanto,
Vejo-te sempre a correr... »

Um companheiro gritou, levantando se:
— Pára o bonde!
E a gargalhada foi geral...

"Fon-Fon" 20 agosto 1921

**A Amazona do Deserto** Foi ella Isabel Eberhardt uma joven russa que ha alguns annos, fugindo a perseguições politicas no seu paiz, se refugiou na Argelia. Ahi se converteu por affinidade espiritual fatalista ao islamisimo, aprendeu a lingua indigena, vestio-se de albornoz, montou a cavallo e errou pelo Sahara com as caravanas e as tribus nomadas. Ora, vivia num oasis; ora, percorria os postos militares do Sul argelino; ora, frequentava os guias de dromedarios ou os beduinos semi-selvagens. Atravessou perigos. Sustentou luctas. E chegou ás vezes a ser tomada como natural daquella região, tal a sua identificação com ella.

Durante as suas aventuras, tomava nota de aspectos e de costumes, escrevia as suas impressões de momento e por fim publicou o seu livro curioso e bizarro *Paginas de Islam*, onde a sua alma slava mostra como tomou pé no seio da civilisação mahometana.

A Amazona do Deserto, por fim, casou com um musulmano, um Spahi. Mais tarde, expulsa da Argelia por se ter mettido em aventuras complicadas, viveu em Marselha como carregador, quasi na miseria.

Obteve, por fim, licença para voltar á Argelia, internando-se no sul, onde pereceu numa innundação, procurando salvar a vida do seu marido.

A existencia livre e accidentada dessa amazona do Sahara recorda a vida aventurosa da afamada virago Dona Catalina de Erauso, a Monja Alferes da Hespanha — senhora da America.

**Matadores** Durante a sua vida, Bocage não fez outra cousa senão rimar epigrammas aos medicos. Jamais houve classe de matadores legaes mais perseguida pelo poeta ferino do que a dos sectarios de Hippocrates e dos adoradores de Esculapio.

Imagino o que não escreveria ou diria o Elmano divino se conhecera outra classe de matadores licenciados pelos poderes publicos, peior do que a primeira: a dos conductores de automoveis, a quem a vertigem da velocidade parece ter tirado do coração todo e qualquer sentimento de piedade pelas dôres alheias.

Outro dia, um funccionario policial disse-me que o Rio de Janeiro possuia para mais de quatro mil *chauffeurs* ou *cinesiphoros*, segundo dizia um saudoso engenheiro. Mais tarde, encontrei o Dr. Bulhões Carvalho, digno e sympathico director da Estatistica, que me affirmou ter a população carioca duplicado quasi nestes ultimos vinte annos.

Fiquei assombrado e silencioso. Com os meus botões estive a duvidar: com quatro mil motoristas e outros tantos medicos mais ou menos, será possivel?!

**Uma ou outra** Ia com Claudio França pelo Flamengo em fóra. A tarde era de lilaz e ouro, no; céo de esmeralda liquida, no mar, e de côres irisadas, sobre a face da terra. Um effluvio dormente e perfumado se desprendia dos jardins. E o silencio daquelle trecho de praia quasi deserto impellia a alma a uma dôce meditação.

De repente, duma esquina, caminhando em sentido contrario ao nosso, surgiram dois elegantes vultos de mulher. Passaram junto de nós, ligeiramente. Uma era loura e linda a outra, linda e morena. E Claudio olhou-as ambas com a mesma expressão de encanto e de desejo.

Perguntei-lhe:

— Qual das duas preferirias, se tivesses de escolher?

Elle não me respondeu. Continuou a caminhar. Depois, trauteou entre dentes uma aria do *Rigoletto*:

« Questa o quella per me pari sono . . . »

**Bizarrias** Assistira a uma pequena comedia nacional num theatrinho da Avenida e dalli sahira um tanto impressionado com o tic nervoso dum dos personagens, achando aquillo fôsse um tanto exaggerado.

Fui, depois, a uma reunião num club elegante e fiquei a fumar, numa poltrona, apreciando minuciosamente os homens e mulheres que alli se encontravam. E notei que os tics são menos raros do que se pensa, porque varios individuos os mostravam a cada passo.

Então, afundando entre almofadas, o charuto esquecido ao canto dos labios, comecei lentamente a sorrir, pensando nos traços caricaturaes de certos individuos, contados pelo convencional Jacques Carlos Bailleul no seu livro *Almanach des bizarreries humaines*, editado em Paris, por Jonaust.

**O amor não procurado** Ha dias um de meus amigos profundamente se queixou de ser amado por mulheres a quem nunca déra a menor esperança, muitas vezes nem mesmo um olhar. No emtanto, ellas o procuravam na rua e nas reuniões, lhe telephonavam, lhe escreviam, lhe vinham fallar pessoalmente na rua, confundindo-o, embaraçando-o. Era delicado e supportava aquillo; porém um dia, estava certo, perderia a paciencia e mandal-as ia ao inferno.

Depois que o amigo vastamente se lastimara dessas amolações femininas e partio, fiquei a pensar que tinha toda a razão, porque eu estava de accordo com a opinião de Rudyard Kipling, exarada num dos seus preciosos livros: « o amor que se não procurou é um presente terrivel. »

E é mesmo.

"Fon-Fon" - 27 agosto 1921

**Denominações urbanas**

Uma feita, em Paris, andando pela margem esquerda do Sena, encontrei mais ou menos para o lado do cáes da Tournelle uma rua estreita e retorcida que se chamava *Rue du Chat qui pêche*. De outra feita, achei em Bruxellas, para as bandas da praça do Hotel de Ville uma rua de nome indecentissimo. E, como na minha meninice conhecera em Fortaleza as ruas do Rabo da Bêsta e da Cachorra Magra, fiquei desde então certo de que esses appellidos urbanos exoticos, bizarros e feios são proprios de todas as cidades do mundo.

São, ademais, tão proprios das cidades de hoje como das do passado. As mais celebres não escaparam a essas alcunhas populares, que o uso tornou municipaes. Encontro na obra classica de Sextus Rufus sobre as regiões de Roma, na zona do Esquilino e do Viminal, esta indicação — «Vicus Ursi Pileati»! De *vicus* veio o nosso bêcco, porém ahi a accepção é mais de quarteirão — Quarteirão do Urso de Chapéu. E' bôa!

"A Patria" 29 agosto 1921

**HISTORIAS DE CABOCLO NO TRIANON**

Na terça-feira realiza-se no Trianon a palestra literaria do escritor Gustavo Barroso (João do Norte). O assumpto é sobre "Historias de caboclos". João do Norte é um grande conhecedor da vida sertaneja. Facil é avaliar o interesse que deve estar despertando a sua palestra.

# MARQUEZ DE PARANAGUÁ

**1821 —**

Um anno e dezesete dias antes de proclamada por D. Pedro I á margem do Ypiranga a independencia do Brasil, nasceu no dia 21 de Agosto, na então ovincia do Piauhy, aqueile que seria dos vultos eminentes da historia politica da nação brasileira. Faz, assim, agora um seculo que vio a luz do dia nesta terra gloriosa João Lustosa da Cunha, visconde e depois marquez de Paranaguá. Foram seus paes o coronel José da Cunha Lustosa e D. Ignacia Antonia dos Reis Lustosa.

Essa interessante e nobre individualidade viveu com a nação recem-nascida, assistindo ao seu desenvolvimento, á infancia do primeiro reinado, á adolescencia do segundo e á maturidade da Republica. que acompanhou durante vinte e dois annos.

Começou sua vida publica na Bahia, quando estudante, aos dezenove annos de idade, partindo para a guerra da Balaiada, no Maranhão, como voluntario. Formou se em direito, depois desse baptismo de fogo, em 1846, na faculdade do Recife.

Fez a carreira paciente de todos os homens publicos do Imperio, a carreira que formou os vultos principaes da nossa passada organização monarchica, na qual o arrivismo era desconhecido. Foi delegado de policia, juiz municipal, juiz de direito, chefe de policia, deputado, nas provincias; chefe de policia e juiz na capital do Imperio, desembargador, Presidente do Maranhão, de Pernambuco e da Bahia; deputado

O Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, Marquez de Paranaguá.

geral, senador, ministro da Justiça, da Guerra, da Marinha, das Relações Exieriores, Presidente do Conselho, che-

A casa da Baroneza de Loreto, filha do Marquez de Paranaguá, e antiga residencia da familia Paranaguá, no Rio.

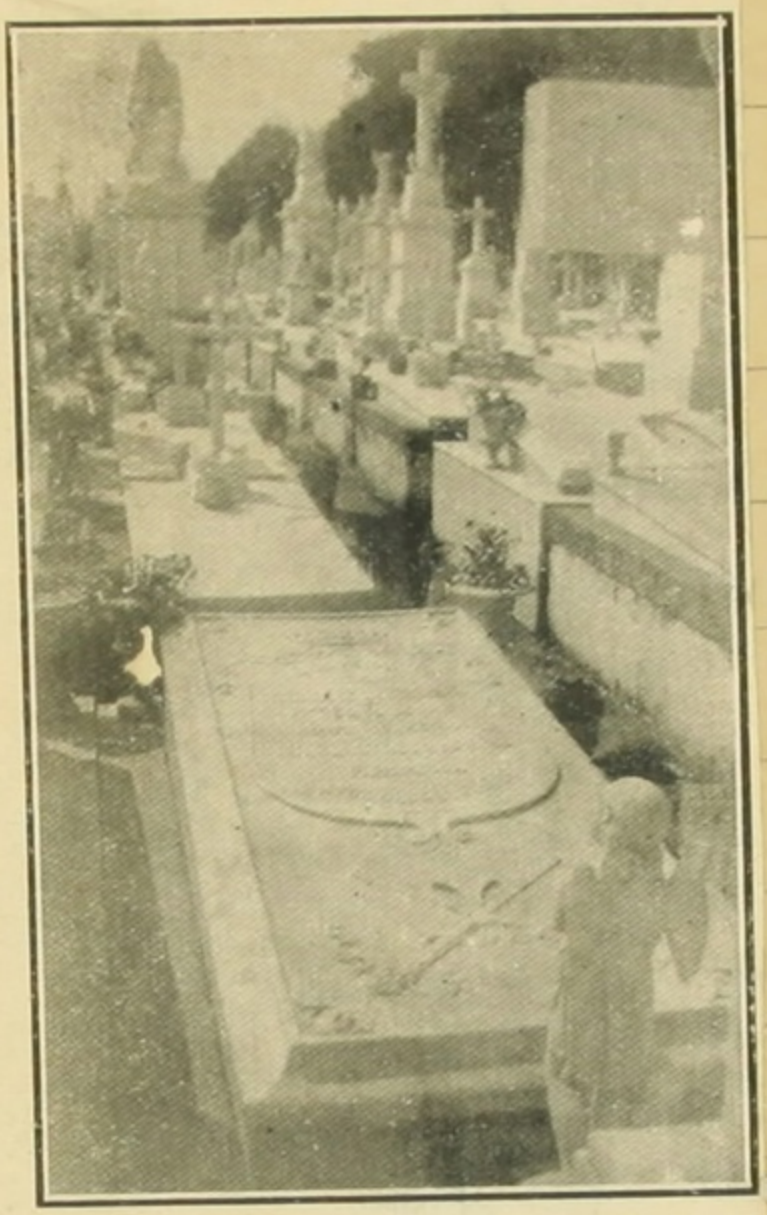
142

"O Jornal" 26 agosto 1921

## 1921 (21 de Agosto)

gando por fim á mais alta aspiração dos estadistas do regimen, ao Conselho de Estado.

Quando o Imperio cahio em 1889, o venerando brasileiro recolheu-se á vida privada, encerrando a sua grande carreira politica, fechando o cyclo luminoso das suas honrosas e laboriosas funcções publicas. Entretanto, a sua actividade pessoal não parou, continuou alerta e forte na Sociedade de



O tumulo da familia Paranaguá no cemiterio de S. João Baptista.

Geographia, de que foi presidente, no Instituto Historico e na Commissão Commemorativa do 4° centenario do Descobrimento do Brasil, de que foi um dos membros mais enthusiastas.

Sempre e por toda a parte se manteve o mesmo homem activo e moderado, cortez e prestativo, conscienciosо e tolerante, conciliador e sobretudo profundamente leal e honesto. Fiel e modelar servidor da Patria e da Monarchia, de cujo chefe foi amigo pessoal, sem disso fazer alarde, o venerando Marquez fechou os olhos no seu lar ha alguns annos já, cercado do amor dos seus e conscio de ter merecido a admiração e a estima profunda da nação inteira. Esta sentio a sua morte como a de um grande, inesquecivel filho.

# Um artigo do "O Jornal" e a colonia polona do Rio

O nosso collaborador dr. Gustavo Barroso (João do Norte), recebeu da Sociedade "Polonia", desta capital, a proposito do seu artigo publicado nesta folha sobre a celebre batalha de Grunwald, seguinte carta:

"Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1921. —Exmo. sr .dr Gustavo Barroso (João do Norte) — Interpretando os sentimentos de que se acham possuidos os associados desta Sociedade, membros representativos da colonia polona desta capital e em obediencia á resolução tomada por unanimidade de votos em assembléa geral, realizada a 14 do corrente, cabe-nos a insigne honra de transmittir-vos cordeaes saudações e os mais vivos agradecimentos pelos sympathicos conceitos externados acerca da sua estremecida patria no brilhante artigo de vossa lavra, dado á estampa n'O JORNAL de 4 do corrente, no qual, com superior criterio, apreciaes a memoravel batalha de Grunwald, um dos feitos das armas polonas, que fez recuar de varios seculos a barbaria prussiana, dominada em nossos dias pela não menos memoravel batalha do Marne.

Com os protestos da nossa mais distincta consideração e do nosso mais elevado apreço subscrevemo-nos admiradores e att. crs. obrs. — pela Sociedade "Polonia" — João Nirynski, presidente; Estanisláo Leszczinsky, 1° secretario".

"A Patria" (Socias)
27 agosto 1921

CONFERENCIAS

### Historia de caboclos

O Gustavo Barroso, o brilhante João do Norte realizará na proxima terça-feira no Trianon, ás 4 horas da tarde, uma interessantissima conferencia sobre o thema "Historia de caboclos". Gustavo Barroso que é um estudioso das nossas coisas sertanejas dirá certamente coisas de grande interesse sobre os nossos caboclos.

Elle os conhece bem não só porque conviveu com elles como porque ha muito se tem dedicado a estudal-os.

Junte-se a tudo isto o brilho do seu estylo e da sua palavra e teremos que a conferencia do victorioso autor da "Ronda dos Seculos" será para toda a gente uma hora encantadora de inneavel prazer intellectual.

143 "O Jornal" — 24 Setembro 1921

# OS GREGOS NA ASIA MENOR

A historia do Hellenismo abraça dois vastos periodos differentes e em cada um delles, sob o imperio das circumstancias historicas, se apresenta de duas maneiras. A sua primeira época vae do inicio das civilizações doricas e ionicas á morte das nações saidas do imperio colossal de Alexandre sob as patas da loba romana. Nella, em primeiro logar, o hellenismo é independente de qualquer influencia estranha e chega ao apogeu da sua luminosidade na fragmentação politica da Grecia antiga. Alastra pelo mundo, hellenisando a Asia Menor, o Delta egypcio, varios pontos das margens do Mediterraneo, a Iberia, a Trinacria, a Grande Grecia.

Depois, bruxoleia, vae apagar-se nas lutas do Peloponeso. O braço forte do filho de Philippe vindo da Macedonia apanha-o como um archote e leva-o pela face semi-barbara da Asia e da Lybia, do oasis do Ammon á India, da Phenicia á Sogdiana, esgotando a sua luz á força de com ella clarear almas de povos. Uma capital espiritual e não politica domina toda essa edade vasta e admiravel: Athenas.

O segundo periodo abrange os seculos que medeiam entre a quéda do Imperio do Occidente e os dias de hoje. Nesse longo espaço de tempo, a cultura nascida na Hellade se tornou o hellenismo — bysantino e se apresentou em duas phases distinctas. Uma vem do quarto seculo da éra christã ao decimo quinto. São onze centenarios em que o genio de Bysancio rutila e refulge, illuminando o mundo. A cidade do Bosphoro, a rival de Roma, succede a Athenas no governo espiritual da humanidade. A outra comprehende os tristes annos decorridos entre a quéda de Constantinopla e os nossos dias, na qual o hellenismo é a synthese das tradições e das aspirações dos povos gregos, quer daquelles libertados após Navarino e após a guerra balkanica, quer daquelles que infelizmente ainda estejam sob o dominio do estrangeiro.

A irradiação do Hellenismo, quando Bysancio substituira Athenas, se fez mais para os lados do Oriente do que para os do Occidente, especialmente depois do schisma religioso que creou á capital dos Basileis a inimizade formidavel do Papado.

E' nessa edade famosa, que seduziu os espiritos de Diehl, de Marrast, de Lombard e de Schlumberger, que o hellenismo, ora levado pelas armas, ora pela palavra, conquista quasi toda a Asia Menor, onde suas raizes já ha muitos seculos se enfiavam, desde as colonias da Ionia até Alexandre, desde mais longe ainda, da guerra de Troya ou dos Argonautas.

A Asia Menor é, então, a fortaleza do hellenismo-bysantino. Os seus "themas" têm á sua frente, porque o perigo persa é premente, os melhores Stratigos, os mais notaveis Grandes Domesticos das Scholas; têm á sua frente, por causa do pullular das heresias, das seitas rivaes, os mais eminentes episcopos e higuménes; as suas escolas possuem os mais subtis e instruidos doutrinadores. Eram profundas as raizes do hellenismo na Asia Menor. Cornelio Nepos, na historia de Milciades, nos diz que grande numero dos seus povos, quando da invasão de Dario, já falavam a lingua grega — "Graeca lingua loquentes". Essa Asia Menor, continental ou insular, toda grecisada, produzira em todas as épocas do hellenismo, quer nas de fulgôr, quer nas de deliquescencia, os mais claros espiritos do universo. Esopo era da Phrygia; Herodoto, da Caria; Zenon, da Eléa; Thales, de Mileto; os dois Xenophontes, de Antiochia e de Epheso; Pythagoras, de Samos; Luciano, de Samosata; e a maior gloria do Christianismo foi um espirito greco-asiatico — Paulo de Tharso, na Cilicia.

Durante o predominio de Bysancio, toda a Asia Menor foi positivamente grega, um perimetro limitado pelo mar e por uma linha que seguiu-se de Trebizonda a Issus, onde Alexandre se bateu, — diagonal immensa! E' toda a região em que hoje se enquadram os "vilayets" ou provincias ottomanas de Trebizonda, Sevastia, Kastamoni, Ismid, que é a velha Nicomedia, Brussa, Aidin, que é Smyrna, uma das patrias que disputaram Homero, Angora, Iconia, Cilicia, Cesaréa de Cappadocia.

Além desses sonoros nomes hellenicos, gloriosamente mantidos durante cinco seculos de oppressão feroz, dezenas de outros nos mostram quanto no fundo tudo aquillo pertence á cultura grega.

A cada passo, elles apparecem, ás vezes mal disfarçados por uma barbara alcunha turca como Eskisseir em logar de Doriléa ou Kiutaia ao invés de Cotyæon.

Qual a raça de conquistadores que alastrou sobre essas terras e pretende que sejam suas, sem a ellas ter direito algum, quando as hordas de Dario e de Xerxes não puderam suffocar os que ali falavam grego — "Graeca lingua loquentes"? Foi um grupo de 300 familias emigradas do Turkestan, chefiadas por Hertogrul, pae de Osman, que obteve permissão do Imperio Bysantino enfraquecido para installar-se no territorio nacional. Vinha no pizo dos Seldjukides, que haviam destruido a Armenia, arrazado a magnifica, a esplendente Ani, capital dos reis Pagratides, e fundado o sultanato de Iconium. Engrossaram esses osmanlis numerosos renegados christãos, e logo elles iniciaram a formação da milicia terrivel que seria um dia a melhor tropa do mundo. Foi ella o corpo dos Janizaros. Os turcos roubavam primeiro, depois, tomavam á força ás familias gregas as crianças de cinco a onze annos, educavam-n'as rudemente nas casernas, sem que soubessem sua origem, respeitando sómente o sultão como pae. Aos vinte annos, esses meninos eram impiedosos soldados. Além de combaterem os christãos com os seus proprios filhos, os turcos ceifavam assim todos os annos a flôr das gerações futuras, afogando o hellenismo. Entretanto, em cinco seculos destas e outras ferocidades não o puderam supplantar. Essa crueldade, que se chama "pedhomazoma", tomada das crianças, apanha, colheita ou rapto das crianças, foi a tortura physica e moral maior a que até hoje se tem submettido injustamente um povo christão.

Crescidos e fortes dentro da monarchia bysantina decadente, os turcos lançaram os seus cobiçosos olhos para a cidade ungida por Deus, que todos os barbaros desejavam no fundo dos desertos ardentes e na vastidão branca das esteppas geladas ou no recesso humido das florestas virgens e na aspereza selvatica das montanhas. Foram contra a metropole sagrada do hellenismo, que a covardia interesseira da Europa abandonára ás suas proprias forças e que sómente Veneza ridiculamente soccorrera. Apoderaram-se de Andrinopla, e o abutre do brazão dos osmanlis almejou cevar-se nos destroços da grande capital.

Os emissarios do sultão procuraram o ultimo Constantino no seu palacio tradicional de Blachernes e exigiram a entrega da cidade. No meio da decadencia do Imperio, o Paleologo fôra uma figura de eleição. Respondera calmo e sem esmorecimento, conscio das responsabilidades que lhe pesavam sobre os hombros:

— "Ouk emon esti didona sœ tin polin!" (Não está no meu poder entregar a cidade!)

E dessas ultimas palavras "sœ tin polin," o turço admirado fez o nome de Stambul, dado á Bysancio do Paleologo, á Constantinopla do Pogonate.

Nas vesperas do ataque geral, conta emocionadamente o chronista Fratzis, dignitario da côrte, testemunha ocular dos factos, o Basileu fez um longo, energico e sereno discurso aos seus officiaes, no qual lhes pediu que resistissem corajosamente a todos os esforços dos infieis. Entregara-lhes a esplendida e famosa cidade, a cidade rainha das cidades, rogando-lhes preferissem a morte a vel-a cair, estando elles vivos, no poder do inimigo por quatro razões: pela fé, pela patria, pelo soberano e pela familia! Lembrou-lhes que arriscavam na luta mais que a vida — a liberdade! Que todos imitassem os elephantes de Carthago, que inspiravam terror aos romanos, apavorando pela sua bravura os inimigos! Que os destruissem de todas as formas e com todas as armas, com vara de porcos selvagens, afim de que elles vissem que combatiam contra os seus senhores, contra os descendentes dos gregos e dos romanos!

Nesse discurso, o Basileu heroico, não esqueceu de proclamar bem alto o caracter hellenico do imperio. Resumiu em alguns periodos as epopéas do passado nacional. Apostrophou os tartaros: "Vêm de boccas abertas devorar a Cidade, Esperança e Alegria de todos os hellenos!" E terminou, proclamando, com a certeza da quéda do Imperio, a certeza maior da sua reconquista: "Irmãos e amigos, lembrai-vos que temos de entregar á Eternidade a memoria de nossa liberdade e da nossa gloria. Se o destino não nos quizer salvar, deixemos aos nossos descendentes a viva lembrança da nossa bravura, da nossa virtude, para que possam guardar durante a sua "temporaria escravidão" a fé dos seus paes e o respeito das glorias antigas!

Ao outro dia, o Imperador morria, combatendo como um valente, e o Imperio perecia.

Mas logo os poetas, que eram a voz prophetica do povo, embora sob a sujeição turca, faziam os seus versos inspirados, apostrophando os poderes celestes, que tinham permittido a tomada da capital maravilhosa, lamentando que Nossa Senhora, sua padroeira, a tivesse abandonado e affirmando: "mas, Panaghia, estes logares um dia serão de novo teus!"

Não só na Grecia Continental, desde os duros dias da conquista até o raiar da liberdade, no começo do ultimo seculo, as populações guardaram a fé ardente, na "Anastasis". Conservaram-na as populações mais infelizes, mais po[illegible]das da Asia

145

Menor, onde o fogo sagrado do hellenismo se não apagou, máo grado todos os constantes esforços dos dominadores.

Após cinco seculos de escravidão, quando a Turquia teve constituição e Congresso Legislativo, a administração ottomana, embora fazendo esforços para negar os factos e afastando-se muito da verdade, reconheceu que na Asia Menor havia 2.600.000 gregos e que estes tinham o direito de elegér 26 deputados! Ora, numa região em que os turcos dizem ter quatro milhões a somma é verdadeiramente notavel. Ademais, é preciso saber-se que a população chamada turca é hoje, como a lingua chamada turca: uma salada de gente ou de palavras das mais diversas origens. Desses quatro milhões se devem descontar em primeiro logar os Kryptostavrioti de Angora, os Krypto-christãos, isto é, os christãos secretos, gente de origem grega que a oppressão obrigou a ser musulmana, que pratica essa religião publicamente e ás occultas mantem o culto, os costumes e as tradições hellenicas. Depois, os Yarutes, inimigos ligados dos turcos; os numerosos Kizilbosch, de que os ottomanos zombam, e que são os Erythinios de Herodoto; os Dhrygo-gregos, os Phygopelasgicos, de ascendencia antiga como os Amazonos, na região do antigo Thermodonte, onde a fabula localizou as Amazonas, os Ophites, os Pisidios, os Cappadocios e outros ainda.

Jámais os hellenos, quer na Thracia, quer na Achaia, quer nas Ilhas, em Bysancio, na Anatolia ou na Cappadocia, compactuaram um momento com o oppressor. Não houve, nos cinco seculos da fixidez da conquista, um momento de fraqueza da raça grega nesse sentido. Cederam tão sómente á força maior. E os turcos sempre tiveram a consciencia de que a alma nacional velava.

Dahi os seus protestos perante as potencias, quando o primeiro soberano grego tomou o titulo de Rei dos Hellenos, o que officialmente o fazia tornar-se o guia do hellenismo sepultado, porém não morto. Por isso, o governo da Porta sempre exigiu para um accordo seguro entre a Turquia e a Grecia que o rei desta ultima imitasse Constantinopla, reconhecendo assim tacitamente a legitimidade da occupação. Mas nunca um basileu cedeu a esse desejo.

A linha das forças gregas, que agora operam contra os turcos na Asia Menor, já vae além de Kandra, occupando dois terços da antiga Bithynia, onde Petronio foi prefeito, desde até Ada-Bazar e Eskissehir, prosegue até Afium-Karahissar, e vae morrer em Aidin. As victorias dos soldados achaios continuam e, se as potencias se mantiverem neutras deante da luta, desta vez, certamente, o hellenismo moderno reconquistará gloriosamente a sua metropole, essa sagrada e luminosa Bysancio, onde, apesar do funccionalismo publico e das tropas, em um milhão de habitantes, dos quaes mais de cem mil estrangeiros, ainda vivem quatrocentos mil gregos!

Que importa a quem encara a historia dum elevado ponto de vista, observando as suas repetições extraordinarias, as questões politicas de ordem interna da Grecia actual, o que domina o curioso e formidavel scenario é a questão vital do hellenismo, é a volta gloriosa á Cidade das Cidades daquelles a quem ella sempre pertenceu, cujos avós a fizeram gloriosa e que, affirma a Lenda, mais poderosa ás vezes do que a Historia, edificada por um Constantino, perdida por um Constantino, será recuperada por outro Constantino!

**João do NORTE.**

"Jornal do Brasil"
21 - Sete - 1921

— Para ouvir a palavra fluente e imaginosa de João do Norte (Gustavo Barroso) accorreu á Associação Christã de Moços, hontem, uma assistencia selecta e vultuosa.

Além de outras pessoas de alto destaque social, alli estiveram os Srs. Ministros do Uruguay e do Paraguay; o Dr. Lourenço de Mattos Rosas, official de gabinete da Legação Tcheco-slovaca, representando o Sr. Ministro desta Republica; illustres homens de letras, senadores, deputados e muitas senhoras da "élite" carioca.

A mesa da sessão foi presidida pelo Sr. Dr. Joaquim Rocha, da directoria da Associação Christã de Moços, tendo ao seu lado os Srs. Drs. Elysio de Carvalho, Carlos Malheiro Dias e Odilon Moraes.

Este, em discurso breve e eloquente, apresentou o conferente ao auditorio, que o recebeu sob palmas profusas.

O Dr. Gustavo Barroso discorreu, proficiente e brilhantemente, sobre o thema da sua conferencia — prendendo a attenção da assistencia, que muito o applaudiu.

Novas palmas écoaram, prolongadas, no final da allocução, poetica e suave.

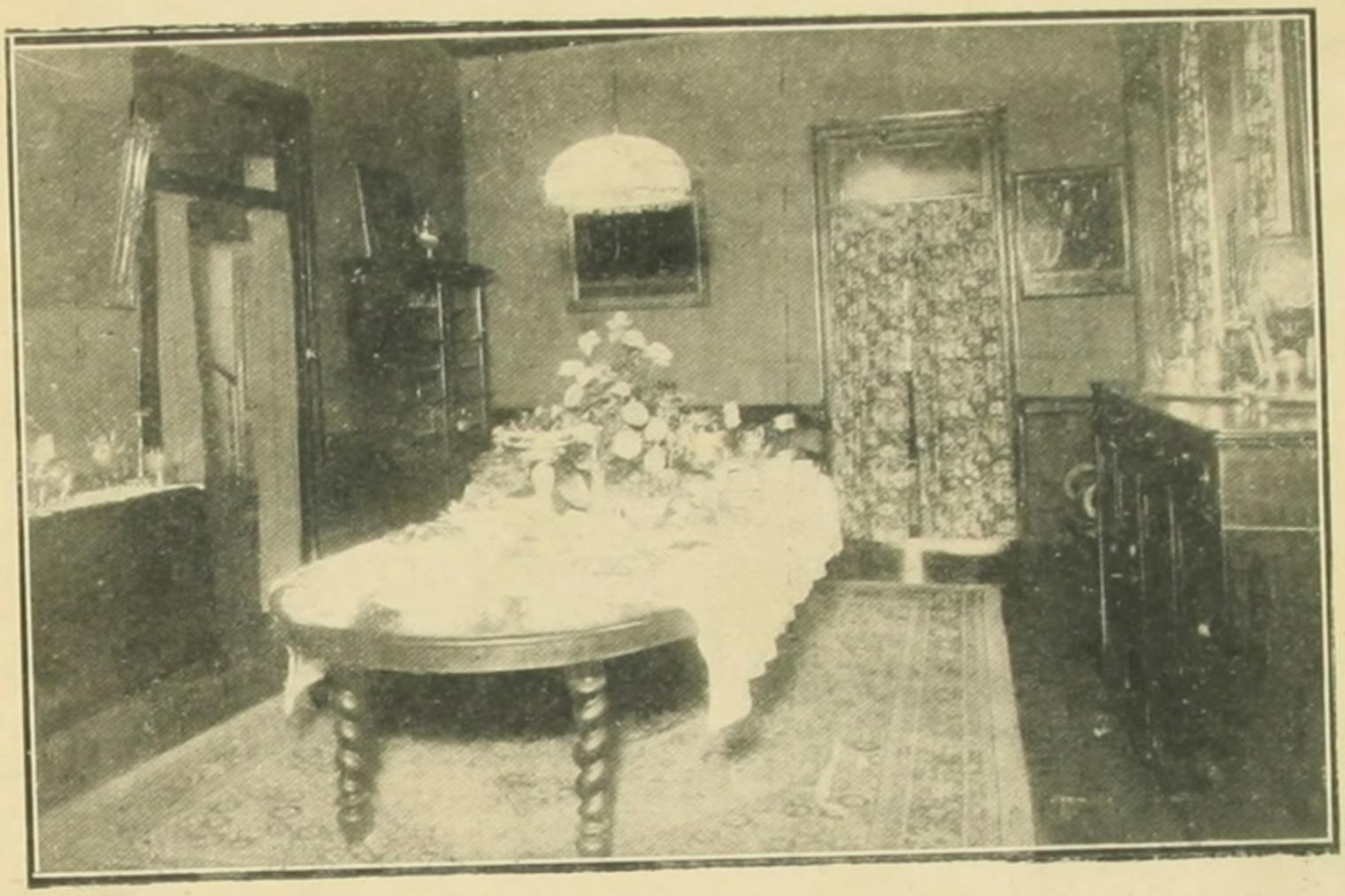
Em nome da A. C. M., o Dr. Odilon Moraes agradeceu o comparecimento dos illustres cavalheiros e distinctas senhoras.

146

"Fon-Fon" - 27 agosto 1921

# A Legação da Noruega

Publicando na nossa capa e nesta primeira pagina algumas vistas do lindo e curioso palacete em que se acha installada nesta capital a legação do reino da Noruega, bem como o retrato do seu representante diplomatico, o illustre e sympathico Sr. Ministro Herman Gade, temos o prazer de prestar uma discreta e sincera homenagem a um paiz amigo, cuja historia limpa de fraudes e cheia de bellos actos o põe moralmente no nivel dos maiores do mundo.



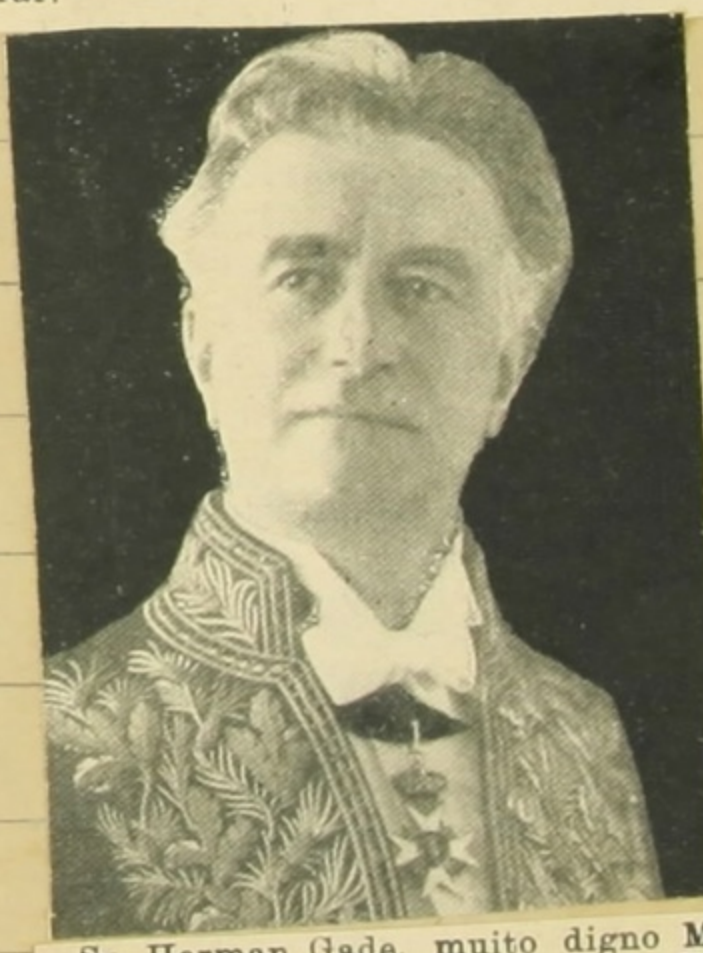
Sala de janrar.

A Noruega é o paiz das *sagas*, dos velhos poemas runicos e póde dizer-se que a sua historia começa por uma *saga*, a dos Yngling, que narra as façanhas da familia desse nome, dominadora do Vestford, nos arredores de Christiania, onde se iniciou a unificação nacional sob o sceptro dum soberano unico, ultimada por Harold Harfagre, conquistador das ilhas Orcadas e Shetland. Depois das lutas pela successão desse poderoso chefe, a unidade da nação foi restabelecida por Olavo o Santo, morto o qual vieram as guerras contra Canuto o Grande da Dinamarca, e por fim Olavo Magno o Bom, que definitivamente alicerçou a soberania noruegueza. Desde esses velhos tempos, os homens do Norte, os Normandos della sahiam, indo devassar mares, conquistar terras e dominar povos, desde o golfo da Finlandia ao Norte da França, desde a Sicilia a Bysancio. Mesmo um dos seus reis Harold Hardrade morre tentando a conquista da Inglaterra, outro perece na Escocia, combatendo; foi Olavo Kyrre; e um terceiro, Sigurd, vae até á Terra Santa, numa cruzada.

Durante o reinado dos descendentes de Haakonson o paiz mais se alevanta. E até Haakon Magnusson a Noruega se apodera da Islandia, da Groenlandia, do Vinland, que era a America Septentrional. Depois, empobrece e decáe, chegando por fim a reunir-se á Dinamarca, passando após, quando Bernardotte reinou na Suecia a formar um reino unido com esta.

Mas a sua prosperidade material e a sua cultura, das maiores do mundo moderno, pacificamente lhe deram nestes ultimos annos o direito de voltar a formar um paiz soberano como outróra, sob o sceptro dum novo Haakon.

A representação dessa nação eminente, patria dos grandes poetas Randers,



Sr. Herman Gade, muito digno Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario da Noruega no Brasil.

leira, verdadeiramente encantador. Quem penetra na legação norueguesa tem a impressão de entrar numa vivenda senhorial de nossos avós, vendo-se no meio dos velhos moveis de jacarandá entalhado, poltronas, commodas, oratorios, mesas de pés de garra, além das velhas porcelanas de

Um dos salões de recepção, vendo-se ao fundo o ministro Gade.

Bjerregaard, dos grandes prosadores Kanut Hamsum e Wergeland, dos grandes pintores Hans Gude, Morten Muller, Munthe, Arbo, Heyerdahl, acha-se installada no Rio de Janeiro num ambiente de arte colonial brasi- Bourg-la-Reine, das faianças de Macáu, dos objectos de prata portugueza, de tudo quanto demonstra bom gosto e amor ao passado.

**J. N.**

***Mal de muitos...*** Todas as pessôas de bom gosto vivem se queixando da falta de architectos no Rio de Janeiro, onde as fachadas horriveis concebidas pelos Mestres de Obra dominam os aspectos urbanos desta cidade admiravel.

Têm, não ha a menor duvida, razão de sobra nessa queixa; porém é preciso não esquecer que quasi todas as cidades do mundo tambem passaram por esse triste periodo, mesmo aquellas que possúem uma physionomia verdadeiramente original e notavel.

Todos nós sabemos que uma das mais interessantes cidades européas é Praga, capital da Tcheco Slovaquia, antiga, curiosa, original, historica e bella. A sua face barrôca, sumptuosa e admiravel, foi estudada poderosamente pelo professor Arno Novak, no seu livro «Prague Baroque». No emtanto, Antonio Matejcek e Zdenek Wirth na sua obra «Arte Tchéque Contemporanea» affirmam que durante certa época. infelizmente, Praga esteve entregue aos Mestres de Obra.

Mal de muitos consolo é...

***Villegaignon*** Quando da minha janella olho as aguas azues da bahia, que nós chamamos Guanabara e os antigos chronistas francezes denominavam Ganabara, não posso deixar de recordar o vulto de Villegaignon, e meus olhos pousam logo sobre a ilha que guarda no nome a sua lembrança. Então, vou a uma das minhas estantes, tiro e abro a «Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil» de Jean de Léry e leio ao acaso um paragrapho:

«L'an 1555 un nommé Villegaignon. chevalier de Malte, autrement de l'ordre qu'on appelle de Saint Jean de Jerusalem...»

Depois, a continuação:

«Arrivé qu'il y fut, il descendit, et se pensa premierement loger sur un rocher à l'embouchure d'un bras de mer, et rivière d'eau salée, nommé par les sauvages Ganabara...»

Meus olhos se prendem á Lage, tartaruga de cimento armado paralysada sobre as aguas, e meu espirito se perde a imaginar a paysagem, «quando o Brasil amanhecia...»

A MODA

***Arcadia-Slava*** — Qual é? — perguntarão os leitores — o paiz digno do titulo acima.

Nós lhes responderemos com a maior franqueza que é simplesmente uma parte da actual nação Tcheco-Slocava: a Moravia.

Foi nessa região interessante da Europa Central, paiz duma tradição popular guardada intacta através dos centenarios, onde não se sabe o que seja mais pinturesco se os costumes do povo, se os seus trajes tradicionaes, em que o grande artista Tcheque José Manes foi inspirar-se, lá pintando alguns dos seus mais bellos quadros.

A Arcadia Slava embriagou esse grande pintor. A robustez physica do camponez moravio, a belleza do seu typo, a patriarchalidade de seus habitos, a innocencia da sua vida simples, tudo isso fez com que Manes, cujo genio era, no emtanto, universal, ficasse apaixonado por essa provincia do seu paiz, Arcadia-Slava, cuja historia se perde nas mais antigas tradições medievaes.

148

"Fon-Fon" 27 agsto 1921

## Os dentes do dragão

Contam velhas lendas classicas que Cadmus o civilisador, tendo morto um horrivel dragão, semeou os seus dentes na terra. Desses dentes nascêram homens armados que se mataram uns aos outros, sómente delles escapando um reduzido numero que ajudou ao vencedor do monstro na construcção da cidade de Thebas.

Nas dobras da leve tunica vermelha deste conto antigo se esconde uma profunda philosophia. Todos nós, quando lançamos os nossos olhos sobre as acções dos homoes á face da terra, observando-os constantemente a lutar, ficamos profundamente desolados. Agora, por exemplo, acabam de sahir da maior guerra da historia, dum inferno de cinco annos, e ainda lutam na Silesia, na Moscovia, na Asia Menor, em Marrocos, na Persia, na Siberia.

Esse triste espectaculo nos affirma que todos os homens nascêram dos dentes dos dragões, porque trazem ainda na alma a mesma ferocidade venenosa dos monstros lendarios

## O poder

Outro dia, ouvi por acaso a conversa de alguns homens politicos no saguão dum hotel, onde fôra visitar um amigo. Ouvi-os commentar a proxima successão presidencial, a propaganda dos dissidentes, a candidatura mineira e *tutti quanti*. Depois, fui embora e, caminhando pelo silencio da noite ruas afóra, fui colligindo as minhas observações sobre aquelles bipedes. Então, senti perfeitamente que todos elles tinham a ambição, a febre do poder, a doença que mais desassocega os homens e a illusão maior que céga os homens — porque, em verdade, o poder não pode o que pensa poder!

E fui dormir tranquillamente, beatificamente, envolto na paz da minha philosophia, que me ensina a encarar o poder como a maior das adversidades.

## A bondade dos máus

Quando me dizem que um individuo é positivamente máu ou quando pela minha propria experiencia chego á conclusão de que elle é verdadeiramente dotado de pessimos sentimentos, procuro, embora fazendo um esforço, encontrar na sua alma uma faceta bôa. E, folgo em confessal-o, sempre a encontro.

Quem me ensinou a agir assim, o que me consola muito o espirito, foi a leitura acurada dos philosophos. Aprendi com os néo platonicos, especialmente com Psellos, o grande philosopho grego da Bysancio do XI seculo, que não existe o mal absoluto, porque elle é relativo. Isso já estava nas obras de Proclos, o qual achava que na peor das creaturas sempre existia um pouco de bondade. E a doutrina de Proclos eu encontrára já em Plotino, que a desenvolvera nas considerações dos seus vastos Commentarios sobre o *Timeu* de Platão.

## Injustiça

Um destes dias encontrei na rua um guarda-civil que levava brutalmente pelo braço um menino de mais ou menos quatorze annos, vendedor de bilhetes de loteria, que tinha praticado um pequeno delicto qualquer. O garoto chorava de cortar coração, clamando que o não puzessem na cadeia, que nada tinha feito para merecer aquelle rigor policial. E o guarda impassivel o conduzia aos puxões.

Attentei bem para a cara do representante da lei e verifiquei que a sua physionomia não me era estranha. Fiz um pequeno esforço de memoria e cheguei á conclusão de que elle era o mesmo, que, ha uns quinze dias, eu vira na esquina do «O Paiz» prender um *chauffeur* musculoso, acceitar com este uma inacabavel e deprimente discussão, durante a qual o outro lhe dissera muitos desafôros, só o levando para a delegacia depois do auxilio dalguns soldados de policia, assim mesmo assumindo aspecto humilde Agora, no emtanto por qualquer tolice levava daquelle duro geito o pobre rapazote.

Injustiça!

## A Novella Pernambucana

O exemplo sul-americano da interessante publicação argentina *Novela Semanal* tem brilhantemente fructificado no Brasil. Reallsou o mesmo tentamen, com exito, a empreza de publicação paulista de Olegario Ribeiro. Agora, tenta a mesma coisa um editor do Recife, o Sr. Evaristo Maia, que certamente será victorioso.

A sua segunda novella já está sob nossos olhos. E' uma producção encantadora de Mario Sette, escriptor já consagrado, que não precisa mais de elogio.

O titulo da serie de novellas pernambucanas é Cinematographo e a narração de Mario Sette chama-se *Outros olhos*... Nella perpassa em estylo leve, dosado de subtis observações, a vida provinciana.

A primeira novella editada por Evaristo Maia foi *A mulher do proximo* de Lucilo Varejão.

## O Pão de Assucar

O Destino, superior a todos os Deuses, determinou na sua alta e inilludivel sapiencia que aquelle grande e rude, bizarro e escuro rochedo postado á entrada da Bahia de Guanabara, não poderia e não deveria ter outras alcunhas senão as de cousas comestiveis.

Os portuguezes empurraram-lhe o nome que ainda hoje guarda: Pão de Assucar. E foi felicidade para nós, porque os francezes que aqui estiveram com Villegaignon lhes deram um nome peor: *Pot de Beurre!*

Felizmente, este não prevaleceu. Era horroroso. Mas elle prova como o Destino entendeu que o Atlante petrificado não despertasse com a sua magestosa grandeza naquelles que o vissem senão a lembrança banal da comida...

## O somno

Nenhuma tortura maior do que não dormir. A gente fica a se voltar no leito, ás vezes com contorções de serpe, para um lado, para outro, attento ao menor ruido, esperando como uma verdadeira libertação a luz do sol.

Os primeiros dêdos côr de rosa da aurora que tocam nos cortinados das janellas dão uma extranha alegria ao coração. A gente, então se levanta da cama inutil, como um condemnado medieval que sahisse do banco da polé, ou Prokusto que se erguesse do seu leito pavoroso.

Sómente depois de se ter passado uma noite em claro, inquieto e fatigado, se póde comprehender bem que os gregos antigos tivessem feito do somno um deus encantador, um deus delicioso.

Sómente depois duma noite dessas se póde perfeitamente sentir o valor daquella prece de Medéa, no poema dos Argonautas:

«Somne omnipotens, te Colchis ab omni orbe voco!»

— Somno omnipotente, invoco-te na Colchida, de todo o mundo!

"Fon-Fon" 3 set. 1921

## Camões e Valerius Flaccus

Camões começou os *Lusiadas* cantando os mares nunca dantes navegados e no coração do poema formidavel falou dos mares nunca d'outrem navegados. O grande vate da grande terra da Portugal sempre se abeberou nas fontes classicas gregas e latinas. Muitos eruditos têm mostrado onde foi buscar esta ou aquella expressão e

149

RIO DE JANEIRO
Typ. Lith. Pimenta de Mello & C. - Sachet, 34
1921

Dr. Luiz Ribeiro do Valle

# Certos escriptores brasileiros psycho-pathologistas

Certos escriptores mereceriam de direito um lugar no nosso trabalho além de consagrados a sua obra representa um esforço extraordinario para a resolução do problema psychologico de nossa nacionalidade; era neste ponto de vista que devia ser encaminhado o nosso estudo analysando a obra dos nossos escriptores chamados nacionalistas e regionaes. Entre estes Gustavo Barroso é um litterato de relevo; nos episodios tragicos dos seus Heróes e Bandidos surgirão com mais amplitude os romances definitivos e immortaes em que será exposta entre outras questões toda a psychologia complexa do banditismo do Nordeste Brasileiro. Neste estudo rapido e sem pretenção as lacunas apontadas não são em absoluto injustiça, esquecimento ou pouco caso.

"Fon-Fon" 3 setembro 1921

II

como o inicio do seu poema se assemelha ao inicio de outros poemas.

Por isso, não deixa de ser curioso verificar que essa frase dos mares nunca dantes navegados não é original de Camões e onde elle a foi encontrar, para inspirar-se nella.

Foi, certamente, no «Argonauticon» de Valerius Flaccus, que principia desta sorte:

«Prima Deum magnis canimus freta pervia natis.»

A traducção deve ser esta:

«Canto o mar pela primeira vez navegado pelos semi-deuses.»

Ora, dahi aos mares nunca dantes ou nunca doutrem navegados não parece que o salto tenha de ser muito grande.

## *As francezas e o Rio*

A MODA

Ha dias, estando na Avenida Rio Branco, vi passar um grupo de tres lindas francezas, admiravelmente vestidas. E logo todos os almofadinhas de varias côres e feitios que por alli estavam se assanharam e procuraram seguil-as. Então, me lembrei do que conta um chronista francez que aqui esteve em companhia de Villegaignon. Parece que as primeiras mulheres brancas que a esta terra vieram fôram francezas. Eram umas seis, diz o historiador, e os selvagens que jamais tinham visto creaturas daquelle sexo tão bellas e assim vestidas «furent bien esbahis à leur arrivée.»

Os descendentes dos bugres não lhes ficam atraz na admiração das francezas. Beberam-na com o leite indigena desde 1550 e até hoje conservam a inclinação. Se o historiador da época de Villegaignon apparecesse agora, escreveria, vendo o que eu vi, a mesma coisa que no seu tempo, mudada somente a orthographia: «ils furent bien ébahis...»

150

"O Jornal" — 2 - Setembro 1921

# Musica praieira e sertaneja

Ha tempos recebi de um leitor d'"O JORNAL", que, infelizmente, não quiz declarar o seu nome, uma longa, bem feita e muito amavel carta a respeito da feição nacionalista que imprimo a alguns dos meus artigos.

Nessa bella missiva, o seu autor me fazia interessante suggestão nos seguintes termos:

"Quero referir-me a um assumpto, em que por vezes tenho meditado e que por certo já o fez meditar tambem, visto que muito condiz com a materia de que se tem constantemente occupado: o compasso original, estranho, a cadencia do nosso maxixe popular — comparavel em originalidade ao rythmo da musica primitiva hespanhola, fonte da actual dos Alberniz; comparavel, no mesmo sentido, ao não menos caracteristico das dansas hungaras populares, como ao egualmente typico das canções rudimentares do Norte, que deram tanta originalidade ás composições actuaes dos Griegs; comparavel tambem ao duro compasso dos "foxs-trots" e dos "rigtimes" americanos, e ao sensualismo do tango argentino, cujas melodias ainda embryonarias como a nossa, transformar-se-ão futuramente em soberbas variações e coloridas cadencias de symphonias, sonatas e concertos; e ainda comparavel a tantas outras manifestações musicaes rudimentares, que, como a dos livres-cantores da tarde Renascença allemã, caracterisaram, neste sentido, a formação da nacionalidade dos diversos povos, imprimindo o cunho regional e emprestando feição tradicional ás obras do genio nascidas sob o influxo dessa arte primitiva.

Não sei se já se occupou alhures desse thema, que se me afigura de grande importancia nacionalizadora. Se o fez, lastimo o não ter tido noticias, como curioso que sou de todos esses assumptos. Neste caso, como de resto por havel-o importunado até aqui, peço-lhe desculpas, etc. etc."

Occupado com outros assumptos, adiei varias vezes o estudo e o commentario dessa suggestão, que um musico nosso deveria aproveitar, para fazer um estudo completo da nossa musica sertaneja e da nossa musica praieira tambem, embora as difficuldades que, estou certo, o esperariam.

Na seara vasta e rica do nosso folklore, onde tem apparecido collecionadores e commentadores do merito de Sylvio Romero, de João Ribeiro, de Alberto Faria, de Pereira da Costa, de Rodrigues de Carvalho, infelizmente até hoje não surgiu ninguem que fizesse um livro sobre as nossas cantigas populares, tradicionaes ou repentistas, identico ao que sobre os "Canticos Femininos da Servia" publicou Ribas Lebesgue. Acompanham essa admiravel obra de folk-lore as arias yugo-slavas, ao som das quaes as mulheres cantam as "plesmas" traduzidas pelo autor e, além desses textos musicaes, um grande appendice critico, tanto sobre as canções como sobre os seus acompanhamentos.

São justamente commentarios dessa natureza que faltam ao estudo completo das manifestações folkloristicas brasileiras.

Quasi todas ellas estão aqui ou ali recolhids, e muitas commentadas. Arranjar mais alguns desafios, enfileirar mais umas dezenas de quadras, fazer dois ou tres rosarios de trovas ineditas, isso nada adeanta.

Precisam-se commentadores argutos, que grupem as producções esparsas nos seus cyclos thematicos, que explorem as suas origens, que rastrêm a sua passagem pela alma de outros povos antes de chegar ao nosso, que indiquem as suas faces nacionalistas, a sua profunda significação regional e, segundo suggere o brilhante missivista, que estudem a formação e o desenvolvimento natural das musicas que os acompanham. Por que, depois de realizado esse grande trabalho, poderão, nas fontes verdadeiras da poesia popular e da musica popular, abeberar-se poetas, prosadores e musicos brasileiros, ao invés de andarem procurando todas as suas inspirações nos canaes rodembachianos de Bruges la Morte ou nas expansões wagnerianas das lendas do Rheno.

Se a nossa musica dos sertões e das praias fosse uma musica inteiramente primitiva, não seria muito difficil estudal-a e cultival-a. Ella se prende-

151

ria tão somente á musica primitiva dos indios e dos negros, cuja tristeza monotona ainda hoje nos mostra que não saira do periodo das encantações magicas, periodo inicial da musica de todos os povos, segundo Coubarieu. Nesse inicio da musica, ella vive de par com a dansa e com a poesia. Nunca se mostra isolada. Depois, com os progressos naturaes, vae se desenvolvendo e consegue viver sosinha. Mas os seus primeiros passos são dados de mãos presas á dansa e ao canto. Nós temos exemplos flagrantes desse momento historico da arte musical em certas dansas do sertão e das praias de Nordeste. No "côco" praieiro, dansa caracteristica, de embigadas, emquanto os "gazás", os pandeiros e as sanfonas sôam, os individuos dansam ou melhor sapateam e cantam as cantigas que o Carnaval carioca tem aproveitado, deturpando-as. O mesmo phenomeno se pode verificar em muitas dansas sertanejas, como a "Arrepiada" e varios batuques. No vasto cyclo das commemorações populares nordestinas do Natal, umas de origem lusa como os "Fandangos" e o "Bumba meu Boi", outras de origem india como a "Dansa dos Pagés", desapparecida já, outras de origem africana como os Congos, dansa-se, canta-se e toca-se ao mesmo tempo.

A musica nordestina, praieira ou sertaneja, é lenta, dormente, triste, repetida e enfadonha, porque ella decorre desse periodo da "magia musical", da musica servindo para encantações rituaes. Por isso, nessa mesma toada languorosa das trovas e dos desafios, dos bahianos e dos côcos, dos "aboiados", dos vaqueiros e dos sambas, dos cateretês e dos repinicados, mais apressada ou mais lenta, conforme as circumstancias, porém de fundo identico, o sertanejo e o jangadeiro cantam os seus versos de prazer ou de tristeza, as suas orações fortes, os seus bemditos e as suas exhortações para ajudar a morrer. A musica herdada do escravo e do indigena ainda não saiu, nos sertões e nas praias, da sua connexão com as outras artes do rythmo: canto e dansa. E ainda os individuos que surgem na farça do "Bumba meu Boi", embora ella seja na maior parte de origem portugueza, vestidos de cavallos-marinhos, de emas, de bois, de urubús e imitando o grito desses animaes, repetem as dansas primitivas dos selvagens, que nellas copiavam os bichos do matto: dansas do urso, do lobo, da lontra, do arminho, do falcão, do corvo, entre os esquimós, relatadas pelo marquez de Nadaillac, na sua "Anthropologia"; dansas da zibelina, do grou e da renna, observados pelo dr. M. P. S. na Siberia; a dansa imitativa dos animaes, descripta por Grosse no livro "Les Debuts de l'Art", e a dansa da onça dos nossos indios, registrada num "film" da commissão Rondon.

Uma outra difficuldade que hoje em dia atrapalhará aquelle que quizer dedicar-se ao estudo da musica da gente do sertão e do littoral do Nordeste é a mistura que ali existe dessas musicas primitivas do negro e do indio com as musicas de origem lusitana, mas velhissimas, guardadas de memoria pelos tocadores de violas, violões e guitarras. Eu já ouvi no sertão cearense um guitarrista tocar varios bahianos no seu instrumento e entre elles uma musica, que me disse chamar-se "Marcha de Bonaparte" e era simplesmente um dos dobrados que deveriam tocar em Lisboa as tropas de Junot, pois no sertão ainda hoje se conhece um "pelo signal" a respeito desse general francez e do que praticou em Portugal. Foram tradições que nos ficaram desde a vinda de D. João VI.

A adopção da sanfona pelas populações do littoral e do interior, trazendo o despreso da viola, do violão, da rebeca e da guitarra de origem portugueza, modificou o criterio musical de todos. Desappareceram as musicas peninsulares e surgiu a musica geral de "colportage".

O sertão e a praia começaram a se "gramophonisar"... Em 1917, vi horrorisado no Ceará a deturpação musical dum dos folguedos mais tradicionaes do Nordeste. Na representação dos "Congos", especie de tragedia africana primitiva, em que apparece uma côrte negra, o principe passava em revista o exercito que ia combater, cantando, acompanhado pelo sanfonista, ao som da "Mandolinata Siciliana", felizmente ainda o — "Papae, eu vou para a guerra!" e não o "Amici, la notte é bella"...

Entretanto, quem entenda da grande arte da musica poderá ainda recolher muita coisa aproveitavel, para ser estudada e commentada por quem no assumpto seja convenientemente preparado e não por mim que o não sou nem pretendo ser.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 3 set°. 1921

***Orthographia suburbana*** **Um dos meus divertimentos predilectos, quando vou aos empoeirados suburbios do Rio de Janeiro, é lêr as taboletas das lojas, das vendas, das quitandas e outras que taes. Encontro nellas uma graphia nova, de pouca gente conhecida e ás vezes mesmo de existencia ainda não suspeitada pelos que percorrem os arredores da *urbs* carioca.**

**Serve-me essa observação ligeira para divertir-me durante a viagem, porque ás vezes faz me dar gostosas gargalhadas.**

**Ainda ha dias soltei uma, que fez toda a gente do bonde voltar-se para mim, ao lêr numa taboa á porta duma casinha este annuncio:**

***— Conserta-se viullinos quasi de grassa.***

152 "Sebastã" 3 Setembro 1921

# UM ARTISTA NACIONAL DA POLONIA

*D'um luminoso artigo de Carlos Poznanski, escriptor polono, publicado na « Revue Hebdomadaire », tiramos as notas abaixo sobre um grande pintor e poeta da Polonia, cuja obra admiravel os nossos leitores certamente terão prazer de conhecer.*

Estanisláo Wyspianski foi mais do que um pintor, porque foi o maior poeta nacional polono do seculo XIX. Na Polonia, a expressão poeta nacional tem maior significação do que n'outro paiz, pois este soffria, segundo pensava Mickiewicz, tambem poeta nacional, por milhões de patricios.

A Polonia jazia escravisada e a preoccupação nacional era a de não morrer. Para isso, apertava a nação infeliz sobre o coração as suas tradições, as suas glorias e as suas esperanças. D'ahi a importancia do papel do poeta, que era um dos esteios, talvez o mais forte, da independencia da lingua e do pensamento, visto como não existia a independencia politica. E o vate, o rhapsodo polono, era ás vezes o traço de união entre as partes do paiz fragmentado pelos estrangeiros.

Assim, na falta de estadistas e de guerreiros, os poetas assumiram o papel de interpretes do sentimento da nação. Esse o motivo da grandeza da obra de Mickiewicz, de Slowacki e de Krasinski, todos elles nascidos após o desmembramento da Polonia.

Estanisláo Wyspianski nasceu após a terceira e ultima insurreição infeliz, em 1863, e seguiu as pegadas dos

**Um quadro de Wyspianski**

seus antecessores. Passou toda a sua infancia, toda a sua mocidade e toda a sua idade madura na cidade de Cracovia, tendo-se ausentado por algum tempo que demorou em Paris, o que teve grande influencia na sua vida inteira. A antiga capital dos reis da Polonia fôra transformada pela Austria n'uma cidade de provincia e, na sua tristeza, parecia clamar pela physionomia dolorosa dos seus magnificos edificios gothicos e do Renascimento contra a miseria do presente, relembrando os esplendores do Passado.

Matejko, o grande artista nacional, foi seu mestre e convenceu-o, como estava convencido, que o pincel de-

**Auto-retrato de Estanislau Wyspianski**

via servir tanto quanto a palavra para despertar a Patria adormecida. Além d'essas influencias, outras predominaram sobre o grande espirito de Wyspianski : a sêde da belleza pura, o gosto pelos classicos, o estudo profundo que fez do seculo XVII em França, o qual lhe permittiu traduzir admiravelmente o *Cid* de Corneille, na sua lingua natal.

Da sua estadia em Paris, datam as suas obras mais afastadas do tumulto da epocha actual : duas tragedias gregas — *Protesilau* e *Laodamia e Meleagro*, além dos desenhos illustrados da *Illiada*. N'estes o classicismo domina de modo absoluto.

Essa maneira serena de fazer arte foi de pequena duração. E logo a preoccupação do nacionalismo dominou-o. Procurou, então, as fontes de vitalidade nacional no admiravel passado da Patria : dramatisou a velha lenda da rainha Wanda, que se atirou ao Vistula para não desposar um Allemão, a antiga historia de Boleslau o Temerario. Procurou prose-

153

guir a obra gigantesca de Slowacki. Procurou no passado a chave das largas portas do futuro. Mas sentiu que o passado não basta para resuscitar uma nação, que elle a estimula e fortifica, porém ella precisa agir no presente. D'essa epocha, os seus vitraes admiraveis: *Casimiro o Grande* e *Santo Estanislau*. N'esses trabalhos ainda a linha pura domina, apezar do sentimento dramatico que se desprende da concepcão realizada.

Em Wyspianski espiritualisou-se o ensinamento esthetico de Matejko. O discipulo, com um igual poder de visão, deformou a realidade para mais profundamente penetrar na intimidade psychologica, attingindo alto symbolismo. Seus personagens historicos misturam se aos personagens allegoricos, pondo a verdade ao lado das forças obscuras e occultas do destino. E a significação do seu papel augmenta.

O artista pôz ao lado da verdade externa dos factos, a verdade interna dos sentimentos. Essa, a grande innovação technica que realizou.

Ha uma suggestão shakespeareana no fundo d'isso tudo. E as quatro obras capitaes, de theatro, escriptas pelo poeta e pintor, n'esse *desideratum*, procuram resolver o problema nacional polono. Fôram feitas n'uma decada, de 1898 a 1908: *A Legião, As Nupcias, A Libertação* e *A Noite de Novembro*. Em 1900, quando a segunda foi representada, um sôpro tragico agitou a Polonia. Esse drama poderoso, inesperado, fêl-o ser sagrado poeta nacional.

*As Nupcias* mostram em symbolismo completo, o desespero e a dôr do presente da Polonia. São uma interrogação: — a Polonia viverá? A resposta é dada um pouco obscuramente pela *A Legião*, mais claramente pela *A Libertação*, e emfim completamente pela *Noite de Novembro*. Resposta confiante e prophetica que as emergencias da Guerra Européa permittiu fôsse realizada.

Entremeiadas a essas obras, Wyspianski produzio outras, tanto como pintor quanto como poeta: dramas á maneira antiga sobre Achilles e Ulysses, os vitraes de São Salomeu e de São Francisco, a decoração da egreja dos Franciscanos em Cracovia e os dois dramas classicos, purissimos: *Os Juizes* e *A Maldição*.

Mãe — quadro de Wyspianski

"Fon Fon" 3 set° 1921

## As môscas de Domiciano

— O', Domiciano!

O meu amigo Claudio França voltou-se ao ouvir a minha exclamação e, atirando á cesta de papeis inuteis o jornal dobrado com que matava môscas no peitoril da janella, disse-me, depois de accender um cigarro turco:

— Estava aqui no escriptorio a trabalhar e seis ou oitos môscas entenderam de perseguir-me tenazmente. Fumei para afugental-as e nada consegui. Então, por isso, dobrei o jornal em oito e assassinei umas cinco. Mas porque gritaste o nome do cesar romano?

Dei uma gargalhada e expliquei:

— Aurelius Victor conta no seu livro *De Cæsaribus* que Domiciano se encerrava num aposento começava a matar as môscas que para alli os servidores tangiam. Era o seu melhor divertimento. Diziam mesmo na velha Roma imperial qne alguem, tendo perguntado a outro se havia gente no palacio, recebera esta resposta: « Ne musca quidem, nisi forte apud palaestram.» Isto é: não ha nem uma môsca, a não ser onde o Imperador luta com ellas...

Conversamos de outras coisas e quando me despedi, disse ao meu amigo:

— Adeus, Domiciano,

Claudio guardou silencio e não gostou da chalaça.

## Belleza infernal

De quatro ás seis da tarde, ellas enchem a Avenida, provocadoramente. São legião. Andam quasi despidas, braços nús, seios tufando a fazenda fina das blusas. Têm entre quinze e dezenove annos. A gente vê que não são bonitas, mas, no brilho dos seus olhos, no viço do seu corpo, na florescencia capitosa da sua carne, ha um encanto extraordinario que se não sabe do que provem, se da edade, se do modo de vestir, se da languidez negra das pupillas, se dos requebros tropicaes do andar.

A belleza dessas meninotas e mocinhas é infernal, tentadora, crispante, dada pelo diabo. Por isso, os francezes dizem com a maior propriedade que a sua belleza é a *beauté du diable*.

254 "Fon-Fon" 3 Set.º 1921

## *Recordação de viagem*

A's vezes, quando o acaso me leva á tarde para os lados da lagôa Rodrigo de Freitas, em passeio; quando alli me detenho deante da paysagem admiravel, olhando as aguas quietas ensanguentadas pelo sol *in extremis* e o velludo verdinegro das florestas da Gavea, tenho uma profunda saudade duma laguna assim e duma floresta assim que avistei numa das minhas viagens e me ficou gravada na memoria.

Foi Ravenna, a velha capital do Exarchado bysantino, que vio Odoacro derrubar Romulus Augustulo, que vio Belisario e que vio Narsés. Alli fui em peregrinação de artista e á tarde ia olhar o sol se pôr nas lagunas do Adriatico, ensanguentando-os.

Então, tambem uma floresta me barrava o horizonte. Era o celebre bosque de pinheiros que Boccaccio louvou pela sua solidão sombria e que Byron denominou a floresta sempre verde. E, depois, sob os primeiros véus da noite, eu voltava ao meu hotel pelas ruas da cidade adormecida, entre velhas egrejas que guardavam os maiores thesouros da Arte Bysantina.

## *Corcundinha*

Tive, ha dias, num bonde, uma impressão de funda tristeza, vendo deitada ao collo de sua mãe uma creança de seis annos, inteiramente aleijada: braços e pernas finissimos, corcundas no peito e nas costas. A sua face dolorosa crispava se de dôr a cada movimento que era obrigada a fazer. E eu fiquei longamente a pensar na injustiça da vida, que, assim, desde a meninice, torturava um pequenino ser innocente e indeteso.

Uma grande piedade encheu-me a alma. E, com os olhos razos de agua diante daquelle infortunio, lamentei que as crenças tivessem desertado do meu peito, pois, se ainda acreditasse no maravilhoso, talvez me consolasse, pensando que no outro mundo um par de azas de anjo brotaria daquella corcunda infantil.

## *Aphrodite*

Saltei do trem e fiquei a pé algum tempo, na calçada da estação, apoiado á bengala, olhando o vulto feminino que se debruçava da janella duma casa. Era uma creatura linda, de pelle côr de ouro e cabellos fulvos, soltos, cahidos para as costas uma juba farta, que devia ser profundamente, estonteadoramente macia. Lembrava-me a Chrysis do «Aphrodite» de Pierre Loüys, quando, de cabellos desnastrados, furava displicentemente com uma agulha de ouro a almofada verde do leito.

Passei junto á janella e vi de perto a linda creatura, tão linda que não pensei mais de olhos pregados nos seus cabellos fulvos em Chrysis, mas sim na propria deusa do Amor, na Aphrodite maravilhosa da Hellenia.

"Fon-Fon" - 10 Set.º 1921

## *Berreguedengues*

— Vês alli aquelle pobre burro, puxando uma pesada carroça?

— Sim, uma pesadissima carroça!

— Entretanto, o carroceiro mette-lhe o chicote desapiedadamente. A Sociedade Protectora dos Animaes não devia consentir malvadezas d'essa ordem. E' um abuso que devia ser cohibido pela policia, severamente, o mais severamente possivel!

— E' tudo o que te vem ao pensamento, quando vês um burro soffrendo, essa apostrophe indignada?

— Sim, penso na Protecção aos Animaes e na Policia, n'essas occasiões. Em que querias que eu pensasse mais?

— Não sei, porém eu, quando vejo burros de carroça debaixo de chicote, penso na Biblia e em Voltaire. A primeira assegura que o homem foi expulso do Paraizo por ter comido uma maçã prohibida. O segundo exclamou uma feita deante d'um burro soffredor: «Pobre bicho! Com toda a certeza teus antepassados comeram capim prohibido no Paraizo dos burros!»

## OS SARGENTOS BRASILEIROS

A nossa capa de hoje, commemorando o dia 7 de Setembro, foi desenhada e aquarellada especialmente para o *Fon-Fon* pelo pintor paulista José Washt Rodrigues, que é hoje em dia a maior autoridade no Brasil em materia de historia das tradições dos uniformes do nosso glorioso Exercito.

Tanto assim, que o Ministerio da Guerra lhe entregou a feitura duma collecção de 240 quadros desses uniformes, desde 1730 até hoje. — Na nossa capa, á frente dum trophéu de bandeiras e galhardetes coloniaes, monarchicos e republicanos, se vêm 5 sargentos do Exercito Brasileiro com os fardamentos de diversas epocas historicas: o dos antigos terços de infantaria, com o pique ou chuço distinctivo dos officiaes inferiores de então; um dos tempos proximos á Independencia, do chilfarote e bastão; um de caçadores, do segundo reinado, com a cruz de malta na barretina; um dos dias que correm, de kaki. Nessa serie de sargentos ha um pormenor tradicional, Paraguay, de carabina Minié e bayoneta triangular; finalmente, um dos dias que correm, de kaki. Nessa serie de sargentos ha um pormenor tradicional, de carabina Minié e bayoneta triangular; finalmente, um dos dias que correm, de kaki. Nessa serie de sargentos ha um pormenor tradicional, profundamente brasileiro, até hoje mantido pela força da propria tradição e digno de nota: o conhecido canudo de fôlha de Flandres, a tiracollo, contendo tinteiro, penna e os papeis da companhia, que ha quasi um seculo os nossos inferiores usam. Mesmo nos paizes em que se assinam as tradições ellas custam a morrer...

155 "O Jornal" 6 - Setembro 1921

# A PINTURA TCHEQUE

Devido á dominação da Austria sobre certos e determinados paizes, que hoje della se acham felizmente livres, o mundo durante muito tempo aceitou sob a rubrica de arte austriaca a producção intellectual de povos que de austriacos jámais tiveram outra cousa senão esse rotulo falso. Entre as artes que assim foram camufiadas pela morta monarchia-dual, uma existe, revelada hoje na plenitude de sua força, original, espontanea, livre, poderosa, audaz mesmo algumas vezes, com a luz do genio francez a illuminal-a. E' essa a arte tcheque contemporanea.

Não pode existir uma arte verdadeira sem tradição. Essa affirmativa de Antonio Matejcek, num estudo critico sobre a pintura na Tcheco-Slovaquia, é profundamente exacta. Temos um exemplo disso entre nós mesmos.

Se durante algum tempo, estivemos em materia de arte, de pintura especialmente, á frente das outras nações da America Meridional, devemos isso unicamente á tradição mantida na nossa Escola de Bellas Artes, desde os mestres francezes que para ella vieram na aurora do seculo passado.

Infelizmente para nós, essa tradição está hoje quasi perdida.

Na opinião do autor bohemio que citámos foi essa tradição, tão necessaria a qualquer arte, que faltou ao inicio da arte tchéque moderna, pois na Bohemia, onde o estylo barroco chegou ao seu apogeu do decimo setimo ao decimo oitavo seculo, o decimo nono centenario trouxe comsigo a mais horrivel esterilidade. E mesmo as mais antigas corporações de artistas, como a dos pintores de Praga, que datava de 1348, foram dissolvidas pelo governo austro-hungaro.

Mas o romantismo, de que hoje é moda dizer mal, veiu com o fluxo poderoso das suas idéas dspertar a vida intellectual adormecida das nações subjugadas.

As idéas nacionalistas acordaram na Bohemia ao sopro fecundo do Romantismo e logo agiram na literatura e nas bellas artes, infelizmente um tanto influenciadas pela religião e pela Allemanha, carecendo muito de mais livre e mais completa expansão. E' a época em que pontifica de pincel em punho na Academia de Praga, o piedoso Francisco Kadith.

Vem a revolução tcheque de 1848 e logo o divorcio entre a arte tcheque e as escolas germanicas se pronuncia. Pode-se affirmar que nessa época nasceu verdadeiramente a arte contemporanea da Tcheco-Slovaquia, porque foi então que ella inteiramente se libertou de toda e qualquer influencia estranha.

Ao olhar do observador superficial parecerá que não existe a basear essa arte uma tradição nacional. No emtanto, ella viveu latente, embora desconhecida, ligando o presente ao glorioso passado, em que o esplendor do barrôco elevou as maravilhas descriptas no livro de Arno Novak. Dessa tradição saiu o paysagista Antonio Manés, pae de José Manés, o creador da arte nacional na Bohemia. Ambos trouxeram na alma, para as realizações dos seus ideaes, o gosto da simplicidade e da sinceridade. E o primeiro foi certamente a primeira luz que illuminou a obscuridade do começo da arte tcheque actual.

Outro mestre desse periodo foi José Navratil, realista ardente, observador consciencioso, cujas paysagens a oleo revelam a personalidade dum grande artista. O grupo dos iniciadores da pintura no Coração da Europa completa-se com mais dois nomes: Machek, o reproductor realista e rigido da physionomia dos burguezes e das burguezas; Devorak executor de pequenos quadros de genero.

Todo esse grupo, como toda a historia da pintura na Tcheco-Slovaquia, é dominado pela esplendida figura de José Manés, que reproduziu nas suas telas as tradições populares antiquissimas, guardadas carinhosamente na Moravia, que é a Arcadia Slava da Europa, onde se não sabe o que mais admirar se a belleza dos typos dos camponezas, se o pinturesco dos seus trajes. Foi ahi que mais se inspirou o grande pintor, que, apezar da universalidade do seu genio, preferia a tudo essa admiravel Arcadia do seu paiz.

Manés foi paysagista, retratista, illustrador de livros com desenhos admiraveis, decorador de edificios, pintor de costumes e de scenas historicas, mostrando em todas as suas obras a malleabilidade extraordinaria do seu genio. Elle foi, quanto á creação do canones da belleza da fórma, na arte tcheque, o que foi David na arte franceza.

Desenhista formidavel como Ingres, colorista estupendo como Delacroix, teve profundamente a intuição da alma popular da sua raça e da ne-

cessidade de vestir com novas roupagens as velhas idéas da sua nação. E, depois de ter revelado a si proprio a alma artistica do seu paiz, morreu louco, procurando pelas ruas de Praga, com um cirio acceso na mão, um ramo de imaginarias rosas amarellas...

Entre 1852 e 1865, os olhos artisticos da Tcheco-Slovaquia se voltam para a luz de Paris, para onde vão Cermak e Zverina, o primeiro, que foi quem introduziu os motivos balkanicos na arte tcheque, e o segundo, que era um desenhista inteiramente original. Do realismo francez saem para a Bohemia os espiritos encantadores de Pinkas e de Barvitius, um que foi companheiro de Henri Murger e outro que foi um dos mais gloriosos expositores do celebre "Salão dos Recusados". Mais tarde, ainda a França attrae Wenceslau Brozik, pintor historico, colorista expressivo, autor da grande tela "Os embaixadores tcheques pedindo a Carlos VII a mão de sua filha Magdalena para o rei da Bohemia", exposta no "Salon" de 1878.

Ao tempo de Brozik, o genio de Kosarek pinta os comoros radiosos, quasi nús, do plató tcheco-moravio, os valles ridentes da Bohemia; Chitussi expõe no "Salon" de Paris uma paysagem do Elba e aprende em Paris, sozinho, a manejar o pincel com habilidade e a amar a natureza na multiplicidade das suas fórmas, voltando á Bohemia para revelar nos seus quadros as bellezas ignoradas da nação. Seu principal discipulo foi Marak, fixador da alma das paysagens de accordo com as gradações da luz e com a passagem das horas.

A pintura tcheque vem se formando assim de duas linhas parallelas: a orientação latino-occidental, bebida na França, e a tradição historica inaugurada por Manés, tradição que Matejcek chama "monumental".

Seguem essa bella estrada Nicolau Alés, utilizando os mythos e a historia da sua gente, fazendo quadros decorativos, cheios de idéas e de movimento original, sem eguaes na Bohemia; Francisco Zenisek, harmonioso nas suas linhas e no seu colorido, que sempre trabalhou de parceria com o primeiro.

De 1880 a 1890 adoptam-se todos os principios da pintura realista. As paletas mais notaveis desse periodo são Knupfer, Schwaiger, Marold, este de temperamento tumultuario, inquieto, grande talento, que illustrou com a sua habilidade as paginas do "Fliegende Blatter", autor do celebre quadro "O Mercador de Ovos em Praga". Esteve em Paris e foi illustrador de obras clebres, como o seu compatriota Mucha, que illuminou o "Clio" de Anatole France, que aquarellou o album dos uniformes brasileiros creados pela Republica, em 1894, e que pintou a serie de quadros historicos da "Epopéa Slava".

A todos esses seguem-se Kupka, soldado da França, entregue ás suas tendencias livres, influenciado por Degase Rops, Renoir e d'Espasnat, Pissarro e Sisley, Monet e Rafaelle, o grande illustrador do "Soeurs Vatard", editado luxuosamente por F. Ferroud. A geração de Kupka denomina-se a dos "Manessistas" e sob ella pairam as influencias francezas do extraordinario Cézanne e do curioso Van Gogh. Della saem Uprka, fixador em quadros da alma da Slovaquia; Slavicek, continuador de Chatussi, mestre do impressionismo tcheque; Otokar Lebeda, que se mata aos 24 annos; Hudecek, colorista de harmonias musicaes, que se transformou mais tarde num colorista viril; Nesédley, viajante incansavel, avido de sensações; Blazicek, paysagista; Prucha, meditativo, morto na guerra, na frente russa, em 1915; Preisler, tradicionalista, idealista profundo, desenhista maravilhoso, pantheista ardente; Svabinsky, symbolista, retratista psychologo, agua-fortista elogiado por Camillo Monclair; Milos Jiranek, erudito, escriptor, expressionista, fanatico da verdade; Myslbek, o Zulaga da Bohemia; Simon, que vive em Paris e cujas producções já estão no Kensington-Moseum; Spiller, Brettinger, impressionista dos cafés concertos francezes; Nechleba e Olrovsky, muito populares em sua terra; Silwsky, o gravador dos aspectos de Praga.

Toda essa bella theoria de bellos artistas nasceu da combinação do realismo e do impressionismo, do "manésismo". E alguns delles se entregam já ao synthetismo de Cézanne ou á natureza pura como Vicente Benes. Mas todas as suas obras demonstram a variedade e a vastidão de desenvolvimento que vão tomando na Tcheco-Slovaquia todas as artes, especialmente a pintura, cuja evolução a propria guerra não conseguiu deter.

**João do NORTE.**

157 "Gazeta de Noticias" 1º abril 1927

"Fon-Fon" 10 Set.º 1924

# O LIVRO DO DIA

## "Casa de Maribondos", por João do Norte

Gustavo Barroso é um dos nossos escriptores de rara capacidade de trabalho. Quasi sempre tem elle um livro a atirar á publicidade e quasi todos de cunho regionalista. Mas a conhecida figura do escriptor nortista, que sempre se apresenta com o appellido patronimico de João do Norte, explora outros campos literarios, revivendo outros factos, assumptos historicos, trechos de nossa vida colonial e todas essas questões attrahentes da observação individual e collectiva.

O seu ultimo livro, — "Casa de Maribondos", é uma collectanea de anedoctas, de narrações ligeiras e simples, versando sobre a vida e costumes do povo nortista. E' uma leitura interessante que prende o espirito sem fatigal-o, e agrada a todos os paladares. João do Norte revive nessas paginas algumas anecdotas contadas com sobriedade pelos matutos e historias um tanto comicas e que constituem o passa-tempo bonacheirão das noitadas nas fazendas.

"Casa de Maribondos" é um livro a mais a enriquecer ás nossas letras. Escripto com muita simplicidade, conservando a feição nativa das narrações, sem exagerar o regionalismo, está sendo elle acolhido com muita "chance". Aliás, não se podia esperar outra cousa de um livro de J. do Norte, tão conhecido já é o seu nome nos meios da actividade intellectual. Não é um escriptor novo que venha tacteando, mas um espirito formado e definido pela critica, uma organisação completa de homem de letras.

"Casa de Maribondos" não é bem um livro de contos, como quer o seu autor. O conto tem uma technica que essas paginas não têm. Os typos são estudados em todos os detalhes e o escriptor póde abandonar um pouco o desfecho para preoccupar-se mais com os personagens. Neste livro João do Norte adopta processo contrario, isto é, cuida principalmente do desfecho. E é no desfecho que estão o segredo e o encanto dessas paginas, cuja leitura deixa no espirito a mais delicada e deliciosa das impressões.

**Berreguedengues** — Uma feita, de viagem pe Hollanda, não entendendo a garabulha da lista dum restaurante, tomei a resolução de apontar ao creado os pratos do almoço. E o resultado é que tive de comer arenques duas vezes.

— E' curioso que não passasses a vista, ao menos ligeiramonte, pelo que estava escripto, pois arenque em hollandez *hering* não é difficil de ser adivinhado.

— Tens razão e eu tenho tambem. A primeira vez pedi *herings* e tive os com azeite e cebolas. A segunda apontei um prato que tinha este nome *bückinge*. Vieram arenques de novo!

— Hom'essa!

— O *bückinge* é uma especie arenque defumado e esse nome lhe veio do seu inventor Wilhelm Bückinge, que morreu em 1447 e que Carlos V tinha em alta estima por causa dessa invenção, vindo uma feita de Middelburgo a Bienlid somente para vêr o seu tumulo...

— Você sabe cada uma!...

— Esta, para aprendel a, comi arenque duas vezes, o que não é muito agradavel...

**Berreguedengues** — Por que gostas tanto de moveis velhos? Tenho-te visto vastas vezes já carinhosamente estudando as cinzeladuras d'uma antiga fechadura do camarote, as esculpturas primitivas d'um oratorio de jacarandá. Por que?

— Porque os velhos moveis possuem uma alma bizarra e subtil que os moveis novos, sahidos ha dias da casa do marceneiro, não podem possuir.

— Alma, os moveis. E' bôa!

— Não sómente têm alma, porém vivem. A sua alma e a sua vida dão-lhe os homens. Elles as tomam, as guardam, as conservam. Poesias e dôres, alegrias e sensações outras da familia e do lar cobrem os velhos moveis com uma teia invisivel que lhes empresta uma physionomia propria. Os sentimentos e idéas d'aquelles que durante muitos annos os possuiram profundamente se identificaram com elles. E d'ahi a sua alma profunda e a sua vida latente.

— Crês n'isso?

— Creio na alma das coisas dadas pela alma dos homens.

**A Justiça** Depois de ter observado com um riso sarcastico nos labios a horrivel monstruosidade positivoide fundida em bronze para perpetuar a memoria de Floriano, alli deante do Municipal, fui calmamente andando até a porta do Supremo Tribunal. Lá fiquei alguns minutos a olhar a figura vendada (seria melhor vendida, não?) da Justiça, que domina a fachada imponente.

A tarde era fresca e agradavel. A poeira do sol que se escondia por traz do morro de Santo Antonio empoeirava de luz a poeira rubra das escavações e cavações do morro do Castello que o transporte em carroças espalha pela Avenida. E eu continuei o meu lento passeio interrompido algum tempo, murmurando umas frases desconnexas de Lucius Ampelius:

— « A Virgem, que nós chamamos a Justiça, habitou outr'ora entre os homens, porém como elles começaram a se tornar perversos, Jupiter collocou-a entre os astros.»

E fui andando pensativo, devagar, os olhos pregados no chão. Quando os levantei, o céu estava negro e nelle as constellações palpitavam.

158 "O Jornal" 14 Setembro 1921

# OSSA DANTIS

Passa este anno o sexto centenario da morte do Altissimo Poeta, e todos os povos occidentaes se preparam para commemorar essa data condignamente. A propria Egreja o eleva ás maiores honras e pela bocca infallivel do seu chefe o proclama poeta da Christandade.

Dante falleceu na cidade bysantina de Ravenna, capital de Odoacro e de Theodorico, a 14 de Setembro de 1321, sem ter tido a suprema alegria, por que profundamente ansiava nos ultimos tempos da sua vida, de tornar á sua querida Florença, como politico vencedor ou como poeta victorioso. Ainda hoje, toda a cidade do velho exarchado reconquistado aos barbaros por Belisario e Narsés está cheia da recordação do grande poeta. Foi essa pelo menos a impressão que ali teve o espirito curioso e profundamente culto de Carlos Diehl que lhe estudou as mais infimas minucias: os capiteis historicos de São Vital, os porticos rendilhados de S João Evangelista, as filigranas d pedra de Santo Appollinare — in classe, os mosaicos do mausoleu d Galla Placidia, as columnas renda das de Santo Appollinare Nuova, o florões esculpidos da basilica de Hercules, os baixos relevos do pulpito d bispo Agnellus e da poltrona de Maximiano, os sarcophagos de São Barbaciano e de Braccioforte, as arcadas do tumulo de Theodorico e a cupulas do baptisterio dos Arianos Apesar de todas essas maravilhas apesar de ali ter acabado com Romulo Augustulo o Imperio do Occidente apesar dos seus seculos de historia que impressionam o observador, esse notavel archeologo francez escreveu sobre Ravenna estas phrases: "Aujourd'hui encore la ville est pleine du souvenir du grand poéte. Si la maison voisine de Saint François, qu'une inscription désigne comme la demeure de Dante, ne saurait réclamer nul titre á cet honneur — elle date en effet du XVe. siécle seulement — en revanche on voit encore, au coin de la via Mazzini et de la via Guido Novello, le palais, assez bien conservé jusqu'en 1860, oú habitat Guy de Polenta. Mais surtout, dans le coin tranquille et charmant, qui avoisine l'église de Saint François, prés de la chapelle de Braccioforte toute remplie d'antiques sarcophages, á coté de la placette ombreuse que domine le haut campanile, s'éléve le modeste edifice oú reposent les restes de l'auteur de la "Divine Comedie."

Um outro homem de letras que visitou Ravenna antes de Carlos Diehl trouxe de lá a mesma impressão deste ultimo. Foi o illustre Emmanuel de Vogué, que disse isto: "Une seule ombre lutte ici de pair avec l'ombre de l'empire romano-byzantin, un seul non contrapése tant de noms illustres: l'ombre et le nom d'un homme fut Dante."

Guido de Polenta, denominado Guido Novello, a quem Diehl allude, era "podestá" ou senhor de Ravenna e irmão da linda Francisca de Rimini immortalisada pelo poeta. Foi elle um dos maiores amigos deste, que, exilado da sua patria, se refugiára em Verona. Guido Novello mandou-o buscar e o cobriu de favores na sua cidade, ao mesmo tempo que acolhia alegremente o maior pintor da época, o grand Giotto. Ha um fresco na egreja revennense de Santa Maria in Porto-fuori que perpetua a lembrança dos tres amigos: o pintor, o poeta e o politico. Executado por Giotto, elle apresenta num grupo de senhores Guido Novello conversando com Dante Alighieri. E o ultimo, quando morreu, acabava de ser embaixador do segundo em importante missão, segundo affirma em suas Memorias João de Villani:

"No mez de setembro de 1321, morreu o grande e bravo poeta Dante Alighieri de Florença, na c lade de Ravenna, na Romania, d

pois da sua volta de Veneza, on fôra como embaixador do Senhor Ravenna, com quem residia."

Morto o sublime poeta florenti filho de Alighiero degli Alighie ujo verdadeiro nome era Duran abreviado depois em Dante, o "p destá" Guido mandou-o enterrar co a maior pompa num bello sarcoph go de marmore, collocado onde aind actualmente se acha, á esquerda d entrada do jardim da egreja de S Francisco, defronte da capella d Braccioforte, encostado ao muro ex terno da crasta dos frades francisca nos.

Enterrado o autor da "Divina Co media", o senhor da cidade fez a su oração funebre deante da nobreza do clero e do povo, promettendo ele var-lhe um magnifico monumento Porém, sendo derrubado por uma re volução em 1322, não poude realiza a sua promessa. Trinta e seis annos após a morte do poeta, ainda não havia sobre o seu tumulo uma inscripção ao menos. Foi quando, em 1357, um discipulo fiel fez gravar estas palavras:

S. V. F.

Jura monarchiae superos Phlegetonta lacusque
Lustrando cecini volverunt fata quousque
Sed quia pars cessit melioribus hospita castris
Actorem que suum petiit felicior astris
Hic clandor Dantes patriis extonis ab oris
Quem genuit paris Florentia mater amoris.

Dois seculos de olvido passaran sobre o sepulchro singelo do Altissimo até que em 1483 o pretor veneziano Bernardo Bembo encommendou a um dos maiores esculptores da sua patria, Pedro Lombardi, o pequeno monumento de marmore claro, sem grandeza e sem grande belleza, com a sua effigie, que corôa o seu primitivo sarcophago. Sobre esse monumento, no seculo dezoito, se edificou com o dinheiro publico e o auxilio particular a capella de cupula, em puro estylo do Renascimento, que o encerra. E deante desse sepulchro, diz Diehl, cada seculo viu ajoelhar-se piedosamente um grande vulto da Humanidade, com a compuncção dos reis magos no humilde presepio de Belem: o Ariosto e o Tasso, Machiavel e Guicciardini, Alfieri, Leopardi, Byron.

Entretanto, ha uma curiosa pergunta a fazer-se: dentro desse tumulo não estão mais os restos mortaes de Dante, mas os que estão hoje guardados em outra parte serão os verdadeiros?

Os eruditos affirmam que não ha menor certeza de serem authenticos os que existirem. E porque? Porque as paixões dos homens fizeram-nos passar por terriveis vicissitudes.

Hoje, o Papa deita uma encyclica favor da commemoração do centenario da morte do poeta; no emtanto, esse poeta, soldado guelfo no combate de Campaldino, proscripto pela ingratidão do seu partido e adversista aos gibelinos, depois, foi um dos mais terriveis adversarios do Papado. Por isso, em 1329, oito annos após o seu enterro, o legado papal de João XXII, Bertrand du Poyet, quiz mandar atirar ao lixo da cidade os ossos de Dante! Não o conseguiu, porque a opposição foi viva em Ravenna. Os seculos sagraram a gloria do poeta e Florença, por isso, reclamou da cidade dos Polenta os despojos do filho proscripto, tendo o papa Leão X ordenado á senhoria ravennense que attendesse á reclamação florentina. A senhoria obedeceu, mas, ao abrir o sarcophago de pedra, asseguram os historiadores, encontrou-o vasio. Ter-se-ia desfeito em pó o corpo do cantor de Beatriz? Não. Tinham-no roubado. Os frades franciscanos da vizinhança, não querendo que a preciosa reliquia fôsse parar ás mãos dos florentinos, furaram o muro do convento, no qual a capella funebre se encostava, retiraram o esquife de madeira do mausoleu e o esconderam na sua crypta ou alhures.

Nunca houve indicação certa do logar para onde o transportaram. Entretanto, em 1865, quando se commemorou o 600° jubileu de Dante, o seu esqueleto foi milagrosamente encontrado na demolição duma parede da capella de Braccioforte. Diehl, no

seu livro "Ravenne" acha essa coincidencia por demais maravilhosa e accrescenta que, apesar de existir no museu da cidade uma pequena caixa de madeira contendo ossos, com a inscripção .OSSA DANTIS, é licito duvidar da authenticidade dessas reliquias funebres.

JOÃO DO NORTE.

**A Vida** Após o jantar, todos os homens fôram fumar no terraço, deante do céu estrellado e profundo. Um perfume docemente vinha do jardim envolto em trevas, onde sussurravam aguas e gemia o vento nas romarias. Da sala proxima vinha o rumor da palestra das mulheres, reunidas a um canto.

Falavam da vida e cada uma dava sobre a vida a sua opinião. Ouvindo-as, os homens fôram a pouco e pouco deitando fóra os charutos e entrando na casa. Fiquei só com o meu Henry Cloy, porque prefiro o charuto á mulher. E meditei, fumando lentamente.

De subito uma mão perfumada pousou no meu hombro e uma voz feminina perguntou-me, continuando o assumpto do salão:

— Meu amigo, que é a vida para você?

Não levantei os olhos para o vulto que eu sabia ser bello como uma tentação infernal e respondi lentamente:

— A mesma cousa que para Shakespeare; tão cacête quanto uma historia contada duas vezes.

A mão fugio do meu hombro. O vulto afastou se silencioso e ligeiro. Mas o perfume estonteante ficou.

Então, para afugental-o tambem, tirei uma grande baforada do meu claro charuto.

D. Ambrosio Mifre foi o progenitor do general D. Bartholomeu, descendente directo de gregos, usando sempre o seu nome de origem hellenica. E é talvez dessa ascendencia, acreditam alguns jornaes platinos, que lhe veio a sua alta elegancia de espirito e de coração.

## *A ORIGEM HELLENICA DO GENERAL MITRE*

Certamente quasi ninguem no Brasil sabe que o nosso grande amigo, o eminente general D. Bartolomeu, vulto extraordinario na historia do continente sul-americano, militar e politico, escriptor e diplomata, homem de Estado e de guerra, presidente da Argentina e commandante em chefe das tropas alliadas na campanha do Paraguay, era de origem grega.

Effectivamente, descendia de filhos da Grecia antiga, heroica e veneravel, o que presentemente está de todo documentado. Até a proposito dessa sua curiosa e nobilitante ascendencia o sr. Stamati Pezas, Ministro da Grecia no nosso paiz, enviou um telegramma de felicitações ao Ministro do Exterior da Argentina, por occasião das ultimas festas que se realisaram em Buenos Aires em homenagem á memoria dessa alta individualidade nacional.

Durante algum tempo, o general Mitre escreveu na *Nacion* da capital platina uma serie de artigos interessantissimos com o pseudonymo de Lazarillo e sob o titulo de « Conversa » ou «Palestra» *(Conversacion)*. E logo crearam renome esses artigos pela sua fina graça e elegancia. Havia nelles, disse *La Prensa*, algo de profundamente hellenico. Isso certamente porque elle descendia de gregos.

Com effeito, Demetrio Ventura Mitre, que se estabeleceu em Buenos Aires, no anno de 1690, era grego de nacionalidade. O seu filho foi Juan Mitre y Ruiz, portenho, pae de Bartholomeu Mitre y Ruiz, tambem portenho. Desse nasceu em 1774, em Santa Lucia, no Urnguay, que então pertencia ao Vice Reinado do Prata, don Ambrosio Mitre, o qual foi em 1805 commandante das froteiras de Mendoza, fundando alli o antigo forte de S. Raphael.

tirado por occasião da solemnidade da inauguração, vendo-se o Sr. Dr. Azevedo Marques, Ministro das Relações Exteriore e outras pessoas cujos nomes já se acham mencionados na noticia que damos sobre a inauguração.

162

"O Jornal"
14. Setembro
1921

# O sexto centenario de Dante

## A vida e a obra do Altissimo Poeta

BIOGRAPHIA DE DANTE

Na semana corrente se celebra o sexto centenario de Dante Alighieri, conhecido pela humanidade e por ella admirado pelo nome abreviado de Dante, o maior poeta da Italia, e um dos maiores do mundo.

Nasceu Dante em 1265, na cidade de Florença. Seus paes foram Alighiero degli Alighieri, que morreu cedo, deixando-o menino, e Bella Alighieri. Era uma velha familia nobre que se entroncava nos Alighieri de Ferrara o que o poeta louva no canto XVI do "Paraiso.

"E nell'antico vostro Batistéo
Insiéme fui cristiano e Cacciangiuido.
Moronto fu mi frate ed Eliséo..."

Cacciaguido era o nome de um dos mais notaveis antepassados de Dante, cujo filho Alighieri deu o nome á familia toda.

A mãe do poeta entregou-o ao desvelo educador do autor do "Tesoro", do famoso Brunetto Latini, um dos homens do saber mais eminentes daquella época, que imprimiu ao espirito do seu discipulo o sello do seu amor ao estudo e da sua alta serenidade espiritual.

Segundo conta Boccacio, um dos seus mais interessantes biographos, Dante viu Beatriz pela primeira vez, quando ella tinha oito annos e elle nove, numa festa em casa do pae della, o illustre Folco Portinari. E desde esse dia a amou intensamente. Para toda a sua vida se lhe gravou no coração a doce figura da menina. Ella morreu aos vinte e cinco annos e o poeta, inconsolavel, sentiu o seu amor terreno transformar-se num amor maior ainda, numa grande veneração mystica, ideal e apaixonada ao mesmo tempo, luz que illuminou toda a sua obra, onde o amor é o maior escôpo.

Brunetto Latini iniciou Dante no conhecimento dos autores classicos e a amizade de Guido Cavalcante-Cavalcanti procurou suavisar-lhe a dôr da saudade de Beatriz. Do primeiro elle fala no canto XV do "Inferno":

"E chinando la mano alla sua facia,
Risposi:—Siete voi qui, sér Brunetto?"

Ligado por profunda amizade ao pintor Giotto, que deixou o seu retrato entre os de Dante e de Guido de Polenta, nos frescos de Ravenna, ao miniaturista Oderici de Gubbio, ao musico Casella, entregou-se ao gosto das artes. E andou por varias universidades, mergulhando em todas as sciencias do seu tempo, especialmente na theologia. Com essa sede de saber, visitou as escolas universaes de Bolonha, de Padua, de Cremona, de Napoles e de Paris, conforme o affirma Benvenuto de Imola nos seus "Commentarios" in Comedia Dantis".

Um outro escriptor que se occupou com a sua vida, Francisco da Buti, assegura na sua "Memoria della vita di Dante" que o poeta, ainda muito jovem, entrara na ordem dos Minimos de S. Francisco, da qual sahira pouco antes de professar.

Após a morte da sua adoravel Beatriz, da pequenina Bice que conhecera e idolatrara aos oito annos de edade,

aconselhado por parentes e amigos, Dante casou com Gemma Donati, cujo caracter não o fez feliz, segundo a opinião de Boccacio.

A época em que Dante viveu na Italia era tão agitada, tão perigosa e tão terrivel que elle mesmo appellidou o seu paiz "hospedaria da dôr". Dessa dôr é que nasceu aquella perturbação nervosa geral das populações que Machiavel chama o Mazuco, que os medicos denominam Dansa de S. Guido e que a arte fez ser a Dansa Macabra.

Os partidos guelfo e gibelino se degladiavam. O primeiro apoiado pela ambição da Santa Sé e pela furia franceza não perdoava ao segundo, apoiado nas pretenções dos imperadores da Allemanha, a menor falta. Por toda a parte guerras, chacina, torturas, miseria e fome!

Dante nascera numa familia tradicionalmente guelfa e como soldado desse partido tomou parte brilhante na batalha de Campaldino, em 1289. Mesmo no fundo do seu coração não podia haver a menor sympathia pelos Gibelinos, porque estes por duas vezes, no correr da vida publica florentina, haviam perseguido os seus ascendentes, proscrevendo-os.

Mas o partido guelfo scindiu-se em dois grupos: os guelfos negros e os guelfos brancos. Os primeiros eram os violentos, os reaccionarios "á outrance"; os segundos, os moderados. Dante achegou-se a estes ultimos, foi varias vezes enviado como embaixador de Florença a diversos principes e senhorias, chegando a ser um dos Priores, primeiros magistrados da Republica, no anno de 1300. Prudente, firme e moderado, procurou no exercicio das suas altas funcções manter a ordem na sua patria e impedir a explosão de odios sanguinarios. Para isso teve de cortar pela raiz as exigencias dos guelfos negros e mesmo de castigar com o banimento alguns chefes exaltados tanto dos negros como dos brancos. Foi geral o descontentamento contra elle e dahi lhe vieram todas as infelicidades.

A politica guelfa chamou á Italia Carlos de Valois e as tropas francezas. Florença foi-lhe entregue por traição e todos os negros exultaram. Dante foi banido da patria amada e dias depois, apesar de ausente, condemnado á morte. Sua familia ficou em Florença e nada soffreu.

Começou, então, a sua dolorosa peregrinação de desterrado. Primeiro esteve em Verona, na côrte de Alboino della Scala. Dahi foi para Padua, onde os Malaspinas o receberam. Voltou novamente a Verona e abrigou-se junto de Can Grande della Scala, filho de Alboino. Este sempre o tratou com a maior deferencia. Entretanto, o poeta soffria por viver errante e sempre hospede dos outros. Por isso, escreveu no Canto XVII do "Paraiso":

"Tu proverai si come sa di sale
Lo pane altrui, e com'é duro colle..."

Deixando mais tarde a "scola posta", onde o prendera a "generosidade do grande lombardo", elle andou pelo Tyrol, pelo Friul; demorou em Gubbio, terra do lobo de S. Francisco, e por fim foi ter á Ravenna, onde seu grande amigo o Podestá Guido de Polenta o cobriu de honras, adoçando-lhe as dôres do exilio, e onde o Altissimo Poeta morreu no dia 14 de setembro de 1321, ha seis seculos.

## A MORTE DO POETA

João de Villani, um dos seus biographos, conta que elle falleceu na data citada, após voltar de uma embaixada junto á Serenissima Republica de Veneza. Na velha capital dos ultimos dias do Imperio do Occidente o sepultaram á entrada do convento de S. Francisco e uma revolução popular que derrubou Guido de Polenta impediu-o de elevar um grande monumento, como pretendia, á memoria do seu amigo. Mas a sombra do poeta cobre ainda hoje a velha cidade do Exarchado bysantino de Belisario com uma recordação muito maior do que a da Galla Placidia, imperatriz, do que a de Theodorico, rei formidavel, do que a de Odoacro, derrubador do Imperio. O visconde de Vogüe, o erudito Carlos Diehl, todos os viajantes illustres que têm ido a Ravenna têm sentido o poder da evocação dessa memoria immensa.

Diehl escreveu o seguinte:

"Guy le Jeune, "Guido Novello", qui de 1316 á 1322 fut potestat de Ravenne, eut la gloire d'offrir aux derniéres années, aprés vingt ans d'exile il trouva enfin la paix."

E a verdadeira paz nem no tumulo teve o pobre Dante.

Annos após seu enterro um representante do papado quiz mandar jogar fóra os seus restos mortaes e os frades do convento vizinho os roubaram emparedando-os...

Porém, a calma relativa dos ultimos tempos da sua vida em Ravenna lhe permittiu acabar os ultimos cantos do "Paraiso" em que o amor do seu coração sobe da terra, livre de odios, até ás estrellas!

## A FAMILIA DE DANTE

A esposa do poeta, Gemma Donati, da qual disse no Canto XV do "Paraiso":

"Mia donna venne a me dival di Pado", deu-lhe seis filhos, dos quaes tres morreram pequeninos. Dos outros tres, uma moça e dois rapazes, Beatriz, Pedro e Jacob, sabe-se que a primeira se fez freira no convento "della Ulva", em Ravenna; Pedro, que era o mais velho, foi um jurista reputado e escreveu um commentario a respeito da "Divina Comedia"; o mesmo fez o seu irmão Jacob, que não deu na vista.

...

## A OBRA DO POETA

As primeiras obras que Dante escreveu foram diversos "canzoni", dos quaes muitos musicados pelo seu amigo Casella, e sonetos, cuja ordem chronologica até hoje se não poude estabelecer de modo definitivo.

Escreveu dois livros em latim: "De Monarchia Mundi", these politica em que procura demonstrar a necessidade dos governos monarchicos e em que em tão recuados tempos prega a separação do poder temporal e do

poder espiritual. No emtanto, a Egreja, sempre opportunista, allia-se hoje á commemoração do antigo Gibelino, do inimigo do Papa Bonifacio e do homem que desfraldou na Edade Média o estandarte da Separação dos Poderes! E "De Vulgari Sloquio", estudo profundo de philologia, no qual procurou qual o dialecto contemporaneo seu, na Italia, que teria fóros sufficientes para poder substituir vantajosamente o latim.

Escreveu um longo commentario das suas "canzoni" sob o titulo de "Il convivio", o mesmo titulo da obra de Platão, o "Banquete" e a "Vita Nuova", obra em que eterniza o seu profundo e mystico amor por Beatroz Portivari.

Mas a sua unica obra, póde-se dizer, a que lhe deu a honra de ser como Volmiki, Homero e Camões, um dos grandes poetas da Humanidade, foi a "Divina Comedia", synthese poderosa da alma da civilização medieval, feita por mão de mestre na vespera dessa civilização desapparecer.

## A DIVINA COMEDIA

Obedecendo a uma suggestão mysteriosa e inilludivel, o poeta se perde numa sombria selva, onde encontra a sombra amavel de Virgilio que o guia até o logar onde se deixam todas as esperanças. Assim, Dante desce ao Inferno, no centro da terra, feito de nove circulos cada vez mais profundos. No vestibulo, que é o Limbo, estão aquelles que viveram na terra sem infamia e sem honra tambem, os pagãos innocentes. No primeiro circulo, se acham as almas dos homens notaveis não baptisados. No segundo, guardado por Minos, os lascivos: Cleopatra e Dido, Tristão e Isolda, Paris e Helena, Paulo Malatesta e Francesca de Rimini. No terceiro, os gulosos, no escuro, uivando sob a chuva e o granizo. No quarto, os avarentos e os prodigos, a rolarem pedras como Sisyphos. No quinto, os colericos, esmurrando-se dentro de lameiros, que borbulham aos suspiros dos que lá dentro estão sepultados vivos. No sexto, começa o Inferno profundo, a horrivel cidade de Dite, cheio de herejes e gozadores, qucimados dentro de sepulchros ardentes. Entre os condemnados, o Imperador Frederico II, o "rei da psetilencia das encyclicas papaes. No setimo, que o Minotauro guarda, os violentos contra o proximo, contra si e contra Deus: Alexandre, Dionysio, Pyrrho, Nero, Atila, todos os conquistadores, todos os tyrannos; num bosque por onde vaga o centauro Nessus, cujo sangue molhou a tunica que torturou Hercules, os suicidas, pasto de harpyas; e num areal chove fogo sobre os blasphemos, os sodomitas e os usurarios. No oitavo, se vêm em diversas aposturas e suppliçios os fraudulentos, os alcoviteiros, os seductores, os aduladores, os simoniacos, os magicos, os adivinhos, os hypocritas, os ladrões, os máos conselheiros, os heresiarchas e os falsarios. No nono e ultimo, onde reluz o esplendor infernal de Lucifer, encontram-se os traidores dos parentes, da patria, dos amigos e dos bemfeitores.

Dahi Virgilio conduz Dante ao Purgatorio, que é guardado pelo vulto de Catão da Utica e onde os circulos, ao contrario dos do Inferno, se elevam ao invés de se aprofundarem e em cada um mais alto as penas vão menores. Sao sete os circulos. O primeiro para os soberbos, curvados com pesos. O segundo para os invejosos com as palpebras cozidas. O terceiro para os raivosos entre a fumaça. O quarto para os preguiçosos, obrigados a correr. O quinto para os avarentos e prodigos de mãos amarradas. O sexto para os glutões, supplicados como Tantalo. O setimo para os libidinosos queimados com chammas.

Ao sair do Purgatorio, Virgilio deixa Dante, dando por terminada a sua missão. O poeta vê o triumpho da Egreja em symbolos e por ordem de Beatriz, que lhe appareceo, banha-se no rio Lethes, para esquecer o mal, bebe no Ennoé, para recordar o bem, e guiado pela "criatura bella de bianco vestita" entra no Paraiso.

Ha varios céos, espheras transparentes em torno da terra. No céo lunar estão as almas dos que desejavam ser religiosos e não o puderam ser. No de Mercurio, os que, apesar de virtuosos, procuraram as gloria mundanas. No de Venus, os que amaram e foram devotos. No solar os grandes Doutores da Egreja. No de Marte, os que combateram pela fé. No de Jupiter, os principes justos. No de Saturno, os anachoretas contemplativos. No das Estrellas Fixas, o poeta tem a visão do triumpho de Christo e de Maria. No Empyreo, contempla as hierarcrias de anjos, as theorias de bemaventurados e a luz da Divindade.

Esse o resumo do entrecho formidavel desse grandioso poema religioso e secular, cheio de satyra politica libello contra o poder dos Papas, grito de dôr da Italia martyrizada, summula formidavel de conhecimentos.

## O GEOMETRA DO AMOR

Todo o poema de Dante é com toda a vida de Dante: um producto do amor mais puro. Foi esse amor ideal do poeta por Beatriz que moldou a sua alma no amor das coisas e dos homens. Pelo amor elle se eleva do inferno ás contemplações mysticas da bemaventurança. E é pelo amor que o seu grande poema termina.

Falando delle, o doutor Luigi Polacco escreveu:

"Ed a me, giubilato professora di matematiche, sia concésso intitolare anche questa, come credo, per m ultima edizione del Poéma, a Dan "geométra". Egli steno amó, diffat assomigliarsi, nel punto piú alto del la su visione (Par. XXXIII, 133 al "geométra" che tenta un proble ma infinito; e tutta l'opera sua di vina é una continua geometria, no solo delle figure, ma e dei colori e dei suoni e dello idée, sino a congiungere insiéme l'Ordine universale la perfétta Bonta' nell'unità supré ma di Dio — "l'Amor che muove i sole e l'altre stelle".

E esse geometra da palavra e de amor resolveu, escrevendo a "Divina Comedia" o grande problema que enche a imaginação dos poetas, o problema da immortalidade da sua obra.

25 Set. 1921
"Correio Paulistano"

# NOTAS DE FOLK-LORE

Em tres escolas divide-se o estudo da novellistica ou mythographia, que geralmente se chama folk-lore. A primeira é a mythologica, tendo á sua frente os irmãos Grimm, de Gubernatis, Max Muller, Afanasiev, que procura explicar as manifestações semelhantes de todos os folk-lores como reminiscencias religiosas e mythologicas dos povos de origem commum e os seus personagens como symbolos de phenomenos naturaes, mythos solares ou lunares, etc. A segunda é a historica, chefiada por Kohler, Benfey, Gaston Paris, que nega essa significação mythologica e affirma a sua origem historica asiatica, sendo levadas as suas formas por meio dos viajantes, dos literatos, dos marinheiros para os diversos paizes onde apparecem com ou sem transformações. A terceira, mais moderna, é a anthropologica, que se baseia no polygenismo, affirmando que os motivos folk-loristicos, apesar de semelhantes, nasceram independentemente uns dos outros, que as mesmas condições produzem em logares diversos as mesmas manifestações de arte popular, que essa semelitude de contos e poesias surge de méras coincidencias accidentaes. E defendem essa escola Andrew Lang e Joseph Bédier.

Parece, no emtanto, que a verdadeira escola seria aquella que adoptasse os tres criterios aqui summariamente expostos na explicação das razões por que apparecem em povos os mais diversos as mesmas fórmas folk-loristicas. Porque, com effeito, numas ha, em verdade, symbolos das mythologias mortas, noutras origens historicas facilmente constataveis e noutras méras coincidencias eventuaes. Baseado ora numa, ou noutra das grandes escolas mythographicas européas, portanto, e applicando seus principios ora aqui, ora ali, é que eu colho pelas minhas leituras afóra as notas de folk-lore com que caceteio, uma vez por outra, os meus leitores.

## O JOGO DA CARA OU CRÔA

Todos nós sabemos que os moleques e garotos das nossas cidades e villas do interior se reunem nas esquinas ou á sombra de arvores, para jogar com um vintem ou um nickel, como os soldados o fazem nas suas tarimbas, o jogo da cara ou cunho, ou da cara ou crôa. Fazendo girar rapidamente a pequena moéda, o banqueiro de repente a cobre com a mão e pergunta:

— Cara ou crôa?

Então, os apontadores fazem as apostas, depositando o dinheiro dellas nas costas da mão do banqueiro. Este descobre a moéda e ganham aquelles que acertaram qual a face della que está voltada para cima.

Este jogo nos vem da mais alta antiguidade. Fala delle o escriptor latino do IV seculo Sextus Aurelius Victor, na sua "Origo Gentis Romance" (edição Panckoncke, Paris, 1846), nestes termos: "Istum etiam usum signandi aeris ac monetae in formam incutiendae ostendisse traditur, in qua ab una parte caput ejus imprimeretur, altera navis, qua vectus illo erat. Unde hodieque aleotores, posito nummo opertoque, optionem collusoribus ponunt enuntiandi, quid putent nuberse, caput aut navem: quod nunc

vulgo corrumpentes naviam dicunt." Isto é: "dizem que Saturno inventou o uso de trabalhar o cobre e cunhar moedas. Dessas, cada uma tinha dum lado a cabeça de Janus e do outro a figura do navio que trouxera Saturno ao Lacio. Por isso, até hoje os jogadores, depois de ter collocado e tapado o seu jogo, deixam aos seus adversarios a escolha de apontar qual das faces julgam estar escondida: cabeça ou navio, que agora se chama corrompidamente **navia.**"

O documento é bastante, creio, para provar a velhice desse jogo querido dos garotos e dos soldados, que, apesar de tantos centenarios, só mudou de nome pela metade: de cara ou navio? passou a ser cara ou crôa? e por fim — cara ou cunho?

**O SACY, O SCIAPODO E O TROLL**

O Sacy Pererê do nosso interior é um molequinho cabeçudo, quasi pellado, que anda pelo matto e pelos caminhos pulando numa perna só. Como o caipora ou corrupira do Norte, é uma especie de senhor da matta e das rochas, dono dos logares ermos e pistolão para os cacadores. A não se na côr, lembra completamente os sciapodos, povo fabuloso de que nos fala Plinio. Depois de ter lido na "Historia Natural" deste classico a descripção do sciapodo, fiquei convencido de que era o sacy branco. O seu nome vem de duas palavras gregas **skia** — sombra e **podos** — pé. Pela descripção de Plinio, por um baixo relevo representando um delles que vi em baixo relevo, junto ao portal lateral da Cathedral de Sens, em França, quando a visitei, por uma illustração a seu respeito que encontrei folheando a velha "Chronica de Nuremberg", na **Biblioteque National**, de Paris, virifiquei que esses sciapodos em que criam os antigos eram individuos pequeninos que sómente possuiam uma perna e um pé, este tão desmesurado que, quando o sol estava quente, os seus donos se delvam de costas no chão e delle faziam guarda-sol. Andavam pelos desertos e pregavam peças aos viajantes. Uma unica differença, repito, os separa do Sacy-Pererê — a côr; emquanto este é preto retinto, elles eram claros.

No folk-lore dos nossos sertões, ha, além dos espiritos dominadores das terras e das caças, como o caipora e o sacy, os que governam as aguas, como as yáras ou mães d'agua. Este phenomeno occorre em todas as mythographias do mundo. Nós vamos constatal-o até no extremo norte da Europa, na Scandinavia, segundo os estudos do Edmond Pilon ("Contes Anciens du Nord", illustrados p Kay Nielsen, edição de arte de H. Piazza, Paris, tiragem limitada de 1.500 exemplares numerados). Esse autor verificou no norte europeu a existencia de tres ordens de criaturas maravilhosas, presidindo aos phenomenos da natureza: da agua, do ar e da terra. São os tres espiritos que Lesemte enumera na sua "Histoire des Tées": o stromkarl, que vive na agua; o gnomo, que existe no ar, e o troll senhor dos bosques e dos rochedos. Esse troll é, ás vezes, um monstro horroroso e de formidavel poder. De outras, não, surge como um pequeno anão **espiégle** e vadio, pulando, numa perna só, pelos caminhos além. Então, póde até certo ponto apresentar interessante semelhança com o nosso sacy. Pontos de contacto com este ultimo possuem os endiabrados zotterais do Rheno, de que nos fala Henrique Heine.

Não creio que os sacys sejam netos dos trolls e zotterais, nem bisnetos dos sciapodos. Constatando as semelitudes que os unem, quero acreditar neste caso no valor das coincidencias accidentaes e acceitar o dogma da escola anthropologica de que identicas condições géram eguaes manifestações da imaginação popular.

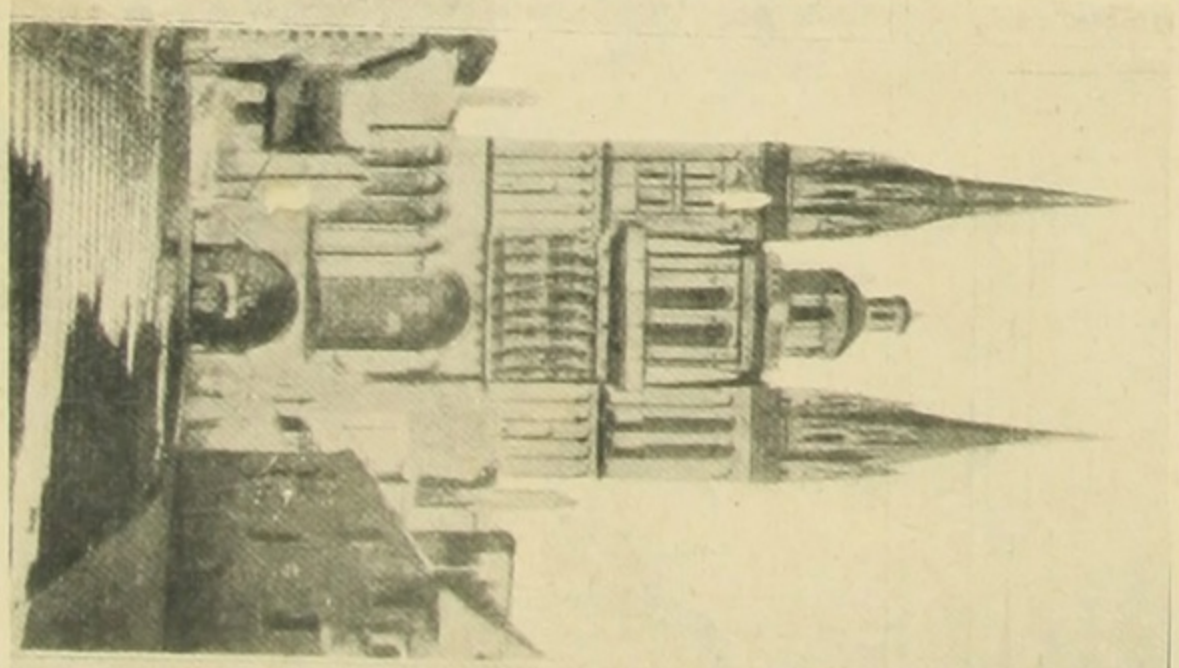
A inclinação para crear o maravilhoso, que Nadier acha innata nos homens, é-lhe de tal modo necessaria que, na Laponia como na Africa, na Australia como no sertão do Brasil, elles inventam desses espiritos para povoar com elles as aguas, os ares, as florestas e as casas.

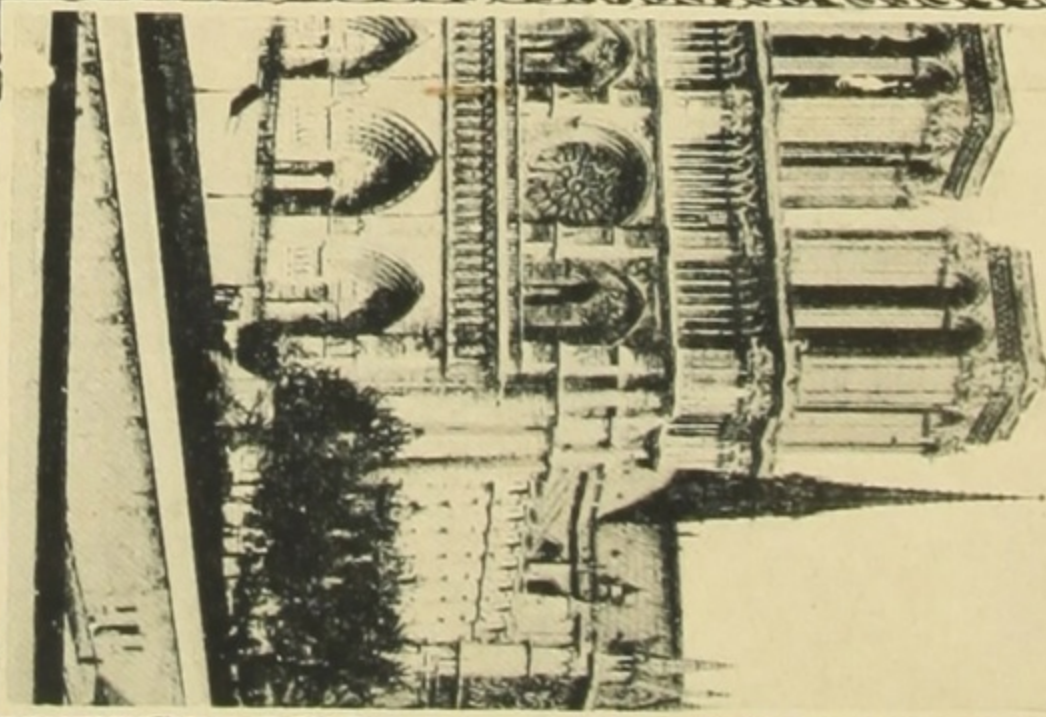
**João do NORTE**

166

# Symbolismo das Cathedraes

A. L.





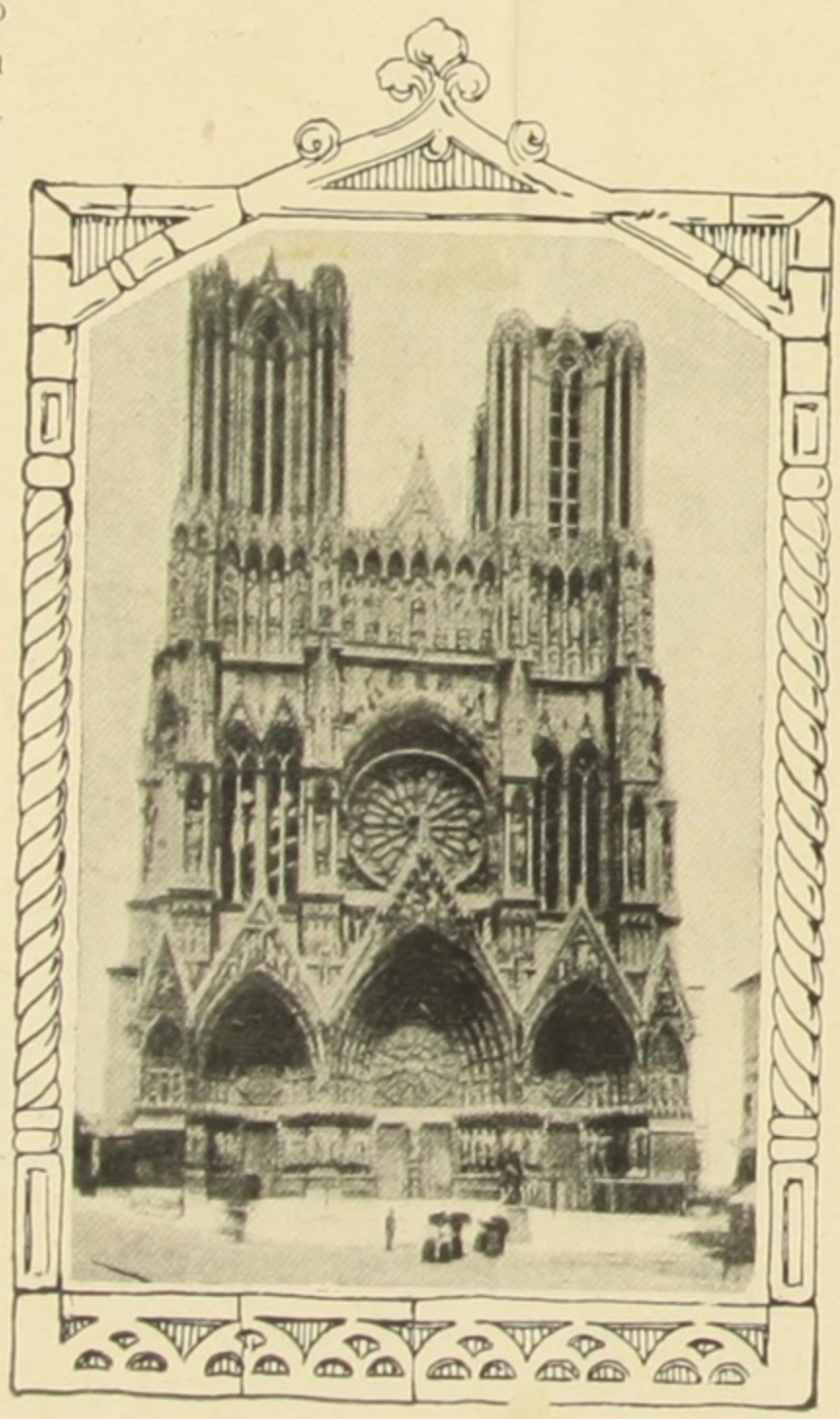
"Revista de Pernambuco"
3 de Setembro de 1921
(Página interior) L

TRECHO DA CONFERENCIA DO SR. GUSTAVO BARROSO (JOÃO DO NORTE) LIDA NA ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS DO RIO DE JANEIRO, A 20 DE AGOSTO DE 1921.

CONSTRUIDA com o lióz dourado da Champagne, com o calcareo do Somme, com a lava de Clermont ou com o granito da Bretanha, cada cathedral, desde a mais simples á mais esplendorosa, é uma summula theologica tão grande quanto o que S. Thomaz de Aquino escreveu.

Para isso se combinam todas as partes do edificio — vitraes, esculpturas, janellas geminadas, columnas e columnatas, umas illustrando o dogma, outras glorificando a moral, representando os capitulos principaes da Vida e Paixão do Senhor, da Vida da Virgem e da Vida da Egreja, da Encarnação, da segunda vinda do Messias, da Virtude, da Graça, do Julgamento Final e da Egreja triumphante. Cada coisa material d'uma egreja gothica traduz, assim, uma verdade theologica. Ha, portanto, quem as chame com razão "Biblias de Pedra" ou "Alphabetos e Epitomes Christãos". Biblias de arte magnifica! Alphabetos de pedra, de vidro, de côres e de formas!

Para Huysmans cada uma "é um livro de orações, um missal enluminado, encadernado em alabastro em vez de pergaminho". E precisa ser lido com religiosidade, afim de se poder comprehender o sentimento que exprime e que a ergueu. Biblia e Evangelho, uma cathedral é tambem uma feeria de pedra trabalhada, que contem um mundo de pensamentos, um mundo de fé, um mundo de aspirações, um mundo ainda maior de symbolismo, como se ella fôra uma Theogonia de ophite, de lióz ou de granito.



*Cathedral de Reims.*

A base da cathedral, segundo se vê da sua planta, é uma cruz, cuja haste a grande nave forma e cujos braços são formados pelo transepto.

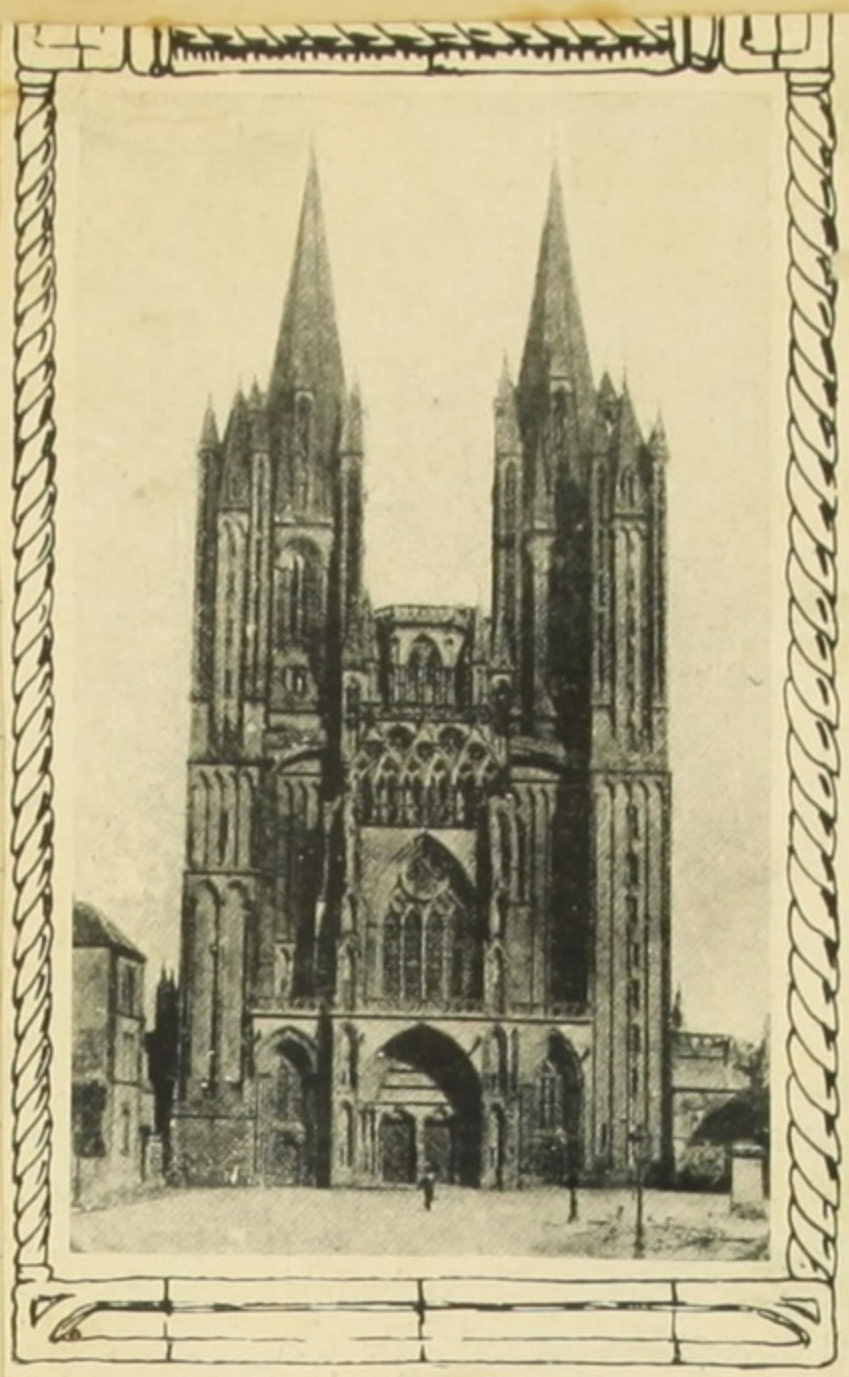
Adeante do cruzamento da nave e do transepto, fica a ábside, circular e semi-inclinada para um lado, toda rodeada de ousias, de pequenas capellas. A base mystica de todo o symbolismo da egreja gothica é essa cruz, representando a ábside a cabeça do Salvador, inclinada para um lado, e a servir de capellinhas absidaes a corôa de espinhos.

A elevação do edificio é symbolicamente dividida em tres partes, que lembram a Santissima Trindade. E na parte basica devem estar os prophetas que predisseram o Messias como na parte superior os apostolos que o proclamaram.

. . . . . .

As ogivas são duas mãos postas em oração, entre as quaes reluz o sangue, refulge o azul e rebrilha o oiro dos vitraes.

Estes allegorisam a vida interior: escuros do lado de fóra da egreja, com as suas rêdes de malha de chumbo que lembram as cótas da malha dos cavalleiros, são esplendidamente luminosos do lado de dentro. A alma deve ser assim — somente illuminada por dentro. Os pequenos tectos facetados das absidiolas recordam as cabeças dos cravos que pregaram Jesus. As rosaceas são as rosas mysticas, e os demonios das gotteiras e das balaustradas os peccados que nos espreitam. As portas lateraes são as chagas das mãos do Crucificado; as principaes, as chagas dos pés. E as tres rosaceas da fachada, uma grande ao meio de duas pequenas, o presbytero entre o diacono e o subdiacono.

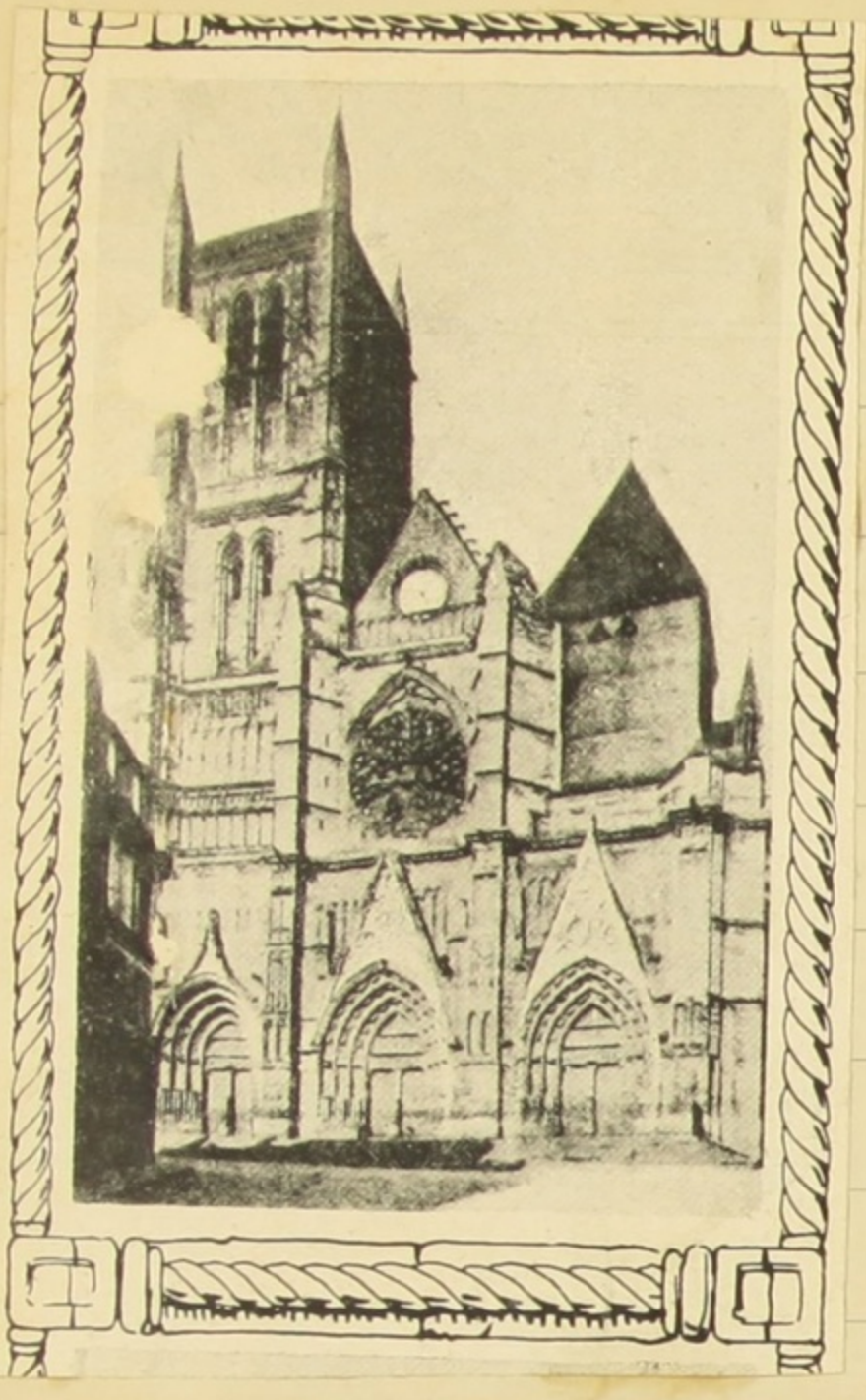


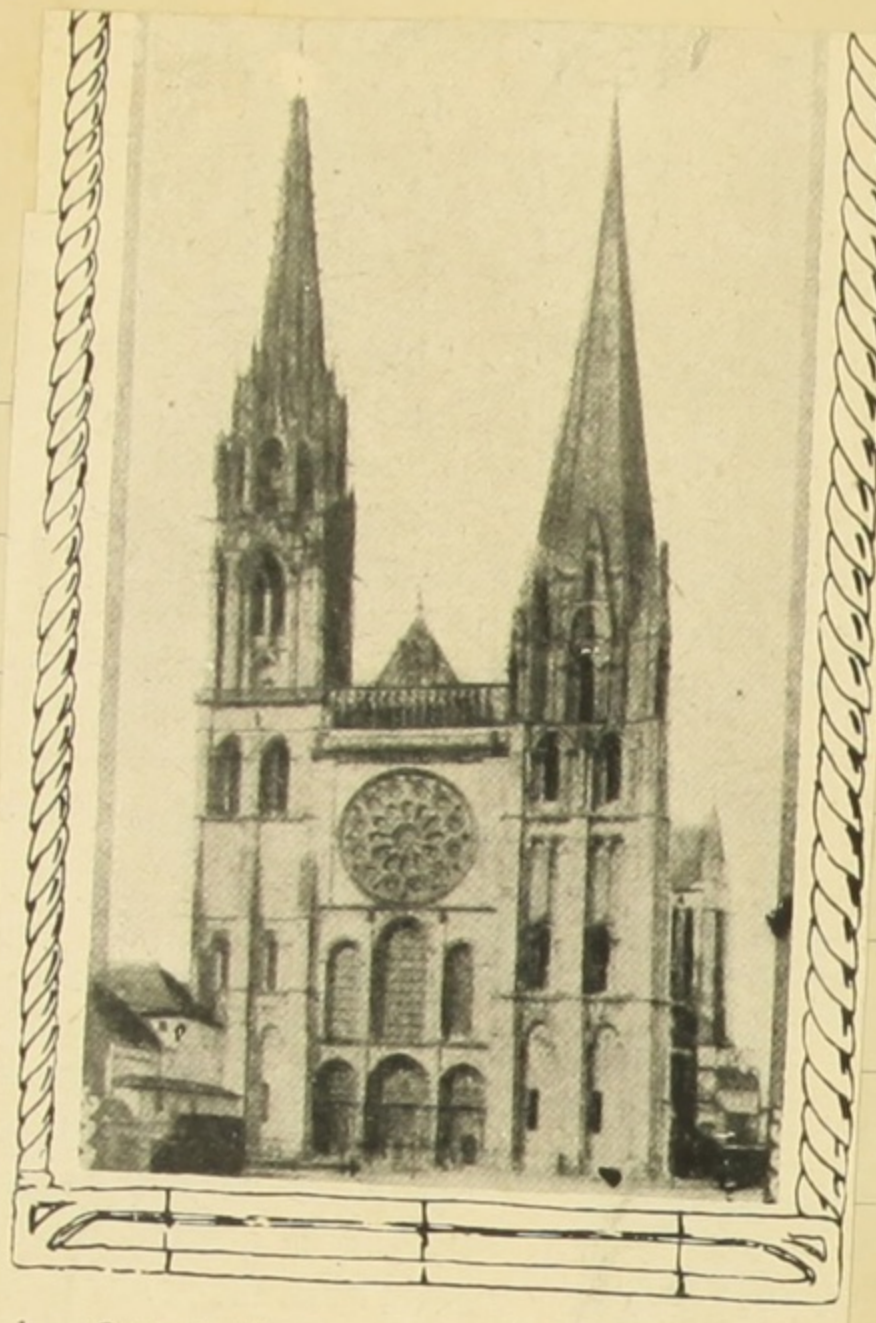
*1 — Cathedral de N. S. de Paris. 2 — Cathedral de Angers. 3 — Cathedral de Coutances.*

A symbolica, que é a propria alma da Egreja e que creou a sua admiravel liturgia, foi a idéa mãe da arte medieval, isto é da architectura, porque esta foi na Idade Media a summula de todas as artes.

Em primeiro logar, a cathedral é a belleza que surge de terra escura e peccadora, ainda informe e pesada na sua base, aligeirando-se pouco a pouco, na ancia de elevar-se, rendilhando-se em seguida e depois subindo, espiritualisada e leve, graciosa e aerea, para o céu azul, em audaciosa apotheose. Esse esforço de ascensão está todo elle nas linhas verticaes. Ogivas, arcos trilobados, flechas, vegetações bizarras subindo pelos angulos dos nichos, corucheus pontud[illegible] impulso dos arcos-botantes, columnêlos de diademas florejados, tudo representa a elevação para o firmamento, para Deus.

As duas torres, sempre differentes, embora ás vezes pareçam iguaes, significam os dois grandes poderes da Egreja... A torre menor é a da Encyclica — representa o poder temporal. A torre maior é a do Evangelho — representa o poder espiritual. Ambas lembram as duas columnas do Bem e do Mal, que havia deante dos sanctuarios antigos : as columnas de Hercules; a de oiro e a de esmeralda, uma a luz, outra o abysmo, uma o sol, outra o mar, no portico de Melkarth em Tyro; as mesmas que Salomão, cujos architectos eram phenicios, collocou á entrada do seu templo, denominando-as Jakin e Booz ; as mesmas dos templos egypcios — uma que era vermelha e consubstanciava a ascensão do espirito para a luz, outra que era negra e indicava o captiveiro do espirito na materia; as mesmas que ainda hoje se encontram em qualquer loja maçonica.





1 — *Cathedral de Amiens.* 2 — *Cathedral de Meaux.*
3 — *Cathedral de Chartres.*

"Fon-Fon" 10 - VII. 1921

## Folk-lore cearense

*Uma anecdota jornalistica*

Nas rodas da imprensa e da politica do Brasil não ha talvez quem desconheça o nome de um velho jornalista e politico cearense, um grande espirito de lutador e homem terrivel pela mordacidade e pela satyra, que foram em todo o tempo as armas que escolheu para se fazer temido e respeitado.

Conhecedor profundo da historia do Ceará e da genealogia de todas as familias, que chegaram a certa evidencia no seu meio, o velho jornalista cearense nunca soube perdoar as faltas e as fraquezas dos que passaram á eternidade, se preciso se tornava revolver-lhes as cinzas na denuncia de um facto passado, para atiral-as ás faces de algum descendente mal avisado, que por ventura, lhe estivesse «azucrinando» a paciencia.

Dono de um jornal, que elle sosinho escrevia, doido era quem se atrevia a contrariar-lhe a opinião, ou rebater-lhe um conceito, porque na certa, no dia seguinte, estava com a reputação em pandarecos, com o nome do pae, da mãe do avô e da avó no ôlho da rua, sem poder se defender, porque era peor, e lá vinha o da bisavó, do tataravó e dos ancestres, cada qual mais denegrido.

Em mais de sessenta annos de imprensa, não se exagera dizendo-se que no Ceará, si vivo alguem escapou da penna do publicista furibundo, foi porque ficou emprazado para depois de sua morte, nas entrelinhas de uma noticia, ou nas tarjas negras de um necrologio.

Ha alguns annos falleceu em Fortaleza o Desembargador X, ancião respeitabilissimo pela sua inteireza e saber, chefe de numerosa e illustre familia, que até então se julgava uma das mais puras em materia de sangue e linhagem.

A morte do antigo e querido magistrado foi sentidissima e todos orgãos de publicidade della se occuparam, enaltecendo de maneira elevada e brilhante a carreira e a vida do vulto notavel que desapparecia.

.....

.....

O jornal do velho, mordaz e satyrico, aos grandes elogios que fez ao Dezembargador X acrescentou a seguinte nota, até então desconhecida:

O Dezembargador X era filho do «virtuoso» sacerdote Fulano, vigario da parochia de São Bernardo das Russas...

A familia do defunto desmaiou...

## Berreguedengues

Tudo no Brasil se faz devagar. Tudo. E' o paiz em que a pressa não existe. E' o paiz conhecidissimo do «deixa para amanhã». Basta olhar a gente que anda nos ruas para verificar como ninguem tem pressa. Todos caminham pausadamente, distrahidamente, como quem passeia no seu jardim, fazendo a digestão.

Mas ha uma coisa que os brasileiros fazem ás carreiras, uma unica: os enterros. Emquanto noutras partes se acompanha um ferectro com respeito, lentamente, aqui o cocheiro da Santa Casa tange os cavallos a galope e os acompanhadores seguem velozmente atraz, em automoveis assassinos e businantes. Que pressa feroz de se vêrem livres dos mortos! E ao vêr passar um comboio funebre nesta cidade, á toda, a gente não póde deixar de se convencer mesmo que *les mortes vont vite.*

170

"Fm-Fm" 17 set. 1924

## NOTAS PEDAGOGICAS

Um livro admiravel, na clareza da sua exposição e na erudição das suas fontes, é o que acaba de publicar o professor cearence Julio de Matto Ibiapina, para concorrer á defesa de these da cadeira de Allemão do Collegio Militar do Ceará sob o titulo *Construcção Allemã*. Geralmente os trabalhos dessa especie são maçudos e intragaveis. Este faz excepção á regra. Prende, e agrada ao leitor. E' tudo elle vasado na orientação moderna, convincente, leve, elegante mesmo que deram aos modernos estudos de philologia Bopp, Grimm e Schlegel.

Estudando eruditamente a construcção da lingua tudesca, o professor Ibiapina abebera-se na sua filiação historica e procura no Passado Germanico as razões do seu falar contemporaneo. Si faltassem ao livro de sua these outros meritos, o que se não dá, em verdade, bastar-lhe-ia essa maneira elevada de encarar os factos glottologicos para dar-lhe subido valor.

Raramente temos visto obras no genero que possuam melhor directriz a mais bem fundada exposição, o que certo lhe grangeará os applausos e a approvação da douta congregação que o vae julgar.

Além desse conhecimento theorico da lingua, tão admiravelmente demonstrado na sua these, o autor, conta com a vantagem do conhecimento pratico da mesma, obtido em alguns annos de estudo na Europa.

**A Gambá** Passando por uma ladeira de Santa Thereza, onde a Limpeza Publica deixa o lixo apodrecer â beira de terrenos desmurados, vi ao meio de hervanços humidos, o cadaver duma gambá, morta por uma dentada de cachorro ao pescoço.

Seis filhinhos pequenos do marsupial tinham sahido da sua bolsa e mamavam ainda os seios frios da mãe assassinada. Nós os que escrevemos somos extranhas creaturas que meditam deante dum cadaver de gambá... Tive uma grande piedade daquelles entesinhos fracos, abandonados alli e destinados a morrer de fome. Mas logo pensei que a mãe delles, astuta e feroz, nunca perdoara ás varias gallinhas, bôas progenitoras de pintos, que devêra ter sangrado no deeurso de sua aventurosa vida. E todo o sentimento de pena fugio do meu coração....

Dizem os francezes dos meninos: «cette âge est sans pitié.» Não é verdede. A falta de piedade verdadeira vem com as reflexões. Quanto mais velhos, menos pena temos dos gambás verdadeiros ou *humanos* que o Destino inflexivel reduz a cadaveres á beira das ladeiras da Vida...

**Berreguedengues** — Os moços gostam pouco de recordar e os velhos, pelo contrario, gostam muito. Dahi o dizerem a cada passo, a cada momento: « No meu tempo...» Por que será que lhes é tão caro o passado?

— Porque estão mais perto da morte do que os moços.

— Não duvido do que dizes, porém em que baseas tua opinião?

— Em Aristoteles. E' o velho philosopho de Stagira que nos diz no capitulo XIII da «Rhetorica» o seguinte:

« Os velhos vivem mais pela saudade do que pela esperança, porque pouco tempo lhes resta de vida e logo já é o seu passado.»

— Estou, com effeito, de pleno accordo. A differença que ha entre a mocidade e a velhice é justamente esta: a primeira tem mais esperança que saudade; a segunda mais saudade que esperança...

**A levada** Por uma rua suburbana, onde costumo passar, corre um levada de aguas pluviaes. As vezes sigo o seu pequeno curso sinuoso até vêl a perder se na caudal dum rio proximo. Ella atravessa um bairro pobre e serve a varios moradores para diversos misteres: bebedouro de gallinhas, lavadouro de roupas, etc. E essa agua pêca e captiva grulha entre pequenas ribanceiras cobertas de hervas, fazendo me lembrar da Biéve parisiense que deu a Hysmans assumpto para uma das mais bellas paginas litterarias da França.

## Uma aguia do Norte

Falando da uniformidade de pensamento que a Egreja conseguio durante certas épocas espalhar á face da terra, o luminoso Henrique Heine escreveu o seguinte num dos mais bellos capitulos dos «Reisebilder»:

«Talvez um estado de communhão de pensamentos e de uniformidade de espirito que a Egreja christã e romana da Idade Media quiz fundar em toda a Europa. Eis ahi sem duvida o motivo porque tomou sob sua tutella todas as relações sociaes, todas as forças e manifestações da vida, emfim todo o homem, tanto moral como physicamente. Não se poderia pôr em duvida que muita felicidade e paz resultavam dessa acção, que a existencia humana se desenvolveu, então, mais fervente e intimamente e que, ao mesmo tempo, as artes, semelhantes a flôres desabrochadas em silencio, desdobraram a magnificencia que ainda hoje admiramos e que a nossa sciencia inquieta e apressada não saberia imitar. Mas o espirito tem direitos eternos que se não podem tolher...»

Foi na defesa desses direitos do espirito que tombaram muitos e muitos dos mais claros espiritos da Humanidade. Essas victimas deram o seu sangue pela liberdade. E hoje, como de resto Heine o fazia notar, as aranhas dos dogmas não devoram mais as Aguias do Norte.

Entre essas Aguias assim cruelmente devoradas se conta como a principal a figura formidavel do aposto tcheque João Huss.

## NOTAS ESTRANGEIRAS

Não podia ser melhor a escolha que fez o governo italiano do commendador Luigi Mercatelli para seu Embaixador no Brasil, não só pela sympathia de que gosa o illustre diplomata nos nossos circulos sociaes como pelo proprio prestigio de sua personalidade. Com effeito, o actual representante de Sua Magestade o Rei Victor Emmanuel no Rio de Janeiro é uma das individualidades notorias da Italia moderna, cujos homens de Estado têm desempenhado ultimamente relevante papel em todas as grandes questões internacionaes.

Sua Excellencia foi durante bastante tempo um grande jornalista no seu paiz, dirigindo a *Tribuna* de Roma, um dos orgãos mais acatados pela opinião publica da Peninsula e de força real na imprensa européa. Além de jornalista, é estadista de valor, tendo-se especialisado sobretudo em questões coloniaes. O seu governo escolheu-o para administrar as colonias na Africa e agora mesmo elle acaba de deixar a direcção da Tripolitania, onde affirmou mais uma vez o seu prestigio pela clarividencia de suas decisões, pela energia calma das suas resoluções, pelo progresso que imprimio á terra que a moderna Roma revigorada conquistou do outra lado do Mediterraneo, seguindo o exemplo da Roma antiga, e arrancando á anarchia e á rotina dos turcos um torrão admiravel, onde a expansão da sua soberania só tem produzido beneficios.

Nesta pagina de homenagem ao novo Embaixador da Italia no Brasil, que aqui encontrará a sympathia de que sempre gozou augmentada pelo tacito reconhecimento de suas altasqualidades, publicamos, além de sua photographia, algumas vistas da cerimonia realisada com a sua presença na capital da Tripolitania, quando da abertura da assembléa dos Senussi, do parlamento indigena, que sob a administração italiana ajudará esta a dirigir para o bem a nova colonia.

***Victimas da Siberia*** Na Siberia fria e feroz estão ainda hoje soffrendo inenarraveis torturas milhares de orphãos polonos. São creanças infelizes que para alli os bolshevistas levaram e que padecem, no abandono, fome e frio. Emquanto os polonos prisioneiros moriam nas masmorras da Russia, os seus filhos eram atirados ao desterro siberiano.

Já uma commissão polona, auxiliada nobremente pelo governo japonez, conseguio retirar desse inferno gelado grande numero das victimas innocentes, porêm milhares ainda lá estão e é necessario que todos os polonos do Brasil mandem auxilios urgentes para libertal os, porque até agora os auxilios se reduzem ao dinheiro enviado pela colonia polona nos Estados Unidos.

***Berreguedengues*** — Conheces a historia encantada da fada Melusina?

— Não. Conta m'a.

— Um cavalheiro da casa nobre dos Lusignans, apaixonou-se pela fada que encontrou n'um bosque e tornou-se seu marido; mas em certos dias ella era obrigada a ir cumprir um fadario e elle não podia vêl-a n'essas occasiões. Mas, vencido pela curiosidade, o cavalheiro uma vez se occultou perto do lugar onde ia a sua mulher e viu-a, com espanto, tornar-se serpente pela metade, do umbigo para baixo. Deu um grito de horror e impediu assim a fada de se desencantar, perdendo a para sempre. Entretanto, ella continuou a proteger a sua familia. E do appellido de *Mère Lusignan*, que documenta essa protecção, com o tempo o povo formou o nome Merlusine e por fim Melusina.

— Que homem feliz esse Lusignan! Felicissimo!

— Por que, creatura?

— Porque possuia uma mulher que era serpente só da cintura para baixo, só pela metade, quando a maioria dos homens têm esposas que são serpentes da cabeça aos pés e outras que valem por duas e mais serpentes...

***Berreguedengues*** — Uma vez sonhei com o numero 20, não comprei um bilhete de loteria com essa terminação e ella deu mil contos. Sou mesmo caipora!

— Eu sou muito mais!

— Como?

— Escute. Sonhei ha dias que comprava um bilhete da loteria do Rio Grande n. 888 e que tirá a quinhentos contos. Pensei em ir procural-o na cidade, mas disse logo de mim para commigo que não o acharia, pois seria impossivel encontrar tal numero assim dum momento para outro. Fui para a janella. Chovia a cantaros. De repente, na minha rua, que é uma ladeira deserta de Paula Mattos, avisto um homem vendendo bilhetes. Chamo-o e pergunto lhe que bilhetes tinha. Respondeu-me que só lhe restava um do Rio Grande, inteiro, premio de 500 contos. E o seu numero era 888! Comprei-o açodadamente...

— E?

— E sahio branco!...

# A CERAMICA DOS INCAS

A vida intellectual dos antigos Incas do Perú, foi muito interessante nas suas manifestações architectonicas, nos seus monumentos, nas suas artes decorativas e especialmente nos objectos de ceramica.

Seguindo a lei do desenvolvimento da arte, a musica, a dansa e a poesia guardaram relações muito intimas com a arte da guerra, com a agricultura e a religião. A dansa serviu ás vezes para acalmar a colera dum cacique altivo; outras para enthusiasmar os animos, preparando-os para o combate. As canções, geralmente de indole amorosa, exprimiam sentimentos de prazer ou de dôr, de alegria ou de angustia, segundo se referiam ao exito ou á derrota da paixão.

Uma arte que chegou á maxima perfeição foi a dos huacos, pequenos recipientes de barro cozido, utilizados para depositar agua, nos quaes se admiram alguns dos motivos vividos pela raça do Sol, suas crenças, seus symbolos, dansas e deuses. Nos huacos que illustram esta pagina, o da Morte tocando tambor, rodeado pela dansa macabra, revela-nos a original interpretação da Parca pelos antigos peruanos. Ella não tinha para elles o horrivel aspecto da dos christãos. Era mais suave, mesmo mais bella... Segundo a sua philosophia, no reino da Morte se encontrava a verdadeira vida do espirito, que só se podia desfructar, abandonando as miserias da terra.

Outros huacos singulares são os que encarnam as figuras humanas, as enfermidades de Uta e de Syphilis, cujas origens se ignoravam e que eram combatidas como leões, condôres, serpentes pumas, corujas e morcêgos.

Os huacos são encontrados nas antigas sepulturas. Como se sabe, os mortos eram enterrados com suas roupas e objectos de uso, porque se acreditava que delles continuavam a servir-se na eternidade. No museu de Lima ha bom numero desses huacos que dão idéa das bellas manifestações de ceramica no antigo imperio incaico e nos centros civilizados e cultos que o succederam, entre os quaes sobresae o da civilização pre-incaica de Nozca.

como maleficios e influencias chimericas, com os esconjuros dos magicos ou amautas.

Os huacos são pequenas obras de arte, obras de oleiros excellentes. Seu estylo ornamental é severo e elegante, apezar do forte colorido que ostentam suas figuras. Nelles se vêm symbolizados os objectos e animaes que serviam de deuses penates entre os Incas

Cacique — A Morte — A Syphilis — A Uta

"Selecta" 10 - de Fevereiro 1921

173 "O Jornal" 25 de Setembro de 1921

# A MEDICINA DOS ANIMAES

Em todo o sertão do Nordeste do Brasil se acredita que o tejuassu', quando mordido em luta com a cobra, deixa o combate, corre até encontrar o vegetal conhecido pelo nome de cabeça de negro, come as suas raizes, neutraliza assim o veneno do ophidio e volta a terminar o duello em que geralmente sáe vencedor. Essa crendice remonta á mais recuada antiguidade. Uma feita, acompanhei-a, minuciosamente, em um de meus artigos, até aos assumptos de Leonardo da Vinci, onde ella figura, até á "Historia Natural", de Plinio, onde foi parar trazida do Oriente. Ainda hoje, na India, se crê que a "mangonste" dos francezes, o "zorrillo" dos hespanhóes, o nosso cagambá, jiritacaca ou maritacaca, ao ser mordido por uma serpe, com a qual esteja lutando, vae buscar uma herva que a cura (R. Kipling — "Rikki-Tikki-Tasi").

Mas a medicina dos animaes é muito mais vasta. Ella não se resume nestes simples casos dos bichos inimigos das serpentes, que comem certas hervas para se defenderem do veneno que lhes foi inoculado.

Em todos os velhos livros de historia natural se encontram numerosos exemplos de animaes que se curam por si, desta ou daquella enfermidade, empregando estes ou aquelles "simples" com espantosa maestria. Infelizmente, como o faz notar Joseph Bedier, que é um grande folklorista, não se póde seguir claramente o mysterioso trabalho pelo qual se fundam e se destróem as lendas e as superstições. E quando um de nós, creado no interior do Brasil, ouvia na meninice dizer que o gato ao sentir dôr de barriga, comia capim, mal sabia que na edade adulta, quando lhe desse a incuravel doença de ler e escrever, iria achar essa e outras crendices nas paginas de Leonardo, de Plinio, de Aristoteles e dos antigos livros da India — Baghavds ou Pantschotantras.

A medicina dos animaes, em que toda a antiguidade acreditou e em que ainda em nossos dias camponezes europeus ou sertanejos brasileiros acreditam, é sobremaneira curiosa. E um dos autores classicos que mais se dedicou a escrever sobre ella foi Claudio Eliano, que, segundo Perizonius, viveu ao tempo de Heliogabalo e Alexandre Severo, no segundo seculo da era christã. Tanto a sua "Historia dos Animaes", como as suas "Varias Historias", estão cheias de pequenas noticias, a proposito dos remedios que, espontaneamente, os animaes empregam para curar as suas enfermidades. Muitos delles fôram tirados das obras de Aristoteles e de Plinio; outros foram seculos mais tarde copiados por Leonardo, no seu "Bestiario". Procuremos alguns desses interessantes exemplos nas "Varias Historias", de Eliano, traducção Docier, edição de Montard, livreiro da Delphina de França. Paris, 1772.

Os javalis, quando comem os frutos da jusquiama, ficam paralyticos dos quartos trazeiros, quasi como o gado nordestino quando come o tingui. Difficilmente se arrastam até um logar á beira da agua doce, onde haja camarões (os nossos pitu's, aratanhas e cannellas), comem-n'os e ficam logo bons. Os veados mordidos pela venenosissima tarantula, curam-se comendo as folhas da herva selvagem. Os leões doentes só se restabelecem, devorando um macaco.

Na sua "Historia dos Animaes", o autor explica por que motivo o macaco serve de remedio: — a sua carne tem effeitos purgativos...

Eliano, no capitulo XXXV, da sua primeira obra citada, affirma ainda que os camarões de agua doce servem tambem de antidoto aos veados contra o veneno das aranhas e que elles comem o alho, quando precisam de se purgar. E as cabras montezes feridas pelas flechas dos caçadores, mastigam a planta Dictamna, originaria da ilha

174

de Creta, que promptamente as livra de todo o mal.

Isto, antes de Eliano, Virgilio perpetuara nos versos da "Eneida", livro XII:

"...Non illa feris incognita capris
Gramina, cum tergo volucres haesere sagittae."

Os remedios empregados pelos animaes que Plinio cita são ainda mais interessantes que os de Eliano. Para elle, o hippopotamo sabe até sangrar-se. Espiga a parte do corpo em que haja uma veia mais proxima da epiderme numa ponta de caniço ou no espinho de um cactus até fural-a. Depois, tapa a ferida com lama. A doninha come arruda para se precaver contra a mordedura dos ratos. O javali come a hera para se livrar de certos incommodos. A ibis dá clysteres em si propria com o seu longo bico! O corvo toma purgativos de folhas de loureiro. A andorinha dá vista aos filhos que nascem cégos, esfregando-lhes sobre os olhos fechados a pedra preciosa conhecida por chelidonia. E o melro envenena os filhos prisioneiros.

Leonardo da Vinci, que, segundo Pelaean, devia possuir a edição de Plinio, de 1476, publicada em Veneza, traduzida de "lingua latina: "in fiorentina", por Cristoforo Landino, repetiu nas suas notas manuscriptas varios desses remedios e outros tirados de Aristoteles, do seu discipulo Theophrasto, autor do "Eresii", e do "Bestiarios" e "Volucrarios" medievaes ou seus contemporaneos.

Não é de admirar, pois, que os nossos rudes sertanejos ainda hoje acreditem piamente que os gatos comem capim para se livrarem da dôr de barriga e os lagartos a cabeça-de-negro para neutralizar os effeitos da peçonha das cascaveis e das jararacas. Dos antigos, através os seculos e as gerações, lhes veiu a propensão de crer facilmente na medicina dos animaes. Estes, á medida que nós progredimos, perdem dia a dia a sua importancia. Entretanto, outr'ora foram nossos "totens"; imitou-lhes a humanidade as vózes nos seus cantos onomatozaicos e as aposturas nas suas dansas rituaes, e elles, ademais, lhe ensinaram artes.

Foi o castor que deu idéa da cabana ao pelle-vermelha e o João de Barro que ensinou a feitura da óca ao cabóclo. Seneca e Plutarcho ainda eram de opinião que a aranha ensinára as mulheres a tecer e a andorinha os homens a construir.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 24 Set° 1921

## *Sherlock Holmes no Brasil*

Acaba de ser posto á venda nas nossas livrarias um bello livro do notavel escriptor Elysio de Carvalho, com o suggestivo titulo «Sherlock Holmes no Brasil». O interessante volume é constituido de estudos e chronicas publicados na imprensa diaria desta capital, especialmente sobre questões policiaes, em que o autor é reconhecida autoridade.

Nelle mais uma vez Elysio de Carvalho demonstra a pujança da sua infatigavel actividade, os seus grandes dotes de prosador, a sua bella cultura e a sua vasta erudição.

Lê se «Sherlock Holmes no Brasil» com o mais subido interesse, vendo se nelle desenrolar scenas curiosas e inesperadas neste *decor* admiravel do Rio de Janeiro.

A parte policial verdadeiramente scientifica é digna do autor afamado da «Policia Carioca e a Criminalidade Contemporanea», que tão grande exito alcançou, quando do seu apparecimento, vae para dez annos. Nella se enquadram os capitulos *Bertillon*, *A Sciencia a serviço do Crime* e outros. A parte mais litteraria é sobremaneira digna de nota: *Os dedos que accusam*, *Enigma tragico*, *Nos tempos de Salomão*, etc. E despertam a maior curiosidade as paginas de criminologia social como *Faiseuses d'Anges*, *Matadores de Meretrizes*. *Tatuagens*.

O livro de Elysio de Carvalho deve ser lido por todos os que amam as bôas lettras e por todos os que gostam de estudos serios, porque elle tem qualidades admiraveis, nestes dois generos.

## *O Amor, segundo Heine*

«Todos sabem o que são as cacetadas, mas ninguem ainda descobriu o que é o amor. Alguns philosophos modernos sustentam que é uma especie de electricidade. E' possivel, porque, no momento em que a gente se apaixona, sente como um raio electrico vir dos olhos do objecto amado ferir o coração. Ah! esses raios são os mais perniciosos de todos, e eu elevaria acima de Franklin aquelle que inventasse um preservativo contra ellos! Devia haver uns pequenos pára-raios que se levariam sobre o coração e cujo fio conductor afastaria o fogo terrivel. Mas creio que é mais difficil tomar ao pequeno Cupido as suas flechas do que apoderar-se do raio de Jupiter e do sceptro dos tyrannos. Ademais, nem todos os amores agem com o raio. Uns nos espreitam muita vez como uma serpente entre as rosas, promptos o aproveitar a melhor opportunidade para penetrar no nossa coração. Outras vezes, basta uma palavra, um olhar, o relato d'uma acção insignificante, não sei o que, que caia, diminuto como uma sementinha, no nosso coração. Passa um inverno com a sua calma e a sua immobilidade, até que a primavera chega e a pequena semente desabrocha em flôr flammejante, cujo perfume nos entontece...»

"Fon-Fon" 1° out° 1921

## *Berreguedengues*

— Repara, amigo meu, naquelle velho que por alli vae apoiado ao seu bordão, lentamente, arrastando os pés.

— Está na terceira edade do animal que começava a andar de quatro pés, depois passava a locomover se com dois e findava a vida com tres pés; animal que a Esphynge propôz a Edipo, no caminho de Thebas, para elle adivinhar qual era...

— Sim, vae de tres pés e ninguem faz mais caso delle. E' uma infelicidade viver tanto tempo assim. Toda a sua familia talvez já tenha partido para o outro lado da vida e elle tenha ficado só com a sua velhice, Que tristeza!

— Só com a sua velhice! Só! Elle é, como dizia um grande poeta, «espiga solitaria que o ceifeiro esqueceu no meio do campo».

— Felizmente para elle a Ceifeira invisivel não o esquecerá de todo.

## *Deuses*

Outro dia, emquanto os sinos tocavam plangentemente as nove badaladas prolongadas e sonoras de vesperas, sahi d'uma egreja onde a curiosidade me fizera entrar, meditativo e vagaroso. Lá dentro, áquella hora triste, só vira mulheres, e essa observação vinha juntar-se a muitas outras identicas: sempre nos templos mais mulheres do que homens. E estes sempre encolhendo os hombros ao se fallar de qualquer crença.

Nós atravessamos uma epocha sem deuses. Os das antigas civilizações perecêram e estão sepultados sob as suas ruinas formidaveis. Os do pantheon greco romano morrêram deante do Christianismo triumphante. E hoje em dia a gente do nosso seculo pratico não acredita mais no ultimo deus e não possúe imaginação para poder crear deuses novos...

175

"Brazil-Polonia" - 10 Set.º 1921

"Fon-Fon" 24 Set.º 1921

1º Out.º 1921

A MODA

**Berreguedengues** — Está admiravel este teu retrato. Nunca vi photographia que se parecesse mais com o original do que esta. Em verdade, é assombaosa a semelhança!

— Achas mesmo ou estás zombando?

— Absolutamente verdade. E' um verdadeiro retrato. Gosto immensamente della.

— Pois eu a detesto!

— Como assim? E por qne?

— Justamente porque se parece commigo. Abomino a!

— Explica me os motivos do teu odio intempestivo.

— Os mais justos. Eu tenho horror aos retratos parecidos. Gosto daquelles que embellezam. Sou, neste ponto, como as mulheres. Adoro as photographias que melhoram o nosso aspecto. Embora saiba que tenho o rosto descarnado e as feições, feias encanto-me vendo um retrato em que appareço gordo e florescente.

— E's, então, como Henrique Heine, que, no seu leito de morte, confessava esse fraco a Theophilo Gautier.

— Tal qual. Sem tirar nem pôr.

**Berreguedengues** — Não sei por que motivo todo estrangeiro que escreve qualquer coisa sobre o Brasil diz asneiras em penca e mesmo os mais eminentes espiritos não escapam ás inverdades e tolices.

— Dizes uma profunda verdade. Aquelles que nunca nos visitaram escrevem por más informações e os que aqui vêm são peores.

— Imagine você que, lendo os *Reischilder* de Heine, encontrei este pedacinho de ouro a nosso respeito: «Nathan Rotschild, o sabio, em cuja casa o Imperador do Brasil empenhou a sua corôa de diamantes.» E' optima essa! Qual de nós brasileiros ouvio algum dia falar que um dos nossos dois don Pedros tivesse posto no prego a sua preciosa corôa? Ora, vão plantar batatas!

— Amigo, é melhor fazer como na Divina Comedia: *non raggionar* ...

176 24 - Setembro - 1921

Convite para a

## VESPERAL LITERARIA

promovida pelo escriptor Adelino Magalhães e pelo publicista José Felix Alves de Souza, á realizar-se no dia 24 de Setembro, na Bibliotheca Nacional, sob a presidencia da Exma. Senhorinha Maria Sabina de Albuquerque com o concurso da gloriosa Interprete Exma. Sra. Dª. Angela Vargas Barbosa Vianna e de suas gentis alumnas.

A's 4 horas em ponto

"Fon-Fon" 1º outubro 1921

***Uma pagina*** Leiamos esta pequena pagina, no talhe e grande na profundez de pensamentos, do livro de Pontes de Miranda «A Sabedoria dos Instinctos», premiado pela Academia de Lettras. Estou que valerá bem a pena.

« Pensamentos e idéas nuas, quasi eternas em suas formas primitivas de crystaes do espirito: a maior porção possivel de facto a ser versado e o quasi absoluto da intervação do Eu. A esplendida iniciação das almas envenenadas de luz por si mesmas, pelo Destino. A projecção, para fóra de si, de um mundo enriquecido, fecundo, todo *seu*. Nada mais do que isto ao pensador se ha de exigir. Tudo mais serão vestes, encarnações incertas, passageiras, que em artes serias não se conam».

# PROGRAMMA

## Da 4ª e ultima VESPERAL de poetas e escriptores dos tres ultimos decennios

### I PARTE

**Ferreira d'Araujo** — José Guilherme

**Luiz Delfino** — Leal de Souza

**Lœtitia** *(Luiz Delfino)* Senhorinha Vera Araujo Maia.

**Soneto** (*Baptista Cepellos*) Senhorinha Noemia Magalhães

**Dante** (*Luiz Delfino)* Senhorinha Lazinha Luiz Carlos.

**A Ferreira d'Araujo** *(Mario José de Almeida)*.

**Pagina de Domingos Olympio** lida pela Exma Senhorinha Glorinha Fonseca Hermes

### II PARTE

**Domingos Olympio** — Gustavo Barroso.

**A primeira lagrima** (*Luiz Delfino*) Senhorinha Lucilia Fraga

**Uma pagina sobre Baptista Cepellos**, por Garcia Margiocco.

**Soneto** (*Baptista Cepellos*) Senhorinha Mercedes Fonseca Hermes.

**Ubi natus suum** *(Luiz Delfino)* Senhorinha Maria Ernestina Lobo.

**Soneto** (*Saturnino Meyrelles*) Senhorinha Hebe Cunha.

**Meo verso** (*Saturnino Meyrelles*) Senhorinha Alice Schmidt

**Bondade invisivel** (*Saturnino Meyrelles*) Senhorinha Edcla Costa Lima.

**Saturnino Meyrelles** — Tavares Bastos.

**A torre de pedra** (*Baptista Cepellos*) pela Exma. Senhorinha Maria Sabina de Albuquerque.

**As tres Irmãs** (*Luiz Delfino*) pela Exma. Senhora D. Angela Vargas Barbosa Vianna.

177 "O Jornal" — 27- Setembro - 1921

# O MEXICO ATRAVÉS DOS LIVROS

De todos os paizes hispano-americanos, aquelles que mais fortemente desafiam a curiosidade intellectual são o Mexico e o Perú, porque de todos são os que os descobridores encontraram em adeantadissimo estado de civilização. Esse progresso mysterioso e assombroso das artes, da moral, da religião, das sciencias mesmo entre os primeiros povoadores das terras quichicas, aymarás, toltecas e aztecas, faz-nos, á falta de melhor, de mais logica explicação das suas origens admittir a doutrina platonica, o dogma esoterico da existencia duma Atlantida, habitada por adeantada raça vermelha, no logar onde hoje se encrespam as ondas do oceano Atlantico. Foram os descendentes dessa grande raça que, após o cataclysma formidavel que subverteu o seu continente, se refugiou nas terras americanas, fundando os dois espantosos imperios, que os conquistadores iberos já encontraram em plena decadencia, tanto na região do Cuzco como no paiz de Anahuac.

Todos aquelles que escreveram, quer se collocando em elevado ponto de vista, quer registrando factos sem comprehender sua verdadeira significação, a respeito do antigo imperio dos aztecas, desde Barnal Diaz del Castillo, são unanimes em reconhecer o adeantamento moral e material daquella gente, embora a sua accentuada decadencia. E as ruinas que enchem ainda hoje a face das terras peruanas, em Cuzco e Chan-Chan, das terras mexicanas, especialmente na peninsula do Yucatan são vigoroso attestado de quão alto se elevou a civilização que as produziu.

Nós vivemos no Brasil, infelizmente, de olhos pregados na Europa, numa illusão tão suave e tão linda que não temos tempo de lançar um olhar á vida historica, á vida moral, social e intellectual das nações irmãs que nos rodeiam, quasi todas se limitando comnosco, muito poucas separadas physicamente de nós. Entretanto, ha nessas nações factos e coisas mais dignos de estudo para a nossa alma americana do que muitos dos europeus aos quaes damos mais acurada attenção. Os esforços que andamos por ahi a despender em inglorias e inuteis campanhas nacionalistas, guerreando tolamente paizes que não pensam em nos fazer mal e não o poderiam fazer, se em tal pensassem, por falta de meios bastantes para isso, seriam melhor empregados numa campanha sadia de americanização do Brasil. Por isso se deve comprehender um movimento intenso, desinteressado e nobre de fazer o Brasil conhecido entre os povos latinos do continente e de fazer esses povos conhecidos no Brasil. Porque geralmente nós só damos valor ao que é europeu, e a maioria daquelles que são os nossos guias espirituaes ignoram a grande historia dos Estados hispano-americanos, o papel que estão destinados a representar e a força maravilhosa da sua arte poetica, literaria e plastica.

Desses paizes todos, o Mexico, pela situação geographica e historica em que o destino cego o collocou, fazendo delle anteparo, baluarte da latinidade erigido deante da marcha para o sul do material mas progressista e avassalador da esplendida e formidavel mistura ethnica da America Septentrional, deve sobremodo merecer os nossos olhares e a nossa sympathia.

O illustre sr. general Aaron Saenz, ex-plenipotenciario mexicano nesta capital e actualmente ministro dos Negocios Estrangeiros do seu paiz, que me honra com a sua amizade, enviou-me ha pouco tempo uma pequena bibliotheca de obras raras do Mexico. Nella, minuciosamente, aprendi o que foi e o que fez a grande raça indiana que os hespanhóes ali encontraram estabelecida fortemente e fortemente organizada. Xavier Clavijero, tanto nos dois volumes da sua edição moderna de 1917, traduzida do italiano por Joaquim de Mora, como no grande volume de Dublan & C., de 1883, contou-me a situação em que Cortez se viu ao chegar no Mexico e os factos historicos que o precederam nesse paiz. Se a sua cultura, relativamente pouco desenvolvida e peiada pela sua vista estreita de ecclesiastico, lhe não permittiu commentar com exactidão e largura de opiniões a civilização azteca, deu-nos em troca interessantissima e completa informação acerca das menores particularidades da vida publica e particular dos antigos mexicanos e de seus conquistadores. Frei Geronimo de Mendieta, franciscano, escreveu em fins do seculo XVI a sua "Historia Ecclesiastica Indiana". Essa obra curiosa e excellente foi publicada a primeira vez por Joaquim Garcia Icazbalceta em 1870, na Antigua Libreria do Portal de Agustinos, na capital mexicana. A edição foi somente de 26 exemplares em papel fino e 420 em papel commum. Tenho um destes ultimos e elle me narra, com pormenores encantadores, a vida e os costumes dos indios da Nova Hespanha, e a maneira em como foram evangelizados. A par de preciosas descripções de ritos, costumes, superstições, architecturas dos indigenas, se encontram exhortações e conselhos dados por estas a filhos, inferiores e parentes, nos quaes se verifica que entre elles os sentimentos de moral estavam tão adeantados quanto entre os que os vinham cathechizar, senão mais. E na maneira como era a sua religião e do que praticavam se vê que um élo fortissimo prendia suas crendices e seus habitos aos das antigas e mysteriosas iniciações orientaes, do Egypto, da Chaldéa, da India. Mas o estudo completo da vida religiosa, moral, social, politica, artistica, scientifica das velhas populações cultas de Mahuac, de Yucatan, da America Central, do Mexico inteiro foi prodigiosamente executada com uma paciencia benedicti-

178

na e uma cultura immensa pelo licenciado Manoel Orozco y Berra nos quatro grandes tomos da "Historia Antiga do Mexico, impressos por conta do governo mexicano, em 1880, na typographia de Gonzalo A. Estera na capital da Republica. Nessa obra colossal é que verdadeiramente se sente quanto foi grande a civilização mexicana, desde as suas vetustas tradições cosmogonicas dos cinco sóes e das pyramides do Teotihuacan, em que apparece o nome do deus Teo quasi igual ao Theo da Grecia ou ao Déo do Lacio antigo, até ao sacrificio ao deus desconhecido como o praticavam tambem os athenienses; desde o seu curioso systema vigesimal da numeração até ás guerras de Acolhuacan; e desde a fundação do reino de Anahuac até á morte de Cuanthemoc, que regularmente se chamou Guatemozin.

Dessa longa e assombrosa tradição apezar do sangue hespanhol que a vida colonial lhe infiltrou poderosamente nas veias, vem o nobre grande heroico povo mexicano cuja histor está descripta sem lhe faltar uma pagina nos vinte grossos volumes d "Historia do Mexico" (desde los tiempos mas remotos hasta nuestros dias) por don Niceto de Zamacois editada por J. F. Parres y Comp., em 1879.

E' nessa vasta obra — como nenhuma semelhante possuimos acerca da nossa historia, pois que a de Rocha Pombo, embora de alto valor não possue a mesma extensão, nem a mesma documentação, — nos tomos dez e onze que se encontrarão, pormenorizadamente narrada e comprovada, a formidavel luta que o elemento nacionalista mexicano travou durante mais de uma decada para obter a Independencia, cujo primeiro centenario se commemora hoje tão brilhantemente e ao qual se associam com alegria e justiça todas as livres nações da America livre. Nas laudas dos livros de Zamacois desfilam aos nossos olhos os grandes acontecimentos e os homens de quaesquer partidos que se fizeram notar na luta pro ou contra a liberdade da grande patria de Amado Nervo: a acção heroica de Hidalgo e de Morelos, as tropas oppressoras de Mina e as libertadoras de Arredondo; Guadalupe Victoria Pagola, Bermeo, Lucas Flôres, Agustin de Iturbide, seus planos ambiciosos e sua corôa imperial; o vice-rei Apodaca e o tratado de Córdoba; o vice-rei O' Donoju', o bispo Perez, as forças trigarantes de Filisola, as juntas, os cabidos, os congressos e as assembléas tumultuarias; por fim, o raiar do sol da Liberdade, illuminando a nova nação.

Das diversas nações indias inimigas entre si, que Fernão Cortez encontrou no Mexico e de cujas dissenções intestinas se prevaleceu para dominar a região, se formou unida á corôa de Castella uma nação rica e poderosa e a conquista de todo o Mexico pelos colonizadores foi levada a effeito pelos indios dos varios reinos de Anahuac unidos aos castelhanos. Verificado e provado esse facto, se pode affirmar que os actuaes mexicanos não descendem dum povo conquistado: porém, dos dois lados, dos dois sangues caldeados nas suas veias, provêm de conquistadores. Dahi esse espirito cavalheiresco e heroico que domina o povo mexicano e que o faz esafiar impavido, defendendo sempre, sem descanso e sem desesperança, apezar dos perigos externos avolumados e dos perigos internos das rebeldias continuas, a sua soberania affirmando de espada em punho o seu direito de viver. Tanto os pruridos anarchicos como a coragem da luta lhe vêm da cavalheiresca e quixotesca Hespanha como do dividido e guerreiro Anahuac. E' por isso que eu procuro, através dos livros, a alma mexicana no seu longinquo e formoso passado, no seu desenvolvimento através dos annos, tanto nas obras que ahi estão enumeradas e que fazem a gloria dum povo, como ainda na "Historia do Mexico", de Perez Verdia, nos volumes excellentes de Chavero, na "Historia de las Indias" de Bartolomé de las Casas, nos "Documentos" de Icazbalceta, na "Monarquia Indiana" de Torquemada e na "Historia Geral de las cosas de Nueva España", de Frei Sahagun.

João do NORTE.

"Fon-Fon" 1º out. 1921

## LA FRANCE ETERNELLE

As maiores homenagens prestadas ao principe dos poetas francezes — Paul Fort, quando de passagem por esta capital, o foram por um notavel grupo de intellectuaes á cuja frente se achavam os Srs. Elysio de Carvalho, Ronald de Carvalho e Gustavo Barroso. Além dos banquetes que o primeiro e o ultimo offereceram em suas residencias particulares ao distincto hospede, promoveram mais uma grande reunião de jornalistas, poetas e prosadores no *Palace-Hotel*, em torno duma festiva mesa presidida pelo illustre Sr. Alexandre Conty, dignissimo embaixador da França no Brasil.

Nessa occasião, Elysio de Carvalho, offerecendo aquella significativa festa a Paul Fort pronunciou em francez um admiravel discurso, no qual estudou a evolução da nossa cultura em relação á França Eterna e brindou no homenageado um dos mais lidimos representantes do genio francez.

A impressão causada por essa radiosa peça oratoria foi de tal vulto que os amigos e admiradores de Elysio de Carvalho, tendo á sua frente Jorge Jobim, Alvaro Moreyra, Theophilo de Albuquerque, Gustavo Barroso, Renato Almeida e Ronald de Carvalho, offereceram a Elysio de Carvalho um grande almoço no *Restaurant Assyrio*, ao qual compareceu o escól da nossa intellectualidade, altas personalidades, o Embaixador de França e varios membros do corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado. Trocaram-se nesse momento dois bellos discursos: o de Ronald de Carvalho, saudando o homenageado e o deste respondendo.

Recordamos estes factos, para chamar a attenção do publico em geral e dos amantes das bôas lettras em particular para as duas elegantes *plaquettes* que acaam de ser publicadas, contendo uma os discursos referidos e outra, impressa em papel de Hollanda, tiragem limitada de 350 exemplares, sob o titulo sonoro de *La France Eternelle*, contendo o discurso feito por Elysio a Paul Fort.

179

"Correio Paulistano" 3 de Setembro 1921

# AS LENDAS DO BATATÃO

Os fogos fatuos, que apparecem nos campos, nas estrumeiras ou nos logares pantanosos, onde ha bichos mortos ou folhiços apodrecidos, não podendo ser scientificamente explicados pelo povo, têm dado origem a varias lendas.

Li alhures que a gente do Paiz de Galles os denomina **Jack with a lantorn** (Jack com uma lanterna), attribuindo-lhes a forma de espirito e o mau vezo de ensinar o caminho errado aos que, á noite, se perdem por lezirias e prados.

A mesma attribuição lhes dão os naturaes de Sergipe, que lhes chamam, não sei por que motivo, Jan de la Foice ou Jan Delafosse.

Acreditam os japonezes que elles se confundem com os pyrilampos, afim de prégar peças aos que os avistam. Neste caso, são os chamados "fogos-raposas", espiritos malevolentes, que seduzem os caminhantes noctivagos, de maneira a leval-os por maus caminhos, afastando-os dos rumos seguros.

Segundo Lafcadio Hearn, no seu livro "Kottô", o budhismo nipponico admitte trinta e seis especies de **gaki**, de espiritos. Entre ellas, está a dos **Shinen-Gaki**, que apparecem á noite, sob a forma de fogos errantes.

Essa qualidade de ente sobrenatural o fogo fatuo desfructa desde a mais remota antiguidade. Os celtas o appellidavam "fogo dos Druidas", e ainda hoje assim lhe chamam alguns descendentes dos antigos gaulezes, nas duas Bretanhas. Foi elle, na antiguidade classica, o fogo de Helena, que se mudou em fogo de Santa Helena e, por fim, em fogo de Sant'Elmo.

No interior do Brasil, dão-lhe tres nomes: Batatão, ao Norte e ao Nordeste; Baitatá, no Centro-Sul; Boitatá, no Sul. A designação de Jan de la Foice não vai computada por ser muito peculiar á pequena região sergipana.

Batatão é a ultima degradação da palavra composta Bai-tatá, que vem das duas expressões indigenas **Mbay** — cousa, e **tatá** — fogo. Os habitantes das zonas mineira, paulista, goyana e fluminense crêm que essa cousa de fogo apparece nas proximidades das casas das mulheres adulteras ou dos logares onde se commetteram crimes.

No Ceará, em Pernambuco, na Parahyba, no Maranhão, nada se conta da sua origem; porém, geralmente se acredita que o Batatão ensina o caminho errado a quem o seguir, persegue os que correrem com medo delle ou leva o individuo até a uma sepultura proxima, si o acompanhar. A primeira crendice é commum a quasi todos os povos. A segunda vem do facto da deslocação do ar produzida pela carreira do medroso attrahir o fogo errante. E a terceira promana da propria verdade do facto: esse fogo nasce das putrefacções, sendo natural que appareça perto dos charcos e das sepulturas.

No Rio Grande do Sul, o seu nome Boitatá vem do tupi-guarany **Mboya** ou **Mboy** — cobra, e **tatá** — fogo.

Contam os gaúchos que, quando do diluvio, uma serpente se refugiou numa tóca ao alto de um monte que ficou com o cume fóra das aguas castigadoras. As trevas cobriam o mundo. Dentro do seu esconderijo, a cobra nada enxergava. Pelo esforço que fez, durante muito tempo, para conseguir vêr alguma cousa, seus olhos se dilataram e se tornaram intensamente luminosos.

Foi desta sorte que se metamorphoseou em cobra de fogo — Mboy-tatá.

Esta lenda, certamente de origem india, foi recolhida no Rio Grande por Sylvio Julio, que a repete no seu livro "Pampa".

180

Entretanto, todas as surpresas estão reservadas áquelles que se occupam com o curioso estudo do Folk-Lore. Todos os nossos folkloristas, de Sylvio Romero a João Ribeiro e de Pereira da Costa a Alberto de Faria, têm admittido as duas origens **Mboy** e **Mbay**, cobra e cousa, para explicar, etymologicamente, a significação das expressões Boitatá, Baitatá e Batatão. E eu acabo de encontrar em documento que me dá nova lenda para o fogo fatuo e que appellida a protagonista da mesma, em paiz longinquo e diverso do nosso, com o mesmo nome da cobra de fogo!

A casa editora "La Siréne", de Paris, pôz, ha tres mezes, á venda um volume interessantissimo — a "Anthologie Négre", de Blaise Cendrars. Nesse livro, o autor reuniu as mais curiosas manifestações do pouco conhecido folk-lore africano, copiando-as fielmente das obras dos missionarios e exploradores que as trouxeram para a Europa.

No primeiro capitulo da referida anthologia — "Legendes Cosmogoniques", pgs. 18 e 19, encontro o conto "La legende de Bingo", que transcrevo, traduzindo-o:

"Aconteceu um dia que Nzamé desceu do céo á terra. Passeava pelo rio, sentado numa canôa que andava sósinha, sem que elle precisasse remar. Abicou perto de uma grande aldeia e ia subir até ao terreiro, para conversar com os habitantes, quando uma rapariga veiu buscar agua á fonte. Nzamé viu-a e amou-a, porque ella era activa, trabalhadora e bella tambem. Deu-lhe um filho e levou-a para longe, muito, muito longe, para o paiz de onde nunca mais se volta. **Mboya** chamava-se a moça, e **Mboya** nunca mais voltou ao seu paiz.

Quando foi tempo, **Mboya** teve o seu filho e deu-lhe o nome de Bingo; por que? não sei, nem ninguem me explicou; talvez seja um nome daquellas paragens. Bingo crescia, crescia dia a dia, e **Mboya** amava-o mais do que tudo no mundo. Nos seus cabellos, ella punha a Eleli, flôr preferida dos passaros; no seu narizinho passava uma enfiada de perolas; seu pescoço e seus braços se enfeitavam com braceletes de cobre, cuidadosamente areados todas as manhãs.

Bingo crescia, crescia sempre, e **Mboya** amava-o mais do que tudo no mundo.

Nzamé profundamente se encolerizou com isso e um dia, irritado porque Bingo roubára um peixe da sua reserva pessoal, amarrou **Mboya** em casa, segurou Bingo e atirou-o lá de cima.

Bingo cahiu, cahiu muito tempo: já estava quasi morto, quando as ondas das grandes aguas de além das montanhas se entreabriram sob o seu corpo, felizmente para elle. E melhor ainda foi, porque não era longe da praia. Um pescador estava na sua barca com as suas rêdes de pegar peixe. Apanhou Bingo e levou-o para casa. Esse velho pescador chamava-se Otoyom.

Apenas Nzamé acabava de jogar fóra Bingo, **Mboya**, precipitava-se em soccorro de seu filho. **A's vezes, á noite, não vêdes na floresta uma chamma errando para lá e para cá?** Não ouvis uma voz de mulher perdendo-se ao longe sob as ramarias? Não tenhaes medo! E' **Mboya** que procura seu filho, **Mboya** que jámais o encontrou. Uma mãe não se cança nunca."

A lenda do fogo fatuo na Africa é, vê-se bem, a mais bella de todas. Esse symbolo da incançabilidade materna á procura do filho é verdadeiramente admiravel. E o acto do Jupiter negro lançar o filho fóra do céo lembra o Zeus grego atirando do Olympo para a terra o pobre Hephaistos. Mas o que de facto espanta é a semelhança do nome della **Mboya** com os termos indigenas **Mboya** ou **Mboy**—cobra, que os philologos indicam para uma das fontes da expressão Boitatá. Como explicar isso? Simples coincidencia, ou teriam negros da Africa, ao tempo da escravidão, trazido para

o Brasil essa palavra? Ou ainda haveria qualquer correlação ethnographica e linguistica entre os nossos indigenas que falavam a lingua-geral e as tribus africanas dos Fans ou Fangs, tão bem estudados por R. G. Trilles nas suas obras "Contes et legendes Fan" e "Chez le Fang" na primeira das quaes tambem se acha a lenda de Mboya procurando o seu filho? Sabem quasi todos que na Africa não ha sómente negros puros e que existem raças mestiças de negros e semitas, de negros e vermelhos, segundo se presume e affirmam sobretudo os que admittem a existencia da Atlantida. Só pelas linguas se verifica existirem no continente do Livingstone seis grandes grupos humanos differentes. Os 591 idiomas africanos dividem-se em seis vastas familias: semita, chamita, nubia-fullah, negra, bantu' e hotentote-baschimana ou negroide. Não é, portanto, desprezivel a hypothese duma correlação longinqua entre as linguas e as raças da America e da Africa, especialmente quando, mesmo se desprezando a questão da existencia da Atlantida se sabe por estudos de sabios que pirogas indigenas foram, levadas pelas correntes, ter ao golfo de Guiné e em outros portos da costa africana, bem como por certo se deu o caso contrario. Ademais, é preciso notar que nas tribus povoadoras do nosso continente, conforme depoimentos dos ethnographos, não predominava o mesmo typo e sim havia variações glottologicas, variações de traços, de caracteristicos, de pigmento, demonstrando caldeamentos extranhos.

Nada se póde assegurar com plena confiança quando se rastreia pelos povos e pelas edades a passagem das lendas, cuja similitude, ás vezes desconcertante, entre gentes as mais afastadas e as mais diversas, de cujas relações, si porventura as houve, não resta o menor vestigio, quasi nos impelle a acceitar a lei de constancia intellectual entrevista pelo grande Reiny de Gourmont e que é, no fundo, um postulado da escola folk-lorica anthropologica de Andrew Lang.

**João do NORTE.**

"Fon-Fon" 10 out° 1921

***As barbas do Barbarôxa*** Conheci um cavalheiro que me foi apresentado em um salão como collecionador de antiguidades, que tinha a mania de fazer á gente presentes engraçadissimos. Mas eu curei-o d'esse sestro. Esperem ahi que lhes vou contar como.

Uma feita, elle me deu uma fôlha innocua, dizendo-me que era da arvore que sombreava o tumulo de Napoleão em Santa Helena. De outra me offereceu um pedacinho de pedra que affirmava ser da lage que cobria o sepulchro de Jesus. E de outra ainda me presenteou com um pedacinho de pau, que era da borda da arca de Noé.

A' primeira vez que foi lá em casa após esse derradeiro mimo, dei-lhe a retribuição, que lhe tirou para sempre o gostinho de offertar reliquias tão preciosas aos outros.

Fui a uma plantação de milho da vizinhança, cortei umas barbas arroxeadas de espigas, guardei-as n'um saquitel de setim e entreguei-lh'as como lembrança:

— Alguns fios, disse-lhe com seriedade, das barbas do grande Imperador Allemão Frederico I o Barbarôxa, que eu cortei do seu cadaver na gruta de Adersberg...

Até hoje nunca mais puz os olhos no grande antiquario.

***Quadra monetaria*** No nosso paiz ha muita gente que tem a mania de gatafunhar coisas nas cedulas. Tenho visto muita nota de dois e cinco mil réis, até com desafôros escriptos a tinta. E' o cumulo da má criação! E até creio que o governo prohibe que se risquem as notas, sob pena de perderem o valor.

Entretanto, outro dia recebi n'um trôco uma peléga de dez mil réis com qualquer coisa escripta no verso. Procurei logo curiosamente ler o que alli havia e encontrei esta quadra espirituosa:

*— Vae te, nota melindrosa*
*Por este mundo sem fim.*
*Vae dizer á de quinhentos*
*Que não se esqueça de mim! —*

E' bôa! Infelizmente, as de quinhentos quasi todas já perderam a memoria...

***Methodo confuso*** Madeira de Freitas, que se occulta sob o appellido de Mendes Fradique, acaba de editar por conta dos srs. Leite Ribeiro & Comp., a sua curiosa e engraçadissima *Historia do Brasil pelo Methodo Confuso*, com illustrações do proprio autor, que muito confuso ficou ao ver que as suas figuras tinham ficado confusas por causa da gravura, confundindo-se n'ellas o illustre Pedro Alvares Cabral, com o não menos illustre Coronel Bittencourt...

E' este livro uma obra de caçoada com todos os vivos e mortos d'este paiz desde Pero Vaz Caminha até o sr. Ruy Barbosa. Póde se dizer que nenhum homem em evidencia n'esta confusão brasileira, da Independencia ao Centenario, escapou incolume á *blague* irreverente de Mendes Fradique. Quem não apanhou em cheio, levou as sobras...

Tudo na confusa historia d'esta infusa nacionalidade, passou pelo filtro espirituoso do autor, que deve ter acabado inteiramente filtrado... Vale a pena ler essa summula de chistosas pilherias com a nossa terra e a nossa gente...

Ha no livro de Mendes Fradique muita satyra tambem, escondida sob o manto da brincadeira. Felizmente, ella não nos alcançou de todo. E eis ahi, porque nós recommendamos aos leitores a leitura do novel historiador...

182

"Selecta" 1º outubro 1921

2

# A GRAVURA TCHÉQUE

A arte da gravura, tão difficil e tão bella, tem raizes historicas na Tcheco-Slovaquia. Ella surgio com o grande Hollar na Europa desolada pela guerra dos Trinta Annos. Esse gravador, Wenceslau

Agua forte de Francisco Kupka,
«A Fada da Floresta».

Hollar de Prächen, nascido em 1607, errou pelos paizes europeus, na mais terrivel miseria quando chegou aos ultimos dias da vida e perdeu a protecção que lhe dispensava o conde de Arundel, ministro da Inglaterra. Hollar deixou mais de duas mil gravuras com aspectos da Europa e da Africa, onde tambem esteve, com figuras exoticas ou elegantes de mulheres.

Após sua morte, estéve na capital da Bohemia, que de ogival se tornára barrôca e jesuitica, onde o

Lithographia de José Mánes,
«Primeiros Amores» (camponios hanaques)

luxo dos aventureiros enriquecidos com os despojos dos humildes vencidos se ostentava, o inglez Samuel Pront, que fixou em lithographias curiosas interessantissimos aspectos architecturaes. Depois, vieram os esforços austriacos pela germanisação do paiz e por fim os esfor-

Gravura em madeira, de Ruzicka,
«Scena Americana».

**Fusain de Nicolau Ales, «Capitão hussita».**

ços nacionalistas para salvar-lhe a lingua e a arte.

Neste ultimo periodo de regeneração nacional, surgem grandes gravadores, impulsionados pela descoberta da lithographia por um filho de Praga Senefelder. E elles gravam as paysagens, as ruinas, os typos, as scenas regionaes, os motivos historicos, as aldeias, os idyllios, as vistas originaes de Praga. Depois de 1848, os gravadores se tornam ainda mais nacionalistas, desde José Manés a Maximiliano Svalinsky, com Alés, com Kupka, com todos aquelles que empregam a agua forte, a pedra, a madeira, o zinco para glorificar sobretudo a patria.

**Gravura em cobre de Wenceslau Hollar, da serie «As Quatro Estações», «A Primavera».**

Francisco Zoerina enche os jornaes tcheques e estrangeiros de producções suas. Julio Marak faz admiraveis *fusains*. E por fim Stutti entrega-se ao cosmopolitismo, gravando scenas do Tamisa ou de Ostende.

A senhora Brannerova desenha e grava os quarteirões tradicionaes de Praga. Preissig entrega-se a gravura em côres. Vondrous e Ruzicka fazem figura na America do Norte com as suas producções a agua forte. Svabinsky attinge á maior perfeição possivel no genero, cheio de inspiração classica. Bilek, Holarch, Kobliha, Konupek, Marold, Mucha, Gimon, co-

**Agua forte de Josa Uprka, «Semeador Slovaco».**

brem-se de gloria na Patria e no Estrangeiro. Uprka grava somente coisas da Slovaquia. Kaspar é o gravador em côres da vida da Valaquia-Morava.

Raia, após a guerra européa, a independencia tcheque e os seus artistas do buril se agrupam numa bella associação ou confraria sob a egide do nome sagrado de Hollar. Surgem grandes caricaturistas como Ladh, Brunner, Boettinger. E Wladimir Silowsky nos dá nas suas gravuras a idéa nitida das multidões ao tempo da guerra, de envolto com a actividade das grandes fabricas que hão de encher de riquezas a Tcheco-Slovaquia livre.

# ONORATE L'ALTISSIMO POETA

A 14 d'este mez fazem seis seculos que morreu na cidade romano-byzantina de Ravenna, exilado da sua querida patria florentina, pela facção politica que detinha o poder, aquelle que cantou como até então ninguem cantára e como até hoje ainda não appareceu quem cantasse as dôres formidaveis do Inferno e do Purgatorio.

A biographia do grande poeta foi minuciosamente feita por Villani, Boccacio e Benevenuto da Imola. Pouca cousa ha que accrescentar ao que os tres copiosamente narraram. Entretanto, o vulto de Dante de tal modo domina os horizontes politico-litterarios da humanidade que bibliothecas inteiras têm sido escriptas a seu respeito: exegese da sua personalidade e da sua immensa obra. E sobre esta paira a figura luminosa e casta d'essa Beatriz formosa, que é a sua *magna pars*.

O amôr d'essa mulher espiritualizou toda a vida de Dante Alighieri. Desde a sua mais tenra infancia, que o cantor do *Inferno* a amou profundamente. Boccacio conta d'esta sorte a maneira em como esse amôr nasceu:

«Era 1° de Maio, dia em que, segundo o seu costume, Folco Portinari, homem muito estimado pelos seus concidadãos, reunia em casa todos os amigos com os seus filhos. Dante tinha então nove annos e estava com esses pequenos hospedes. D'esse alegre bando infantil fazia parte tambem a filha de Folco, Beatriz, chamada pelo diminutivo caseiro de Bice. Tinha apenas oito annos. Era uma creança graciosa, encantadora, de modos seductores. Seus lindos traços respiravam doçura; suas palavras annunciavam pensamentos mais altos que a sua idade. Era uma creança tão amavel, tão modesta na sua attitude, que muitos a consideravam um anjo. Essa menina, tal como a descrevo, ou melhor, mais bella do que se póde descrever, comparecêra á festa. Apezar de seus poucos annos, Dante sentiu a sua imagem gravar-se no seu coração, tão profundamente, que até o fim da sua vida jamais se apagou. Teria havido entre esses dois corações um laço mysterioso de sympathia, ou uma influencia celeste especial, ou seria, como algumas vezes a experiencia nos mostra, o effeito da harmonia da musica e do enthusiasmo d'uma festa que agiam sobre esses dois jovens corações, impellindo-os um para o outro? Que importa o que fosse?

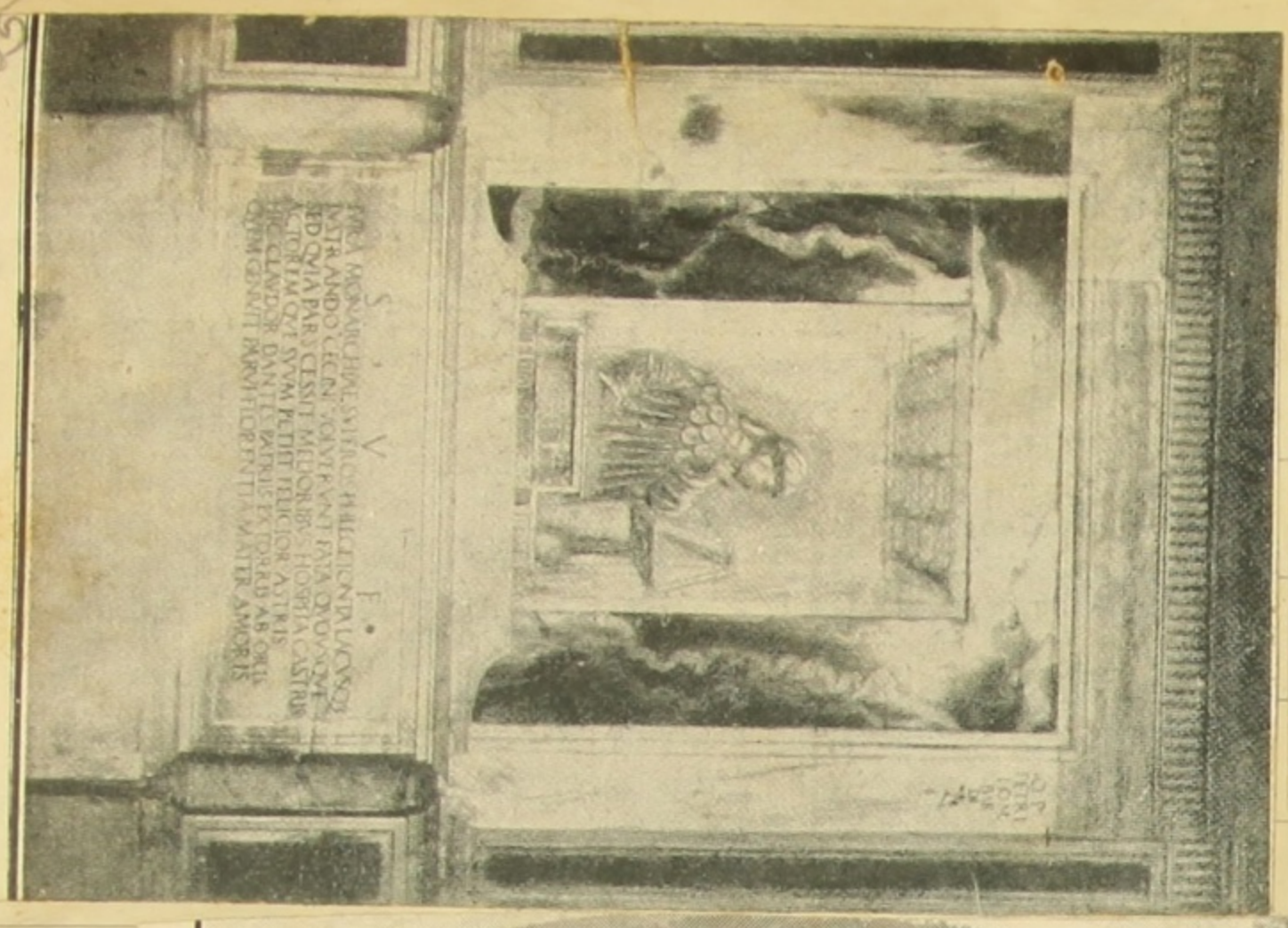
«O certo é que Dante nessa tenra idade se tornou escravo dedicado do amor. O correr dos annos cada vez mais augmentou essa chamma e para elle nunca houve maior prazer, maior conforto do que ficar perto daquella que amava, contemplar seu lindo rosto, beber alegria nos seus olhos. Tudo na vida é transitorio. Beatriz morreu aos vinte e cinco annos. E Dante sentio tão profunda e tão pungente afflicção,

O Tumulo de Dante em Ravenna.

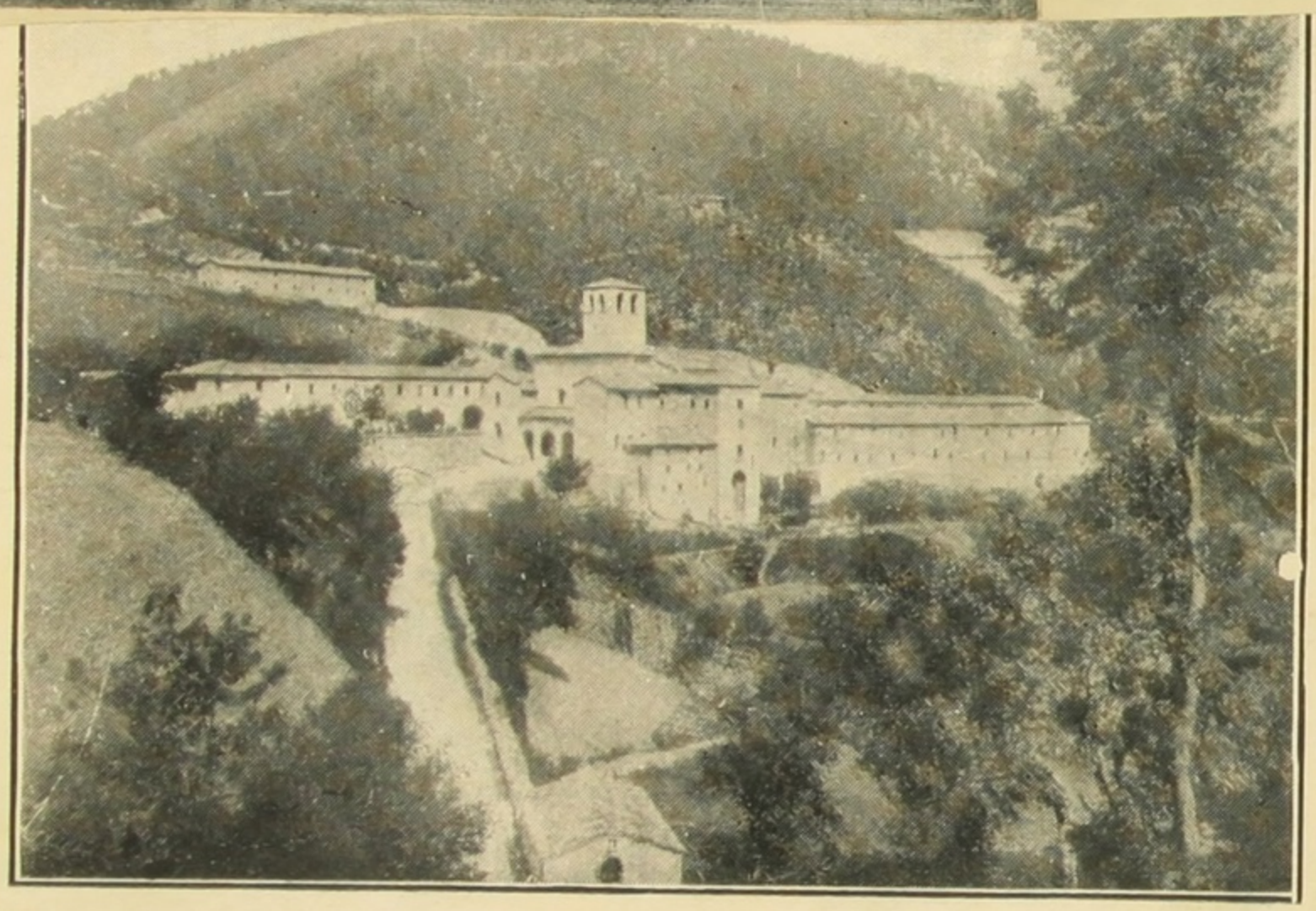
derramou tantas e tão amargas lagrimas que seus amigos julgavam que o seu soffrimento o levasse á morte e que nada o pudesse consolar.»

Eis ahi as palavras de Boccacio na «Vita de Dante». Ellas são simples e convincentes. Dellas se desprende o perfume da verdade. E por ellas se pode avaliar a castidade e a profundeza desse amor espiritual do poeta

por Beatriz Portinari, bem como a dôr que elle teve de perdêl-a. Foi esta quem lhe deu inspiração e força para imaginar e escrever os tercetos assombrosos do seu vasto, luminoso e profundo poema, uma das maiores obras que a intelligencia humana já produzio á face torva da terra. Foi a dôr que o fez nascer. Jamais houve obra prima



A capella funeraria de Dante, á entrada do jardim do Convento de S. Francisco, em Ravenna.



O Mosteiro de Fonte Avellano, onde Dante escreveu parte da *Divina Comedia*.

que a luz violeta de dôr não illuminasse!

A saudade de Beatriz acompanhou Dante toda a sua vida. O discipulo amado de Brunetto Latini, o amigo intimo de Messer Guido Cavalcante-Cavalcanti, de Oderici de Gubbio, de Giotto, de Guido de Polenta, o Podestá, de Cosella, o musico celebre; o frequentador curioso das universidades de Bolonha, de Padua, de Cremona, de Napoles, o estudante de theologia na universidade de Paris; o marido infeliz de Gemma Donati, o combatente de Campoldino, o inimigo dos pisanos, o adhesista ao partido gibelino, que o odio da Santa Sé perseguio até o tumulo; o Embaixador de Ravenna junto á Serenissima Republica de Veneza, o autor admiravel da «Vita Nuova», do «Vulgari Eloquio», da «Divina Commedia», com tres canticos tão eternos quanto as tres pyramides, em nenhuma dessas situações, desses estagios da vida, soldado, estudante, solteiro, casado, na guerra, no claustro ou no exilio, jamais esqueceu um momento a esposa ideal que vira aos oito annos de idade, a esposa ideal que a morte lhe roubára na mocidade. A sua dôr inapagavel foi o pharol que lhe illuminou todos os momentos da vida, foi o poder magico que o elevou acima de todos os outros homens do seu seculo. E seis centenarios após sua morte o mundo ainda solennemente commemora, e doze seculos mais tarde, estou certo, ainda o commemorará, porque Dante soffreu e o seu soffrimento lhe afinou de tal sorte a sensibilidade que elle se tornou um dos mais altos poetas do mundo.

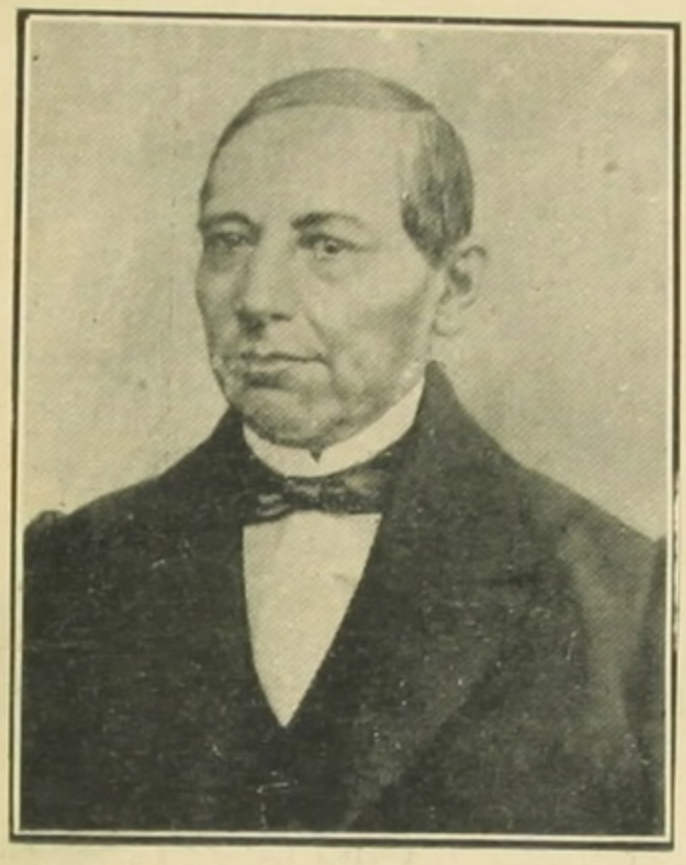
JOÃO DO NORTE

186 "Fon-Fon" 24 Set° 1921

# INDEPENDENCIA MEXICANA

Varios acontecimentos historicos occorridos do fim do seculo dezoito ao começo do seculo dezenove contribuiram para que germinasse no nobre povo mexicano o desejo de libertar-se de Espanha. Entre elles, a emancipação norte-americana, a Revolução Franceza e a intromissão de Napoleão nos negocios da Peninsula Iberica. Questões de ordem interna no proprio Mexico, como a superioridade que se arrojavam os espanhóes sobre os naturaes do paiz, os monopolios industriaes e commerciaes da metropole, as duras leis coloniaes,

Sr. Alvaro Obregon, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Mexico.



Licenciado Don Benito Juarez, uma das maiores figuras da luta pela Democracia na America, que foi Presidente da Republica no Mexico.

contribuiram para apressar a eclosão da nobre idéa.

Essa libertação nacional teve grandes precursores em 1808; Verdad Ramos, Azacarate, Cristo, Frei Melchor e o proprio vice-rey Iturrigaray, os quaes foram presos e um delles assassinado. Um anno depois, houve nova conspiração em Valladolid, sendo descoberta e presos os seus chefes, Quevedo, Michelena, Obeso, Garcia e outros. Em 1810 estalou em Guanajuato, na villa de Dolores, a luta pela independencia, guiada pelos caudilhos Hidalgo, Aldama, Jimenez e Allende. Esses homens, sem dinheiro e sem armas, tendo á frente Hidalgo com a bandeira da Virgem de Guadalupe, dentro em pouco estavam á testa de 50 mil revoltosos.

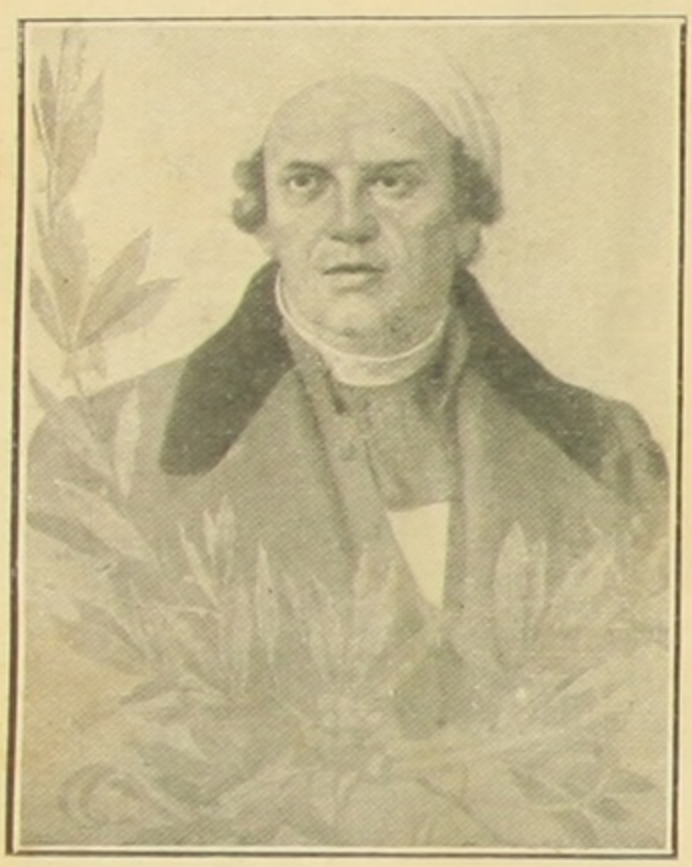
Hidalgo abolio a escravatura e guerreou os espanhóes em varios logares, com vantagens, até que tiveram de fugir, fôram presos por traição e fusilados. Entretanto, no sul do paiz continuava a luta, tendo a inflammal-o o ardor do heroico padre José Maria Morelos y Pavon, que, depois dos maiores actos de

General Agostinho de Iturbide, chefe do Exercito inssurreto, denominado das *Tres Garantias* — Religião, União e Independencia, que entrou triumphante na cidade do Mexico a 27 de Setembro de 1821.

bravura, installou em Chilpancingo o primeiro Congresso Mexicano e promulgou em Michoncan a primeira constituição politica da nação. Mas foi por fim derrotado e fusilado, o mesmo acontecendo a varios dos seus Tenentes.

O congresso foi dissolvido, as tropas debandadas, os chefes presos ou executados, e o Mexico recahio sob o dominio de Espanha. E nesse periodo de desespero somente houve o feito heroico de Xavier Mina e Pedro Moreno, que inflingiram alguns revezes aos inimigos da patria. O primeiro, que era espanhol, capturado em El Venadito morreu fusilado.

A luta ainda proseguio graças á perseverança, á bravura e á abnegação sem limites de Guerrero. Mais tarde a elle se juntou Iturbide, que fôra contrario á Independencia e



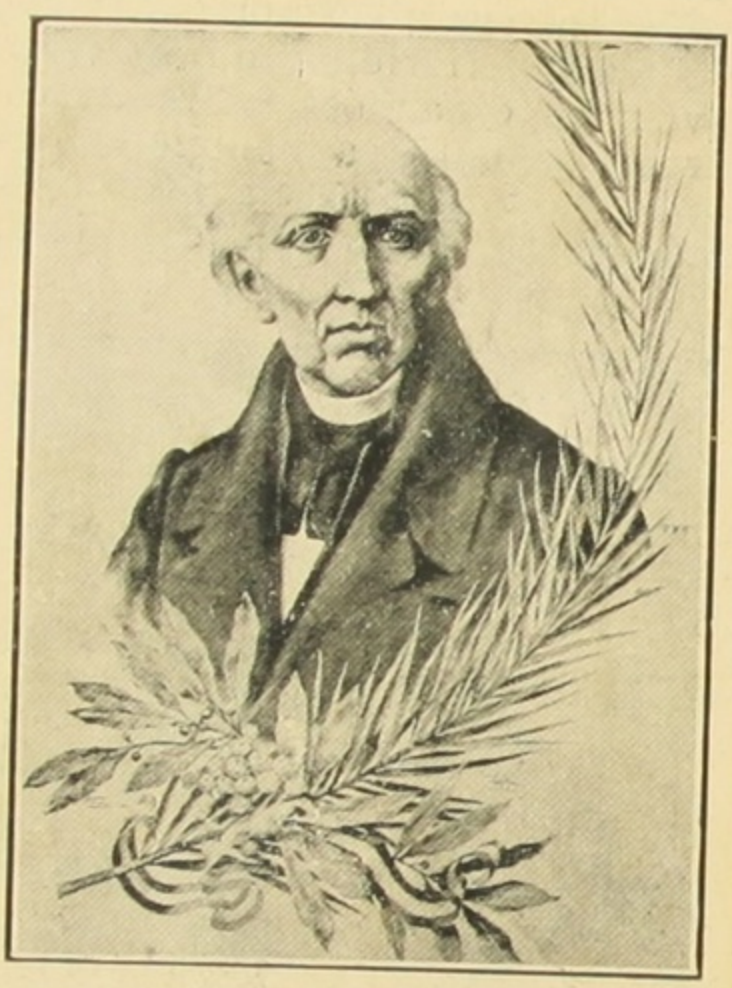
Cura Don José Maria Morelos, um dos mais illustres caudilhos da guerra da independencia mexicana.

se tornára partidario della. Ambos arvoraram a bandeira tricolor, verde, vermelha e branca, que ainda hoje fluctúa gloriosamente sobre o Mexico, symbolo da Religião, da União e da Independencia. Os inimigos se reuniram aos patriotas e o ultimo vice-rei espanhol do Mexico foi Don Juan O'Donojú, que acabou adherindo tambem aos nacionaes. Emfim, após tantos sacrificios e tanto sangue o Exercito Libertador entrou triumphante na capital do Mexico.

Assim se consumou a liberdade do grande paiz amigo a 27 de Setembro de 1821.

Foi essa luta incessante pelo altivo e nobre ideal de liberdade, foi esse guerrear encarniçado durante mais de dez annos que deu ao Mexico esse entranhado amor da sua soberania, essa cavalheiresca valentia, virtudes com as quaes atraves os annos tem sabido defender orgulhosamente o seu patrimonio territorial, ethnographico e moral de todos os açambarcamentos e de todos os imperialismos que o cobiçam e o perseguem.

No decorrer desse seculo, o Mexico tem tido grandes figuras militares e politicas que honram não somente a sua patria, porem mesmo á humanidade: Juares, alma ardorosa de patriota intransigente; Porfirio Diaz, organisador e politico consumado; Madero, amante incondicional do bem do seu povo; Riva Palacio e os dois Tesadas, Gomez Farias e Ocampo; Zaragoza, general vencedor dos francezes;



O cura Hidalgo, um dos proceres da Independencia Mexicana.

Escobedo, o triumphador de Querétaro, além de innumeros scientistas, jurisconsultos, polygraphos, poetas e litteratos.

Apezar de suas lutas intestinas, a nação caminha de progresso em progresso e nem um dia esquece as suas responsabilidades de baluarte da alma latina, que a defende da civilisação extranha vinda do Norte. E á sombra dessa heroica defesa mexicana a America do Sul repousa confiante...

Na data do centenario da Independencia da brava e bôa nação amiga, é dever de todo brasileiro fazer votos pela sua prosperidade e pela sua grandeza.

188 "Fon-Fon" 24 de Set° e 1° de Outubro 1921

## Um episodio da «Divina Comedia»

Adolfo Azevedo, que escrevia sob o pseudonymo de Emmanuel Guimarães, e que a morte infelizmente roubou muito cedo á sua familia e aos seus amigos, era um ardente amador da bôa litteratura e empregou o seu tempo em ler e produzir alguns trabalhos, ao mesmo tempo que cuidava da bôa administracção da sua fazenda. Era um *gentleman* na mais completa accepção da palavra e dedicava seus ocios a escrever paginas interessantes ou a traduzir os mais bellos trechos dos grandes artistas. Dos trabalhos que deixou por sua morte, ainda ineditos, consta a bôa traducção d'aquelle admiravel episodio de Francesca da Ramini da *Divina Comedia* de Dante.

Aproveitando a opportunidade da passagem do sexto centenario da morte de Alighieri, sua familia publicou uma bonita *plaquette*, contendo esse trabalho de fino lavor litterario de Emmanuel Guimarães.

Lemol-o com o maior prazer e não podemos deixar de elogial-o pela clareza da sua linguagem e pelo rythmo dos seus versos, que tão bem exprimem a dôr do grande poeta ao ver no Inferno os dois amantes enlaçados no turbilhão dos condemnados:

*« Seus amôres dizia assim crueis,*
*Chorava tanto a outr'alma, que num ai,*
*Qual se eu morresse, fogem se-me os pés*
*E cahi, como um corpo morto cáe. »*

## Berreguedengues

— Porque outr'ora, quando eu tinha menos de trinta annos, amava impensadamente as mulheres e os amigos, e, quando odiava alguem, odiava fortemente?

— Porque te faltava a experiencia da Vida, que só a idade revela.

— Talvez. O certo é que hoje já não sei amar com força nem odiar profundamente. Ha qualquer coisa no meu intimo que amollece, que abranda todos os meus sentimentos.

— E' o maior conhecimeuto da humanidade que o tempo te deu. Tu estás na epocha de existencia a que se refere Cicero no *De Amicitia*, á qual se reporta uma velha maxima de Bias e de que falla Aristoteles no capitulo treze da Rhetorica. Tu estás no momento em que se ama preparado para odiar e se odeia prompto para amar. Não é verdade?

— Infelizmente!

— Infelizmente!

## Os cabellos e a politica

Um dos phenomenos mais interessantes occorridos até hoje na complicada politica do Ceará, foi a interferencia dos barbeiros de Fortaleza na mesma, quando á candidatura presidencial rabellista e popular do inepto Franco Rabello se contrapôz a candidatura acciolysta e reaccionaria de Bezerril Fontenelle. N'essa epocha de lucta odienta appareceu nas ruas da capital cearense um boletim dirigido aos Barbeiros locaes e assignado pelas « Familias das Victimas », concebido n'estes curiosos termos:

« O tempo urge, e necessario se torna ficar bem patente quem são os inimigos do Ceará. Para isso é preciso um distinctivo que sobresaia a todos os que existem actualmente. Temol-o na vontade dos srs. Barbeiros, que, com uma só reunião, por meio d'uma deliberação entre si, ficará assentado que não farão barba nem cabello aos rebentos da Olygarchia — aos «santissimos homens», «hostias immaculadas», «cocadas», etc. Portanto, os *cabelludos* serão, sem mais aquella, considerados adeptos da candidatura Bezerril. »

E esta, hein? Só mesmo do Ceará! Não a lembrava o Diabo...

## Politicos velhos

Quando um dos nossos velhos proceres politicos ignorantes e pretenciosos faz-se de muito importante para o meu lado, logo uma grande piedade me enche o coração para com elle. E eu penso que, sob aquella capa de pretenciosidade, o infeliz esconde todas aquellas terriveis mazellas que um dos maiores escriptores allemães descobria debaixo das batinas e dos bureis: amôr sem correspondencia, rheumatismo gottôso, ambição recolhida, ignorancia esperneante, consumpção, remorsos profundos, feridas horriveis produzidas pela ingratidão dos amigos, pelas calumnias dos inimigos e pelas proprias faltas individuaes, essas as peores!

Coitadinhos! Coitadinhos!

## Berreguedengues

— Por que gostas mais das louras do que das morenas?

— Porque estas parecem ardentes e não o são na maioria dos casos. Tem-se cada desillusão ao amar as morenas de olhos de fogo e de cabellos negros!

— E as outras?

— Ah! as outra são o contrario quasi sempre. E nada mais picante do que o contraste entre o seu aspecto de frieza e o ardor da sua alma e o calor das suas sensações.

— Não o sabia.

— Pois aprende que as mulheres mais sensuaes são na maioria as que têm figuras leves de vitral, rosto puro de santa, aureola de cabellos dourados e olhos claros e simples, são aquellas cujo aspecto é toda de doçura angelica e cujas mãos parecem lyrios...

— Sabes que mais? Não acredito muito.

— Pois experimenta.

## A Imprensa e o Pensamento

Quem uma vez se mette no jornalismo sente logo que está como a canna entre as duas moendas dum engenho. E'-lhe impossivel voltar atraz e precisa sahir pelo lado contrario ao por onde entrou, embora inteiramente expremido.

Quem penetrou na Imprensa toma vicio peor que o da cocaina, do opio ou da morphina. Não o póde mais abandonar. E, quando a velhice não lhe consente mais escrever, visita as redacções, fazendo o papel de perú de jogo.

Rarissimos aquelles jornalistas que largam em tempo, com força de vontade, o *metier* terrivel em que cada cerebro fica reduzido a bagaço como a canna entre as moendas, a profissão que Heine com profunda verdade denominou, uma feita, ironicamente, a Prensa do Pensamento!

189 "Fon-Fon" - 1º Out.º 1921

## *Polono ou polaco?*

Todo o mundo sabe que a palavra gentilica polaco, vulgarmente empregado para designar os naturaes da Polonia, não tem a menor razão de subsistir. Não está de accordo com a indole da nossa lingua e a sua origem allemã só pemitte o seu emprego na applicação a coisas nauticas, «vela polaca», por exemplo.

A' falta dum termo personatico para os filhos da nobilissima nação de Kociusko, pela qual tantos grandes corações têm batido, muita gente recorreu ao de origem franceza *polonais*, aportuguezando o horrivelmente em polonez. Entretanto, na lição dos nossos classicos poderemos ir buscar o nome adequado aos filhos da terra de Pilsudski. Temol-o na «Chronica de D. Manoel», do erudito Damião de Góes: «gentis homens *polonos*». Temol-o nos «Lusiadas» de Camões— *polonios*, para rimar com livonios, por analogia, em logar de *polonos*.

Esta é a forma mais adequada, mais propria e mais limpa para o nosso falar e escrever.

## *Uma homenagem peruana*

O nosso companheiro de trabalho, Gustavo Barroso (João do Norte) acaba de receber uma significativa homenagem da parte d'uma das associações scientificas de maior relêvo e mais antigas da America do Sul. Enviou lhe ha dias o sr. Coronel Tolmos, Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario da Republica do Perú, n'esta capital, o seguinte officio:

«Señor. Tengo la alta honra de dirigir-me a usted para communicarle que la *Sociedad Geografica de Lima*, teniendo en consideración su relevante personalidad y altos méritos intelectuales, y en el deseo de demostrar, a la vez, los mistosos sentimientos que la unen al Brasil, ha acordado nombrar a usted su Socio Correspondiente.

Aprovecho la gratisima ocasion de ser encargado de llevar a su conocimiento el referido acuerdo, para reiterarle las seguridades de mi más alta y distinguida consideracion.

*D. M. Tolmos*, Ministro del Perú.»

"A Noticia" - "Pé de Columna"
4 - Out.º - 1921

"O Jornal" - 4 - Out.º - 1921

## Uma homenagem peruana ao sr. Gustavo Barroso

Nosso collaborador sr. Gustavo Barroso (João do Norte) acaba de receber da Sociedade de Geographia de Lima uma notavel distincção, segundo lhe communicou, no officio que publicamos abaixo, o representante diplomatico do Perú nesta capital:

"Legacion del Perú — Rio de Janeiro — Señor doctor Gustavo Barroso — Tengo la alta honra de dirigir-me a usted para comunicarle que la "Sociedad Geografica de Lima", teniendo en consideracion su relevante personalidad y altos meritos intelectuales, y en el deseo de demonstrar, a la vez, los amistosos sentimientos que la unen al Brasil, ha acordado nombrar a usted su socio correspondiente.

Aprovecho la gratisima ocasion de ser encargado de llevar a sua conocimiento el referido acuerdo, para reiterario las seguridades de mi mas alta estima y distinguida consideracion. — D. M. Tolmos, ministro del Perú."

**Gustavo Barroso — (João do Norte)** — O escriptos scintillante dos "Heróes e Bandidos", o admiravel analysta dos nossos homens e das nossas coisas, Gustavo Barroso ou João do Norte, o fino literato que o Brasil todo conhece e admira e é uma razão de orgulho para as nossas letras, acaba de receber uma alta distincção de um governo sul-americano, a qual se juntará ás demais que o illustre patricio ha recebido.

Referimo-nos á sua nomeação para socio correspondente da Sociedade de Geographia, de Lima, a mais antiga do continente americano, uma das mais acatadas sociedades scientificas do continente.

Gustavo Barroso receben esta honrosissima distincção, por intermedio do seguinte officio diplomatico:

"Legacion del Perú — Rio de Janeiro. — Señor Doctor Gustavo Barroso.

Tengo la alta honra de dirigir-me a Usted para comunicarle que la "Sociedad Geografica de Lima", teniendo en consideracion su relevante personalidad y altos meritos intelectuales, y en el deseo de demonstrar, a la vez, los amistosos sentimientos que la unen al Brasil, ha acordado nombrar a Usted su Socio Correspondiente.

Aprovecho la gratissima ocasion de ser encargado de llevar a su conocimiento el referido acuerdo, para reiterarle las seguridades de mi mas alta estima y distinguida consideracion.

D. M. Tolmos, ministro del Perú".

Tal noticia é muito agradavel á nossa alta sociedade e aos circulos intellectuaes onde Gustavo Barroso conseguiu logar de justo destaque devidos aos seus superiores dotes de intelligencia e de coração.

"Pé de Columna" congratula-se com o festejado confrade pela honra que, recahindo nelle, em ultima analyse é uma honra para o nosso paiz.

190 "Jornal do Commercio" - Rio - 4 - Out.º 1921

O Sr. Dr. Gustavo Barroso recebeu do Sr. Ministro do Perú a seguinte communicação:

"Legacion del Perú — Rio de Janeiro — Señor Doctor Gustavo Barroso — Tengo la alta honra de dirigirme a Usted para comunicarle que la "Sociedad Geografica de Lima", teniendo en consideracion su relevante personalidad y altos meritos intelectuales, y en el deseo de demostrar, a la vez, los amistosos sentimientos que la unen al Brasil, ha acordado nombrar a Usted su Socio Correspondiente. Aprovecho la gratisima ocasion de ser encargado de llevar a su conocimiento el referido acuerdo, para reiterarle las seguridades de mi mas alta estima y distinguida consideracion. — *D. M. Tolmos*, Ministro del Perú."

"Jornal do Commercio" 6-10-921

E' lido e remettido á Commissão de Justiça o seguinte

1921 — PROJECTO N. 105

AUTORIZA O PREFEITO A PROVER EFFECTIVAMENTE NOS CARGOS DE INSPECTORES ESCOLARES NAS VAGAS QUE OCCORREREM OU QUE TIVEREM PELO MENOS DOUS ANNOS DE EFFECTIVO EXERCICIO NESSES CARGOS.

O Conselho Municipal resolve:

Art. 1.º Fica o Prefeito do Districto Federal autorizado a prover effectivamente nos cargos de Inspectores Escolares, nas vagas que se derem, os inspectores escolares interinos que, a data desta lei, tiverem, pelo menos, dous annos de ininterrupto exercicio no respectivo cargo.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Sessões, 5 de Outubro de 1921. — *França e Leite.* — *Ernesto Garcez.*

+ "Patria" 10 Out.º 1921

# GUSTAVO BARROSO

Este festejado escriptor patricio acaba de ser eleito socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lima.

S. ex. o sr. ministro do Peru' enviou ao guapo literato brasileiro um honroso officio no qual lhe communica a sua eleição e se congratula pela escolha da "Sociedade" do seu paiz.

Esta distincção conferida a um dos nossos belletristas mais distinctos é um bom symptoma de approximação intelectual peruano-brasileira, cujo valor é superfluo encarecer.

"A Patria" 11 de Outubro de 1921

# AO SOM DA VIOLA

## O novo livro de João do Norte

Gustavo Barroso, o brilhante João do Norte, não é sómente um dos nossos escriptores mais brilhantes, mas tambem o é dos mais fecundos.

O jornalismo, com todo o seu poder de absorpção, não impede que elle trabalhe sempre com uma actividade verdadeiramente previlegiada. Agora mesmo acaba de sahir, numa bem cuidada edição da livraria Leite Ribeiro, o ultimo e quiçá o mais volumoso livro do autor victorioso de "A Ronda dos Seculos".

*João do Norte*

"Ao som da viola" é um dos trabalhos mais completos sobre o nosso "folk-lore". Nas 730 paginas do livro, com um methodo admiravel, Gustavo Barroso estuda toda a curiosissima variedade do nosso "folk-lore", dividindo-o em cyclos distinctos.

Com este livro o illustre escriptor de "No Paiz do Sol" vem firmar-se ainda mais como um dos grandes "folkloristas" brasileiros.

EL UNIVERSAL

XIII.—CARACAS (VENEZUELA).—DIARIO DE LA MAÑANA—MIERCOLES 17 DE AGOSTO DE 1921.—NUMERO 4.399

"El Universal" - Caracas - Venezuela -
17 de agosto de 1921

# BOLIVAR EN EL BRASIL

**Completamos nuestra información acerca de la manera entusiasta con que fué celebrada en Río de Janeiro la fecha de nuestra Independencia, y el culto fervoroso que en la gran República vecina se rinde al Libertador, con la siguiente página que traducimos de "Fon-Fon," importante semanario de la capital brasilera.**

El Libertador Simón Bolívar es la figura más egregia de la historia americana. El está de piés, envuelto en la nobleza inmensa de su desprendimiento, en medio de todos los prohombres de la América, aureolado por la gloria más legítima. Caudillo y político, patriota y guerrero, comunicó el impulso que redime de la opresión española a las jóvenes naciones que brotaron de la fragmentación fatal de los virreinatos. Los demás capitanes que esgrimieron la espada en pro de la emancipación, obraron y porfiaron, vencieron y murieron con la mirada atenta a la estrella sublime del héroe venezolano. Artigas y Sucre, O'Higgins y San Martín son sin duda personajes inmortales, pero ninguno logra la magnitud del patriota caraqueño, el más esforzado etre los campeones que desplegaron el lábaro de la libertad, y el único que acaloró el soberbio proyecto de federar las naciones recién libertadas. El perfil grandioso de este hombre llena las páginas de la historia del continente con nitidez que no alcanza la figura de Washington.

Retirado de la contienda, después del Congreso de Panamá, desengañado de los hombres, amargado el corazón, lamentó, según dicen, la independencia de las antiguas colonias, obra de él, en parte o por entero, y exclamó, perdiendo la fé en los pueblos nuevos:

"Nosotros los campeones de la libertad aramos en el mar!"

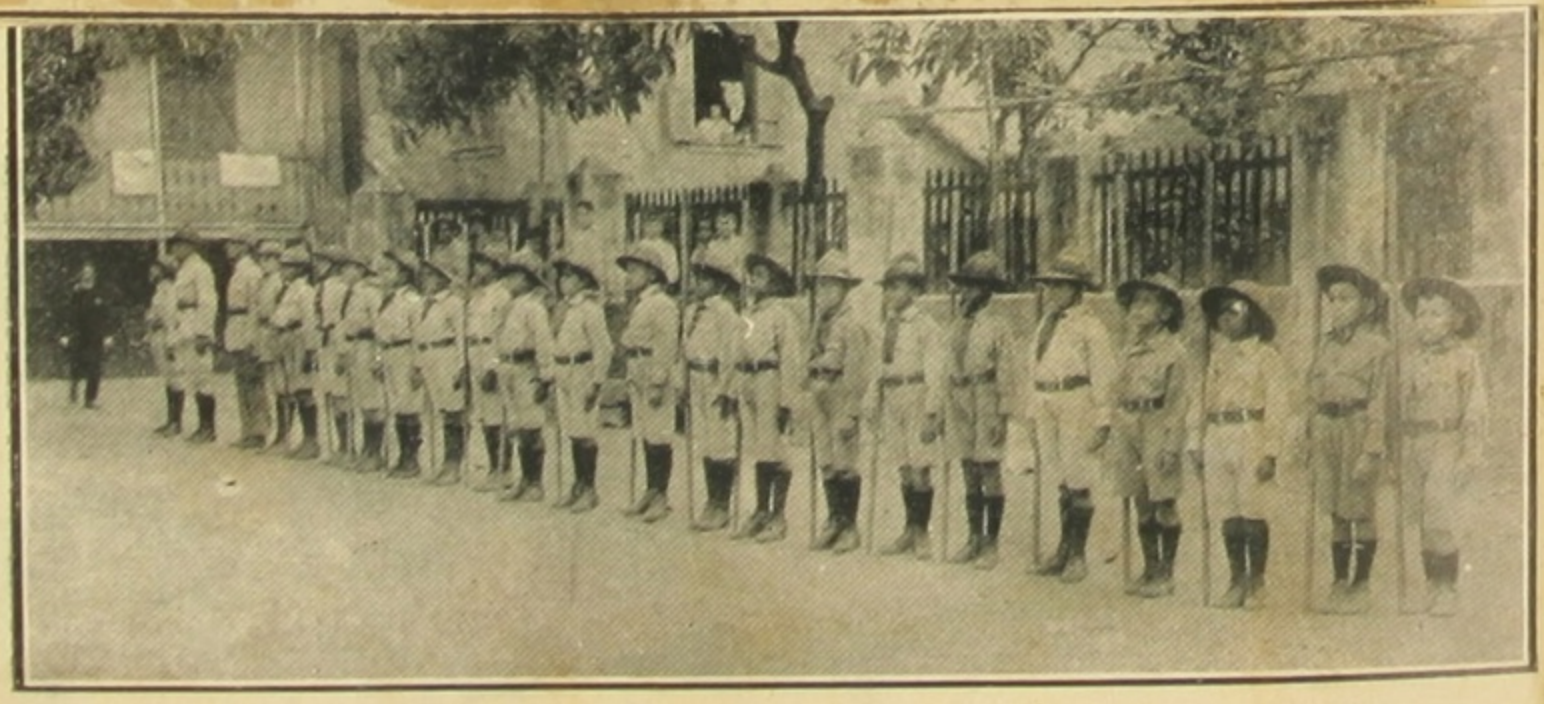
Bolívar se equivocó ese día desdichado, si tal frase enunció, pues las naciones americanas, vencido el lapso fatalmente tributado a la anarquía, adelantan hoy por la vía de la civilización, animadas de las ideas humanitarias y democráticas. Ninguna de ellas olvida la deuda que contrajo con su Libertador, sino que lo honran con reconocimiento frecuente. Las unas se llaman con su nombre, las otras esculpen su rostro de héroe antiguo en las monedas, otras escogen su apellido para las condecoraciones... Si fracasó en reunir a todas en un solo destino, si no logró esa unión política, consiguió después de muerto que todas estuvieran concordes y fraternas en el culto de su memoria.

En el Parque Central de Nueva York se ha tributado al hijo de Caracas el homenaje más extraordinario. Allí se acaba de inaugurar su estatua ecuestre, obra de la escultora americana Sallie James Farnham. En el pedestal lucen los escudos de las naciones latino-americanas. La inauguración tuvo efecto el 19 de abril, solemnemente, con la asistencia y con el discurso del Presidente de los Estados Unidos.

Este homenaje insigne muestra cuánto perdura la acción formidable de Bolívar. Después de un siglo congrega en torno de su estatua las banderas de las nobles Repúblicas del Nuevo Mundo. Si aró en el mar, el mar no ha sido estéril.

J. N.

"Fon-Fon"
8 Out 1921



Os escoteiros da 1ª escola masculina do 12º Districto, no pateo da mesma, no Encantado. A referida escola está sob a direcção do professor Fernando de S. Santos e o Districto sob a inspecção do nosso companheiro Dr. Gustavo Barroso.

192 "O Jornal" 17 Outubro 1921

# UM ROMANCISTA CEARENSE

Domingos Olympio, romancista, contista e polemista, foi um dos mais interessantes e notaveis prosadores brasileiros. Nelle se uniram de maneira curiosa, produzindo uma serie de contrastes caracteristicos da sua personalidade, o amor do regionalismo sertanejo, entranhado, bairrista mesmo, e o prazer de estudar a vida das cidades, tumultuaria e apaixonada, nas suas menores particularidades. Desde as suas primeiras obras se sente que a sua alma se deixa arrastar pelas duas correntes oppostas das quaes uma teve por fim de superar a outra, dominando de todo o seu grande espirito e impellindo-o a escrever um dos nossos mais bellos romances nacionaes. E essa, felizmente para Domingos Olympio, e felizmente para nós, foi a do sertanismo, que elle soube comprehender sem exaggeros e realizar com naturalidade.

Passára sua mocidade na provincia e viéra homem feito viver na capital. Seu temperamento malleavel de individuo profundamente intelligente, que com facilidade se amolda ao meio onde está, fez delle, segundo dizem aquelles que tiveram o prazer de sua privança, verdadeiro "gentleman", fino conversador, jornalista subtil, attico, ironico e culto. Mas, no substracto do seu ser, lá estava, ardendo sempre, a braza do entranhado amor ao Ceará escaldante, áquelle rincão sertanejo de Sobral, onde nascera a 18 de outubro de 1850. E essa braza uma vez por outra desprendia labaredas que illuminavam uma obra regionalista verdadeira e bella, como a historia da Luzia-Homem.

Toda a vida do illustre escriptor prova quanto seu espirito se adaptava aos varios ambientes em que o destino o obrigava a viver. E, nessas multiplas transformações, sempre se manifestando ora o pesquizador da vida urbana, ora o pintor da paysagem e da alma do sertão, este constantemente era mais intenso e mais forte, mais seguro e mais verdadeiro. São estes vastos traços, na nossa desvallosa opinião, os que esboçam largamente a inconfundivel figura desse grande prosador.

Analyzemol-o mais meudamente no exercicio da sua arte, desde o inicio, e veremos essas caracteristicas se accentuarem a cada passo.

Formado em direito, no anno de 1873, pela Faculdade do Recife, obedece aos gostos e impulsos do meio, escrevendo alguns ensaios dramaticos, aos quaes Sylvio Roméro alludiu, tratando do Theatro Nacional. Voltou ao Ceará, de onde só mente sahiu em 1879, indo residir no Pará. Ahi advogou e obteve notaveis triumphos na tribuna judiciaria. Abolicionista ardente, republicano sincero, fez, pelos jornaes e na Assembléa Provincial, onde tomou assento, a propaganda de suas idéas. Foi redactor do "Diario do Grão Pará" e da "A Provincia". Datam dessa época os seus primeiros contos, alguns accentuadamente á maneira de Maupassant, outros traindo a influencia do Eça, contos que elle pretendia mais tarde reunir em volume.

Tive nas mãos, por uma gentileza especial de seu genro, meu muito querido amigo dr. Eurico Cruz, os manuscriptos deixados por Domingos Olympio. Todos elles demonstram, além do seu alto valor de artista, um extraordinario espirito de ordem, de franqueza e de modestia. Esta se vê da maneira como os escreveu e os compôz alheiado de quaesquer preoccupações pessoaes; aquella, da letra nobre, desretenciosa, singela e espontanea; aquella outra, do methodo com que fôram reunidos, da numeração exacta das folhas, da bem determinada collocação de todas as partes, do aceio geral, material e mental, do trabalho. E por elles se verifica que, quando Domingos Olympio se sentava á mesa e pegava na penna, já o que ia escrever estava concatenado no seu cerebro, toda a sua creação vivia esplendidamente no seu mundo interior. Nada mais tinha a fazer senão pôr aquillo tudo com tinta na brancura do papel. Não ha nas suas tiras uma hesitação, quasi não ha uma rasura, uma emenda, uma palavra riscada.

Nos contos a que me refiro, ha, num canto de lauda, esta indicação, que mostra quanto elle se preoccupava até com o formato dos livros e a qualidade dos typos: "Typo e formato dos livros do Eça; typo grande, como por exemplo "A Cidade e as Serras".

Do Pará, Domingos Olympio veiu para o Rio de Janeiro em 1891. Aqui escreveu no "O Paiz", n.

193

"Correio do Povo", no "Correio Mercantil", e no "O Commercio". Nesses jornaes, publicou alguns dos contos que pretendia reunir num volume do typo dos do Eça de Queiroz. De par com o jornalismo e a literatura, continuou a exercer a advocacia, tendo obtido bellas victorias fórenses, como a da questão de limites do Amazonas com Matto Grosso, na qual, pelos seus esforços em pról da justa causa, o primeiro venceu.

Um anno após sua chegada á capital do paiz, foi nomeado secretario da commissão diplomatica encarregada de resolver em Washington a questão de limites com a Republica Argentina. O estudante dramaturgo do Recife, o advogado tribuno do Pará, o jornalista do Rio de Janeiro logo se adaptou ao novo mistér e fez, nessa importante missão, util, bella, inapagavel figura. Deixou quasi concluida a historia da mesma, documento curioso e verdadeiro dessa parte do "processus" de resolução da velha pendencia, que bem merecia ser divulgado.

Voltando ao Rio, proseguiu sua carreira de advogado e escriptor. Publicou "Luzia-Homem", sua obra-prima, romance realista, cruamente realista mesmo, com admiraveis lances tragicos, de estylo claro, de linguagem vibrante, em cujos fundos de paysagens sertanejas as figuras se movem virilmente recortadas; de entrecho rude como o proprio meio em que se passa, com inesqueciveis e inapagaveis traços de psychologia, e nas suas paginas o "sertão tostado como terra de maldição ferida pela ira de Deus" se alonga sob a soalheira da sêcca impiedosa — como se agente o estivesse vendo. Outros terão descripto tão bem, nenhum, penso eu, descreveu melhor a alma, a terra, o soffrimento e a immensa luz do meu pobre Ceará. E é por isso que o romance de "Luzia-Homem" se ergue como um pharol ao meio da obra litteraria de Domingos Olympio, illuminando-a toda com a sua claridade transbordante.

Junto delle, uma luz menor: o romance "O Almirante", publicado na famosa revista "Os Annaes", que fundou e dirigiu com muito brilho durante dois annos ininterruptos, firmando com o pseudonymo de Pojucan as admiraveis chronicas da primeira pagina. O enredo do "O Almirante", decorre nesta cidade dos ultimos dias do Imperio, aos primeiros da Republica. E' um curioso estudo da vida carioca e mesmo da vida brasileira em geral, naquelle momento historico, com paysagens sociaes e moraes interessantissimos. O estylo é simples e naturalmente bello. Não se arreia com desusadas lantejoulas e outros artificios. A sua belleza está na sua simplicidade e na pureza quasi completa de sua lingua. No emtanto, sente-se que lhe falta aquella chamma de amor ao torrão natal que aquece os capitulos do "Luzia-Homem".

Ainda no "Os Annaes", estampou quasi toda a sua novella paraense "Uirapuru'", na qual pinta a vida no extremo norte do paiz, com côres vivas, — saborosa pagina nacionalista que demonstra mais uma vez a facilidade de adaptação ao meio do seu autor.

Domingos Olympio, nascido no interior do Ceará, era, por essa malleabilidade de espirito e pela lucidez das suas faculdades de apprehensão intellectual, um homem talhado para viver em grandes circulos sociaes. Sobriamente elegante, discreto e espirituoso, amavel sem exaggeros, de uma correcção britannica nas attitudes, no falar nos gestos, contava com chiste especial, encantando os que o ouviam historietas e anecdotas, de preferencia as de filiação sertaneja. Num paiz de raros e quasi sempre pessimos romancistas como o nosso, a figura desse romancista de verdade não poderá e não deverá ser esquecida.

A morte o roubou, em plena actividade de jornalista, advogado e escriptor, no dia 6 de outubro de 1906, cheio de saude e de esperança. O lutador do Abolicionismo e da Republica foi fulminado por uma apoplexia, deixando sómente um livro publicado, que é, incontestavelmente, um dos nossos grandes romances — "Luzia-Homem". Porém seu talento omnimodo abordára todos os assumptos, mesmo a pintura. Com esse livro se candidatou á Academia de Lettras. Infelizmente não conseguiu entrar naquelle "Santo dos Santos", apezar de ter tido votos sobremodo honrosos como o de Olavo Bilac, que, antes do encerramento das inscripções, lhe mandava uma carta, instando para que se candidatasse e promptificando-se a ser portador da sua communicação ao presidente da Academia.

Sua obra esparsa em jornaes consta do "O Almirante", do "Uirapuru'", e de varios contos que preparára para dar em volume e de alguns dos quaes já tirara provas: "Casamento de razão", "Uma lição de chimica", "O redivivo", "A theoria da felicidade", "O hydromel", "Entranhas de pae", "Nem mel nem

cabeça", "Cesar, atque Deus", "Espiritismo". Inteiramente inéditos, deixou: "História da missão de Washington", a comédia "Domitilla", as novellas "Entre esposa e amante" (vida da cidade), e "Justiça dos homens" (vida do sertão), nas quaes mais uma vez se manifesta o dualismo das suas inclinações; alguns capitulos do "O negro" ou "Juca", e trechos de uma biographia com ironias pessoaes a si proprio — "A gloria".

Nos seus trabalhos se notam influencias de escriptores contemporaneos, das escolas realistas de Portugal e da França, comtudo se não póde dizer que esse escriptor realista e nacionalista seja discipulo ou parente espiritual deste ou daquelle chefe de escola. Não, porque elle tem demasiada personalidade, é sempre elle mesmo, até quando nas suas paginas fazem vestigios de influencias extranhas.

Falando de Domingos Olympio com o carinho que tenho para os verdadeiros artistas, especialmente dos que nasceram na mesma terra infeliz que eu, vem-me á lembrança um periodo que Eça de Queiroz escreveu no prefacio dos "Azulejos", de Bernardo Pindella: "A arte é tudo — todo o resto é nada".

Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a vélha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos: foi lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero eôco nas sociedades—sobretudo o que nellas mais nos deslumbra. Pódes dizer-me quem fôram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres?... Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lantejoulas do que a politica. Por toda essa antiga Europa Real se vêm multidões de politiquetes e de politicões enflorados, emplumados, atordoadores, cacarejando infernalmente de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade de que daqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguem se lembre desses politicões? Pódes dizer-me quaes eram os ministros em 1856, ha apenas 30 annos, quando Gustavo Flaubert escrevia "Madame Bovary?".

A idéa mãe dessas verdades o Eça, consoante seu costume, foi buscar num conhecido periodo de Dumas Filho, nas "Mes Memoires", onde se lêm estas perguntas:

— "Qui était ministre en Angleterre, l'année óu Shakespeare fit "Othello"?

— Qui était gonfalonier á Florence, l'année óu Dante écrivit son poéme de l'Enfer?

— Qui était ministre du roi Hieron, quand l'auteur du "Promethée", vint lui demander un asile?

— Qui était archonte d'Athénes, lorsque le divin Homére mourut dans une des Sporades?..."

Todas essas perguntas não pódem ter resposta e é por isso que a nullidade publica, cacarejante, constante e infinita dos politicos odeia profundamente os que escrevem livros. A gloria do livro é a maior de todas as glorias. Ninguem se lembra mais hoje de quem era governador do Ceará nos dias em que, na Tijuca, concentrando as suas lembranças do sertão longinquo, esforçando-se por se alhear daquelle meio florestal e humido, tão differente do que queria descrever, o autor de "Luzia-Homem", traçou com mão de mestre as paysagens ardentes da sêcca, que sómente a sua alma via. Mas ha sempre grupos de intellectuaes e de amadores sinceros da arte que se reunem numa sala, para ouvir falar da obra e da personalidade dos escriptores mortos. E delles ainda se falará pelo tempo além, quando já perdidas fôrem as memorias tristes ou inuteis dos que sómente serviram á politicalha...

**João DO NORTE.**

"O Jornal" 13-Out° 1921

## O LIVRO DO DIA

Acaba de apparecer um novo livro de boa literatura brasileira. "Ao som da Viola" (Folk-lore) de Gustavo Barroso (João do Norte) é o mais recente cartaz da livraria, affixado, ha tres dias, na casa editora Leite Ribeiro.

E' mais um valioso trabalho do autor de "Terra de Sol" e de outros livros da melhor estima nas nossas letras.

O novo livro, que apenas tivemos tempo de folhear para mencional-o nesta nota, é um opoulento manancial de authentica literatura popular, matuta ou praciana, feito com o fino tacto que o escriptor tem revellado na sua obra desse genero. Com talento, é escusado dizer.

"Ao som da Viola" é, no Brasil, cremos, o mais copioso repositorio de prosa e verso, da legitima producção desse universal engenho anonymo, que enriquece a poesia e a lenda de thesouros inexgotaveis. São mais de setecentas paginas de encantadoura leitura, constituindo uma preciosidade literaria, pelo cabedal que encerra e pela autoridade do autor, dos mais competentes entre os nossos escriptores sertanistas ou regionalistas.

195 "Correio Paulistano" - 6 - Out.º 1921

# A Universidade Negra

Sempre que se procura, com preconceitos ou leis especiaes, separar numa sociedade raças ou castas, crêa-se um problema de bem difficil resolução para o futuro.

Os attingidos pelo desprezo ou pela perseguição da maioria reunem-se e desenvolvem as suas faculdades de mutuo auxilio, conscios de que sómente uma fortissima união os salvará do anniquilamento. Resistem dessa maneira a todas as investidas e raras vezes deixam de triumphar.

Foi nessas condições que a velha Europa creou o problema semita e que a joven democracia yankee preparou o problema negro.

A indole e a educação geral dos brasileiros, felizmente, nos livraram dessas difficeis questões. Só quem conhece bem os bastidores das sociedades civilizadas, em geral, póde avaliar quanto lhes somos, nesse ponto, superiores. Nós não pensamos em castas nem em differenças de côr, de raça ou de religião. Todos os que vivem sob este céo são eguaes e nos seus corações não se aninham essas differenças mesquinhas.

Eis ahi por que, no nosso paiz, aquelles que o decreto libertador de 1888 livrou da desgraça do captiveiro e os seus descendentes ainda não realizaram a obra collectiva de educação da raça que têm levado a cabo os negros dos Estados Unidos. Lá, o homem de côr não viaja no mesmo trem nem se hospeda no mesmo hotel que a gente branca. Leis de excepção — nessa curiosa democracia plutocrata, regem em cada Estado, especialmente nos do sul, a existencia á parte do **coloured people**. E nem escolas nem academias recebem **black men** de envolta com **white men**. Entre nós, nunca se pensou em nuanças de pigmento nas disposições legislativas do ensino publico ou em outras quaesquer. Si temos defeitos, qualidades como a da nossa immensa tolerancia em questão de religião e de sangue delles nos absolvem.

Lendo um dos mais admiraveis livros que tenho lido, a autobiographia de Booker Tallaferro Washington, um preto americano que nasceu escravo e que, pelo seu esforço pessoal e pelo seu talento, se elevou até onde um homem se podia elevar, no seu paiz, apprendi como na America do Norte se relegou numa triste posição essa raça infeliz, que o branco foi escravizar no seu aspero sertão africano e que fez, durante seculos, trabalhar em seu favor, sob o latego dos feitores e dos verdugos.

No emtanto, na sua immensa alma affectiva, o negro jámais guardou odio ao branco, sempre o serviu lealmente, sem revolta, com a grandeza moral, que lhe é forçoso reconhecer, de ter preferido a escravidão á extincção, justamente o contrario do indigena do nosso paiz.

Nós devemos, no Brasil, grande parte da nossa civilização ao elemento africano. Foi elle que abriu as estradas, derrubou as florestas intrincadas, arroteou as terras, destruiu as feras, saneou os pantanos, ajudou os senhores nas guerras e nas entradas e bandeiras pelo sertão; onde o indio desappareceu e o branco recuou, elle resistiu; foi elle, o **unresentful people**, como propriamente lhe chama Booker Washington, que alimentou com suas amas ou **bás** as crianças e defendeu as casas dos brancos das aggressões, que serviu de enfermeiro ao pé do leito dos amos doentes e muita vez, que salvou as familias de perigos terriveis.

O preto da America do Norte agiu da mesma maneira. Mas, quando se viu livre após a terrivel guerra da Seccessão, não encontrou da parte da sociedade, para a qual entrava com o seu passado de paciencia, fidelidade, trabalho e soffrimento, sinão desprezo, ás vezes, e, quasi sempre, odio.

Dahi nasceu, na alma collectiva do negro dos Estados Unidos, a convicção de que era preciso educar-se para vencer na vida, educar-se primeiro profissionalmente e, depois, scientificamente, afim de não sahir do seu primitivo estado de pobreza e de ignorancia bruscamente para as pretenciosidades da instrucção superior. O primeiro estabelecimento de educação para gente de côr foi o Hampton Institute, nos Estado da Virginia, dirigido pelo general Armstrong. Nelle fez o curso, superando heroicamente todas as difficuldades, o autor da autobiographia já citado. Dahi, depois de educado, elle foi para Alabama, onde iniciou a fundação de um grande collegio profissional e superior para os estudantes da sua raça.

A autobiographia de Booker Washington chama-se **Up from Slavery**, porque o seu autor nasceu escravo, nas senzalas duma fazenda salina, trabalhou criança e analphabeto em salinas e minas, foi, depois, para o Hampton Institute, passando fome e dormindo nas ruas para lá chegar, fez um curso brilhante, apesar da sua miseria, e chegou a obter os maiores triumphos na tribuna, no magisterio e na vida publica. O que esse negro de talento e de força de vontade conta dos esforços que fez para vencer, nesse seu livro, vale pela maior licção de moral que um homem possa dar a outro. E em todo o volume não ha uma palavra amarga contra quem quer que seja.

Booker Washington fundou em Tuskegee, em Alabama, numa velha quinta, aproveitando os telheiros dum gallinheiro e dum antigo estabulo, uma pequena escola para gente de côr. Depois, foi, numa epopéa crescente de sacrificios e de esforços, obtendo um pouco de dinheiro e augmentando o estabelecimento e o ensino ministrado, até tornal-o a grande instituição negra que hoje é e cujo patrimonio vale para mais de tres milhões de dollars!

Essa obra colossal é o producto da energia e da tenacidade desse homem admiravel, que, sósinho, deu uma direcção inteiramente nova ao problema negro nos Estados Unidos. Toda a nação americana reconheceu a grandeza da sua realização. Elle lançára a raça negra, que a escravidão deixára entorpecida e que os preconceitos e costumes aferrolhavam numa situação inferior e humilhante, no caminho de todas as conquistas possiveis. Sua fama foi de extremo a extremo do paiz. Universidades brancas conferiam-lhe graus, associações e exposições quizeram ouvir a sua palavra apostolica, o presidente da Republica, a gente de côr e a gente branca cercaram-no de estima, de admiração e de respeito. E uma viagem que fez á Europa, quando já o seu Tuskegee College andava na bocca da fama e lhe não dava os grandes cuidados do principio, valeu por uma verdadeira consagração.

Os embaixadores dos Estados Unidos apresentaram-no em reuniões solennes ás altas sociedades de Londres e de Paris. O talento e o trabalho desse homem de côr despertaram tal estima para com a sua personalidade em todo o territorio dos Estados Unidos que os preconceitos da raça desappareceram deante delle.

Toda a sua vida dedicou á educação dos negros, afim de eleval-os, sem guerrear os brancos e sempre aconselhando a cooperação amiga das duas raças para a grandeza geral do paiz commum.

Não possuimos no Brasil, onde a raça africana tem produzido assombrosas intelligencias, um Tuskegee College, uma universidade-negra, nem typos que tenham realizado um grande e nobre programma como esse extraordinario Booker Tallaferro Washington. E isto só nos deve orgulhar, porque é a prova de que no nosso paiz não se dividem pelas

197

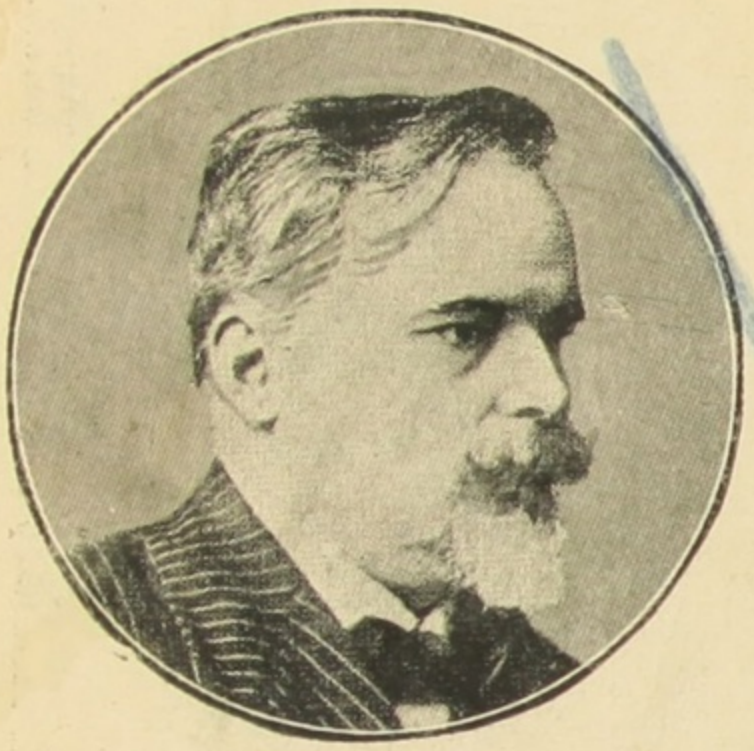
côres os que querem estudar e todos são, não desta ou daquella raça, porem sim brasileiros e irmãos.

**João do NORTE**

"Fm Fm" 8 Out 921

# Ao Portugal, das navegações e das conquistas

Nenhum paiz no decorrer dos seculos traçou rota mais brilhante que a que abrio na historia, de Affonso Domingues ao 5 de Outubro de 1910, o pequenino e heroico Portugal. Fôram os seus filhos que de cóta de malhas e elmo emplumado levaram de vencida castelhanos, mouros e leonezes, creando a ponta de espada uma nacionalidade. Fôram elles que construiram as curvas e rijas ossaturas das náus que se fôram por todos os mares do planeta a descobrir os mundos novos, levando no seu bojo os rudes e heroicos marinheiros que impuzeram aos çamoris a sua tutela, aos rumes as suas esplendidas victorias e aos barbaros e selvagens o seu Rei e o seu Deus. Fôram elles que crearam uma lingua bella e forte, que parece ter sido feita para commandar a manobra, quando rangem os pannos ao sôpro do vendaval, ou para domar a maruja revolta, quando faltam os mantimentos no porão e o vulto da terra esperada não apparece no horizonte por mais que os gageiros o procurem.



Dr. Antonio José de Almeida, actual presidente da Republica Portugueza.

Portugal, com o impulso dado pelo infante de Sagres, deslocou o systema commercial do mundo do Mediterraneo para o Atlantico. Só essa obra lhe valeria uma gloria eterna. Fez mais: creou deste lado do oceano, pela força de cohesão do seu espirito nacional, entre a fragmentação dos vice reinados espanhóes, a mais forte e maior nação da America do Sul, onde já trinta milhões de homens falam a sua velha lingua. E, apezar da sua pobreza de meios, das perdas immensas, dos revezes, da morte na Africa do seu ultimo dynasta de Aviz e do captiveiro sob o guante castelhano por mais de meio seculo, ainda hoje mostra ao mundo um dos maiores imperios coloniaes conhecidos.

Vive decadas no apodrecimento monarchico e, quando um dia ninguem nada delle espera, numa alvorada de clarins e de artilharia, lá surge o velho Portugal conquistando com o seu sangue o barrete phrygio. A essa pagina de ouro elle junta outra escripta com o seu heroismo na Grande Guerra, nas linhas de Armentières.

Dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Brasil.

**A nossa saudação, pelo cinco de Outubro, ao Portugal das Navegações e das Conquistas, ao Portugal da Republica!**

*J. N.*

## *A bôcca do leão*

Quando nosso automovel, um Roll Royce possante, atravessou aquella rude garganta de rudes pedras, antes de entrar na maravilhosa e deliciosa avenida Niemeyer, e o vento do mar largo nos deu em cheio no rosto, Claudio França se perdeu numa profunda meditação, As rugas do seu rosto immobilisaram se e eu, que notára aquella attitude, perguntei-lhe, curioso:

— Em que pensas, amigo?

— Não penso, recordo, respondeu-me elle depois de segundos de silencio. Recordo uma das mais maravilhosas viagens de automovel que fiz na minha vida. Foi ha alguns annos já nesse nobre e interessante paiz dos Incas, que é hoje a Republica já centenaria do Perú. Foi quando andei pelos arredores de Lima, pelo valle do Rimac e pelas montanhas, para o lado de San Cristobal, onde ha uma passagem semelhante a esta, que se chama — Bôcca do Leão.

— Querias que assim se baptisasse esta?

— Não. Mas bem a poderiam chamar com propriedade Bôcca da Onça. . .

198

"Fon-Fon" 8 Outubro 1921

## *Historia Militar do Brasil*

Genserico de Vasconcellos é uma das jovens glorias do Exercito Nacional, e o seu ardor incançavel cada dia nos demonstra o carinho com que estuda profundamente e sabiamente commenta os nossos fastos militares. Professor laureado e acatado da Escola de Estado Maior e de Aperfeiçoamento é daquelles que guiam pelo bom caminho a notavel caravana dos nossos modernos officiaes, incutindo-lhes sobretudo o amor do nosso passado e das nossas gloriosas tradições na America.

Suas admiraveis conferencias proferidas na citada escola aureolaram-n'o com a fama de um dos melhores mestres militares do nosso Exercito Reunio as num grande volume sob o titulo acima, catalogando-as desta sorte: — 1ª, Da influencia do factor militar na organisação da nacionalidade; 2ª, A campanha de 1851 a 1852; 3ª, idem, continuação; 4ª, idem; 5ª, Conclusão do estudo sobre o Exercito Brasileiro — o poder naval; 6ª, Theatro da guerra — Planos de operações — Mobilisação e concentração — Ordem de batalha; 7ª, Primeira phase da campanha — Operações da Banda oriental — Suas consequencias militares e politicas; 8ª, Preparação da segunda parte da campanha pelos belligerantes; 9ª. As operações nas provincias de Santa Fé e Buenos Aires; 11ª, Continuação do estudo da batalha de Monte Caseros — Consequencias da guerra — Synthese.

Acompanha cada conferencia e o livro todo um completo *dossier* de documentos e mappas officiaes que comprovam as asserções do autor. O capitão Genserico faz obra de util e real patriotismo, ensinando aos seus collegas mais moços como os nossos antigos soldados conquistavam os louros da patria.

## Congresso de Americanistas

Vae reunir-se de 18 a 30 de Junho de 1822, em commemoração do Centenario da nossa emancipação politica, no Rio de Janeiro, o vigesimo Congresso Internacional de Americanistas. A proposito da organisação do mesmo, o nosso companheiro Dr. Gustavo Barroso (João do Norte) recebeu o seguinte officio, que gostosamente tornamos publico:

«Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1921. Exmo. Sr. Dr. Gustavo Barroso. Em nome do Comité Organisador do XXº Congresso de Americanistas, tenho a satisfação de levar ao vosso conhecimento que, pelo Sr. Carlos Simens da Silva, fôstes proposto e acceito membro do referido Congresso. Confio plenamente em vossa adhesão á nossa causa e congratulo-me com os demais companheiros do Comité, por tão feliz proposta do nosso consocio supra referido. Aproveito o ensejo para vos reiterar as seguranças da minha alta estima e consideração. *Sergio de Carvalho*, Secretario Geral.»

## A Sabedoria dos Instinctos

A Academia Brasileira de Lettras conferio o primeiro premio de erudição a um livro de Pontes de Miranda — «A Sabedoria dos Instinctos» (idéas e antecipações). E achamos que fez bem em conferil-o, porque é um dos mais interessantes e eruditos volumes que ultimamente têm sido publicados.

O livro divide-se nas seguintes partes, cujos titulos servirão ao leitor para avaliar do seu interesse e do seu valor: Dionysos co eterno; Aphorismos esparsos; Palavras sempre sinceras; Amor das vozes esquivas, e Epilogos. Em todo elle Pontes de Miranda demonstra as acuradas, pacientes leituras que tem feito e nelle procura levantar algumas pontas do denso véu que cobre o coração dos homens.

Escripto em linguagem sobria, de lei e despretenciosa, «A Sabedoria dos Instinctos» prende o leitor desde a primeira a ultima pagina. Com ser um jurisconsulto, hoje bem afamado, o autor não perdeu, antes augmentou, as bôas qualidades do escriptor e sobretudo do prosador que lhe ornam o espirito e com as quaes se apresenta a primeira vez na arena publica do Rio de Janeiro.

Pontes de Miranda é, com effeito um pensador como já se manifestára vae para alguns annos na «Moral do Futuro», e um pensador que procura descobrir as razões do porvir nas cousas do presente, o que o titulo do seu primeiro livro mostra e que o sub-titulo *antecipação* do segundo confirma.

Depois de havermos lido o seu premiado volume de altas cogitações, que fazem meditar, só temos que lhe enviar os nossos parabens.

"Fon-Fon" 15 Out.º 1921

## *Notas litterarias*

*Céos.* Um bello e interessante livro de versos de Rocha Ferreira, autor dos *Sons* já exgottado, publicado em S. Paulo, com o titulo acima. Ha n'elle subtilezas de pensamento e de intenção vasadas em rythmos suaves e rimadas com verdadeira inspiração. Destacamos das suas paginas as poesias *Palhaços*, *Castellos* e *O Evangelho*.

*Escriptores psycho pathologistas.* O dr. Luiz Ribeiro do Valle tem emprehendido a tarefa difficil de estudar á luz da psycho-pathologia, os nossos escriptores e, diga-se a verdade, tem-se sahido bem do seu tentamen. Iniciou o com um profundo estudo analytico da obra de Machado de Assis e agora, n'este novo opusculo, aborda as personalidades litterarias de varios outros, nacionaes e extrangeiros.

*Sons.* Canta os sons dos sinos, da natureza e do coração no seu bello livro de versos ultimamente publicado, o joven poeta de real talento Heitor Alves. Veste as suas admiraveis idéas com os ultimos figurinos da arte eternamente bella da França luminosa. E d'ahi o rythmo agradavel da sua poesia, que nos emociona, que nos prende e que nos transporta.

199 "Correio Paulistano" 13 out° 1929

# A ODYSSE'A DOS ARGONAUTAS

Um dos mais antigos romances de aventuras da Humanidade é, certamente, a grande e arriscada viagem dos Argonautas em procura do tosão de ouro da Colchida. E a narração dessa esplendida tentativa eternamente viverá na memoria dos homens, porque dois sentimentos profundamente humanos a enchem de principio a fim: a cobiça e o amor. São elles os acicates que sempre esporearam, que esporeiam e, ainda, esporearão sempre todos os argonautas do mundo.

As trombetas da Fama espalhavam pelos povos o esplendor das riquezas sem par de Ectés, rei da Colchida, possuidor da maravilhosa pelle aurea do carneiro que Jupiter déra a Phryxos e a Hellé, para nelle fugirem á colera de Athamos, seu pae. Quando atravessavam um braço de mar, Hellé caiu na agua e afogou-se. Dahi, o nome de Hellesponto, dado a esse estreito. Phryxos alcançou a Colchida e lá immolou a Zeu's o animal fabuloso. Ectés recebeu de suas mãos o aureo vellocino e delle fez o palladio, a zaimph-protector da grandeza do paiz.

Sabendo dessa historia toda, Jasão, filho de Eson, rei de Iolchos, que um irmão ambicioso privára do throno, resolveu ir conquistal-a aventurosamente. Foi elle, assim, quem na atribulada historia dos homens iniciou o vasto cyclo das navegações, das explorações e das conquistas; foi elle o predecessor de todos aquelles routiers et capitaines que, pela face dos pelagos ignotos e através dos desertos mais perigosos, procuraram os vellos de ouro em todos os tempos.

Elle construiu o navio Argos e plantou-lhe ao meio um mastro cortado de um dos carvalhos da floresta sagrada e oracular de Dodona. Por isso, esse mastro prophetizava. E, desta sorte, o navio aventureiro teve o dom da palavra como o peixe Oannés e a burra de Balaão.

Convidou para acompanhal-o os mais celebres aventureiros daquella época primitiva, mas que eram simples mortaes, outros que se diziam filhos dos deuses eternos. Quaes foram esses ardentes companheiros de Jasão?

Abramos, para sabel-o, o grande poema de Valerius Flaccus, que floresceu em Roma ao tempo de Vespasiano, a quem o offereceu após a tomada de Jerusalem pelo divino Tito, e que foi um dos quindecemviros encarregados da guarda dos celebres livros sibyllinos. Eis aqui o livro I da edição Panckouke de 1836. Começa desta forma o periodo em que os versos vão enumerar os varios autores da grande aventura:

"Dant nomo sua quisque viri..."

Depois vem cada um delles na sua posição e rodeado dos seus titulos de gloria: Hercules, eleito chefe pelo consenso unanime; Telamon; Asterion, filho de Cometés; Palau's e seu irmão Leodocus; o adivinho Idmon; Iphitus, filho de Naubolus; Euphemio, rei de Psamathéa; Deucalião e Amphião, filhos de Hypso e tão parecidos que a propria mãe não os distinguia, o primeiro habil em lançar o dardo, o segundo inimitavel no manejar o gladio.

O bando é maior ainda. Delle constam os dois irmãos Clymenes e Iphiclus; Nauplius, cujo fanal enganador faria, no retorno de Troya, as naves gregas se espatifarem de encontro ao promontorio Caphareu; Oileu, cujo filho seria fulminado por Pallas ao pé de Eubéa; Cepheu, que recebeu, na cidade de Tegeu, Hercules, coberto de suôr e de sangue, carregando aos

hombros e formidavel javali do Erymanthe; Amphydamos, seu irmão; Anceu, filho de Lycurgo, o legislador; Mopsus, filho de Apollo, com cothurnos de purpura e a corôa de louros sombreando-lhe a fronte alta e polida como um marmore.

A nave falante de Jasão era grande. Cabiam nella ainda outros tantos bandeirantes audazes: Nestor, Eurytion, cujos cabellos foram consagrados nos altares da Beocia: Tydeu, Poriclyméne, Philocteto, herdeiro das settas de Hercules: Butés o rico, creador das abelhas do Hymeto: Pholéro, que escapou ao abraço de uma serpe quando criança; Eribotés, Peleu, pae de Achilles; Menetius, que confiou seu filho ao centauro Kiron como o primeiro; Phillas, filhos de Bacchо: Anceu e Erginus, filhos de Neptuno.

Os filhos dos immortaes do Olympo não eram raros a bordo do navio oracular e aventureiro. Antes pelo contrario. Além dos que já ahi estão enumerados, viam-se todos os filhos de Mercurio: Ethalide, o frecheiro; Eurytus, o espadeiro; Echion, o mensageiro, Iphis, o remador; Admete, matador do cyclope Sterope; e os Dioscuros, Castor e Pollux, grandes cavalleiros, filhos de Leda e do cysne divino.

A Hercules, Meleagro mostrava a sua musculatura rival. Canthus e Polyphemo ajudariam os remadores Calais e Zetés, cuidariam das cordas e das velas. Lynceu dos olhos de lynce seria o gageiro, annunciaria as terras entrevistas no horizonte. O velho Iphiclus daria conselhos. Tiphys observaria á noite as constellações. O joven Acaste, fugido de casa, limparia o navio. E Orpheu, o Iniciado, cantaria as melopéas que deviam rhythmar, ao som da sua lyra, a cadencia dos remos de amieiro.

Mas Valerius Flaccus esqueceu outros argonautas de que falam varios livros: Pirithús, Theseu, matador da Gorgona; Esculapio, filho de Apollo, curador de males; Atalanta, filha de Schoeneé, cuja coragem egualava á dos homens e de quem fala Deodoro de Sicilia no capitulo XLI do seu livro IV; mesmo os cocheiros dos Dioscuros, a que se refere Ammiano Marcellino, no capitulo VII do livro XXII, Amphitus e Cercius, que fundaram uma cidade na Colchida.

A aventura dos cincoenta e quatro argonautas embarcados com Jasão é uma das mais assombrosas do mundo. Segundo os mythographos, elles foram atirados por uma tempestade além de Samothracia na costa da Mysia, onde acharam Hesione exposta, núa, á ferocidade de um monstro marinho. Alcides libertou-a. Tornaram a partir e outra tormenta os assaltou. Orpheu invocou os deuses de Samothracia e o mar se apiacou como por encanto.

Desembarcaram adeante, na Tracia, onde reinava Phineu, e libertaram os filhos deste, torturados por sua madrasta. De aventura em aventura, chegaram á Colchida, aonde os levava a cobiça, e lá o amor de Medéa esperava Jasão. Esse amor é o leit motif de um dos mais antigos romances do universo: — o episodio de Jasão e Medéa, no poema das "Argonauticas", de Apollonius de Rhodes, natural de Alexandria, discipulo de Callimaco, intendente da famosa bibliotheca de sua patria, que morreu com noventa annos de edade, coberto de gloria e cercado de respeito. Esse episodio foi tirado do poema, traduzido em francez por A. Pons, illustrado por Meaulle e publicado numa admiravel pequena edição de luxo por A. Quantin, em Paris, no anno de 1882.

Medéa era uma magica poderosa e revelou aos argonautas os perigos que os esperavam. Auxiliado pela arte terrivel da filha do rei da Colchida, Jasão conseguiu vencer dois medonhos touros de cascos e couros de bronze, que atrelou a uma charrua para lavrar uma terra consagrada a Marte. Matou um dragão e semeou os seus dentes nesse terreno, preparado de maneira mysteriosa. Nasceram homens armados, que o atacaram. Lançou uma pedra ao

meio delles e todos, enfuriados, uns contra os outros, se combateram e se destruiram. Então, foi até ao logar ondo estava occulto o thesouro. Um monstro de olhos abertos o guardava Adormeceu-o com uma beberagem magica e matou-o. Roubou o vello de ouro e fugiu, abandonando Medéa, que o seguiu num navio ligeiro

O rei da Colchida perseguiu os argonautas e elles tomaram por differente rumo, para escapar-lhe. Subiram o Phaso até ao rio Okeanos, que envolve a terra toda, passaram pela região afortunada dos Macrobios, que vivem com saude doze mil seculos; andaram perdidos nas trevas do mar do Gelo; entraram no Mediterraneo pelas columnas de Hercules segundo uns, pelo Nilo, segundo outros, tendo realizado um periplo que faria inveja ao carthaginez Hannon e que espantaria Vasco da Gama. A lyra de Orpheu livrou-os de ouvirem os cantos attrahentes das sereias e as nereidas guiaram a nau entre Scylla e Charybdes. Visitaram o jardim das Hesperides, despojado por Hercules dos seus pomos de ouro, e chegaram á Grecia, onde o desespero de Medéa abandonada enchia de assombro os corações.

Furiosa pela ingratidão do aventureiro, que della se servira como instrumento de sua ambição, a magica matou os seus proprios filhos, vestiu a sua rival numa tunica envenenada e desappareceu carregada em carro por dragões de azas.

Essa estupenda historia de aventuras encheu os seculos com a sua celebridade. Jámais os conquistadores do Mexico ou do Perú, da India ou do Ormus, os descobridores dos mundos novos e dos mares desconhecidos, os bandeirantes dos sertões auriferos e os exploradores das regiões ignotas, praticaram alguma cousa que a egualasse. Foi a maior odysséa da humanidade e é por isso que a sua lenda, velha de tantos seculos, vive sempre moça no coração dos homens, cada um dos quaes é um argonauta, cheio de ambição e sequioso de amor, que só não se apoderá do velloçino aureo e só não conquista as Medéas quando de todo não póde fazel-o.

**João do NORTE**

"Fon-Fon" 15 out. 1924

***José de Alencar*** — E' o titulo do ultimo livro de prosa de Arthur Motta, o conhecido critico paulista. Bem escripto e bem delineado, estuda proficientemente a personalidade notavel do grande escriptor cearense, o maior de sua terra e um dos maiores do Brasil.

N'este bello volume de Arthur Motta podemos acompanhar a vida e a obra do autor immortal de *Iracema*, do principio ao fim, delineadas com segurança de traços e nitidez absoluta de contornos.

Dá o autor os principaes dados biographicos do eminente brasileiro; mostra a formação do seu espirito e do seu caracter; delineia o escriptor embryonario e suas tendencias; aponta as suas primeiras manifestações; faz a classificação da sua obra; aprecia-o de varios pontos de vista, como romancista, comediographo, dramaturgo, critico, poeta, jornalista, politico, tribuno, jurisconsulto, estylista, emfim em todas as manifestações do seu talento omnimodo; commenta sua forte influencia na litteratura nacional, seu indianismo e seu nacionalismo; estuda as criticas que lhe fizeram e alinha as fontes para o estudo da sua individualidade, bem como a sua bibliographia.

Um trabalho forte, sadio, interessante, documentado, dosado de imparcialidade, que vem mostrar que, emquanto no Ceará, todos os espiritos se preoccupam com a politicagem, fóra do Ceará ha quem d'essa maneira estude viva a obra do Principe da Intellectualidade cearense, que até hoje não poude ter na sua terra a gloria mais que merecida d'uma estatua.

***Berreguedengues*** — Toda mulher deve fazer-se difficil para ser bem amada.

— Porque?

— Porque só têm valor no mundo as coisas difficeis. A facilidade não attrahe.

— Até certo ponto te dou razão.

— Até certo ponto como?

— Explico-me. A mulher deve tornar-se esquiva para exteriorizar-se, mas não tão esquiva que se torne intangivel. Porque assim o amôr que ella julgará esporear e augmentar, contrahe-se e fenece, por falta de alimento como n'uma candeia a que faltando azeite, se apaga.

— Tens algum caso concreto que illustre a tua affirmativa?

— Tenho.

— Quem é?

— Approxima de mim o teu ouvido...

— Ah!... E foi d'esta sorte que acabou?

— Infelizmente foi.

"Fon-Fon" 30215 Out.º 1929

## Creanças assadas!

Os jornaes pregam á gente cada susto! Seus titulos e subtitulos são maldosamente feitos para desequilibrar o nosso systema nervoso.

Imaginem que outro dia vejo numa pagina central dum dos nossos mais lidos matutinos em lettras enormes esta medonha epigraphe «Creanças Assadas».

Meu Deus! que seria? Ao meu espirito acudiram idéas horrorosas: de crimes hediondos praticados por sinistros malfeitores contra infelizes creancinhas sem defeza, de desastres formidaveis em caminhos de ferro de cujos destroços se retirariam meninos carbonisados, de incendios temerosos em que perecessem os filhos das familias attingidas pelo flagello!

Leio, tremulo, o que estava escripto abaixo do titulo apavorador: era um simples reclame dum preparado efficaz, segundo affirmava o seu fabricante, para as assaduras communs nas creanças!...

Ora, pipocas!...

## Berreguedengues

— Não tenhas nunca, em intensidade, maus pensamentos.

— Por que?

— Porque o pensamento é uma extraordinaria força creadora. Elle gera até entes invisiveis e dos pensamentos máus nascem as larvas de que falam os occultistas.

— E existem larvas?

— Se existem! O mundo está dellas cheio como cheio está o ar de gnomos e o fogo de salamandras.

— Nunca vi nada disso.

— Porque não tens a visão educada sufficientemente. Educa a e verás. Todas as velhas crenças humanas são verdadeiras!

— Adeus meu caro amigo, vou dormir tranquillo. Durante toda a minha vida nunca puz o dedo no maravilhoso...

— Adeus, incredulo infeliz!

— Adeus, *Monsieur d'Astarac*, se fôres á *Rotisserie da Reine Pedauque*, dá lembranças minhas a *Jacques Tournebroche*..

## Berreguedengues

— Psio! Psio! Psio!

— E' commigo?

— E' commigo?

— Commigo?

— Não. Não é nenhuma daquellas tres pessoas, que se voltam de repente e perguntam se é com ellas, que aquelle typo de taboleiro á cabeça chama com os seus fortes psios! que enchem a rua toda.

— Creio que tambem não é nenhum de nós.

— Tambem não. E' por certo aquelle rapido que corre na sua bicycleta e vae dobrar a esquina, lá adeante.

— Que pessimo costume esse de chamar as pessoas no Rio, pelas ruas afóra, incommodando os transeuntes cariocas.

— E' uma das demonstrações da nossa *optima* educação urbana.

— *Isto* não passe duma aldeia.

— Duma grande aldeia, meu caro!

## Conversas ao pé do fogo

Cornelio Pires é um regionalista *enragé*. Não se cansa de percorrer o interior paulista, de observar seus usos e tradições, de nos contar com espirito o que vio e observou. Neste seu ultimo volume, elle estuda com *verve* e verdade os caipiras *brancos*, *caboclos*, *pretos* e *mulatos*, as fazendas velhas, os «moradores», a vida da roça e os poetas matutos. Dá-nos nelle varias e curiosas paginas de folk-lore, nas quaes encontramos versos que se prendem ao vasto cyclo de canções e historias com que os brancos e mesmo os pretos têm ridiculizado os pobres descendentes dos indios. Entre elles, estas duas engraçadas quadras:

Cabôco num vai pô céu
nem que reze quanto fô...
Pois cabôco é traiçuêro
traição Nosso Sinhô.

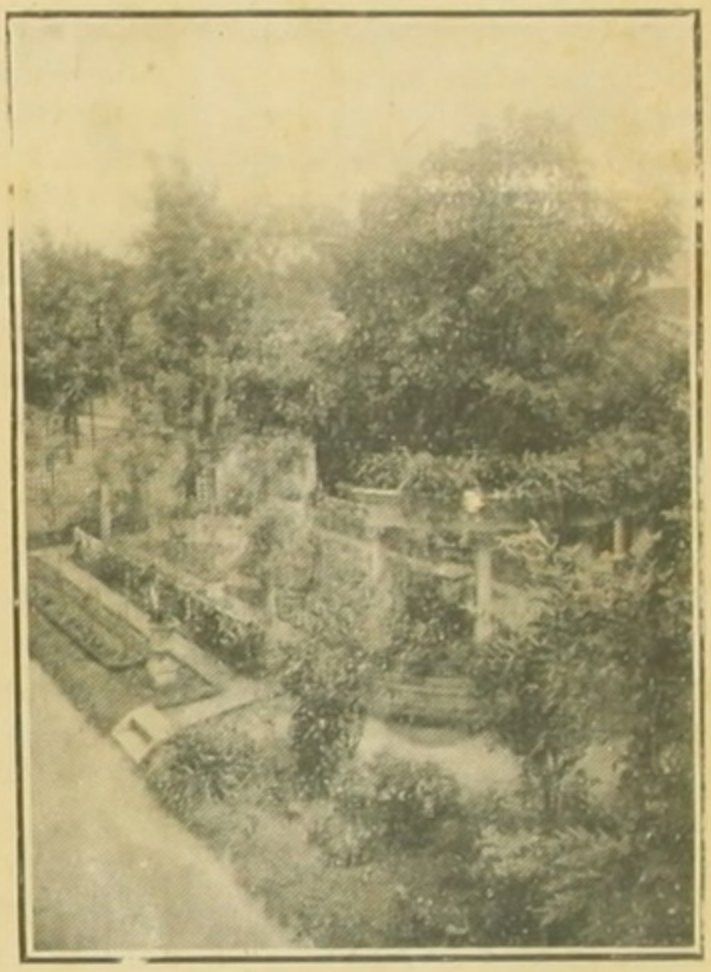
Quando Juda vendeu Christo,
no batê num deu ajuda...
Cabôco prende e maltrata;
Cabôco é pió que Juda.

No fim das «Conversas ao pé do fogo», Cornelio Pires nos offerece um substancioso e interessantissimo glossario de termos caipiras. E, assim, a sua obra é mais uma bella contribuição para os estudos do immenso sertão do Brasil.

## AVE, ITALIA AUGUSTA

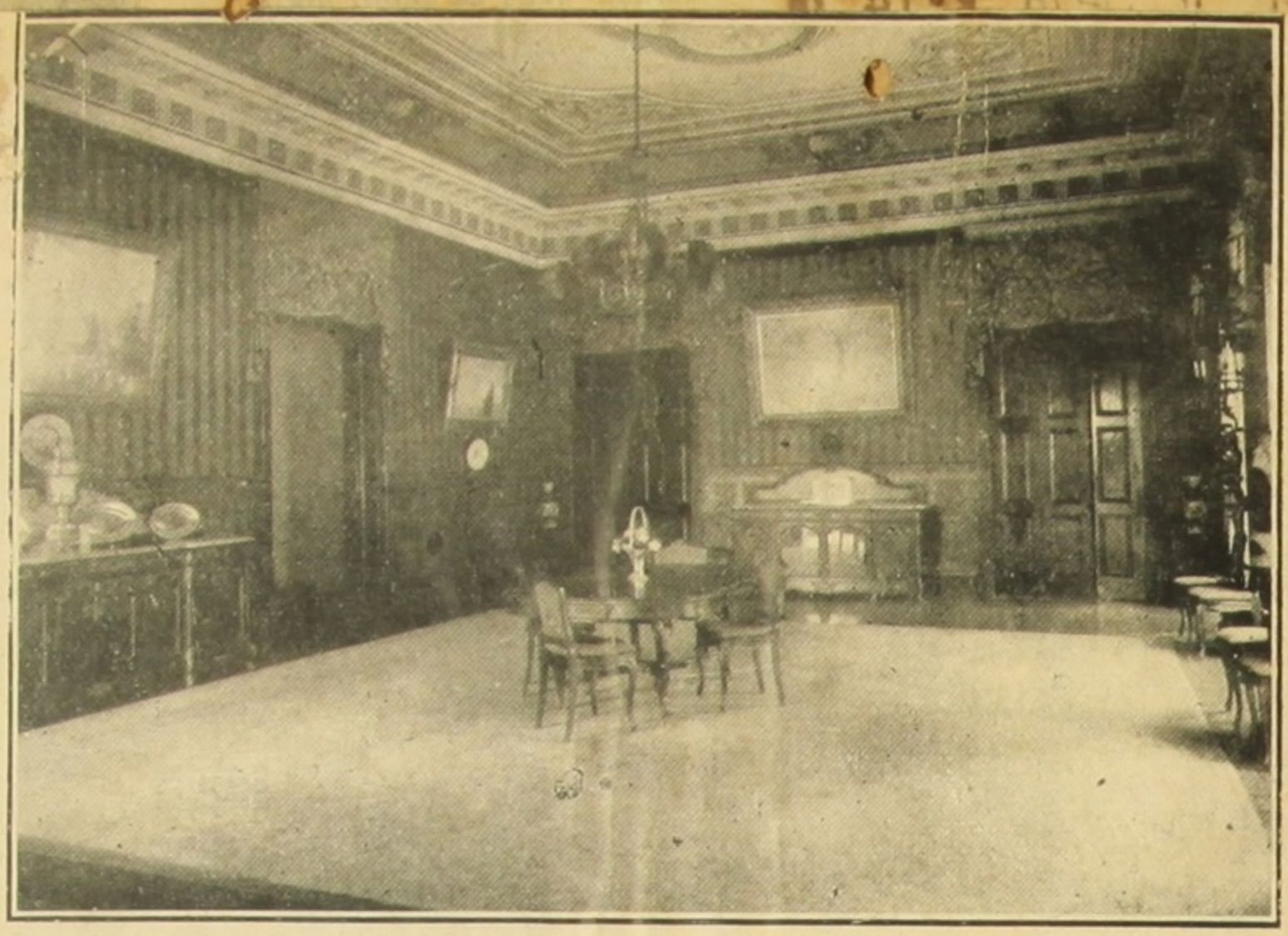
Desde que a Italia conseguio resolver, heroicamente, o magno problema da sua emancipação total e da sua unificação nacional, com o lemma patriotico de *va fuori straniero*, guiada por Garibaldi, Mazzini, Cavour e Victor Emmanuel, entrou para o concerto das nações envolta num halo luminoso de sympathia irradiante.

Todos os corações do mundo se abriram para recebêl-a, sollicitos, já porque ella representava uma tradição de altivez, de intelligencia, de belleza e de arte atravéz os seculos, já porque toda a humanidade se ajoelhava respeitosa deante dos nomes dos seus grandes vultos, dos maiores da Historia, já porque os seus soffrimentos no passado a tornavam digna do apoio moral de todas as gentes.



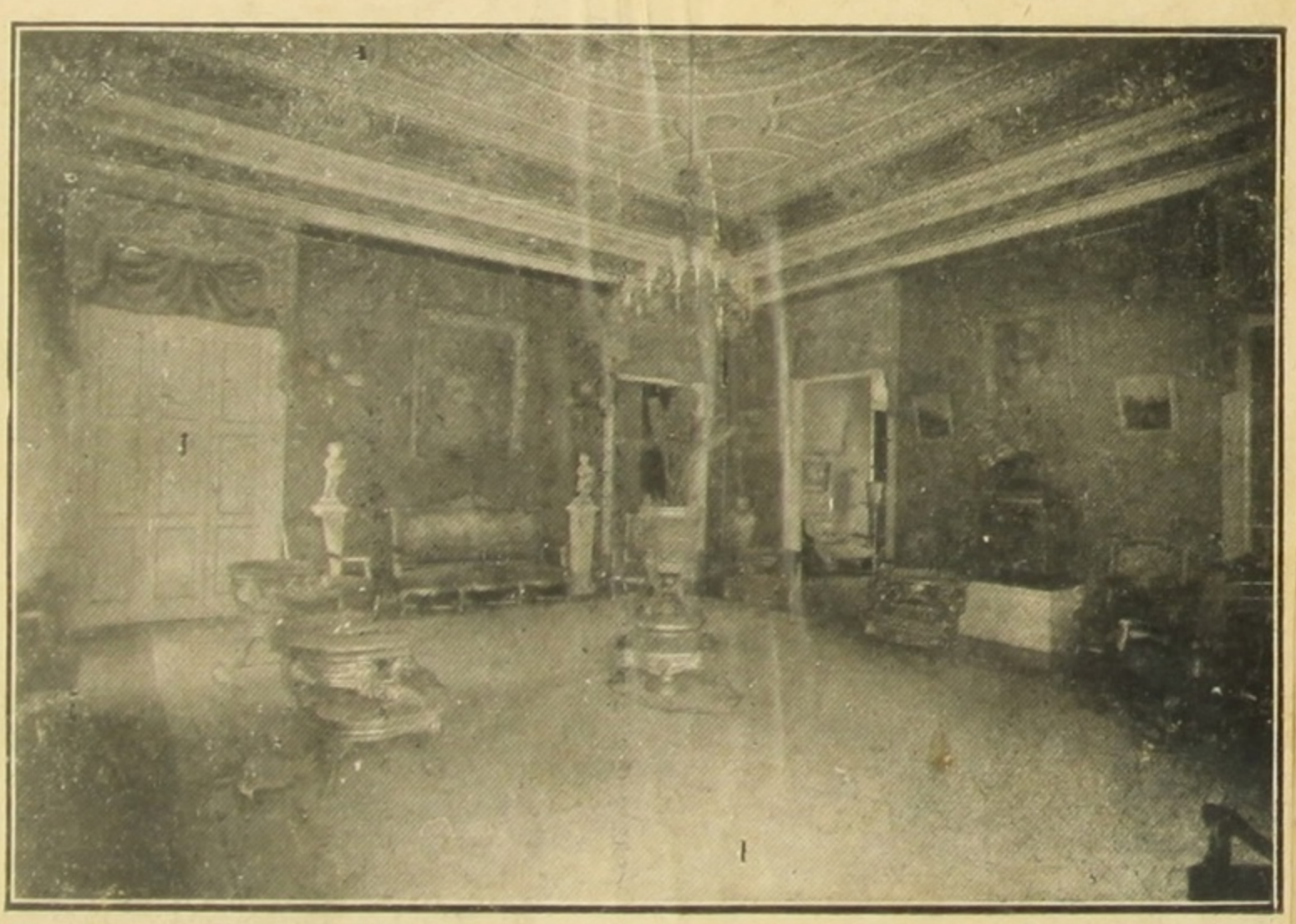
Jardim da Embaixada Italiana, frente para a rua das Laranjeiras.

Ella fôra a Roma victoriosa, cujas aguias haviam voado sobre todas as terras antigas; a Roma eterna das legiões, da paz imperial, da resistencia aos barbaros, e do Direito. Ella fôra a cabeça dirigente da organisação formidavel e magnifica da Egreja. Ella fôra a patria brilhante dos mais ardentes e universaes espiritos humanos, de Pico da Mirandola e de Miguel Angelo, de Raphael e de Leonardo da Vinci, de Paulo Veronése e de Dante Alighieri. Ella fôra a terra das democracias tumultuarias de Piza, de Florença, de Milão e de Ravenna, enchen-



A bella sala de jantar do palacete da Embaixada da Italia á rua das Laranjeiras.

do a media idade com o fragor das suas lutas intestinas e o esplendor assombroso das suas intelligencias, pondo, ao lado de Ezzelino—Machiavel, e, a par de Savonarola, Bartolomeu Colleoni. Ella erguêra sobre o mar o throno de ouro de Veneza. Ella rutilára com o fogo sagrado do Renascimento e produzira antes delle o mysticismo primitivo de Fra Angelico. Ella creára um



Grande Salão de honra da Embaixada Italiana.

## Derreguedengues

— Vês alli á esquina aquelle pobre cão doente, que já se não póde mais erguer?

— Vejo-o, sim.

— Outróra, não ha muito tempo, poderias vêr desses pobres animaes alguns velhos, enfermos, imprestaveis, tirados ao desprezo das ruas em qualquer parte do Rio de Janeiro, menos neste nobre, elegante e delicioso bairro de Santa Thereza.

— Por que?

— Porque aqui vivia Joaquim Murtinho, cujo coração de ouro se apiedou da sorte do Amigo dos Homens, e elle logo o mandaria apanhar e dar-lhe guarida no seu admiravel recolhimento de cães abandonados.

— E?...

— E Joaquim Murtinho morreu. Agora não ha talvez mais ninguem que se inquiete com o soffrimento dos animaes em cujos olhos se lê a mais profunda bondade que uma alma póde conter neste valle de lagrimas.

— Mas o Lopes Trovão tambem é amigo fiel dos cachorros.

— Sim, porém móra em outro bairro, nunca sáe de casa, actualmente, e não anda por Santa Thereza.

...no com a doçura de São ...de Assis. Ella atravessára as ...ıvadida, saqueada, dolorida, ...mai... ainda no seu desespero, ...a ...ratilidade artistica e pela ...ia do seu temperamento, do que ...tempos faustosos dos Cesares, Ella transformára num museu immenso ...riquissimo, inveja de todas as popu...ções do Planeta. E o azul do seu céu ...a belleza das suas paysagens sedu...iram todas as suas mentalidades.

Nu... povo nenhum á face do globo de...monstrára vitalidade tão imperecivel. ...astava-lhe um momento de repouso, a... que a arte entre elle florisse e logo ...ructificasse esplendorosamente. O do...ínio pacificador dos Medicis, a intel...gencia tolerante dos Clementes VII, ...s Paulos III, dos Julios II, dos Leões X... ...oriam-na com o manto aureo das ...s dos Benvenutos, dos Salvador ...intoretos e dos Ticianos. ...ue sorrio Monna Lisa, a ...e rio Boccacio; que cho... ...que nos muros dos ce... ...saram os mortos de Orca... ...a Italia que rimou Petrar... ...e Verochio esculpio cavallos e ...tieri»; que se elevaram senho... ..., ...omos e torres inclinadas, e que ... paredes se estenderam as scenas admiraveis do Incendio do Borgo ou do Julgamento Final.

Unida, resurrecta para a vida internacional, na plenitude do vigor duma nação mo..., a velha e augusta Italia continuou milagrosamente a sua tradição de arte, de ardor, de enthusias...mo, de idéas nobres e de expansionismo mental e material. Livre do jugo estrangeiro e de dissenções internas, nenhuma nação no mundo moderno trabalhou mais do que ella. Triumphou no commercio, na industria, na navegação; recuperou parte do seu antigo proconsulado d'Africa; influio poderosamente nos destinos politicos do Mediterraneo, e, quando novos barbaros se arremeçaram contra a civilisação occidental, valentemente lhes offereceu o peito dos seus soldados — como outróra lhes impedira durante seculos o caminho com o aço das suas legiões

Ave, Italia, tres vezes grande como os Cesares de antanho: Imperatriz, Pacificadora e Augusta! Saudando-te hoje, nós não podemos esquecer a figura nobre e illustre daquelle que entre nós representa a tua bandeira tricolor, em que o verde da esperança ...ima o branco da paz e a faixa vermelha do sangue que derramaste em ...rol do teu futuro, ao lado de Carlos Alberto, em Novara; ao lado dos francezes, em Solferino; ao lado de Garibaldi, em Mentana. E a nossa saudação se dirige ao jornalista e diplomata, ao administrador e ao gentilhomem — o commendador Mercatelli, que pela segunda vez representa a sua grande patria no seio irmão do povo brasileiro, que ao braço italiano deve bôa parte do seu progresso.

JOÃO DO NORTE

# EMBAIXADOR DO HEROISMO

O general Mangin, que se acha actualmente no nosso paiz, depois de ter percorrido algumas nações da America do Sul, é, para os povos que formaram sob a bandeira da Civilisação contra o sangrento delirio da Allemanha, o mais legitimo Embaixador do Heroismo francez. E a sua figura gloriosa evoca na alma brasileira as paginas formidaveis que o Exercito francez mais uma vez escreveu na Historia com o seu sangue ardente e generoso.

Antes que rompesse a Grande Guerro, o general Mangin era um silencioso e modesto constructor do grande imperio colonial francez. Passava a sua vida no clima mortifero da Africa, mantendo e espalhando a influencia franceza, desenvolvendo suas faculdades de administrador e mostrando se digno de commandar.

Creando um espirito novo na expansão colonial franceza, o general Mangin preparou para a mãe patria os esplendidos soldados negros que tantos serviços lhe prestaram nos dias de maior luta. Elle, como Liautey, como Gouraud, como Doods outróra, sob o ardente sol africano disciplinou as tropas negras. Fez penetrar nas populações selvaticas e longinquas o amor da França Immortal.

A' frente desses maravilhosos soldados que creára, elle partio para as linhas da frente, a repellir a horrorosa avalanche allemã. Tinha elevado os soldados da Africa á altura dum exercito moderno. Provou o nos combates. E o mundo inteiro o vio com assombro á testa dos seus heróes sustentar o impeto das hordas boches, ajudando a manter esse baluarte de França, que foi a cidade gloriosa de Verdun. Mais tarde foi quem Foch escolheu para desencadear sobre o inimigo a offensiva que terminou a guerra.

Por fim, recebeu o commando das forças que occuparam as cabeças de ponte do Rheno, quando a Allemanha foi vencida. E passou a 14 de Julho de 1919 sob o arco de Triumpho, deante dos seus batalhões impavidos, como os antigos heróes da epopéa napoleonica.

A França, querendo enviar aos paizes latino-americanos do Pacifico e do Atlantico, que formaram ao seu lado defendendo a Causa Commum, um Mensageiro Illustre, fez muito bem em não escolher um politico ou um diplomata, porque melhor do que qualquer outro a representa esse grande Embaixador da Gloria Franceza, esse grande Embaixador do Heroismo Francez.

Todos nós que amamos a França Immortal como nossa mãe pelo espirito e pelo coração, que acompanhamos com os olhos da alma a sua vida luminosa, saudamos em Mangin o Enviado dos Heróes da Grande Guerra, aos quaes o mundo inteiro deve a sua salvação das garras do militarismo prussiano.